

ALMA E SANGUE

A RAINHA DOS VAMPIROS



nazareth
fonseca





NAZARETH FONSECA



A Rainha dos Vampiros

ALMA & SANGUE



Topper Editions

Nazareth Fonseca

Copyright © 2020 Nazareth Fonseca

Livro: Alma e Sangue, A Rainha dos Vampiros

Registro: Fundação Biblioteca Nacional

Fonseca, Nazareth. – 3^aed – Publicação Independente 2020

Literatura Brasileira Fantasia

A Autora desta obra detém todos os direitos autorais registrados perante a lei. Em caso de cópia, plágio e/ou reprodução completa e/ou parcial indevida sem a autorização, os direitos do mesmo serão reavidos perante a justiça.

“Lei nº. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998”

Todos os direitos reservados a autora. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos autorais e morais do autor foram contemplados.

Para minha família e meus leitores

Agradeço a todos que me ajudaram na minha jornada rumo a edição desse livro. Mais especialmente aos Meninos e a Velvet por ter me guiado em todos os meus caminhos.

Sumário

[Capítulo 1 - Um Brinde aos Velhos Amigos](#)

[Capítulo 2 - Cem anos de Solidão](#)

[Capítulo 3 - Mentindo Para Si Mesmo](#)

[Capítulo 4 - O Recomeço](#)

[Capítulo 5 - A Recompensa](#)

[Capítulo 6 - As Suspeitas](#)

[Capítulo 7 - As Anciãs](#)

[Capítulo 8 - Kara Versus Afrodite](#)

[Capítulo 9 - Diga-me com quem andas...](#)

[Capítulo 11 - O Adivinho](#)

[Capítulo 13 - Alma e Sangue](#)

[Capítulo 14 - A Prometida](#)

[Capítulo 15 - Eternamente](#)

[Capítulo 16 - O Senhor dos Céus do Norte](#)

[Capítulo 17 - Até o Fim](#)

[Capítulo 19 - O Passado Bem Vivo](#)

[Capítulo 20 - Lobo em Pele de Cordeiro](#)

[Capítulo 22 - O Fim das Ilusões: uma Rainha para dois](#)

[Reis](#)

[Capítulo 23 – A Última Chance](#)

[Capítulo 24 - Morte para a Verdade](#)

[Capítulo 25 – Um por Todos e Todos por Um](#)

[Capítulo 26 – Ao Mestre com Carinho](#)

[Capítulo 27 – De olhos Bem Abertos](#)

[Capítulo 28 – Às Vezes, Eles Voltam](#)

[Capítulo 29 – Rosas Brancas Tintas de Sangue – O Fim](#)

[Capítulo 30 – O Sacrifício de Sangue](#)

[Capítulo 31 – Do Lado de Fora](#)

[Capítulo 32 – Tudo a Seu Tempo](#)

[Capítulo 33 – O Exorcismo](#)

[Capítulo 35 – A Traidora](#)

[Capítulo 36 – A Lâmina de Anúbis](#)

[Capítulo 37 – O Fim](#)

[Capítulo 38 – O Despertar da Vampira](#)

[Capítulo 39 – A Rainha dos Vampiros](#)

[Capítulo 40 – De volta ao Começo](#)

[A Autora](#)

[Livros da Autora](#)

[Redes Sociais](#)

Capítulo 1 - Um Brinde aos Velhos Amigos

A vampira andou pelo quarto luxuoso do hotel e foi para a janela. Estava bastante ansiosa; além disso, tinha pouco tempo, talvez uma hora no máximo. Vitor estava atrasado, e isso a irritou. Pelo que sabia, a última vez que se viram foi quando resolveu deixar São Luís, rumo à Espanha. Desde então, ele vivia na Rússia com sua mestra, Frigia. Quando se falaram por telefone, Vitor comentou que a Exterminadora viera junto para ver o rei. Eles viajavam bastante, graças à posição de Frigia dentro do mundo vampírico. Como Exterminadora, ela ia de um canto a outro do mundo, seguindo as ordens do Livro e do rei.

O encontro foi marcado no Hotel Ritz, Kara queria privacidade, e a suíte Prestige Imperial daria isso a ambos. O quarto era luxuoso, mas digno dos nobres hábitos da vampira. Ela se vestiu com esmero, calças negras de corte reto, cós alto, blusa de seda em tom cinza, e manteve os cabelos soltos sobre os ombros. Era a imagem de uma mulher sofisticada e elegante. O colar de pérolas era longo e combinava com os brincos de brilhantes; o anel em sua mão alva e delicada lembrava a lua rodeada por um círculo de ouro branco. A sandália alta de tirinhas finas dava ao conjunto sofisticação e sensualidade. As unhas estavam pintadas em tom bordô e o perfume era mais doce que o de costume. Nada ali lembrava Kara, realmente só o reflexo no espelho.

Duas batidas na porta anunciaram a chegada de Vitor. A vampira a abriu e percebeu o olhar surpreso do vampiro sobre sua nova aparência. Ela lhe deu passagem e fechou a porta atrás de si. Abraçaram-se, e Vitor se viu envolvido pela fragrância exótica de seu perfume. Não era o de rosas que ela geralmente usava, havia toques de almíscar e, talvez, cravo. Mas ela estava lindíssima em seu novo visual. Por fim, beijou-o suavemente nos lábios e ele retribuiu, seguindo-a pelo quarto. Sentia grande alegria em revê-la, era como se revivessem os velhos tempos. Por um momento, lembrou-se de São Luís e de dias muito distantes, perdidos no passado de ambos. Recusou o sangue que ela lhe ofereceu e observou o quarto com interesse.

—Então? Como vai a campeã do rei? — brincou Vitor, piscando para Kara.

—Muito bem. Para ser sincera, melhor do que esperava estar na imortalidade — disse a vampira docemente, mas com uma pontada de convencimento bem real na voz suave.

—Fiquei muito feliz ao saber que havia se tornado a campeã do rei. Na verdade, me enchi de orgulho. Tão jovem e tão poderosa...

–Não foi nada fácil, mas tive um ótimo professor, Martan, e por Jan faria tudo novamente – revelou, sorrindo para o amigo.

– Acreditei que me receberia em seu apartamento, sempre fala tanto dele nas cartas. O que houve? Jan ainda sente ciúme de nossa amizade?

Vitor não acreditou ser possível que Jan Kmam ainda tivesse ciúme dele, não depois de tudo que viveram durante a Arena. O favorito do rei sabia que aquilo que ele mais desejava era vê-los juntos e felizes. Com o passar do tempo, o amor que sentia por Kara se tornou carinho e proteção, ele só lhe desejava o melhor. De qualquer modo, seu coração agora pertencia a Frigia, a quem amava e respeitava profundamente. Eles se descobriam mais próximos a cada noite e Frigia parecia até mesmo mais susceptível aos encantos de Vitor.

–Não, não. Jan mudou muito, acho que não o reconheceria. Após a quebra do Pacto e seu retorno ao mundo dos vivos, ele percebeu que somos livres na imortalidade – afirmou Kara, segura de sua liberdade e dos poderes junto ao amante.

Kara mostrava-se madura e dona de seus atos, o que era maravilhoso de ser visto. Aquilo que a campeã do rei desejou se realizava: Jan compreendeu que ela o amava e sempre estaria ao seu lado. Mas havia uma pontada suave de frieza, algo bastante novo em se tratando de Kara. Ela havia passado por muitas mudanças, eventos difíceis para um vampiro tão jovem. O mundo vampírico exaltou seus atos de coragem, mas condenou duramente seu romance com o rei por quase dois anos. No fundo, no universo em que viviam, eles temiam seu poder sobre Ariel. Entretanto, a vampira aprendeu a ignorar os comentários para sobreviver e recuperar o amor de seu mestre. Hoje, contava com o respeito de muitos, mas também havia feito inimigos. Ela amadureceu e estava óbvio que havia marcas, algumas boas, outras bastante estranhas e novas. Subitamente, Vitor se perguntou se não estaria errado em seu julgamento e vendo coisas. Além disso, Kara era mais velha que ele dentro da imortalidade.

–Muitas coisas mudaram entre nós. Sei que ele busca mortais para se satisfazer e até mesmo uma vampira, cujo nome desconheço. Dar liberdade significa obter liberdade. Hoje, posso ter o vampiro que desejar – disse Kara, e novamente em sua voz havia aquele estranho toque de soberba.

Era evidente que Vitor estava diante de uma nova “Kara”, e isso o atemorizou, causando-lhe um estranhamento que ele escondeu detrás de sua frieza de vampiro. Frigia o havia ensinado a ocultar seus sentimentos muito bem. Não queria que ela percebesse suas dúvidas. Eram amigos, bons amigos. Hoje, compreendia que a amara profundamente, mas esse amor se tornara algo de muito

especial, amizade eterna. Às vezes, punha-se a lembrar as aventuras que viveram em São Luís, quando ainda eram simples mortais, e sorria um tanto melancólico. Ela era parte de sua história como mortal e imortal de um mundo que os dois abandonaram há muito tempo.

Sorriu, tomou sua mão entre as dele e beijou-a reverente, olhando-a com um carinho único. Kara semicerrou os olhos e achou que era o momento ideal para começar a falar. Vitor poderia entender. Sim, talvez fosse possível contar com seu amor, sua fidelidade, com a força do sangue que os unia.

—Venho passando por algumas mudanças, não sei se pode perceber. Agora percebo muitas coisas que no passado ignorei. Tudo mudou à minha volta, mas meu desejo continua o mesmo.

Kara olhou sua própria mão e moveu os dedos como se estivesse tomando conhecimento de algo muito precioso.

—Quero dividir com você um pouco dessa mudança, quero tê-lo ao meu lado quando tudo mudar. Breve, tudo estará diferente, nós somos poderosos de um modo que não pode imaginar, então quero que prove desses poderes comigo.

—O que seria, Kara? — Vitor se mostrou interessado e dedicado.

—O rei, os Poderes, tudo isso está à nossa volta como uma sentença. — Kara afirmou segura e, ao mesmo tempo, quase sufocada por uma ideia que ainda hesitava em revelar.

—Compreendo como se sente, ser campeã do rei, amante de seu favorito não é tarefa fácil. Às vezes sinto o mesmo — revelou pensativo. — Frigia é uma Exterminadora, ela serve ao Livro, tudo se torna bastante aquém do meu conhecimento e sinto-me isolado.

—Não deve se sentir inferiorizado. Frigia não é sua verdadeira mestra. Você é criação de Afrodite, foi o sangue dela que o imortalizou. Daqui a cem anos, será inscrito no Livro e poderá ter tantos poderes quanto Jan Kmam, ou até mesmo suceder o rei.

—Você está certa, sou filho do sangue de Afrodite. Parte dela ainda vive em mim. Mas não é algo de que me orgulhe. Mas fiz a minha escolha naquele quarto de pensão — lembrou Vitor.

—Quando Otávio me deu a amostra, sequer imaginou que dava a Afrodite tudo de que ela precisava: liberdade. Ele foi muito tolo achando que ela morreria. Afrodite jamais morreu — revelou mais do que deveria, e Vitor notou.

—Sim, ele foi um dos instrumentos que a trouxeram à vida. Para os Poderes, sempre serei um suspeito. Eles estão certos, Afrodite consumia minha mente,

sussurrando, clamando por vingança e sangue. Foi difícil afastá-la, ela tentava aniquilar meus pensamentos, dominar e matar o rei. Vi o ataque, estava fora de meu corpo como um fantasma enquanto ela habitava dentro de minha carne. Ela queria meu corpo, viver novamente através de mim.

—Como a venceu? — perguntou Kara, curiosa.

—Quando ela sorveu o sangue de Ariel, jamais imaginou que se aniquilaria. Que ele possuía mais sangue de Radamés que dela mesma. Quando percebeu que morreria se permanecesse em meu corpo, abandonou-o. Não a venci, ela apenas me deixou para morrer e enfrentar seu erro. Frigia me trouxe à vida, me libertou da sentença do sangue do rei.

—É um vampiro bastante poderoso. Tem o sangue da única vampira que bebeu da Seiva e sobreviveu, que controlou o Livro — Kara enumerava as façanhas de Afrodite de modo pensativo. — Como se não bastasse, ainda possui sangue de uma Exterminadora. Frigia o ama, deu parte de seu poder e do próprio Livro para que sobrevivesse. O rei se permitiu muito, não acha? — o comentário o fez perceber uma verdade oculta.

—Acho que ele se sentiu devedor por ter contribuído com sua volta ao mundo dos vivos — disse Vitor, intrigado com o rumo da conversa.

Jamais conversaram sobre tais questões. Eles tinham conhecimento delas, mas as mantinham para si. Vitor havia deixado o passado para trás, se livrado das culpas. Sequer fora acusado perante o Livro. Afinal, ele não atacara o rei, e sim Afrodite.

—Nem todos estão satisfeitos. E me pergunto se foi certo trazer Ariel de volta à vida. Talvez fosse o destino de Jan Kmam ser o rei.

—Jan teria sido um rei tão justo quanto Ariel, mas jamais se sentiria satisfeito em ter de mantê-la distante de si. Teria suportado isso, minha amiga?

—Não faço ideia.

—Eu tenho certeza de que não suportaria, Kara. O que tem engasgado na garganta? Fale, saberei ouvi-la.

—Quero que fique ao meu lado.

—Sempre estarei ao seu lado, mas do que está falando? Nunca estivemos em tamanha paz. Durante esse último ano, Frigia matou somente quatro revoltosos. É uma taxa baixa, segundo ela.

—Preciso de sua lealdade e da certeza de que poderei contar com sua espada a meu favor.

—Sabe que pode contar com minha amizade, Kara. — Vitor segurou sua mão, passando-lhe confiança. — Vejo-a cheia de dúvidas, mas, acredite, os Poderes estão onde devem estar, nós dois vimos e sentimos sua força na pele durante a Arena dentro do salão dos Poderes. Por vezes, eu ainda sonho com eles, sua força em nosso mundo.

—Quero que seja meu aliado, Vitor. Somos iguais. — Kara se inclinou e o beijou nos lábios.

A primeira reação foi de surpresa, depois de prazer. Mas havia algo mais, e isso atordoou Vitor. Havia laços de sangue! Estavam ali, fortes e antigos, correndo por suas veias. O contato da vampira foi para provar que eles estavam mais próximos do que ele poderia supor. Podia sentir que ela pretendia dominá-lo pela voz do sangue de sua descendência. Não podia ser verdade! Olhou dentro de seus olhos e viu um brilho desconhecido. Soltou sua mão e, quando tentou se levantar, ela tocou seu rosto como que buscando compreensão, mas Vitor estava chocado demais para aceitar. Ela, no entanto, estava muito decidida e o beijou novamente, tentando trazê-lo para si, enquanto tocava-lhe os ombros e o peito. Os gestos, o contato, tudo tomou ares de conquista. Por um instante, aquele momento tornou-se bem insólito. Quando ela o libertou, havia vestígios em seus lábios. Ela o ferira, provando de seu sangue.

—Desculpe-me, Kara, mas isso está muito errado. Sinto muito, preciso ir...

—O que teme? Meu poder, meu sangue em suas veias?

—Afasto-se, por favor, não quero machucá-la. Eu apenas preciso sair daqui...

—repetiu atônito demais para se conter.

Vitor afastou Kara de si com carinho, ainda estava sentado no sofá, tendo a vampira bem perto de si, com os olhos nos seus. Havia o sabor de sangue no paladar de Vitor e uma certeza: ele precisava partir imediatamente, enquanto podia evitar o pior.

—Eu compreendo, velho amigo. Você realmente precisa partir.

Kara tocou o ombro de Vitor e, por um momento, baixou a cabeça como se lamentasse. No entanto, quando a ergueu novamente, os caninos estavam à mostra e sua face era a máscara de um ser vampiresco furioso. A garganta de Vitor foi o alvo. O ataque inesperado pegou o vampiro de surpresa. Vitor se debateu e lutou contra a força de uma vampira bastante poderosa. Agarrada à sua carne, ela o mordeu firme, e ele rugiu de dor. O sangue esguichou dentro de sua garganta, e Kara o sugou com avidez. Ela matava um vampiro, e não um mortal. O sangue dele era denso e forte o suficiente para alimentá-la com um ou dois goles. Mas a vampira não buscava alimento, pretendia destruí-lo. Vitor rugia e a golpeava com

os punhos fechados, pois viera desarmado. Ela o prendia sobre o sofá e o sugava ferozmente. Não desperdiçava uma gota, ao mesmo tempo que ele estrebuchava debaixo de sua sanha e beleza sanguinária. Ela o levaria à exaustão! Debaixo de seu corpo, o vampiro tentava, enquanto tinha forças, empurrá-la, mas a vampira parecia ter o peso de uma tonelada sobre ele.

—Solte-me... O que está fazendo? — balbuciou Vitor sem forças.

Em sua agonia, ele chamou Frigia, sua única esperança. Podia sentir a lassidão dominando seus membros, já não conseguia falar. Por um instante, acreditou que ela fosse parar, mas isso não aconteceu; Kara apenas o sugava mais lentamente, como se esperasse por algo. Vitor sentia o corpo estalar e doer violentamente, seu coração parecia prestes a explodir. Via tudo de muito longe agora. A única certeza eram as presas da vampira cravadas em sua carne, roubando, a cada gole, sua juventude, sua beleza, sua imortalidade. Só parou quando o coração cessou de bater ou quase. Mas, agora, era muito tarde para ele. Nem mesmo o sangue de Frigia poderia salvá-lo, pois seu corpo havia entrado em colapso. Vitor morria, e de sua garganta saía um gemido agudo de dor.

Sua pele pálida se tornava enegrecida, e a carne passou a secar rapidamente. De um momento para o outro, os contornos de seu crânio se pronunciaram, as roupas pareciam vestir uma marionete feita de pedaços de madeira. A vampira estava de pé diante do sofá e observava, fascinada e vitoriosa, sua morte. Ela ainda trazia nos lábios seu sangue precioso e forte. Aquele ato de violência lhe daria algo de novo — afinal, matara um igual — pois obteria dele parte de Frigia, de sua essência. A essa altura, o corpo de Vitor já era um monte de ossos secos e parecia que ainda não era o fim — logo em seguida, ele virou pó. Dele, só restaram as roupas e os sapatos.

Plena e saciada, Kara sorriu ao ver as cinzas do vampiro flutuarem no ar, até que nada restou. Ela lambeu um filete de sangue da boca rubra e sacudiu suas cinzas da blusa de seda com indiferença.

— Um brinde a você, velho amigo.

Kara pronunciou tais palavras jogando as roupas e os sapatos de Vitor dentro de um saco de lixo. Ainda naquela noite, ela receberia o rei, ali mesmo, no Hotel Ritz.

Capítulo 2 - Cem anos de Solidão

No quarto amplo e bem decorado, havia a mistura de dois odores no ar. O mais forte deles era do perfume de Consuelo. As notas adocicadas jogavam no ar um pedaço de passado, perfumes vindos de séculos atrás, quando havia a necessidade de exercer poder através da fragrância que se exalava. Aquela vampira possuía perfumes raros e tão antigos quanto ela mesma. Alguns frascos remontavam o século XII e eram perfumes fabricados pelos árabes. As fragrâncias chegaram à França trazidas pelos cavaleiros das Cruzadas. Eles trouxeram para casa não somente perfumes caros e exóticos, mas também conhecimento necessário para os destilar.

A vampira os guardava dentro de uma maleta de couro, protegidos do calor e do frio, e até mesmo da luz. Possuía consigo um frasco original de um perfume fabricado pela família romana Frangipani. O aroma forte ainda existia, mas não com a mesma fórmula. O nariz de Consuelo não se enganava: o perfume sofrera alterações. Quando caiu na miséria, bastou vender somente um frasco das mais novas de suas essências, uma com três séculos, para reaver sua fortuna. Claro, ela matou o comprador e recuperou o frasco raríssimo uma noite depois. Não poderia deixar sua coleção incompleta.

A vampira fechou a maleta e a guardou no seu cofre. A maioria dos perfumes tinha três anos de vida, mas Consuelo descobriu com um químico um modo de mantê-los vivos, eternos. Naquela noite, usaria uma fragrância que considerava simples, à base benjoim, vetiver, baunilha e patchuli, algo usado nos tempos de Napoleão Bonaparte.

O relógio marcava sete horas da noite, as janelas de madeira e vidro estavam abertas, mas sobre elas ainda pesava a cortina de damasco acetinado, evitando que a brisa de uma noite perfeita invadissem os aposentos. Ela gostava de manter à sua volta a aura do passado e começava a se perguntar se, nos últimos séculos, não havia se tornando melancólica. Lá fora, só havia o cheiro da poluição e do Rio Sena. Tudo mudara e ela se ressentia disso. Talvez a reclusão na Caixa tenha lhe feito mal, talvez tenha perdido algo que não conseguia recuperar, mesmo sorvendo todo o sangue que desejasse. A única coisa que a consolava era a voz, a mesma que a acalmou dentro da Caixa em seu desespero, quando estava prestes a perder a lucidez. Uma voz suave e doce a protegeu e envolveu, fazendo-a sucumbir ao sono e suportar. Ela ainda buscava descobrir de quem era aquela voz.

No mais, ela sabia como Paris estava naquela noite, com o céu limpo. Do alto da Torre Eiffel, era possível ver as luzes faiscando por toda a “Cidade Luz”.

Seu encanto era imortal como a fome de um vampiro. A cor suave e dourada das luzes parecia fogo líquido ou pequenos pedaços de ouro chamejante. Como o olhar da vampira no aposento refinado e feminino, onde a noite ainda não fora convidada a entrar. Lá, naquele mundo fechado e repleto de passado, o segundo odor era de sangue.

Ele vinha de um cálice de cristal escuro na penteadeira de Consuelo. A vampira havia retornado há pouco mais de uma hora. Saíra para se alimentar, queria acertar o tom da maquiagem, e o melhor modo era alimentando-se antes. Estava diante da penteadeira, dando os últimos retoques. Certamente a maquiagem era a melhor coisa que já inventaram. Ela acompanhara sua evolução e a usava sem medo, claro, mantendo sua sofisticação. Aquela vampira tinha muitos defeitos, mas sabia vestir-se e maquiar-se com elegância e classe. Claro, quase sempre deixava seu lado mais selvagem brotar, então vestia couro e tecidos sintéticos.

Para aquela noite, preferira a carícia do veludo, como o vestido curto e negro que havia escolhido. Ele deixava suas pernas pálidas e bem torneadas à mostra, os pés metidos em uma sandália alta de tirinhas de seda. Gostava da modernidade, mas, por vezes, sentia saudade do farfalhar da seda dos vestidos, as poucas anáguas que vestia. Havia uma beleza melancólica em seus velhos trajes. Fitou as pernas nuas e sorriu, lembrando que foram elas que atraíram sua vítima pouco antes. Ainda podia sentir o toque quente das mãos do mortal sobre elas, o modo atrevido que buscou sua roupa íntima. Sua afobação custara-lhe caro. A vampira agora se arrumava com calma, tinha tempo. Seth estava ocupado fazendo algumas ligações e não a incomodaria. Logo teriam visitas na sala. De vez em quando, perguntava-se por que ele resolvera protegê-la, tomá-la como sua amante. Quando frequentava a corte, ela sempre estava olhando para o lugar errado, para Otávio e Jan Kmam! Naquela época, Seth vivia com uma vampira de cujo nome não lembrava... Mas não importava, agora ela era sua amante. Claro, todos sabiam que ele era perigoso, e quem andasse com ele sofreria as consequências. Seth cometeu crimes e desagradou o rei com seu comportamento nada contido sendo, por fim, punido. A maior pena de reclusão já vista no mundo vampírico, cem anos de sede e solidão. Poucos sabiam o verdadeiro motivo de sua sentença. Consuelo estava curiosa, ele havia lhe prometido revelar os motivos, mas isso já fazia um ano. Todavia, o que importava quando ele a protegia e presenteava? Nada. Enquanto seus olhos escuros passeavam por seu reflexo concordou que já havia tido amantes bem piores. Além do mais, ele fora o único a aparecer do lado de fora do cemitério de *Père Lachaise* quando ela foi libertada. Estava suja, com as roupas de cinco anos atrás e sem rumo. Ele desceu da limusine e a convidou a entrar. Colocou um casaco de peles sobre seus ombros e entregou em suas mãos um cálice de sangue fresco. Como

poderia rejeitar sua companhia? Havia perdido tudo, seus bens foram confiscados com os de Savedra. Perdera sua casa, joias, roupas etc. Só restou o que mantinha nos cofres dos bancos e escondido em tumbas antigas. Mas não era muito, ela costumava gastar abundantemente para manter seu padrão de vida. Ali, olhando seu reflexo bonito e exótico, pensou em Savedra com tristeza. Chegara a gostar dele, era carinhoso, teria sido um bom rei, cruel na medida exata, forte. Ariel já deveria ter pedido sua cabeça há muito tempo – refletiu vingativa, lembrando-se das palavras de Seth dentro do carro.

–Consuelo, nós temos amigos e inimigos em comum. Gostaria de sua ajuda para vingar os amigos e destruir os inimigos. – Seth falava olhando a beleza da vampira com interesse.

–Alio-me a qualquer um que destrua Ariel e seu favorito – disse Consuelo após um longo gole de sangue.

–Eu perdi muito nos cem anos em que fiquei encerrado naquela Caixa.

–Disseram-me que estava no Jardim – soltou Consuelo, tentando confirmar boatos.

–Não tenho ânimo para flutuar, fiquei em meu caixão cuidando de meus filhos, guiando-os o melhor possível como um rei o faria. Infelizmente, perdi dois deles, Ribas e Sarah estão mortos, um pouco de mim foi com eles. Sarah e sua fidelidade eram únicas, morreu tentando me libertar – comentou Seth, emocionado.

–Quando foi libertado? – perguntou Consuelo, reconhecendo Petrus, que conduzia a limusine.

–Há cinco meses. Foi quando descobri que, em breve, você estaria livre também. Soube de suas travessuras durante a Arena, sempre a achei bela. Mas jamais a imaginei corajosa. Afinal, vivia entre Otávio e Jan Kmam.

–Esse foi meu erro. Faltou muito pouco para vencermos, Savedra teria sido um bom rei – confessou a vampira, sorvendo mais um gole de sangue.

–Esqueça o passado, pelo menos as partes ruins. Nós temos o poder de mudar e ir além. Você é encantadora, minha cara vampira, e pode vencer se quiser.

–Então? – perguntou Consuelo, notando o olhar de desejo de Seth sobre seu corpo.

–Decidi que a desejava ao meu lado como amante e sócia. O que me diz?

Consuelo olhou-o destemida, não iria demonstrar seu abatimento. Por um momento, perguntou a si mesma se seria capaz de continuar. A resposta veio logo depois.

—Sim, para todas as questões.

A partir daquela noite, Consuelo e Seth vinham reunindo aliados com um único intuito: matar o rei. Ela jamais desistiria e, depois de ouvir sobre a quebra do Pacto dos Vampiros e a ascensão de Kara como a campeã do rei, sua raiva só aumentou. A lista de alvos só crescia, mas ela, ultimamente, não achava isso tão fascinante.

Consuelo só contava com sua beleza e alguns poderes. Poucos, na verdade. Mas ela mantinha vivo um poder maior e mais letal, o da intriga. Fitou a face no espelho e sorveu o último gole de sangue e vinho. Ainda estava com sede, a abstinência imposta pela Caixa a deixara um pouco mais violenta. Ela fitou o mortal amarrado e amordaçado sobre a cama e foi até ele, balançando o cálice vazio, enquanto se deliciava com seu pavor. O jovem aparentemente grunhia, puxando os pulsos já feridos pelos cortes que a vampira fizera para colher seu sangue. Não queria se sujar e estragar a maquiagem.

O rapaz se sacudiu no leito furiosamente, mas era impossível fugir, estava bem preso pelas cordas e, certamente, só sairia dali morto e direto para o forno no porão do prédio onde seus restos desapareceriam.

—Não seja egoísta, eu bem poderia tê-lo matado no beco onde se vendia. Trouxe-o para minha casa e está em minha cama. Por ela, somente os vampiros mais perigosos já passaram.

Consuelo parecia se justificar, mas, por fim, pegou seu pulso e fez mais um corte, observando seu olhar suplicante de dor. Colheu o sangue e o sorveu diante do olhar aterrorizado do jovem.

—Quando voltar, prometo libertar você — disse Consuelo, beijando-lhe a face trêmula. — O que acha? Eu estou bonita? — perguntou ao jovem como se ele pudesse lhe responder.

—Está maravilhosa.

Seth respondeu entrando no quarto de Consuelo, ele já estava pronto. A vampira girou, exibindo-se diante de seus olhos escuros e famintos. Ele estava elegante no blazer negro de seda, a camisa em tom cobre o deixava ainda mais pálido enquanto o olhar castanho-escuro tornava-se quase negro. As mechas curtas do cabelo liso e também castanho caíam-lhe sobre a testa larga, deixando seu rosto afilado. Já o nariz aquilino lembrava Napoleão quando era jovem e belo. Notou-o mais pálido que o normal e se perguntou se ele teria saído para comer. Mas bastou que a tocasse para perceber que estava gelado. Quando ele a tomou nos braços e avançou sobre seu colo, a resposta ficou evidente. Não, ele ainda não havia se alimentado. Seth gostava de se nutrir das veias de seus amantes e, com isso, se

fazer forte, enfraquecendo-os pouco a pouco. Consuelo era uma vampira vigorosa, mas já sentia o primeiro sinal, a recusa. O vampiro lambeu seu pescoço.

—Adoro seu cheiro... — gemeu com as mãos fortes sobre o vestido curto da vampira, enquanto Consuelo gargalhava debaixo de suas carícias selvagens, tentando fugir de suas mãos habilidosas.

A calcinha finíssima foi arrancada com violência e cedeu ao puxão. O mortal, do leito, assistia a tudo perplexo e fascinado. A vampira tentava fugir suavemente, não queria estragar o penteado ou a maquiagem.

—Seth, agora não — ela gemeu manhosa.

Pouco depois, ele abria o cinto de sua calça. Ela beijou sua boca e, em resposta, foi empurrada para o dossel da cama alta. Consuelo se segurou na coluna de madeira esculpida e viu o vestido justo ser erguido até os quadris.

—Não posso resistir a você... Mas, não se preocupe, prometo não desfazer seu penteado — o vampiro sussurrou junto ao seu ouvido, pronto para possuí-la. Consuelo deixou-se possuir e aproveitou as delícias que o futuro rei dos vampiros podia lhe oferecer. Pouco se importaram com o mortal que os fitava assustado. Na verdade, era muito excitante perceber que ele os via. Por fim, Seth deitou a vampira no leito e prosseguiu com o ato, vendo-a sorrir e apreciando cada movimento seu. Ele se conteve o quanto pôde e, afinal, mordeu-a em pleno gozo. Lânguida, sobre o leito, Consuelo avançou sobre o mortal e o sugou diante do olhar diabólico e satisfeito de Seth. Ela não o matou, até porque teriam visitas e precisavam de algo fresco para servir.

Elas chegavam com pequenos intervalos para não chamar a atenção. Todavia, a reunião só começou quando todos estavam presentes. Seth recebeu seus novos e velhos aliados com sangue e um sorriso contido. Ali, todos desejavam a mesma coisa: destruir Ariel Simon e tudo o que ele representava no mundo vampírico civilizado. A palavra “civilizado” soava como um insulto para eles, que preferiam se manter indiferentes às leis e fazer de sua fome a única regra a seguir. Eles viveram sob o regime de Detrich, e isso significava liberdade total. Mas, após sua queda, foi difícil manter os velhos hábitos e, mais ainda, seguir as leis. Cair nas malhas dos Poderes era fácil e rápido.

A reunião fora organizada em segredo por Seth e Petrus. Todos sabiam como era perigoso juntarem-se em um único lugar. Mas resolveram atender ao convite do vampiro, assumindo o risco. E, realmente, perceberam que não havia Pacificador ou Sentinela por perto. Uma façanha e tanto, mesmo para Seth. Fabian, o mais reservado de todos, só compareceu porque Desirée estava ao seu lado. Ele não acreditava em nada nem em ninguém. Era um vampiro cuidadoso quando se

tratava de sua cabeça. Todos, naquela sala, vinham assistindo, ao longo dos últimos anos, à morte de aliados como Savedra, Mendel, Nicolas, Dimitry e Ania e até mesmo Crasso, o antigo líder do Conselho. Durante a quebra do Pacto, muitos vampiros e lobisomens foram ceifados. Claro, sempre haveria aliados contra Ariel e os Poderes. Após dois mil anos, era quase impossível não cultivar desafetos. Fabian vivia nas sombras, não gostava de conviver com mortais, saía apenas para matá-los e voltava para sua tumba; era antissocial, e sua única companhia eram suas facas e espadas. Consuelo notou o terno um tanto roto, a camisa com corte simples, o velho casaco onde escondia sua espada e os cabelos castanhos em desalinho. Os olhos claros eram meigos e tristes. Fora transformado muito jovem, talvez isso tenha afetado sua mente. Era sempre tão quieto... A maioria se perguntava como se tornara campeão do rei. O que Consuelo não sabia é que foi a morte de sua amante, Verônica, que o destruiu, estava em sua face a dor que alimentava todas as noites há mais séculos do que ele gostaria de lembrar.

O vampiro fitou a bela sala, depois as janelas e a porta, como se planejasse uma rota de fuga. Ele realmente era estranho. O campeão recebera a pior das missões: matar a própria amante. Desde então, passou a ser caçado pelos Pacificadores, mas ele vinha sobrevivendo muito bem. Por fim, sentou num dos sofás, achando-o muito macio, e recebeu um cálice de sangue das mãos de Desirée. Fabian sorveu o precioso líquido em um longo gole e lhe devolveu a pequena taça. Lembrava um completo tolo, mas, por detrás de tanta timidez e falta de trato social, havia um assassino bastante cruel. Desirée praticamente o adotara após ser deixada por Misha, seu antigo amante e pupilo.

Michael, no canto oposto do sofá, notou que Fabian o olhava com curiosidade e sustentou o olhar, sorvendo o sangue vagarosamente. O vampiro era o seu oposto. Atrevido, ele adorava viver entre os mortais, esse era seu maior fetiche. Roubava deles sangue, modos, sabores e gestos. Por trás da beleza quase barroca, emoldurada por cabelos curtos e cacheados, havia um demônio. Ela o vira matar e o achou extremamente violento. Tinha 400 anos, um jovem diante deles, que beiravam de 900 a mil anos. Mas ele era forte e seus poderes só cresciam. Seu passaporte para a “criminalidade” fora se aliar a Seth. Com ele, veio a pena, o exílio e o silêncio. Nenhum vampiro podia dirigir-lhe a palavra. Mas, após seus últimos delitos, ele foi sentenciado à morte. Seth, Petrus e Michael pareciam ter uma espécie de voto de silêncio, razão pela qual nenhum revelava o motivo de suas sentenças. A maioria comentava que eles mataram uma das amantes do rei. Claro, eles não confirmavam, mas todos desconfiavam de que os boatos eram verdadeiros e que a tal amante existia realmente. Só não entendiam por que sua existência precisava ser mantida em segredo. Michael era um dos mais jovens inimigos dos

Poderes. Ninguém sabia ao certo, mas ele odiava o rei, e a recíproca era a mesma. Sua sentença de morte já estava assinada e Togo tinha ordens para matá-lo e trazer sua cabeça até Ariel.

Consuelo mantinha distância de Desirée, achava-a realmente deplorável. Ela se vestia como uma versão feminina de Salomão Kane, o matador de vampiros e demônios. Mas, para deixar Seth feliz, tolerava-a – afinal, era uma aliada muito forte, que desafiara Radamés, o vampiro que hoje era uma lenda entre os imortais. Quando o Pacto dos Vampiros foi assinado ela não tolerou. Afastou-se de todos em grande revolta e continuou matando lobisomens sem se importar se seria julgada pelos Poderes. Foi com pesar que Ariel assinou sua sentença de morte. Era uma vampira forte e poderosa, em alguns séculos poderia ser Lorde. Mas abdicou de tudo por vingança. Caso fosse capturada, seria morta dentro da Alcatéia e pelo machado, devido aos crimes que cometeu contra os homens-lobos por séculos.

Quando Ariel subiu ao poder, ela o procurou e pediu que ele quebrasse o Pacto, argumentando que era uma vergonha mantê-lo, depois de todo sangue imortal que foi derramado nos conflitos que se seguiam entre lobos e vampiros. Ariel a avisou de que o Pacto se manteria para o bem das duas espécies. Desirée, mais uma vez, deixou o convívio de todos e sumiu por muitos anos. Seth a convenceu a segui-lo e a aceitar temporariamente o apoio dos lobisomens para que vencessem Ariel. Depois, poderia fazer o que bem quisesse, afinal não tinha disposição de manter o Pacto. Era bem mais do que havia conseguido no passado e pouco diante do que realmente desejava. Desirée tolerou a presença de Marc e Francine como aliados, precisavam de todo apoio que conseguissem.

O que poucos sabiam naquela sala é que Seth tinha uma dívida de sangue com os dois. Assim que o souberam livre da Caixa, procuraram-no e o encontraram exatamente como Mênnon previu: ele estava esquelético e envelhecido, seus poderes haviam se perdido e nada lembrava o vampiro poderoso que fora o primeiro favorito do rei. Quando saiu da Caixa, nada lhe foi ofertado. Togo não repetiu seu crime como era costume, apenas o libertou, afirmando que nada mais pesava contra ele e que jamais seria sentenciado novamente à Caixa, mas isso não o isentava do machado. Seu crime havia sido pago, mas jamais esquecido. Sem forças, ele ficou na tumba e viu Togo e os Pacificadores partirem. Caçava um rato quando Petrus entrou no sepulcro, trazendo consigo o jantar. A jovem estava amarrada e em pânico e durou muito pouco diante da fome do vampiro. Marc e Francine apareceram logo depois, Seth parecia menos cadavérico e pronto a sorver o precioso presente. Um frasco contendo sangue de Mênnon e Íris. Ele tinha um plano e em nenhum momento cogitara permitir que Íris reinasse por muito tempo. Na verdade, não fosse a entrada de Jan Kmam, ele a teria morto assim que ela

tocasse o coração da campeã do rei. Mas, temendo a derrota, preservou parte de seu poder para fortalecer seu libertador. Seth precisava enfrentar Ariel em igual condição. Afinal, cem anos dentro da Caixa marcaram o vampiro de modo quase devastador. Se hoje ele era beleza e força, foi graças ao sangue recebido. O resultado do precioso líquido nas veias de Seth foi inusitado: ele ganhou mais força e poderes bem parecidos com os do rei, assim como a capacidade de possuir uma fêmea ou vampira. Tal feito o envaidecia e provava que, muito em breve, ele poderia destituir Ariel por bem ou por mal.

Desirée jamais se cansaria de derramar sangue dos lobos. Mas sua sede de sangue e vingança teria de esperar, pois aqueles dois lobisomens representavam a força que faltava, por detrás deles havia outros insatisfeitos com a Alcatéia, tanto que a questão era um barril de pólvora, pronto a explodir mais uma vez. Manolo foi o último a chegar e, quando se serviu de um cálice de sangue, Seth começou a falar.

—Há dois mil anos, eu vi Detrich virar pó debaixo da força de Ariel Simon. Sua herança sanguínea, a proteção oferecida a ele por Radamés, mesmo enterrado e morto, o fez o rei dos vampiros. Naquela noite de Conselho, eu vi pela primeira vez nos olhos de meu mestre Antígonas a expressão do medo.

Seth falava e os vampiros e lobisomens na sala ouviam-no com atenção.

—Ele jamais revelou, mas soube pela boca dos mais covardes, que ninguém nunca havia exibido tamanho poder. Ariel era muito poderoso e deixou isso bem claro ao destruir seu antecessor. Naquela mesma noite, Afrodite foi morta e o mundo vampírico perdeu dois grandes vampiros de uma só vez. Ao longo dos anos, os insatisfeitos começaram a cair, e logo só restaram os que se curvavam aos Poderes. O Livro não mais se perverteu e regia o mundo dos vampiros com mãos de ferro. Quando a poeira baixou, ficou claro que os ataques a Ariel eram inúteis, ele sabia quando, como e onde seria emboscado.

Desirée sentada próximo a Fabian, que não se movia, parecendo uma estátua de mármore raro. Os cabelos castanho-avermelhados caíam-lhe sobre os ombros cobertos pela malha negra e fina que usava. Seu olhar estava sobre Seth, mas parecia muito distante; no castanho dos olhos, havia um fogo misterioso que parecia somente ansiar por vingança.

—Antígonas lutou com ele durante meia hora e perdeu a cabeça. Como seu pupilo e ainda não inscrito no Livro, fui colocado sob vigilância e, durante cem anos, passei a ser observado bem de perto. Quando fui apresentado aos Poderes, tornei-me o favorito do rei. Mas, dentro das minhas veias, corria o sangue de um predador, e eu confesso que não me adaptei. Prova disso a minha longa pena.

—Cem anos é muito tempo para ficar com sede. Qual foi seu crime, Seth? Sentou-se no trono de Ariel? — questionou Manolo bastante curioso, afinal ninguém jamais soube qual fora seu delito.

—O crime ao criminoso pertence — argumentou Seth, movendo a mão suavemente sobre o braço da poltrona que ocupava.

Vendo-o impaciente, Consuelo serviu-lhe mais sangue, sua fome havia aumentado sensivelmente nos últimos meses. Ele aceitou e sorveu o conteúdo do cálice vagarosamente. Um segredo protegido pelo próprio Livro quem revelaria? Somente um suicida.

—Como faremos? Um ataque direto? — perguntou Marc, imaginando uma estratégia de ataque.

—É o melhor modo de morrer, atacar diretamente o rei. Durante a guerra do Pacto, eu e alguns aliados tentamos invadir o Château, mas não passamos do pátio. Muitos foram queimados vivos, outros caíram no fosso e o restante foi incinerado com Seiva — revelou Manolo, muito sério.

—Confesso que cheguei a pensar nisso, Marc, e não sou dado a ações suicidas, como Manolo — debochou Seth, abertamente. — Eu vou entrar pela porta da frente; na verdade, acho que vou ser convidado. Em breve, o *château* será nosso e mostrarei aos demais vampiros que nada dura para sempre.

—E como fará isso? Magia?

Manolo estava bastante aborrecido com o tipo de vida que vinha levando. Perder a liberdade o afetara profundamente. Jamais imaginou que Samael e Mênnon perderiam e que seriam jogados dentro do limbo. Ser caçado como um ninguém era um desastre sem precedentes. Durante séculos, aliou-se a outros vampiros contra Ariel sem jamais ser exposto, mas o que parecia simples se tornou um pesadelo. Não foi morto por Ariel por muito pouco: se não houvesse caído, teria perdido a cabeça na noite do ataque ao *château*.

—Ariel vive em uma fortaleza disfarçada de paraíso. Detrás das flores, existem setas banhadas em Seiva. Nada naquela decoração é por acaso — Manolo relatou o que viu e do que escapou.

—De fato, Ariel vive numa fortaleza, e ela é muito bem guardada. O ataque teria de ser de dentro para fora. E, para isso, precisamos de aliados — argumentou Desirée, com a segurança de quem conhecia as manhas de uma boa luta.

—Então, como faremos? Como chegaremos perto o suficiente para cortar a cabeça de Ariel? — Francine deu prosseguimento ao raciocínio de Marc com prazer. Ela havia perdido os dois seres que amava: Samael e Mênnon.

–Sim, de fato, nós precisamos de aliados. Quero que reúnam os descontentes, os exilados. Soube que Corinto ainda vive. É verdade, Michael?

–Sim, o maldito oráculo dos imortais continua vivo. Mas não se engane, continua o mesmo estúpido e sem vontade de sempre.

–Diz isso porque Corinto jamais quis ler seu futuro – disse Desirée, sem medo do olhar gelado que Michael lançou sobre ela.

–E, por um acaso, Corinto previu que seria abandonada por seu querido Misha?

Um segundo depois, Desirée segurava Michael pela garganta com um punhal sobre seu coração. Seth sorriu e avançou, empurrando ambos em direções diferentes. A vampira caiu de pé e se curvou em respeito ao terreno do anfitrião. Michael tocou a garganta pálida e mandou um beijo em direção a Desirée. Fabian não moveu um músculo, não era preciso. Sua mestra sabia se defender muito bem. Era uma questão pessoal, e ele não se envolveria. Consuelo percebeu o quanto o assunto era doloroso. Uma boa arma contra aquela estranha vampira.

–Provocar Desirée é o mesmo que se expor ao sol – disse Consuelo, percebendo que a vampira abaixou a cabeça em concordância.

–Basta dessa tolice! Somos mais fortes unidos. Tolerem-se e, quando vencermos, poderão decidir como querem se matar – avisou Seth, entre o aborrecimento e o tédio.

–Então, qual o seu plano? – perguntou Manolo, depositando o cálice de sangue vazio sobre a mesinha próxima.

Manolo aprendeu a duvidar, e Seth não parecia diferente de qualquer outro usurpador que já havia tentado roubar o trono. Durante séculos, Ariel vinha se defendendo de criaturas com ele. O que havia de tão diferente agora? Afinal, se Mênon e Íris não conseguiram, por que ele conseguiria?

–Temos um aliado e, em breve, entraremos pela porta de frente sem medo de óleo quente e, muito menos, de setas banhadas em Seiva.

–Um traidor? Isso é quase impossível, aqueles que rodeiam o rei são de sua confiança. E os que não são, o Livro expõe mais cedo ou mais tarde. Togo vigia todos bem de perto, temendo pela vida de seu amado rei – debochou Michael, surpreso com a existência de um aliado próximo a Ariel.

–Um aliado dentro dos Poderes é mais do que conseguimos em séculos. Savedra tentou e falhou – afirmou Consuelo.

Em seguida, a vampira olhou Seth sem conseguir esconder a surpresa. E se perguntou por que só agora ele havia revelado tal informação e a deixara de fora.

Aquilo era algo que ela não iria esquecer assim tão facilmente.

—Não se engane, Consuelo. Norine e Collete eram reféns de Savedra, ambas amavam o rei. Foi por isso que ele sobreviveu, o amor o salvou e as condenou à morte.

Seth argumentou e chamou a vampira mentalmente para que ficasse ao seu lado no sofá. Por certo havia sentido sua desconfiança. Consuelo foi em sua direção e encheu o olhar de Michael, Manolo e até mesmo de Marc. Era uma vampira extremamente sensual e bela. Havia algo nela que convidava ao prazer e à morte. Talvez seus lábios carnudos e rosados ou o corpo insinuante. Desirée notou a eletricidade que ela provocava nos machos da sala e sorriu. Seth a recebeu ao seu lado com ar de vitória por ser o dono, pelo menos por enquanto, daquele belo troféu. Ela apoiou a mão sobre seu ombro e fitou os demais com ares reais.

Aquela aliança beneficiava os dois, mas, após a revelação, Consuelo se sentiu usada mais uma vez. O estranho é que, desta feita, ela tinha consciência do fato e não estava gostando. O que não lhe importara no passado, agora a amofinava grandiosamente. Deixou que a mão do vampiro segurasse a sua e, assim que pôde, afastou-se dele.

—Não vai durar muito — disse Fabian, saindo de seu mutismo tão comum, o que chamou a atenção de todos. — Ariel é muito poderoso, ele tem sentidos a nós desconhecidos. Um pensamento errado próximo a ele e sua cabeça rola. Sem contar com a defesa de seu irmão e de seu favorito. Eles o defenderão mesmo que isso custe suas vidas. Seja lá quem for, já está morto — assegurou Fabian, cruel e frio.

—Não conte com isso, Fabian. Otávio está afastado do irmão há três anos. Aquela indianazinha o deixou e levou consigo o resto de lucidez que ele possuía. E, quanto ao favorito do rei, existem boatos — esclareceu Michael, a todos.

—E o que eles dizem, Michael? — quis saber Seth, com os olhos semicerrados.

Consuelo e os demais vampiros na sala estavam realmente atentos, seja lá o que fosse, poderia favorecê-los e colocar mais um prego no caixão do rei.

—Não se faça de tolo, Seth. Você já passou dos 800 anos. A campeã e o rei eram amantes.

—Dizem que ela é muito bonita, digna de um rei — comentou Seth, que percebeu o olhar preocupado de Petrus sobre si e o ódio de Consuelo.

—Uma pérola rara, se quer realmente saber. Tive o prazer de olhá-la bem de perto e é bastante atraente. Um tanto sombria, mas bastante mortal. Eu a vi conquistar o lugar de campeã do rei, enfrentar Samael e Mênon sem medo, seduzir

Ariel e até mesmo Iago, o filho do Senhor dos Lobos. Ela faz por merecer a fama que tem – revelou Manolo, pouco ligando para o olhar enojado de Consuelo aos elogios que fazia à vampira.

–Kara bonita? Tem gosto para tudo! Só numa próxima encarnação. Ela não passa de uma grande vadia. Achei que o favorito a satisfaria, mas, pelo que vejo, pretende o trono – recriminou. – Tive o prazer torturá-la, e ela sangrou e chorou como um bebê. Não vejo a hora de fazê-la em pedaços.

–Vejo que é fã da campeã, mas deixe-me avisá-la, Consuelo, Kara mudou muito e duvido que hoje consiga sequer tocá-la. Acautele-se ou perderá sua cabeça – avisou Desirée risonha, afinal estava clara sua inveja.

–É mesmo? – perguntou Consuelo, debochada.

–Desirée está certa, Kara liderou a guerra do Egito e venceu. Não é flor que se cheire. Muitos lobos e lobisomens a temem, ela matou muitos dos nossos atrás de pistas de Petrus. Hoje, ela parece acomodada ao lado de seu mestre, mas é sábio não trazer a campeã de volta – avisou Marc, olhando a vampira bancar a tola.

–Não preciso que me dê razão, “Cachorrinho” – disse Desirée, agressiva.

–Que seja, “Prometida” – revidou Marc, no mesmo tom.

Ninguém sabia por que aquele apelido a ofendia, mas, se alguém quisesse insultá-la, bastava usá-lo. Desirée sorriu balançando a cabeça e prometendo um revide à altura, mas por enquanto nada fez. Eles se olharam e se ameaçaram silenciosamente. Os demais nada entenderam sobre o insulto.

–Como dizia, antes de ser interrompido, ela e o rei foram amantes, mas bastou seu mestre retornar à vida para que ela o deixasse. Entre eles, agora, existe um detalhe pequeno e quase insignificante chamado rivalidade. E não duvidem: Jan Kmam não vai defender o rei. Anos atrás, ele preferiu abdicar do lugar de favorito a entregar sua amante nas mãos do rei. – Michael jogava com a lógica dos fatos e quase nenhuma informação concreta.

–Por amor e paixão, até mesmo nós, seres de sangue frio e coração morto, somos capazes de cometer loucuras. Vejo que está bem informado, mesmo não vivendo dentro da “Corte” – comentou Seth, sorrindo maliciosamente. – Compreendo a relutância de todos em acreditar. Logo poderei apresentá-lo a vocês – afirmou seguro Seth.

–Vamos, diga-nos quem é – manifestou-se Michael, muito curioso.

–Acho que temos o direito de saber – argumentou Marc com o apoio de Francine.

–Jan Kmam? – brincou Desirée, maliciosa.

–Ele prefere perder a cabeça a trair seu rei – disse Manolo, seguro.

–Não é o momento para revelações, acho que já falei o suficiente. Na verdade, chamei-os aqui para que jurem fidelidade. É hora de ficar ou partir. Não existe lugar para dúvida.

Era a hora da verdade, e Seth os colocou contra a parede. Era pegar ou largar. Os vampiros e lobisomens na sala ficaram de pé e, um a um, juraram lealdade a Seth. Nenhum deles ousou perguntar novamente quem seria o suposto traidor. A informação não era mais importante. Algo muito maior estava sendo articulado, a morte de um rei. Após cem anos de solidão e sede, Seth retornou, e seu único desejo era a cabeça de Ariel.

Capítulo 3 - Mentindo Para Si Mesmo

Bruce chegou ao *château* perguntando a si mesmo se deveria prosseguir em sua intenção. Por que não? Resolveu falar primeiro com Togo, e ficou bem mais preocupado do que já estava quando saiu da biblioteca. Conhecia os riscos a que se expunha quando decidiu ir até o rei. Sabia que poderia despertar sua ira, mas por Jan Kmam valia a pena se arriscar. Foi difícil adentrar a residência real e ver Ariel tão feliz, enquanto Jan Kmam andava mergulhado nas sombras. Algo na alegria de seu rei o encheu de revolta. A balança da justiça favorecia o prato errado. Não que ele não merecesse ser feliz, o fato é que ele teve sua chance e a aproveitou. Por que insistir se, no coração de Kara, só havia um vampiro?

Encontrou Ariel no corredor e o seguiu até sua câmara. Durante o percurso, o rei avisou que estava de saída, mas poderiam conversar enquanto ele se arrumava. O criado já havia escolhido a roupa ao seu gosto e colocado sobre o leito. Ariel estava bastante animado e assobiava uma peça de Mozart.

Bruce viu as rosas brancas e percebeu que o leque de Rosa Maria havia sumido, ele sempre ficava na mesa junto às rosas. Provavelmente Ariel o guardara. O objeto feito de renda negra e pequenas joias era uma das poucas lembranças que ele possuía da amante. Havia sinais por toda parte de que Kara e o rei vinham se encontrando às escondidas. Bruce estava decepcionado com Ariel e muito surpreso com a atitude de Kara. Sabia o quanto Ariel era convincente, mas acreditou que ela conseguiria mantê-lo longe. Temendo um confronto entre Ariel e Jan Kmam, Bruce resolveu trazê-lo de volta à razão.

– Fale, Bruce. Sei que veio me dizer algo. Por que não desembucha de uma vez? Está me irritando com esse maldito silêncio. Se estiver se sentindo sozinho com a ausência de Martan, fique no *Château* uns dias.

– Martan vai demorar a encontrar sua mestra, mas não é isso que me traz à sua presença, Ariel – Bruce comentou, vendo que ele fugia da verdade.

Ariel havia terminado de se vestir. Terno negro de veludo, calça jeans, botas de cano curto, pulôver. Vinha se cuidando e muito bem nos últimos tempos. Ele tentava fingir, mas era difícil; estava diferente, saía mais, comprara roupas novas. Togo e Bruce foram os primeiros a perceber e sabiam muito bem o que aquilo significava.

– Estou bem sozinho. O que me preocupa é uma amiga em comum – revelou Bruce, começando a falar enquanto andava pela câmara e observava as reações de Ariel.

–Clio? – Ariel se adiantou e falou sem olhar Bruce. – Ela está sob controle, libertou-se do vício há séculos. Claro, sempre será Clio, mas as outras vampiras vão aprender a conviver com ela. Soube que Virna teve uma crise de ciúmes. Romano bem que poderia mantê-la sob controle. Uma ótima conselheira, mas completamente insegura no amor. – Ele falava distraído sem perceber o olhar tenso de Bruce.

–Estou preocupado com Kara. Não percebeu o quanto ela mudou?

Ariel terminou de prender o cabelo e o brinco de prata ficou visível, era uma argola pequena que lhe deu um ar selvagem e quebrou a aparência tradicional das roupas. Fitou o reflexo no espelho e voltou-se para Bruce.

–O que ela tem de diferente? – quis saber, preocupado e desconfiado.

–Mudou da água para o vinho. É como se fosse outra Kara, está distante e fria. Não me visita há meses, está sempre inventando desculpas.

–Jan a mantém bastante ocupada e, além disso, são amantes. Quando ele retornou à vida, ficamos quase dois meses sem nos ver. Sabe como ele é ciumento. Sem contar que ela está amadurecendo a passos largos, natural que fique mais distante do mestre agora que não depende mais dele – Ariel confessou um tanto misterioso.

–Kara jamais deixará de ser doce e viva. A morte não conseguiu tirar isso dela. Claro, ela amadureceu depressa demais; todavia, vejo mudanças.

–Sim, ela mudou. Noto-a mais sofisticada, elegante. O visual de guerreira lhe cai bem, mas ela me parece mais ousada.

–Sim, mudou os cabelos, as roupas, e possivelmente o amante. – Bruce soltou a indireta sem medo. – Abriu mão até mesmo de andar armada.

–Ela tem outro amante? E quem seria?

–Não seja cínico, Ariel – pediu Bruce.

–Não sei o que insinua, mas me diga por que ela deveria continuar se portando como uma “Caçadora”? Estamos em relativa paz. Ela só conseguiu potencializar o que já era belo. Isso é um dom para poucas vampiras – argumentou Ariel, pronto para sair.

–Vocês estão juntos há quanto tempo? – perguntou Bruce, perdendo a paciência com Ariel Simon, que insistia em mentir descaradamente.

O rei observou o vampiro que andava próximo à sua mesa e esperou por mais. Não revelou nada, preferiu ouvir o resto de suas suspeitas.

–Você está perguntando isso para seu rei ou seu amigo?

–Estou perguntando aos dois. Não vou condenar o que estão vivendo, afinal Kara já esteve em sua companhia por livre e espontânea vontade. Mas acho que deveriam revelar a verdade a Jan Kmam. Por que o enganar quando ele permitiu tal envolvimento?

–Kara evoluiu e pouco a pouco se torna a vampira que um dia reinará ao meu lado.

–Então é verdade – afirmou Bruce, preocupado.

–Eu nada afirmei, Bruce. As mudanças que vê são os sinais de que um dia ela será a rainha. Não confunda as coisas. Eu e Kara somos amigos, nada mais. Vemo-nos ocasionalmente, conversamos. Isso me tira da solidão, e você sabe que eu a amo. Vivo de migalhas – reclamou, magoado.

–Mentir para si mesmo é perigoso, mentir para os amigos é bem pior – afirmou Bruce, decidido.

–Por que resolveu ser o guardião do amor de meu favorito e de minha campeã? – perguntou Ariel com frieza.

–Porque o amo, Ariel, e não quero vê-lo sofrer novamente. Uma vez em 200 anos já foi o suficiente. Quando Jan voltou à vida, você ficou arrasado. E agora o vejo repetindo o mesmo erro. Kara ama Jan Kmam e isso não vão mudar. – Bruce tentava trazer Ariel à realidade.

–Tudo muda, até mesmo o coração das vampiras. Mas o que veio fazer aqui, me dar conselhos? – Ariel estava aborrecido.

–Sim, eu tenho liberdade para tanto. Mas, acima de tudo, vim pedir que volte à razão. É um jogo perigoso o que está jogando. Admira-me Kara compactuar com ele – revelou Bruce, verdadeiro. – Acima de tudo você é o rei, e temo que tome atitudes que o obriguem a punir quem ama. Como acha que Jan vai se comportar quando descobrir que vem se encontrando com Kara às escondidas?

–O que vem fazendo, me seguindo? – perguntou Ariel nem um pouco satisfeito.

–Não precisei fazer tanto, bastou olhar sua alegria mesmo com a distância de Kara do *Château*. Os amantes acham que estão ocultos, mas estão nus aos olhos dos mais atentos – disse Bruce, tocando seu ombro de modo afetuoso.

Ariel se afastou, foi rude e, quando falou novamente, estava muito sério.

–A conversa já chegou ao seu limite. Mas, se isso o deixa mais calmo, Jan Kmam deixou Kara livre para escolher, e ela escolheu, só não teve coragem ainda para assumir suas escolhas.

–Isso não quer dizer que ele irá deixá-la partir sem lutar. – Bruce encarou Ariel, decidido.

–O que você e Jan Kmam podem não estar percebendo é que não a estou induzindo. Agora, ela toma suas próprias decisões. Kara não é mais a pupila de Jan Kmam, é a campeã do rei.

Ariel falou sem conseguir esconder sua vaidade. Dito isto, saiu pela porta e deixou Bruce sozinho. Ele não admitiu, mas estava mais do que claro para Bruce que era verdade.

Meia hora depois, Ariel entrou no Hotel Ritz. Tomou o elevador e só parou quando entrou no quarto e se jogou sobre a cadeira na sala bem decorada. Estava extremamente aborrecido, a conversa com Bruce roubara-lhe a alegria; ser censurado pelo amigo e confidente o magoará, de modo especial. Fechou os olhos e cobriu a face com as duas mãos. Estava preocupado, tenso.

Ali, esquecido de tudo, sentiu mãos delicadas tocando as suas, o beijo na fronte. Quando abriu os olhos, encontrou o negrume do olhar de sua amante. Kara o beijou e ele retribuiu faminto. Após alguns segundos, ela notou sua tensão.

–O que aconteceu? – quis saber a campeã com um sussurro junto ao seu pescoço.

–Bruce sabe de nós dois, me fez várias perguntas. Claro que neguei, mas ele não é bobo e nós não conseguiremos esconder nossa relação por muito tempo. – argumentou, realmente cansado de mentiras e jogos.

–A opinião dele não é importante... Ou é? Claro, adoro Bruce, mas não quero que ele se envolva. Quando Jan descobrir, pode pensar que Bruce nos apoiava, e isso o magoaria muito – argumentou Kara, friamente.

–Tem razão, melhor que ele fique longe. Jan o culparia, ele sabe que Bruce é meu confidente...

–Era – corrigiu Kara, atenta.

–Sim, era. Não o quero metido em nossa intimidade. Isso, séculos atrás, se mostrou prejudicial. – após falar, Ariel tocou o rosto delicado da vampira e a beijou, erguendo-a nos braços.

O rei caminhou pela suíte luxuosa que vinha mantendo para seus encontros e chegou ao quarto, ouvindo os sussurros e o riso de Kara.

–O que ele disse sobre mim? – perguntou ela ao sentir a cama sob suas costas.

–Ele a tem percebido fria e distante. Bruce e todo o resto não conseguem aceitar que você nasceu para ser minha rainha. Sua força e sua beleza os assustam. Não compreendem o quanto é poderosa.

–Fria, eu? Somente meu sangue.

–Eu concordo – Ariel sussurrou, abrindo sua blusa de seda.

–Fria e distante como uma rainha?

–Sim, a minha futura rainha – murmurou Ariel, sensual. – Mas é hora de fazer uma escolha, Kara. Você precisa conversar com Jan Kmam – disse Ariel seguro e pronto a enfrentar seu favorito.

–Sim, mas não hoje e não agora. – A vampira beijou o rei e procurou o seu zíper, enquanto sorria sensualmente.

A sensação era de prazer e sonolência. Kara despertou sentindo beijos sobre a cintura, as costas. Sorriu manhosa e continuou com os olhos fechados, aproveitando a carícia suave dos dedos do vampiro sobre sua pele. Arrepiada, gemeu apreciando o contato. Estava nua no leito desfeito, entre travesseiros e lençóis. Os beijos tornaram-se mais insistentes e ela despertou por completo, voltando-se para contemplar o amante. Primeiro, acreditou estar sonhando, mas, ao ver Ariel livrar-se da toalha que tinha enrolada na cintura, percebeu que aquilo era bem real. Ele agora estava nu sobre seu corpo, beijando-lhe o ventre, os seios.

–Ariel...? Majestade.

–Kara... – gemeu o rei, completamente excitado.

–Solte-me.

–Ainda temos duas horas. Você prometeu que ficaria a noite toda ao meu lado. Ariel avisou e buscou seu pescoço com os lábios, cobrindo-a de beijos. Kara sentiu seu corpo arrepiar, Ariel sempre soube como despertar seu desejo por ele. Era algo selvagem e deliciosamente cruel. Mas havia acabado, dois anos foram suficientes. Segurou suas mãos e o afastou delicadamente, um movimento em falso e ele podia prendê-la, como fez algum tempo atrás somente para provar que sua vontade estava acima da dela. E ele não hesitaria em fazê-lo caso achasse que deveria.

–Não me enlouqueça, Kara! Eu posso perder o controle e usar a força para mantê-la ao meu lado... – pediu ele, prendendo-a junto ao peito enquanto a olhava nos olhos com muito desejo.

Kara colocou as mãos sobre seus ombros e tentou compreender como viera parar na cama do rei.

–Ariel, quero que me solte agora – disse Kara com muita firmeza, em um tom que não permitia negativa.

–Outra crise de culpa? – perguntou Ariel, aborrecido.

Ariel a conhecia o suficiente para saber que ela falava muito sério. Algo havia acontecido, e foi bem ruim. Viu a vampira se afastar e se enrolar no lençol antes de sair da cama. Geralmente desfilava nua e sem constrangimento de sua beleza.

Olhou o luxuoso quarto, a cama com dossel, o lustre de cristal, as belas cadeiras de veludo, os objetos caros, a pintura antiga sobre a lareira próxima à cama. Pegou a toalha que Ariel soltou no chão e viu o monograma do Hotel Ritz. A suíte era magnífica, lembrou-se de já ter estado nela, mas quando? Foi para a janela. Estava em Paris e a visão de sua janela era a *Place Vendôme*. Por um minuto, acreditou estar ficando louca, não conseguia lembrar como viera parar naquele quarto de hotel. Fitou suas roupas caídas no chão, a blusa sofisticada, uma saia, os sapatos altos.

Percebeu que junto com suas roupas, estavam as do rei. Nesse momento, viu-se refletida no espelho. Caminhou até ele, enquanto Ariel, já vestido em seu roupão, mas ainda no leito, observava-a com atenção.

A vampira se olhava fixamente. Não havia nada de errado com sua bela face, com o contorno de sua boca, mas seu cabelo estava diferente! Estavam lisos, seus cachos haviam desaparecido. As mechas, agora, caíam lisas e sedosas sobre os ombros nus. Tocou os fios e se afastou do espelho, olhando à sua volta na tentativa de descobrir o que havia acontecido. Sua consciência vinha de muito longe. Como isso era possível? Há uma noite esteve com Jan Kmam, mas daí tudo era vazio, não conseguia lembrar sequer a última vez em que se alimentara. A cabeça doeu com o esforço, uma pontada leve e depois outra bastante forte. O rei a viu tocar a cabeça e se curvar, então se moveu no leito, preocupado. Ela se recostou na parede e fitou o espelho. Foi nesse momento que algo chamou a sua atenção. Kara viu o espectro de uma vampira rodeá-la. A criatura refletida no espelho ao seu lado vestia-se de modo antigo e rico, como se fosse uma rainha. Havia joias e tecidos finos sobre seu belo corpo. Ela parecia lhe falar, mas Kara não conseguia ouvi-la, e isso pouco importava. A sensação é de que ela a estava ameaçando de algum modo, roubando sua consciência.

Kara recuou assustada, temendo que ela a tocasse. O coração disparou, entrou em desespero: como havia chegado ao quarto, à cama de Ariel novamente?

Não conseguia lembrar-se de nada, dentro de sua mente só havia uma espécie de vazio. Confusa demais para buscar respostas, só pensava em fugir para longe. O que ele lhe fizera? Por que viera até ele?

–O que está fazendo?

–Preciso sair daqui. Tudo isso está muito errado...

Pegou as roupas no chão e as achou estranhas, mas vestiu-as apressadamente, não havia outras. Abotoava a blusa fina quando sentiu Ariel às suas costas. Ele segurou a vampira com delicadeza, mas a manteve junto de si com firmeza. Kara esperou, mantendo a calma, e tentou afastá-lo delicadamente, mas sem êxito. O abraço não deu sinais de diminuir a intensidade. Conhecia Ariel e sabia que estar nos seus braços era uma cadeia preciosa. Ele era o rei, e, quando queria mantê-la presa a si, era quase impossível fugir.

–Escute com atenção, minha querida. Não estamos fazendo nada de errado. Temos direito a viver esse momento. Foi o comentário de Bruce que a contrariou, não? – disse, com muita segurança.

–Apenas me solte – pediu Kara, elevando a voz trêmula sem lhe responder.

–Por que foge de meus braços? Prometeu-me ficar a noite toda – insistiu o rei, segurando-a junto de si.

–Algo muito sério está acontecendo... Eu não posso ficar, sequer sei por que realmente estou aqui – dizia, nervosa, tentando afastá-lo de si. – Como vim parar em sua cama novamente?

–Eu não a obriguei a fazer nada que não quisesse, tenha certeza. Mas você sabe que jamais apaguei sua presença de minha vida, Kara.

–Isso não pode estar acontecendo! – Kara reclamou e se desvencilhou de suas mãos de modo impaciente.

–Kara, nós nos amamos e temos o direito de viver esse sentimento plenamente. Não deixe que as palavras de Bruce toquem o que sentimos um pelo outro. Jan me avisou que você escolheria. Acho que é o momento de expormos nossa situação para ele, não acha? – disse Ariel, verdadeiro, vendo seu rosto agoniado.

–Jan jamais saberá disso – afirmou a vampira, indignada.

–Estou cansado de ser o amante. Você agora é minha e sabe disso. Saiba que trocaria dois mil anos de solidão pelos últimos meses que estamos juntos.

–Meses? – Kara repetiu confusa.

O rei, por vezes, não compreendia o que se passava no coração daquela vampira. Desde que Jan Kmam fora libertado em definitivo da Caixa, eles vinham mantendo uma convivência respeitosa e estreita. Há seis meses, eles tiveram uma acalorada discussão sem o conhecimento de Jan Kmam, logo depois que ele a beijou à força. Kara deixou claro que jamais voltaria a ser sua amante. Fora surpreendente vê-la aparecer nas portas do *Coucher du Soleil*. Percebeu que ela veio sozinha, mas nada comentou; recebeu-a na biblioteca, estava sem hóspedes e se, não fossem Togo e os Pacificadores, poderia dizer que estava sozinho. Ela estava bastante tranquila e o convidou para uma caminhada na ala sul. O rei aceitou, lá não seriam vistos ou interrompidos, ela parecia realmente querer ficar a sós com ele. Andaram por alguns minutos e, quando ela decidiu sentar-se nos arcos das janelas, Ariel a seguiu. Conversaram sobre coisas tolas e, no instante em que a vampira se aproximou dele e roubou-lhe um beijo, Ariel ficou tenso. Kara parecia disposta a se entregar.

—Não me dê falsas esperanças.

A vampira suspirou pensativa e, quando respondeu, pareceu ignorar o passado.

—Sou livre para escolher e possuir quem desejar. E eu o desejo, apesar de tudo o que disse e fez para provocar minha separação de Jan Kmam — ela explicou, tocando o rosto do rei.

—O que quer, Kara? Sabe o que tenho passado sem você ao meu lado?

—Sim, eu sei, está sofrendo como eu. Eu o quero tanto, Ariel...

Kara estava decidida, e o rei não resistiu. Esqueceu suas culpas e a aceitou sem nada questionar. Ele amava a vampira demais para lutar contra seus desejos. A partir daquela noite, passaram a ser amantes novamente. Ariel aceitou nada revelar a Jan Kmam, sob pena de perdê-la para sempre caso o fizesse. Mas ele queria mais, era o rei dos vampiros, por que deveria esconder o amor que sentia por aquela vampira? Não fazia sentido, mas, por amor e desejo, ele cedeu ao seu jogo e continuavam se encontrando às escondidas. Num gesto perigoso e pouco recomendável, o rei afastou a Sentinela e até mesmo o Pacificador que a vigiavam. Não queria que Togo descobrisse.

—Solte-me — pediu Kara, e tirou Ariel de suas lembranças.

Kara acreditou que perderia os sentidos, tamanha a confusão que sentia, mas, num grande esforço, conseguiu afastar Ariel. O rei a soltou aborrecido ao ver seu abatimento.

—Estou farto de suas crises de culpa, Kara.

Ariel Simon foi para o outro lado do quarto, aborrecido, e se serviu de um cálice de sangue, enquanto a fitava atento. Sorveu-o num só gole como se tentasse buscar calma dentro de si para suportar os caprichos da vampira que amava e o prendia numa rede tão forte que poderia sufocá-lo.

—Tenho suportado esses encontros furtivos, mentido para Jan Kmam e todo o resto para mantê-la em minha cama, porque assim você deseja. Mas não pretenda fugir de mim a essa altura, porque não será tão fácil dessa vez. Quando Jan despertou e a salvou, eu engoli meu orgulho e a deixei partir, mas já basta de bancar o vampiro bonzinho, o rei justo que tudo tolera. Você é minha!

—Ariel... Por favor, eu não sei o que aconteceu...

—Agora chega! Se continuar agindo como se não fôssemos amantes, vou procurar Jan Kmam e lhe contar a verdade. Aí você vai precisar escolher, Kara, e bem depressa. Mas eu garanto que sou bem mais fiel que ele. Sou doce e protetor, mas não ouse provocar o demônio que existe dentro de mim. Ele é bastante cruel quando deseja.

Ariel segurou-a nos braços e ameaçou-a furioso.

—Do que está falando...?

As palavras do rei causaram verdadeiro horror. Ela não amava o rei, não como ele desejava. Subitamente, sentiu como se estivesse distante de tudo. Ariel falava, mas ela não conseguia mais ouvi-lo. Parecia estar muito longe, distanciando-se. Nesse momento, viu a vampira que a rodeava no espelho se aproximar. Kara percebeu que ela pretendia tocá-la e buscou o apoio do rei.

—Não me deixe ir, por favor, Ariel. Ajude-me a ficar — pediu Kara, jogando-se nos braços de Ariel com muito medo ao ver a vampira rodeá-la.

Ariel Simon a abraçou e, subitamente, acreditou ter sido duro demais com ela.

—*Maldita! Acha que vai conseguir fugir de mim? Não pode, está ouvindo?*

A vampira ficou às costas de Ariel e ameaçou Kara, olhando-a nos olhos.

—*Você me deu permissão, e agora seu corpo me pertence.*

Kara fechou os olhos e abraçou fortemente o rei, soluçando aflita. O espectro a tocou e ela sentiu um empurrão. Apavorada, gritou. Mas o grito não chegou a sair de seus lábios. Quando abriu os olhos, pôde se ver ainda nos braços do rei, desmaiada, e aos poucos recobrar os sentidos chorando, enquanto ele a consolava aflito com seu estado de nervos.

Havia acontecido novamente, e agora Kara tinha plena consciência, assistia a tudo sem nada poder fazer. A vampira havia se apoderado de seu corpo! Ainda no quarto, Kara fitou as mãos e percebeu sua forma espectral. Foi até o espelho e percebeu que não se refletia. Olhou seu corpo a distância e compreendeu tudo. A vampira havia tomado seu corpo e vinha agindo como bem queria.

Ariel Simon a segurou e ergueu nos braços, levando-a para o leito. Acreditou que o medo de enfrentar Jan Kmam a levava a agir de modo tão contraditório. Os sinais, os estigmas com os quais Iris a marcara, sumiram havia anos, mas temeu que eles houvessem deixado sequelas. Mesmo sendo imortal, ela poderia ter sido afetada. Todavia, compreendia seu temor, mas não suportava mais conviver com sua culpa. Aquela era a segunda vez que ela agia com uma completa estranha. No leito, agarrada a Ariel, pediu desculpas.

–Pode me perdoar? – disse a vampira num sussurro frágil e apaixonado.

–Sempre, minha amada. Mas também deve me perdoar, fui rude, perdi a cabeça. Mesmo assim... por que tanto medo, Kara?

–Tenho tanto medo de que Jan descubra e faça uma loucura... Não quero que ele saiba, não agora. É tudo muito recente.

–Está tudo bem, posso esperar. Mas não quero que me desconheça novamente. Você me machuca quando age como se fosse partir – disse ele, segurando-a sobre o leito de modo possessivo.

–Hoje, quando vinha para cá, ele tomou sua... – ela fechou os olhos e soluçou.

Afrodite jogava com os sentimentos do rei de forma maligna e ardilosa. Ela pretendia torná-los inimigos.

Ariel a envolveu nos braços e beijou sua testa, ele estava apoquentado. Seu coração estava aflito, não suportava mais dividir a vampira com seu mestre.

– Estou com medo e não suporto mais o toque dele. Sem falar que me senti observada, vigiada. Sei que não eram as Sentinelas porque as retirou. Mas fiquei assustada.

–Quem era? Reconheceu alguém? – perguntou o rei preocupado tanto quanto ela e entendendo seu ataque de culpa.

–Não, não o reconheci, e isso me atormenta – mentiu a vampira, triste e sombria.

–Cuidarei disso, não se preocupe. Mas quero que saiba que, se formos descobertos, não agirei como culpado. Você tem o direito de escolher,

compreende? Nada farei a Jan Kmam, tem minha palavra. Você vai sair da vida dele pacificamente. – Ariel a tranquilizou, beijando-a levemente.

–Sim, majestade – murmurou ela, junto aos seus lábios, embriagando-o com seus carinhos.

–Eu a amo, minha querida rainha.

– Eu o amo, quero ficar ao seu lado. – disse e o envolveu com beijos.

O vampiro envolveu o corpo de Kara com desejo e, habilidoso, começou a despir suas roupas, enquanto ela se entregava à paixão do rei Ariel Simon.

Capítulo 4 - O Recomeço

Jan Kmam ajustou o cachecol negro no pescoço e puxou o casaco. A marcha compassada e elegante era a mesma que possuía no auge de seus vinte cinco anos de vida mortal. Quatrocentos e trinta e oito anos depois, o passo estava silencioso, mas era o mesmo. As botas eram feitas sob medida e pareciam deixá-lo ainda mais sofisticado e elegante. O casaco bailava ao seu lado e havia olhares femininos sobre ele. O cabelo loiro estava preso por um broche e deixava seu rosto visível. A beleza não se perdera, era o mesmo homem que, em 1572, provou do sangue de seu mestre e se tornou vampiro. O olhar azul que fitou tantas manhãs ensolaradas em Paris agora só conhecia a lua e as estrelas. Não havia pesar ou culpa, mesmo quando matava para alimentar sua fome de vampiro. Só permanecia um sentimento inquietante de solidão e aborrecimento. Tudo andava muito igual, as ruas, os rostos, até mesmo suas vítimas, que ultimamente escolhia com grande cuidado.

Paris estava fria, mas nada para assustar, só para seduzir. Deixou a moto em casa, não era a mesma coisa sair nela sem Kara na garupa. Queria andar e deixar que a noite o tocasse. Gostava de noites frias, principalmente para ficar perto do fogo ou para caminhar e sentir a cidade, visto que ela ficava mais deserta. Conhecia Paris como a palma de sua mão. Os velhos caminhos, que perfazia sem olhar a direção. Era fácil seguir por ruas tão conhecidas que apenas se tornaram mais iluminadas. Seus olhos ainda podiam vislumbrar os lampiões no lugar das lâmpadas elétricas tão claras. No lugar dos carros, ele via belas e negras carruagens, tudo tão diferente à sua visão, até mesmo as mulheres mudavam. Ele queria ver os belos vestidos de veludo e renda. Observava-as seminuas em suas roupas sintéticas e imaginava-as muito mais bonitas cobertas ou vestindo espartilhos de veludo e renda. Mas o colo estava exposto, seios e ombros, pernas e pulsos. Era como caminhar num jardim de rosas. Sorrisos e fragrâncias, cores, cabelos sedosos, bocas rubras e rosadas. Bastava escolher uma delas.

Jan Kmam estendeu a mão e sorriu, a garota aceitou sem medo. Em poucos minutos, estavam juntos em um hotel barato. A luz rosada que envolvia seus corpos os deixava da mesma cor. A mortal estava de bruços sobre a cama e gemia, agarrando-se às cobertas, tamanho prazer que sentia sob as carícias do vampiro. A mão forte passeava sobre o dorso delicado e, quando tocou os cabelos escuros, segurou-os com força. O corpo forte movia-se de modo vigoroso, mas num ritmo prazeroso. A cabeleira loira cobria sua face mudada, o olhar dilatado e vítreo, o prazer o dominava. Ele se afastou e virou a mortal, que o recebeu prazerosamente entre as pernas. Depois beijou o seio da garota e ela sequer notou que ele sorvia seu sangue, enquanto a possuía e a levava a mais uma onda de êxtase. Em dado

momento, a mulher pediu um tempo. Saiu do leito, serviu-se de um copo de água, e foi para a janela observar a rua. Apesar de cansada, sentia-se satisfeita, aquele estranho de olhos azuis a tratara como uma mulher de verdade. Pagou à vista, não fez exigências. Tirou suas roupas, levou-a para a cama e a excitou ao máximo antes de possuí-la. Seu beijo era incrível, ele a tocou com carinho e não errou um gesto sequer. Parecia adivinhar seus desejos, tanto que perdeu a conta de quantas vezes ele a levou ao gozo naquelas últimas duas horas. “Por que um homem como ele recorria a uma garota de programa? Possivelmente sua namorada era careta”, pensou distraída.

Jan a olhava recostada na janela, apreciando seu corpo jovem e firme. Os seios eretos e naturais, as pernas fortes, o ventre chato, o modo como seus pelos negros evoluíam-lhe o sexo. Era magra e pequena, lembrava sua amante. Sentindo-se observada, caminhou de volta para a cama onde estava seu melhor programa em três anos. Ele estendeu a mão e a recebeu no leito, já sentindo seus lábios macios buscando os seus. Trouxe-a para seu colo e retribuiu faminto, retomando as carícias. O pescoço estava mordido, os lábios estavam rubros – ele não os mordia, apenas os sugava, fazendo o sangue brotar. Ela o seguia naquele balé mortal, sem saber ao certo como aquele estranho conseguia despertar seu corpo de modo tão completo. Por um momento, ele acreditou que ela desmaiaria, os gemidos e sussurros o enlouqueciam. O vampiro estava próximo a atingir o gozo. A mortal percebeu, tocou seu peito com carinho e buscou seus lábios num beijo profundo. O gesto trouxe à lembrança a face da amante que o tomou. Podia vê-la nua sob seu corpo, olhando-o manhosa e próxima ao gozo. Furioso, apertou a mortal e a ouviu gemer de dor e se debater confusa com sua súbita agressividade. Puxou-a para junto do peito e, segurando-lhe os cabelos sedosos, mordeu-a. O gemido de dor foi baixo. Ela o abraçou e, por um instante, Jan hesitou surpreso; em seguida sugou o sangue de que precisava e a deixou sobre o leito ainda viva. Percebeu que estava sem ânimo até para matar.

Foi para o banheiro e tomou um longo banho. Vestido, sentou na beirada da cama e olhou a mortal dormindo esgotada. Lambeu seu seio e depois a garganta, levando as marcas da mordida. Deixou mais dinheiro sobre o criado-mudo e partiu.

Minutos depois, já estava na rua, era a imagem de um homem misterioso e de olhar sombrio. No estado de inquietação em que andava, qualquer um que cruzasse seu caminho pereceria. Não sabia ao certo por que poupava aquela garota, ainda podia sentir o sabor de sua pele. Passou pela catraca, inserindo seu passe, e pegou o metrô. De pé, guardando distância dos passageiros, umedeceu os lábios. Ouvia suas mentes, os anseios, as frustrações, os desejos ocultos. Estava corado,

vivo, parecia com qualquer outro mortal. Mas chegou a ouvir pensamentos femininos que sentiam sua beleza e a força de seu olhar como algo sobrenatural.

Felizmente, podia afastar suas dúvidas com um olhar e passar despercebido. Aquela noite não caminharia a esmo como fazia nos últimos meses; tinha rumo certo: a casa de Asti. Minutos depois, estava em *Montmartre*. Antes de encontrá-la, compraria um presente, seria de bom tom. O bairro era extremamente boêmio. Nele floresceram o *Moulin Rouge* e Salvador Dali; e ainda contava com a *Place du Tertre*. Um local movimentado e sempre cheio de artistas e turistas em busca de uma boa lembrança da cidade. Há alguns anos, esteve ali mesmo com Kara, comprando alguns objetos para o apartamento. Terminaram levando chaveiros em forma de chave e coração que até hoje usavam. Havia música e som de risos, além de conversas na praça movimentada, e Jan gostou de se misturar com os mortais e olhar objetos e quadros expostos. Andou por entre as barracas e achou um bom presente para o novo lar de sua amiga. Uma coleção de fotos do bairro *Montmartre* de 1900. A embalagem de presente foi caprichada, a vendedora estava encantada com o olhar azul do freguês e, quando ele pagou em dinheiro e à vista, ficou um pouco perdida, seduzida. Ao longe, havia um acordeom tocando *La Vie en Rose*, e, por um segundo, a letra o deixou melancólico. Caminhou mais uma quadra e viu, num dos postes, o cartaz com o símbolo do bairro – o *chat noir*, o gato preto. Sorriu e entrou no prédio, lembrando que Kara andou comentando que queria criar um gato, talvez fosse uma boa ideia. Subiu as escadas cruzando com uma velha senhora, ajudou-a com as compras e seguiu até o quinto andar. Bateu à porta e esperou. Um segundo depois, pôde ouvir os passos de Asti vindo recebê-lo. Ela abriu a porta e sorriu, dando espaço para o velho amigo entrar. Olhou para fora como se procurasse alguém, mas, ao ver o corredor vazio, fechou a porta e o abraçou com força.

Estava vestida num lindo sári negro e dourado, mantinha os cabelos soltos, somente enfeitados por um fio de pérolas que os dividia ao meio. Aquela era a primeira vez que se viam desde os eventos da Arena. Beijou-o nos lábios e ele retribuiu à altura; quando se afastou, percebeu que ele estava sorrindo com malícia.

Jan estendeu a caixa de presente, e ela riu feliz. O vampiro tirou o casaco e o lenço do pescoço, pendurando-os no armário junto à entrada. Limpou as botas e seguiu Asti, que se mostrava muito animada.

A casa cheirava a jasmim e havia música francesa tocando baixinho. Demétrius adorava Charles Aznavour. O lugar estava decorado de modo exótico e sofisticado. Belas cadeiras de damasco, almofadões, tapetes e esculturas de madeira e pedra. Havia chegado somente há duas semanas e ainda arrumavam a

casa. Demétrius apareceu na sala e recebeu Jan com um abraço. Ele havia se habituado bem à prótese que agora substituíra sua mão amputada.

—É um prazer revê-lo, velho amigo. Tenho algo especial para essa noite, algo vindo de Languedoc. — Demétrius mostrou uma garrafa de vinho bastante antiga. A conversa foi animada e, por algumas horas, Jan esqueceu a melancolia em que estava mergulhado. Tomavam sangue e vinho. Demétrius estava à vontade e vestia uma malha de lã branca, calça jeans surrada, tênis — Jan estranhou vê-lo sem suas roupas negras de Exterminador. Afinal, era melhor tê-lo como amigo, haviam lutado e fora difícil deixá-lo fora de combate. As lembranças do passado agiam como uma febre na mente de Jan Kmam, e isso o deixava cada vez mais sombrio. Afastou a imagem das galerias da mente e notou que eles formavam um belo casal. A vampira parecia feliz com sua nova vida. Não era de hoje que Demétrius amava Asti. Ele a conhecera na noite do Conselho, dançou com ela uma valsa e, desde então, passou a nutrir pela vampira um amor incondicional. Anos depois, ele a viu ser seguida por um vampiro e dois lobisomens que caçava há algum tempo. Ela havia acabado de se alimentar quando foi atacada. Demétrius lutou a seu lado e eles conseguiram vencer, mas, durante o combate, Asti foi arranhada por um dos lobisomens sem que percebesse. Por sorte, Demétrius carregava consigo a poção. Levou-a para sua casa e ficou ao seu lado até que se recuperasse completamente. Por três noites, Asti ficou desaparecida. Demétrius poderia ter procurado Otávio e lhe dito a verdade, mas ele não merecia. Quando se recuperou completamente, a vampira não gostou da decisão de Demétrius, mas, a seu pedido, manteve a ilusão de que estava com alguém. Ela jamais revelou que esteve doente, e não traindo o amante. Apesar de conhecer o desejo do vampiro, ela se manteve fiel a Otávio. Mas Asti já havia passado dos duzentos anos, podia escolher sem medo com quem viver sua imortalidade. Ser feliz! Era isso que realmente importava, tanto para imortais quanto para mortais.

Jan Kmam percebeu na decoração feita de sofás, confortáveis almofadões e tapetes o toque exótico da vampira. Estava nas cortinas, nos vasos, nos quadros e nas cores. Asti colocou as fotos sobre a lareira, elas ficaram ladeadas por dois belos castiçais de prata.

—Adorei o presente, trouxe-me boas recordações do bairro. Ia sempre visitar Lucien.

O nome do pintor fez Jan Kmam observar Asti com atenção redobrada. A vampira percebeu seu interesse e desviou a vista preocupada. Teria Bruce ousado revelar seu segredo? Ela visitou Lucien a pedido do rei, pois Ariel queria que o pintor, e mais ninguém, retratasse Rosa Maria. Não podia levá-la para Paris, temia

o olhar de Otávio sobre a reencarnação da amante de seu favorito. O melhor foi conduzir o pintor até Veneza.

–Ele ainda pinta? – perguntou Demétrius olhando para Asti, próximo à lareira acesa.

–Sim e com a mesma precisão de séculos atrás. Foi Kara quem escolheu o presente? – quis saber Asti, um tanto surpresa com a coincidência das fotos e aproveitando para mudar de assunto.

–Não, eu escolhi. Kara pediu desculpas por não poder vir; contudo, prometeu visitá-la em breve. Mas, me diga, Ariel ainda usa os serviços de Lucien? – indagou Jan, sabendo que Asti teria a resposta.

–Compreendo. Quanto à sua pergunta sobre Lucien, não faço ideia – mentiu a vampira.

Jan Kmam sabia da participação de Asti nos segredos do rei. E se perguntou se ela saberia o que estava acontecendo. Era bem possível. Por um instante, sentiu-se excluído. A amizade entre as duas vampiras havia crescido nos últimos anos, ela deveria saber que Kara voltara a dormir com o rei. Kara a defendera de Otávio, fazendo-a acordar para o tipo de vida que levava ao lado do irmão de Ariel. Muitos diziam que fora a causadora da separação do casal. Contudo, os mais íntimos sabiam da verdade. Otávio obviamente culpou Kara e, num momento de fúria, tentou matá-la. Algo que Jan Kmam ainda não havia conseguido perdoar. O que ele não compreendeu realmente foi o motivo real de a amante se recusar a comparecer àquela primeira visita. Mas, para evitar uma discussão, deixou que ela fizesse o que desejava.

A conversa prosseguiu e o casal revelou um pouco do que ambos fizeram nos últimos dois anos. Demétrius, ao seu lado no sofá, segurava-a pelos ombros e a admirava apaixonado, seduzido por sua beleza exótica e imortal. Havia amor e carinho, e, por um instante, Jan Kmam os invejou. Pareciam tão arrebatados... Desejou que aquele sentimento durasse. Um minuto depois, Demétrius se afastou para atender ao telefone. Quando voltou, pediu desculpas e afirmou que precisava sair. O vampiro beijou Asti nos lábios rapidamente e foi se vestir. Eles não o viram partir, deve ter saído pelo telhado. Afinal, os vizinhos iriam achar estranho encontrá-lo no corretor vestindo negro e usando uma garra de aço no punho. A sós com Asti, Jan percebeu que ela o olhava com muita atenção.

O vampiro acreditou encontrá-la triste e ferida pela distância do antigo amante e mestre. Pelo pouco que soube, quando avisou a Otávio que partiria, ele foi duro, afirmando que, se ela fosse, não precisava voltar. Asti simplesmente se aproximou e o beijou longamente; depois partiu sem dizer mais nada. Ficou em

Paris por algumas noites organizando sua partida e, finalmente, foi para Índia. Jan pôde imaginar sua dor, a solidão; lamentou não estar do seu lado, mas, pelo visto, ela havia conseguido superar a separação.

—O que está realmente acontecendo, Jan?

—Acreditei que nunca fosse me perguntar — afirmou Jan num suspiro cansado.

—Posso sentir a melancolia, esse toque de selvageria em seus olhos. Estão tão escuros — murmurou ela, sentando-se ao seu lado e tocando sua face bonita.

—As coisas não vão bem entre mim e Kara, tudo está desmoronando.

—Kara me escreveu há um ano e relatou que estavam felizes. O que mudou?—
Ela questionou, surpresa e atenta ao amigo.

—Porventura, nessa carta, Kara revelou que voltou a ser amante do rei? — perguntou Jan, amargo.

—De onde tirou essa ideia? Kara jamais faria isso. — Asti se levantou do sofá indo servir-se de um cálice de sangue. — Ela viveu com o rei, mas o acreditava morto, Jan.

Asti percebeu o olhar sério do vampiro, não havia lugar para dúvidas ou suposições — ele havia falado a verdade. Por um momento, a culpa o tocou. Há dois anos, quando passou a carta de Ariel revelando seu amor por Rosa Maria para Kara, ela desejava apenas unir dois imortais que sofriam. Fizera isso sem culpa, Jan Kmam estava morto. A vampira precisava reagir, mesmo que fosse nos braços de um novo amante. Algum tempo depois, Ariel revelou que Kara e ele eram amantes, mas que, como no passado, viviam sua relação em segredo. Estava feliz, mas, ao mesmo tempo, com medo do futuro. Com o retorno de Jan Kmam, mais uma vez ele havia perdido. Não achava absurdo; todavia, não esperava que Kara voltasse aos seus braços com Jan Kmam vivo. Sabê-los juntos novamente era algo realmente novo.

—Kara afirmou que o amava e que Ariel jamais a tocaria novamente como amante, que ele havia se tornado um grande amigo.

—Ela pediu e você permitiu? É isso? — quis saber Asti, surpresa, percebendo o motivo de muitos sinais que viu em Jan Kmam.

—Quando entrei na Caixa, deixei Kara e Ariel livres, sabia que algo aconteceria, mas confiei nela. Então, quando me vi livre da punição da Caixa, procurei Ariel a sós, nós precisávamos falar; contudo, a conversa durou pouco, brigamos como dois cães. A traição de Ariel, o modo como cercou Kara e por fim a possuiu foi vergonhoso!

–Você afirmou agora há pouco que deixou os dois livres. Não houve nada de vergonhoso na união dos dois – a vampira lembrou de imediato.

–Há um pouco mais, minha cara amiga – avisou Jan realmente sentido. – Kara tinha uma dívida com o rei, durante o julgamento da Arena: temendo por minha vida e sentindo-se culpada, ela prometeu se entregar a Ariel caso me deixasse livre. Ele aceitou sua oferta e, logo depois, me sentenciou a dez anos na Caixa. Por isso, Kara o evitava, fugia... Ele a traiu, mas, mesmo assim, continuou tentando seduzi-la descaradamente.

–Eu não sabia. De qualquer modo, lembre-se: Kara só cedeu ao rei quando o soube morto – argumentou Asti, percebendo as artimanhas de Ariel. – Até hoje, não compreendo por que não se mostrou, por que resolveu permanecer morto. Afinal, Petrus não conseguiu pegar a Caixa – lembrou Asti, constatando seu desgosto.

–Ordália me fez acreditar que eles eram amantes muito antes que isso acontecesse. Enfurecido, confrontei Kara dentro do Jardim e a deixei livre para ficar com Ariel. Depois disso, me entreguei ao sono mais uma vez e não esperava despertar. Mas Kara me chamou e eu despertei por seu amor mais uma vez.

–Como pôde ser tão tolo? Praticamente a jogou nos braços do rei. Kara também tem desejos, iguais aos seus. Por que a acredita cega ao fascínio do rei? – questionou Asti.

–Conheço os desejos de Kara o suficiente para saber que ela não é insensível ao poder que Ariel exerce sobre as vampiras, mesmo as comprometidas. Quando sugeri que ficássemos próximos a ele, ela não gostou. No entanto, eu insisti, temendo que ele sucumbisse à tristeza. Conheço bem a dor, podia ver em seus olhos verdes o ciúme que sentia ao nos ver juntos e felizes novamente. – Jan andou pela sala e revelou sincero. – Eu temia que ele nos separasse de algum modo e decidi que deveria dividir sua companhia com ele. Eu estava seguro, Kara recusou seus presentes. Ela só o visitava quando íamos juntos, evitava ficar a sós com ele. Agora, está na sua cama.

–Como ficou sabendo? – perguntou Asti, observando sua confusão e sua dor.

–Vi os dois juntos. Nós tínhamos um acordo, ela escolheria, mas isso ficaria às claras, sem mentiras nem jogos – afirmou Jan, sério.

–Ela sabia disso? – quis saber Asti, muito surpresa como o novo Jan Kmam.

–Sim, mas ela rejeitou a ideia. Disse que estava satisfeita com o vampiro que tinha nos braços.

Jan lembrou suas palavras com pesar. A face estava contraída, havia um misto de dor e revolta.

– Está se recusando a cumprir sua palavra. Deixou ambos livres, o que esperava? Que Ariel não tentasse e que ela resistisse? – ponderou Asti, tentando fazê-lo compreender que ele dera liberdade aos dois e agora se arrependia.

– Não vou dividi-la com Ariel. Sabê-la amante do rei quando despertei não me surpreendeu. No entanto, jamais imaginei que ela pudesse voltar para ele. Eu estou vivo e ao lado dela. Qual a desculpa agora?

– Acredito que não existem desculpas. Você só propôs o acordo porque tinha absoluta certeza de que Kara jamais voltaria para Ariel. – Asti interrompeu-o, vendo claramente a decepção no olhar do vampiro.

– Sim! – afirmou Jan, mais alto do que pretendia. – Ela jamais me traiu, jamais foi capaz. Eu fraquejei, mas até mesmo isso ela pôde suportar, fingindo que não sabia. Como você fez tantas vezes para permanecer ao lado de Otávio. Algo que jamais a imaginei capaz de conseguir.

Jan percebeu que tocara fundo o coração da vampira, que permaneceu de pé, junto à lareira, olhando o fogo. Dentro de seus olhos escuros havia dor e saudade. Sentimentos que ela empurrou para o esquecimento mais uma vez.

– Deve tê-la magoado de algum modo – afirmou Asti, segura.

– Eu nada fiz que pudesse jogá-la nos braços de Ariel. Só permiti e incentivei a amizade entre eles. Eu sei sobre Rosa Maria, paremos de fingir, e sei que a adoração de Ariel por Kara não é de ontem – Jan revelou e viu Asti olhá-lo realmente preocupada.

– Bruce não tinha o direito de quebrar seu voto de silêncio. Espero que não confronte Ariel, Jan, ou Bruce sofrerá as consequências. Ele não podia ter lhe revelado a verdade! – Asti estava indignada. – Veja como está agora, sofrendo duas vezes mais.

– Estou acordado, é diferente. Não o condeno por não me contar a verdade. Só estou tentando entender o que está acontecendo com Kara. As mudanças em seu comportamento são bem reais, eu me sinto diante de um enigma.

– Esqueça Rosa Maria. Ela veio cedo demais e se encontrou com o vampiro errado – disse Asti, temendo que algo tão doloroso voltasse à tona. – Kara está exercendo a liberdade que lhe deu.

– Se eu não houvesse permitido, eles estariam se encontrando do mesmo modo. E, se é tão normal, por que mentir, fingir que nada está acontecendo?

–Eu não tenho as respostas que procura. Mas como pode ser tão cego, Jan? Deu permissão a Ariel para tocá-la novamente. Não percebe como pode tê-la magoado, insultado?

–Kara jamais demonstrou ter sido insultada. Veja minha decisão como uma saída honrosa. – Jan tentava justificar-se, mas agora estava realmente preocupado com sua atitude.

–Honrosa para quem? Você e o rei? Agem como dois cães lutando pelo osso e se espantam quando ele foge. Não subestime Kara, ela é muito poderosa. Além disso, se foi uma saída honrosa, por que sofre tanto? – questionou Asti, andando pela sala.

–Estão mantendo seus encontros em segredo, devo crer que existe culpa? declarou Jan, ferido com o comportamento de ambos.

–Sofreria menos se ela houvesse revelado a verdade? – Asti o provocava em busca de uma reação.

–Provavelmente, sim. Estava preparado para aceitar. Mas, às escondidas, tudo se torna sórdido. Eu a amo e não quero dividi-la com ninguém desse modo.– disse ele, sincero e realmente sentindo-se traído por ambos.

–Você sempre teve pulso forte, jamais imaginei que tivesse uma relação aberta.

–Eu mudei, e Kara também. Não quero perder nenhum dos dois.

–Então fale com Kara, saia das sombras e lute – afirmou Asti, segura.

–Estou me contendo para não exercer meus direitos de mestre e amante. Quando ela volta para casa, sinto o cheiro dele em suas roupas, percebo sua palidez quando ele a toca. Estou farto de bancar o vampiro civilizado e fingir que nada está acontecendo!

Jan tinha os punhos fechados, estava contendo sua revolta e o motivo pelo qual o fazia era seu amor por Kara. Não queria perdê-la e, para tanto, resignou-se a dividi-la, mas a situação se tornava insustentável.

–Sempre soube que a mortal um dia sucumbiria à vampira, mas a rapidez com que isso ocorreu me assusta. Eu não reconheço Kara, ela sumiu – comentou Jan, seguro.

Asti abraçou Jan Kmam carinhosa. Ele fechou os olhos e deixou a cabeça ficar em seu ombro delicado. Havia entre eles amor e uma cumplicidade única. Depois, soltou-o e revelou seus pressentimentos e o real motivo de sua volta.

—Desde que cheguei a Paris, sinto uma grande inquietação à nossa volta. É como uma presença que não consigo identificar. Demétrius acha que estou imaginado coisas, mas meu coração, mesmo morto, não me engana. Há algo errado, mudando lentamente sobre nossas cabeças. Tente não se deixar levar pelas aparências. Isso pode não ser verdade. Você os viu juntos? — Asti parecia profetizar os eventos futuros, mas, sem saber ao certo por quê, não acreditava na traição da amiga.

—Sim, Asti, sob o caramanchão do *château*, trocando carícias. Foi bastante doloroso — confessou Jan, triste. — Quando entrei na Caixa, podia sentia o amor de Kara me rodear como uma capa protetora. Hoje, sinto somente solidão e distância — revelou, num murmúrio triste.

—Kara teve de crescer a ferro e fogo. Pode imaginar o que ela passou sozinha, sem sua presença? — perguntou Asti, tentando fazer Jan compreender. — Eu a vi sofrer com sua suposta morte e confesso não foi diferente de sua dor ao perder Thaís. A maioria acreditou que ela se mataria, pois se jogava em lutas contra vampiros e lobisomens de modo suicida, mas eles não eram páreo para sua espada e morriam.

Desde que Jan Kmam chegou, Asti percebeu seu olhar sombrio, o brilho frio, os instintos de predador dominando cada gesto e cada ato. Asti conhecia todas as tentativas frustradas de Jan Kmam de encontrar uma companheira para viver ao seu lado na imortalidade séculos atrás. Kara era sua Amanda, sempre seria.

Ele estava sedento, era o terceiro cálice de sangue que bebia. Já estava com quase 500 anos para sentir tanta sede. O certo é que viera buscar seus conselhos, ouvir sua voz e tentar encontrar uma saída.

—A única coisa que manteve Kara viva foi o desejo de vingança. Não a julgue por entregar-se ao rei. A dor e a solidão fazem coisas estranhas com o coração de um vampiro. Mas você voltou, e ela ficou ao seu lado. Pare e pense — argumentou Asti, tentando fazê-lo ver que precisava reagir. — Vai deixá-la ficar com outro?

—Asti, ela não tem outro, Kara está com o rei dos vampiros. É bem diferente. Como posso competir com o rei? Ele venceu, conseguiu conquistá-la onde eu falhei. Há alguns meses, conversamos abertamente. Kara revelou amá-lo tanto quanto me ama, mas revelou ter escolhido ficar do meu lado. Esta é a verdade.

—Se a ama, lute por ela. O amor de vocês não é algo comum. Kara vem se repetindo há séculos para ficar ao seu lado. O que a faria desistir agora? — Asti continuava instigando sua reação.

A revolta do vampiro era visível, e agora Asti compreendia por que Kara não o acompanhara naquela visita. Certamente estava evitando uma discussão para não partir em definitivo para os braços de Ariel. Jan, no entanto, era uma bomba-relógio com data certa para explodir.

—Você é o favorito do rei, ocupou seu lugar durante a Arena... Por que está se menosprezando? Sei que pode tanto quanto ele — brincou a vampira, referindo-se ao poder de possuir uma vampira completamente. Ela mudou o foco, pois temia um confronto entre ele e Ariel.

—Porque fui traído por meu rei e minha amante, isso não basta? — desabafou, afastando-se dela, que só tinha gesto para tentar consolar sua dor.

—Não se ela declarou, então não existe traição. Você, sim, a traiu com aquela mortal sem graça. Veja a diferença, mas sempre existe uma saída, a menos que não a queira de volta. É isso?

—Não a vejo confusa, ela sabe bem o que está fazendo. Contudo, não vou continuar dividindo-a com Ariel. Não tenho o ânimo de Otávio — revelou tenso, sem perceber que ofendia a amiga, cego pela revolta.

—Não seja cruel! Aceitei a traição de Otávio por amor.

—Desculpe-me, Asti. Não falava dos casos de Otávio, apenas me lembrei de quando ele me permitiu possuí-la por uma noite. Isso jamais mudou nosso relacionamento — corrigiu Jan.

—Por que a ama e, na ocasião, só me desejava? — Asti quis saber sem demonstrar que se magoara.

Jan Kmam se aproximou de Asti e a tomou nos braços. O beijo foi intenso e cheio de ímpeto. A princípio, ela não o empurrou, mas, quando ele tocou seu seio sob o sári, ela o afastou vigorosamente.

—Vê a diferença?

—Isso não foi um bom exemplo, Jan.

A vampira percebeu quanta mágoa ele vinha carregando dentro de si. Estava destroçado com a traição da amante e do vampiro que tinha como um irmão. E o perdoou pelo gesto tresloucado.

—Sei que saberá tomar a melhor decisão, apenas pare de ferir a si mesmo. O silêncio que está mantendo o machuca bem mais do que pode imaginar.

—Eu não sei com quem estou vivendo. Só quero Kara de volta — murmurou Jan. — Todavia, tenho algo maior para me preocupar. Seth está livre.

–Sim, desde que o soube livre, vejo Demétrius alerta. Pelo menos agora, sabe o motivo pelo qual ele foi sentenciado – disse Asti, fitando Jan.

–Matou Rosa Maria, e sua liberdade significa que teremos de cuidar melhor de nossas cabeças. Agora entendo por que ele ordenou o roubo da Caixa. Estava se livrando dos inimigos um a um para o seu despertar – disse Jan, misterioso. Seth recebera uma das maiores sentenças atribuídas a um vampiro no mundo civilizado. Ela expressava o preço por ferir o rei. No fundo, Jan sentia que não teria feito diferente: se alguém tocasse Kara com violência, encontraria a morte dolorosamente. Ariel fez o mesmo por ela, quando renasceu como Rosa Maria. Uma alma estranha e poderosa que insistia em buscá-lo incansavelmente. Pena ele estar adormecido e ferido, e ter sido substituído em presença por Ariel Simon.

–O Livro chamou Demétrius e Frigia, ele pressente algo. Além disso, Togo tem se comunicado com ele com muita frequência. Acho que vigiam Seth bem de perto, temendo um ataque ao rei ou à sua campeã – afirmou Asti, afastando-se de Jan Kmam. – O que sei é que estamos vivendo uma paz ilusória.

–Não duvido que ele tente algo contra o rei. A verdade é que estamos todos em alerta. Tenho procurando Petrus desde que despertei. Meu maior desejo é fazê-lo em pedaços, mas, infelizmente, ainda não consegui pôr minhas mãos sobre ele.

Jan Kmam esteve perto de matá-lo duas vezes, mas o vampiro era escorregadio e conseguiu desaparecer. Com a libertação de Seth, ele temia represálias contra Kara. Estando tão perto dele, era um alvo para a ira dos inimigos do rei.

–Apesar de jamais tê-lo visto, estou ansioso por cortar sua cabeça. Graças a ele, fui dado como morto por mais de uma vez dentro da imortalidade.

–Acautele-se, Jan. Todos sabem que ele tramou o roubo da Caixa, mas não existem provas, nada pesa sobre Seth. Entretanto, se matar Petrus, vai trazer o antigo favorito do rei aos seus pés. Ele é o último de seus herdeiros de sangue, e Seth não gostava de ficar só. É um vampiro que ama de forma doentia todos os que criou através de seu sangue.

–Isso será um grande prazer. O maldito me vendeu para os dois lados – Jan acusou, aborrecido.

–Kara ainda procura Petrus?

–Ela anda mais vaidosa que guerreira ultimamente – comentou. De certo modo, preferia sua atitude. Não gostava quando se arriscava tanto. – Soube do baile? – perguntou Jan, mudando de assunto.

–Sim. Os convites ainda nem foram enviados e a comunidade já está em suspense. O Senhor dos Lobos aprovou a ideia, vamos finalmente declarar união entre as duas espécies. Acho um grande avanço, e sei que Ariel e Darden buscam isso há muito tempo.

–Iremos todos juntos. Será um grande evento – disse Jan, mais animado.

–Não sei se irei. Acredite-me, tudo que menos desejo é um incidente com Otávio e Demétrius.

–Otávio saberá nos ignorar, disso não duvide.

–Sim, saberá.

Jan Kmam e Asti sorriram cúmplices, adivinhando a reação mais provável para o ex-mestre. Ele partiu e Asti experimentou aquela estranha sensação assaltá-la novamente. Um pedido de socorro, uma presença forte que a chamava e avisava do perigo.

Capítulo 5 - A Recompensa

Montanhas Baikal – Sibéria, Rússia, 48 a.C.

O vento frio que vinha do Lago Baikal balançava a floresta de taiga suavemente, fazendo as altas e ralas árvores sussurrarem. Misha caminhava em silêncio, perdido em seus pensamentos. A floresta às margens do lago era parte de seu mundo, e ele o conhecia muito bem. Pescava ali todos os dias para sobreviver com sua família. O cheiro do peixe omul espalhava-se no ar e impregnava suas mãos ásperas. A noite estava clara e a Lua podia ser vista iluminando o lago como se ele fosse feito de prata. Havia silêncio e expectativa, algo pairava no ar além do odor vindo do lago, mas Misha ainda não havia percebido. Ele só conseguia pensar em Sibilla, a jovem que vinha namorando às escondidas. Eles haviam descoberto o sexo juntos e ficar longe era difícil aos 18 anos, tanto na modernidade quanto em 48 antes de Cristo. Levava uma hora de caminhada para ir e voltar. Do ponto onde estava, via a cabana de sua família – ela parecia encravada nas rochas e dentro da floresta. Teria de entrar silenciosamente ou seria repreendido por seu pai, mas valeria a pena. No caminho de volta, decidiu que casaria com Sibilla. Temia que ela estivesse grávida. Não queria problemas, estava decidido a tomá-la como esposa. Puxou o casaco de pele de urso e continuou andando. Misha, apesar de jovem na aparência, era um homem feito, alto e forte, a pesca dera-lhe ombros largos e um físico invejável. Mantinha os cabelos castanho-claros curtos e o rosto sem barba. O olhar era tão verde como as folhas da taiga.

Estava há poucos metros de casa quando sentiu um odor forte, era urina de lobo. Preveniu-se, pegou sua faca e ocultou-se como pôde. Nesse momento, ouviu gritos e rugidos. Olhou em direção à cabana e viu o fogo. Seu coração acelerou, saiu de seu esconderijo e começou a correr em direção à tosca moradia. A visão do fogo destruindo o que conhecia como lar o chocava. Reconheceu os gritos de seu pai, de sua mãe e dos irmãos. Ele sequer viu quem o agarrou; simplesmente sentiu o impacto e o puxão nas roupas. Foi contido com rapidez, braços para trás, uma mão enluvada sobre os lábios. Ele se debateu como um cavalo e bufou. Todavia, o homem que o detinha com tanta facilidade não o soltou. Não era maior que ele ou mais robusto, mas sua força não parecia a de um homem normal. Misha sentia-se esmagado por uma pedra! Nesse momento, ouviu-o falar junto ao seu ouvido:

–Eles estão nos cercando, olhe dentro da floresta.

Misha se conteve por um segundo e realmente pôde perceber que vultos negros e rápidos moviam-se pela escuridão. Não havia como definir bem se eram homens ou lobos. Havia rugidos baixos e o som de suas patas no solo. Eles não

estavam querendo se esconder, estavam caçando alguém. O estranho diminuiu a pressão sobre seus lábios e, ainda o segurando, começou a correr. Ele viu o lago e não acreditou na rapidez com a qual o estranho chegou às suas margens. Ele o soltou de qualquer jeito no chão e se afastou, parecendo se preparar para lutar. Misha ficou de pé e observou o homem que aparentemente o salvara. Ele se trajava como um guerreiro, o casaco que vestia era pesado e a gola de pele era lustrosa e negra. Na cintura larga, havia duas espadas e uma adaga, as botas eram grossas e pesadas. Era possível ver o cabo de uma adaga em ambas. O desconhecido mantinha o cabelo castanho comprido penteado numa trança longa, e em suas mãos havia uma tatuagem. Ele traçou um grande círculo e ficou no centro, empunhando duas espadas gêmeas.

–Se quer ficar vivo, não saia do círculo e não se mova. Se correr, eles o matarão. Entendeu?

O estranho o advertiu e cruzou as espadas. Misha agora podia ouvir, assim como ele, o rugido e o som das patas – eram lobos. Saíram da floresta e, sob a luz da Lua, ficaram visíveis. Havia cinco deles, dois estavam na forma humana; os outros três já haviam se transformado em lobisomens. Misha arregalou os olhos e não se moveu por puro pavor. Sua mente não compreendia como aqueles homens andavam com lobos. Mas pôde ver quando um deles deu ordem para que o atacasse. O lobisomem avançou, e sua cabeça rolou em questão de segundos. O segundo tentou um salto, mas acabou cortado ao meio e, quando o terceiro deles fez menção de avançar, o homem o deteve. Seu salvador se moveu pelo círculo com elegância e esperou por mais.

–Para trás, Dilermando.

–Vejo que age com sabedoria chamando seus cães, Darden.

O Caçador falou observando os corpos dos lobisomens mortos mudarem e tomarem a forma humana. Misha, espantado demais, percebeu que estava diante de uma lenda que se fazia bem real. O terceiro ainda estava transformado e era assustador. Babava, e só estava parado porque seu senhor o conteve.

–Me entregue o garoto – pediu o Senhor dos Lobos em tom de ordem.

Misha mantinha-se imóvel, mas tremia de medo. O olhar dos homens estava sobre ele, ameaçador. Pareciam prontos a estraçalhar sua carne.

–De modo algum, ele é mortal e vai continuar assim. Não tem poder sobre sua vida.

–Ele me pertence como sua família, agora morta. – Darden reagiu, estava cansado de lidar com a Ouroboros.

–O que fez à minha família? – Misha avançou de faca em punho.

O Caçador tomou a faca de sua mão e o golpeou fazendo cair ao chão de modo brusco.

–Está diante de imortais, comporte-se.

O aviso foi dado pelo Caçador de forma dolorosa, mas não diminuiu a revolta de Misha, que agora sabia que sua família estava morta, massacrada por aquelas estranhas criaturas. No chão, sentindo o gosto de sangue nos lábios, ele viu um dos homens se aproximar e começar a falar de forma decidida.

–A inferioridade deles é espantosa. Quantos séculos mais precisarão para evoluir e compreender que não são únicos? – comentou Edgar, um dos homens de Darden, ao observar o mortal caído no chão.

–Talvez uns cinco mil – respondeu o Caçador a Edgar.

–Obrigado, Caçador, mas eles nunca saberão nos respeitar.

Darden, o Senhor dos Lobos, falou, e sua aparência misteriosa e ameaçadora fez o mortal recuar. Ele fitava o jovem Misha como se ele fosse um animalzinho.

–Acho que deve saber por que matei sua família.

–Maldito lobisomem!

–Tolo! Eu nasci do ventre de uma loba. Sou bem mais que uma besta assassina. Só não vou matá-lo agora mesmo por me insultar porque está sob a proteção de um Caçador. Sua família se corrompeu, deixou de ser inocente quando protegeu um vampiro. Nossos mundos não devem se misturar. Então, não me culpe por derramar seu sangue e comer sua carne.

–Ele de nada sabe, é inocente, e por isso será poupado. Recolha seus cães e volte, está longe de casa – avisou o Caçador com uma expressão vitoriosa na face. Afinal, o mortal havia conseguido insultar Darden.

–Foi melhor assim, garoto. Não se sabe o que pode nascer na próxima geração – afirmou Edgar, fitando o mortal com frieza e até nojo.

–Não quer saber se tive sucesso onde você falhou? – perguntou Darden, expondo uma questão delicada para a Ouroboros.

–Se houvesse capturado Desirée estaria com sua cabeça nas mãos.

–De fato, ela conseguiu fugir mais uma vez. Mas não deve estar muito longe. Talvez tenha fugido para as montanhas ou para dentro do lago, esperando nossa partida.

Darden e seus homens olharam o lago. Realmente não estavam dispostos a se molhar. Haveria outra oportunidade.

—Não duvido. Já fez o que era seu direito, agora vá embora. — O aviso não intimidou o Senhor dos Lobos.

—A vampira precisa ser detida, e logo, ou porá fim às negociações do Pacto. Eu não vou suportar seus ataques à Alcatéia em silêncio. O passado que ela cobra no presente vai destruir a paz tão duramente conquistada. Avise a Belizário que a detenha.

—Não sou seu menino de recados, fale você mesmo. Ele está em Roma com Radamés.

—Sim, por que falar com o servo se posso me dirigir ao senhor? — Darden foi cruel.

—Sim, Darden. Vá até meu senhor e suplique por liberdade para seus cães — rebateu o Caçador, vendo o olhar de Darden mudar.

Darden expôs os dentes pontudos, o olhar se tornou claro, mas ele se controlou facilmente. Inclinou a cabeça cumprimentando o Caçador e sumiu com seus homens.

Havia terminado, por enquanto. O Caçador puxou do casaco um pequeno frasco e derramou algumas gotas do conteúdo sobre os corpos dos lobisomens. Uma faísca foi o suficiente: os corpos se incendiaram e o fogo os consumiu rapidamente. O Caçador começou a andar em direção à cabana. Misha o acompanhou na volta para o que restou de sua casa. O fogo havia consumido tudo. A manhã chegara e o sol frio tocava pedras e paus enegrecidos; ainda havia fumaça. O jovem caiu de joelhos no chão e pranteou a morte do seu mundo. Nada lhe restara.

— Foi melhor — pensou o Caçador. —Ele não suportaria ver os corpos estraçalhados, o sangue. Enlouqueceria. Só aumentaria sua aflição e revolta.

O Caçador continuou sua missão, andou pelos escombros e achou a abertura que levava ao porão. Não era uma abertura comum, mas ela existia naquela cabana por um bom motivo. Misha secou as lágrimas da face suja de cinzas e viu o homem saltar pela abertura que jamais havia visto. Ali era o quarto de seus pais, o quadrado perfeito levava a um túnel feito de pedras. O Caçador seguia em frente e não se importou com o jovem que o acompanhava logo atrás. No fim do corredor estreito, uma câmara. Nela, caixões de pedra, mas eles estavam vazios. A missão fora um fracasso, Desirée continuava livre. Mas, aparentemente, não estava ali

durante o ataque, ou teria sido descoberta, pois havia pegadas e o cheiro dos lobisomens no túnel. Eles estiveram ali.

Misha olhava o dia e não sabia o que fazer. O Caçador sumiu por alguns minutos e, quando voltou, estava montado sobre um cavalo e trazia mais um pelo estribo.

– Você pode ficar ou vir comigo. A Ouroboros pode lhe dar uma nova vida, é jovem e pode lutar contra as criaturas que viu e vingar sua família. Se passar no teste, pode ser um Caçador. Vamos, escolha e depressa, não costumo sequer falar com mortais, quanto mais lhes dar escolhas – o homem avisou rude. Misha subiu no cavalo e ajeitou o casaco sobre os ombros. Ele seguiria qualquer um que o ajudasse a dizimar as criaturas que destruíram sua família. Não havia mais passado, só o futuro e sua promessa de vingança.

O vampiro despertou de um salto e olhou à sua volta. O pesadelo o acordara, e as imagens bem reais fizeram seu coração morto bater involuntariamente. Ele não pôde escolher ser um Caçador. Cinco noites depois, Desirée o encontrou e fez dele um vampiro.

Lorde Misha havia cochilado no sofá da sala de seu apartamento. Estava sozinho, tocou os cabelos e observou a semiescuridão à sua volta. Ele já havia percebido a vampira que o observava das sombras. Não se assustou com sua presença, só quis entender por que ela resolveu procurá-lo. Desirée estava parada nas sombras havia bastante tempo, observando seu ex-pupilo dormir. Não tocou seus sonhos, ela sabia o que o afligia, o que o fazia despertar com o coração aos pulos. Saiu das sombras e o fitou com atenção. A beleza do vampiro sempre a seduziu. A altura, os ombros largos, o olhar claro, os cabelos castanhos. Havia no seu rosto uma beleza suave e, ao mesmo tempo, triste. Mas sua face se iluminava quando sorria e expunha os lindos caninos.

–Não entendo como suporta Valdés, ele é tão rude – disse Desirée, caminhando pelo apartamento com tranquilidade.

–Por que entrou pela janela? Acreditou que não abriria a porta para você?

–Do nosso último encontro ainda guardo algumas cicatrizes. Além disso, queria ficar na sua presença sem que me olhasse e julgasse. Vê-lo dormir, hoje, me trouxe muita alegria, algo que não sinto há mais de cinco séculos – disse a vampira, sentando-se na poltrona à frente de Misha.

–Também estou feliz em revê-la, achei que tinha perecido durante a Guerra do Pacto.

–Não lutei. Mas soube que combateu bravamente e matou muitos inimigos de seu “amado” rei – Desirée debochou da lealdade que o vampiro desenvolveu por Ariel.

–Por que não?

–Não me alio a lobisomens e tampouco a vampiros. O Pacto jamais me impediu de derramar o sangue dos que me desafiavam. Pouco me importa se ele está inteiro ou feito em pedaços.

–Mas o que a traz a Paris? – perguntou Misha, percebendo que suas ideias ainda eram as mesmas.

–Fiquei 200 anos longe de você, só que manter a distância de quem se ama é difícil. Mas acredito que até resisti bem.

–Deixamos de ser amantes quando o Pacto foi assinado. E amor não foi exatamente o que nos uniu na imortalidade. – O vampiro a lembrou de seus pecados com frieza e rancor. – Soube que adotou Fabian... – Ele mudou de assunto, fugindo do olhar magoado da vampira, que insistia em manter sentimentos por ele.

–Fabian tem sido um bom aliado, vivemos juntos e tentamos nos proteger. Ele não fala muito, mas gosta de matar os cães. Claro, não é tão bom quanto você com uma espada em mãos.

–Nunca se cansa de matar?

–Eles continuam vivos e se multiplicando, por que deveria parar quando Darden e sua maldita Trindade ainda resistem? Você matou todos os seus inimigos, Misha? – perguntou ela, seca.

–Sim, e silencieiei o clamor da vingança e do sangue dentro de minha alma. Faça o mesmo. – Misha aconselhou-a, cansado daquele mergulho no passado.

–Acredito que somente os levando à extinção conseguiria paz – observou a vampira, amarga.

A vampira se moveu pela sala e o casaco longo que usava a seguia de modo suave, deixando visível a ponta da espada. Sentou-se no braço da poltrona e seus cabelos escorregaram por seu ombro como um véu cor de cobre. O olhar azul estava fixo em Misha. Seu belo e jovem rosto o encarava. Ela fora imortalizada com 19 anos e guardava todo frescor de sua juventude e beleza. Os lábios eram carnudos e lembravam um botão de rosa. Poderia ser facilmente confundida com um anjo se não tivesse no olhar um brilho demoníaco e perverso. Misha notou o cabo do punhal no lado interno da bota, o corpo esbelto e forte.

–Somos vampiros, é fácil enterrar o passado. Feriu Darden, tirou dele sua esposa e quase matou seu filho. Não foi o suficiente? – lembrou Misha, nada

satisfeito com o rumo da conversa.

—Não, não foi. Eles me tiraram tudo.

—Refaça sua vida. Você tem conseguido se manter viva há séculos, mesmo tendo sua sentença de morte decretada pelos dois lados. Basta, Desirée! Está desperdiçando sua imortalidade com essa guerra pessoal.

—Não, não basta! Não há paz para mim e não haverá para Darden e seus herdeiros. Ele agora está mais frágil do que nunca. Iago é pai, tem filhos e uma companheira. É perfeito – disse Desirée, maligna.

—Chega! Não me conte seus planos ou eu a impedirei de praticá-los. O que veio fazer aqui? – perguntou Misha, gelado, tentando fazer com que ela fosse embora.

—Quero que pare de fingir que parou de odiar os lobisomens e lute comigo – ela convidou, cega para a verdade, pois Misha jamais se voltaria contra os Poderes.

—Desirée, você me fez imortal, me ensinou as leis, as regras, me levou diante do rei, do Livro. Como espera que eu me torne um fora da lei quando tudo o que desejo é paz?

—Leis e regras que jamais nos deram o direito de lutar livremente. Paz? Isso não existe dentro da imortalidade, quando se tem Ariel como rei e Darden como inimigo – rugiu ela, furiosa. – Como posso chamá-lo de rei? Ele é amigo do Senhor dos Lobos quando deveria cortar sua cabeça.

—Quero que vá embora. A visita acabou, não vou lutar a seu lado e não quero ter de enfrentá-la como inimiga. – O aviso do vampiro foi sincero.

—Vim procurar meu antigo pupilo, meu amante. Mas vejo que ele morreu com Beliza. – Desirée o lembrou e riu maligna.

—Beliza não morreu; você a matou, Desirée – lembrou Misha, hostil.

Ela semicerrou os olhos e se sentiu muito distante até mesmo de Misha.

A vampira jamais revelou a ele o motivo de sua vingança. Tudo o que Misha sabia era que ela e sua família haviam sido atacadas por lobisomens. Ela foi a única sobrevivente e fez de tudo para se tornar forte o suficiente com o propósito de lutar contra eles. Desirée virou vampira para se vingar, abriu mão de sua mortalidade para matar seus inimigos.

—E de que adiantou? Ela ainda vive dentro de você como uma doença!

—Vá embora! – ordenou Misha.

—O sangue de nossos ancestrais ainda clama por vingança. Você os traiu quando dormiu com aquela cadela, cuspiu neles quando se aliou a Ariel. Você deu

as costas para mim quando defendeu o Pacto.

–Foram seus crimes que mataram minha família, a sua foi morta por outro motivo. E sobre este crime você jamais ousou me dizer. – Misha estava bem perto dela agora. – Por que não me diz a razão de ter sido atacada?

–Você é uma vergonha para o sangue de nossos pais e irmãos que morreram sob as garras de um lobo. Nada sobrou de nossa família. Somos os únicos, Misha... – Desirée desconversou.

–Quando compreenderá que não pode viver eternamente na casa do ódio?

–Eu não estou viva, eu morri quando um maldito lobisomem provou de minha carne! – Ela deixou espaçar algo concreto em quase mil anos de silêncio.

–Desirée, o que aconteceu? Por que jamais ousou falar?

–Um dia você vai compreender o tamanho do crime deles e vai se perguntar o que está fazendo ao lado do inimigo.

–Desirée?

A vampira já havia desaparecido pela janela. Misha olhou a rua e nada mais viu. Ela era muito poderosa. Fugia havia séculos, era quase invisível, a prova viva de que a imortalidade era um dom diferente para cada vampiro. Seu desejo de vingança era imortal como ela mesma, e nada nem ninguém conseguia detê-la quando Desirée estabelecia um alvo.

No momento, seu alvo era a família de Iago, mais precisamente seu filho, o futuro da Alcatéia. Desirée caminhava sozinha, enquanto lágrimas de sangue molhavam sua face. A solidão a devastava, jamais tivera um mestre. Misha foi o alento que teve dentro da imortalidade. Ela o amava profundamente, o único vampiro que se permitiu amar. Mas até mesmo ele foi incapaz de seguir seus passos e manter-se firme na vingança contra os lobos. O silêncio era seu único companheiro junto às lembranças de sua maldição.

Capítulo 6 - As Suspeitas

Frigia seguiu os rastros deixados por Vitor. O seu cheiro ainda estava no ar, mas sua presença havia se perdido. Para ela, não havia dúvidas: seu amante estava morto. A ligação que havia entre eles se perdera. Ela ouviu seu pedido de socorro, sua mente tentando alcançar a dela no adeus, e depois o silêncio. Ficou durante uma hora imóvel dentro das sombras. Tentava controlar o coração que batia dolorosamente. Não houve lágrimas, não se permitiria chorar e perder o equilíbrio, a clareza de raciocínio. Sequer sabia se tinha lágrimas para chorar. Desde que o Livro a tocara e a trouxera para servi-lo, seus sentimentos, a forma de expressá-los, tudo havia mudado. Talvez o Livro vertesse Seiva por ela, afinal, dividiam sentimentos. Mas a dor de perder o primeiro vampiro que amou existia e era bem real. Nada sentira por seu antigo mestre.

Ali, na escuridão, lembrou-se do apartamento que dividiam em Moscou; Vitor quebrou sua frieza, a fez amar e sorrir. Mas só entre aquelas paredes. Lá fora, era a Exterminadora. A princípio, teve medo de se entregar ao amor que ele demonstrava sentir por ela, mas ele parecia o próprio Sol derretendo um iceberg. Quando estava em seus braços, sentia-se amada, seu corpo reagia ao dele, havia prazer e companheirismo, algo que jamais imaginou conquistar dentro da imortalidade. E, agora, ele se fora. Havia um grande vazio dentro de sua alma, em seu peito. Algo realmente novo. Só se prometeu duas coisas: capturar o responsável e levá-lo diante do Livro. Sua morte precisava ser dolorosa, como a dor que havia provocado nela.

Uma hora depois, Demétrius apareceu e ficou a seu lado no telhado. Esperou seus movimentos. Não expressou sentimentos de pesar, sabia que ela não os aceitaria.

—Pode sentir?

—Sinto sua dor, e ela me incomoda bastante, Frigia. O que aconteceu?

—Vitor foi morto. Um vampiro o levou à exaustão. Nada sobrou, nem mesmo as cinzas. A criatura tem grande poder, o Livro o percebe, mas não consegue dizer quem é. Algo o impede, talvez magia, ou somente seu poder de vampiro e imortal. A ordem é capturar a criatura e levá-la ao Templo — sua voz era a mesma de sempre. Mas seu olhar estava escuro, negro como o de um demônio. Era a dor que sentia.

—Sim, eu ouvi as ordens. Algum suspeito?

—A campeã do rei.

–O Livro não tem um suspeito. Por que está seguindo a campeã, Frigia?

–Vitor saiu para vê-la essa noite. Encontrei seus rastros, e eles me levam até o Ritz. Ele entrou naquele hotel e não mais saiu.

–Eles eram amigos muito antes de serem imortais. Não acredito que ela o tenha matado. Além disso, é preciso ter pelo menos mil anos para exaurir um igual até as cinzas. Temos suspeitos com mais inclinações para tanto, como Seth, por exemplo.

–Ela é filha dos antigos. – justificou pensando nos Anciões e seus herdeiros de sangue. – É tudo que tenho, seu destino. Em algum ponto, ele foi morto. Não há marcas ou cheiro, nem sinais de luta. Vitor teria resistido se fosse surpreendido por Seth, mesmo não o conhecendo – afirmou Frigia, olhando os mortais abaixo de seus pés.

–Tem razão. Temos um inimigo poderoso à solta. Agora entendo o motivo de o Livro querê-lo vivo. Há séculos não temos um sacrifício de sangue.

Demétrius compreendeu seu desejo por vingança. Ordália odiava a campeã. Desde que fora trazida a imortalidade trazia distúrbio e caos ao mundo sobrenatural.

–Será um prazer ver seu fim – disse Frigia, serena.

Os dois vampiros saltaram do prédio e seguiram o último rastro deixado por Vitor. Os rastros não eram visíveis a olho nu, nem mesmo pelo infravermelho. Era algo para os sentidos dos Exterminadores. O Livro dera àqueles dois seres poderes para executarem seus desejos. Eles conseguiam sentir o cheiro daqueles que perseguiam, as emanções de sua energia. Pequenas gotas de sangue, o toque de suas mãos em uma parede. Pistas que nem mesmo um cão farejador conseguiria ver ou sentir. Estavam próximos ao hotel quando sentiram a presença de outro vampiro.

Os dois pararam e, por alguns minutos, somente se comunicaram por meio de pensamento. O Hotel Ritz estava a poucos metros, mas a presença do rei dos vampiros os impedia de se aproximar. Antes que juntos tomassem uma decisão, Frigia assumiu a dianteira, sem medo, andou pela calçada, escalando a parede. Seus movimentos não foram percebidos e, em pouco tempo, ela conseguiu localizar a janela. A cortina estava fechada, mas Frigia viu pelas dobras do tecido tudo que precisava ver. Não ficou diante dela mais que um segundo. Foi para ao teto e lá ficou esperando Demétrius que, depois de um minuto de indecisão, fez o mesmo. O que eles viram precisava ser dito ao Livro, mas ambos não sabiam se seria o melhor a ser feito. O que viram naquele quarto era parte da intimidade de seu rei. A vampira era comprometida, a situação pedia cautela. O rei estava

distraído, mas podia sentir a presença dos dois. Resolveram partir antes de serem percebidos pelo rei.

Capítulo 7 - As Anciãs

As vampiras do Templo haviam se reunido na câmara de Ordália. Após o aviso dos Exterminadores, elas despertaram e não mais encontraram paz. A vampira estava deitada em seu divã e não compactuava do mesmo receio de suas companheiras. Na verdade, ela estava bastante calma e segura da decisão tomada. Apesar de serem todas bastante poderosas, elas sabiam que deveriam se render ao poder da primeira consorte, e esta era Ordália. Seu poder era superior ao de qualquer uma delas, e se fosse atacada pelas demais, o Livro revidaria logo depois. Sua criada estava sentada aos pés do divã e mantinha a vista baixa. Não ousava encarar nenhuma delas. A jovem turista fora atraída para o Templo e de lá não mais saiu. Sequer se lembrava há quanto tempo vivia ali, cuidando da vampira e de seus objetos. Havia acabado de lavar seus longos cabelos loiros. Estavam soltos e secavam, o cheiro de seu perfume estava na câmara. Ela vestia uma túnica de linho bordada com fios de ouro. As sandálias no chão eram feitas de couro e adornadas com pedras e peças de ouro puro.

—Devemos fazer algo. A situação é alarmante! — argumentou Thessália, vendo o semblante nada preocupado de Ordália.

—Não faremos nada, não agora — esclareceu Ordália, observando suas irmãs de sangue. No rosto delas só pairava o medo.

—Nosso mundo está em perigo, Ariel está se deitando com a cobra egípcia, e você nada faz para impedir. Como primeira consorte, deveria alertá-lo — reclamou Thessália.

A vampira estava indignada. Thessália amava profundamente Ariel e o protegeria a qualquer preço. Os cabelos negros estavam soltos, e ela vestia apenas uma túnica transparente. Vinha do leito, certamente deixara Tavalus adormecido. A maioria despertou sozinha e estava em trajes de dormir, era dia do lado de fora do Templo. Seus companheiros dormiram, eles não eram sensíveis à energia de Ariel; elas, sim, o tinham bem perto.

—Não serei ridicularizada. Ariel jamais acreditaria; ao contrário, pensaria que certamente estamos fazendo intriga. Não há como expor a vampira por enquanto. Não sei por que motivo estão tão alarmadas, Afrodite está no corpo da campeã há um ano.

—Como pode permitir que Afrodite conquiste tanto? — quis saber Zoraia, aborrecida e enciumada como as outras.

—Irmãs, peço que se acalmem — disse Ordália, disposta a trazê-las para seu lado; era o mais sábio a ser feito.

As vampiras haviam literalmente invadido seus aposentos. Estavam completamente alarmadas com o retorno de Afrodite. Sua presença foi captada no dia que deixou o Jardim, o que elas não descobriram de imediato é que ela estava vivendo próxima à campeã do rei. Ordália a sentira desde a primeira noite; tinha um plano e não o mudaria. Ela pôde sentir a agonia de Kara quando Afrodite se apoderou em definitivo do seu corpo. Viu tudo e nada fez... “Ela bem que mereceu!” — Assim pensava Ordália vendo sua alma ser literalmente arrancada do corpo e jogada no vazio. Ela percebeu que a vampira perdera a consciência e flutuou no ar, indo para o Jardim. Sua alma ainda não havia se perdido, mas, em breve, nada restaria de sua consciência, e ela seria sugada para o vazio, uma espécie de plano onde a alma vira energia. Lá ficaria e, se fosse o caso, só conseguiria voltar à Terra por meio de reencarnação como mortal. Seria o fim de sua jornada como vampira. Talvez desenvolvesse dons especiais ainda vindos de sua alma imortal. Ou simplesmente mergulhasse na matéria. O certo é, que Ordália vislumbrou o fim de pelo menos uma de suas inimigas. A troca não fora justa, mas pelo menos ela tinha absoluta certeza de que Ariel jamais aceitaria Afrodite, que levaria o rei a destruir tanto Kara quanto Afrodite. Depois? Depois, só haveria as vampiras do Templo.

—Afrodite tem um plano, e ele certamente se baseia na destruição de Ariel e dos Poderes — disse Ordália, segura. — Se a contivermos agora, ela não vai mostrar o que deseja, quais são seus aliados. Ariel precisa de tempo; além disso, eu não o acho tão tolo a ponto de não perceber com quem está dormindo.

—Sua confiança é admirável, mas nós tememos que ela o ataque no leito, sugue seu sangue — argumentou Aspásia, sentada junto de Nídia.

A mais jovem das Anciãs não havia dito uma palavra sequer. Estava quieta, somente observando as irmãs falarem o que pensavam. Nídia vestia uma túnica azul-turquesa e estava descalça. Certamente fora acordada por Aspásia. Ela não tinha nenhum amor por Ariel, só o respeitava, jamais exigiu ficar a sós com ele e, quando o fez, a pedido do próprio rei, preferiu conversar. Ele respeitou sua disposição até certo ponto e só a tocou quando Nídia se sentiu à vontade. Pois era necessário a ambos manter o templo. Sempre fora a mais fraca, Aspásia a protegia em tudo. O coração pertencia a Ítalo, e era por ele que estava ali. Com o equilíbrio quebrado, todos estavam em perigo. Um novo rei, ou uma rainha, as colocaria em risco, pois Afrodite certamente as destruiria. Ela fez uma meia trança na cabelosa fina e castanha e continuou ouvindo.

–Quando Kara o fez, tempos atrás, nenhuma de vocês se preocupou ou a repudiou. – Ordália cobrou, afinal havia se sentido traída.

–Kara jamais pretendeu o trono, e isso ficou bastante claro. Ela só se entregou ao rei por acreditar seu mestre morto. E quando o descobriu vivo, o deixou. Prova de sua inocência – afirmou Zoraia, segura das intenções de Kara.

–Seu ciúme é justificado, mas a campeã é justa, e em seu coração, só vive o amor por Jan Kmam. Ela salvou Ariel, lutou por ele na Batalha do Pacto, suas intenções são bastante claras – argumentou Thessália, segura. – Acha que não sabemos de suas manobras para feri-la?

–Kara mereceu cada lágrima que derramou, cada palavra dura de Jan Kmam. Ariel praticamente rastejava atrás dela, enquanto ela o repudiava. – Ordália asseverou, aborrecida e vingativa.

–E assim deveria ter continuado. Sua estratégia a colocou sozinha sem seu mestre e diante de Afrodite – evocou Zoraia, andando pela câmara. – Mostrar sua suposta traição a colocou nos braços do rei em definitivo.

–Não tem motivo para me culpar, Afrodite não vivia no Jardim. Sua alma estava no vazio. E lá deveria ter permanecido.

–Mas não foi o que aconteceu, e agora ela está livre – lembrou Thessália, ciente de que alguém havia ajudado a vampira, mas quem poderia ter sido?

–Kara e Afrodite personificam nossas maiores inimigas. As duas têm o mesmo sangue. Herdeiras de Radamés, sem contar que ele alimentou Kara para fortalecer sua “queridinha” – debochou Ordália.

–Seu ciúme nos prejudica, compromete seu julgamento. Peço que reavalie a situação. Temos de avisar aos demais, eles não podem ser apanhados de surpresa – disse Aspásia, sábia e bastante lúcida.

–Estão proibidas!

–Por quê? Teme que Derek corra para os braços de sua única rival? – disse Zoraia, cruel.

–Não tenho vergonha de admitir, sim. – Derek pode cair novamente sob o encanto de Afrodite. Aliás, não somente ele, como todos os outros. Afinal, não podemos esquecer que ela se deitou com todos e os influenciou até mesmo contra nós, suas amantes e iguais.

–Precisamos do conselho de Radamés. Onde ele está? – disse Nídia, e suas palavras fizeram suas irmãs a olharem, afinal falava pela primeira vez e com grande sabedoria.

–Vocês não sentiram, não sabem?

Ordália as provocou abertamente, até porque sabia que elas não iam ao cone de luz há bastante tempo. Mantinham-se envolvidas com os mortais que sugavam através dos sonhos, com seus amantes, perdidas dentro de seu próprio esquecimento.

–Radamés foi banido da nossa dimensão por Afrodite. Foi seu primeiro grande movimento ao tomar o corpo da campeã. Ela precisava se sentir livre, e ele certamente a impediria – argumentou Ordália, percebendo a surpresa no rosto das vampiras.

–Não percebe que temos de agir? Ela baniu Radamés! – exigiu Zoraia.

–Ele não estava preparado para lutar, acreditava estar diante da campeã e não de sua assassina e ex-amante. Tudo isso contribuiu para sua fragilidade. Ela jamais será mais forte que Radamés, foi um golpe de sorte.

–Ele ainda vive? – perguntou Nídia, realmente preocupada pois gostava e admirava o vampiro.

–Sim, sua alma não foi despedaçada como ela supõe. Radamés não resistiu, apenas deixou-se levar. Foi sábio da parte dele. – explicou Ordália movendo-se no divã.

–Precisamos ajudá-lo a voltar. – Thessália se adiantou, pronta a fazer o que fosse preciso.

As outras também pareciam dispostas, elas sabiam que ele era a única defesa que possuíam caso tudo mais desse errado.

–Não sei onde ele está. Se duvidam, busquem seu rastro e verão que sua presença persiste, mas sua localização é indeterminada. No entanto, creio que ele reúne forças para retornar. Não será Afrodite que destruirá sua alma. – Ordália foi sincera.

–Então, mentiremos para o rei? E os Exterminadores? O que diremos a eles? Frigia perdeu o amante, ela vai buscar seu assassino – ponderou Nídia, fazendo as demais vampiras pensarem por alguns segundos.

–Sim e não. Afrodite não provou do sangue do rei, ela teme morrer, e isso nos favorecerá. O corpo de Kara a está sustentando por ser forte, qualquer outra vampira já apresentaria sinais de exaustão. Quanto aos Exterminadores, ouvirão somente o que desejarmos. Frigia não pode saber que Afrodite matou seu amante.

–Mas isso não quer dizer que vai durar. Se Afrodite não destruir Kara logo, ambas lutarão pelo corpo, e ele pode não suportar – comentou Thessália, sorrindo vitoriosa ao compreender o plano de Ordália.

–Exatamente. Mas, se Afrodite destruir sua alma, o corpo ficará com ela. – afirmou Ordália, muito satisfeita. – Aí sim, poderemos julgá-la e trazê-la para o Templo em sacrifício.

–Sei que quer destruir Kara, que a acredita sua rival, mas não percebe que está dando muito poder a Afrodite? Ela é a campeã do rei, tem nosso sangue. E enquanto, viva, Afrodite foi a única a controlar o Livro. Quanto tempo mais nós temos até que ela apareça, e o convença a obedecer às suas ordens? – Zoraia e Aspásia estavam juntas em pensamento.

–Ela não pode tocar o Livro, e vocês seguirão as minhas ordens. Frigia e Demétrius nos protegerão. Só lhes prometo que teremos o prazer de destruí-la dentro do Templo, isso será seu fim. Não acreditem que o rei está cego; aliás, nenhum dos dois. Afinal, Jan Kmam já tem suas dúvidas. Agora, voltem a dormir. Tudo caminha para um desfecho a nosso favor.

As vampiras nada mais falaram, não podiam. Ordália dera a última palavra, ela estava decidida, era mais poderosa, agiria segundo seus planos, e neles não admitiria alterações.

Capítulo 8 - Kara Versus Afrodite

Kara saiu do quarto, não pôde suportar ver a estranha controlando seu corpo, entregando-se ao rei. Ela seria vampira ou só um espírito? Tentou voltar para o corpo físico, mas não conseguia nem sequer tocá-lo; não conseguia segurar nada para atingir o casal no leito. Ariel a tomou com a mesma paixão e desejo de antes, e ela se rendia. Kara, completamente desesperada, foi para a porta e tentou abri-la, porém só conseguiu deslizar a mão sobre o trinco. Finalmente, tomou coragem e atravessou a parede, permanecendo no corredor. Sem que percebesse, conseguiu espontaneamente recostar-se na parede e, por fim, escorregou para o chão e lá ficou sentada, segurando os joelhos. Chorou por alguns minutos, não pôde evitar, estava amedrontada e confusa. Queria lutar, defender-se, mas não sabia como. Sentada, viu a camareira e até mesmo alguns hóspedes passarem por ela no corredor sem vê-la. Havia se transformado num fantasma. Sua alma imortal se apartara de seu corpo material. Pela primeira vez desde que se tornara imortal, sentia-se morta. Não havia fome, os mortais passavam por ela, e seus cheiros, os corações batendo, o sabor de sua pele não a atraíam. Não existia a sensação pesada de estar num corpo acompanhando friamente os movimentos, as sensações maiores e menores. Talvez pudesse flutuar, todavia, uma solidão grandiosa a devorava lentamente. Precisava avisar Jan Kmam. Durante longos minutos pensou em como voltar para seu corpo. Subitamente, entendeu o mundo no qual Radamés vivia... Era isso! Precisava dele! Imediatamente, passou a chamar pelo velho amigo e guia. Fez isso por quase meia hora sem obter resposta. Algo se moveu no corredor e foi insólito: era uma mariposa! Ela flutuava leve e sobrevoou o espaço diante de seu rosto. Quando Kara estendeu a mão, ela pousou em sua palma e sumiu. Kara olhou sua mão e acreditou estar tendo uma visão. Finalmente, desistiu a tempo de ver Ariel deixar a suíte. Kara ficou de pé e o seguiu. Ele arrumou a manga do casaco, enquanto esperava o elevador. Estava despreocupado, feliz e bonito como sempre.

—Ariel! Ariel, por favor! Me escute, olhe para mim. Sou eu, Kara.

Kara tentava tocá-lo, passou à sua frente diversas vezes, mas ele simplesmente a atravessou. Andava na sua dianteira, ao seu lado, sem obter uma reação que fosse. O elevador chegou, e ele entrou. Kara o seguiu e ficou diante dele no espaço pequeno. Queria tocar seu ombro, mas não conseguia. Ele olhava os andares descenderem um a um com tranquilidade. Como os demais, não a via nem ouvia. Quando chegou ao saguão do hotel, o rei dos vampiros apenas colocou seus óculos de lentes vermelhas e transparentes, e saiu para a rua. Parada na calçada, Kara viu a cidade e o movimento na porta do hotel. Ariel desapareceu entre os transeuntes, e a vampira ficou na calçada, olhando as pessoas que caminhavam

enquanto tentava descobrir o que fazer. Pouco depois, Kara viu seu corpo aparecer na calçada, foi impossível não chamar a atenção: estava lindíssima. Vestia um casaco branco sobre a saia e a blusa de seda. Ela criatura havia tomado seu corpo e mudado seu estilo, o cabelo, as roupas, até mesmo o perfume.

O porteiro chamou um táxi e, em questão de segundos, ela estava acomodada no banco de trás, indo em direção ao apartamento onde vivia com Jan Kmam. O espectro de Kara também dentro do carro olhava seu corpo com raiva e revolta.

–E então, Kara? Está gostando do que fiz com sua vida?

– Desgraçada! Quem é você? Por que está fazendo isso comigo?

–Estou aproveitando a imortalidade, e bem melhor que você, disso tenha certeza – disse com crueldade. – Tem dois amantes magníficos e se priva disso, por quê? Somos imortais, nada vai se perder com o contato. Nunca me senti tão plena. Nem mesmo quando tinha Radamés e Detrich em meu leito – disse a vampira, confundido Kara. – Confusa? Não sabe quem sou, não é mesmo?

–Apenas saia de meu corpo – exigiu Kara, imperativa.

–Pensei que me daria algum trabalho, mas pelo que vejo será bem rápido. Você só despertou há uma semana. Tenho visto você vagando por aí sem lembranças – afirmou a vampira, olhando-a como se examinasse um animal doente.

–Do que está falando?

–Meu nome é Afrodite, não lembra? Tomei seu corpo há um ano... Digamos que a levei a nocaute. Só não sei o que ainda faz aqui.

–Não, eu não lembro e isso não faz diferença. Saia de meu corpo agora! – berrou Kara, furiosa.

Afrodite sorriu vitoriosa e continuou a se comunicar com ela mentalmente, percebendo que, vez ou outra, o taxista a olhava curiosa. Afinal, ela olhava para o lugar vago no banco e sorria como agora. Era como se visse alguém sentado ao seu lado.

—Só faz as perguntas erradas... E não adianta gritar, isso não me incomoda. Mas deixe-me falar de seu fim, ele está tão próximo... — debochou a vampira. — Em breve, não vai mais lembrar quem foi, de onde veio, nem sequer que foi uma vampira. Sua alma poderá ficar vagando por muitos anos aqui entre os mortais. Mas, sabe, posso lhe fazer um favor: levá-la para o Jardim de onde me tirou. O que acha? Lá terá a companhia de alguns espectros como você.

A voz da vampira trouxe-lhe lembranças. Kara tocou a cabeça e viu imagens, mas elas pareciam muito distantes. Finalmente, percebeu o rosto da vampira e conseguiu lembrar o exato momento em que permitiu que ela entrasse em seu corpo. Estava dentro do Jardim, o Pacto entre vampiros e lobos havia sido quebrado. Jan, ao acreditar que ela o havia traído com o rei, a deixava. A vampira apareceu como se já a espreitasse há tempos e tentou consolar sua dor, quando, na verdade, buscava somente um hospedeiro. Kara, inocente, permitiu o contato e a ajudou a sair do Jardim.

—Já está fora do Jardim. É livre para vagar em nosso plano; agora, saia de meu corpo! — rugiu Kara, furiosa, percebendo que não conseguia tocá-la.

—Já lhe disse, não grite, eu escuto muito bem. Seu corpo é perfeito e bonito, claro, você poderia ser um pouco mais alta. Meu antigo corpo era magnífico, e eu era bem mais alta que você — a vampira falava mentalmente com Kara.

—Apenas saia! — Kara tentou esmurrá-la sem nada conseguir além de atravessar seu corpo.

—Kara, eu vim para ficar e, além disso, você me deu permissão.

—Eu prometi tirá-la do Jardim e cumpri minha parte no acordo. Todavia, jamais lhe dei permissão para ficar. — Kara se justificou, lembrando-se da tolice que fizera em nome de seu amor por Jan Kmam.

—Quando me deu permissão, aceitou que usasse seu corpo; afinal, era um espectro. Você era a intrusa no Jardim. De qualquer modo, eu já tomei posse e não sairei.

Kara cobriu o rosto com as mãos. Naquele momento, percebeu que havia libertado uma grande inimiga dos Poderes: Afrodite, a vampira que matou Radamés e transformou Ariel num vampiro. A mesma que tentou trazer à vida os vampiros. Aquela que, anos atrás, tomou posse do corpo de Vitor e atacou o rei, levando-o à morte. Kara suspirou fundo e resolveu descobrir seus planos.

—O que pretende com tudo isso?

—Usufruir de tudo que você estupidamente rejeita, a realeza. Ariel já me propôs duas vezes que abdique da tutela de Jan Kmam e seja sua concubina. Mas

não é exatamente isso que anseio – argumentou Afrodite, pensativa e vitoriosa. – Mas tenho me mantido firme em suas ideias simplórias, não quero que ele desconfie. Seu último chilique me deu bastante trabalho, sabia? Tive de me desdobrar em promessas e juras, enquanto ele me possuía. Sua estupidez e falta de ambição estão me fazendo esperar por meu lugar de direito junto ao rei. – declarou Afrodite, realmente frustrada e impaciente.

–Jamais vai conseguir, eu não vou permitir que se torne rainha, cobra egípcia! – assegurou Kara, pronta a ir ao próprio inferno se fosse preciso para detê-la.

–Vejo que Otávio lhe ensinou meu apelido. Mas me diga como pretende me impedir, seu verme! – Afrodite insultou-a feroz.

–Sou Kara, a herdeira do sangue do favorito do rei, a campeã do rei Ariel Simon, e vou não só tirá-la de meu corpo como despedaçar sua alma. Dessa vez, não vai sobrar nada, maldita!

–Estou impressionada. Você e Otávio querem o mesmo, me destruir, o único problema é que ele não vai esperar eu sair de seu corpo. Inclusive, ele já tentou destruir nós duas.

–É ele foi o único que conseguiu vê-la. Ele tentou nos avisar – lembrou Kara, surpresa e pesarosa.

–Correção: eu permiti que ele me visse. Queria desmoralizá-lo e consegui. Estou trabalhando nisso há dois anos, querida. E é bem pouco diante do que ele me fez. Eu supliquei diante do machado, e ele cortou minha cabeça! – Afrodite estava cheia de ódio e ia fazer dele sua maior arma. – Então, não se engane acreditando que ele vai poupar a sua. Otávio é um poço de ódio e ciúmes, e você é o alvo. Além disso, ninguém pode fazer nada, principalmente os mortais; eles são animais – desdenhou Afrodite, enquanto pagava o taxista, já saindo do veículo. Ela e Kara agora estavam na rua. Afrodite descera uma quadra antes do prédio onde moravam, aparentemente queria andar.

–A propósito, hoje, um pouco mais cedo, tive o prazer de conhecer seu velho amigo Vitor. Ele era um encanto, em pensar que lhe dei a imortalidade e a tirei... – comentou Afrodite, distraída.

–O que disse? – perguntou Kara, confusa e alarmada.

–Vamos, por favor, não seja tão sentimental! Eu o matei, suguei-o até a morte. – A vampira falava com desdém e prazer da dor estampada no rosto de Kara.

–Não, não é verdade, você está mentindo – disse Kara, avançando sobre Afrodite.

Afrodite não recuou e permitiu que Kara a tocasse, segurando-a para que ela visse o fim de seu querido amigo. Foi um choque ver o que se seguiu. Enfurecida, ela tentou atingi-la com golpes e chutes, sem nada conseguir. A vampira pareceu entediada e, por fim, empurrou o espectro de Kara violentamente. Ela sentiu o empurrão e, quando caiu, metros à frente, sentiu o corpo mesmo espectral doer.

–Não ouse duvidar de minha palavra – disse Afrodite, imperiosa como jamais Kara seria. – Venho de um tempo onde ameaças de nada valem. A lei é a da espada e das presas. Ariel os traz civilizados como cordeiros, mas eu mostrarei o que é um vampiro a todos vocês. Quanto a você, seu corpo vai me dar a vitória que sempre ansiei. Tem o sangue do favorito do rei e até mesmo daquele tolo chamado Radamés.

Afrodite gargalhou feliz vendo Kara no chão cobrir o rosto com as mãos, sem conseguir emitir qualquer som.

–Radamés a alimentou, e é tocante o modo como eles a amam. Eu posso sentir o amor que eles lhe dispensam, é maravilhoso! Em toda minha existência, nunca havia sentido tamanha força e beleza. Só Radamés me amou com tal devoção.

–Sim, e você o matou do mesmo modo que matou Vitor!

–Ambos não quiseram mudar, eu apenas tomei a melhor decisão. Poderíamos ter muito poder juntos, mas Radamés escolheu a morte, escolheu Ariel como rei e aquela fedelha da Isobel como Rainha.

–De quem você está falando?

–Havia uma rainha, e este é um segredo que nem mesmo Ariel sabe. Seu querido Radamés mantinha às escondidas uma fêmea para lhe fazer companhia. Temia que, se ela fosse descoberta, ficasse em perigo. Bem, ele estava certo. Eu providenciei para que ela jamais visse Ariel. Darden, o Senhor dos Lobos, a mantinha sob sua custódia. Foi fácil segui-lo e matá-la, o resto é história.

–Como pôde destruir a felicidade de Ariel?

–Ela jamais seria uma boa rainha, sempre seria submissa a Ariel. Além disso, Dereck não gostou dela. E, como já disse, o resto é história.

–Eles acreditaram em você, como Vitor, e acabaram mortos. Desgraçada! Ele não lhe fez nada, por que o destruiu, maldita?

Kara finalmente teve forças para falar, mas a voz estava muito baixa e presa pela dor. Sua mente se recusava a crer que Vitor havia sido destruído.

–Eu o queria como aliado. Era isso ou ter parte de meu sangue de volta. Agora o tenho, e ele não merecia ser meu herdeiro de sangue. E, se quer saber, acho que amanhã vou visitar Lorde Bruce. Ele está irritando Ariel com seus tolos escrúpulos – disse Afrodite, jocosa e maligna.

O que Kara mais almejava naquele momento era matar Afrodite e sentiu que havia uma chance: quando ela a tocara há pouco, pôde quase sentir que estava de volta ao seu corpo. Dividiu com ela suas lembranças.

–Mas, se quer saber o verdadeiro motivo, ele estava desconfiado. Me ligou e me chamou de Fleur; não o reconheci, e isso o trouxe a Paris. De algum modo, ele descobriu que não era você. Diga-me como foi possível? – Afrodite estava realmente buscando respostas, mas Kara não lhe daria nenhuma.

–Vá à merda.

Kara começou a andar em direção ao prédio onde vivia com Jan Kmam. Em seu coração, um grande pesar, pois Vitor fazia parte de sua história como mortal. Quando o acreditou morto, anos atrás, nas mãos de Graco, sofreu muito. Agora que era imortal, a dor de sua perda parecia ainda maior. Ele começava a dar seus primeiros passos dentro da imortalidade, estava amando alguém. Kara suspirou pesarosa e escondeu as lágrimas; mesmo naquele estado, era capaz de sentir dor e chorar. E, pelo visto, ela derramaria muitas antes que pudesse voltar a seu corpo. Tinha uma esperança; era pequena, mas agora tudo dependia dela.

Um celular tocou, Kara reconheceu o toque: era seu aparelho nas mãos de Afrodite. Ela atendeu à ligação e, depois de um breve momento, respondeu:

–Kara não conseguiu, quem mais poderia convencê-lo, Seth? – disse Afrodite, um tanto aborrecida com a falta de credibilidade do vampiro. – Bem, já cuidei dele, um a menos em nosso caminho.

Kara não pôde acreditar no que ouvia e foi para a frente de Afrodite, que lhe deu as costas, fazendo uma careta de desgosto por ela ouvir sua conversa. Tinha nojo de Kara e de sua fraqueza, do modo que lidava com o poder que possuía e não sabia usar.

–Frigia jamais trairia o rei ou o Livro. Muito me admira você acreditar nessa ilusão. Ariel tem muitos aliados e alguns deles são invisíveis. Cuidaremos dela, não é mesmo? – Afrodite sugeriu, mas já sabia a resposta.

–Sim, ela precisa ser destruída, e logo depois Demétrius – disse Seth do outro lado da linha.

–Espero que ela tenha sofrido ao sentir sua morte – brincou Afrodite, maligna, sem se lembrar de que a dor da vampira também fora sentida pelo Livro.

–Acautele-se. Vitor entrou no hotel e não saiu, ele foi se encontrar com você. Arrume um bom álibi.

–Não jogarei com uma Exterminadora. Vou preparar a armadilha enquanto você e os outros fazem o resto. Estou exausta de lidar com o rei e seu favorito.

–Você é a campeã do rei. Que chances ela tem de vencê-la, minha cara? – Seth jogou debochado.

–Não seja cínico.

–Que seja então, minha querida rainha – brincou Seth.

Afrodite desligou o celular e entrou no prédio, não mais dirigiu a palavra a Kara. Na verdade, estava incomodada com sua presença.

–Vampiro irritante! Felizmente, não vou ter de suportá-lo por muito tempo. Afrodite pronunciou tais palavras com desdém. Na face, uma expressão de prazer e vitória. Viu Kara observando-a atenta. Ela precisava de um modo de afastá-la de si e depressa. Não poderia descobrir seus planos.

Capítulo 9 - Diga-me com quem andas...

Jan Kmam estava parado diante da janela do apartamento. E era uma bela visão: os cabelos estavam soltos, o roupão negro estava entreaberto e, por baixo dele, não havia nada. Era como uma escultura de mármore, o corpo robusto e bem delineado convidava ao toque. As pernas fortes estavam cobertas por pelos loiros, assim como os braços. Estava descalço e sorvia lentamente um cálice de sangue e conhaque. Precisava provar algo que atordoasse sua mente sempre tão alerta. O gosto da bebida misturado ao sangue dava um sabor estranho àquele pequeno prazer. Eram quatro horas da manhã. Havia chegado cedo da visita a Asti e, desde então, esperava por Kara. Seus olhos azuis esquadriavam a rua; contudo, a mente estava muito distante, perdida em lembranças, em noites guardadas nos séculos. Às vezes, via Thaís em seu vestido negro, sorrindo meiga; podia sentir o modo firme como ela segurava sua mão. O perfume que somente ela possuía debaixo dos cachos, o formato de suas orelhas, a curva delicada dos seios. Não efetuar comparações era difícil – fazia-as silenciosamente para não ferir o orgulho de Kara. Em certas ocasiões, quando ela dormia, segurava sua mão e apertava seus dedos no escuro, sussurrando-lhe coisas em francês...

Não tinha mais pesadelos – eram raros agora; a confiança havia aumentado, não se sentia mais tão desprotegida. Adorava observá-la dormir, ver os cachos cobrirem a face pálida e bela da vampira que gerara com seu sangue e amor. As mãos pequenas e delicadas resguardavam a força de seis homens. Era com elas que Kara o levava à loucura. O som do sorriso, a gargalhada gaiata era igual, o mesmo corpo, o cheiro de uma rosa. No entanto, naqueles dois últimos anos, após sua saída da Caixa, perguntava-se muitas coisas, dentre elas a que se deviam as mudanças sofridas por Kara, sua companheira e amante. Durante séculos, buscou-a e sempre a perdeu para a morte. E tê-la finalmente sua deu a ele a verdadeira noção do que era sentir medo. Vigia-a e protegia-a às escondidas, temendo que algo ou alguém a tirasse dele. Tinha motivos: afinal, desde que a tornara imortal, o amor que dividiam vinha passando por provações e rupturas as mais diversas. Era como se os deuses invejassem o sentimento que nutriam um pelo outro e colocassem obstáculos entre os dois para separá-los.

O certo é que, ao mudar, ela roubou de Jan Kmam sua doçura, o carinho que expressava. Ele se tornou sombrio, cruel e muito mais frio do que um dia supôs que ficaria. Suas vítimas podiam sentir isso na pele. Ele olhava a amante cheio de dúvidas e se perguntava quanto tempo mais ela ficaria ao seu lado. Quanto mais sofreria por seu amor? Quando ainda no Jardim, ele passou por momentos muito difíceis. Teve mesmo vontade de matá-la, tamanha a dor que sentia, mas, no fim,

acreditava ser capaz de superar tudo. Todavia, para isso, era preciso que Kara estivesse do seu lado. Ele abriu mão de seu amor em nome do rei por mais uma vez. Seu coração mesmo morto pareceu quebrar-se dentro do peito, tamanha a dor que sentiu. E agora, quando a ela voltava aos seus braços, perguntava-se: até quando?

Jan Kmam tocou o relicário sobre o peito e o abriu, a imagem de Thaís e Kara estavam juntas agora, passado e presente juntos. Gostaria de poder mantê-la ao seu lado, junto a ele, como aquele relicário de prata. Havia mudado o modo de se vestir; até mesmo os cachos que ele tanto amava sumiram, Kara agora preferia os cabelos lisos. Jan podia tolerar qualquer coisa, menos sua distância.

Quando, finalmente, ela estava no elevador, ele já a aguardava na cozinha, servindo-se de mais um cálice de sangue em silêncio. A vampira avisou que demoraria, mas não deu nenhuma boa desculpa. Não precisava. Jan Kmam sabia onde ela estava e com quem. Ele aceitou sem protestos. Ariel vencida lentamente e a roubava dele de maneira descarada. Isso estava se tornando bem mais doloroso do que ter de entregá-la em suas mãos. Asti estava certa: ele precisava lutar e bem depressa. Kara não recusava mais os convites nem tampouco enfeitava os presentes caros que Ariel enviava para o apartamento. Ela os usava sem melindres e ainda ousava perguntar-lhe se gostava. Bruce o procurou e, como Asti, exigiu que agisse em nome do amor que sentia, mas Jan Kmam acreditava que o sentimento que os unia venceria no fim.

Quando a deixou livre para escolher entre ele e o rei, jamais imaginou que ela se deixasse seduzir pelo poder que Ariel lhe oferecia. Quando suas desculpas se tornaram esfarrapadas, ele a seguiu e, por duas vezes, viu-a entrar no *château*. Foi o bastante para que entendesse o que acontecia realmente. Jan prometeu a si mesmo não julgá-la como fez no passado, provocando uma ruptura. Não ousou culpá-la, venceria o amor, pensou confiante. Passou a ignorar as saídas, não fazia mais perguntas, não a torturaria com o ciúme que ardia em seu peito, não a jogaria mais depressa nos braços de Ariel. De todo modo, ela havia crescido, tornara-se a campeã do rei, lutara pela defesa do Pacto. Como ele poderia impor autoridade sobre uma vampira como ela? Sentia como se Kara já houvesse atingido cem anos. Por duas vezes, tentou ensinar-lhe um golpe e a viu superá-lo. Sentiu-se obsoleto, nada restava para ser ensinado – deixara de ser o mestre no exato momento em que entrou na Caixa. Sua pupila havia crescido, e ele sequer viu. Perdeu bons momentos a seu lado, e isso jamais seria restaurado. Essas verdades doíam na alma de vampiro apaixonado. Da cozinha, ouviu o som da chave na porta.

Afrodite entrou, e o espectro de Kara logo depois. Ela se sentiu como se há meses não pisasse em casa. As cortinas eram novas, assim como as almofadas no

sofá. Mudanças certamente promovidas pela invasora! O cheiro de Jan Kmam estava no ar, podia sentir seu perfume de zimbro. Ele deveria estar de roupão e pronto para dormir. Ela sorriu, passou à frente de Afrodite e correu para a cozinha, chamando seu nome. Esquecera sua nova condição.

– Jan?

O vampiro estava junto ao balcão de tampo de pedra, servindo-se de um cálice de sangue. Aquele ritual simples de alimentá-la antes de dormir era algo que apreciava e amava. Afrodite viu o sorriso de Kara e a olhou cruelmente – ela estava pronta a destruir sua felicidade. Kara correu e o abraçou pelas costas, mas só conseguiu atravessar seu corpo. Infeliz, recuou e percebeu que nem mesmo ele poderia vê-la ou ouvi-la. O olhar turquesa estava sobre Afrodite, examinando sua figura bela e sedutora. Ela fazia o mesmo ao fixar a ladra de seu corpo. Kara a odiou com toda força de seu coração de vampira.

–Mais um pouco e encontraria a porta travada. Perdeu a hora de voltar?

Kara percebeu na voz do amante todo o aborrecimento com aquela pergunta. Havia ciúme e raiva, que disfarçava detrás do olhar sereno, das palavras sussurrantes. Ela percebeu claramente que Afrodite vinha destruindo sua felicidade. Kara ficou ao lado do amante, observando ambos com atenção.

–Cheguei na hora certa. Eu disse que ia demorar, não se lembra? – respondeu Afrodite, fria e distante, impondo a Jan Kmam suas regras.

– O que está fazendo? Ele está furioso, pare de mentir – reclamou Kara, percebendo o olhar de Jan Kmam escuro e cruel.

– Devo ter esquecido o quanto sua vida social anda intensa ultimamente – debochou o vampiro, constatando que ela permanecia com o mesmo ânimo frio e distante dele. Onde estava sua doçura? O modo delicado e às vezes brincalhão com que ela geralmente o beijava ao retornar para casa? O sangue de Ariel a estava transformando numa criatura seca e sem sentimentos.

– Jan, não sou eu, é Afrodite. Ela tomou meu corpo... – Kara insistia, tentando tocar a mão de Jan Kmam, que ele levou aos cabelos, empurrando-os para trás.

– Acreditei que era livre para ir e vir – jogou Afrodite, com as suas palavras.

Jan Kmam notou-a ainda com as chaves na mão. Ela as colocou sobre o balcão da cozinha, e não no pratinho de prata como de costume. E o encarou sem medo; na verdade, seu olhar era um convite perturbador. Estava estranhamente desleixada.

–Sempre foi livre. Pelo visto, o passeio não a entediou – debochou Jan, lembrando que ela recusava ir ao teatro, ou à ópera, achava cansativo.

O vampiro serviu um cálice de sangue e lhe ofereceu, ela aceitou prontamente e o sorveu de um gole só... estava faminta. Ariel, sem perceber, deixava-a exaurida. Assim que o secou, estendeu-o em direção ao vampiro, que o preencheu novamente e continuou a olhando com muito interesse.

–Sem conhaque? – reclamou Afrodite, sentindo o cheio da bebida no hálito do vampiro.

–Sabe onde ficam as bebidas, sirva-se – disse Jan, curto e grosso.

Kara não podia crer que ele não conseguisse vê-la ou ouvi-la. Havia laços de sangue entre ambos agora... Mas eles os ligavam no plano da matéria, e ela agora era um espectro. Andava pela cozinha de um lado para o outro, sem saber o que fazer.

–Sim, eu sei – dizendo isso, ela se inclinou sobre o balcão e o beijou.

Jan tentou recuar, mas a carícia insistente de sua língua o fez ceder, ainda que por pouco tempo. Ele recuou e a olhou incrédulo.

–Como adivinhou que estou faminta?

–Está muito pálida. Precisa ter cuidado, não se deixe levar à exaustão – comentou Jan, sentindo o cheiro de Ariel em sua pele e roupas. – Nos velhos tempos, ficaria preocupado; fraca como está, seria suicídio lutar com um lobisomem.

–Ainda posso vencer um lobisomem e até mesmo o favorito do rei se assim desejar – disse ela, tirando o colar de pérolas para colocá-lo sobre o balcão.

–Achei que tinha cansado de brincar de campeã do rei – observou Jan.

– Jan, tente usar seus poderes, estou aqui. Meu corpo foi roubado... Ela está usando meu corpo, dormindo com o rei! – Kara falava e ficava à sua frente, tentando tocá-lo.

A vampira não era burra, ela sabia que Jan Kmam havia sentido o cheiro do rival. Ela não tentava disfarçar; na verdade, sorriu ao lembrar que, durante o ato, Ariel a chamou de sua rainha. Ela gargalhou em pleno gozo e disse “sim”. Afrodite sorveu o sangue com prazer e olhou para Jan com os olhos cheios de malícia. Pouco importava se eles se matassem por ela, não seria a primeira vez que ficava entre dois vampiros poderosos. Na verdade, ela adorava ser disputada, era algo que a excitava.

Sempre apreciou o prazer que Ariel lhe proporcionava; ele costumava ser delicado, mas, no geral, a possuía de modo selvagem e dominador. Traço que não encontrou em Jan Kmam, sempre carinhoso e atento aos desejos da amante, aspecto realmente tedioso e pouco excitante para uma vampira como Afrodite. Mas agora, cheio de raiva e ciúme, agia como ela gostava, de modo cruel e até um pouco rude. E isso a levava ao êxtase várias vezes. Kara, ao lado de Jan Kmam, percebeu o olhar convidativo, o modo como ela mordia os lábios.

– Fique longe dele, está me ouvindo? Não tem o direito de tocá-lo, ele é meu amante.

– Ele vem me possuindo há meses, por que acha que faria diferente agora? Só porque acordou do limbo? – Afrodite ria, enquanto falava em pensamentos, dirigindo-se a Kara que, de tão revoltada, mudara o olhar. – Se quiser, fique e assista. Será instrutivo.

– Além de ser a campeã do rei, sou a pupila de Jan Kmam – murmurou Afrodite, manhosa, em resposta a Jan Kmam.

A vampira se inclinou novamente sobre o balcão para lambe os lábios do vampiro insinuante, tocando seu rosto, o peito em um convite mudo.

– Afaste-se dele agora! – Kara avançou sobre Afrodite, que sorriu e nada sentiu além do espectro atravessando seu corpo e caindo no chão.

Incansável, Kara se levantou do chão e tentou empurrar Jan Kmam, mas ele nada sentia. Estava ao lado do amante, tentou falar com ele mentalmente, mas foi em vão. Desejou tocar seus cabelos. Queria sentir sua pele, pedir ajuda. Todavia, nada acontecia. Ele só tinha olhos para Afrodite em seu corpo, controlando a matéria como se ela fosse uma marionete.

– Mais um cálice? – perguntou Jan, percebendo as intenções da vampira e das quais ele não estava disposto a fugir.

– Sim, por favor – aceitou Afrodite, sorrindo suavemente para o vampiro.

Jan Kmam completou o cálice e a viu tirar os sapatos dos pés e ficar descalça. Pouco depois, desbotou a blusa e, num gesto simples, deixou a saia deslizar por suas pernas até o chão.

– Vagabunda! Vá embora, ele é meu! Quem é você para tocá-lo! Maldita!

Afrodite ignorava Kara e seus insultos, só tinha olhos para Jan Kmam. Ela continuou se despiando e, quando ficou somente de sutiã e calcinha de renda, Kara pôde ver a volúpia no olhar de seu amante. Não era para menos; ela estava como sempre, perfeita e sensual. Como censurá-lo por desejá-la? A vampira deixou o

cálice sobre o balcão da cozinha e continuou olhando Jan Kmam, convidando-o silenciosamente a tocá-la.

—Não vai me levar para dormir? – perguntou Afrodite, dengosa e cansada de esperar por um gesto do vampiro, que se tornava mais resistente às suas investidas a cada noite que passava. Ele a olhava com desejo, parecia arder, mas se continha corajosamente. Entretanto, bastou a pergunta para fazê-lo se mover em sua direção.

—Estava apenas esperando que sentisse sono.

As luzes piscaram... era a raiva de Kara se manifestando dentro do apartamento. Jan olhou e acreditou que faltaria luz. O espectro de Kara se sentiu exausto. O esforço fora enorme.

Jan Kmam voltou a atenção para a amante e murmurou algo junto aos seus lábios. Em seguida, beijou-a, erguendo-a do chão tamanha a intensidade do seu desejo. Quando se afastou, olhou-a nos olhos e, com força, puxou sua calcinha e a livrou do sutiã. Afrodite gemeu e recebeu seu beijo mordido, já sentindo gosto de sangue. Jan sugou seus lábios com avidez.

A vampira puxou o roupão do vampiro e beijou seu peito liso. Agora ambos estavam nus. Jan segurou seus cabelos lisos e os ergueu, depois tocou seu pescoço com beijos e lambidas.

Kara, atônita, via o casal como se fizesse a si mesma num espelho. Mas aquela não era ela, os gestos, o modo como tocava o amante. Jan também estava diferente, era como ver outro vampiro tocando seu corpo, segurando-a como se pretendesse machucá-la. Não havia carinho ou amor, só sexo e desejo, algo primitivo e punitivo. Era óbvio que a possuía tentando aplacar seu ciúme, como se quisesse provar ser melhor, ou seu dono. Segurou-a pelos cabelos lisos e a virou de costas, evitando seus beijos. A vampira se apoiou no balcão e o recebeu sobre o corpo de modo submisso. Ela já esperava por aquela reação de Jan Kmam, que procurara de propósito humilhar Kara, fazê-la sofrer. E estava conseguindo. Ele jamais a havia tocado daquele modo. Kara estava muda, não tinha mais forças para falar ou tentar impedir o inevitável. Fechou os olhos e começou a recuar, até chegar ao corredor. Logo estava na rua correndo. Então sentiu dor no peito, e a garganta contraída não conseguia emitir nenhum som. Por fim, no momento em que as lágrimas inundaram seus olhos, ela gritou e sumiu.

Quando a torrente de desejo e ódio do vampiro foi aplacada, ele a levou para o leito e deixou que dormisse; estava sonolenta e, em questão de minutos, mergulharia no sono vampiresco. Jan, ainda desperto, observava-a com tristeza e remorso. Deitada ali estava sua amada, sua *petite mademoiselle*. Por que mergulhava tão fundo nas sombras onde só o vampiro vivia?

Levantou-se do leito e foi fechar as persianas; dormiriam na cama. Estava com o controle na mão quando viu algo na janela. Aproximou-se, observando a manhã chegar, suave e fria, percebeu várias mariposas andando pelo vidro. Era estranho: estava frio, não havia nenhuma luz, o quarto às escuras... Mas elas estavam ali, ignorando as condições e cobrindo a superfície. Ele estendeu a mão e, ao tocar o vidro, viu-as voar. Achou estranho, mas não tinha tempo para pensar a respeito. A manhã chegava e ele estava exausto de pensar sobre a melhor decisão a ser tomada. Fechou as persianas de chumbo e deitou na cama ao lado da amante. Tentou trazê-la para seus braços como de costume, mas a viu se virar no leito. Ele fechou os olhos e se entregou ao sono.

Capítulo 10 - Os herdeiros da lua

Joyce, seguida pela babá, chegou ao corredor que levava aos aposentos do Senhor dos Lobos. Próximo à porta, era possível ouvir os gritinhos de felicidade e alegria de Alexia e o riso de Arturo. Os guardas, sempre muito sérios, tinham um ar de riso na face. Não era para menos, Darden fingia rosnar e ria com os netos. Assim que entrou, sorriu ao ver a cena. O Senhor dos Lobos estava coberto por uma pele de urso branco, e corria, ou melhor, andava atrás das crianças. Arturo segurava a mão da irmã e corriam juntos, sorrindo e gritando, escondendo-se por detrás dos móveis.

—Mamãe!

Alexia soltou a mão do irmão e correu para os braços da mãe; o menino, no entanto, pegou sua espada de brinquedo e continuou investindo contra o “urso”.

—Força, Arturo. Um lobo Alpha tem de manter a guarda alta. Mas jamais deixe de atacar – disse Darden e tirou a pele de urso.

Arturo sorriu, e Darden o pegou nos braços, rodando com ele, fazendo-o gargalhar. Adorava aquela brincadeira, sentia que estava voando. Após o nascimento dos netos, Darden havia renascido, mudara completamente. As crianças lhe trouxeram força e alegria e passaram a ser a razão de sua vida. Parecia rejuvenescido. Joyce se tornara uma companhia atenta e cuidadosa, era uma nora preciosa e leal. Ela olhava o sogro e os filhos com carinho, muita coisa havia acontecido desde que voltara para a Alcatéia e trouxera Iago de volta à lucidez. Sua presença deu a eles esperança e coragem para continuar. Ela, no entanto, não fazia ideia das responsabilidades que teria de assumir no lugar de loba Alpha. A nova vida era cheia de obrigações e regras com as quais ela não estava acostumada. A primeira delas foi provar do sangue da Ânfora e se tornar loba para sempre. Iago ficou ao seu lado, e a transição não foi difícil, mesmo estando grávida. Joyce compreendeu que jamais deixaria de ser a loba, ela estava em sua natureza e não existiam escolhas a serem feitas – aquele era seu destino. Havia se tornado imortal, recebera a tatuagem cerimonial e era parte da matilha.

Uniu-se a Iago logo depois que o Pacto entre vampiros e lobos foi novamente assinado. A cerimônia foi presidida pela Trindade e assistida por todos. Fizeram votos, beberam juntos e selaram a união com um beijo e uivos. A festa foi regada com música, vinho, dança e comida à vontade. A gravidez foi anunciada durante a festa, e isso pareceu deixar os lobos mais felizes e seguros. A linhagem de sangue permaneceria e, com ela, o poder que os homens-lobos possuíam sobre as demais criaturas. Iago era um marido apaixonado, atento, e Joyce aprendeu a conviver com

ele, tentando esquecer Belizário. Mas, à medida que a barriga crescia, o medo aumentava em seu coração. Tinha dúvidas sobre a paternidade da criança, que sabia ser um menino. Tudo piorou quando lhe foi revelado sobre a cerimônia do parto. A criança deveria ser aceita pelos lobos assim que nascesse. Os não aceitos eram banidos e, se fosse constatada a traição, a criança era morta com a mãe. Temendo pelo futuro de seu filho, fugiu e, mesmo sabendo dos riscos, procurou Belizário.

Quando finalmente chegou a Florença, ele não estava, mas os empregados a conheciam e a receberam. A viagem não fora fácil. Ela se escondia de Iago como uma fugitiva, e, para fugir dele e de seus homens, tomou rotas alternativas. Sem querer, adoeceu, e seu estado era delicado. A criança exigia mais de seu organismo. Quando caiu doente, os empregados resolveram avisá-lo. Belizário chegou à fazenda horas depois e a encontrou delirando, imersa em uma febre que a exauria aos poucos. Nos seus delírios, chamava-o insistentemente. Ele a olhava penalizado, sem saber como agir; olhava o ventre crescido e tentava tomar a melhor decisão.

Alimentou-a com seu sangue e a viu melhorar aos poucos. Ficou à sua cabeceira e de lá não saía, esperando sua recuperação. E não demorou muito para que Darden aparecesse à porta, acompanhado por uma jovem loba, Laura, possivelmente a dama de companhia de Joyce. Quando Belizário apareceu na sala, Darden mandou a jovem se retirar.

– Quando Joyce fugiu, imaginei que ela o procuraria, mas esperei que tivesse juízo e a mandasse de volta. Esperei o que pude, agora basta! Onde ela está? – comentou Darden, pronto a levar a nora consigo nem que fosse à força.

–Morrendo lentamente e matando seu neto. E a culpa é de suas leis. – Belizário o acusou, amargo.

–Como ela está? – perguntou Darden, imaginando que talvez ele não o deixasse levá-la de volta.

–A culpa a está matando, tenho feito o que posso para mantê-la viva.

–Por que não lhe diz a verdade, isso pode acalmá-la – disse o velho, conhecedor do segredo de Joyce.

–O que mais tenho de fazer e sacrificar para que seu mundo não caia? – perguntou Belizário, aborrecido.

–Percebe que ela está grávida de um filho seu, Belizário. Diga-lhe a verdade e eu farei o resto. O menino jamais será recusado pela Alcatéia. Se já sacrificou seu amor por ela, faça o resto – cobrou Darden.

—Então, preferia que Iago sucumbisse à loucura, ou apenas está com medo de criar meu filho, pai?

A revelação não assustou Darden. Na verdade, eles se enfrentavam, era inevitável. Sempre que ficavam frente a frente e a sós, o passado voltava, e eles acabavam entrando em atrito.

—Jamais renegarei minha herança sanguínea. O que me atormenta é que Joyce não suporte o parto, ou que a criança não consiga se transformar em lobo como Iago espera que aconteça.

—Ela vai conseguir. Joyce é mais forte do que aparenta ser. Ela suportou o sangue da Ânfora, pode trazer nosso filho ao mundo. Claro, ele pode reinar dentro da Alcatéia ou na Ouroboros, ele poderá escolher — Belizário jogou cruel, mas era a mais pura verdade.

—Jamais! Ele é o herdeiro do trono dos homens-lobos! — Darden lutaria até o fim. — É uma vingança tardia ou apenas quer assustar um velho? — Darden questionou Belizário.

—Não podemos controlar o futuro. O certo é que terá parte de meus poderes e até mesmo os de Joyce. Será forte e poderoso. Isso para mim basta.

—O que está esperando, Belizário? Que Iago apareça e descubra a verdade?

—Darden temia um confronto dos dois e com razão, amava seus filhos e não queria ter de escolher um lado — Deixe-me vê-la.

—Eu a obriguei a voltar, sacrificando nossa felicidade para que seu mundo não ruísse, mas, se quer saber, estou arrependido — revelou Belizário, sincero.

—Sou grato por seu sacrifício. Sequer sei por que teve piedade de nós — disse Darden, contido. — Apesar de sua frieza, Belizário, sei que jamais deixaria seu meio-irmão sucumbir à loucura e morrer.

—Não fiz por ele; fiz por você, pai — confidenciou Belizário, fitando a mão do velho sobre a mesa.

—Agiu como o líder que nasceu para ser. Esqueceu o passado — comentou Darden, falando baixo e de modo consolador. Afinal, percebia a carência de seu filho.

—É isso que faz? Tenta esquecer que sou seu filho?

—Todas as noites eu me pergunto por que tive de ceder à Cúpula. Tento esquecer que foi concebido para me vigiar e matar os de sua própria espécie. Que seus poderes afastam vampiros e lobos.

—Não sou de sua espécie.

–Nem mortal nem tampouco vampiro, mas traz parte de todos nós. Isso o torna tão especial e mortal... – Darden admitiu resignado.

–Quando Beliza morreu sem me deixar herdeiros, pelo menos foi o que acreditei no momento, parte de mim morreu também. Quis trazer você da Ouroboros e dizer a todos que era meu herdeiro. Mas a Cúpula me impediu e me mostrou seus poderes. Só então percebi que não poderia viver na Alcatéia. Aí, engoli meu orgulho e o dei como morto.

–Por que deixou que me levassem?

–Não tive escolha, você foi arrancado de sua mãe e, logo depois, dos meus braços. A verdade é que não foi concebido para ser nosso. É filho da Ouroboros; é a ela que deve respeito e amor, se conseguir amar seus algozes... – Darden tinha o olhar sombrio e misterioso, estava mergulhado no passado.

–Talvez tivesse sido melhor ter deixado seu mundo ruir. Outro Senhor dos Lobos apareceria dentro da Alcatéia e a Ouroboros conteria os insatisfeitos. Fiz com Joyce o mesmo que fez comigo. Usei-a para salvar seu mundo e esqueci que morreria com ela – refletiu, muito sentido.

–Acredite-me, eu os protegerei com minha vida. Deixe-a partir mais uma vez.

–Você tem razão, devemos esquecer o passado. – Belizário falou cansado, afastou-se da mesa. – Vou me despedir de Joyce e poderá levá-la consigo.

Darden foi para a sala e, sentado no sofá, esperou. Belizário seguiu pelo corredor rumo aos seus aposentos. O fogo estava aceso, e as janelas fechadas, Joyce ainda tinha febre. Sentou-se no leito e a fitou apaixonado. Se pudesse, apagaria suas lembranças para que vivesse em paz. Beijou sua mão delicada e, mesmo vendo-a abatida e inconsciente, achou-a linda. Tocou sua barriga e sentiu a criança resistindo à doença e à tristeza de sua mãe. Inclinou-se sobre Joyce e a beijou, o encontro de seus lábios, a princípio, foi uma carícia, mas logo depois se tornou um ponto de luz. Belizário dava parte de sua energia para que ela se recuperasse. Quando se afastou, a febre e o abatimento tinham desaparecido. Ele acordou suavemente, encontrando a face querida. Sorriu e o abraçou.

–Belizário... – murmurou Joyce, apertando-o fortemente.

–Por que resolveu se matar? Precisa ser forte, nosso filho precisa nascer... – Belizário segredou junto ao seu ouvido e a sentiu soluçar.

–Você sabia...? Eu tive medo de contar.

–Eu pude ouvir o coração dele batendo no momento em que entrou na minha sala. Acalme seu coração, tudo vai ficar bem. Quero que beba isso, vai afastar a

febre – pediu ele, levando um cálice de sangue aos seus lábios pálidos.

Joyce bebeu e tinha os olhos dentro dos de Belizário. O sabor do sangue era estranho, mas ele não a deixou recusar.

–Deixe-me ficar com você – sussurrou Joyce assim que terminou de tomar o sangue.

–Não posso, nosso destino já foi traçado. Olhe para mim – pediu, segurando seu rosto. – Você precisa cuidar de nosso filho. Acredite-me, ele será aceito, nada vai lhe acontecer de mal. Ele pertence à Alcatéia tanto quanto você.

–Sinto sua falta... Quero ficar ao seu lado com nosso filho – soluçou Joyce e se agarrou a Belizário chorosa.

–Também sinto sua falta em minha vida. Mas, como sabe, eu não posso ficar muito tempo perto de ninguém sem lhe causar dano. Logo você envelheceria e morreria. Joyce, eu preciso saber que está viva e bem. Seja forte por nós dois – pediu Belizário e a beijou sôfrego.

Joyce segurava sua mão com força e olhava em seus olhos. Nesse momento, ele viu que ela ainda usava a aliança de ouro que lhe dera.

–Que nome nós daremos a ele? – perguntou Joyce, pondo suas mãos sobre a de Belizário que estava sobre seu ventre cuidadosamente.

–Ele será o herdeiro de um império, vamos chamá-lo de Arturo – falou Belizário sorrindo para Joyce.

–Quero você – murmurou Joyce junto aos seus lábios.

–Darden a espera, precisa partir, meu amor – disse Belizário, morno e saudoso.

–Ele pode esperar. – Joyce beijou o homem que amava e o puxou para o leito onde ele a tomou nos braços.

Amaram-se delicadamente, celebrando com tristeza um amor que havia nascido condenado à separação. Uma hora depois, Joyce estava vestida e pronta para partir, mas hesitava. Sua mente e seu coração queriam ficar. Ele se aproximou dela e a beijou, roubando-lhe a consciência. Não queria que ela sofresse mais ao se despedir. Apareceu na sala com Joyce nos braços e a entregou a um dos homens de confiança de Darden.

–Estarei observando e espero que cuide de sua nora e de seu herdeiro.

–Tem minha promessa, nada acontecerá aos dois.

Dizendo isso, o Senhor dos Lobos e seus acompanhantes partiram. Quando Iago chegou à mansão, encontrou Joyce de volta. Darden o proibiu de pedir

explicações, afirmando que ela fugira porque se sentia pressionada por todos. Depois disso o casal se mantinha unido, mas distante. Ela precisava de tempo, e Iago lhe deu.

Darden contou a Joyce quem era Belizário. Ela precisava entender por que a criança não seria recusada como bastardo. A revelação a chocou e deu a ela uma noção dos riscos que corria e dos inimigos que possuía agora. Darden lhe revelou que, em mais alguns anos, passaria o cargo ao filho. Logo ela seria rainha, e seu filho, o herdeiro do trono. O amor que ela e Belizário dividiam estava condenado. Aos poucos, Joyce se acostumou a ser prisioneira da Alcatéia. A gravidez foi cercada de cuidados e de muita proteção. Não comia nem bebia nada que não fosse provado antes. Isso evitou sua morte por duas vezes. Não saía de casa sem os seguranças. Restara pouco da Joyce que caçou Samael, que lutou contra Mênon. Enquanto a gravidez avançava, tornou-se irritada e selvagem; chegou mesmo a arranhar Iago durante uma discussão. Ele se afastou. Era normal as lobas em seu estado estarem mais sensíveis e violentas. Principalmente com a proximidade do parto. A barriga estava grande e ela sentia fadiga. Comeu carne crua e bebeu sangue durante toda a gravidez, não conseguia evitar. Mas, pelo que soube do médico da Alcatéia, eram reações normais e esperadas. A criança em seu ventre exigia mais energia.

Olhava-se no espelho e, por vezes, não se reconhecia. Os cabelos pareciam maiores e mais sedosos, sua pele estava perfeita, os olhos brilhavam encantadores. Nos últimos dois meses da gravidez, não se transformou em loba graças ao sangue da Ânfora. Seria perigoso demais em seu estado. Ganhou diversos presentes, inclusive de Iago que, a cada dia, parecia mais apaixonado.

Quando as dores começaram, Joyce foi preparada pelas lobas mais velhas e pelas fêmeas que ela havia escolhido previamente para acompanhar seu parto. Foi vestida num camisolão de linho e levada para o salão de Licaonte. As portas foram fechadas e, dentro do salão, somente as lobas permaneceram rodeando Joyce, apoiando-lhe e dando-lhe forças. Deitada sobre o círculo onde repousava o desenho do homem e do lobo, Joyce gemeu e rosnou, os olhos estavam mudados e os caninos à mostra. As lobas mais velhas a olhavam com admiração e respeito. Há séculos esperavam por alguém que trouxesse vida à Alcatéia e aquele nascimento marcava uma nova era. Teve seu filho como uma verdadeira loba.

Do lado de fora, os homens-lobos esperavam. Iago, nervoso, andava de um lado para o outro, esperando pelo nascimento do filho e temendo pela vida de Joyce. Darden, sentado, aguardava e apoiava Iago. Quando a criança chorou pela primeira vez, Iago uivou para recepcionar o filho; o salão foi aberto e ele pôde receber o menino nos braços, antes mesmo da mãe. Joyce queria ver o herdeiro,

mas a criança precisava ser reconhecida pelo pai. Iago viu os lobos o rodearem, aguardando o reconhecimento. Ele cheirou e lambeu seu umbigo. O menino passava pelas mãos de todos os lobos da Alcatéia, que o cheiravam e uivavam. Darden foi o último a receber a criança nas mãos. Cheirou-o e, por um minuto, olhou nos olhos da criança e uivou, aceitando-o na Alcatéia. Só então a criança foi entregue a Joyce, que a abraçou e chorou de alegria.

O tempo passou e, quando Joyce engravidou novamente, Darden ficou muito satisfeito. Afinal, não era sempre que uma loba concebia, mas Joyce, pelo visto, era bastante fértil. Ela estava feliz, mas ao mesmo tempo sentiu que aos poucos mergulhava no esquecimento. Agora, era mãe de dois filhos e esposa do futuro Senhor dos Lobos.

Arturo crescia forte e saudável. Darden não ousava mimá-lo, temia estragá-lo, mas era muito atento aos desejos do neto. O menino era seu sonho realizado, a continuidade de seu sangue. Joyce os achou bem parecidos, os cabelos cheios e negros, o olhar escuro, por vezes melancólico, outras vezes misterioso e pensativo, mesmo para uma criança. Ainda não havia demonstrado nenhum dom, mas era muito cedo.

Darden se aproximou de Joyce com o neto nos braços, tirando-a das lembranças. Estava corado e feliz. A babá, Valentina, se encarregou de cuidar de Alexia para que ela segurasse o filho. Ambos estavam sujos e suados, precisavam de banho e comida. Estava na hora de dormir.

—Iago deu notícias? — perguntou Darden, sabendo que Iago deveria ter se comunicado com a esposa.

—Ele ligou avisando que amanhã estará de volta — Joyce havia recebido a ligação do marido horas atrás.

—Então jante comigo, assim podemos conversar.

—Está bem, vou colocar as crianças para dormir e jantaremos — concordou Joyce sem reservas, pois Darden havia se tornado um grande amigo, o único que possuía em sua nova vida.

Alexia sacudia água da banheira sobre Joyce e soltava pequenos gritinhos de alegria. Tirou-a da banheira e envolveu-a com a toalha; logo estava seca e vestida para dormir. Sentou-se com ela na cadeira de balanço e amamentou a menina, enquanto cantava baixinho. Não demorou muito para que fechasse os olhos e dormisse. Não teve problemas para amamentar os dois filhos, tinha bastante leite. Mais dois meses e Alexia seria desmamada. Já estava na hora, segundo as tradições da Alcatéia. A menina era calma e bastante inteligente, já ensaiava as primeiras palavras. Joyce a levou para o berço e a colocou para dormir. Cobriu-a e foi até a

cama de Arturo. Ele ainda estava acordado, mas era visível que o sono logo o tomaria.

–Onde está papai? – perguntou o menino, indo para os braços da mãe.

–Ele está viajando, lutando por nós. Saudade? – disse Joyce, abraçando-o.

O menino balançou a cabeça afirmativamente e se agarrou à mãe. Era muito apegado a Iago, ele geralmente o colocava para dormir e contava-lhe histórias sobre os lobos e as batalhas que travavam pela Alcatéia. Era preciso, por vezes, contê-lo para que não assustasse o menino, que ouvia tudo atento com os olhos arregalados pelo suspense. Estranho saber que Arturo estava sendo criado pelo tio e não pelo pai, mas trazia a beleza e a inteligência de ambos. Beijou-o e cantou para que dormisse. Ele bocejou e, agarrado com o bichinho de pelúcia, adormeceu.

Joyce trocou de roupa e encontrou Darden em sua câmara. Ele não gostava de fazer as refeições na sala de jantar da mansão; para ele, o recinto era muito grande e fazia com que se sentisse solitário. De fato, a sala era realmente grande, e a mesa longa fora feita para pelo menos 20 pessoas. Em sua câmara, os criados serviam e saíam, dando a ele um pouco de privacidade. Joyce percebeu a carne fresca de gamo e vinho. Uma iguaria e tanto. Comeram e conversaram sobre o desenvolvimento das crianças e onde possivelmente estudariam. Foi então que Darden tocou no assunto:

–Quando conversamos sobre Arturo, você não respondeu a minha pergunta. Eu ainda espero sua resposta e uma promessa. – Ele foi bastante direto.

–As revelações que me fez pesaram bastante em minhas escolhas. Tem seu neto, ele faz parte da Alcatéia, foi reconhecido. O que mais espera de mim que eu já não tenha lhe dado?

–A promessa de que ele jamais saberá a verdade – cobrou Darden.

–Como posso lhe fazer essa promessa?

–Pode e fará. Belizário jamais vai cobrar direitos sobre a criança, ele sabe do destino dela. Mas... e quanto a você? Compreenda que Arturo é a promessa de que nossa espécie vai seguir adiante. Não quero, no futuro, vê-lo confuso e pronto a deixar seu lugar de direito.

–Ele tem o direito de saber a verdade...

–E para quê, Joyce? Ser repudiado pelo pai que o criou e tanto o ama? Ser banido e não encontrar lugar nem na Alcatéia nem na Ouroboros? Sim, porque, apesar de ser filho de Belizário, ele jamais será aceito, como você mesma não foi.

Darden deu todo tempo que pôde para Joyce pensar sobre o assunto; não a pressionou, pois tinha medo de que ela fugisse com seu neto. Ele sabia que, se

tentasse fazê-lo, teria um grande aliado para fazer ambos sumirem: Belizário. O que queria é que ela percebesse que o menino viveria melhor como filho de Iago.

—Temo que algum dia a verdade apareça, mesmo que não a desejemos — revelou Joyce, sincera. Sabia que logo o menino poderia ser testado em suas qualidades de lobo.

—Não subestime sua linhagem, é filha de Maxine. Arturo tem o sangue dos melhores líderes. Nada pode detê-lo. Agora me prometa que nada revelará — exigiu Darden.

—Seja como quiser, eu prometo, Darden. Ele jamais saberá.

—Fez o melhor por seu filho, acredite-me. Ele agora estará realmente seguro.

—Desde que me revelou o passado de Desirée, não consigo ficar segura — revelou Joyce, realmente tensa.

Desde que soube de sua existência, Joyce não tinha tranquilidade. Mantinha as crianças sob sua vista, nunca se afastava demais, seguia as regras e deixava os guardas sempre perto das crianças. Mas estaria pronta para lutar contra ela caso tentasse tocar em seus filhos.

—Iago está fazendo o melhor que pode. Mas ela é bastante escorregadia, há séculos tentamos capturá-la. Em um mês, Arturo será testado perante a Lua, não quero que ninguém corra riscos. De qualquer modo, aqui estamos em segurança, mas temos de pensar no futuro. Logo Alexia e Arturo estarão maiores e vão querer um pouco de liberdade. Só que, para isso, é preciso que Desirée esteja morta.

—Temos pouco tempo.

—Sim, e sei que ela está somente esperando uma oportunidade para atacar. No entanto, o teste não pode ser adiado. Mas nós estaremos prontos para detê-la.

—Assim espero — disse Joyce, pronta para se retirar. — Darden, obrigada por me aceitar — disse, segurando sua mão forte.

—Por que não o faria? Você é mãe do filho de meu filho! — Darden sorriu misterioso e a viu partir.

Capítulo 11 - O Adivinho

A dívida de Corintos para com Desirée era antiga e ele sabia que jamais pagaria. Graças a isso, por séculos protegeu-a de todos os seus inimigos. A vampira era caçada por vampiros e lobos, inclusive pela Ouroboros, sem que nenhum deles conseguisse tocá-la e fazê-la pagar por seus crimes. A lista era bastante extensa. A vampira era um ícone de resistência, mas jamais seria um exemplo a ser seguido. Muitos sequer sabiam de sua existência, e os que sabiam preferiam esquecê-la. Qualquer um que fosse apanhado em sua companhia era imediatamente decapitado. Sua fama a precedia; no fim, somente ela escapava enquanto seus comparsas geralmente encontravam a morte. O que mais tempo estava durando a seu lado era Fabian, mas não era um grande exemplo de resistência, visto que só estava ao seu lado por cem anos. Era uma relação estranha e pouco aconselhável.

O fato é que Corintos lamentava a vida miserável que levava, mas sabia ser muito tarde para ele. Fora sentenciado a conviver com um dom que considerava maldito, o de prever o futuro. Andava acompanhado por um espírito muito mais velho e forte do que ele. E este, por sua vez, usava-o para profetizar o destino de muitos. O oráculo da desgraça e da intriga, como disse Ariel assim que o viu em ação, sentenciando-o ao exílio. Corintos não era perigoso, mesmo quando mortal jamais foi. Seu único crime sempre foi carregar o dom da visão e se tornar imortal. Viveu os primeiros cem anos de sua imortalidade com certa alegria ao lado de sua mestra, ela o sabia dono de tal dom e o tocou para preservar o que ela acreditou ser um grande poder. Corintos se divertia adivinhando pequenas coisas e fazendo seus iguais rirem. Ele só sentiu o peso de seus poderes quando profetizou o fim da Ouroboros.

Miranda, sua mestra, levou-o diante de Detrich e o avisou dos estranhos eventos que aconteceriam caso o destino não fosse mudado. De sua boca saíam verdades, e isso assustou a Ouroboros, que vinha mantendo tal informação em sigilo absoluto e buscando sem sucesso uma solução. Corintos não só adivinhou o problema como a solução. Mas ela se mostrou odiosa – era um sacrifício maior do que todos esperavam.

Darden se recusou a participar e foi ameaçado, a Trindade não iria permitir que a Ouroboros caísse, claro. A solução também lhe parecia vergonhosa, mas era lógica e eficaz, e isso foi suficiente para que os Poderes do mundo vampírico e do mundo dos lobos fossem convocados e jurassem realizar a tarefa. E, diante da

Trindade, Detrich, na época rei dos vampiros, Laertes, comandante da Ouro-boros, e Darden, o Senhor dos Lobos, juraram.

Corintos nada sofreu, mas passou a ser vigiado por três Poderes diferentes. Séculos depois, ele fez uma previsão que o levou ao exílio. Ariel percebeu tardiamente que ele dava passagem a um dos Anciões do Templo ao mundo dos mortais. Quem falava por sua boca, quem olhava por seus olhos e respirava através dele era Quirino. Mas tal ligação exauria o vampiro a ponto de envelhecê-lo. No entanto, Quirino não era tolo, ficava somente o suficiente para não levar o vampiro à morte, não queria perder o portal que possuía com o mundo dos vivos que tanto apreciava. Após ser exilado e mantido sob vigilância, Ariel se voltou para Miranda, a vampira que o criara, e usava tal força para conseguir poder e dinheiro. Ela foi executada; afinal, conhecia as regras, havia tocado um iluminado e obscurecido sua luz com o poder da morte. Era proibido tocar adivinhos, médiuns, bruxas, a menos que já fossem imortais, e outras criaturas com dons especiais.

Atualmente, Corintos vivia em Paris, num exílio que já durava quase 200 anos. Sua beleza e sua juventude haviam sumido debaixo do toque de Quirino. Era um vampiro fraco, com a aparência de um velho, quase indefeso, não fosse por suas presas e pelos Pacificadores que o protegiam dos seus inimigos e daqueles que tentavam saber o futuro.

Uma semana depois de receber a negativa de Misha, Desirée resolveu mudar de tática. A raiva que sentiu dele e de suas palavras desapareceu, era difícil para ela odiá-lo: amava-o com todas as forças de sua alma. Precisava dele ao seu lado, não queria desistir, desejava-o como aliado, mas para isso era preciso fazê-lo desacreditar de Ariel e tudo que ele representava. Somente isso faria Misha segui-la. Foi quando se lembrou de Corintos. Ele conhecia o segredo de muitos e poderia ajudá-la. O único problema é que o vampiro vivia em prisão domiciliar, exilado por ordem do rei. Os que tentavam se aproximar para obter seus favores eram punidos com a morte. Durante a noite, um Pacificador cuidava de sua proteção e, ao longo do dia, uma Sentinela vigiava a casa enquanto o vampiro dormia.

O melhor momento para um contato era a madrugada, quando o Pacificador cedia seu lugar à Sentinela. Seria arriscado demais, e ela teria pouco tempo para falar com o adivinho. Para isso, contou com o apoio de Fabian, que provocou o Pacificador e conseguiu tirá-lo da casa até fazer com que o seguisse pela cidade, deixando o caminho livre para Desirée. A vampira subiu as escadas e encontrou Corintos perto do fogo, coberto por uma manta. Vivia com frio, gelado até os ossos.

—O que quer, Desirée? Não pode esperar a vida seguir naturalmente? Por que tem tanta pressa em morrer?

–Está de mau humor? – perguntou ela sem nenhum constrangimento.

–Sim, estou desde que fui posto no exílio. Você deve lembrar o motivo, já que teve participação – ele alfinetou, tentando feri-la de algum modo.

–Dizem que chumbo trocado não dói, não é mesmo? – Desirée provocou-o, observando a garrafa de sangue e a cadeira próxima à janela onde ele ficava por horas sonhando com a sua antiga liberdade.

–Antes de se aproximar, traga-me um cálice de sangue. Estou com sede, claro, a menos que queira me dar um pouco de suas veias – sugeriu o vampiro, realmente desejoso de um pouco do prazer da mordida. Só se alimentava de sangue de animais. Não podia caçar.

–Se suas palavras me agradarem, Corintos, posso lhe ceder um gole ou dois. – propôs Desirée, já lhe passando o cálice.

Corintos podia sentir o cheiro de sangue fresco vindo da vampira. E isso o encheu de prazer. Olhou-a e achou-a fresca, jovem e bela. Ele foi um dos poucos que a conheceu ainda mortal. Sorveu o sangue e, por um momento, sentiu-se desgraçadamente triste: era a presença da vampira. Eles haviam se amaldiçoado sem que percebessem.

–Sabe o que quero, Corintos – disse Desirée, cansada de seu olhar.

–Sua vingança tornou-se imortal.

–Como o sangue que corre em minhas veias – soltou ela, maliciosa.

–Misha jamais se aliará a você. Tirou dele o que mais amava, o que o fazia sentir-se humano. Quando matou Beliza, matou parte dele mesmo.

A verdade fez Desirée semicerrar os olhos, estava furiosa. Ela odiava lobos e até mesmo alguns vampiros. Não admitia ser censurada, os motivos de sua vingança eram para ela suficientes para tomar o que considerava justiça nas mãos.

–Chega! Quero respostas, não uma reprise ruim do passado. Darden e sua prole continuam vivos, mesmo com meus esforços para matá-los. Meus atos não o destruíram, apesar de feri-lo duramente. Estou farta de viver nas sombras sendo caçada como um animal que jamais fui.

–Quer a cabeça de Darden ou a de Ariel?

A voz de Corintos estava mudada. Desirée fitou sua face e percebeu que Quirino havia tomado seu corpo, era visível, seus olhos mudaram de cor, tornaram-se negros e vazios, e sua face adquirira contornos quase demoníacos. Ela precisava ser mais objetiva agora, Corintos não aguentaria a presença do vampiro por muito tempo.

–Diga-me o que fazer para destruir Darden.

–O que pede é o fim de uma era. Não tem poder para tanto, criatura. Se ainda vive, é porque é protegida por seu filho. – Quirino ficou de pé e foi para diante do espelho sobre a lareira. – Pobre Corintos... Envelhece e morre lentamente. Sentirei falta dele.

–Dele ou de seu corpo?

–Por mais velha e astuta que seja, Desirée, não pode ir além do que lhe é permitido. Todo esse tempo foi um instrumento perfeito – disse Quirino, misterioso; e a vampira por um instante se sentiu confusa. – Mas não pode sequer ousar desejar a cabeça do Senhor dos Lobos. Ponha-se em seu lugar.

–E qual é o meu lugar?

–Você o perdeu há muitos séculos. Atualmente, só lhe resta a obscuridade. No seu destino, estava ser líder dos Poderes, permanecer ao lado de seu rei. Mas preferiu o caos, e hoje colhe os frutos de sua semeadura de ódio.

–Quem é você para julgar-me? – Desirée enfrentou Quirino sem medo e colocou sua adaga sobre a garganta dele.

–Vai matar seu “amigo”?

–Corintos é um pedaço de passado que quero esquecer, mas decerto ele não merece morrer por sua causa – disse, fitando-o com desprezo.

–O que deseja a levará à morte – avisou Quirino, afastando a ponta da adaga de sua garganta.

–Prefiro morrer a aceitar que nada fiz para que eles paguem por seus crimes contra mim.

–Enterre o passado como fez com aqueles que amava. Seu coração de pedra encontrará paz.

–Você acha fácil porque não sentiu na pele a minha desgraça.

–Admita, você o ama. – Quirino foi cruel e sorriu de sua surpresa.

–Maldito! Diga-me como matá-lo! – perguntou ela, ainda apontando-lhe a adaga. Havia lágrimas em seus olhos e o ódio era enorme.

–Estou cansado de falar de morte. Os que me procuram estão mortos e somente buscam vingar-se e recuperar algo que jamais teve vida. Mesmo quando mortais, muitos já estavam completamente mortos por dentro. Suas almas agora encontraram o verdadeiro invólucro.

–Basta de tanta filosofia vampiresca. Se veio, é porque tem algo a me dizer, não é mesmo? Afinal, você é o pior dos vampiros, suga o sangue e a vida de um de seus iguais. – Desirée o insultou.

–Estou além de você ou de qualquer outro vampiro, além da matéria, e o que me alimenta verdadeiramente é mistério para você, que ainda sorve sangue. Mas, se quer tanto encontrar seu destino, eu a ajudarei, criatura insignificante – afirmou Quirino num misto de raiva e vitória.

Desirée baixou a lâmina e esperou que ele se afastasse do espelho onde se mirava quase fascinado.

–Misha não vai compactuar com seus planos, breve ele vai caçá-la como todos os outros. Vai perdê-lo para sempre como amigo, até porque como amante o perdeu há séculos. Não vejo como será sua morte, talvez viva mais um século, quem sabe? Isso tudo ainda está dentro da escuridão.

–Diga-me, como posso matar os herdeiros de Darden? – perguntou Desirée, sem dar ouvidos às palavras de Quirino. Era orgulhosa demais para se render à verdade. Seu coração não permitia.

–Finalmente, uma pergunta que pode ser respondida – disse Quirino, sorvendo o sangue do cálice após cheirá-lo desconfiado. – Haverá uma lua azul daqui a dois meses. O herdeiro do Senhor dos Lobos provavelmente será testado, isso deixará todos expostos. Se o plano for bem traçado, conseguirá bem mais que a criança. Mas você tem um aliado forte, aquela loba enjeitada lhe será útil; use o amor que ela lhe tem, e ela saberá como pegar o menino. Lembre-se: o herdeiro vale mais vivo do que morto.

Quirino fez a ressalva e sentou-se para esperar as perguntas da vampira com prazer.

–Assim que colocar minhas mãos sobre ele, vou matá-lo. Não tenho como mantê-lo incógnito, o pai e a mãe o farejariam – lembrou ela, atenta à natureza dos lobos com suas presas.

–Alimente-o com carne de salmão. Isso vai deixá-lo invisível a todos os de sangue quente. Assim terá mais poder e poderá pedir o que deseja, não é mesmo? Mas já basta, não vou lhe ensinar tudo. O resto é com você... Ah! Temos visitas – Quirino se interrompeu e sorriu, sentindo alguém além das janelas.

Desirée foi para a janela e observou a rua. O vampiro estava bem escondido, mas sua presença estava clara lá fora, e ele não parecia querer escondê-la.

–Quem está lá fora?

–A campeã do rei ou o que restou dela – Quirino debochou, e Desirée não entendeu seu cinismo. – Ela vem com frequência, mas jamais ousou entrar. Acho que tem medo do seu futuro. Mas hoje ela está esperando alguém – disse pensativo.

–Quem seria? – quis saber Desirée.

–Você.

–O que ela deseja comigo? Ousa tentar caçar-me? – disse Desirée, segura demais.

–Não seja pretensiosa, um dia sua cabeça também rolará. Ela parece desejar falar-lhe, vocês têm destinos bem parecidos – Quirino sorriu da inocência de Desirée e nada mais falou, e notou que ela ainda não pagara a consulta. – Seu tempo acabou, e deve me pagar pelos favores.

Quirino ficou de pé e avançou sobre Desirée, tentava atacá-la, sugar seu sangue. Mas ela foi mais rápida e o empurrou. Frágil no corpo de Corinto, ele caiu e maldisse a tentativa frustrada. A vampira pegou o cálice vazio e cortou o pulso enchendo-o com seu sangue enquanto o vampiro esperava ansioso e sedento.

–Pensei que não precisasse mais de sangue.

–Corinto é um vampiro sequioso e apaixonado e eu compartilho de sua agonia, sede e desejo. Perdoe-nos – pediu ele, clinicamente.

–Pois bem, deixe um pouco para ele quando se servir e diga-lhe que não se acostume a copular com cadáveres. Adeus.

Desirée falou com os olhos cheios de ódio e saltou pela janela. Ela sabia que Corinto a amava e, por isso, cedia às suas exigências, mas sempre o odiou por sentenciá-la à imortalidade.

Capítulo 12 - Rosas Brancas

Veneza 1894

O mês de julho chegava ao fim, mas o calor não dava mostras de terminar, pelo menos até o fim de agosto. Aquela tarde choveu e, como era de se esperar, a noite surgiu fresca nos jardins secretos dos palazzi. O cheiro de rosas e flores invadia as casas, conferindo a elas um toque romântico e acolhedor. Claro, havia o cheiro do canal, mas ele podia ser ignorado com a queima de incensos e borrifos de água de rosas. Ariel gostava de ambientes perfumados sem exageros, mas, acima de tudo, perfumados. Em Veneza, mantinha uma rotina bem diferente da que levava em no *Château*, em Paris.

Aquela ilha sempre fora um refúgio, costumava viajar pelas outras menores e negociar seda e cristais. Ali era um simples vampiro em busca de aventura, só tolerava Togo ao seu lado, e mesmo assim o mandava embora. Com o passar dos anos, passou a receber somente os amigos de confiança absoluta. Tocava por horas a fio, lia, andava sozinho, apenas e escrevia em seu diário. Vestia-se como rei ou como bandido, metia-se em brigas de rua, em duelos. Jogava cartas com os marinheiros e deitava-se com as mais belas cortesãs. Ia da euforia à tristeza absoluta, mas sempre sozinho, apenas com seu brinco de pérola na orelha. Odiava quando o descobriam em Veneza! Era o rei, merecia um pouco de paz.

O período era de relativa paz. Nada de guerras nem pequenos conflitos ou revoltas declaradas no mundo vampírico, e isso dava a ele tempo livre longe do poder.

O mundo mortal mudava, o capitalismo chegava lentamente e os homens começaram a migrar em busca de melhores condições de vida e trabalho. Eram como grandes manadas de dinossauros em busca de comida e terra. Havia fome, pobreza e doenças. Ariel sentia nos ossos que logo haveria uma guerra entre os mortais. Ainda havia ditadores e escravos em países menos desenvolvidos. Ele costumava acompanhar a política e anotar as decisões que seriam as certas, como passatempo, os acordos que beneficiariam a população, mas no fim venciam o poder, e não a razão. Não se surpreendia muito, não ele, que viu Roma em seu apogeu de sangue e conquista. Apesar de parecer civilizado, o mundo guardava em si parte de toda selvageria dos séculos passados.

Veneza ainda era um refúgio longe do mundo. Durante o século XIV, quando Murano, a ilha a um quilômetro de distância de Veneza, ficou famosa, o rei comprou uma fábrica de cristal. Produzia espelhos e miçangas de cristal, mas é claro que ele já investia em Murano desde o século VI, quando ela era apenas um

porto pesqueiro e produzia sal, além de um excelente polo de negócios. Houve uma queda na cristalaria, mesmo assim ainda era uma boa fonte de comércio.

Ariel estava ficando melancólico, lembrar o passado era sempre um risco. Mas havia mais motivos para ser feliz do que triste. Afastou-se da janela e viu Bruce entrar na sala, e sua face não o alegrou, ainda estava de luto por Jan Kmam, luto que exteriorizava nas roupas negras que vestia. Para piorar, Bruce tentava se livrar de um amante indesejado, Samael.

–Vejo que Veneza ainda não o seduziu – comentou Ariel, tirando o relógio do bolso do colete de seda para olhar as horas.

–Gosto de estar com você, Ariel, e agora, com a presença de Rosa Maria, confesso que o Palazzo se tornou um lar para mim. Todavia, às vezes, pode ser a Lua, não tenho certeza, sinto-me estranhamente melancólico. Desculpe-me, mas não os acompanharei ao *La Fenice* hoje – comentou Bruce, andando sobre o belo tapete oriental.

A sala era luxuosa e agradável. Nas cadeiras de damasco havia pequenas almofadas bordadas em seda em tons suaves, como mel e champanhe. A luz vinha de um lustre de cristal pequeno, mas extremamente rebuscado. Sobre a mesinha havia pequenas estátuas de cristal. Acima da lareira, um espelho de quase dois séculos ladeado por castiçais de prata estava fixado. Não muito longe, destacava-se um vaso de porcelana repleto de rosas brancas, bem ao gosto de Ariel. Era por esse ambiente que eles desfilavam, plenos de poder e beleza.

–Blanche não vai gostar de saber que se rendeu à grossura de Samael. Apenas esqueça. Sei que foi infame, mas estávamos entre amigos íntimos, ninguém vai comentar longe daqui.

Há cinco noites recebiam visitas quando Samael, sentindo-se rejeitado, invadiu a sala e provocou Bruce. Não aceitava o fim do relacionamento deles, passou a insultá-lo e comentou detalhes íntimos da relação dos dois, algo que Bruce não tolerou. Brigaram, e Rosa tentou separá-los, mas foi derrubada. Seu grito alertou o rei e enfureceu em definitivo Bruce. Eles se atracaram no pátio interno e iam se matar, não fosse a intervenção dos Pacificadores.

A vampira só teve o pé torcido e o vestido rasgado. Ariel, ao vê-la no chão, cruzou o pátio e socou o lobisomem, jogando-o sobre o banco de mármore do jardim, que se despedaçou. Desacordado, Samael foi recolhido, trancado e levado para a Alcatéia sob acusação de invasão e agressão. O rei recolheu sua amante do chão e constatou, com alívio, que não fora aranhada pelas unhas do lobisomem. Imediatamente, serviu-lhe um cálice da poção dos Caçadores e a obrigou a bebê-la.

Não queria correr o risco de perdê-la. A reunião terminara de forma bem desagradável.

Envergonhado, Bruce escondeu-se em seus aposentos, e só Rosa conseguiu fazê-lo sair. Tornaram-se amigos inseparáveis, tanto que Ariel, por vezes, sentia ciúmes, mas entendia que a devoção mantida pela vampira em relação a Bruce era fraternal.

–Talvez sejam necessários alguns séculos para que eu possa esquecer e para ele entender. O que ficou claro é que ele precisa ser contido. Se ele houvesse ferido Rosa, eu o teria morto imediatamente – afirmou Bruce, muito seguro.

–Não sei se teria chegado antes de mim – brincou Ariel, quebrando o clima tenso. Mas, quando falou, estava sério. – Sabe minha opinião sobre ele, sua presença não é mais bem-vinda, a ordem é para matar caso ele se aproxime demais. Agora se anime, Rosa fica triste quando você não está bem. Faça um esforço por ela, por mim que também o amo. – Ariel guardou o relógio e viu a vampira entrar na sala.

–Boa noite, senhores – disse Rosa, assim que adentrou o recinto.

A alegria daquela vampira era contagiante, ela havia mudado para melhor. Enterrou a tristeza e o passado, renascendo das próprias cinzas. Claro, ainda tinha pesadelos e temia o vampiro que a atacara, mas se sentia realmente mais confiante. Estava, como sempre, encantadora. O vestido de seda e veludo em estilo vitoriano deixava sua cintura delineada, o busto delicado levemente ressaltado, mas recatadamente coberto pela renda e pelo veludo vinho. O colo estava adornado por um lindo colar de pérolas negras. O cabelo liso e negro estava arranjado no alto da nuca, de modo que sua face pequena aparecia emoldurada por cachos e fios soltos. Seu perfume de rosa os tocou, e Ariel era o mais afetado por sua presença. Bruce sorriu e viu o rei tomar suas mãos enluvadas e beijá-las reverente.

–É sempre um sacrifício sair a seu lado.

A vampira acreditou que havia feito algo errado e fitou as próprias roupas. A voz de Ariel pareceu grave e triste. Bruce riu, sabendo do que Ariel falava. Eram dois moleques.

–Quando se põe tão bela, eu tenho ímpeto de me trancar no quarto com você – sussurrou Ariel, junto à sua orelha.

–Ah! Como pode me enganar desse jeito – reclamou Rosa Maria, batendo com seu leque no ombro dele e percebendo seu olhar apaixonado.

O rei a tomou nos braços e a viu encolher-se delicadamente, fugindo de seu beijo como punição. Mas ele insistiu e a beijou com suavidade no rosto. Bruce os

admirou e os achou perfeitos. Desde que Rosa Maria entrara na vida do rei, as mudanças começaram, e eram todas positivas. Ele estava mais feliz, calmo, o mau humor, que às vezes era constante, havia desaparecido e fora substituído por um cuidado extremo com o objeto de sua paixão, Rose Blanche, ou Rosa Branca, como ele a apelidara. Ela se tornara a joia mais preciosa de sua coroa, e ele a tratava como tal: era vigiada até mesmo quando dormia. Os Pacificadores estavam sempre atentos e próximos ao Palazzo. Afinal, havia resgatado aquela criatura fantástica das garras de um algoz pior que a morte. Seth, seu antigo mestre, costumava torturá-la impiedosamente. Ela jamais quis ser imortal, ele a raptou e a deixou à beira da morte apenas para vê-la suplicar por sua vida. Vampira, Rosa só conseguia pensar em fugir, odiava Seth. E foi durante uma de suas fugas que esbarrou em Bruce. Ele não lhe negou auxílio, nem poderia: ela era a imagem fiel da amante de Jan Kmam. Levou-a para sua casa e a protegeu, tentando compreender como aquela alma conseguia operar o milagre de se repetir através dos séculos. Ferida e fraca, Rosa se deixou ficar e aceitou pedir ajuda ao rei.

Durante a audiência, Ariel constatou a brutalidade de Seth e o puniu severamente: tirou-lhe o título de Lorde, confiscou metade de seus bens e tirou dele para sempre a guarda de Rosa Maria. Se a tocasse, enfrentaria as leis do Livro.

Togo sugeriu que ela fosse adotada por um vampiro da confiança deles e levada para longe de Veneza, com sua localização mantida em segredo. Bruce sugeriu Otávio, mas a possibilidade foi descartada – afinal, ela possuía um grande inimigo em Paris, Gustave. Ele a reconheceria de imediato e não ficaria a distância. O melhor ainda era manter a vampira debaixo de seus olhos, longe de Otávio e Asti, que a encheriam de perguntas. Simulou sua partida e a manteve em Veneza escondida, sua custódia pertencia a Togo. Ele a trataria como um Pacificador. Rosa se adaptou e seguia as ordens sem nada questionar. Era culta e quieta. Com o passar dos meses, Ariel dispensou Togo. Era hora de ficar só e aproveitar a liberdade. Rosa ficou e passou a cuidar do rei a pedido do líder da Ordem dos Pacificadores. A convivência e as conversas entre os dois só serviram para aproximá-los e fazer com que se apaixonassem. Ariel rendeu-se à paixão que sentia pela vampira e esqueceu a promessa que fizera a Bruce, tomando-a como amante. No Palazzo, eles viviam seu amor em segredo, o rei só permitiu que uns poucos vampiros participassem daquele momento.

—Não deixe Samael roubar sua alegria. Conheço um ou dois vampiros que desejam sua presença e só recebem negativas – brincou Rosa, abraçando o amigo, e já sabedora de que não os acompanharia ao teatro.

—Existem outras tristezas em meu coração, minha pequenina, e hoje eu decidi sofrer por um amigo que não mereceu a morte que encontrou. — Bruce fez uma

pausa, sabendo-se observado pelo casal. E muito mais por Ariel.

–Deixemos o passado enterrado, Bruce. Não sofra em vão – afirmou Ariel, pegando a capa.

–Samael já está no passado e duvido que ele mereça um dia de sofrimento meu. Datas assim só ofereço a vampiros especiais. Jan Kmam é um deles.

A menção do nome do vampiro fez o sorriso de Rosa sumir de sua face. Afinal, ela o tinha como um inimigo, uma lembrança ruim de seus pesadelos. Bruce notou e tocou sua face. Achou estranho que ela reconhecesse o nome do vampiro. Ele estava morto, por que deveria conhecê-lo? Olhou para o rei e desconfiou, somente ele poderia ter falado de Jan Kmam, mas com que intuito? E, pior, por que seu nome lhe trouxera tamanho desconforto?

–Vamos, Rosa, ou perderemos o primeiro ato. – Ariel apressou-a, percebendo o olhar astuto de Bruce.

–La Traviata pode esperar...

–Por favor, Rosa, vá. Estarei bem. Se apressem e divirtam-se. – Bruce os conduziu até a porta e a beijou na testa, despedindo-se, enquanto notava Ariel tenso. – Depois conversamos, hoje só preciso ficar sozinho.

O barco os esperava na porta do Palazzo. Nele, dois Pacificadores fariam sua escolta. Ariel não gostava de se arriscar quando se tratava de sair com Rosa. Ela era cuidada como a futura rainha, o rei sentia que havia encontrado a vampira perfeita: os presentes, a segurança que a rodeava, assim como seu amor e desejo. Dentro do barco, o rei deu o assunto por encerrado, estava mais interessado em admirar a delicadeza de sua face, levemente maquiada, os lábios rosados que pareciam sempre convidar ao beijo, o perfume de rosa que vinha de seu corpo. Todavia, havia tensão e tristeza. As mãos enluvadas sobre o colo apertavam levemente a bolsinha de veludo. A boneca de porcelana rara jazia pensativa. Não era difícil adivinhar o motivo. A simples pronúncia do nome de Jan Kmam lhe trouxera tristeza e temor. Dentro dos seus pesadelos, era ele que a matava.

–O que teme, Rosa?

–Fico o tempo todo imaginando quando ele vai despertar e me tirar de você... – revelou, sabendo-se transparente diante do vampiro mais poderoso que já vira.

–Apesar de ser a reencarnação da antiga amante de Jan Kmam, ele não tem direitos sobre você, percebe?

–Temo um confronto entre você e ele. Percebo o modo como Bruce me olha, ele não está vendo Rosa Maria; ele vê outra pessoa e isso me assusta. E, quando ele acordar, virá atrás de mim – afirmou amargurada.

–Tenho certeza de que Jan Kmam saberá respeitar nossa união. Ele é um vampiro diferente dos outros, chega mesmo a ser bondoso às vezes.

–Como você e Bruce?

–Um pouco mais, afinal eu sou o rei e não posso ser “bonzinho”. E agora existem laços de sangue entre nós e eles já o impedem de tocá-la, compreende?

–Aprendi do pior modo que o poder de um vampiro pode, às vezes, ser maior que o do rei. Se Bruce jamais houvesse me visto, ainda estaria fugindo. Seu poder de rei não teria me alcançado. Tenho só quatro anos de vida imortal e sequer poderia estar à sua frente.

O olhar do rei se tornou sombrio, afinal ele sabia que um vampiro agia segundo seus desejos mais assustadores. Sabia que Rosa havia sido raptada e levada a implorar pela imortalidade, quando não a desejava. Cair nas graças de um vampiro era uma maldição. Percebeu que ela amavelmente dizia que ele não seria capaz de protegê-la.

–Seth jamais vai tocá-la novamente, ele pagará com a vida se tentar. Está sendo vigiado, e o próximo passo em falso o levará à morte.

–Não lhe tiro o poder de rei, mas sei o que é dor, medo e solidão, o poder da imortalidade é um dom para poucos, e Seth não o merecia.

–Ele vai pagar por seus crimes, mas, perante os Poderes, eu preciso de provas para cortar sua cabeça. O que ele lhe fez não o colocaria diante do machado, apesar de merecê-lo. – Ariel tentou se justificar por não ter cortado sua cabeça imediatamente.

Rosa Maria fechou os olhos, e Ariel, a seu lado, beijou-a suavemente e a abraçou.

–Por que Bruce acredita que Jan Kmam está morto?

–Lembra-se do pedido que lhe fiz? – perguntou Ariel, brincando com sua pulseira de ametistas.

–Sim, não falar de Jan Kmam a menos que estejamos a sós – respondeu Rosa, como se repetisse suas palavras.

–Poucos sabem que Jan Kmam repousa dormindo, e não morto. Mesmo Bruce, sendo um querido amigo, tive de privá-lo de tal alegria. Acredite-me: se pudesse, eu diria, mas fazê-lo é quebrar leis. Graças a esse pesado segredo, Bruce já tentou se matar. Procuro mantê-lo sempre perto para vigiá-lo e evitar uma desgraça. Minha posição não é agradável. Mas preciso conservá-la.

–Mesmo assim, ele me salvou. – Rosa constatou o quanto aquele vampiro amava Jan Kmam.

–Sim, Rosa. Ele acredita que você foi posta em seu caminho para que provasse que seu amor por Jan Kmam deve estender-se também aos que ele amava em vida.

–Sim, e o tenho agora muito mais querido do que antes.

–Quando recebeu a notícia, Bruce quase enlouqueceu, ficou violento como jamais o vi. A dor de perder Jan Kmam pode ainda matá-lo. Entretanto, quando você apareceu, ele recobrou parte da alegria e está mais calmo. Continua sofrendo, contudo não tentou mais o suicídio. Foi melhor para todos que Jan Kmam preferisse o sono. Seus inimigos precisam pensar que ele está morto. Caso contrário, teríamos uma caçada em busca de seu corpo. Afinal, ele é meu favorito.

–Inimigos? – perguntou Rosa, um tanto confusa.

–Sim, alguns. Gustave, seu ex-pupilo, e o verdadeiro responsável pela morte de Thaís; Seth, que o odeia desde que assumiu seu lugar como favorito; e alguns outros. A lista é extensa; afinal, somos belos e imortais – brincou Ariel, por fim, tentando tirar o ar preocupado da face de Rosa.

–Eles me reconheceriam?

–Gustave não somente a reconheceria como tentaria mantê-la a seu lado para humilhar Jan Kmam quando ele despertasse. Os outros o fariam somente para ter um modo de o ferir. – a cada palavra, ela parecia mais pálida e preocupada.

–Então, por isso me mantém em Veneza e longe dos olhos dos outros? – quis saber, dando mostras de que percebia seus cuidados, a vigilância que sofria calada e sem reclamar.

–Sim, temo perdê-la, minha amada – o rei confessou sem medo.

A vampira se sentiu ignorante. Quando vivia com Seth, conheceu vampiros e vampiras que sabiam lutar, como era o caso de Desirée. Agia e se vestia como uma guerreira, algo que fascinou Rosa. Desde muito jovem, sempre foi forçada a fazer coisas que não desejava, tudo o que queria era ser livre e forte. E, quando a vampira se ofereceu para ensiná-la a lutar, ela vibrou, mas teve mais uma vez seus desejos frustrados quando Seth a proibiu de tentar. Ele a mantinha indefesa e frágil para seus caprichos. Mas isso jamais a impediu de fugir. Nos últimos meses, livre de sua violência e seu poder, aprendeu a usar alguns de seus dons e a manejar uma faca pequena graças a Bruce. No entanto, depois de ouvir as palavras do rei, teve certeza de que queria aprender a lutar.

—Está em segurança, tem pelo menos dez Pacificadores para lutar por sua vida, mas, se quiser aprender a lutar, nós a ensinaremos, terá ótimos professores: Bruce, Romano e Thiago... Tenho certeza de que será um prazer para eles passar-lhe conhecimentos. — Ariel viu a face da vampira se iluminar com um sorriso, e a tensão de antes desapareceu.

—Ser imortal é só o começo. Já que tenho inimigos, quero estar pronta para enfrentá-los — disse Rosa de forma suave, ajeitando as luvinhas de seda, e Ariel se perguntou como ela se sairia com uma espada, suas mãos eram tão delicadas...

Quando o barco parou, eles desceram e seguiram caminhando. Em Veneza, caminhar era algo comum. Os Pacificadores se dividiram, um foi na frente, e o segundo seguia atrás do casal. Quando chegaram ao La Fênice, havia uma pequena multidão diante do teatro. A noite estava agradável e festiva, havia som de violino, risos e conversas.

O cheiro do canal se misturava ao de perfume francês e ao de outras fragrâncias doces. Um dos Pacificadores ficou e se misturou à multidão, enquanto os outros mantinha uma distância segura. Ariel cumprimentou alguns mortais influentes que conhecia e com os quais mantinha um convívio discreto. O calor ainda obrigava as senhoras a usarem leques de penas e de rendas. Rosa abriu o seu e abanava-se discreta e elegantemente, sob o olhar encantado do rei. Sorria, feliz, quando Romano e Thiago se juntaram a eles. Rosa se aproximou dos músicos e, empolgada com a música, marcava o ritmo na mão com o leque. Ariel desejou vê-la dançar, e foi nesse momento que ele o sentiu bem perto.

Seth fechou a mão enluvada sobre o pulso da vampira e a conteve com firmeza junto a si. Atrás dele, Petrus e Ribas. Era um pesadelo, Rosa buscava Ariel desesperadamente com o olhar. Seth a obrigou a enfrentar seu olhar escuro com ar de vitória. O primeiro impulso foi tirá-la dos braços, mas, antes que se movesse, Romano pediu-lhe calma. O rei sorriu confiante e caminhou em direção a Seth em passos decididos.

— Ainda em Veneza? Acreditei que partiria após ter seus bens confiscados. —
O rei foi duro.

—Perdi meu título de favorito, meus bens, minha amante — dizendo isso, lançou um olhar amargo sobre Rosa. — Mas ainda me restam os amigos — disse Seth, mostrando mais dois vampiros que os cercavam.

Era uma armadilha. Ele viera de propósito para raptar Rosa e enfrentar o rei. Ariel chamou os Pacificadores do barco e esperou, Romano, a seu lado, e Thiago, a poucos passos, estavam prontos para lutar com seu rei.

–Deve me soltar – avisou Rosa, muito segura, apesar de sentir medo ao enfrentar a face cruel de Seth.

–Por que deveria? Você me deve a imortalidade, dentro das suas veias corre meu sangue.

–Não mais. Os laços foram quebrados, ela não lhe deve sequer um olhar. Solte-a – disse Ariel, suavemente.

Para os mortais presentes, era apenas um grupo de amigos conversando, nada demonstrava a tensão que os cercava; talvez a maioria sequer os percebesse ali. Romano, temendo um incidente, influenciava a mente dos mortais que os fitavam.

–É como dizem, um rei pode tudo, até mesmo roubar seus servos mais fiéis.

–Abusou de seu poder e descumpriu leis, o que esperava? Piedade? – Ariel lembrou seus atos, mas sabia que era desperdício argumentar com ele.

–Fui seu favorito, o vampiro que mais perto chegou de sua natureza. Eu merecia alguma consideração.

–Não seja pretensioso, mais perto de você está uma sanguessuga. Entretanto, vejo que busca chamar a minha atenção. O que deseja com esse circo?

–Vai me conceder uma audiência?

–Sim, aqui mesmo – afirmou Ariel, calmamente. – Vou começar confiscando-lhe o resto dos bens; depois mandarei que exterminem seus herdeiros de sangue. E, para finalizar, que o expulsem de Veneza.

Romano podia ver o modo como Seth se enfurecia um pouco mais a cada minuto. O confronto seria inevitável, por um segundo temeu pela segurança de Ariel, ele faria de tudo para tirar a vampira de seu poder. Falou mentalmente com Thiago e o deixou de sobreaviso. A prioridade era a vida do rei. Eles estavam cercados por cinco vampiros, sem contar com Seth e seus herdeiros de sangue. Os Pacificadores poderiam tentar salvá-la.

–Claro, ainda posso mandar que o executem. Por não saber usar o dom da imortalidade que lhe foi dado. – Ariel foi impiedoso como bem sabia, mas Seth mereceu.

O rei jogava friamente com Seth, tentando provocar uma reação com o objetivo de tirar Rosa de suas mãos. Ele viu o vampiro semicerrar os olhos com horror e rebeldia. Seth, num revide maldoso, puxou Rosa para junto de si e sussurrou algo em seu ouvido. A vampira virou o rosto e tremeu de pavor, sem conseguir encarar Ariel que, como todos os presentes, ouviu o comentário imoral, que só visava a envergonhar e ferir Rosa e o rei.

–Bem, se vai matar meus herdeiros, comece por Rosa.

Ribas e Petrus sorriram e os Pacificadores observavam os mortais entrarem lentamente no teatro. A praça se esvaziara perigosamente, o tempo estava acabando. Ariel gargalhou e se aproximou um pouco mais, alertando todos, inclusive Seth, que apertou um pouco mais o pulso da vampira, fazendo-a gemer baixinho.

–Não gosto de me repetir, Seth, mas você me obriga. Rosa não lhe pertence mais. Está tocando com rudeza a amante e futura rainha dos vampiros. Ordeno que a liberte imediatamente.

Seth fechou a mão sobre a garganta da vampira e Ariel viu uma lágrima escorregar por sua face delicada. O vampiro cravava as unhas em sua pele, queria que ela gritasse, pedisse ajuda, mas, por temer pela vida do rei, ela se continha. O semblante de Ariel endureceu, os olhos estavam translúcidos, tamanha a ira que sentia. Seth queria guerra? Então a teria. Às suas costas, estavam Petrus e Ribas. Suas intenções estavam claras, preferiu atacá-los dentro do teatro para ter os mortais como escudo. Pretendia raptar Rosa.

Ariel pensou em avançar, mas foi contido por Romano; pensou em usar seus poderes, mas poderia colocar a vampira nas mãos de Petrus, bem perto, ou de Ribas, logo atrás. Conteve-se e continuou aquele estranho jogo de ameaças. Thiago esperava com a mão no cabo de sua espada e a outra sobre a pistola. A situação parecia incontornável, eles lutariam ali mesmo, diante do teatro. Os músicos ainda tocavam indiferentes ao conflito que se daria. A tensão os rodeava e os comprimia um pouco mais a cada instante, os Pacificadores estavam sobre os telhados próximos e no fim da rua, prontos para agir.

–Você está chegando a um ponto, Seth, que nem as leis me impedirão de tocá-lo. Sua afronta não ficará impune, vou caçar você e sua maldita laia.

–Que direitos tem sobre ela? Rosa não lhe pertence, é a cópia da amante de Jan Kmam. – Sua revelação fez Ariel semicerrar os olhos. – Age como um ladrão e ainda exige direitos! – Seth cuspiu as palavras com deboche. – Jan Kmam certamente, se estivesse vivo, já o teria confrontado. Claro, eu a achava mais charmosa quando cega, não acha? – Seth cobriu os olhos da vampira e a fez debater-se, mas foi contida.

Seth sorria, e Ariel se fazia de morto para não voar sobre o vampiro. Mas estava óbvio que sua vingança contra os Poderes era antiga. Vigia Jan Kmam e sua amante. Ele ansiava por seu lugar e certamente o atacaria, mas por que não o fizera?

–Vigio-a há muito tempo, ela sempre foi e será o ponto fraco dos seus amantes. – Ele tocou seus seios sob o vestido de modo lascivo. – Eu bem que tentei capturá-la, mas Gustave e Consuelo a pegaram antes. Na verdade, deixei que fizessem o trabalho sujo por mim. E assim o cargo ficou vazio. Mas Vossa Majestade não me recebeu. Por que preservar o lugar de um morto? O que está esperando? – Seth sacudiu Rosa, que esperava aflita.

–Você jamais voltará a ser o favorito do rei. Seus crimes o jogaram no limbo, sua presença é um insulto aos Poderes – revelou Ariel, seguro.

–Que seja, eu perdi, mas me deixe ficar com o que me pertence. Afinal, eu a vi renascida como uma cortesã. Pouco me importa que estranha bruxaria ela pratica para voltar e se repetir. Eu a tornei imortal; sou seu dono agora. Quem é você para roubá-la?

–Sou o rei dos vampiros, e isso para você significa o machado e o Sol.

–Belas palavras, mas dessa vez você vai sofrer, eu prometo – disse Seth.

Depois ele puxou Rosa, que tentou empurrá-lo.

Um casal atrasado deteve a investida do rei. Romano caminhava inquieto e Thiago tinha a mão oculta dentro do terno sobre sua pistola. Rosa olhou o casal sumir e sentiu que Seth a arrastaria com ele. O casal desapareceu dentro do teatro, e o vampiro caminhava e puxava Rosa Maria consigo de maneira rude. Ela olhava Ariel aflita e viu Romano e Thiago segurá-lo.

–Soltem-me!

–Não pode se arriscar, olhe à sua volta – argumentou Romano.

Ariel viu os vampiros cercando todos. Rosa ficava cada vez mais distante.

–Basta!

Rosa Maria parou, e Seth ergueu a mão para lhe bater. Foi tudo muito rápido: um dos seus laços de fita se desatou e flutuou no ar, diante dos olhos do vampiro. A cena deteve os outros vampiros. Ariel viu o brilho frio do longo alfinete que Rosa usava no vestido cintilar sob as luzes amarelas da praça e desaparecer dentro do peito de Seth. A dor aguda o fez recuar e soltá-la, enfim. Ele caiu no chão de joelhos e a olhou com a mão estendida, ela recuou e foi tomada nos braços por Ariel. À sua frente, Romano e Thiago se colocaram apontando as espadas para Seth, no chão golfando sangue. O alfinete era de prata pura e iria lhe custar muita dor retirá-lo do peito, se não o matasse antes.

O metal o ferira dolorosamente. Vacilou e foi apoiado por Petrus, que tentava achar o que machucara seu mestre, mas só encontrou um ponto tinto em sua veste.

–Maldita... – Seth rugiu entre golfadas de sangue, enquanto Petrus o apoiava.

–O que sente não é nada comparado ao que me causou. Espero que morra! Jamais tente me tocar novamente ou cortarei sua cabeça. Eu juro! – Rosa o ameaçou segura e fria, como jamais ousara ser.

A ameaça foi dita com coragem. A vampira caminhou elegantemente ao lado do rei, que a segurava junto a si. Ariel sentia seu corpo tremer, as mãos delicadas segurando a sua com força. Seth a olhava com rancor profundo, deixando bem claro que, entre eles, só restara o desejo de vingança e morte.

–Deixe a cidade, tem um dia; se ficar, perderá a cabeça.

–Sorria enquanto pode, Ariel. Logo vou fazê-lo chorar lágrimas de sangue!

Petrus e Ribas tentavam levá-lo para longe, mas ele insistia em ficar e cuspir sangue e ameaças sobre seus inimigos.

–Eu já sinto por não poder cortar sua cabeça. – Dizendo isso, o rei saiu, levando Rosa junto consigo.

Tomaram o sentido contrário e sumiram pelas ruas de Veneza. A noite havia acabado, felizmente não fora de modo trágico. Romano e Thiago os escoltaram até o barco e os seguiram até a casa. Rosa permaneceu muda, apenas abraçada ao rei.

–Rosa, abra a porta! – Ariel pediu amolado do lado de fora do quarto.

–Por favor, deixe-me em paz, quero ficar só... – pediu, encolhida no chão num canto escuro do quarto, enquanto soluçava.

Bruce estava ao lado de Ariel e, assim como ele, sentia toda a dor de Rosa Maria. Ela estava com muito medo. Assim que chegaram, correu para seu quarto e lá se trancou. As revelações de Seth novamente a jogaram dentro do passado e da escuridão das lembranças.

–Acalme-se, Ariel, ela está bem, só com muito medo e magoada. Deixe-me tentar – pediu Bruce, temendo por ambos.

O rei tocou o rosto com as duas mãos e permitiu que ele tentasse. Afinal, sua vontade era derrubar a porta para tê-la nos braços e consolar sua dor. Ele saiu da frente e deixou que Bruce tentasse.

–Pequenina... Deixe-me entrar, por favor.

–Bruce? – disse Rosa, com a voz num fiapo.

–Sim, Blanche, deixe seu salvador entrar. – Ele brincou e riu ao ouvir seu suspiro aliviado; momentaneamente ela se acalmara. – Abra a porta.

Ariel se escondeu no corredor ao ouvir seus passos e esperou que a porta se abrisse. A vampira apareceu na soleira com o rosto banhado em lágrimas de sangue, os cachos desfeitos, ainda com a capa nos ombros. Estava muito abalada.

–Eu queria ficar só... Entende? – Rosa tentou se explicar.

–Sim, entendo, mas deixe-me entrar e conversar um pouco – ele pediu, esperando pelo convite, pois teve medo de entrar e assustá-la.

No corredor, Ariel ouviu e se sentiu pequeno, inútil diante da mulher amada. Tudo que desejava era passar-lhe confiança, mas ela não confiava em ninguém além de Bruce. Compreendia em parte; afinal, fora ele quem a salvara, enquanto ele, o rei, estava disposto a mandá-la de volta para seu algoz. Aborrecido, saiu do corredor rumo à rua. O Pacificador o viu pegar a capa e a espada, e sumir por uma das ruas estreitas da cidade sobre as águas, então o seguiu.

–Onde está o rei?

Rosa quis saber preocupada, como se não quisesse enfrentar seu olhar. Assim que Bruce entrou, ela fechou a porta.

–Desde quando ele é o “rei” para você? – perguntou Bruce, sentando ao seu lado na cama.

–Ele sempre será o rei para mim. – A vampira começou, consciente de sua fragilidade. – Não quero que ele se machuque tentando me salvar... Seth prometeu matá-lo. Vi quando Romano e Thiago o seguraram para que não se arriscasse... Só então percebi que o coloquei em perigo. Preciso partir, ajude-me, por favor! – Rosa pedia algo impossível.

Bruce agora entendia o motivo do isolamento da vampira. Ela viu que sua vida nada valia diante de Ariel, que jamais o deixariam se arriscar por ela. O peso da vida de Ariel a tocava com muita força. Ela percebeu que teve sua mortalidade roubada por se parecer com a amante de Jan Kmam. Os maus-tratos que sofreu foram provocados por se parecer com o objeto da ira de Seth, o antigo favorito. Nela, ele descontava sua raiva; portanto, humilhá-la e feri-la significava cuspir nos seus inimigos. Confusa, ferida e amedrontada, ela já havia ensaiado fazer uma mala.

–Rosa, acalme-se – pediu Bruce, carinhoso, puxando-a para seus braços.

Ela o abraçou forte e se sentiu menos aflita. Os soluços diminuíram, e Bruce pôde lhe falar com tranquilidade.

–Pequenina, Ariel Simon é o rei dos vampiros; ele pode fazer Seth virar cinzas. A única coisa que o impede são as leis. Sei que já conhece os Poderes e que compreende as leis. Então, não se martirize, ou ao rei por medo de viver sua

imortalidade com plenitude – Bruce falou muito sério. – Ariel voltará mais tarde, ele está muito preocupado com você. Não o faça sofrer, ele a ama muito.

–Eu sei, mas precisava ficar longe. Aconteceu algo...

–Ariel me contou tudo, fique tranquila.

Bruce percebeu Rosa bastante pálida, e o vampiro se perguntou se ela teria comido aquela noite.

–Não posso continuar vivendo com o rei – revelou Rosa, tristemente.

–Por que não? Você o ama? – Bruce quis saber os verdadeiros sentimentos da vampira em relação ao rei. Afinal, sua alma voltara buscando a de Jan Kmam, mas infelizmente o encontrou morto.

–Não entende? Minha maldição é me parecer com a amante de seu favorito, isso me aprisiona. Seth revelou que só me tocou por esse motivo. Fui raptada, morta e trazida à vida imortal porque me pareço com essa mulher – as lágrimas rolavam cristalinas por sua face. – Eu amo muito Ariel, mas não me acredito ser capaz de ser sua rainha.

Ela estava fraca, Bruce foi até a mesinha do quarto e voltou com um cálice de conhaque e sangue. Ela precisava relaxar, nem que fosse preciso embriagá-la.

–Por que ele me ama? Quem ele vê?

–Ariel vê Rosa Maria e seus olhos negros, seus cachos. Ele a ama, pequenina, porque jamais desejou a amante de seu favorito. Ele só a viu em uma pintura dentro do relicário que Jan Kmam carregava consigo, e nada mais.

–Então, por quê...? – Rosa estava muito confusa.

–Vamos, beba um pouco.

O primeiro gole Rosa achou amargo, mas bebeu trêmula; o segundo ela pediu; e o terceiro pareceu acalmá-la de vez, pois ficou lenta e com os olhos bastante grandes e pensativos. Logo se tornou sonolenta e foi nos braços de Bruce que ficou no leito.

–Seth não vai tocá-la novamente, está em segurança. Além disso, pretendo ensiná-la a lutar. Se bem que soube que o pegou de jeito.

Bruce falou sorrindo e acariciando seus cabelos. Ela tentou puxar a presilha e ele a ajudou, soltando seus cachos do penteado desfeito. Afrouxou seu espartilho e a deixou cair sobre o leito, já ajeitando os travesseiros.

–O que a perturba ainda? – perguntou ele, pondo o dedo sobre sua testa, o que a fez sorrir tristemente.

–Tenho muitos inimigos e, quando ele acordar, sei que virá me buscar... – Rosa soluçou e sentiu Bruce consolá-la. – Eu ouvi Ariel dizer a Romano que não o deixasse vir a Veneza... – As palavras não faziam sentido, a voz estava pesada, lenta pelo conhaque.

–O que diziam? – quis saber Bruce, enquanto segurava sua mão e beijava seus dedos delicados sem saber o que viria.

–Jan Kmam não pode vir a Veneza quando acordar. Romano vai vigiar ele...

Na cidade onde ele dorme... Eu sei, Ariel tem medo que Jan me veja.

Bruce semicerrou os olhos e não pôde acreditar no que a vampira disse por influência do conhaque. Então, Jan Kmam estava vivo e dormindo em algum lugar em segurança. Tudo fazia sentido agora! Por isso o rei a educava, impedindo-o de levá-la a Barcelona para que ficasse sob a proteção de Martan. Ele realmente tinha planos de devolvê-la a Jan Kmam, mas o amor o pegara e o fizera quebrar sua promessa. Do mesmo modo como fazia questão de que ele ficasse ao seu lado, temendo que se suicidasse, ou como deixou claro que não haveria outro favorito! Como ele pôde esconder tal verdade, vendo seu sofrimento? Bruce viu Rosa aninhar-se junto a ele e, finalmente, adormecer, sentindo-se segura. Uma segurança que não sentia ao lado do próprio rei.

Duas horas depois, o rei retornou. Tinha a camisa suja de sangue, mas parecia calmo, enfim. Entrou no quarto e encontrou Bruce na poltrona junto à janela, lendo, e Rosa no leito, dormindo calmamente. Ariel se aproximou da amante e a viu tranquila, beijou sua testa e sentiu o cheiro do conhaque.

–Por que a embebedou? – perguntou Ariel, um tanto aborrecido.

–Rosa estava disposta a deixá-lo, ali está a mala – mostrou Bruce. – Mas o conhaque a acalmou. Agora me diga: por que Rosa não está se alimentando?

–Não faço ideia.

Ariel comentou realmente surpreso, olhou o pulso da vampira e constatou que ela vinha se alimentando mal. As veias estavam finas e escuras.

–Suas lágrimas estavam cristalinas e parecia pronta a perder os sentidos de tão faminta.

–Amanhã tocarei no assunto e descobrirei o que se passa. Obrigado por nos ajudar.

–Faço por Rosa, não por você – Bruce disse seco, o que surpreendeu o rei.

–O que fiz de errado? Vamos, diga-me, a noite ainda não acabou – instigou o rei, pronto para mais problemas.

–Estou aqui há duas horas me perguntando em que momento trai sua confiança.

–Do que fala, Bruce? – quis saber Ariel, olhando-o com interesse.

–Jan Kmam.

–Rosa falou – Ariel afirmou cansado, levando a mão à testa.

–Ela é fraca para álcool e andou ouvindo atrás das portas, já sabe que você vigia o sono de Jan Kmam. Mas me diga, Ariel, o que temia? Que contasse aos demais?

–Quando você chegou a Veneza, já estava tudo consumado e Seth andava atrás do cargo. Além disso, até mesmo o Livro o considerou morto. Você conhece os Poderes, eu estou preso a segredos.

–E como amigo? – Bruce cobrou magoado; afinal, confiava a ele seus segredos, esperava a mesma lealdade de sua parte.

–Eu falhei, Bruce, e me envergonho disso. Tenho mantido você ao meu lado, sob vigilância, temendo que se mate. Mas tudo o que fiz foi para o bem de Jan Kmam. Sua dor fez com que seus piores inimigos o acreditassem morto. Foi bastante difícil tirá-lo de Paris sem que nenhum deles soubesse – revelou tenso e cansado, lembrando-se de como transportou seu corpo. – Eu não podia arriscar tanto. Sinto muito. Se puder, perdoe-me, ou me condene eternamente. – Ariel estava sendo sincero, e Bruce o perdoou.

–Então que fique em segredo. Deixemos que ela acredite que eu nada sei.

Ficaria envergonhada na sua frente por ter revelado.

–O que acha? – perguntou Ariel, olhando a vampira mergulhada no leito.

–Está me perguntando se Jan Kmam ao despertar vai desejá-la? – Bruce agora conhecia bem os medos de seu rei. – A resposta é sim. Agora, conte-me por que Rosa o teme tanto. Ela deveria buscar por ele e não sentir repugnância à menção de seu doce nome – questionou Bruce ao ver Ariel sentar-se no leito junto à vampira.

Após ouvir o breve relato de Ariel, Bruce compreendeu os motivos de a vampira temer Jan Kmam. Ela acreditava que ele era o culpado por sua morte, e as palavras de Seth só a feriram um pouco mais. E, não obstante as explicações de Ariel, Rosa continuou temendo o vampiro, ao mesmo tempo que tinha o rei em seu coração. Todavia, suas almas estavam ligadas, e Rosa Maria era a prova disso. “Talvez, se ela o visse, lembrasse...”. Bruce pensou, formulando um plano.

—Quando ela esbarrou comigo naquela viela, mergulhei em seu olhar negro e vi Jan Kmam. Ela pode temê-lo agora, mas bastará ficar à mercê de seu olhar mais doce e do seu sorriso para reconhecê-lo. Deve se preparar, caro amigo. Essas duas almas fizeram um pacto do qual não somos sabedores. Eles se buscam desesperadamente e só encontrarão a paz juntos, na vida ou na morte. Ela renasceu para viver com ele.

Sabendo o peso que suas palavras teriam sobre o rei, Bruce foi para seu lado e percebeu o modo sombrio e triste como Ariel fitava a vampira. Seu coração estava mergulhado em dor. O amor deles enfrentaria muitos inimigos, Rosa agora se sentia apenas a cópia de uma mulher que todos queriam ferir e possuir. Subitamente, sentiu que vivia uma fantasia com tempo certo para acabar. Precisava encontrar uma saída... Mas qual? Ela sempre se pareceria com Thaís, mas sempre seria Rosa Maria para ele, a sua rosa branca. Sentado junto ao leito, tocou seus cachos negros e percebeu-se frágil diante dela, que mal sabia segurar uma lâmina nas mãos. A mão de Bruce pousou sobre seu ombro, e Ariel a segurou amável, recebendo a força que ele lhe passava.

—Nós, que somos imortais, só vivemos de quimera e dor. Há uma lista interminável de belos rostos que desfilaram por minhas noites, mas me lembro de poucas com amor. Rosa é tão especial em sua inocência e juventude, quase posso ouvir suas risadas, o modo como aperta meus dedos no escuro do quarto; ela tem medo do escuro. — A voz de Ariel falhou, estava emocionado e frágil. O incidente no teatro mostrou-lhe que nada podia contra o destino.

Afastou-se da cama sem rumo. Bruce o amparou, percebeu as lágrimas que ele escondia, apoiou-o. Tinha os punhos fechados sobre o ombro largo de Bruce e os olhos verdes fechados. Amar nunca fizera bem ao rei, mas o amor daquela vampira tornara-se uma exceção. Todavia, estranhamente, tudo começou a mudar. Refeito, afastou-se do amigo e só então falou:

—O que farei quando ele despertar?

—Encontraremos uma saída. — Bruce deu-lhe força. — O correto é que conversem, mostre a ele que Rosa o ama. Não existem laços de sangue unindo os dois, e isso poderá mantê-lo afastado. Jan vai sofrer tanto quanto você e buscar respostas como você mesmo buscou, mas não vai poder obrigá-la a amá-lo. Hoje, agora, você precisa cultivar o amor de Rosa e saber se ela realmente o ama. O amor é a resposta para suas dúvidas.

Ariel limpou o rosto com a manga da camisa e se apoiou na janela para falar:

—Saberei fazê-lo. Logo Rosa vai me amar o suficiente para ter forças e resistir a Jan Kmam a ponto de ele desistir de lutar por ela. Não quero perder

nenhum dos dois.

–Sim, de fato, não quero vê-los lutar quando existem laços de sangue, amizade e amor ligando vocês.

–Conto com sua ajuda?

–Sempre, Ariel. Ainda mais agora que sei que Jan não morreu – Bruce disse suave e apaixonado.

Capítulo 13 - Alma e Sangue

São Luís

Kara andava pelo velho casarão em completo silêncio. A cidade seguia seu ritmo de vida natural e caótico noite após noite. Os casarões se mantinham de pé ou aos pedaços, debaixo de sol e chuva. O da Rua do Sol parecia realmente amaldiçoado a não ter morador. Estava novamente fechado e entregue à própria sorte.

A luz azulada da Lua atravessava os vitrais e jogava sobre o piso polido de madeira cores e formas que Kara atravessava displicente. A saia negra do vestido a seguia e dava a ela um ar fantasmagórico. Era o vestido que fora de Thaís, suas joias, até mesmo o cabelo estava como o dela. Seu espectro se vestira de passado para reviver algo há muito perdido. O sentimento era realmente de perda. Havia se tornado uma aparição vinda de séculos atrás. Qualquer desavisado, mais sensível ao invisível, que olhasse através das janelas a veria assombrando o velho casarão. Os olhos pareciam estranhos e vazios como dois abismos. A tristeza a trouxera até o velho imóvel e a fazia se perder um pouco mais a cada noite.

Há quanto tempo estaria ali, perdida em lembranças? Ela mesma não sabia. Vagava ao anoitecer pelo casarão e, ao amanhecer, se escondia no sótão. Olhava a rua e não desejava sair, não tinha coragem; apenas se deixava ficar imersa em lembranças felizes do tempo em que era mortal, quando ali encontrara Jan Kmam. Tornara-se prisioneira de suas lembranças, alimentava-se delas para manter sua alma viva e ainda lúcida. As revelações de Afrodite, a visão dela e de Jan Kmam em pleno ato sexual a destruíram, jogaram-na na escuridão.

Há duas noites, sua rotina fora quebrada por vozes no primeiro andar e na sala de música. Não desceu, mais por apatia que por medo. Ficou no sótão, deitada na cama. O pequeno quarto havia sido organizado por Vitor, para que ela e Jan Kmam se encontrassem anos atrás durante os eventos que os levaram à Arena. Havia feito daquele quarto seu pequeno mundo. Estava nas escadas quando ouviu as vozes novamente. Pareciam conversar ou brigar, deu meia-volta, mas, ao ouvir seu nome, a curiosidade aumentou. Resolveu descobrir de quem eram as vozes. Desceu e, na sala de música, pela brecha da porta, os viu. Eram Roberto e Alva! Como podia? Eles estavam mortos! Kara recuou e, sem perceber, chamou a atenção deles. Fugiu pelo corredor e ouviu seus passos atrás de si. Estava no salão quando ouviu Alva gritar.

—Pegue ela, Roberto! Não a deixe chegar às escadas.

Kara correu sem saber ao certo por que o fazia, mas se sentiu realmente ameaçada. Quando alcançou a escada, tocou o corrimão e deu o primeiro passo, mas foi puxada com força e jogada ao chão violentamente. Seu corpo se chocou contra a parede. Sentiu sangue na boca, pois batera a cabeça, o ombro doía. Viu-se sobre a mesinha virada entre os cacos do vaso que se partiu às suas costas. Colocou-se de pé e observou os vidros caírem do vestido. Roberto e Alva a acuraram junto à parede. Eles a olhavam com rancor e vitória. A conversa, pelo visto, não seria nada amigável. Seus espectros tinham a mesma aparência de quando eram vivos.

—Nós a esperávamos com ansiedade – disse Alva e fechou a mão sobre sua garganta com força.

—Me diga quem a matou, quero lhe dar os parabéns – afirmou Roberto, sussurrando junto ao seu rosto de modo lascivo.

Kara se debateu e foi contida com brutalidade. Precisava enfrentar seus fantasmas com coragem. Na verdade, parecia estar em um pesadelo.

—Eu não estou morta – assegurou Kara e empurrou Alva com força. Eles apertaram mais as mãos sobre seu corpo e detiveram sua fuga. – O que vocês querem?

—Despedaçar sua alma, acabar com sua imortalidade. Basta de ir e vir. É tempo de encontrar a paz eterna conosco. – Roberto ainda mantinha seu desejo por ela, e, agora, ele parecia bem pior.

Aquilo era novo. Por que estava diante de velhos inimigos? Eles estavam mortos, ela viva... Mas, se estava viva, por que se encontrava em São Luís, vagando pelo velho casarão, vestida como Thaís? Kara tentou se afastar, colocar as idéias em ordem, mas foi esmagada por Alva contra a parede. Ela gemeu de dor e eles riram malignos. Eles tinham força para ferir sua alma, mesmo naquele plano.

—Vai sofrer tanto quando eu sofri! Você e seu maldito amor me levaram à loucura... – Roberto insistia meio louco.

Sua face assumia contornos amortalhados, e Kara virou o rosto com horror.

—Olhe para mim!

Kara o encarou com coragem e esperou por mais, vendo seu espectro tomar a forma cadavérica. Talvez quisesse chocá-la e estava conseguindo.

—Eu ia assumir a empresa quando me jogou pela janela! Você foi nossa ruína – disse Alva, segura.

—Vocês dois me traíram, mataram Lucas. O que esperavam? Paz eterna, o céu? As escolhas foram de vocês, não minhas!

–Você me obrigou a matá-la. – Roberto agia como um psicopata, bem ao seu gênero.

–O que me deixa feliz é saber que também está morta – Alva cuspiu sua raiva, enquanto puxava os cabelos de Kara.

–Eu não estou morta, sou imortal. Solte-me! – disse Kara, vitoriosa.

–Olhe-se num espelho, então! Você está tão transparente quanto nós – provocou Alva, tocando sua face de modo ofensivo.

–Isso pouco importa, vamos acabar com ela. Aqui é que ela não fica! – afirmou Roberto, furioso.

O espectro de Alva se tornou mais denso e seus olhos ficaram negros; a cabeça pareceu perder a forma real, e Kara recuou ao ver um líquido escuro escorrer dali. Alva, assim como Roberto, exibia sua verdadeira imagem. Os dois avançaram sobre Kara e a cobriram com tapas e chutes. Ela tentou empurrá-los, porém não conseguia; eles a prendiam com força. Kara lutou e gritou, mas caiu no chão sob a violência dos dois. Encolheu-se indefesa, enquanto eles pisotearam seu vestido. Na sua ira, puxaram-lhe as vestes, rasgando a seda e a renda das mangas transparentes, destruindo-o.

–Parem! Deixe-me em paz!

Kara cobriu o rosto com as mãos e os braços, recebendo os golpes de modo quase resignado. Sem perceber, estava sumindo; fitou a mão e a viu quase invisível enquanto eles a massacravam. Os dois descontavam sobre ela sua revolta e ódio. Kara soluçou, não estava conseguindo reagir, algo a impedia, talvez fosse medo ou apatia. Pela brecha entre os dedos, viu algo ao longe. Era uma borboleta azul, ela veio da rua, passou pelo vidro quebrado e flutuou pela sala em sua direção. Voava no alto, alheia à violência que seu espectro sofria.

– Kara, levante! Por que está se deixando vencer? Eles não são nada! Lute por sua alma.

A vampira ouviu o sussurro junto aos seus ouvidos. Ela conhecia aquela voz profunda e forte: era Radamés! Procurou a borboleta e só encontrou o vazio. Entretanto, quando iria receber mais um tapa de Alva, segurou a mão dela com força. Foi rápido: Kara empurrou Alva, e a viu cair metros à frente sobre as cadeiras próximas. Roberto avançou, e Kara o pegou pelos ombros, enfrentando seu olhar surpreso. Ergueu-o do chão e, ao torcer seu pescoço, viu-o engasgar. Jogou-o sobre Alva e fitou o seu belo vestido rasgado, o cabelo desfeito; por fim, tocou a boca suja de sangue. E sentiu raiva, mas até mesmo esta foi momentânea. Kara fechou os olhos e deixou os braços relaxarem ao lado do corpo. Em seguida,

usando a força de sua alma imortal, mudou. O vestido deu lugar às roupas que vestia quando se tornara campeã do rei. Calças justas e negras, botinhas de salto alto e, como não poderia faltar, seu *corselet* negro à prova de balas. Os cabelos estavam presos no alto da cabeça, ressaltando o pescoço esguio; a trança pendia sobre seu ombro, deixando-a com ares misteriosos e sensuais.

Roberto a olhou admirado, todavia com mais raiva; quando avançou sobre ela, era uma massa disforme de energia negra com aspecto sinistro. Kara estendeu a mão e usou o toque. O golpe atingiu a massa densa e a desfez no ar. O efeito foi fatal, ela literalmente despedaçou sua alma e, quando se precipitou sobre Alva, que já investia contra ela, o resultado foi o mesmo. Eles sumiram, e Kara teve certeza de que não os encontraria novamente. O que quer que fossem naquele plano, haviam sido destruídos.

Foi nesse momento que a vampira ouviu uma risada e palmas. Voltou-se em direção à escadaria e viu, no alto do segundo andar, o espectro de Gustave. Pleno e soberbo como quando vivo. Sorria e a olhava com os olhos semicerrados, num misto de malícia e contentamento.

—Obrigado por limpar a casa. Esses dois já estavam me aborrecendo.

—Sempre imaginei que o casarão era assombrado, mas só agora vejo o quanto. Kara estava mais segura após vencer Roberto e Alva, sentindo-se pronta para encarar Gustave; afinal, ele não estava ali para dar boas-vindas. Vestia-se como da última vez que o viu na praia, antes de Jan Kmam cortar sua cabeça.

—Sim, eu fiquei. A casa ainda é minha, lembra-se? Não havia para onde ir depois... Além disso, você a reformou com tanto carinho e amor — ele mudou de assunto, como se não quisesse falar de sua própria morte. — Uma hora eu sabia que você voltaria, viva ou morta. Mas onde está Jan Kmam? Ele não morreu com você? Um amor tão forte, que atravessou séculos...

—Por que não me ataca de uma vez? — perguntou Kara, cansada dele, de sua voz, que só lhe trazia lembranças ruins.

—Não vim lutar, só queria vê-la novamente. Por que não sobe? Gostaria de lhe dar uma coisa antes de partir.

A vampira resolveu lhe conceder um voto de confiança. De qualquer modo, se tentasse algo, ela o destruiria. Gustave ia à frente, e Kara o seguia, cuidadosa. Ele foi para o quarto que ocupava no casarão quando vivo. Os móveis estavam cobertos por lençóis, sequer se podia ver a mobília.

Ele esperou que ela entrasse e foi em direção a uma das paredes; depois, com cuidado, descobriu um dos quadros. Em seguida, convidou Kara a olhar a tela e se

afastou, percebendo que ela desconfiava dele. A vampira se aproximou ao vê-lo distante e observou Thaís retratada. Sim, era Thaís; os olhos vagos lhe diziam isso. O pintor conseguiu registrar com maestria cada traço e gesto. Estava ao piano e trajava seu vestido negro de veludo. No canto da pintura, havia uma assinatura que Kara reconheceu de imediato: era a de Bruce.

—Bruce e Asti preparavam uma surpresa para Jan Kmam. Não sei se Thaís sabia que era retratada enquanto tinha aulas de piano com Asti. O certo é que Bruce e Asti a visitavam, e ele a desenhou e pintou em seu ateliê. Ele queria se aproximar de Jan, que só tinha olhos para Thaís e sequer o deixava se aproximar deles. Jan protegia Thaís até de sua própria sombra.

Gustave falava com muita lucidez e calma. Parecia outro vampiro, estava com os braços cruzados sobre o peito e, quando voltou a falar, foi no mesmo tom calmo e controlado.

—Quando o quadro ficou pronto, eu o roubei. A meu ver, Jan Kmam já possuía muito. Queria feri-lo por ter me expulsado, por me negar meus direitos. Consuelo me acolheu e alimentou meu ódio. Provei da taça da vingança e confesso que pratiquei o pior de minha natureza de vampiro. Raptei Thaís e a possuí, sabendo que me repudiava; fiz Jan Kmam matá-la, queimei-o vivo, mas nada me deu paz — ele parecia se confessar. — Quando a soube viva, fiz de tudo para possuí-la novamente, então matei seu pai.

Kara o olhou com rancor e frieza e esperou.

—Dentro do meu coração, só havia fome. Então, naquela noite na praia, antes de lutar, eu exigi meus direitos e a mordi. — ele fechou os olhos quase sem ar. — Você lutou e em seu sangue, dentro de seu coração mortal e frágil, só havia amor. Amor por Jan Kmam. De algum modo, senti-me intoxicado, lembrei-me de como o amava. Ele me tirou das ruas e tentou me dar o melhor enquanto eu o odiava sem saber que o amava profundamente — a declaração chocou Kara. — Então, quando Jan Kmam me matou, minha consciência sumiu. Ao despertar, estava aqui. Percebi que tudo ficara diferente. Lá fora, o tempo havia corrido. Não posso sair, acho que nenhum de nós pode. Já tentei e, ao cruzar a porta, voltei para meu quarto, ou o átrio; não há para onde ir.

—O que deseja, Gustave? Companhia? Perdão?

—Sim, o seu. Eu ousou pedir. Sei que Jan Kmam jamais me perdoaria. Eu lhe causei muita dor. Mas você pode me perdoar, seu coração ainda bate, está tão viva que posso sentir seu cheiro doce de rosa — murmurou ele, somente a observando de longe.

O vampiro parecia sincero em pedido e palavras. Kara o observava e achou sua atitude surpreendente. Estaria de fato arrependido?

–Sei que lhe tirei muito, mas eu peço...

–O que isso vai lhe acrescentar? Sua alma é tão imortal quanto a minha, prova disso é o fato de estarmos aqui...

–Quero partir, existe um lugar para nossas almas imortais, acredite ou não, estou farto de vagar sozinho. Seu perdão vai me levar para além do mundo mortal – ele explicou seguro. – Mas, antes, quero lhe mostrar mais uma coisa.

Gustave moveu o quadro e o cofre apareceu. Ele lhe deu a combinação enquanto o abria e mostrou o seu conteúdo. Dentro, havia joias, documentos, moedas antigas e algumas barrinhas de ouro.

–Quero que fiquem com o casarão. Deixei tudo preparado com uma firma de advogados. Eles vão procurá-los e lhes devolver o que roubei.

–Não posso ressurgir dos mortos e exigir uma herança.

–Usei meios legais e inquestionáveis. Mas isso você e Jan Kmam verão quando chegar o momento. Já está feito, Kara. A casa lhe pertence, é parte de seu coração. Não conheço melhor dono para ela. Pode fazer isso?

–Sim, posso. – Kara aceitou para que ele se acalmasse.

Gustave se ajoelhou aos seus pés e segurou as mãos de Kara. Ela arregalou os olhos e, quando ele ergueu a vista, havia carinho; sua face era bela, e ele não se parecia com o vampiro que lhes causara tantos problemas.

–Faça – pediu ele ainda aos seus pés.

–Eu... Eu o perdoo, Gustave.

–Obrigado, eu sabia que você poderia me perdoar. Adeus, Kara.

O vampiro sorriu e ficou de pé. Depois a abraçou, Kara mantinha os braços longe de seu corpo, mas, por fim, retribuiu timidamente. Antes de se afastar, ele beijou sua testa. Havia lágrimas em seus olhos. Gustave lhe deu as costas e caminhou pelo corredor. Kara o seguiu e viu que sumia a cada passo, até que, finalmente, o corredor ficou vazio.

Kara voltou ao quarto e percebeu que o lençol novamente cobria o quadro, como se Gustave não o houvesse tocado, mas era certo que ele estava no casarão como todo o resto. A casa agora parecia vazia, livre dos fantasmas. Kara foi para a sala de música e, finalmente, chegou ao átrio. Permanecia às escuras, as lâmpadas quebradas ou queimadas; a grama entre as pedras estava alta e maltratada. Os canteiros eram palco de uma guerra, as roseiras que resistiam junto ao mato

crescido exibiam botões atrevidos, e rosastão rubras e fragrantes que convidavam ao toque. A bacia estava seca, e os peixes haviam sumido; a gárgula enegrecida parecia bem mais assustadora que antes. Kara olhou em volta e quase se viu dançando por ali com Jan Kmam. Tocou uma das rosas e aspirou seu perfume. Resolveu que valia a pena voltar e lutar.

Deixou o átrio e tinha rumo certo. Atravessou a porta e se viu na rua, mas aquela já não era a Rua do Sol, não estava mais em São Luís; havia voltado – estava em Paris.

Não havia muito a ser visto. Kara deslizava por entre os mortais ouvindo seus pensamentos, vendo sua alegria ou tristeza, mas eles não a viam. Passavam pela vampira, e ela através deles. Avistou brigas, prostitutas se vendendo, carros passando em alta velocidade, casais namorando. E, quando começou a chover, esperou que os pingos a tocassem, mas nem mesmo esse prazer lhe era dado. Se houvesse frio, ela não o sentia.

A chuva lhe trouxe recordações do *Champ de Mars*, fechou os olhos e, quando os abriu, estava aos pés da *Torre Eiffel*. A neblina fina cobria o parque e dava a ele um ar misterioso e fantasmagórico. Kara se sentou no banco mais próximo e ali ficou. Precisava de um plano, um modo de voltar para seu corpo. Olhava a grama verde, as árvores... e viu os pássaros aninhados nos galhos, encolhidos, esperando o sol para voar.

Foi ali que, anos atrás, ela e Jan Kmam fizeram um piquenique. Toalha, cesta, garrafa de vinho... Trocaram juras de amor e, deitados na grama, olharam as estrelas, a Lua que sempre estava sobre suas cabeças. Ficaram horas deitados nos braços um do outro, de mãos dadas. E só se levantaram quando a chuva começou a cair. Esconderam-se debaixo das árvores e ali ficaram, trocando juras de amor e beijos mordidos, tintos de sangue.

O sol logo sairia. Era estranho, mas ela sentia que, depois de tudo que passaram, ainda havia segredos entre eles, segredos estes que não os faziam reconhecer sua verdadeira natureza, ou saber que ela jamais o trairia, não ele estando vivo. Kara estava decepcionada e ferida. Ver Jan Kmam com Afrodite a chocara a ponto de lançá-la no velho casarão, assim como anos atrás a magoara muito saber que ele a traía com uma mortal, o que gerou sua fuga e seu encontro desastroso com o rei. Mas o que a vampira não sabia é que Jan Kmam notara todas as mudanças e não acreditava que ela pudesse se transformar tanto.

O dia estava quase nascendo, e Kara se deixou ficar fascinada e estranhamente feliz. Não teve medo do Sol nem de seu calor. Era um espectro, que mal lhe faria? Sorriu. A sensação trouxe lembranças de sua vida mortal. Lembrava-

se de raios fracos, que chegavam mansamente por entre as árvores quando era criança e corria com seu pai. A manhã chegava mansa sobre Paris, mas ainda não havia alcançado seu espectro. Por enquanto, tocavam a torre símbolo daquela cidade feita de luz, que a acolhera e ensinara a crescer. A expectativa crescia... Subitamente, ouviu sussurros, viu sombras entre as árvores.

—Kara?

A vampira ergueu a cabeça e viu um homem dirigindo-se até ela, à sombra das árvores, de modo apressado. Reconheceu-o de imediato e ficou de pé.

—Fique onde está, é perigoso.

Kara caminhava em sua direção quando a luz do Sol a tocou. Ela sentiu dor e viu a pele espectral queimada. Recuou para a sombra e teve medo do dia como há anos não sentia. Vitor a alcançou, e o abraço foi apertado e consolador.

—O sol me queimou...? Como...?

—Ele ainda pode feri-la e destruí-la, você não está morta. O que fazia se expondo?

—Não tenho ideia...

—Venha, não é seguro ficarmos aqui.

—Eu achei que estivesse... — Kara se calou, temendo dizer a palavra.

—Morto? Sim, estou, mas você ainda vive e precisa voltar para seu corpo o quanto antes.

Vitor a estava procurando há dias. Quando seu rastro sumiu, acreditou que ela houvesse desaparecido para sempre. Ela o abraçou forte e recostou a cabeça em seu peito. Por fim se afastou e tocou seu rosto — havia lágrimas em seus olhos. Ele sorriu de maneira meiga e compreendeu sua tristeza: Kara se sentia culpada.

Kara percebeu que Vitor olhava o parque com desconfiança e atenção redobrada, como se esperasse que algo pulasse sobre eles. Debaixo das árvores, havia vultos se movendo rapidamente. Os sussurros ficaram audíveis e, dessa vez, ela também ouviu. Kara ficou em guarda; todavia, Vitor a puxava pela mão e caminhava rapidamente. Ela olhou para trás e viu que os vultos continuavam se movimentando com rapidez.

—Quem são eles?

—Existem outros espectros vagando livremente, já encontrei dois deles e não foram nada amistosos. Precisamos ir para um lugar seguro.

—Podemos enfrentá-los — disse Kara, decidida a lutar, não iria fugir.

—Não em campo aberto e não à luz do dia. Perdemos muita energia. Ficaríamos exauridos e as chances de conseguir fugir seriam mínimas. Acredite em mim, precisamos ir — Vitor insistiu, puxando-a rapidamente.

Kara tombou no chão; na verdade, foi derrubada. Mãos frias e fortes seguravam ela e Vitor. Não reconheceu nenhum dos espectros que os cercavam, mas eles estavam ali e pareciam dispostos a despedaçá-los. Faces horrendas, famintas. Kara gritou ao sentir um deles morder seu pulso e reagiu como bem sabia: usou o toque e o fez em pedaços. A luz que saiu de suas mãos atraiu mais dois para ela, eles pareciam esfomeados. A campeã do rei os destruía, mas os espectros pareciam ter se multiplicado. De onde estariam vindo? Observou Vitor fazer o mesmo em escala menor. Ele estava sendo vencido e, quando caiu ao solo, Kara se desesperou. Alguns nem pareciam vampiros, só fantasmas famintos por energia. Cercada, Kara correu para Vitor, puxou-o para junto de si e tocou o chão.

Com admiração, ele viu Kara acender: ela havia criado a volta deles um círculo de luz chamejante que crescia e destruía os espectros. Seus olhos brilhavam, assim como todo seu corpo; os cabelos flutuavam no ar enquanto propagava a energia que atraía e destruía os espectros. Quando retirou a mão do solo, havia destruídos todos. Kara despencou no chão, e Vitor a recolheu nos braços, vendo que ela estava fatigada. E pensou na segurança do apartamento que vivia com Frigia em Paris.

Um segundo depois o apartamento apareceu em volta deles. Moviam-se na velocidade de seus pensamentos. Ele deitou Kara no sofá e aos poucos ela recuperou suas forças.

— Como viu, lá fora podemos ser destruídos, exauridos, despedaçados, sem chance de retornar. Devemos ficar entre os que ainda estão vivos, os próximos ao nosso sangue; assim nos mantemos fortes e seguros. — disse diante das experiências que teve.

—Há algumas horas, encontrei com dois deles, Roberto e Alva, dentro do casarão de São Luís. Tive de destruí-los, o ataque deles foi bastante similar ao que sofremos agora. Mas fique tranquilo, eu sei me defender, ainda sou a campeã do rei.

—Disso eu não duvido. Sua alma é realmente poderosa. Mas o que fazia em São Luís? Deveria ter ficado junto a Jan Kmam — afirmou Vitor, observando seu rosto bonito, a roupa de guerreira, bem diferente da maneira como Afrodite se vestia.

—Afrodite me expulsou, mas antes fez questão de me mostrar que Jan Kmam agora lhe pertence. Eu não consegui ficar e vê-los juntos. Minha consciência sumiu

e, quando acordei, estava no casarão, vagando, me alimentando de lembranças, fingindo que nada está errado.

Kara revelou aquilo com os olhos tristes e distantes. Sentindo-se recuperada, saiu do sofá e passou a andar pela sala escura. Foi quando Vitor percebeu que ela não conseguia tocar nada e se perguntou que espécie de espectro ela era. Foi para perto dela e acendeu a luz, surpreendendo-a.

–Como consegue...? – quis saber surpresa e feliz.

–Apenas reúna sua força e toque o objeto. Como quando me abraçou – explicou ele.

Kara focalizou o interruptor e a primeira tentativa foi frustrada, mas ela não desanimou. Na terceira, conseguiu apagar a luz do abajur e, logo depois, acendê-lo. Tocou outros objetos e se sentiu mais segura.

–Consegue se comunicar com Frigia?

–Tentei entrar em seus sonhos, mas algo me impede, não sei ao certo o que é – afirmou, sentindo-se vencido.

–Frigia se comunica com o Livro, ele pode estar bloqueando sua aproximação. Só não entendo como ele não percebeu a presença de Afrodite.

Kara conjecturou, lembrando-se de que, por muito menos, Ordália havia se movido do Templo para mostrar uma imagem da própria Kara com o rei na cama para Jan Kmam. Algo estava muito errado à volta deles.

–É uma resposta bastante lógica. Mas como foi que Afrodite conseguiu tomar seu corpo? Não me diga que havia outra amostra de sangue dela – Vitor tentava encontrar uma resposta lógica.

–Eu lhe dei permissão.

A vampira contou-lhe como Afrodite a tocara no Jardim e a convencera a partilhar de seu corpo com o propósito de conseguir caminhar livremente entre os mortais. Daí em diante, foi só uma questão de tempo para que ela assumisse seu corpo em definitivo. Só não conseguia lembrar quando foi o exato momento em que foi expulsa. Recordava-se de ter saído de casa e de não mais ter voltado.

–Se lhe deu permissão, deve retirá-la; talvez assim ela abandone seu corpo.

–Eu já retirei, mas nada aconteceu. Ela me repele e meu corpo fica distante.
– disse Kara, aborrecida consigo.

–Chame Radamés – sugeriu Vitor, afinal conhecia a força dos conhecimentos daquele estranho vampiro.

–Desde que tudo isso começou, tenho chamado Radamés à exaustão. Não sinto sua presença, mas acredito que ele esteja perto; quando fui atacada no casarão, ouvi sua voz.

–Quando Afrodite me atacou, chamei-o e, finalmente, tentei me comunicar com Frigia. Entretanto não obtive resposta. – explicou Vitor.

–Causei sua morte por duas vezes e, mesmo assim, ainda me protege, me tem como amiga. Não sei se mereço sua confiança ou amizade.

Kara sentou-se perto dele no sofá de couro negro. Era óbvio o sentimento de culpa que ela trazia dentro de si.

–Sabia que não era você, Kara. Mas eu precisava saber quem havia roubado seu corpo e onde você estava. Eu só não contava que fosse Afrodite. Ela é muito poderosa, e o fato de estar dentro de seu corpo só aumentou seu poder. O sangue do rei corre em suas veias bem mais que antes, já que foi sua amante.

–Minha herança sanguínea está contra todos nós agora. Mas por que desconfiou? – Kara continuava intrigada.

–Sonhei com você me pedindo ajuda. Pareceu bem real seu apelo, foi então que resolvi ligar. A primeira coisa que percebi foi que não me reconheceu. Por fim, chamei-a de *Fleur* e não sabia o que significava...

Kara estava quieta. Vitor percebeu que ela se lembrava de alguma coisa e, ao tocar sua mão, compartilhou de sua visão. Ela se recordava do apartamento em Moscou, bem parecido com o que estavam agora, com móveis contemporâneos e em tons escuros. Vitor permanecia no sofá, parecia tirar um cochilo. A TV estava ligada e sem som, havia acabado de chegar do hospital onde trabalhava. Mesmo vampiro, não desistiu da Medicina, conseguindo uma vaga como plantonista num hospital a poucas quadras de onde moravam. Seu turno acabava sempre duas horas antes do amanhecer, o que lhe dava tempo suficiente de ir para casa em segurança. Ele esperava Frigia para que se recolhessem juntos. Passou pela frente da TV e fez sombra sobre o corpo do vampiro. Sentou junto a ele e, por fim, tocou sua mão, invadindo seus sonhos.

–Vitor?

–Kara? O que está fazendo aqui? – Vitor olhou em volta e viu o apartamento, sem perceber que estava adormecido.

–Eu não tenho muito tempo. Apenas me escute, você está dormindo, invadi seus sonhos para pedir ajuda. Estou fora de meu corpo, fui expulsa por uma criatura. Seja ela quem for, está usando meu corpo e enganando todos. Avise Jan Kmam, não consigo me aproximar dele.

–Kara, onde você está?

–Longe do meu corpo, perdida, ajude-me.

Vitor despertou e encontrou Frigia a seu lado, sorrindo do modo como se sentou assustado. Beijou-o e, juntos, foram se recolher. A manhã chegava suave. E Kara desapareceu sem deixar nenhum vestígio.

–Você está lutando há meses para ser vista e ouvida – refletiu Vitor, preocupado.

–Eu cometi mais um grande erro e, graças a isso, você está morto e Jan Kmam e o rei acreditam em Afrodite. Eles sequer se perguntam como pude descer tão baixo. Afinal, ela está dormindo com os dois. Isso não se parece em nada comigo, seria mais autêntico levar os dois ao mesmo tempo para a cama. – Kara falava aborrecida, e a luz piscava suscetível à sua energia.

Vitor percebeu que os olhos da vampira estavam negros e sem vida como os de um demônio; ele não recuou com medo, apenas segurou sua mão e ela pareceu se acalmar.

–Eles não se perguntam o porquê de tantas mudanças? Como poderia voltar para os braços de Ariel sabendo que Jan Kmam está vivo? – Bastou ela falar mais alto para os objetos do apartamento tremerem e a lâmpada explodir debaixo de sua raiva.

A vampira oscilava entre a força e a fragilidade. Mas sua alma tinha muito vigor; bastava que ela o usasse do modo certo para vencer Afrodite.

–Pelo que me contou, em breve sumirá – afirmou Vitor, após ouvir o resto das revelações de Kara.

–Foi o que Afrodite disse vitoriosa, e não duvido. Ontem, quando falamos, sentia-me mais forte, hoje estou realmente confusa...

–Não foi ontem, faz dez dias que a enfrentou.

–Foi essa madrugada, Vitor – insistiu Kara, segura.

–Sinto muito, mas já se passaram dez dias. E nada melhorou; na verdade, as coisas só pioraram. Ela e Jan Kmam discutiram e, pelo que a vi, ela dormiu fora de casa.

–Por algum motivo estou perdendo minhas lembranças. Como me achou?

–Você deixou alguns rastros depois que saiu do hotel, só os segui. Desde que Afrodite me atacou, tenho aprendido a viver nesse mundo. Depois que assimilei minha morte, voltei ao hotel e observei Afrodite com o rei. Acabei descobrindo seus planos, o modo como vem usando seu corpo para chegar aos seus fins. Pouco

depois, vi vocês duas saírem, tentei seguir você, mas vi Frigia, e a acompanhei na esperança de que me escutasse ou visse. Percebi que ficar ao lado de Frigia me mantinha protegido e consciente. Quando me afastei, tive lapsos de memória e meu espectro sumiu. Foi como perdi seu rastro; só hoje consegui vê-la novamente no parque. Você precisa voltar para seu corpo e alertar os outros.

—Já tentei falar com Jan Kmam e Ariel, mas eles não me viram.

Vitor percebeu que, ao falar dos dois vampiros, ela se tornava transparente, pronta para sumir. Pelo que Vitor conhecia daquela vampira, ela estava muito magoada com os dois. Mas por quê? Deveria haver outro motivo além de Afrodite. Ela jamais se entregaria sem lutar. O que a teria fragilizado a ponto de fazê-la sair de Paris e buscar o casarão?

—Talvez Radamés esteja no Jardim. Resta saber se conseguirei entrar e sair de lá caso tente... — Kara pensava rapidamente, ao lado de Vitor se sentia mais consciente.

—Acho muito perigoso. Afinal, é para lá que os espectros vão quando querem cair no esquecimento. Melhor tentarmos falar com Jan, ele pode não nos ver, ou ouvir, mas podemos chamar a sua atenção.

—Se Afrodite estiver por perto, nossas chances serão mínimas — ponderou Kara, sentindo-se sem saída.

—Temos uma pequena chance de conseguir. Vamos usá-la amanhã com sabedoria. Agora, precisamos descansar ou à noite teremos pouca energia para lutar.

—De fato, sinto-me sonolenta — constatou Kara.

—É o dia. Assim como os vampiros, os espectros têm pouca resistência à luz do Sol. Nosso lugar é à sombra, onde ficamos resguardados.

Vitor mostrou o quarto de hóspedes, e logo estavam juntos, deitados na cama. Kara não fez cerimônia, aconchegou-se ao corpo do amigo e assim ficaram. Um minuto depois, ela dormia, como era de se esperar de um vampiro, seu corpo ainda estava vivo. Vitor, no entanto, continuava de olhos abertos, ele só precisava da escuridão. Ao anoitecer, tinha rumo certo: o apartamento onde ela vivia com Jan Kmam.

Capítulo 14 - A Prometida

Afrodite sempre foi audaciosa e, com o passar dos séculos, ficou bem mais. Assim que o dia nasceu, deixou o corpo de Kara na segurança do apartamento e foi ver Derek. Sabia que, se fosse encontrada pelas vampiras do Templo, provavelmente encontraria um fim pior que o de Iris. Mas ela precisava vê-lo, estava com saudade. Além disso, os planos precisavam ser mantidos. Ela conhecia a impaciência do vampiro, sua fome. Era preciso mantê-lo calmo e pronto para agir. Seus planos seguiam como esperado, de sorte que logo poderia tirá-lo do Templo e reinar a seu lado. Mas, para isso, era preciso destruir Ariel; na verdade, queria desmoralizá-lo diante dos Poderes; matá-lo seria muito fácil, ela queria mais que isso. Apertou o amuleto que ocultava sua presença no Templo e entrou sem medo. Derek a esperava nas câmaras, longe do salão e do cone de luz onde sua presença poderia ser facilmente percebida. O vampiro estava sentado e, quando a viu entrar, não se moveu; simplesmente jogou a almofada para que ela sentasse aos seus pés. A vampira sorriu, baixou o véu que cobria seus cabelos e sentou sobre a almofada para apoiar as mãos nas pernas fortes do vampiro.

—O que deseja, minha rainha?

—Um pouco da sua atenção, nada mais — murmurou Afrodite, enquanto via Derek inclinar-se para beijá-la.

—Por que demorou tanto? — quis saber o vampiro, segurando seu rosto com os dedos longos e pálidos de modo possessivo.

—Ariel me deteve mais tempo que previ — disse Afrodite, beijando sua mão de modo submisso como bem sabia que agradava a Derek.

—Quando a terei somente para mim? Já dividi você por séculos com Detrich e isso me aborreceu muito. Agora, tenho dois rivais: Ariel e seu favorito. Não acha que posso ser melhor que eles? — Derek segurava seus cabelos com força, fazendo-a enfrentar seu olhar.

—É o único em meu coração há séculos, isso não basta meu querido? — disse e beijou seu queixo forte; depois lambeu seus lábios, olhando-o com sensualidade.

—Sei que tem suas aventuras e paixões, mas a quero comigo. Estou farto de viver nas sombras, no esquecimento. Ainda vivem em minha memória os dias e noites que reinei sobre mortais e vampiros. — Derek se expressava seguro. — Ordália é uma boa amante, de algum modo a amo, mas estou farto de sua submissão a Ariel. Vivemos das migalhas. Quero meu lugar no mundo lá fora.

–Seth ainda não está pronto, sinto seu corpo ainda frágil para receber seu espírito.

–Vampiro estúpido! Nunca soube se preservar, manter sua força, sempre se expôs. E seu coração? – quis saber Derek.

–Ainda é fraco, mesmo tendo bebido do sangue de Mênon. Se tentar possuir seu corpo agora, ele poderá não suportar – alertou Afrodite, buscando saídas para aquele impasse.

–Não! Vai demorar muito, e, além disso, Ariel pode desconfiar, ele não é tolo. Ainda existem entre nós os herdeiros do sangue antigo. Os mais próximos são Consuelo, Demétrius e Frigia. Faça Seth exaurir um deles, assim poderei sair do Templo.

Dizendo isso, o vampiro a puxou, fazendo com que ela ficasse de joelhos entre suas pernas. Tocava seu rosto, os cabelos lisos. Afrodite, dentro do Templo, assumia sua forma original. Não queria consumir o corpo que habitava, sua beleza e sua juventude deveriam ser mantidas a todo custo. Não se desgastaria como em outros séculos fez estupidamente.

–Conseguirei o sangue, apenas preciso de mais tempo – resumiu Afrodite, percebendo a impaciência do vampiro.

–Não há tempo. Ordália sabe que roubou o corpo da campeã, mas ela torce por sua queda e o fim do espectro de Kara. Ela trama às escondidas como nós mesmos. Não vou me arriscar e perder a chance de finalmente ser livre de novo. Séculos atrás, senti a maravilha de ter meu corpo de volta, mas Ariel o destruiu! Tudo para poupar os mortais e seu futuro como rei – reclamou ele furioso. – Seu esforço será recompensado, sentará ao meu lado como rainha.

–Assim será, mas e quanto a Ordália e os outros?

–Continuarão no Templo nos alimentando. Compreenda, todos fomos reis e rainhas. Lá fora as coisas mudam, e a lealdade deles também mudará; afinal, têm poderes como os meus. Não vou lidar com insurreições dentro de meus domínios. Além do mais, Ordália é uma rainha muito dominadora, e não poderia manter vocês duas sem perder minha cabeça. Eles ficarão lá dentro nos fortalecendo aqui fora.

Afrodite se afastou pensativa e até decepcionada com as decisões que seu “rei” tomaria. Derek notou e a buscou, atento à sua tristeza e ao desagrado que manifestava. Afinal, ela era sua melhor aliada longe do Templo, era preciso conquistá-la todo o tempo.

–O que houve? Ciúmes?

—Sim! Eu saí das trevas...

—Eu a tirei das trevas — corrigiu Derek, já tocando seu rosto com carinho.

—Faço o impossível para lhe conseguir um corpo e a coroa, e quer me dar um segundo lugar a seu lado?

—O equilíbrio do Livro é delicado, sabe disso melhor que ninguém; eu me alimento dele. Ele vive através de nós e nós vivemos dele. Você é a rainha, Ordália será a concubina. É o preço por amar Ariel, acho que essa alcunha deve servir.

Afrodite sorriu vitoriosa e envolveu Derek nos braços. A vampira nutria por aquele ser um sentimento estranho de desejo, fome e poder, e talvez uma pontada aguda de amor. Nada mais reinava ao sul de seu coração gelado. Derek a beijou apaixonado e, por fim, envolveu-a num abraço poderoso. Afrodite estava colada junto ao corpo forte de guerreiro de Derek, sentiu sua fome, mas esperou por seus gestos, ali ele mandava. Ele a trouxe para seu colo e passou a despi-la vagorosamente. Ela esperou ativa, exibindo o corpo voluptuoso sem vergonha debaixo das carícias do vampiro.

—Responda: quando estarei livre? — ele exigiu, beijando seus seios, quase os mordendo.

—Breve, muito breve, nós dois reinaremos juntos — murmurou Afrodite, enquanto era conduzida ao leito por Derek.

Ele se despiu na frente da vampira, que estava sobre as almofadas. A túnica de linho negro bordada em ouro caiu ao chão e deixou o corpo forte e bem definido do vampiro exposto aos olhos famintos de Afrodite. Parecia uma gata no cio, esperando para ser acariciada. Derek a conhecia bem e sabia como agradá-la no leito e fora dele. Amaram-se por longas horas, enquanto os mortais estavam despertos e as vampiras do Templo dormindo. Ele cuidou para que não despertassem; queria um pouco de liberdade e usou seus poderes para levá-las a um sono profundo e repleto de sonhos, como elas apreciavam.

Quando, finalmente, Derek se sentiu saciado, foi para a piscina de mármore e lá ficou, majestoso. Afrodite vestiu uma túnica de seda e buscou as respostas que desejava.

— Quem é Desirée, afinal? Lembro que Detrich usava seus serviços, ela era uma exímia matadora.

Derek observou Afrodite sentada à beira da piscina e não compreendeu sua curiosidade. Ela sabia muito bem quem era Desirée, uma estranha criatura que contava com a proteção dos dois mundos. Mas uma *persona non grata* em ambos.

Poucos conheciam sua verdadeira história e seus poderes. Contudo, por que ela teria gerado interesse em Afrodite?

–O que quer saber sobre Desirée?

–Tudo. Quero-a como minha aliada se eu puder conquistá-la. De onde ela vem? Por que tem poderes diferentes dos nossos?

Derek riu maligno e achou, pela primeira vez em séculos, Afrodite “inocente”. Algo que realmente o deixou ainda mais curioso; afinal, ela nunca errava seus alvos. Sempre sabia conquistar os aliados certos para seus planos. Aquilo era realmente novo.

–O que é tão engraçado? É uma aliada forte e poderosa, acho que ela pode nos ajudar muito. Mas, para isso, preciso conhecer sua história. Alguns dizem que ela é invencível.

–Ela é uma criatura bastante perigosa.

–Então somos duas – brincou Afrodite, com os olhos brilhando.

Derek saiu da piscina como um colosso. Afrodite continuou sentada e o viu pegar a túnica e vestir-se sem pressa. Lembrava um leopardo em seu passo lento e seguro. Foi para o leito e lá sentou, recostando-se nos travesseiros. Afrodite, sedenta por informações, seguiu-o.

–Se deseja Desirée como aliada, deve odiar quem ela odeia: os lobos – argumentou Derek, percebendo que tinha toda a atenção da vampira. – No ano 30 antes de Cristo, a Cúpula dos Doze e a Ouroboros, que você conhece bem, tiveram sua existência condenada por um de seus videntes. A previsão falava do fim das duas ordens graças à falta de um líder – revelou Derek, observando Afrodite deitar-se sobre seu corpo. – A Ouroboros nem sempre foi tão forte como é hoje. Séculos atrás, os Caçadores estavam em menor número e sentiam falta de um líder. Dispersos, poucos voltavam vivos das missões; os lobos e vampiros proscritos os matavam, provocando declínio da ordem. O Pacto ainda não havia sido assinado, e a guerra não se estabelecia entre vampiros e lobos graças aos poucos Caçadores que resistiam, dentre eles Oto e Ulf, os únicos com nome para ser chamados, e claro, Darden, que mantinha a Alcatéia sob mão de ferro.

–Oto e Ulf, hoje são lendas vivas.

Afrodite se lembrou de ouvir relatos sobre suas lutas em pequenos círculos de vampiros. Mas ninguém sabia se era verdade ou mentira.

–Sim, as histórias sobre seus feitos e lutas são verdadeiras. Hoje, eles dois vi- vem dentro da Cúpula, protegendo seus membros, o que é uma grande honraria.

– E...?

—Sabe tanto quanto eu que Detrich pouco se importava com o Pacto. Guerra ou paz o favorecia do mesmo modo. O presságio falava de uma mortal que daria a luz ao novo líder da Ouroboros, ele seria tão poderoso que até mesmo a Cúpula dos Doze se renderia a ele.

—Quem era a mulher?

—Ninguém sabia e a primeira previsão não ajudou em nada. Foi quando Corintos a viu, a jovem do presságio. Sua mestra, Miranda, o levou à Cúpula, e só então tudo ficou mais claro. Ele falou de 15 meninas nascidas sob a mesma Lua e que traziam a mesma marca, a Lua crescente em alguma parte do corpo. Elas deveriam ser sacrificadas para que a verdadeira prometida surgisse da própria morte e gerasse o grande líder. Corintos foi tão precioso que disse exatamente onde cada menina seria encontrada. Seu poder satisfaz a Cúpula e a Ouroboros, mas o colocou para sempre sob vigilância. Ele era poderoso demais.

—O que aconteceu? — Afrodite estava mais do que curiosa.

—As jovens foram trazidas uma a uma, arrancadas de suas aldeias e colocadas em celas na antiga fortaleza dos Caçadores que, se não me engano, ficava num território inóspito da Rússia onde nenhum mortal ousava ir. Uma dessas jovens era Tasha, uma linda moça de cabelos cor de cobre, olhos verdes e pele alva, uma promessa de beleza que muitos poderiam desejar em seu leito. Ela, como as demais, foi trazida contra sua vontade e jogada numa das celas como um animal, mas Tasha deu um pouco mais de trabalho. Feriu um dos Caçadores e fugiu pela floresta, sendo capturada apenas dois dias depois. Foi a última a ser trazida e observada com atenção.

Como um animal acuado, ela andou pela cela onde despertou do soco que recebeu e segurou as grades de ferro que a rodeavam. Olhou para o fundo do compartimento em que estava e observou a parede de pedra sólida com uma janela pequenina a quase dois metros de altura. Esquadrinhou adiante e só viu a porta de madeira pesada no fim do corredor. Tanto no seu lado direito quanto no esquerdo, havia várias outras celas e, dentro de cada uma delas, uma jovem. O corredor era estreito e, do lado oposto, mais celas e mais jovens. Pareciam ter sua idade, algumas choravam, outras estavam recolhidas sobre suas camas em estado de choque. Podia ouvir a conversa de algumas delas, mas percebeu que falavam outra língua.

Andou por sua cela e viu o chão coberto de palha, o catre onde despertou. Num canto, um balde de madeira para as necessidades. Uma jarra de metal e um copo para que bebesse água. Podia perceber que seus raptos pretendiam mantê-las ali por algum tempo, mas com que intuito?

Sentiu os braços doloridos, estava com marcas roxas na pele, afinal lutara muito para fugir de seus raptore. O joelho estava ferido, mas, àquela altura, o sangue secara sobre o corte. Tocou o rosto e sentiu os aranhões feitos pelos galhos, enquanto fugia pela floresta e o lábio cortado pelo soco que recebeu. Não sabia onde estava, mas lembrava de onde vinha, das montanhas Baikal, na Sibéria. O que Tasha não sabia é que sua vida nunca mais seria a mesma.

–Você fala minha língua? – perguntou a jovem da cela vizinha.

–Sim, eu me chamo Tasha. Qual seu nome?

A jovem era alta e tinha longos cabelos loiros. A pele era delicada e, apesar de magra, era bastante bonita. A maioria era. Isso preocupou Tasha, eles poderiam ser mercadores de escravos.

–Olga. Por que está aqui?

–Não sei, fui caçada e desacordada, depois acordei aqui. E você?

–O mesmo. Estava pegando água na fonte quando eles me cercaram. Lutei, mas desmaiei e despertei dentro da cela. Acho que a maioria de nós tem a mesma história para contar. Você foi a última, sabia?

–Como assim “a última”? – quis saber Tasha, confusa.

–Eles nos trouxeram aos poucos, como se estivessem procurando por algo especial. Estou aqui há três dias. Eles nos alimentam, não nos fazem mal, mas não dizem nada. E, a cada dia, vinham trazendo mais uma jovem. Você parece ser a última.

–Como pode ter tanta certeza? – Tasha perguntou, tentando entender a lógica de Olga.

–Não tem mais nenhuma cela vazia.

Olga estava certa. Todas as 15 celas estavam ocupadas.

–Qual sua idade?

–Tenho 18 anos. E você? – quis saber Olga.

–Completei ontem 18 anos – revelou Tasha sem demonstrar seu medo.

–É... só nos resta esperar.

Olga foi sentar-se na cama simples e lá ficou com seus pensamentos assim como Tasha. Olga estava calma, mas Tasha nem tanto; ela tinha motivos de sobra para temer seus raptore. Desde muito pequena, conviveu com uma estranha marca de nascença em seu pulso, que mantinha coberta por uma pulseira de couro. Com o

passar dos anos, aquela marca se tornou motivo de questionamento. Sua mãe, cansada de suas perguntas, levou-a até a parteira da vila.

A velha Ana tinha uma aparência tranquila e limpa, mas suas palavras eram sentenças. A marca era um desenho perfeito da lua crescente. Sua mãe tentava não chamar a atenção dos pescadores da vila onde ela nasceu com receio de que fosse acusada de bruxaria e expulsa da região; ou pior, queimada viva. A velha Ana só escapava porque os habitantes da vila deviam-lhe favores. Mas, sendo tão bonita, Tasha poderia atrair olhares e problemas. A velha mulher tinha o dom da visão e ao tocar a mão da menina pareceu entrar em transe: seu corpo ficou hirto, seus olhos reviraram-se e, de sua boca, saiu o destino de Tasha:

– Nascida na lua crescente, marcada para ser imortal. Não virás sozinha, mas as que te acompanham perecerão. Tu somente és a verdadeira filha dos dois mundos e reinará no coração de lobos e matadores de homens, os que caminham ao anoitecer. Tua força e teu coração serão teu guia, mas o teu destino tu escolherás: viver ou morrer está em tuas mãos. Do teu ventre puro nascerá o guia dos caçadores de bestas. Tua cria viverá nos dois mundos e comandará feras e homens, fazendo-os se curvar aos teus pés e ao teu poder.

Quando a velha mulher soltou sua mão, Tasha estava tremendo e chorando, pois partilhara com a velha de visões e imagens terríveis para ela. Desde aquele dia, evitava tirar a pulseira que cobria a marca.

Para Tasha, estava claro que seu destino havia chegado. Teria de se defender como pudesse com os ensinamentos que recebera de seu pai e irmão. Não era muito, mas dava para se defender de um lobo com fome. Ao anoitecer, dois homens apareceram na cela e trouxeram comida. Havia frutas, assado, pão e sopa, um banquete. Pouco depois, uma criada vestindo roupas simples, mas limpas, apareceu e distribuiu cobertores para todas. A noite seria fria. Onde estariam? Ainda na Rússia?

– Não vai comer? – perguntou a criada, vendo que Tasha não tocara na comida.

– Quero minha liberdade, velha. Você pode me dar isso? – pediu Tasha, olhando-a com vontade de bater-lhe e fugir com as chaves que jaziam penduradas no seu avental.

– Coma, vai precisar de forças para amanhã. Garanto, não vai ser fácil. – A mulher a ameaçara, sorrindo cruelmente.

A criada partiu empurrando o carrinho de madeira. Pouco depois, estavam sozinhas em suas celas. As tochas foram reduzidas e logo elas dormiam, menos Tasha. No entanto, o frio e a madrugada venceram, e ela também adormeceu. Elas

acordaram com a batida de um sino e a presença de cinco criadas que trouxeram água para banho e roupas limpas. Eram túnicas idênticas de linho, com calções por baixo. Limpas e penteadas, elas esperaram por uma hora, só então foi servido mingau de aveia e frutas. O dia transcorreu tranquilo, algumas delas dormiram e conversavam, mas, quando a tarde chegou, elas podiam ouvir movimentação no corredor além das celas. Passado algum tempo, a porta se abriu e elas viram os Caçadores. Houve gritos e lágrimas de medo.

Aqueles homens de aparência rude, trajando casacos negros e rústicos, foram seus raptos. Uma visão que elas jamais esqueceriam. Altos, fortes e sem nenhuma delicadeza, três deles entravam nas celas e as prendiam pelos pulsos com grilhões numa mesma corrente. As que reagiam eram agrilhoadas à força.

Tasha se deixou acorrentar pacificamente, estava guardando suas forças para o que viria e, pelo visto, não seria nada de bom.

Quando todas já estavam presas à corrente, foram levadas em fila pelo corredor. Vez ou outra, o Caçador as puxava para que andassem mais depressa. Um deles no começo da fila, outro no meio e o terceiro no final da fila, bem atrás de Tasha, vigiando-a com atenção redobrada. O corredor era iluminado por tochas, e o lugar parecia uma fortaleza. Das janelas esculpidas na rocha, era possível ver a neve nas montanhas e a lua crescente no alto do céu. Tasha foi empurrada porque se distraiu observando um homem parado junto a uma das janelas. Ele era alto e tinha belos olhos escuros, porém um ar selvagem. Seus olhares se encontraram e a jovem percebeu o coração disparar no peito. Corou e sentiu outro empurrão. Caiu no chão e gemeu de dor, sendo erguida de qualquer jeito pelo Caçador sob o olhar aborrecido do homem, que se afastou, temendo provocar um incidente.

O corredor chegou ao fim diante de uma porta. Em seguida, o Caçador a abriu e fez as jovens entrarem. Puxava-as com violência, mesmo ouvindo gritos e reclamações. Quando todas entraram, a porta se fechou. Três mulheres as esperavam, uma sentada junto à mesa de madeira, e as outras duas apenas aguardando suas ordens.

—Tragam a primeira — ordenou a que estava à mesa, e a jovem na ponta da fila foi colocada diante da mesa. — Qual é o seu nome?

—Helena — respondeu a menina, trêmula.

Ao dizer isso, as outras duas mulheres se aproximaram dela e pintaram sua túnica com o número um.

—Tem alguma marca de nascença?

—Sim. — A jovem mostrou a mão e, no pulso, a lua crescente.

—Próxima.

A mulher falou imediatamente sem mais olhar para a jovem. E repetiu de forma quase automática as mesmas perguntas para todas as jovens. Foi assim com todas até chegar em Tasha.

—Tem alguma marca de nascença?

—Não.

A mulher olhou-a, surpresa, e fez um sinal para que suas ajudantes a examinassem. Tasha empurrou as duas e evitou o exame. A velha sorriu e chamou por auxílio.

—Caçador!

Um homem apareceu na sala um minuto depois e ficou frente a frente com Tasha. Ele era enorme, e sua face, uma máscara sem nenhuma expressão.

—Ela diz não ter a marca.

—É o que veremos.

O Caçador pegou sua faca e apontou para a face da jovem, que se recostou na parede. Ele cortou sua túnica de cima a baixo e a despiu num puxão, enquanto ela gritava e o empurrava. Segurou-a pelo braço e examinou seu corpo perfeito por inteiro, recebendo seus socos de modo indiferente. Tasha se encolhia nua, mas sentiu o olhar vitorioso da velha. Foi quando o Caçador viu sua pulseira e, com a ponta da faca, cortou-a para encontrar o que buscava.

—Ela tem a marca, velha. Acha que nós erraríamos? — disse o Caçador, depois saiu da sala do mesmo modo como entrou, em silêncio.

—Tragam uma nova túnica, depressa — a mulher ordenou, vendo Tasha se cobrir com os restos da túnica feita em tiras.

Pintaram sua nova túnica e ela foi esquecida como as demais. Finalmente, a espécie de triagem chegou ao fim. As jovens estavam nervosas com o desfecho daquela situação.

—Podem levar — ordenou a mulher, enrolando a folha com seus nomes e levando-a consigo.

Foram novamente postas em movimento pelo corredor e, quando esperavam voltar às suas celas, o trajeto mudou, e foram conduzidas para outro lugar. Dessa vez, tratava-se de salão bastante espaçoso. O Caçador as deixou e saiu fechando a porta. O salão era uma espécie de picadeiro: elas estavam no centro e, acima delas, havia a plateia. A tribuna seguia toda a parede circular e, no ponto central, estava ocupada por algumas figuras. Tasha foi a primeira a vê-los e reconheceu de

imediatamente o homem que chamou a sua atenção no corredor. Pouco depois, as demais jovens olhavam na mesma direção.

O que elas não sabiam era que estavam diante dos líderes de três mundos ocultos aos olhos dos mortais. Detrich, o rei dos vampiros, permanecia sentado numa cadeira de espelho alto e ladeado por dois de seus melhores Pacificadores. O Senhor dos Lobos, Darden, estava à sua direita e tinha a seu lado Edgar, seu conselheiro e braço direito. Atrás no centro, encontrava-se um dos representantes da Cúpula, Laila. A mulher era a mais estranha de todas as figuras ali reunidas, tinha o cabelo loiro e trançado, os lábios pintados de negro, assim como seus olhos. Vestia calças e uma túnica justa coberta por seu casaco de pele. Próximo a ela, dois dos mais antigos Caçadores, Oto e Ulf. Eles ainda envergavam suas armas e o casaco de couro característico dos de sua ordem. Oto tinha os cabelos grisalhos e, no rosto, algumas rugas, mas seu corpo ainda era forte e vigoroso. Mantinha a mão sobre a espada na cintura. Ulf, como a maioria dos Caçadores, mantinha o cabelo loiro e longo trançado, o olhar era claro, e seu rosto, uma máscara de frieza. Havia uma cicatriz em sua testa, mas não existia nada em sua expressão que detectasse o que viria a seguir.

Tasha percebeu o quanto as figuras acima de suas cabeças eram poderosas, assemelhavam-se a reis e príncipes com seus trajes imponentes. Entretanto nada neles parecia lembrar o olhar de um mortal. Seus olhos humanos, e até então inocentes ao sobrenatural, viram o brilho translúcido daquelas vistas, a pele pálida e o vinho que bebiam era denso como sangue. Um arrepio de medo percorreu o corpo de Tasha, e seu coração disparou. Sua visão foi interceptada por Darden, e novamente ela sentiu sua pulsação acelerar. Olharam-se fixamente. Ele percebeu seu jeito diferente em relação às demais moças; ela sabia que não estava diante de mortais. Sua consciência era preciosa, assim como sua beleza. Darden desejou-a imediatamente, mas escondeu bem seu desejo debaixo de um olhar indiferente. O modo como Tasha os encarava, de olhos semicerrados e lábios entreabertos, não exibia medo algum. Por outro lado, a túnica não conseguia esconder a bela mulher em que se transformava. Afinal, eram todas muito jovens. Sabia-se observado, ela notara o cabelo negro preso, o olhar escuro, a face bonita e jovem, as mãos fortes sobre o cálice de sangue.

– Tem bom gosto, Darden. Ela é realmente bonita. Talvez a mais bela de todas – debochou Detrich, percebendo o contato entre a mortal e o homem-lobo.

– Todas são, não é mesmo? – comentou Darden, constatando que ele olhava para uma das jovens com insistência também.

– Gostaria de satisfazer a ambos, oferecendo-lhes as que desejam, mas apenas uma ficará viva – disse Laila suavemente.

–Isso é realmente necessário? – perguntou Darden, sentindo-se desconfortável.

–Todos aqui conhecem a necessidade dessa escolha. O bem e o mal que dela pode advir. Estamos tentando manter o mundo que conhecemos de pé. Não há tempo para lamentações, afinal, você jurou cumprir os desígnios da Ouroboros. Não nos acredite indiferentes ao que aqui se dará, mas a previsão precisa se cumprir. A criança será concebida no sétimo dia de lua crescente – declarou Laila, sem ânimo para mais explicações.

–Todas têm a marca, mas só uma delas sobreviverá – afirmou Laertes, friamente.

Naqueles dias, ele era o comandante da Ouroboros, e seu poder só se curvava diante da Cúpula.

–Corintos foi além das previsões do adivinho da Cúpula. Mas o que buscam, a meu ver, é impossível de existir entre os mortais – disse Detrich, como se granjeasse elogios.

–Nós acreditamos no mesmo. Mas, como já afirmei, a profecia deve se provar. Somos matadores de mortais, eles já foram nossos escravos e, se hoje andam livremente, é graças aos deuses – debochou Laila ativa, alfinetando Darden. – Quanto ao adivinho, Detrich, Miranda, sua mestra, já foi bem recompensada. O que não entendo é por que Radamés não nos deu a honra de sua companhia? – perguntou Laila mais do que interessada na presença de um dos mais belos líderes do mundo sobrenatural.

–Radamés teve o bom-senso de se eximir de um crime que levaremos como maldição por toda a eternidade – argumentou Darden, sombrio.

–Não sabia que os lobos tinham tanta estima pelos mortais. Não é raro ver os filhos da Alcatéia matando nas florestas e gerando lobisomens – comentou Laila, fria.

–Achei que a Ouroboros tivesse o dever de protegê-los de nós e não oferecê-los em uma bandeja de prata – Darden sabia muito bem usar as garras.

–A Ouroboros talvez; a Cúpula nada sente por essas criaturas tão primitivas e frágeis. Um dos nossos é mortal, mas até mesmo ele teve o bom-senso de se tornar imortal. Hoje, ele é forte e belo, como um de nós seria. Lembre-se, Darden, nós mantemos as portas das dimensões fechadas. Se elas se abrirem, nem mesmo você e seus filhos conseguirão deter os seres que atrás dela vivem – sussurrou Laila, diabólica, e seus olhos se tornaram ainda mais vazios.

A ameaça valeu para todos. Afinal, além do nosso mundo, só havia dimensões e, nelas, inimigos naturais de vampiros e lobos. A Cúpula nada sentia pelos mortais. Na verdade, considerava-os uma das raças mais inferiores. Sem dons ou poderes, dependentes de armas. A Cúpula dos Doze jamais teve nenhum nobre sentimento pelos mortais, eles só se importavam com a manutenção das espécies já caçadas e destruídas pelos humanos. Eles controlavam diversas manifestações de vida e seres além da visão dos mortais, e até mesmo de alguns imortais.

—O que o aflige? Você vai ficar com a melhor parte nisso tudo — provocou Detrich, olhando a jovem com interesse.

—Eu bem que deixaria minha sentença a seu encargo se não fosse morto. Mas não se preocupe, terá sua chance — alfinetou Darden.

Os dois reis se enfrentaram silenciosamente com o olhar e Lartes percebeu que o clima piorava. O melhor era prosseguir antes que não conseguissem mais mantê-los juntos na mesma sala ou contê-los. Estavam ali dentro de uma trégua proposta pela Ouroboros; todavia, o efeito era como andar sobre lanças.

—A Cúpula dos Doze e a Ouroboros agradecem aos dois reis por estarem aqui presentes... — Laila começou a falar e ficou de pé.

A essa altura, as jovens estavam inquietas e murmuravam, enquanto observavam a movimentação. Laila foi para a beira do balcão e falou com as jovens.

—Devem estar se perguntando o que estão fazendo aqui, por que foram tiradas de suas famílias. A resposta é simples: uma dentre vocês tem um destino a cumprir junto aos imortais.

—O que desejam? — perguntou Olga, corajosa.

Laila olhou a mortal com interesse e seu olhar negro a esquadrinhou, buscando respostas... ela bem poderia ser a escolhida.

—Muito pouco. Apenas dois anos de sua vida mortal. Devo avisá-las de que haverá um teste e somente uma de vocês sobreviverá. Talvez a escolhida, a prometida dos dois mundos, possa se revelar; afinal, ninguém carrega uma sentença tão gloriosa sem saber. — Aquele demônio falava com ar de vitória na face.

Laila viu que as jovens se olhavam inseguras, mas ninguém sabia o que fazer. Tasha continuava como as demais: temia por seu fim.

—Uma de vocês pode salvar todas as outras. Tasha deu um passo à frente, e Laila a encarou:

—Fale!

—Sou a prometida.

Laila sorriu vitoriosa e deu ordens.

—O que está fazendo? — perguntou Laertes, confuso com a atitude de Laila.

—Sendo justa. Elas não precisam morrer — afirmou Darden, enfrentando o olhar frio do comandante atual da Ouroboros.

—Um demônio com coração? Isso é novidade — Detrich soltou, assegurando-se de que Laila ouvira o comentário.

—Elas viram demais, sabem quem somos. Se voltarem para suas vilas e aldeias, revelarão este lugar e nossa existência.

Faz-se silêncio entre eles, e Tasha continuou muda, observando-os. Pareciam tomar uma decisão importante.

—Fico feliz que tenha se revelado. Agora pelo menos saberemos qual dentre vocês ficará viva.

—Disse que pouparia as demais — cobrou Tasha, enfrentando-a.

—É, eu menti. Agora já sabe, nunca confie em um demônio.

—Traidora! Pagará com sua vida — gritou Tasha e apontou Laila, que a enfrentou com olhar negro e frio.

—O tempo acabou. Podem começar — ordenou Laila, fitando a mortal com rancor e aborrecimento.

As jovens se encolheram no salão, temendo o desconhecido. Darden olhava a cena sem nenhuma expressão definida na face, mas seu coração lamentava pela frieza e as circunstâncias; elas estavam realmente condenadas. Aceitou participar sob a pressão da Ouroboros e não acreditava ser possível que a profecia da Cúpula se realizasse; era impossível, mesmo depois de a jovem se pronunciar, ainda acreditava que aquilo era uma grande ilusão.

A porta, antes fechada, se abriu deixando passar por ela quatro figuras. Não eram Caçadores, mas também não eram humanos. As tais criaturas passaram a rodeá-las e fitá-las com olhares ameaçadores. E, quando Laila deu o sinal, eles atacaram. Foi rápido. Um deles partiu para cima de uma das jovens e a mordeu na garganta, sugando seu sangue. O terror tomou conta das demais, que gritavam e tentavam fugir, arrastando as outras pela corrente.

Eram mordidas e feridas com arranhões. Tasha, no fim da corrente, estava pronta para lutar e, quando o vampiro se aproximou, ela o socou. Não tinha muita força, mas, em razão de usar o punho enrolado na corrente, o estrago foi grande. O vampiro caiu e tocou o nariz sangrento, depois a olhou furioso e incrédulo. A

jovem sabia que não havia acabado e se preparou para mais uma investida, embora com a mão ferida pelo impacto. Dessa vez, segurou as pontas da corrente e esperou pelo ataque com os olhos fixos no vampiro. E, quando ele avançou, ela estava pronta e o lançou pelo cangote, fazendo-o ficar de costas; num golpe ligeiro, puxou a corrente bruscamente e quebrou seu pescoço.

Vampiros, lobos e Caçadores a observavam sem compreender como uma mortal podia tanto. Ela não era indefesa como as demais. Lutava com o que tinha nas mãos, suas correntes. Para eles, só havia uma explicação, era ela realmente a escolhida. Darden a olhava com admiração e surpresa, uma mortal matou um vampiro, e estava acorrentada!

Detrich havia se inclinado para a frente e sorria, vendo as jovens serem mordidas. Seus gritos pareciam excitá-lo. Um criado serviu-lhe sangue, ele parecia ver gladiadores lutarem, a animação era a mesma. Laila estava muda, vendo Tasha se debater e lutar ferozmente por sua vida. A ameaça pareceu tocar aquele demônio.

Tasha viu suas companheiras de corrente todas feridas, enquanto ela continuava a lutar. Todavia, foi cercada, contida. Empurrou-os, mas eles eram três e a dominaram para que um deles a morderesse. Ela o olhava com coragem e cuspiu-lhe a face. O vampiro avançou sobre seu colo delicado e a mordeu no pescoço. Tasha gritou e, num gesto rápido, socou o vampiro. Eles se afastaram; aparentavam temê-la. Escorria sangue de seu pescoço, e ela parecia tonta quando o segundo deles resolveu atacá-la e morder-lhe o pulso. A jovem caiu no chão e sentiu o arranhão do lobo sobre a perna.

Darden segurava o braço da cadeira e sofria com ela disfarçadamente; queria que parasse de lutar e se rendesse. Podia ouvir seu coração batendo vigorosamente, lutando. A perda de sangue, no entanto, a dominou e Tasha ficou no chão imóvel, com as outras jovens que gemiam e choravam.

Não demorou muito para que os Caçadores entrassem e as levassem para suas celas. Darden deixou a Arena de imediato e seguiu pelo corredor; logo atrás dele estava Edgar. Dirigia-se aos seus aposentos, precisava ficar sozinho. Detrich ficou, conversava tranquilamente com Laila, porém Laertes se afastou, não o suportava.

As jovens foram postas em suas camas e esquecidas por aquela noite e o dia seguinte. Nas horas que se seguiram, todas tiveram febre e delírios. Muitas gemiam baixinho, outras só choravam, mudando lentamente. Quando a manhã chegou, algumas delas se esconderam sob o catre, fugindo da pouca claridade que entrava

na cela escura. Outras apenas ouviam e cheiravam tudo à sua volta, como se houvessem descoberto novos sentidos.

Tasha foi acometida dos mesmos sintomas. Teve febre e delirou muito, acordou seis horas depois do ataque com sede e, ao se levantar para alcançar a jarra, caiu no chão e lá ficou. Tudo rodava à sua volta e sentia seu corpo formigar e ao mesmo tempo esticar-se, coçar. Olhava além de sua cela e viu Olga encolhida no catre, ela gemia e contorcia-se de dor. Por fim, vomitou e urinou-se como se não pudesse conter o próprio corpo.

Quando a noite chegou, todas estavam em silêncio, mas um uivo se fez ouvir dentro de uma das celas. Elas não tinham forças para gritar, tamanho o terror que sentiram ao verem uma das jovens se transformar. Ela gemeu e se segurou nas grades, vendo as mãos virarem garras. Sua túnica converteu-se num monte de tiras, enquanto seu corpo crescia e ficava coberto de pelos. Quando finalmente tudo terminou, a jovem havia se transformado num lobisomem. Uma criatura violenta e faminta. Ela estava longe da humanidade para sempre. Babava e rugia, jogando-se contra as grades e buscando sair do confinamento.

No chão, Tasha viu Olga se levantar do leito com a boca ensanguentada; ela havia mordido seu pulso e se alimentado do próprio sangue, tamanha a sua fome. Olhava Tasha caída no chão, ainda sedenta, e esticava a mão tentando alcançá-la. Quando os Caçadores chegaram, cinco deles, a maioria das jovens capturadas já estava transformada em lobisomens ou em vampiras. Eles se posicionaram e esperaram ordens. Laertes andou pelo corredor, observando as jovens agora transformadas, mas parou na cela de Tasha, que ainda permanecia no solo. Oto abriu a porta e recolheu a jovem do chão para que o líder da Ouroboros a examinasse. Ele ergueu sua pálpebra e viu seus olhos completamente normais, a garganta estava restaurada; abriu sua boca e não encontrou os caninos crescidos. Só estava fraca e com febre, talvez do choque. Nela não havia nenhum sinal de transformação, ela estava entre os dois mundos. Oto a pegou nos braços e seguiu seu líder. Antes de sair, Laertes deu a ordem a Ulf, e ele a executou.

Os Caçadores sob seu comando se prepararam. Os lobisomens eram abatidos por setas com ponta de prata, e as vampiras tinham a cabeça cortada. No final, sobrou muito pouco: só sangue e corpos.

Tasha despertou sobre um leito sedoso; a cabeça estava apoiada em travesseiros macios e uma pele de urso negro a cobria. Havia um perfume exótico na tal pele, que a rodeava e tocava seus sentidos de modo estranho. Ela a afastou e olhou a câmara onde se encontrava, porém não a reconheceu. Sentou-se no leito e, ao pisar o chão frio, calçou as botas de camurça ao lado da cama. Eram do seu tamanho. Fitou o camisolão que vestia e começou a andar pelo quarto, buscando

uma saída. O fogo estava aceso e a única janela, fechada. Foi até ela e a abriu. O frio e a neve invadiram o quarto, olhou a noite lá fora e percebeu que a construção situava-se à beira de um quase abismo. Era muito alto, não havia como pular e sobreviver. Fechou a janela e se envolveu na pele de urso com frio.

Sentou-se numa das cadeiras e refletiu sobre tudo o que lhe havia acontecido e se percebeu bastante calma e lúcida, talvez porque houvesse descansado; o medo havia desaparecido por completo. A porta estava trancada por fora, ainda era prisioneira. Fitou o baú e viu roupas, eles esperavam que ela ficasse; afinal, todas pareciam caber nela, assim como as meias e as peças íntimas.

Vasculhou o quarto inteiro e não encontrou nada que pudesse usar para se defender. Bebia um gole de água da jarra quando ouviu vozes no corredor. Falavam baixo, mas ela pôde ouvir claramente um nome: Darden.

Foi para perto da janela e esperou que a porta se abrisse. Ao menor sinal de ameaça, pularia. Era melhor que ser mordida novamente e se transformar numa besta. A porta se abriu e ela aguardou atenta. Todavia, quem entrou deixou-a desarmada: era o estranho de olhos escuros que vira na tribuna. Ele as defendeu e se horrorizou com o que viu. Sua beleza chamou a atenção de Tasha desde o primeiro minuto, era alto e forte como um guerreiro; os cabelos longos e negros estavam presos numa trança. A calça de couro macio deixava seu físico definido bastante evidente, a camisa de lã e o manto que lhe caía sobre o ombro davam a ele um ar nobre. O olhar era o mesmo de que ela se lembrava: forte e misterioso. Um jovem lorde. Observou que ele estava sem nenhuma de suas armas, provavelmente temendo que ela tentasse algo e colocasse sua vida e a dela em risco.

—Se não pretende pular, feche a janela porque está muito frio — aconselhou Darden, que em seguida sentou-se tranquilamente.

—O que vai acontecer comigo? — perguntou Tasha, ainda a distância, mas já com a janela fechada.

—Vai depender de você agora. Mas saiba que a Ouroboros pretende lhe tratar como rainha a partir de hoje. Afinal, você vai gerar o protetor da ordem deles. Se for inteligente, saberá tirar proveito do que eles têm a lhe oferecer — disse Darden, observando seu rosto corado.

—Sei que não gostou do que aconteceu naquele salão... — Tasha começou a falar, temendo revelar demais. — Ajude-me a fugir, quero voltar para minha vila... — pediu segura.

—Sua liberdade não está em minhas mãos, você agora pertence à Ouroboros. Mas jamais poderia voltar...

–Jamais serei escrava de quem quer que seja! – Ela lutaria até o fim.

–Já lhe disse, não será escrava deles; é sua salvadora, e como tal deve agir. Exija seus direitos, não aja como uma criminosa em fuga. Imponha-se e conquiste o respeito deles. – Eram sábios conselhos e Tasha ouviu-os atenta.

–O que eles querem realmente? – A jovem se aproximou um pouco mais, sentindo-se confiante para tanto.

Darden percebeu e mostrou-lhe a cadeira. Tasha sentou-se, e as botas de camurça ficaram visíveis. Ele gostou de saber que ela usava um de seus presentes e lhe revelou seu futuro e os motivos por estar ali. A jovem empalideceu. Os olhos estavam cheios de lágrimas e tentou se concentrar. Como sua vida poderia ter mudado tanto? Há poucos dias, pensava em aceitar o pedido de namoro do filho de um vizinho. Ainda podia lembrar-se de seus olhos escuros... Onde estava a sua vida? Estava parada, e Darden percebeu sua agonia, mas precisava alertá-la, assim haveria uma chance de sobrevivência e menos dor.

–Logo virão buscá-la, precisa provar do sangue do rei dos vampiros. Seja inteligente e não lute, então tudo acabará rápido.

–Detrich – Tasha disse o nome do rei dos vampiros e surpreendeu o Senhor dos Lobos. Como ela podia saber? – Não quero que ele me toque – confessou num murmurou angustiado, enojado.

–Peço: não lute; se lutar será pior, só vai provocá-lo. Ele tem direito a essa primeira noite... – A voz de Darden silenciou.

–Por quê? Eu sou livre! Eu não pertenço a você ou a ele! – gritou ela, combativa e terrivelmente atemorizada.

–Não é mais – lembrou Darden, firme, tentando fixar tal condição em sua mente, mas sem revolta.

–Ele... É com ele que terei a criança? E depois, o que virá? – Tasha o questionava e tentava entender o motivo pelo qual ele a estava ajudando.

–Não, ele é um vampiro; seu corpo está morto, não pode gerar vida. Ficará sob minha custódia até que a criança seja gerada – Disse Darden, mas estava óbvio que omitia informações.

Tasha enfrentou seu olhar e nada falou, mas Darden sabia que não seria fácil mantê-la em sua cama. O modo como ela lutou e ainda resistia, o medo que sentia... Era diferente, e, agora, como imortal, tudo havia sido potencializado: dor, medo e até mesmo a raiva ou o desejo.

–O que é você, afinal? – perguntou Tasha debochada.

–Sou Darden, o Senhor dos Lobos, um homem-lobo, imortal como você é agora – A revelação a fez olhá-lo com atenção e frieza.

–O que isso quer dizer? – Tasha estava curiosa.

–Nunca viu um lobo? – perguntou Darden, realmente surpreso.

–Meu pai matou alguns no inverno passado... – Ela se calou, percebendo que o olhar de Darden ficou escuro. Sentiu que o magoou ou ofendeu de algum modo.

–É o que os mortais fazem de melhor, matar minha espécie – disse ele em tom de insulto.

–Os lobos atacaram primeiro. Mataram um jovem na floresta e destruíram nossas criações. Passamos fome – argumentou Tasha, segura.

–A floresta é lugar para os lobos, não para mortais. A cada ano vocês invadem nosso território de caça. – disse Darden, embora a achasse sedutora ao defender seus antigos ideais de mortal. – De qualquer modo, agora você está do outro lado, dentro da floresta. Vamos ver o que vai sentir ao ser perseguida, caçada, seja por sua pele de loba, ou por suas presas de vampira.

–Como... Do que está falando? Eu sou mortal.

–Não é mais. Quando foi mordida pelos vampiros e ferida pelo homem-lobo passou a pertencer às duas espécies. É a única criatura viva com tamanho dom.

Darden se levantou e andou pelo quarto, buscando algo. Quando voltou, tinha nas mãos um espelho e o passou às mãos de Tasha. Sem saber ao certo o que ele desejava com aquilo, deixou seus olhos mirarem a lâmina, e o que ela viu a surpreendeu. A pele estava muito pálida, os cabelos lustrosos, havia um brilho novo em seus olhos, os lábios estavam corados. E, ao abrir a boca, percebeu os caninos crescidos. A força que sentiu era resultado do ataque que sofreu, ela havia mudado.

–O que fizeram comigo?

–A Ouroboros fez sua verdadeira natureza vir à tona. Você jamais foi completamente mortal. Deve ser filha dos deuses, que nos idealizaram e geraram nesse mundo. Nem vampira nem loba, loba e vampira, mas imortal, e certamente tem poderes das duas espécies. Talvez deseje beber sangue, mas o certo é que pode andar à luz do dia como um lobo e à noite com toda a sorte e poderes de um vampiro, e vai poder conceber uma criança.

–Eu não quero isso! – gritou e jogou o espelho contra a parede.

Tasha estava de pé diante de Darden, que havia se levantado há algum tempo para andar pela câmara. Buscava fazê-la compreender, não queria mantê-la

acorrentada como a Ouroboros sugeriu.

—Não é algo que possa ser desfeito, apenas aceito! — Darden a segurava pelos ombros, vendo-a desmoronar. Viu as lágrimas inundarem seus olhos.

—Preciso voltar para casa... Pode haver uma cura, a velha Ana... — disse, muito confusa.

—Jamais poderá retornar à sua antiga vida. Seria notada, perseguida e morta. Não há cura, uma vez infectada. Os mortais de sua aldeia certamente a queimariam, nem mesmo seus pais a aceitariam...

—É mentira! Eles jamais me rejeitariam. Minha mãe me ama, eu tenho irmãos, um pai... Eles me esconderiam... — afirmou ela, segura.

—Quer trazer desgraça e morte a eles? É isso?

—Não!

—Então os esqueça, dê a eles proteção com sua ausência.

Tasha caiu ao chão e soluçou infeliz. Darden, ao lhe revelar a verdade, feriu-a muito. Ele se abaixou junto a ela e viu sua tristeza, chorava copiosamente. Os cabelos longos cobriam sua face banhada em lágrimas; soluçava dolorosamente, como uma menina faria. Seu corpo ainda mudava, era normal que se sentisse confusa e seus sentimentos oscilassem entre a raiva e a tristeza absoluta. Darden a recolheu do chão e a levou para o leito sem que ela lutasse. Tasha segurou seus ombros e o olhou nos olhos.

—Por que nos defendeu lá no salão? Lobos são criaturas cruéis... — começou a falar baixo, sentia-se vencida.

Darden a deitou no leito e a ajeitou entre os travesseiros, sentando-se ao lado da cama para responder. Estava surpreso como ela sabia, pois, de onde se encontrava, não poderia ter ouvido seus argumentos.

—Com o tempo vai entender o que somos e os motivos pelos quais matamos. Como sabe que as defendi?

—Estava em sua mente, eu apenas podia ouvir... Na minha aldeia, sempre sabia o que todos queriam e falavam — murmurou, olhando Darden de modo suave.

Tasha era poderosa mesmo quando mortal, mas escondia seus dons para continuar a viver; no fundo, vivia como um lobo, ou vampiro escondendo sua verdadeira. Seus poderes só precisavam ser libertados.

—Você está certo, eles não me aceitariam — afirmou ela, admitindo com o olhar distante. — Cresci sabendo que essa marca poderia me levar à fogueira. Sempre a escondi, assim como o poder que tinha de ouvir os pensamentos das

peessoas à minha volta, saber onde estavam os peixes no lago... – enquanto falava, as lágrimas rolavam por sua face. – Nasci amaldiçoada.

–Todos nós nascemos com esses poderes, mas aprendemos a lidar com nosso destino o melhor possível. Você aprenderá também e, quem sabe, até goste de uma vida onde seja forte e livre. – Darden segurou seu braço delicadamente e observou a marca com admiração. Depois de deslizar o dedo sobre a meia-lua, beijou-a reverente.

Tasha olhou nos seus olhos e percebeu seu desejo. Temendo assustá-la, Darden afastou-se do leito.

–Por favor, fique! Estou com medo – pediu Tasha muito baixo, segurando a mão de Darden. A guerreira que lutou por sua vida havia dado lugar à mulher com medo.

–A Ouroboros a protegerá, não lhe farão nenhum mal. E, enquanto estiver sob minha proteção, tem minha promessa: nada lhe acontecerá! – Darden apertou sua mão carinhosamente, passando-lhe confiança.

–Por que me protege?

–Estava apenas tentando ser justo – revelou, num suspiro cansado.

–Não pode haver justiça quando tantas morreram em vão – disse Tasha, lembrando-se das jovens que morreram. – É você, não é mesmo?

–Sim, sou eu. Mas acho que você já sabia, resta-me pouco a dizer agora. Mais uma vez Darden tentou se afastar, mas foi detido. Tasha segurava-o pelos ombros, e quando Darden a olhou havia um brilho naquele olhar verde que o convidou ao beijo. Ele se inclinou e ela não recuou; ao contrário, esperou-o ainda prendendo o Senhor dos Lobos com o olhar. Sua mão tocou o rosto do homem-lobo, a carícia delicada só deu a ele a confiança que faltava. Tomou sua boca num beijo suave e cheio de promessa. Tasha gemeu, mas não recuou; ele a trouxe para seus braços e sentiu suas mãos em seus ombros largos. Ela não pretendia fugir; na verdade, quando ele a afastou, viu sua face ruborizada, os lábios úmidos, os olhos semicerrados.

–Não deixe que ele me toque – pediu, abraçada a Darden como se o conhecesse há séculos.

–Me pede o impossível. Compreenda, não tenho poder para impedir que ele prove de seu sangue e lhe dê do seu. É preciso...

–Não me entregue a ele. – Ela o esmurrou chorosa.

–Tasha, olhe para mim – Darden pediu carinhoso, fitando seu rosto cheio de revolta. – Posso estar presente para evitar que ele vá além, mas, para isso, teria de

possuí-la primeiro – disse, segurando seu rosto.

–Então que assim seja – murmurou a jovem, segurando suas mãos.

Tasha buscou a boca de Darden e o beijou delicadamente, abraçando-o um tanto desajeitada. Ele retribuiu e, quando finalmente saiu do quarto, foi ter com a Ouroboros. Dentro do coração de Darden ardia a paixão e o desejo por aquela jovem – ela o havia tocado como nenhuma outra fêmea. Por um instante, a tortura daquela obrigação se tornou suportável. Quando saiu do quarto, revelou a Edgar sua decisão. Ele a aceitou sem protestos, não entendeu seus motivos, mas o apoiou. Detrich não impôs obstáculos, ela nada valia para o vampiro. Esperava apenas o momento de partir.

Tasha foi preparada e trazida à presença da Cúpula e da Ouroboros; não foi questionada, apenas comunicada sobre sua nova condição. Ela ouviu Laertes falar e se comportou como Darden a instruiu: apareceu diante deles como uma imortal. Laila estava decepcionada, esperava que ela tentasse fugir e desse a eles motivo para mantê-la presa a ferros, e, claro, quando a criança nascesse, ela poderia ser morta. Mas isso não iria acontecer, não com Tasha, que observava os rostos à sua frente, prometendo a si mesma jamais esquecê-los. Havia assumido sua natureza de imortal e se sabia duas vezes mais poderosa que qualquer um deles. Mas era preciso ter paciência, o momento pedia que conhecesse seus inimigos para depois matá-los. Darden havia se tornado seu aliado e, em breve, seu amante – provavelmente, sua única fraqueza. Mas, dentro da vingança, não havia lugar para o amor, somente para o ódio.

–Então... – começou Afrodite realmente surpresa.

–Sim, Tasha é Desirée. Ela adotou esse nome logo depois de declarar guerra à Ouroboros e à Cúpula dos Doze – afirmou Derek, tocando os cabelos macios de Afrodite deitada ao seu lado.

–Eu sempre acreditei que ela fosse vampira. Quando o Pacto foi assinado, ela o renegou e se tornou fora da lei – disse Afrodite, realmente chocada.

–Desirée pode ser o que bem desejar, mas como abomina os lobos, preferiu assumir o lado vampiro.

–Mas e a criança?

–Foi gerada, é claro. A Ouroboros renasceu de suas cinzas e hoje controla todos. A Cúpula dos Doze se recuperou e manteve o pacto de silêncio. Para eles, Desirée não existe.

–Darden é pai de... Belizário.

–Não tenha dúvidas; mas, apesar de dominar as duas naturezas, Belizário não protege nem vampiros nem lobos. E, caso deseje saber, Desirée matou Laila dolorosamente, como prometera.

–Ela é muito forte e será uma aliada à minha altura. Juntas poderemos preparar o caminho para sua chegada – afirmou Afrodite, percebendo o quanto estava certa sobre aquela aliança.

–De fato, ela nos conhece e saberá me respeitar – Derek afirmou, cobrindo a vampira com seu corpo cheio de desejo.

–Sim, muito em breve ela saberá quem somos.

Afrodite riu e beijou Derek enquanto ele puxava sua túnica, desnudando o corpo da vampira, que sorria em êxtase.

Capítulo 15 - Eternamente

A noite cobria Paris quando Vitor e Kara chegaram ao apartamento onde ela vivia. A primeira coisa que perceberam era que Afrodite não estava na habitação. No quarto viu Jan Kmam ainda adormecido e ao seu lado seu corpo. Eles sabiam que, adormecida, Afrodite era um alvo fácil. Ao se aproximar notou com surpresa, que a vampira não estava em seu corpo. Percebeu a distancia que mantinha de seu amante. Algo raro dormirem afastados. Sentiu a mão de Vitor tocar seu ombro e logo depois sair do quarto. Era sua deixa.

O som da chuva foi a primeira coisa que Kara ouviu. Ela segurou o travesseiro e viu a noite além da janela e suspirou. Havia uma sensação de conforto e bem-estar. Podia sentir a mão de Jan Kmam sobre sua cintura. Sorriu, pois certamente a primeira coisa que fez foi aproximar-se dele no leito. O corpo forte estava às suas costas, num abraço terno, comum a eles que dormiam abraçados. Sua face estava junto ao seu ombro, coberta pelo véu de seus cabelos. A doce fragrância de seu perfume a envolvia entre os lençóis, e o conforto de sua presença era bem real. Seu coração batia acelerado e havia saudade de meses de afastamento. Queria ver seu rosto, virou-se suavemente e o encontrou adormecido, os cabelos em desalinho. A beleza diante dos olhos de Kara era um presente, ela sorriu e uma lágrima escorregou por sua face. Abraçou-o e esfregou o nariz no seu, salpicando-lhe sua face de beijos. Queria vê-lo desperto, que ele lançasse o azul de seu olhar sobre ela. Precisava desesperadamente ver o sorriso que amava. Jan finalmente abriu os olhos, e a expressão sonolenta fez a vampira rir e chorar de felicidade.

—Por que chora? — quis saber, preocupado.

—Eu o amo tanto, Jan. Senti sua falta — confessou Kara, num murmúrio apaixonado, e o beijou nos lábios.

Jan Kmam envolveu Kara em seus braços e fitou sua face delicada, molhada pelas lágrimas cristalinas. Percebeu-a diferente. A doçura que sumira de sua face havia retornado. Até mesmo o modo como o tocava. Podia ver sua antiga amante de volta. A forma como depositava beijos sobre seu rosto e esfregava o nariz no seu sorrindo... Aquele gesto era somente seu. Algo tão único e cheio de delicadeza. Ela não parecia disposta a sair do leito ou deixá-lo sozinho como fizera nos últimos meses. Ali, abraçado ao seu corpo, podia ouvir seu coração batendo aos pulos junto ao peito, e todos os seus gestos eram de amor. Era como se a Lua houvesse voltado para sua noite e tudo tivesse adquirido mais sabor e cor. Tocava seu rosto e se perguntava quanto tempo aquele sonho iria durar. O corpo a exigia faminto, jamais

a recusaria. A distância que ela impunha o colocou faminto não por sexo, mas por ela, seu carinho, o modo que o tocava e amava. A forma como se entregava a ele. Mas se acordasse daquele delírio, ela voltaria a tratá-lo com frieza? Correria novamente para os braços do rei? Ele se conteve e esperou.

Kara saudosa o envolveu para beijar seu pescoço, os ombros largos, o peito forte que amava. Ela sabia como enlouquecê-lo e, quando ela murmurou junto ao seu ouvido que o desejava, Jan lançou suas dúvidas no lixo e a beijou, a língua exigindo a sua, e a encontrando. Ficando sobre seu corpo, a viu puxar a camisola sobre a cabeça. Embriagado a beijou e a ouviu gemer de prazer ao perceber que ele estava pronto a possuir. E a encontrou pronta a recebê-lo. Em questão de minutos, já se amavam apaixonadamente. Kara ouvia suas juras de amor em forma de sussurros e se entregava aos seus desejos sem reservas. Movia o corpo sob o seu entregando-se completamente. Afastou-se e passou a beijar seu pescoço, o colo. Os seios exigiam sua atenção e ele os sugou ávido. Apaixonada ela acariciava seu cabelo e beijou seu rosto, o prendendo com braços e pernas. O corpo forte do vampiro cobria o da amante como uma manta viva. Sempre que a tomava temia a machucar, pois quase perdia a razão tamanho o desejo que sentia por ela, não raro deixar marcas roxas sobre sua pele pálida. Era tão pequena e suave. No entanto, ela parecia sentir que se continha e o exigia. Ela beijou seu peito e logo a garganta. Moviam-se juntos agora, e as sensações os tomavam de modo glorioso. Os sussurros, o som rouco que ele fazia quando estava próximo a atingir o gozo, a avisou que ainda estavam sintonizados, afinal, ela o seguiria em um segundo. O êxtase foi intenso e quando ele apoiou o corpo com o braço evitando cair sobre ela, Kara o puxou para si, o prendeu junto a ela. O rosto metido nos seus cabelos, o corpo ainda sob o efeito do prazer que compartilharam estremecia junto ao dele. Um soluço escapou de seus lábios.

– Kara? O que houve...? Eu...Machuquei você? Está arrependida?

Jan Kmam confuso tentou se afastar, mas ela o deteve e murmurou:

– Eu te amo. Não ouse duvidar do que sinto. – soluçou aflita e tremendo.

– Eu também a amo, *ma petite dame*.

O reencontro foi intenso e cheio de amor, eles o conheciam bem e sabiam o quanto tal sentimento era precioso e único. Pouco depois, Jan Kmam fazia cócegas em Kara, pois notou que o abraçava temendo afastar-se dele. Mas sob a força de seus beijos e toque por fim sorriu. E ao ouvir seu riso gaiato, reconheceu-a enfim. Ela estava em seus braços, e eles olhavam a chuva molhar o vidro da janela.

–Onde você estava, *ma petite*? Por que me abandonou? – sussurrou Jan sem imaginar como suas palavras faziam efeito, enquanto olhava seus olhos escuros.

–Jamais o abandonaria, eu apenas estava perdida num mundo sem cor, sem vida; não conseguia voltar... Quero ficar sempre ao seu lado. Tenho tanto a lhe dizer – disse Kara apaixonada e o beijou.

–Ultimamente, ando incerto quanto às suas palavras e aos seus sentimentos, Kara – ele sussurrou assim que ela libertou seus lábios, mas completamente confuso com sua palavra e saudade.

–Não duvide de meu amor, Jan – pediu Kara ao amante.

–Não são dúvidas, é a realidade que me sufoca. Eu continuo o mesmo, Kara; no entanto, você mudou tudo à nossa volta, como se quisesse apagar o que fomos, destruir nossas lembranças – Jan temia se magoar e se defendia de sua súbita recaída; há meses ela não dizia que o amava. – Sei que o ama também – disse Jan Kmam se referindo ao rei.

–Sim, mas quero ficar ao seu lado. Quando lhe revelei meus sentimentos pelo rei, foi para que se sentisse seguro do meu amor por você. Posso amar os dois, mas escolhi ficar ao seu lado. Eu sou a mulher que você raptou e assustou, a mesma que você salvou da morte. A vampira que lutou na Arena e se tornou campeã do rei para trazê-lo de volta aos meus braços.

–E quanto tempo vai ficar em meus braços dessa vez? Um ano, dois? Quando vai partir de novo e fingir que não existo, que sou um objeto de decoração? – Jan estava frio, magoado.

Kara se afastou e, com tristeza, olhou o quarto na semi-escuridão, vendo móveis e cores diferentes. Sabia o motivo pelo qual a rejeitava.

–Sinto muito. Meu erro colocou todos nós em perigo novamente... Eu não fazia idéia do que ela queria, quais eram seus planos. – Kara tocou os cabelos em desalinho, tornando-se mais bela a cada minuto.

–Do que está falando, *petite*?

–Quando você terminou tudo comigo dentro do Jardim, eu não parti imediatamente. Lembro-me de ter ficado e, desesperada, aceitei a ajuda de um dos espectros.

–Não posso crer que cometeu tal loucura! – manifestou-se Jan, apreensivo.

–Eu não sabia quem ela era. Até aquele dia não conhecia sua existência. Radamés me fez conhecer sua identidade muito depois e, influenciada por ela, não me lembrei do acordo que fizemos...

–Acordo? Kara, o que fez? Quem a ajudou? – quis saber e tocou seu rosto com cuidado.

–Afrodite.

Jan Kmam a fitou e não pôde imaginar desgraça pior. Kara havia aberto uma espécie de Caixa de Pandora. Afrodite partiu do mundo vampírico contra a sua vontade, foi executada pelos Poderes, teve sua cabeça cortada por Otávio e o corpo feito em cinzas para que jamais retornasse, e ali estava ela, livre, e pela mão da campeã do rei.

–Se soubesse de seus planos, nunca teria permitido sua aproximação. Acredite em minha palavra, não imaginei que haveria consequências. Desconhecia seus crimes contra o mundo vampírico – murmurou Kara, enrolando-se no lençol de modo nervoso.

–O que permitiu, o que lhe prometeu? – Jan segurou seu rosto e temeu pelo pior.

–Dei permissão que ficasse perto de minha alma. Tirei-a do Jardim com a promessa de fazer com que voltasse para mim. Claro, era tudo mentira. – Kara confessou envergonhada, arrependida, sabendo agora que ela não tinha poder para tanto.

–O que aconteceu depois? – perguntou Jan, vendo as lágrimas rolares pela face da vampira.

–Não sei ao certo. Depois dos eventos do Pacto, lembro-me de estarmos juntos e de ter alguns lapsos de memória, até finalmente tudo sumir. Então, há alguns dias, despertei nos braços do rei. E não fazia idéia de como havia ido parar na sua cama... Tentei lhe dizer a verdade, mas não houve tempo. Afrodite voltou e me expulsou de meu corpo. Desde então, tenho vagado dentro do mundo dos espectros. – Kara fez uma pausa. – Tentei avisar Ariel, mas ele não me vê, nem me ouve. Vi vocês dois juntos na cozinha e como a tocou, me tocou... – ela cobriu o rosto envergonhada e aborrecida. – Quando saio do meu corpo, ninguém é capaz de me ver ou ouvir.

A revelação fez Jan Kmam abraçar Kara com força. Fechou os olhos e tentou consolar sua angústia e a dele. Quando se afastou, olhou-a nos olhos e sorriu aliviado. Beijou sua mão onde estava a aliança que os unia e a beijou nos lábios, apaixonado.

–Sabia que, em algum momento, desejaria outro vampiro, você tem esse direito. Mas tinha certeza de que esse vampiro não seria o rei.

–Eu lhe prometi que, se desejasse voltar aos braços do rei, você seria o primeiro a saber. Eu o amo e, por enquanto, o único que desejo é você. – Kara revelou num sussurro apaixonado e o beijou.

Estavam juntos novamente e pouco importava se seria somente por uma hora ou dois segundos. Amavam-se profundamente, havia entre os dois um laço de união mais forte que a própria morte e até mesmo o tempo. Jan a apertava junto a si quase com medo de perdê-la. Escondeu o rosto em seus cabelos lisos e sorriu emocionado. Quando beijou a rosa sobre seu seio, jurou amá-la eternamente.

–Então faz um ano que estamos longe?

–Não sei ao certo. Só sei que tenho pouco tempo, logo minha alma vai desaparecer. Diante da presença do espectro de Afrodite, não consigo ficar em meu corpo. – Kara segurava os ombros do amante.

–Onde ela está agora? – perguntou Jan pronto a enfrentá-la.

–Não faço ideia. Vitor me trouxe até aqui assim que anoiteceu porque suspeitamos de que ela se afasta do corpo enquanto dorme.

–Onde ele está? Como pôde vê-la?

–Ela o matou, Jan; ele agora é um espectro.

Jan Kmam saiu do leito e buscou uma roupa, preparando-se apressado para sair. As informações o alarmaram, precisava agir.

–Como não ficamos sabendo? Togo não avisou a comunidade? Vi Frigia há duas noites. – perguntou Jan, olhando Kara ainda no leito.

–Ele desconfiou dela e veio a Paris. Ela marcou um encontro e tentou fazer dele seu aliado; quando falhou, o matou. Levou-o à exaustão e, finalmente, à morte.

–O Livro deve ter impedido Frigia de revelar a verdade – conjecturou Jan, conhecendo bem aquele ser. – Precisamos buscar ajuda. Venha, vista-se; temos de sair imediatamente.

Kara estava ciente da presença de Vitor na sala, mas resolveu seguir Jan.

–Há quanto tempo ela matou Vitor?

–Mais de dez dias – confirmou Kara, com tristeza.

–Precisamos falar com Togo, e os Zeladores do Livro saberão o que fazer. Algo está muito errado.

Jan falou e só então olhou Kara pronta, ficou imóvel por um minuto e a abraçou, trazendo-a junto de si. Kara, confusa, retribuiu e olhou seus olhos felizes,

o sorriso meio bobo.

–O que houve?

–Como não percebi que não era você? Veja suas roupas, são as roupas de uma guerreira, uma vampira, a campeã do rei. Não uma vampira tentando ser mortal, ou pior, a rainha.

Jan Kmam admirava Kara em sua calça preta, trajando seu *corselet* de veludo sobre a blusa negra, as botinhas, a camisa. O modo como prendeu o cabelo num rapo de cavalo.

–Kara! Afrodite se aproxima, nosso tempo acabou – avisou Vitor, em guarda. A vampira se voltou em direção à porta e viu Vitor. Percebeu que Jan a olhava de modo interrogativo e um tanto preocupado.

–É Vitor?

–Sim, nós precisamos ir; ela está muito perto. Jan, meu amor, não posso mais ficar.

–Você não vai a lugar algum, nós vamos falar com o rei...

–Eu não consigo ficar. Jan, prometa que vai fingir nada saber. Vitor foi o primeiro a morrer, e ela prometeu que mataria o rei e até mesmo você. Temo que ela desapareça e eu não possa voltar, ou a matem... – disse Kara, abraçando-o com força e medo.

Só então Jan Kmam percebeu que, se denunciasse Afrodite, estaria colocando a cabeça de Kara sob o machado. Os Poderes a caçariam e a matariam, ela não teria nenhuma chance. Não se arriscariam para salvar Kara. Frustrado, Jan concordou e murmurou:

–Encontraremos uma saída, acredite-me, você vai voltar.

–Vou procurar Radamés, ele deve saber o que fazer.

–Não! Não, Kara. Se for ao Jardim, pode não conseguir voltar. – Jan a impediu. – Dê-me algum tempo. Afrodite está morta há séculos, deve ter um ponto fraco e eu vou encontrá-lo. Olhe para mim, Kara. Ela não pode ter tanto poder. – Jan tentava lhe passar força e coragem, vendo-a sofrer.

–Não tenho forças para ficar. Entenda, eu dei permissão para ela usar meu corpo e trazê-lo de volta. Eu sinto tanto – soluçou Kara, pressentindo a presença de Afrodite bem perto.

O vampiro percebeu que Kara olhava o vazio como se ali houvesse alguém. Estava temerosa, buscava Afrodite. A alegria havia desaparecido e dado lugar ao medo.

–Afrodite está roubando tudo que mais amo – revelou Kara, tocando o rosto de Jan, sentindo sua pele, seu cheiro.

–Kara, olhe para mim, eu a amo, vou conseguir um meio de trazer você de volta, eu prometo – disse, olhando dentro de seus olhos para, por fim, abraçá-la.

–Avise o rei, todos nós estamos em perigo – Kara soluçou aflita, presa em seus braços.

Vitor, em guarda, esperava Afrodite. Ele precisava sair dali, Kara temia que ela despedaçasse sua alma.

–Vá embora, Vitor, eu sei como lidar com ela. Vá agora!

–Não sem você – disse ele, corajoso, enquanto buscava o espectro de Afrodite no quarto.

–O que está acontecendo? Onde ela está, Kara...? – quis saber Jan, aflito.

–Vamos, Kara, ela está vindo – chamou Vitor, dentro do quarto.

–Eu o amo, Jan Kmam, sempre amarei... – Dizendo isso, sorriu triste, esfregou o nariz no seu e o beijou.

Afrodite apareceu no quarto, e a primeira coisa que fez foi fechar suas mãos sobre Kara e puxá-la para fora de seu corpo. Imediatamente o corpo de Kara caiu sobre o leito sem consciência. Tonta, a campeã do rei a viu voltar-se para Vitor e atacá-lo furiosa. Jogou-o contra a parede, mas não voltou ao corpo de Kara. O espectro do vampiro estava estatelado no chão quando Afrodite se aproximou. Ela estendeu a mão e dela saiu uma espécie de energia que atingiu Vitor no peito, provocando dor e, em breve, a destruição de seu espectro.

–Malditos, o que faziam? – perguntou Afrodite, olhando Kara já de pé.

–Quero meu corpo de volta – exigiu Kara, enfrentando Afrodite.

Afrodite intensificou a força sobre Vitor, furiosa, e o fez gritar. Kara passou a frente e revidou o golpe. Afrodite foi empurrada contra a parede com força. Enquanto isso, ela ajudava Vitor a ficar de pé. No lugar de seu coração, havia uma falha, como se fosse fibra rasgada. Olhou para o leito e viu Jan Kmam sacudir seu corpo completamente desesperado.

–Kara? Kara...?

–Acham mesmo que juntos conseguirão me deter? Não passam de dois fantasmas inúteis que logo desaparecerão! – exclamou Afrodite.

Ela gritou e estendeu a mão pretendendo atacar Vitor novamente com sua energia. Mas Kara a bloqueou. Tinha a mão erguida, usava a mesma força que destruiu os espectros do parque. Vitor percebeu que os olhos de Kara estavam

negros. Ela parecia possuída por uma força estranha. Afrodite tentou fugir do ataque, mas sentiu dor e recuou. Kara avançou e despejou sobre ela toda sua raiva. Isso foi como descarregar eletricidade sobre seu próprio corpo. As faíscas saíram de suas mãos e empurraram Afrodite para o canto do quarto em dores.

—Pare, Kara, agora!

Vitor gritou segurando-a, temendo que aniquilasse seu corpo. Ele parecia ser sacudido por uma espécie de ataque. Jan segurava a amante no leito e viu seu ouvido e nariz sangrar. Ela cessou sua luta contra Afrodite e a viu sorrir maligna.

—Por que acha que ataquei esse traidor e não você, sua estúpida? Tudo que fizer contra mim, fará contra seu corpo. Tente, me destrua, isso será o seu próprio extermínio!

—Ordeno que deixe meu corpo!

Afrodite gargalhou e ficou de pé, voltando à sua postura sempre majestosa.

—Você ordena? Não seja patética. Você me deu seu corpo e eu não pretendo devolvê-lo — rugiu Afrodite. — Por que não tenta voltar, Kara? Vamos, tente, eu deixo. — A vampira brincou cruelmente, vendo Kara tentar sem conseguir. — Jamais conseguirá.

Afrodite andou até o leito e assumiu o corpo inconsciente de Kara. Jan viu a vampira abrir os olhos e a recolheu nos braços, enquanto Afrodite fingia soluçar, dizendo ter tido um estranho pesadelo. Jan limpou seu rosto sujo de sangue, perguntou se ela estava bem. Afrodite sorriu para Vitor e Kara por cima dos ombros de Jan Kmam de modo demoníaco e vitorioso. Kara tentou avançar sobre Afrodite furiosa, mas Vitor a deteve. Afrodite ainda lançou um último olhar para Jan Kmam, e ambos sumiram do apartamento.

Capítulo 16 - O Senhor dos Céus do Norte

Seth decidiu ir pessoalmente ao Paradise falar com Ângelus. O vampiro mantinha um clube noturno bastante conhecido no mundo sobrenatural, o Paradise. Poderoso e respeitado, o vampiro recebia muitas visitas. Todas com hora e data marcada, mas, para ver Ângelus, era preciso ter um bom motivo. Ele possuía muitos inimigos, manter um clube noturno para vampiros e lobisomens não o deixava exatamente benquisto por alguns desgarrados. Ali, o Pacto entre as duas espécies fazia sentido, mas ele era indiferente a isso. Mantinha o lugar neutro para várias espécies há muitos anos. Durante a quebra do Pacto, ele fechou as portas e só reabriu o estabelecimento depois que tudo se acalmou. Lá recebia bruxas e, eventualmente, alguns demônios. A única lei era que, dentro do clube, não eram permitidas lutas.

Se quisessem brigar, era Ângelus quem providenciava o tablado e as apostas no subsolo do clube. Algo que fazia das noites do Paradise um reduto à parte do mundo civilizado.

A decoração do clube era toda em azul neon e negro. Havia sofás de couro separados por lâminas de vidro e cortinas transparentes e azuis como se imitassem nuvens. Ali ficavam os que não desejavam a agitação da pista de dança ou o isolamento dos reservados. Os garçons serviam bebida e sangue de boi. A pista era como uma grande bolha que separava os ambientes e evitava o vazamento de som. No espaço onde funcionava o bar, havia um palco e atrações, como dançarinas e música ao vivo. E, no salão de prata, mesas para um bom jogo de cartas e apostas. O Paradise tinha, em si, tudo para divertir seus frequentadores mais exigentes. No entanto, a entrada de mortais desacompanhados não era permitida. Os desavisados eram mandados embora da porta.

Seth era esperado, marcar uma hora antes de se aventurar no território de Ângelus fora uma decisão sábia. Ele foi imediatamente levado à sala do proprietário do Paradise no terceiro andar do prédio, mas não sem chamar a atenção de alguns vampiros no clube: uns o olhavam com admiração, e outros, com reserva. Ângelus apreciava muito o luxo, vestia-se sempre com muito esmero; naquela noite, estava completamente de negro. Fumava um charuto cubano e tomava sangue com conhaque quando Seth chegou.

A sala trazia uma decoração com o charme dos anos 1940 e 1950. Para o visitante mais atento e culto, era fácil perceber que, naquele recinto, havia muitos elementos que lembravam a sala do The Godfather, ou “O poderoso chefão”. Os mais íntimos sabiam da paixão de Ângelus pelo personagem criado por Mario

Puzo, Don Vito Corleone. Ele gostava de manter a aura de mafioso, adorava coisas do gênero. Móveis escuros de madeira, cadeiras de couro, tapetes, almofadas, lustre de cristal. Mas poucos tinham o direito de chamá-lo de “padrinho”.

—Quando me disseram que havia sido libertado, imaginei que estaria envelhecido. Mas vejo que alguém lhe deu de comer – comentou Ângelus, arguto e com um sorriso bricalhão na face pálida.

O cabelo negro e curto – era filho de Nápoles – e o olhar igualmente negro debaixo das sobrancelhas grossas e desenhadas diziam muito daquela criatura com aparência de quase 40 anos. Os lábios eram finos e a testa, larga. Na mão esquerda, usava um anel de ouro e rubi no dedo mínimo; e uma pulseira de prata com uma pequena chave pendurada destacava-se no pulso direito. A camisa de seda entreaberta deixava ver parte do peito forte e coberto de pelos lisos.

Saiu detrás de sua mesa e sentou-se numa das poltronas de couro, onde Seth foi recebido. Dois de seus guarda-costas continuavam na sala. Ele não ficava a sós com ninguém. Um jovem vampiro entrou e serviu conhaque com sangue a ambos.

—Minha liberdade era aguardada com certa ansiedade, e fui bem recebido ao acordar – brincou Seth, e sorveu o sangue, percebendo que era humano.

—Ouvi boatos de que está formando uma armada. Obviamente seu alvo é o rei – disse o vampiro sem delongas.

—Ouvi várias coisas a seu respeito, mas jamais imaginei que fosse tão direto – revelou Seth, realmente surpreso.

—Apesar de ser imortal, tenho pouca ou nenhuma paciência para jogos. Acredito que tenha vindo aqui buscar meu apoio contra o rei dos vampiros.

Seth se sentiu incomodado, ele acreditou que fosse fazer a proposta, e jamais ouvi-la. Subitamente, preocupou-se. Michael estava lá embaixo esperando, mas se estivesse sendo recebido numa emboscada, iria lhe custar muito sair daquela sala com vida. Ângelus era um aliado a ser conquistado, tinha poder; vampiros e lobos o serviam cegamente, mas ninguém jamais soube de suas preferências. Ele seguia as leis, mas era tudo. Não ia aos Conselhos e se mantinha longe de confusões. Até mesmo a Ouroboros o olhava com respeito.

—Devo perguntar qual sua resposta?

Seth percebeu o olhar frio de Ângelus. Seus guarda-costas continuavam impassíveis. Um próximo à porta, e outro a alguns metros atrás de seu patrão. Usavam ternos caros e armas com balas de prata. Mas não dispensavam as espadas curtas sob o casaco.

—Não, na verdade você deve me perguntar o que desejo em troca do poder que posso lhe oferecer — disse Ângelus, sorvendo o sangue calmamente e de pernas cruzadas, de modo elegante e másculo.

—Tenho muito pouco a oferecer. Na verdade, tudo que tenho é a promessa de mais liberdade dentro do mundo vampírico quando for rei, é claro. Pretendo manter o Pacto, ele nos favorece.

—Compreendo, você só deseja o trono de Ariel. — Ângelus deixava a busca de Seth por poder cada vez mais prosaica. — Interesse-me muito pouco por reis. A Cúpula dos Doze é minha cliente, a Ouroboros, o rei dos vampiros, a Alcatéia, o Coven. Vivo bem com todos, sejam demônios, sejam bruxas, vampiros ou lobos. O que posso lhe oferecer são soldados, que o servirão sem nada perguntar ou pedir, mas é só. Não conte com minha participação em sua tomada de poder nem espere que me apresente a seu lado. Jamais fiz isso. Não conquistei o respeito de muitos escolhendo um lado.

—Aprovo sua política de vida, pena que poucos alcançaram tal patamar de escolha em nosso mundo — disse Seth, acreditando fazer-lhe um elogio.

—Você me aprova? Não seja arrogante! Conheci seu mestre e sua história. Acredite-me, nada disso me fez recebê-lo. O que abriu as portas de minha casa para você foi sua amante atual, Consuelo.

—Ela pediu em meu favor?

Ângelus fitava Seth e o achava cada vez mais estúpido. Ora, ele passara cem anos adormecido e só desejava o poder dos outros. Teve poder, esteve ao lado do rei como seu favorito e, graças à sua vida desregrada, jogou tudo ao vento. Estava ao lado de uma das vampiras mais interessantes ainda vivas do mundo vampírico e continuava agindo como um idiota.

O que ele e a maioria dos vampiros desconhecia é que Consuelo era uma escolhida pelos deuses, ela esteve bem perto de ser a rainha dos vampiros. Mas seu destino foi mudado por Cortez. No entanto, ele a tratava como um troféu. Seus espiões trouxeram fotos e informações preciosas a respeito da vampira. Havia séculos que a desejava, mas recebeu vários avisos dos Poderes para se manter distante, sem contar as vezes em que ela foi exilada, excluída da comunidade vampiresca. Olhou as fotos e percebeu que Seth não a estava mimando o suficiente, e pior: a estava exaurindo, bebendo de suas veias. Aquilo irritou Ângelus profundamente e o alertou para os verdadeiros planos do vampiro. Ele já conhecia seus hábitos, mas não esperou que Consuelo se permitisse tanto. Conheceu-a mais forte. Quando soube de sua libertação, mandou um carro buscá-la, mas chegou tarde demais; Seth já havia passado à sua frente. Ângelus resolveu

silenciar o desejo de matá-lo e negociou. Assim poderia se livrar bem rápido de sua presença.

–Aceitaria que ela pedisse favores para beneficiá-lo? – perguntou Ângelus com os olhos semicerrados.

– Consuelo pode tomar suas próprias decisões. Ela está do meu lado por livre e espontânea vontade.

–Quero-a em troca dos favores que granjeia. Isso é tudo – Ângelus falou e ficou de pé, com pouca ou nenhuma paciência com o vampiro.

–Não posso entregá-la, não há como dá-la a você porque ela não me pertence.

Seth permanecia incrédulo e sentado, sem perceber que Ângelus já havia dado a conversa por encerrada e estava um bocado aborrecido com suas respostas.

–Por que não? Não tem poder sobre ela, ou você a ama? – Ângelus indagou curioso, pronto a lutar por ela. – É isso que o impede de me entregá-la?

–Não a amo. Ela é apenas uma boa aliada, tem influências, conhece muitos insatisfeitos dentro do nosso mundo. Tê-la como amante é só parte da recompensa. Afinal, mantenho seus gastos, ela perdeu tudo quando foi punida – respondeu Seth sem muito interesse.

–Então não vejo impedimentos. Ela vale pelo menos 30 vampiros a seu serviço, não acha?

Os olhos de Seth brilharam satisfeitos. Ele precisava de apoio e certamente Ângelus poderia lhe dar. Não havia muito que pensar, o preço não era alto. Não lhe doeria entregar a vampira, mas subitamente se perguntou por que ela valeria tanto para Ângelus.

–Ela tem uma dívida com você?

–O assunto não lhe diz respeito, mas, sinceramente, achei que queria ser rei – disse Ângelus, afastando-se com tédio.

Imediatamente, os seguranças mostraram a saída para o vampiro e, quando ele quis voltar a falar, um deles tocou seu braço. Ele ergueu as mãos e caminhou para fora da sala. Seth encontrou Michael no bar e não parou. Simplesmente seguiu para a saída e de lá para sua limusine. Petrus abriu a porta do carro e, assim que ele e Michael entraram, partiram.

–Conseguiu? – quis saber Michael, assim que o veículo se pôs em movimento.

–Sim, consegui.

Seth respondeu para Michael com um sorriso misterioso nos lábios, e só então compreendeu por que Consuelo se recusou a acompanhá-lo naquele encontro.

Capítulo 17 - Até o Fim

Jan Kmam serviu um cálice de sangue para a vampira e olhou-a preocupado. Após o estranho ataque, o corpo de Kara continuou inconsciente no leito e, ao despertar, Jan percebeu de imediato, que sua amante havia sido afastada por sua algoz, Afrodite. Ela o olhava diferente e, quando o abraçou, não havia a mesma ternura e urgência com a qual a amante o buscava. Mas, temendo pelo corpo de Kara, alimentou-a e cuidou para que ficasse bem. Ela estava exausta, e ele acreditou que ir e voltar debilitasse o corpo. Ela dormiu por quase uma hora, enquanto Jan andava pelo apartamento, buscando respostas e encontrando todas nas mudanças radicais sofridas pela vampira. Estava tudo muito claro!

Ele estava na sala quando viu Afrodite sair do leito e buscar o banheiro. Foi até ela e a viu na banheira, beijou sua testa e deixou-a relaxar. Tinha vontade de desmascará-la, mas sabia que só prejudicaria Kara, então se conteve e foi para sala esperar por seus movimentos. Quando Afrodite saiu do banho, vestida no roupão, buscou o closet e escolheu uma roupa para sair. Arrumou-se com esmero, escolheu as joias e o casaco que usaria.

Jan, na sala, estava sentado na banquetta do piano, tocando as teclas, mas sem tirar nenhum som. Lembrava-se de Kara e de como fora maravilhoso e doloroso tê-la de volta à sua vida. Não havia nada nela que o desgostasse, mesmo os defeitos. Ela havia amadurecido e lhe mostrara o quanto nos poucos meses em que ficaram juntos antes de ter o corpo roubado. Ele sabia, lembrava o dia exato em que ela mudou. Foi há um ano, ele a encontrou nua diante do espelho, fitando o próprio corpo, admirando-se. Surpreso, ele se aproximou e foi recebido com beijos, e a resposta foi somente desejo. Mas quem esteve nos seus braços não foi Kara, e sim Afrodite. O modo selvagem e faminto como a vampira o tomou e o mordeu, buscando seu sangue... Acreditou que ela tinha se libertado de velhos medos e tabus, porém agora a verdade se descortinava.

—Está realmente bem para sair, minha querida?

—Estou ótima, foi só um pesadelo bobo – resumiu ela, olhando o vampiro junto ao piano.

A vampira estava vestida completamente de negro. A calça, a blusa, o casaco, as botinhas. Ela soltou a bolsa sobre o sofá e se olhou no espelho de cristal na sala. Estava lindíssima e usava o conjunto de pérolas rosa. Kara só usava aquelas joias em ocasiões especiais. Adorava-as. Jan sentiu vontade de tirá-las de seu pescoço, aquela ladra não merecia usá-las. Pensou friamente em prendê-la, ele conhecia um bom lugar.

–Alguns problemas? – Afrodite notou o olhar frio de Jan Kmam sobre si e sentiu-se ameaçada.

Desde que tomou o corpo da campeã percebeu, que o favorito do rei a protegia e mimava. Às vezes a colocava sobre o ombro e a levava para o leito e a amava por horas. Algo que Afrodite apreciou muitíssimo, pois sempre apreciou o contato sexual. Ele era sem dúvida um amante atencioso, habilidoso. Além disso, era bonito. O corpo era forte, o peito e os ombros largos. Tinha o dobro de sua altura, o cabelo loiro caía sobre os ombros em mechas sedosas. Os olhos extremamente azuis conferiam a ele um ar de anjo. No entanto, quando sorria e os caninos apontavam, o lado demônio ficava bem evidente. A fitava com desejo, amor, carinho, atenção. Claro, nos últimos meses, mas desejo que carinho. As brigas constantes o fizeram se afastar. E durante a última briga a fez recuar até encontrar a parede, onde a prendeu sem a tocar, apenas pondo as mãos ao lado de seu corpo. Ficou óbvio que ela tinha ido longe demais. E ali estava ele a observando com seus olhos azuis gelados.

–As pérolas. Por que as está usando, alguma ocasião especial?

–Estou viva e sou imortal – disse, suavemente, e se aproximou do piano. Jan olhou-a se aproximando e percebeu o olhar frio, o modo como se movia.

Ela havia mudado, não parecia desejar esconder sua verdadeira natureza. Estava mais livre. Talvez o testasse. Era melhor ter cautela, precisava pensar em Kara.

–Aonde vai? – perguntou Jan.

–Tenho um compromisso inadiável – disse ela, segurando seus ombros com carinho enquanto beijava sua orelha.

Jan a tomou nos braços e a fez sentar-se em seu colo. Olhou dentro de seus olhos e percebeu que sua mente estava completamente fechada para ele. Ensaçou beijar sua boca pintada para disfarçar a tentativa.

–Não borre minha maquiagem – disse ela, maliciosa junto à sua boca, evitando o beijo.

–Claro. Não quero que perca o ar de deusa que anda exalando ultimamente - murmurou, soltando-a de modo delicado e amável.

–Sim, de fato bem poderia ser uma deusa. – A vampira entrou na brincadeira; afinal, jamais recusaria a alcunha de “deusa”.

Caminhou pela sala até o espelho de cristal e sorriu com sensualidade. Quando se voltou para o vampiro, estava sinuosa.

–Poderia ser mais alta – reclamou, fingindo aborrecimento.

–Não há nada de errado com sua estatura. Afrodite não era alta, pelo menos as estátuas mostram que não. Nela, só havia as proporções certas.

A vampira semicerrou os olhos e deu um passo em direção a ele, que havia se levantado do piano e a olhava do centro da sala.

–Acha mesmo que pareço com Afrodite?

–Sim, muito. – Jan sabia que fazia um jogo perigoso. – Está nos seus ossos, debaixo de sua pele, nos seus cabelos. Mas não deixe que isso roube seu juízo, meu amor – afirmou, tocando seu rosto suavemente. – Não quero que perca a cabeça.

–Basta-me a beleza. Deixemos o poder para os reis. – Dizendo isso, ela pegou a bolsa e saiu batendo a porta.

Afrodite entrou num táxi e, sentada no banco traseiro, deu ao motorista o endereço. Precisava ver o rei. O disfarce de amante estava lhe servindo muito bem até agora, mas ela sabia que duraria pouco. Kara certamente revelara algo que despertara desconfiança. Mas não estava pronta ainda para deixar a segurança que o favorito do rei lhe oferecia. Ariel precisava fazer dela sua concubina. Isso lhe daria poderes, colocando-a a seu lado. Daí a destruí-lo era somente um passo. Tudo de que menos precisava agora era um inimigo como Jan Kmam. Era hora de se livrar dele. Desceu do táxi diante do hotel e, na suíte, fez uma ligação.

–Tenho um presente para você – disse Afrodite ao perceber o vampiro um tanto aborrecido.

–Espero que seja algo muito bom, estou de mau humor.

Seth ainda estava furioso pelo modo como Ângelus o tratara; ele se sentiu humilhado. Para piorar, quando chegou, não encontrou Consuelo em casa, ela havia saído para se alimentar. E ele estava faminto. Petrus já lhe dera algum sangue, mas não era suficiente; precisava de mais. Michael e Fabian estavam com ele e esperavam por suas ordens.

–O favorito é todo seu, não preciso mais dele – revelou a vampira, sentando-se em um dos sofás da suíte.

–Não poderia ter me dado melhor presente – afirmou o vampiro, sorrindo e, finalmente, encontrando algum prazer naquela noite.

–Faça ainda esta noite, de preferência nas próximas horas. Ele está desconfiado, não posso correr o risco de perder a confiança de Ariel – resumiu a vampira. – Apresse-se, estou pronta para bancar a viúva inconsolável. – Afrodite brincou cruelmente. O rei estava no corredor.

–Seu desejo é uma ordem, minha rainha – disse Seth, satisfeito. E sorria ao desligar o celular.

Seth ouviu movimento na sala, era Consuelo que havia acabado de chegar. O vampiro pôde sentir o cheiro de sangue fresco em seu hálito, no lenço que ela usou para limpar a boca e depois guardou na bolsa. Dois segundos depois a vampira entrou, e Seth compreendeu por que Ângelus a desejava. Consuelo era bonita e perigosa na medida certa. Seu ânimo variava muito: às vezes, encontrava-a completamente dominadora; em outras, submissa. Parecia gostar de extremos. E seu guarda-roupa refletia isso. Naquela noite, havia escolhido os anos 1930, sapatos negros, saia de lã, blusa de seda pérola, meias finas, os cabelos estavam presos no alto da cabeça e escorregavam em sua testa numa suave mecha. A boca era um botão rubro, os olhos pintados pareciam mais vivos e convidativos.

Ela não se sentou, apenas deixou o casaco e a bolsa sobre o móvel e se serviu de um cálice de vinho e sangue. Mais vinho que sangue, algo que havia se tornado um hábito. Assim como um brilho misterioso naquele olhar escuro e poderoso. A vampira estava distante e até mesmo indiferente ao seu charme, chegando a evitá-lo por duas vezes na última semana. Alegou sentir-se exaurida, era muito vaidosa e vigiava a face imortal com cuidado; não admitia perder seu viço, e Seth lhe trouxera algumas linhas ao rosto. Sinais que só conseguiu tirar com o sangue de um jovem de 15 anos! Detestava matar jovens, preferia os mais velhos e fortes, adorava velhos caindo aos seus pés frágeis, vencidos por sua força.

—Tenho um presente para lhe dar — disse Seth, quase imitando Afrodite.

—Espero que seja uma joia ou um casaco de peles. Mas o que seria? Não vejo nada em suas mãos — afirmou ela curiosa e já frustrada, olhando-o de mãos vazias.

—A cabeça de Jan Kmam.

Consuelo recebeu a notícia com um sorriso gelado na face, mas não deixou transparecer sua verdadeira opinião sobre o assunto. Seus olhos buscaram pela sala uma caixa ou algo onde a cabeça do vampiro pudesse estar, mas, não sentindo o cheiro de sangue, desistiu. Seth deveria estar testando sua lealdade; afinal, a revelação fora feita com grande satisfação. Michael percebeu que a vampira não ficou tão entusiasmada como esperava, mas nada comentou. Quando a porta se abriu e Petrus apareceu trazendo a espada e o casaco de seu mestre, a vampira compreendeu que ele ainda o iria enfrentar.

—Onde ela está? — perguntou Consuelo, fazendo-se de desentendida.

—Você a terá assim que eu a cortar de seu pescoço. Mas, antes que o enfrente, dê-me um pouco de seu ódio para que eu possa vencer nossos inimigos.

A vampira olhou a mão do vampiro estendida e a segurou, deixando que ele se alimentasse pela última vez de seu sangue. Enquanto ele se saciava, Consuelo sentia-se faminta, irritada e pronta para agir.

Capítulo 18 - Sob o Poder da Lua

Quando Iago e seus homens chegaram a Rodern, a 30 minutos de Colmar, no sul de Estrasburgo, anoitecia. Vinham ao encalço de Desirée; Iago a seguia de modo incansável desde que a descobrira assassina de sua mãe, Beliza, sem contar os ataques que vinha promovendo aos lobos da Alcatéia. Ela era uma inimiga perigosa e bastante cruel, perseguida há vários séculos sem que nenhum dos Poderes do mundo imortal conseguisse detê-la. O alerta havia sido dado, Pacificadores e Caçadores falharam, e tudo que Iago queria era descobrir que poderes mantinham a vampira ilesa. Souberam, por fonte segura, que ela pretendia atacar a vinícola de Marcelus, líder da Alcatéia naquela região.

Desirée, Fabian e um grupo de vampiros haviam chegado às redondezas da vila e, assim que a noite caiu, eles atacaram. Os homens de Marcelus tentaram deter seu avanço, mas se contiveram ao verem a família de seu líder como refém. Marcelus vinha mantendo a Alcatéia daquela região desde 1760, época em que Darden lhe dera o comando e o fizera um de seus conselheiros. Marcelus se mostrou um lobo poderoso e capaz de manter a paz dentro de seus limites; mesmo com a quebra do Pacto, ele conteve os lobos sob sua proteção. Iago o encontrou na prefeitura e seguiram juntos até sua vinícola. O aviso veio tarde demais: quando Marcelus chegou a casa, só encontrou morte e destruição – sua esposa e seu filho haviam sido mortos com balas de prata no coração e na cabeça.

A vampira os torturou em busca de uma informação e, quando a conseguiu, matou os dois. Marcelus procurou sua filha mais jovem, Tereza, mas não a encontrou; estava desaparecida, talvez tivesse conseguido fugir. Ele uivou de dor e tristeza e convocou o resto de seus homens à luta. Os criados haviam desaparecido; deveriam estar em luta, havia som de rugidos no campo. Em questão de segundos, havia se transformado e corria farejando os rastros dos assassinos.

Iago o seguiu, ouvindo os membros da Alcatéia se transformar e o acompanhar para lutar. Uivos e rosnados vindos de vários lugares tomaram a noite, e logo havia um bando. Iago e os Cães de Caça desceram a pequena colina e se jogaram em luta contra os aliados de Desirée. A maioria dos habitantes da vila era composta de homens-lobo ou lobisomens que bebiam da Ânfora.

A vampira foragida havia começado uma caçada sem tréguas aos líderes Alpha das Alcatéias; queria desestruturar o comando de Darden, colocá-lo em xeque, e estava conseguindo. Iago vinha tentando contê-la no último ano com pouco sucesso. Ela era escorregadia e tinha muitos aliados, bem mais do que supunham. Quando seu herdeiro nasceu, ela mandou entregar um cordeiro morto à

sua porta. Ela o havia jurado de morte, e ele sequer desconfiava das razões de tamanha ira. A maioria acreditava que ela se vingava por ter tido a família morta por lobisomens séculos atrás. Mas Iago desconfiava de outros motivos, deveria haver algo mais impulsionando sua violência – afinal, até mesmo contra o rei dos vampiros ela já havia atentado.

Marcelus localizou Desirée lutando com dois lobos e se jogou em combate contra a assassina de sua família. Os dois lobos recuaram e deixaram que seu líder tivesse a honra de matá-la. Ele a derrubou e feriu sua carne para enfraquecê-la, mas a vampira não mostrou sinal de fraqueza. Ela se levantou e o feriu no flanco antes que ele pudesse arrancar sua cabeça. A raiva e a dor o cegavam. A vampira desferia golpes certos com uma naginata, uma arma de origem japonesa que ela manipulava com desenvoltura e agilidade. A haste de madeira negra e polida possuía dois metros de comprimento e ostentava na ponta uma lâmina. Era bastante eficiente contra lobos porque os impedia de se aproximarem demais. A vampira segurava a arma com as duas mãos e havia derrubado muitos com seu fio infalível. Desirée golpeava com o cabo e cortava com a lâmina de modo impiedoso, decepando braços e cabeças. Ferindo e cortando. Foi assim que ela atacou Marcelus e, quando ele saltou sobre ela, tentando destruí-la, Desirée o empalou.

O lobo ganiu alto e caiu agonizando. Impiedosa, ela cortou sua cabeça e a ergueu pelos cabelos. Ao ver Iago, lançou-a sobre ele numa provocação.

–O próximo é você, pequeno lobo, e não se preocupe: mandarei entregar sua cabeça para Darden – disse ela, sanguinária.

–Se me disser onde, posso fazer o mesmo por você – retrucou Iago, colocando-se em guarda.

Não havia tempo para lamentar a morte de Marcelus, somente para deter a vampira. Iago havia seguido uma pista falsa que o levou para a Suíça. Chegando lá, encontrou somente seu esconderijo vazio, mas os Cães de Caça a localizaram na França. Ele veio pelas montanhas com seus homens, não queria perdê-la novamente. A segurança da Alcatéia e de sua família dependia disso.

Iago avançou e a vampira o olhou com verdadeiro prazer, curvando-se num cumprimento. Logo depois, gritou, avançando sobre ele com toda a sua ira. O encontro inesperado trouxe-lhe alegria, ela teria a chance de ferir Darden, matando seu filho. Mas não seria assim tão fácil, e ela logo perceberia isso.

Os Cães de Caça se preocuparam com o desfecho da luta – afinal, Iago era o herdeiro do Senhor dos Lobos, mas eles não podiam intervir. Então, Fabian e os vampiros que sobraram empreendiam luta contra eles, mas sabia que seriam vencidos, estavam apenas ganhando tempo para que seus homens vasculhassem a

casa de Marcellus em busca de algo ou alguém. Os Cães eram lobos mais fortes, nascidos de uma linhagem antiga de lobos cinzentos. Farejadores natos, eles caçavam homens, vampiros e lobos com a mesma facilidade. Os únicos com o poder de ir do lobo ao lobisomem, do homem à fera. Fabian lutava com dois machados e estava conseguindo se manter vivo. O vampiro buscou Desirée com o olhar e avisou-a sobre os Pacificadores, que ele sentiu chegando.

Desirée estava cansada, mas insistiu no combate, ela queria matar Iago. Feriu-o no peito, soltou a naginata e puxou sua katana, precisava chegar mais perto. Ela sorria e se movia rapidamente, os movimentos eram marciais e dignos de um samurai.

—O fio dessa espada tem mil anos. É com ela que cortarei a cabeça de Darden. Ela já provou do sangue de seu amado pai há séculos, porém Beliza, sua mãe, o salvou. Mas é claro que eu a fiz pagar com a própria vida por me interromper.

—Desgraçada! — Iago rugiu, e seus olhos mudaram, e suas garras surgiram.

—Assim que eu o matar, tudo ficará em família — disse ela, movendo a espada com elegância na frente do corpo.

A distância entre os dois adversários diminuiu, e Iago sentiu que ela tentava invadir sua mente. Podia ouvir mil sussurros fazendo-o baixar a espada. Ele recuou e evitou dois golpes certos. Gritou e tocou a cabeça em dores, olhando-a aproximar-se e sorrir maligna. Como ela podia tocar sua mente? Era uma vampira, o contato não era permitido entre espécies distintas. Sem perda de tempo, ele revidou o ataque com força e a fez vacilar, havia sangue em seu nariz! Como podia ser? Ela era vampira! Havia algo de muito errado. Furiosa, ela o socou, tirando-lhe sangue, e saltou, evitando um golpe próximo ao pescoço que, por muito pouco, não lhe arrancou a cabeça, mas cortou uma mecha de seus cabelos cor de cobre. A vampira sorriu, sacudindo as madeixas, que se recuperaram de imediato, e avançou numa sucessão de golpes violentos.

Nos seus olhos havia um brilho estranho e quase hipnotizante. Iago perdeu a espada e usou as garras, ferindo-a no ombro. O corte a fez gritar e, em represália, ela o empurrou usando o toque. Iago voou no ar e despencou sobre a porta do estábulo. Desirée estava raivosa e, quando pulou sobre ele, acertou por duas vezes a madeira em vez de seu corpo. Iago se defendia com golpes marciais, e suas garras evitavam o corte da espada; contudo, ele sabia que não poderia evitá-la por mais tempo. Foi quando rolou no chão e alcançou sua espada, ferindo-a no ventre e fazendo-a finalmente recuar. Desirée tocou o abdômen sangrento e mostrou as presas: estava enfurecida. Ela rugiu, e Iago viu suas garras como as de uma loba

surgirem. Mas, quando ela saltou, foi detida por uma flecha. Eram os Pacificadores com suas bestas.

A vampira caiu no chão, e Iago avançou, vendo-a recuar. Desirée ficou de pé e quebrou a flecha cravada em sua carne, furando-lhe a barriga, o que fez o homem-lobo afastar-se ferido. Foi quando Misha apareceu. Desirée se colocou de pé e esperou por seus movimentos, mas estava óbvio que ele viera para matá-la. Finalmente, havia se tornado seu inimigo declarado.

–Veio assistir ou participar? – perguntou ela, cuspiendo sangue.

–Renda-se, Desirée. – pediu Misha.

–Jamais, traidor! Não vai ser tão fácil, você terá de cortar a cabeça de sua mestra e levar para seu amado rei – rugiu Desirée, sem soltar a espada um segundo.

Ainda mantinham distância um do outro. Nesse meio tempo, a vampira buscou apoio na árvore; estava cansada, o que era visível. Mas, ao ver e ouvir Misha, encheu-se de ânimo e ódio. Ela gargalhou, exibindo os dentes sujos de sangue, e se colocou diante do vampiro, pronta para lutar. Num golpe ágil, Iago a empurrou, a vampira caiu no solo novamente e, quando ele avançou, Fabian apareceu para defendê-la do golpe. Desirée olhou Fabian e, furiosa com sua intromissão, empurrou-o, usando o toque.

–Afaste-se! Essa luta é minha! Vai ser preciso bem mais que um homem-lobo e um vampiro para me matar.

Iago e Misha esperavam em guarda, surpresos com a atitude da vampira. Fabian esperava atento. Ela tocou o ventre ferido e olhou a colina. Viu os Pacificadores empurrando os seus aliados com flechas e espadas. Não era prudente ficar, eles estavam em maior número e ela, cansada, ferida e faminta. Naquele estado, seria capturada por Misha ou morta por Iago. Estava se escondendo pelas estradas e trilhas há várias noites e dias. Os ferimentos precisavam de sangue e ela, de repouso. Apesar disso, tudo fora recompensado com a morte de Marcus. Todavia, era hora de Iago despertar para a vida real e descobrir quem era seu pai. Darden o criara para ser o melhor, e ele o era, mas vivia na mentira.

–Leve a mecha do meu cabelo para seu pai, acho que ele vai gostar. Diga-lhe que lhe mandei como lembrança. – A vampira deliciava-se com o ar de surpresa na face do herdeiro do Senhor dos Lobos.

–Do que está falando? – Iago estava surpreso e só não avançou porque Fabian se colocou à frente da vampira.

–Pergunte a seu pai quem o salvou quando a Cúpula ordenou sua morte. Acho que vai gostar de ouvir a verdade. Claro, se ele tiver coragem para revelá-la –

revelou Desirée, vingativa.

Vendo Iago pronto a retomar o combate com Misha, a vampira saltou e sumiu diante de seus olhos com Fabian. Os Pacificadores desceram a colina, atirando e matando o que restara dos invasores. A maioria resolveu fugir para permanecer vivo. Iago voltou alguns passos e recolheu a mecha do cabelo da vampira, guardando-a no casaco. Os Pacificadores e os Cães de Caça seguiram em perseguição os fugitivos.

—Lutou muito bem, pena não ter conseguido seu intuito.

—Ela não é somente uma vampira, é? — perguntou Iago, observando o semblante severo de Misha.

—Não, ela é metade lobo, vampiro e demônio. Ela bebeu do sangue de uma entidade muito antiga, isso deu a ela poderes diferentes dos nossos. Matá-la é bastante difícil.

—Como é possível?

—Desirée foi minha mestra, mas desconheço seu passado. Procure os Poderes dos dois mundos, talvez consiga as respostas para suas perguntas. Devo partir e informar ao meu rei os acontecimentos que se seguiram.

Misha fez uma medida e estava prestes a sair quando ouviu um ruído vindo dos estábulos. Entrou com a espada pronta, achando se tratar de um dos fugitivos. Um lobo branco pulou sobre ele. Iago correu em seu auxílio e cravou a espada no animal, acreditando ser um dos rebeldes. O animal ganiu, recuou rosnando e caiu no chão. Pouco depois, em seu lugar, havia uma jovem nua sangrando. Misha avançou com a espada em punho, ia cortar sua cabeça. Ela fitava o vampiro aterrorizada e tocava o ferimento sangrento.

—Não! Ela é a filha de Marcelus, o dono dessas terras.

Iago a olhou e a reconheceu de imediato. A jovem de pouco mais de 18 anos possuía cabelos loiros e longos, olhos azuis e a pele alva como floco de neve. Apesar de jovem, já apresentava o corpo de uma mulher e era realmente muito sensual. Ele tirou o casaco e cobriu sua nudez, vendo-a envergonhada sob seu olhar. Ergueu-a nos braços e ouviu seu coração batendo acelerado, amedrontado.

—Adeus, homem-lobo.

Misha a olhou com os olhos semicerrados e despediu-se, afastando-se para sumir com os Pacificadores.

O ferimento cicatrizava lentamente, Iago sentiu as mãos frias da jovem e não pôde deixar de sentir atração por ela. Tomou o rumo da casa. Ela precisava saber

que sua família não mais existia. As palavras de Desirée o encheram de dúvidas, e só havia um modo de descobrir a verdade: questionando o Senhor dos Lobos.

Capítulo 19 - O Passado Bem Vivo

Jan Kmam não se preocupou em seguir a vampira; ele sabia que Afrodite iria encontrar o rei no Hotel Ritz. Ela iria continuar enredando Ariel em sua teia de mentiras. Afrodite jogava com o poder que Kara possuía sobre o coração do rei. Seu objetivo era o trono, e, para isso, Ariel precisava fazer dela sua concubina; com mais alguns anos, sua rainha. Contudo, ela não iria esperar tanto, deveria ter planos para matá-lo e assumir os Poderes. Ariel sequer imaginava que favorecia sua inimiga mais feroz. Não fazia ideia de qual seria sua reação, mas a verdade ele conheceria ainda aquela noite. Ligou para Bruce e pediu-lhe um favor, que o vampiro concordou em executar de imediato.

Jan Kmam se preparava para sair. Calçou suas velhas botas, vestiu o jeans negro, abotoou a camisa de seda azul-turquesa e arrematou com o colete de veludo negro. Foi para o arsenal, um pequeno armário embutido no corredor. Afastou o quadro e a porta abriu. Pegou o suspensório com as pistolas, carregou-as com balas de prata e o prendeu nos ombros. O resto das balas colocou no bolso do colete. Tinha de estar preparado; agora, tudo poderia acontecer. O incidente, ao despertarem, provocou a desconfiança da vampira, disse ele não tinha dúvidas. Escondeu a faca na bota. Pegou uma das ampolas com a poção dos homens-lobos e a bebeu de um gole só. Ao fim, fez uma careta e jogou o frasco na lixeira próxima. O gosto era realmente ruim, mas funcionava. Fechou a porta e pegou a espada no suporte onde ela ficava exposta como relíquia. Vestiu o casaco longo e ocultou a arma. Ficou imaginando se ela ainda estava no apartamento, olhou o espaço vazio à sua volta, como se buscasse um sinal da amante. Foi para o quarto e olhou o quadro onde ela lhe sorria travessa.

– Não se preocupe, meu amor. Eu vou trazer você de volta. – Dizendo isso, Jan lançou um beijo em sua direção.

A vampira não pôde ver seu gesto de carinho, ela havia decidido encontrar Radamés. Para tanto, resolveu ir ao Jardim. Quando Jan saiu do prédio e tomou a direção da casa de Bruce, não pegou a moto; andava pelos telhados, nas sombras, deixando que elas o engolissem e protegessem – parecia esperar por algo. Ele parou e observou a noite à sua volta, aspirando o cheiro da cidade no ar. Fitou os mortais na rua indo e vindo. Foi quando ele decidiu caminhar pelos telhados com os olhos fixos nas sombras. Buscava pistas ou inimigos? Sempre vigiando a retaguarda, como havia ensinado a Kara quando ela era apenas sua aprendiz.

Jan Kmam os havia sentido desde que saíra de casa, mas preferiu ignorar sua presença até estar longe de sua morada – não queria causar falatório nos arredores.

Levou-os para longe a fim de poder lutar com certa liberdade. Corriam em sua direção, não restava dúvida: eram lobisomens. Jan saltou para o prédio vizinho, onde havia mais espaço para lutar, e os esperou num gesto elegante, já puxando a espada do casaco. As criaturas rugiam e babavam enquanto avançavam devagar. O primeiro saltou e planejou cair sobre seu corpo e esfaquear sua garganta, mas o plano falhou com o corte de espada do vampiro. Sua cabeça rolou, e os outros dois rosnaram ameaçadores. Jan ergueu a sobancelha e os chamou com um gesto de mão. O lobisomem avançou com a boca aberta, os dentes à mostra; o favorito do rei apenas girou o corpo nos calcanhares e, quando finalizou o movimento, o lobo caiu ao chão, dividido em duas partes. O terceiro investiu cravando as garras no casaco do vampiro e o puxou de encontro à sua face, mas, ao tentar arrancar sua cabeça, recebeu um tiro dentro da boca que lhe estourou os miolos. O corpo caiu ao chão, e Jan finalizou com outro disparo sobre seu coração.

O vampiro se afastou do corpo e olhou o casaco rasgado, mas a pele imortal estava intacta; ele teve sorte. Limpou o rosto sujo de sangue e continuou alerta, ainda havia mais. Três vampiros escalavam o prédio e, quando chegaram ao telhado, Jan os recebeu com o aço de sua espada. A luta estava equilibrada até o primeiro deles cair morto. O favorito do rei, num salto ligeiro, cortou o vampiro do ombro para baixo e finalizou com um golpe na horizontal; depois, sorriu para os outros dois. Os vampiros olhavam Jan Kmam aterrorizados e, quando o viram se aproximar, soltaram as espadas e fugiram.

– Ah!Esses jovens de hoje – Jan reclamou decepcionado chutando suas espadas. Ele olhava o beco metros abaixo, segurou a murada e se afastou. O prédio passava por reformas na sua parede lateral, havia um andaime preso por correntes mantendo-o junto à parede. Uma pilha de tijolos e telhas, além de pedaços de vigas, amontoava-se na estrutura de ferro, mas era possível ver o outro lado da viela. Entretanto, ele podia sentir a presença de dois vampiros no beco e, pouco depois, dois lobisomens apareceram para enfrentá-lo. Jan não perdeu tempo puxou uma de suas pistolas e acertou um dos lobisomens com as balas de prata sobre o coração. O disparo fez Seth sorrir de forma maligna e esperar dentro da escuridão.

Jan saltou no vazio atrás de sua espada e diminuiu o impacto da queda, segurando-se no andaime, o que o fez tremer e jogar telhas e tijolos no beco. Quando o vampiro tocou o chão de cócoras, já estava com a espada em seu poder. Olhou para cima e viu que o lobisomem o seguiu num salto único e pesado. Mas, assim que pisou em solo firme, a fera rugiu e avançou sobre Jan Kmam, que lhe deu uma primeira estocada e recuou, evitando suas garras. A lixeira voou sobre Jan, que desviou para vê-la se chocar contra a parede atrás deles, espalhando lixo pelo beco.

Os vampiros emboscados continuaram imóveis, apenas observavam em silêncio, esperando para atacar. Só que o favorito do rei não estava disposto a perder tempo. Num golpe ousado, correu em direção ao lobisomem, mas se desviou dele no último instante e passou direto para andar pela parede. Quando o lobisomem se voltou para procurá-lo, teve a cabeça cortada. Jan tocou o solo e, num chute, fez a cabeça da criatura parar junto aos pés dos vampiros que o olhavam das sombras do beco.

—Não quero que sinta falta de seus “cães” — disse Jan, seguro e pronto para enfrentar os dois personagens que se ocultavam como salteadores.

Os dois vampiros caminharam para onde a luz podia tocá-los e se mostraram. Enfrentaram-se silenciosamente. Jan não o reconheceu, mas sabia que ele era bastante velho e forte. O vampiro de olhos azuis, que o olhava com cinismo, certamente era Michael, a julgar pelos cabelos loiros e cacheados. “O pequeno anjo”, como era conhecido, um dos mais jovens e ferrenhos inimigos de Ariel. Tudo que o rei mais desejava era sua cabeça. Michael vinha promovendo incidentes somente pelo prazer de provocar os Poderes. Era possível entender por que até agora não havia sido pego. Conseguira aliados.

—Acho que a noite não será muito boa para você, Jan Kmam. Vai enfrentar o antigo favorito do rei, e o pequeno anjo. — argumentou Seth, brincando com sua espada. — Ele é bom com adagas.

—Seth, eu presumo? Esperava-o com ansiedade, nós temos algumas contas a acertar — afirmou Jan, segurando a espada ao lado do corpo com um sorriso satisfeito na face.

—Você jamais deveria ter se tornado favorito. Não chega aos pés do que esse cargo representa. Eu sou o vampiro que mais próximo chegou do rei em poderes, força e beleza.

—Foi por isso que tentou matar-me, enquanto estava na Caixa, sem defesa?

—Não se apegue a detalhes. Havia certa urgência e não poderia esperar que despertasse. Eu mesmo só despertei há dois anos.

Jan Kmam ouvia o vampiro falar sem nenhuma expressão definida no rosto. Na verdade, era bastante tediosa e ridícula sua obsessão por aquele cargo. Jan o alcançou por sua herança sanguínea. Não fez e jamais faria dele o motivo de sua existência na imortalidade. Conhecia o peso da coroa e não ansiava por carregá-la novamente. O lugar de rei era solitário e cheio de deveres que, por vezes, se tornavam bastante cruéis. Tomar decisões significava vida e morte para muitos. Hoje, conhecia o verdadeiro significado da tristeza de Ariel, o que havia por trás de muitos de seus olhares melancólicos, sombrios, de seus silêncios, de seu

isolamento e, até mesmo, de seu sorriso triste. Nunca exigira nada, gostava de pensar que seu rei podia se virar muito bem sozinho.

—Sua opinião pouco vale, Seth. Jamais terá poder suficiente para vencer Ariel e tomar seu trono e, mesmo que o faça, não controlará os Poderes.

—Você é muito crédulo – disse Michael, entrando na conversa.

—O que um traidor pode entender de honra? – rebateu Jan, conhecendo seus crimes. — Até onde sei, você resolveu trair seu rei para seguir um vampiro simplório com ideias megalomaniacas.

Michael percebeu que Seth se conteve diante dos insultos do vampiro, mas seu desejo era irromper sobre ele e cortar sua cabeça de imediato. Claro, se conseguisse...

—Eu tolerei sua presença no mundo vampírico por pura apatia. Mas, quando você expulsou seu ex-pupilo e ele me procurou, vi possibilidades. Se ele conseguisse matá-lo, eu poderia ter meu lugar de volta. No entanto, quando ele me procurou buscando ajuda para destruí-lo, expulsei-o de minha casa. Não podia correr o risco de ser implicado, apenas passei a vigiá-lo a distância. Era um completo idiota, tinha medo de ficar nas ruas, na pobreza de onde o tirou.

—Você veio do mesmo lugar... por que o espanto? Foi o sangue de Antígonas que o fez melhor do que era. Mas não o tornou diferente de Gustave, você é só mais um usurpador vindo da sarjeta.

—Admiro sua determinação em defender seu rei, os Poderes, mesmo sabendo que ele que a seguia por toda a cidade como um cachorrinho e que chegou mesmo a tomá-la à força quando fugiu de sua tutela anos atrás. E a possuiu quando foi dado como morto. Ariel é incorrigível. Não acha?

A revelação fez Jan Kmam apertar o cabo da espada e semicerrar os olhos. A informação foi assimilada e certamente seria tirada a limpo muito em breve. Um segredo de Kara fora revelado, e isso, certamente, traria consequências.

—Kara não lhe contou? Por que motivo teria sido? Evitar uma luta entre vocês dois ou simplesmente pelo fato de ter gostado? Afinal, ela se tornou amante do rei logo depois de sua morte. Imagine o quanto ela não sofreu. — Seth queria envenenar Jan Kmam e dava a tudo um tom sórdido. — Sabe, nós podemos resolver isso pacificamente: por que não jura lealdade a mim e mantém seu lugar de favorito no meu reinado? — ofereceu Seth, mesmo sabendo que o vampiro jamais se renderia.

—Acho que você deve parar de sonhar – afirmou Jan, com cara de poucos amigos.

–Imaginei que fosse recusar meu convite. Mas, vamos admitir, Gustave fez um serviço porco quando tentou matá-lo com sua namoradinha aleijada. O que era mesmo? Cegueira? Diga-me: o que o fez se apaixonar por ela? O fato de ela não poder ver sua verdadeira face? – Seth falava em tom de chacota.

–Não perca seu tempo falando de algo que jamais sentiu, Seth: amor.

–Gustave fez muito mal em não voltar e buscar seus restos. Eu teria pisado seus ossos até que virassem cinzas! – declarou Seth, rancoroso. – Apesar de satisfeito com seu fim, desconfiei no exato momento em que Ariel decretou que não haveria outro favorito. Ele protegia seu lugar na esperança de que voltasse! – Segui-o até Veneza e vigiei cada passo dele, ou de qualquer outro que o conhecesse, na esperança de destruí-lo em definitivo. Ariel o colocou no topo e me jogou no limbo... – Ele cuspiu com ódio. – Mas Veneza me surpreendeu, me trouxe algo para compensar a honraria usurpada – e o vampiro sorriu com deboche. – Já vi muitas coisas estranhas, mas jamais tive curiosidade de encontrar os motivos para que elas ocorressem. No entanto, quando vi sua amante cega renascida, me perguntei se haveria uma força maior que a imortalidade. – Seth acreditou causar impacto. – Vejo que sabe que fui mestre de Rosa Maria.

–Foi para isso que armou esse circo? Queria conversar? – debochou Jan, bastante tranquilo. Mantinha suas emoções sob controle.

–Ela ainda dança? – Sabe, quando a vi pela primeira vez, Rosa estava dançando. Linda e plena, mas mortal. Ela cheirava como uma rosa, juro! Podia sentir o perfume a distância, impregnado em mim, quando a possuía. Sua pele morna, o corpo firme... Ele nos enlouqueceu, a mim e a Ariel, nós brigamos como dois cães por ela – Seth falou lascivo.

Houve uma leve alteração no humor de Jan Kmam, mas nada além de um suspiro cansado; afinal, Bruce já havia lhe revelado o trágico e curto período em que a alma de Kara viveu ao lado do rei e de Seth. Todavia, era desagradável ouvir que aquele crápula havia tocado Rosa Maria.

–Sim, acredito que deve ter se divertido muito, mas seu coração ainda dói? – perguntou Jan, lembrando o ferimento inusitado que Rosa Maria lhe causara.

–No mundo vampírico, ainda se comenta que o ferimento o debilitou e roubou muito de sua imortalidade. Afinal, para tirarem o broche de prata, foi necessário abrir seu peito e praticamente puxar a joia com uma pinça. – Jan sabia ser cruel quando desejava.

Seth realmente levou meses para se recuperar, foi quando adquiriu o hábito de beber o sangue dos seus herdeiros para se manter vivo e forte. A “alfinetada” de Jan Kmamtocou fundo o vampiro. Ele ainda podia se lembrar de quando Rosa o

ferira, da sensação de se afogar no próprio sangue. A dor que sentira ao ter o peito aberto... Michael acreditou que ele não sobreviveria, seu peito levou quase dez dias para fechar completamente. O coração não o alimentava o suficiente. Foi um processo penoso.

– Não se aborreça, Seth – disse Michael, tocando seu ombro carinhosamente.

–Vamos apenas deixar o lugar vazio; afinal, quero ser o próximo favorito do rei. O vampiro revelou fitando Jan Kmam olho no olho; depois sorriu debochado, jogando-lhe um beijo.

–Pensei que nunca tentariam – murmurou Jan, pronto para enfrentá-los.

Seth curvou-se numa medida e, com o olhar incitador, lançou-se a luta. Michael o seguiu, e Jan Kmam agora combatia os dois vampiros. O vampiro acreditava que os lobisomens que havia enviado seriam capazes de derrubar o favorito do rei e lhe poupar tempo. Ele jamais esperou que Jan ficasse vivo. Sua soberba era maior que sua visão: já tinha ouvido falar dos feitos de Jan Kmam, mas não acreditava neles como reais. Afinal, ele se considerava o melhor e mais forte. Lembrou-se das palavras de Fabian, o antigo campeão do rei o havia avisado.

Michael recebeu duas estocadas, mas insistia em empurrar Jan sobre a espada de Seth. Sua artimanha não durou mais que duas tentativas, o golpe foi revertido e, sem que percebesse, ele abriu uma brecha em sua guarda, algo que não foi ignorado por Jan Kmam, que já lutava com duas espadas. O golpe o fez gritar e cair.

Michael estava no chão coberto de sangue e rugindo de dor. Estava fora de combate. Sua guarda era baixa e não se movia rápido o suficiente para ficar diante do favorito do rei sem sair ferido; Jan não cortou sua cabeça de imediato por falta de espaço.

Seth e Jan lutavam sozinhos agora, ele cortou Jan de raspão no ombro, e o golpe foi devolvido na altura do pescoço. Seth recuou, tocou a garganta suja de sangue e sorriu de forma maligna. Continuou usando golpes pesados e cheios de fúria. O espaço do beco ajudava e prejudicava na mesma proporção. Seth era habilidoso, gostava de estocadas curtas e mantinha a guarda fechada, apenas esgrimindo com força para cansar o adversário. Fazia a luta tornar-se extremamente cansativa. Jan o forçou a abrir a guarda e, quando as espadas se encontraram, o socou com o cabo. Seth cuspiu sangue no chão e passou a empurrá-lo para o fim do beco. Quando Jan recuou dois ou três passos, Michael se pôs de pé. Ele havia se erguido ainda ferido e atacou à traição. Estocou Jan pelas costas enquanto Seth cravou sua espada no corpo de Jan Kmam e puxou, pronto a cortar

sua cabeça. Mas, antes que se aproximasse, o vampiro o fez voar de encontro à parede do beco, usando o toque.

Longe do local da luta Kara movia-se rumo ao Jardim. Uma esfera num plano onde somente fantasmas, espectros e espíritos habitam. Vitor tentava demove-la da idéia. Sem lhe dar ouvidos ela seguia decidida quando gritou e se curvou sobre si. Vitor ao seu lado deteve-se e tocou seu ombro vendo um ferimento aparecer no estômago. Uma mancha escura tomou sua forma aiforme. Mas ao ver a vampira exibir a mãos suja de sangue se perguntou o que estava acontecendo.

– Jan... Jan está ferido... – disse aflita e desapareceu, mas não antes de segurar a mão de Vitor.

Sem entender ao certo como Vitor se viu arrastado a grande velocidade por uma espécie de túnel de luz e quando finalmente a velocidade teve um fim, ele se viu num beco. Jan Kmam lutava contra dois vampiros. Kara com horror viu um vampiro a ela desconhecido puxar sua espada do corpo de Jan.

Michael puxou a espada do corpo do favorito do rei e tentou aplicar um golpe na altura dos ombros, mas Jan Kmam se virou rapidamente e decepou seu braço. Michael gritava de dor e tocava o sangue que esguichava da ferida sem cura. Então recuou, – porque Jan estava prestes a cortar sua cabeça. Seus gritos alertaram Seth, que se recuperava da queda, tinha as roupas e a boca sujas de sangue. Seu gesto, todavia, foi contido por Jan que, furioso, novamente o lançou no ar, mas dessa vez sobre a caçamba de lixo. Só então se aproximou de Michael e cortou sua cabeça, silenciando seus gritos. Era o fim do “pequeno anjo”.

Jan Kmam tocou o ventre sujo, a camisa destruída e então se virou para receber o golpe de Seth com sua espada. Tijolos caíram e Jan, recuando, olhou para cima e viu alguém no telhado. Era Consuelo! Viera certamente assistir à sua morte!

Kara alçou voo e se aproximou da vampira e a empurrou usando toda sua força. Ela sentiu o impacto, mas continuava movendo os andaimes, fazendo com que ruíssem sobre os lutadores.

–Vou cortar sua cabeça e mandar entregá-la ao rei. Quero que ele veja o que acontece com meus inimigos – disse Seth.

–A luta ainda não terminou, não seja apressado. Vai dizer que estava sozinho, que me venceu com uma só mão? – Jan debochou e sorriu.

–Cale-se! – gritou Seth, e tentou socar Jan, mas só conseguiu mais um corte, e dessa vez no estomago.

Jan avançou exibindo seus caninos e conseguiu socá-lo duas vezes. Num golpe de pura sorte, Seth tirou a arma da mão de Jan Kmam, que rolou pelo chão e

alcançou sua outra espada, bem a tempo de deter seu segundo golpe e o empurrar para trás.

Vitor ao lado de Kara tentava deter Consuelo que derrubava entulhos no beco, só então perceberam que ela visava acertar Seth e não Jan Kmam.

O som de metal e pedras caindo fez Jan saltar e evitar a chuva de tijolos, telhas e ferro sobre sua cabeça. Seth não teve a mesma sorte e foi coberto pelos escombros. Quando a nuvem de poeira baixou, Jan pôde ver a mão de Seth para fora dos escombros e a cabeleira loira de Michael coberta de sangue.

Jan se ergueu do chão, sujo de sangue e poeira. Tocou o ventre ferido e viu os cortes se fecharem lentamente; precisava se alimentar. Na pressa de procurar o rei, não buscara alimento. Limpou o rosto com as costas da mão e se colocou de pé, trôpego.

—Jan, você está bem?

Consuelo apareceu a seu lado e o apoiou quando ele vacilou. A vampira passou o braço sobre seus ombros delicados e tocou seu rosto. Mas ele teve uma reação bem diferente da que ela esperava, surpreendendo-a. Ele a segurou pela garganta e apertou.

— *A mantenha longe Jan. Não confie nela.* — Kara reclamoirritada, mas não era vista ou ouvida.

—Veio terminar com o que Seth começou? — perguntou Jan, erguendo-a do chão com o resto de força que lhe restava.

—Não...! Jan, você está me machucando... Solte-me — pediu ela, tentando afastar sua mão.

—Vai ser preciso mais que você!

Jan Kmam a soltou num empurrão e começou a andar para longe do beco.

Kara e Vitor o acompanharam de perto assim como Consuelo. Metros à frente, ele seguiu um homem e, antes que ele percebesse, puxou-o para um canto mais deserto e o matou. Sorveu-lhe o sangue com força e, aos poucos, sentiu o corpo se recuperar dos ferimentos. Abandonou o mortal e continuou andando, entrou na primeira rua deserta que encontrou e escalou a parede, buscando as alturas. Lá parou, sentindo a vampira segui-lo como uma sombra.

—Fique longe, ou eu juro que a matarei, Consuelo! — disse Jan, sentindo os cortes se fecharem.

—Diga-me que está bem e eu irei — pediu ela.

– Por que me ajudou? Achei que me queria morto, não é o que vem tramando há séculos? – perguntou ele, ficando de pé e se mostrando recuperado, mas realmente curioso com seu gesto de minutos atrás.

– *Ela é uma falsa, mentirosa.* – a vampira rugiu ficando ao lado de Jan Kmam.

– *Kara acalme-se, não gaste tanta energia.* – previniu Vitor olhando-a cada vez mais translúcida. – *Além disso, ela o ajudou.*

– *Consuelo nos deve muito, ela ajudou Gustave a matar Thaís e Jan, ajudou Caio Graco.* – reclamou Kara.

– É isso que pensa?

Jan Kmam sorriu perigoso e avançou sobre a vampira com violência, estava sem paciência para jogos, principalmente os de Consuelo, que conhecia tão bem; afinal, convivera com eles por 20 anos. Ele colocou a espada curta sobre sua garganta e a esmagou contra a parede. A vampira se debateu e, ao sentir a lâmina feri-la, se deteve, percebendo o sangue brotar em sua pele delicada.

– O que deseja? Agradecimento? Desista! – começou Jan, fazendo-a encarar seu olhar turquesa. – Você não passa de uma cobra traiçoeira!

– *Ela é bem pior que isso.* – falou lembrando das chicotadas que lhe deu quando esteve em poder de Gustave.

– Não me mate... – pediu ela num gemido.

– Eu bem que gostaria, tenho uma lista de motivos. Mas, perante a lei, você está inocente e eu não vou me sujar por tão pouco!

– Eu jamais desejei seu fim...

– Mentirosa!

Jan a espremeu contra a parede e a ouviu gemer de dor. Kara a fitou sofrer e se preocupou, não desejava que ele fosse punido por matá-la. Sua herança de sangue a impedia de ser morta. Mas uma hora sua sorte acabaria.

– Deixe-me ir – pediu ela, tarde demais.

– Mandei que fosse e resolveu ficar. Agora, suporte as consequências! – ele berrou junto ao seu rosto, louco de raiva. – Como não me desejou mal? Você custeou a vingança de Gustave sobre mim e Thaís! Diga-me, então, por que tramou o rapto de Kara com Caio Graco e a surrou. Por que tentou matá-la em luta aberta dentro da Arena com SAVEDRA? – enquanto falava, cravava as unhas em seu ombro, fazendo filetes de sangue brotarem, o que assustou a vampira que o olhava realmente surpresa.

Jan Kmam percebeu o olhar verdadeiramente assustado de Consuelo.

–Eu posso explicar! – defendeu-se ela, tentando se soltar.

–Você já deveria ter sido executada mil vezes. Mas os Poderes a protegem, e tudo por ser filha do sangue de Cortez, nada mais.

Consuelo caiu no chão e lágrimas molhavam sua face. Ela tocou a garganta e o ombro, ambos feridos, e conteve o soluço. Kara jamais havia visto a vampira tão frágil. Sempre a encontrara altiva, fria e pronta para matar. O que estaria acontecendo com ela? Subitamente sentiu pena dela.

–Jamais quis sua morte... Eu não vou negar o que sou, mas tudo que fiz foi para tê-lo de volta. Você se arriscou muito quando se tornou amante de Thaís. Os Poderes passaram a vigiá-lo, esperando somente que a tornasse imortal. Eles o sentenciariam à morte ou, pior, tirariam sua visão. – Ela parecia estar sendo sincera.

–Você realmente veio buscar a morte, Consuelo – disse Jan, enfurecido, agarrando-a pelos cabelos e arrastando-a para a beira do prédio onde apoiou seu pescoço e ergueu a espada. Ia cortar sua cabeça.

– *Jan pare!* – Kara gritou aflita temendo que fosse contra a lei de sangue.

A vampira esperneou e, por fim, se acalmou, segurando o pingente que pendia em seu colo, preso a uma corrente fina de ouro. Jan Kmam olhou a sua volta, teve a impressão de ouvir a voz de Kara. Foi quando viu o pingente e o reconheceu de imediato: era uma pequena ferradura de ouro cravejada de diminutos diamantes. Ele a presenteara com aquela joia. Ela gostava de jogar e não tinha sorte nem sabia ler a mente dos mortais dos quais tentava ganhar. Foi quando Jan lhe deu a ferradura para que lhe trouxesse êxito. Ela segurou a joia entre os dedos e a beijou solene, pronta para morrer. Jan a soltou e se afastou contrariado. Consuelo, sentada no chão, não se importava em ver estragado o belo vestido negro que vestia. Ela apenas chorava, segurando o pingente.

–Vá embora, Consuelo! – gritou Jan de costas para a vampira sem querer olhá-la, havia perdido a coragem de matá-la.

–Não irei antes de terminar o que comecei – disse a vampira, decidida e forte. – Quando Seth chamou Michael, eu sabia que vinha tentar matá-lo. Sei que não sou de confiança, mas não podia ficar quieta...

–Melhor que vá embora, eu não vou deter minha espada novamente – avisou Jan, mas ela não partiu, somente continuou falando de pé.

–Pense o que quiser, eu já paguei o favor que me fez.

–O que me devia?

A vampira estava de partida: limpou o rosto e o olhou pela última vez. Estava prestes a sumir quando Jan Kmam a segurou pelo braço e a fez encará-lo. Consuelo enfrentou seu olhar e sentiu o toque delicado da mão do vampiro sobre sua pele. O brilho do seu olhar ainda a afetava, há anos não o via tão de perto. A última vez fora na época em que ele havia se tornado rei dos vampiros e a puniu, tirando-lhe a voz. O coração pulou no peito e doeu, havia séculos se convencera de que era melhor odiá-lo e desejar sua morte a admitir que o amava e que precisava dele. Jamais entendeu por que ele não a procurou após se restabelecer da “febre do sangue”. Sabia-se sentenciada a cem anos de silêncio; a pena era alta e ninguém se arriscava a lhe falar com medo de perder a cabeça. Mas esperou que ele lhe dissesse algo, mesmo que fossem palavras duras; nunca o silêncio total e completo.

Durante 20 anos, foram amantes e dele recebeu carinho, prazer. Houve momentos de amor que jamais esqueceu. Ele a respeitava, protegia, chegou mesmo a lhe ensinar a usar alguns poderes e a tratava de modo respeitoso, diferente dos outros vampiros que sempre a fitavam com deboche e, até mesmo, aversão. Jan Kmam conseguiu por um longo tempo conter a fome que ela sentia, o desejo que a impulsionava à matança desenfreada, num desrespeito às regras, às leis. Todavia, quando ele a seguiu em seus pequenos delitos, Consuelo acreditou ter encontrado o parceiro ideal, assim como pensou que Otávio também o fosse. Só que ela estava enganada nos dois casos. A febre dominava sua consciência e ela nada fez para conter seus delírios e crimes, apenas alimentou sua fome. Quando Jan foi detido, ela foi novamente punida. Tiraram-lhe tudo, mas o que realmente lhe importava era Jan Kmam, nada mais. Novamente se tornou motivo de chacota e riso dentro do mundo vampírico.

Tudo que lhe restou foi observá-lo à distância e vê-lo seguir com sua vida como se ela jamais tivesse existido. Diversas vezes o seguiu pela cidade e espreitou-o matar enquanto sentia dor por ele evitá-la solenemente, como se ela fosse o motivo de sua quase ruína. Foi difícil perder novamente, e o que restou foi o ódio, a raiva. Passou de um amante a outro, mas, ao vê-lo com Thaís, ficou realmente enfurecida: Jan preferia uma mortal cega a ela! Então, quando ninguém mais quis ajudar Gustave, Consuelo o fez. Transbordava de ressentimento, de ciúmes, e, embora não tivesse muitas posses, conseguiu manter o vampiro até que pudesse raptar Thaís e se livrar dela, deixando o caminho livre para que se aproximasse de Jan novamente. Todavia, o tiro saiu pela culatra: Gustave o matou com sua amante. Quando Consuelo chegou ao galpão, encontrou-o em chamas. Ficou tão enfurecida que atacou Gustave. Acreditar Jan Kmam morto lhe custou muito, restara-lhe apenas a casa onde Thaís vivia e algum dinheiro.

Quando descobriu que ele não estava morto, já vivia com Caio Graco. Claro, mantinha casos, e ele não se queixava; na verdade, deixava acontecer, esperando criar alianças. Ele a usava, e Consuelo, por vingança, permitia. Quando o destino lhe deu a chance de pôr as mãos sobre Kara, não hesitou: vislumbrou uma oportunidade de se vingar, de aplacar a raiva, o ódio que sentia. Mas foi ali que descobriu que nada significava para o mundo vampírico, era somente vista como uma fora da lei, sem mestre nem futuro: vagabunda para alguns, megera para outros, excluída e rejeitada. Até mesmo os vampiros mais jovens já conheciam sua “fama”. Só lhe restavam as sombras e, nelas, os inimigos dos Poderes, do rei e do favorito, ou seja, a escória. Eles a aceitavam e a usavam por ter sido amante do favorito do rei. Savedra, a seu modo, a amou, mas ela foi incapaz de se dar completamente. Dentro de seu coração morto, vivia um espinho chamado Jan Kmam.

Quando a Arena chegou ao fim, acreditou que teria a cabeça cortada e achou que encontraria a paz. Jamais imaginou que a sentenciassem à Caixa novamente. A primeira vez ficou por dois anos e quase enlouqueceu; voltar à Caixa era pior que a morte. Quando foi libertada, estava intacta, sua herança sanguínea mostrava-se irrefutável. Togo a deixou partir e a preveniu: o próximo delito seria contido com morte imediata. Saiu pela noite e se encontrou em uma situação já vivida, sozinha, sem casa, sem ninguém a esperá-la. Foi quando Seth apareceu e, mais uma vez, ela mergulhou no caos.

Entretanto, dessa vez o ódio e a vingança tinham um sabor amargo e não conseguiam encobrir o que verdadeiramente sentia. A verdade tornou-se sufocante e Seth e seus aliados, ridículos. O modo como era tratada a aborrecia, sentia-se usada como uma prostituta mortal se sentiria. Seu ódio cego contra Jan Kmam, Otávio e o próprio rei só permitiram que fosse usada e esquecida, julgada e punida. Dentro da Caixa, no silêncio, na solidão, a única coisa que a manteve lúcida foi a voz de Jan Kmam. E foi essa voz que a fez perceber que precisava mudar. A imortalidade era bem mais que tempo de sobra para se vingar. Sem contar que Seth tinha uma “aliada”, de sorte que Consuelo foi suficientemente arguta para compreender que logo seria posta de lado. Ela apenas decidiu que, dessa vez, a história seria diferente, mesmo que, para isso, precisasse pedir perdão por seus atos diante do rei, de Jan Kmam e de todos que julgou erroneamente serem seus inimigos.

—Quando estava presa na Caixa, em pânico, ouvi sua voz. Foi ela que me manteve lúcida. Os Poderes já me puniram com a Caixa por dois anos e, quando fui libertada, eu estava muito doente... Um amigo me ajudou. Vim agradecê-lo.

—Sinto muito, Consuelo, mas está enganada. Não fui eu quem a ajudou.

–Entendo que não queira admitir; afinal, Kara não iria gostar.

–Consuelo, acredite-me, eu não consegui ser tão altruísta. De mais a mais, minha sentença foi bem maior que a sua...

–Sei que meus atos o afastaram de mim séculos atrás. Mas eu preciso lhe dizer que sempre o amei, e, apesar do ódio, de meus atos vingativos, não planejei sua morte, Gustave não me avisou de seus planos... Assumi a culpa para ser cruel. Vim aqui porque descobri que tenho sido ruim comigo mesma e com todos os que tentaram me amar.

–Consuelo, isso pouco importa. O que deseja? Meu perdão?

–Quero apenas que avise ao rei. Seth tem uma aliada dentro dos Poderes e ela está pronta para matá-lo. Não faço ideia de quem seja, mas ele pretende usurpar o trono. Eles têm um trunfo nas mãos e, como pôde perceber, ele tem aliados, dentre eles está Desirée, que tem planos para destruir o Senhor dos Lobos e sua prole.

–O que está fazendo? Buscando a morte?

–Não, apenas sinto como se tivesse despertado de um transe e visto que nada fiz, que nada sou para ninguém – revelou ela realmente honesta. – Diga-me: você chegou a me amar? O que fui além de sua amante?

–O passado não mais existe.

Jan foi duro, todavia percebeu que ela parecia acertar as contas. Afinal, quando foram separados, ele não estava em si; quando se recuperou, ela estava sob sentença e, mesmo que quisesse vê-la, era vigiado pelos Pacificadores. Não houve como procurá-la.

–Foi tão ruim que não consegue sequer lembrar? – a vampira perguntou magoada, mas contida em sua tristeza.

–Havia mais paixão que amor. Eu jamais deixei de amar minha esposa, Valéria. Você me deu prazer e carinho, houve bons e maus momentos, mas foi só isso.

–Mas os melhores momentos de minha imortalidade vivi ao seu lado. Foi o único que verdadeiramente tentou me amar... – Consuelo estendeu a mão com cautela e tocou o rosto de Jan Kmam, que não recuou.

–Você jamais se deixou ser amada, Consuelo. Na verdade, colheu o que plantou por séculos – disse Jan e afastou-se, temendo que ela fizesse algo tolo como abraçá-lo.

–Jamais fui amada – sussurrou pensativa e com o olhar distante.

–Agradeço sua intervenção, mas posso me cuidar sozinho. Não me deve nada, não fui eu quem acalmou sua mente.

Consuelo se jogou em seus braços e o beijou. Jan a afastou e a segurou pelo braço. Olhava dentro de seus olhos negros e buscava um traço que fosse da antiga Consuelo, mas não encontrou; ainda havia o brilho frio em seus olhos tão negros, a beleza afetada. O luxo das roupas fora destruído, porém ela ainda tinha batom nos lábios carnudos. Sempre a achara linda e desfrutara de grande prazer em seus braços, seu corpo era fabuloso. Cortez a tocou por saber que criava uma espécie de deusa. E ali estava ela... Arrependida? Ou mentindo? Não, ela realmente parecia arrependida e frágil como jamais a vira. O que a teria mudado? Talvez a solidão acompanhada que sempre insistiu em viver. Ele lembrava bem como foi viver a seu lado. Consuelo era sempre intensa e contagiosa. Gostava de gastar e estar sempre linda, pronta a seduzir. Adorava presentes e mimos; como amante, mostrava-se impetuosa e, por vezes, submissa. Jan olhou a corrente em seu pescoço e percebeu que ela havia guardado a joia por algum motivo. Ele segurou a joia e sorriu.

–O recado foi dado. Vou acreditar, tenho meus próprios motivos para fazê-lo. Deve saber que Seth agora se tornou seu inimigo; portanto, prepare-se para se defender. Pode fazer isso? – perguntou Jan, preocupado. Afinal, a partir daquela noite, ela seria caçada e, provavelmente, morta.

–Sim, posso. Eu ainda não cometi nenhum crime e posso pedir proteção aos Poderes – revelou ela pouco segura.

–Procure Togo ainda hoje e diga a ele que me ligue. Vou fazê-lo acreditar em seu arrependimento – disse Jan, pronto a deixá-la.

–Um dia vai me perdoar? – quis saber Consuelo, vendo-o caminhar para a borda do prédio.

–Vou começar a pensar nisso, mas não espere milagres. Seus atos me causaram muita dor.

–Serei paciente – disse a vampira, disposta a aceitar.

Jan Kmam saltou e sumiu pelos telhados. Kara e Vitor o seguiram e a vampira ficou sozinha na rua deserta.

Consuelo o observou partir e sentiu-se estranhamente leve. Sozinha, no alto do prédio, secou as lágrimas e sorriu, segurando o pingente. Podia recomeçar, sabia que teria de ir para longe, mas ao menos sabia que Jan Kmam agora lhe tinha algum respeito. Estava pronta para deixar o telhado quando sentiu Seth às suas costas.

–Traidora!

Seth insultou-a, furioso. A vampira se voltou para olhá-lo e recebeu um pesado golpe, caindo desmaiada. Um filete de sangue escorregou por sua testa, mas ela já havia perdido a consciência. Junto ao seu corpo desmaiado, permaneciam Seth e Petrus, que a olhavam com revolta. Seth estava coberto de sangue e poeira, e trazia o sabor amargo da derrota no paladar.

—O que devo fazer? — perguntou Petrus, soltando o pedaço de ferro com o qual a atingira.

—Leve-a para Ângelus, diga-lhe que não espero devolução.

Dizendo isso, o vampiro se afastou, deixando Petrus no local para cuidar da vampira. Ele precisava se encontrar com Afrodite ainda aquela noite e avisá-la que havia falhado.

Capítulo 20 - Lobo em Pele de Cordeiro

Iago e seus homens chegaram de madrugada à mansão e causaram alvoroço. As mulheres apareceram na entrada ainda em roupas de dormir e os receberam. Os feridos foram levados para ser cuidados; os que estavam bem foram dispensados para comer e descansar da luta. Iago trazia consigo Tereza, ela fora a única sobrevivente do massacre nos domínios de Marcelus. A jovem mantinha-se calma e muda, o choque parecia ter lhe tirado o desejo de falar.

Recolheu suas coisas e seguiu com Iago para a Alcatéia; antes, porém, chorou junto à aos corpos da mãe, o irmão e o pai agora mortos. E se abrigou nos braços de Iago, que parecia agora ser seu ponto de proteção. Durante a viagem até a Alcatéia, que fizeram de carro, ela ficou a seu lado e dormiu aninhada a ele no banco. No momento em que parou diante da mansão, Tereza segurou sua mão e andava atrás dele. Assim que entrou na fortaleza de Darden, deixou-a sob a guarda de Marcel, um de seus homens de confiança. Iago estava ansioso e com saudade da esposa e dos filhos.

Quando Joyce apareceu no alto das escadas, vestia um roupão de seda negro e vermelho e estava com os cabelos soltos. Por um momento, Iago teve ciúme do olhar de Marcel e de seus comandados. Mas podia desculpá-los; ela era realmente bela. Encontraram-se no fim da escada, Joyce o abraçou forte e eles trocaram um beijo rápido. Foi nesse momento que Tereza a olhou com ciúme e antipatia. Marcel, que a segurava pelo braço, notou que a jovem teve ímpetos de interromper o encontro do casal. Ela precisava compreender algumas coisas – e bem depressa – sobre onde viveria agora.

Iago não era mais o jovem até certo ponto irresponsável e ausente de anos atrás. Ele agora estava à frente dos assuntos da Alcatéia e se reportava ao Senhor dos Lobos para tomar as melhores decisões. Forte e decidido, ele conquistara o apoio da Alcatéia e todos já o viam como um substituto à altura de Darden, que dentro em breve lhe passaria o cargo e ficaria apenas como seu conselheiro.

Possuía sua própria escolta e soldados para que executasse as missões a ele designadas pelo pai. Conseguiu o respeito da Trindade. Ele e Joyce representavam a nova geração e seus filhos, o futuro da Alcatéia. Ser recebido com tanto carinho agradou Iago, ela andava um tanto arredia nos últimos meses. Desde o parto da pequena Alexia, que foi bastante difícil, ela passou a evitá-lo. Talvez temesse engravidar novamente. A verdade é que Belizário parecia muito mais vivo no coração da loba, tanto quanto a fome por liberdade. Às vezes, ela desejava sair e viver aventuras como antes, ser livre. Mas agora havia Arturo e Alexia que a

prendiam na Alcatéia, ela precisava ficar junto dos seus filhos. Tinha muito mais a temer depois de saber do ódio de Desirée por sua família.

Joyce retribuiu e viu os olhos da desconhecida sobre ambos. Notou que Marcel a detinha pelo braço e ela demonstrava não estar nem um pouco satisfeita. Iago levou Joyce até a jovem e fez as apresentações.

–Joyce, essa é Tereza, filha de Marcelus. Nós vamos abrigá-la até que o Senhor dos Lobos decida seu destino dentro da Alcatéia.

–Sim, claro – disse Joyce, amável e tentou tocar seu ombro.

Tereza avaliou a loba rapidamente, cheirou-a numa atitude que mostrava desconfiança, mas não estranheza entre lobos, e rosnou, mostrando os dentes para Joyce, que recuou. Iago ficou diante de Joyce, e Marcel a conteve; Tereza parecia realmente disposta a atacar. Iago deu ordem para que Marcel a soltasse e a jovem se jogou em seus braços e soluçou aflita.

–Pobrezinha, está em choque.

As fêmeas presentes esperaram pela reação do casal. Joyce não demonstrou nenhuma raiva e chamou uma das mulheres que ficavam a seu serviço, avisando-a sobre a jovem órfã. Ela sabia bem o que era perder os pais tragicamente. Imediatamente, Tereza foi levada pela mulher, que tocou seu rosto com carinho e a conduziu. Ela seria assistida no que fosse necessário.

O incidente foi esquecido; Joyce e Iago subiram para seus aposentos. Ele tomou um longo banho e, já vestido, foi ver os filhos. Quando voltou, deitou-se no leito e abraçou a esposa, que retribuiu carinhosa.

–Lutou com Desirée?

–Sim, mas infelizmente não foi dessa vez que cortei sua cabeça. Cheguei bem perto, não a matei por muito pouco. O rei dos vampiros também a está caçando, sinto que logo a pegaremos.

– Tenho certeza de que conseguirão em pouco tempo – disse Joyce, animando-o, mas percebeu seu olhar pensativo. – O que foi? Algo mais?

–Desirée mandou um recado para meu pai.

Joyce ouviu a revelação e percebeu que os segredos de Darden seriam trazidos à superfície muito em breve.

–Acho que ela o provocava.

–Não, ela falou muito sério. E meu pai tem segredos demais para que não leve suas palavras em consideração. Hoje, falarei com ele.

–Darden tem a saúde frágil, por que incomodá-lo com as mentiras de uma inimiga? – perguntou Joyce, temendo por todos e olhando Iago fixamente.

–Talvez tenha razão, pensarei a respeito antes de lhe falar – murmurou Iago, beijando seu pescoço, ao mesmo tempo que a envolvia carinhosamente na cama.

–Logo nosso filho será apresentado à Lua. Darden precisa estar presente, quero que veja seu neto se transformar pela primeira vez. Não o quero doente. É um momento importante para todos. Não vamos estragá-lo com as mentiras de Desirée – ponderou Joyce, tentando desviar Iago de seu intuito.

–Sim, ele está muito feliz. As crianças deram-lhe vida nova. Gostaria que Alexia estivesse conosco – disse Iago, num suspiro cansado. – Sinto falta dela e de suas loucuras.

–Todos nós sentimos. Ela ficaria feliz em saber que estamos todos bem e em segurança. – Joyce o beijou, buscando-o carinhosamente.

–A campeã me prometeu a cabeça de Petrus, ela ainda o busca. Ele foi um dos traidores presentes durante seu assassinato.

–Dizem que ela mudou, que agora não é mais guerreira. É vista em companhia do rei dos vampiros e em reuniões sociais de seus iguais – comentou Joyce.

–O que há de estranho? Jan Kmam certamente a proibiu, e fez bem. Ele a ama profundamente, por que permitir que se exponha tanto?

–Temos o direito de lutar, somos iguais. E Kara é uma grande guerreira – afirmou Joyce, lutando por liberdade.

–Vejo que admira uma vampira – brincou ele.

–Sim, ela salvou minha vida e a do nosso filho – Joyce lembrou, tocando seu rosto com ternura.

–De fato. Apesar de toda a rivalidade, sinto que as duas espécies podem viver em paz. Enquanto Ariel reinar e tiver os vampiros leais que o cercam, haverá paz. Mas prefiro a mãe de meus filhotes – ele sussurrou risonho e ficou sobre seu corpo.

–É, mas não me ache incapaz de me defender – dizendo isso, ela lhe deu um golpe e ficou sobre seu corpo.

–Vejo que quer um pouco de ação – murmurou ele, lambendo seu pescoço e buscando seus seios.

O casal se entregou à paixão e sequer percebeu que havia alguém os observando da porta, que se fechou tão silenciosamente quanto se abriu.

Era quase meio-dia quando Iago foi ter com Darden. Repousado e alimentado, ele relatou ao Senhor dos Lobos os últimos acontecimentos.

—Ela só não está morta porque seus aliados a protegem como se fosse uma deusa ou algo parecido. Sabe algo a respeito, pai?

—Desirée tem a origem desconhecida, mas é sabido que possui poderes que a maioria dos vampiros desconhece. Seu pupilo, Lorde Misha, é bem mais vampiro que ela — revelou Darden, tranquilo.

—Ela mandou que lhe entregasse isso. — Iago colocou diante do pai a mecha do cabelo da vampira, e observou-o com atenção.

Darden fitou a mecha de cabelo vermelho e, por um instante, a imagem da jovem Tasha lhe veio à mente, o sorriso, o ventre crescido, o amor que partilharam séculos atrás, mas com as lembranças boas vieram também as ruins.

—O que ela lhe disse?

—O suficiente para saber que você esconde algo a respeito dela.

—Dê-me sua mão. — Darden puxou seu punhal e olhou o filho.

Ele fez um corte na palma de sua mão e na do filho e segurou as duas juntas, fazendo-o jurar que manteria em segredo o que ouviria a seguir. Iago ouviu o relato do pai sobre como, onde e em que circunstâncias conheceu Desirée, outrora Tasha. Durante muito tempo, ele ficou em silêncio; na verdade, juntava os fatos e compreendia muitas das decisões tomadas por seu pai e até mesmo a vingança da vampira. Saber-se meio-irmão de Belizário não lhe trouxe alegria; pelo contrário, ficou aborrecido. Iago tinha mais um motivo para antipatizar com Belizário: ele seduziu Joyce, mesmo ela sendo sua prometida e mesmo sabendo que ele era seu irmão. Sentiu-se traído duplamente, sem saber o sacrifício que Belizário fez para salvá-lo e manter a Alcatéia.

Darden não se arrependeu; seguramente, sentiu-se aliviado. Foi até onde podia nas revelações. Protegeu Joyce, Arturo e até mesmo Belizário. Ele sabia que, caso Iago descobrisse toda a verdade, brigaria com o irmão.

—Por que não me contou antes? Vem me revelando partes do passado como se me achasse incapaz de suportar a realidade e os fatos!

—Revelei o que foi necessário para que se mantivesse seguro e um líder à altura da Alcatéia. Você sabe que deixarei de existir muito em breve, você e Arturo são nossa segurança. Desirée precisa ser contida, ela não vai descansar até nos destruir.

—Por que ela jamais foi contida? Todos a temem como se ela os pudesse destruir — quis saber Iago.

—É claro que pode. A Ouroboros, o rei dos vampiros, a Trindade, e a Cúpula, todos participaram.

— E o Coven? Betha, não participou? — quis saber perguntando sobre a Suma Sacerdotisa daquela ordem.

— Ela jamais se envolveria em algo assim. O Poder deles não estava em perigo como o da Ouroboros. A magia delas se sustenta através da natureza, nunca do sangue. — explicou Darden. — A verdade é que ela tem todos nas mãos e, por vezes, preferiram-na viva do que morta. Jamais usei seus serviços, mas Detrich, o antigo rei dos vampiros, a usava para matar seus inimigos, ela conseguia chegar onde seus assassinos não conseguiam. Hoje, pagamos por um crime que não cometemos.

—Como não, pai? Você entregou o filho dela aos seus inimigos.

—Acha que não lutei por Belizário? — reagiu Darden. — Eu enfrentei a Ouroboros, escondi Belizário, dei-o a uma mulher mortal para que o criasse, me entreguei a Ouroboros, fui condenado à morte. Desirée me procurou e me fez entregar nosso filho, e foi ela quem me salvou e devolveu Belizário a Ouroboros. Devo-lhe muitas coisas, mas no fim ela nos odeia.

Darden estava alterado, ele segurava o peito, devia sentir dor.

— Não havia mais saída, Belizário não é mortal, lobo ou vampiro. Ele nasceu para ser o líder da Ouroboros. Não me julgue tão cedo, Iago. Você ainda não sabe o que é ordenar sobre os que ama.

—Desculpe-me, pai... Tente compreender minhas suspeitas. — Iago tentou falar como o pai, estava arrependido.

—Saia, deixe-me ficar só.

Darden viu o filho partir e tossiu. Um criado apareceu, deu a ele seu remédio e ficou a seu lado, vendo-o acalmar-se lentamente. Há tempos não tinha uma crise. Mandou que fechassem as janelas e se isolou, avisando que só queria ver sua nora no fim do dia.

Capítulo 21 - Através das Sombras, o Vaga-lume

–Aonde vai, Kara? Estamos muito distantes de Jan Kmam e até mesmo dos mortais. Desista, você não vai conseguir entrar no Jardim.

Vitor percebeu que a vampira caminhava para muito longe da esfera mortal. Subitamente, teve medo e foi compelido a parar; sentiu que seria perigoso seguir adiante. Claramente notou que, se a acompanhasse, se perderia dentro da bruma que os envolvia lentamente. Ela havia tomado um caminho diferente rumo ao Jardim.

–Posso e vou procurar Radamés no Jardim, entenderei se não quiser me seguir, Vitor – disse Kara assim que parou de andar.

– Gostaria de acompanhá-la, mas não creio que conseguirei. No entanto, não vou deixar que cometa uma loucura, Kara, não agora que conseguimos avisar Jan Kmam – disse Vitor, preocupado com seu comportamento temerário.

–Preciso falar com Radamés ele saberá como vencer Afrodite. Acho que ele foi sua primeira vítima. Ele jamais nos abandonaria, algo muito grave aconteceu para que ele sumisse do nosso plano. – Kara estava decidida.

–Você agora é um espectro, pode não ser fácil retornar.

–Então, é melhor que você fique aqui. Talvez possa me trazer de volta ou avisar a Jan onde estou – argumentou ela, sabendo que poderia não regressar.

–Vamos pensar em outro modo de vencer Afrodite. Parou para pensar que Radamés pode não estar no Jardim? E se ela o houver destruído?

–Não, Radamés está vivo. Eu ainda posso sentir sua presença, mesmo distante de nós. Ele ainda tem consciência, mas está muito longe, talvez até mesmo além do Jardim – refletiu de olhos fechados como se o sentisse. – Ele saberá como deter Afrodite. Não posso permitir que ela continue agindo livremente.

–Quero que pense melhor. E se não conseguir sair ou encontrá-lo? – questionou Vitor, tentando acompanhá-la.

–Se não encontrá-lo, eu mesma a destruirei. – Kara estava decidida e furiosa.

–Vai atacá-la, é isso? Destruir seu corpo? – perguntou Vitor, preocupado.

–Se não houver outra saída para detê-la, eu o farei – declarou Kara, decidida.
– Não vou permitir que ela machuque Jan ou Ariel. Ela está livre e a culpa é minha.

–Jan Kmam está indo falar com o rei. Isso não a preocupa? Deveríamos estar com eles agora – disse Vitor, tentando desviar a sua atenção, mas foi impossível.

–Tenho certeza de que Jan Kmam saberá como lhe dizer a verdade.

–Não tenho tanta certeza. Ariel está mergulhado numa grande ilusão, e não o vejo disposto a perdê-la. – Vitor foi bastante sincero.

Kara sabia que havia grande chance de Ariel Simon não querer acreditar em seu favorito por puro orgulho ferido. No fundo, ele tinha consciência de que o comportamento da vampira era estranho, mas preferiu acreditar em seu coração. Mas não era a missão de Kara fazer com que visse a verdade; ele a descobriria sozinho.

–Aprendi a confiar e entender Jan Kmam e Ariel Simon. Hoje, tento me manter imune aos segredos, às mentiras e aos crimes dos dois. Devo confiar no sentimento que eles têm um pelo outro. Antes de minha presença, eram amigos, são muito próximos em laços de sangue, ousou dizer que poderiam ser irmãos. Jan se parece mais com Ariel do que pode supor, e a máxima também vale para Ariel – afirmou ela, comparando-os. – Não vou ficar entre os dois, eles precisam crescer e conviver com minhas escolhas. Existem pequenas e grandes diferenças entre eles, mas os dois me amam verdadeiramente. Mas só consigo amar um deles. Claro, eles podem discutir... Mas isso é com eles.

–Você está certa; na verdade, eu queria impedir você de cometer esta loucura. Mas vejo que não posso. – Vitor se deu por vencido e a abraçou.

Kara estava bastante lúcida, mas sabia que, se entrasse no Jardim, talvez não voltasse. Contava com Radamés para mandá-la de volta. A vampira deixou Vitor em um ponto do trajeto e seguiu em frente, fazendo o caminho para o Jardim se abrir. Ela o descobrira sem querer anos atrás quando se viu nas mãos de Caio Graco. Fustigada pelo chicote e pela fome, deixou seu corpo e foi para o Jardim, fugindo do medo e da dor.

A bruma tornou-se mais espessa, e Kara se sentiu flutuando. Atravessou o portal, os dedos formigaram com a presença da energia dos espectros ali presos. Olhou em volta e se percebeu no Jardim. Tocou a grama e viu os demais espectros vagando, caminhando sem rumo certo. Não se aproximou de nenhum como de costume, apenas seguia seus instintos. Precisava que a presença de Radamés ficasse mais forte para que a seguisse. Caminhou pelos arbustos e encontrou o banco onde sempre se sentava. Ele era coberto por um caramanchão repleto de rosas vermelhas, e quase cercado de arbustos. Aquele era seu lugar, o ponto de segurança dentro do Jardim. Olhou as rosas e sentiu saudade da estufa criada por Jan Kmam.

Uma borboleta voou diante de seu rosto e a fez recuar. Era uma monarca, mas feita de luz. Observou a beleza das asas e percebeu que não era comum ver insetos ali, não se lembrava de ter nenhum outro. Sua atitude também era inusitada: voava circulando seu corpo. Quando parou na sua frente, novamente a vampira estendeu a mão e ela pousou sobre seus dedos. Imediatamente, Kara desapareceu com a borboleta num piscar de luz branca.

A primeira coisa que Kara sentiu foi a areia sob seus pés. Olhou em volta e se percebeu em uma construção de pedra maciça. Não havia dúvidas: estava dentro de uma tumba egípcia. As tochas iluminavam as paredes repletas de inscrições. E ela estranhamente as compreendia! Era a tumba de Radamés, pôde ler seu nome e seus feitos nos símbolos talhados em ouro e pigmentos coloridos. No final de um deles, reconheceu o nome de Ariel escrito em grego. Sabia que Ariel o havia enterrado quando fora morto por Afrodite, ele certamente escreveu sua história e suas realizações para honrá-lo. Caminhou pelo corredor e viu os restos de um corpo: era Mercúrio, ele estava morto. Kara reconheceu os braceletes de ouro que ele usava. Já havia estado naquela tumba, mas não na câmara onde seu corpo fora sepultado. O salão era grande e estava limpo, arrumado, como se ele tivesse sido colocado no sarcófago havia poucos dias. Afinal, ela sabia que aquela câmara fora violada no ano de 1798 por soldados de Napoleão, durante sua campanha no Egito. Muitos dos tesouros de Radamés haviam sido roubados, inclusive o pergaminho que libertara Iris. Felizmente, a entrada desabou com uma explosão e a tumba foi novamente selada, protegendo o que restou de seus tesouros e segredos.

Subitamente, sentiu o cheiro de mirra e um estranho formigamento nos dedos, um arrepio suave na espinha. Sinais claros da presença de Radamés! Quando ele apareceu diante dela, seu espectro estava pleno em força e beleza. A vampira sorriu, emocionada. Ele estava, como sempre, magnífico. O manto de linho negro bordado em ouro repousava sobre seus ombros largos; o peito estava nu e exibia seu escaravelho; nas mãos, os anéis de ouro e lápis-lazúli. E, quando ele estendeu a mão em sua direção, Kara se aproximou e o abraçou. Um soluço escapou de sua garganta enquanto apertava seus ombros. Ele retribuiu com carinho e beijou sua testa, partilhando da amizade profunda que os unia. Estar entre seus braços era consolador, podia sentir sua força, o contato de sua pele lisa e fragrante. Logo ele desvendaria o passado e se perguntou se ela o perdoaria. Olhou o negrume e resolveu que não era hora para arrependimentos.

– Seque as lágrimas, minha rainha. Nós estamos feridos, mas ainda não fomos vencidos. Já estive bem pior e me recuperei – disse ele, tentando animá-la ao perceber sua agonia.

Kara sorriu, secando a face, enquanto sentia os dedos longos e fortes de Radamés tocarem carinhosamente seu queixo. Ele a olhava com ternura, passando-lhe segurança. Radamés era seu guia no mundo espiritual; afinal, ser vampira era só parte de sua jornada. Desde que ele entrara em sua vida, ela aprendeu a sentir e entender sua presença, a aceitar seus conselhos, ver além da matéria e compreender o mundo que existia além do que a maioria dos vampiros conhecia.

– Uma vez me perguntou como me sentia em minha condição de espectro, lembra-se? – Radamés comentou e viu Kara balançar a cabeça afirmativamente.

–E então?

–Minha situação não se compara à sua anteriormente, não posso me fazer ver ou ouvir. Só me sobrou o silêncio.

–Infelizmente, ser um espectro deixa-nos pouca ou quase nenhuma escolha.

–Tenho medo de perguntar o que lhe aconteceu. Acredito que seja minha culpa.

–Todos nós temos culpa. Na verdade, sou o maior culpado por Afrodite existir. Deveria tê-la destruído quando se mostrou pernicioso, mas, cego de amor e desejo, permiti que continuasse viva. E veja quanto mal ela vem causando ao longo dos séculos – refletiu Radamés, com profunda sabedoria.

–Permiti que ela ficasse próxima de minha alma, tirei-a do Jardim – admitiu Kara, arrependida.

–Acalme seu coração. Você ainda não tinha conhecimento de quem ela era. Se soubesse, jamais teria permitido. Acredito até que a teria matado imediatamente – supôs Radamés, racionalmente.

–Sim, mas como ela chegou ao Jardim? Digo, para onde nossas almas vão quando chega o fim de nossa imortalidade? – quis saber Kara, sem ter ideia se ele teria a resposta.

–Ela jamais chega ao fim. Perdemos nossos corpos e nos tornamos espectros. Podemos ficar vagando, ir para o Jardim quando merecemos ou para o Tuat. No entanto, Afrodite jamais iria para o Tuat. De lá não passaria, seu coração seria pesado e seus crimes vistos por Maat. Ela ficou vagando longe de nosso mundo, mas alguém a ajudou a entrar no Jardim. Ela jamais entraria lá sem ajuda. Afinal, não pertencia mais à Hut-netjer, à casa dos deuses, para se refugiar no Jardim.

–Derek poderia tê-la ajudado; afinal, foram amantes. Ela quase o trouxe para nosso mundo séculos atrás, talvez ele desejasse retribuir o favor.

–Sua mente sagaz sempre me orgulha – Radamés elogiou Kara, dono daquela certeza que agora ela também tinha.

—Derek vem se mostrando cada vez mais impaciente ao longo dos séculos. Ordália perdeu o controle que tinha sobre ele quando Afrodite se aproximou. Talvez ainda deseje sair do Templo. Claro, não há meios visíveis para tanto, mas deles dois espero qualquer coisa. A entrada de Afrodite em nosso mundo não é puro acidente.

—Como não a sentimos? Pergunto-me como ela permaneceu ligada à minha alma, e não notei, nem você. — Kara queria respostas acima de tudo.

—Ela se mantinha incógnita; além disso, não foi provocada...

—Otávio a viu. Quando Jan foi dado como morto, ele apareceu no *château* e disse que eu estava possuída por Afrodite e, na primeira chance que teve, tentou matá-la.

—Não, Kara, ele tentou matar vocês duas. — Radamés suspirou, pensativo.

Otávio, mesmo desmoralizado, tinha a chave para salvar Kara, o seu rei e irmão, até mesmo seu pupilo. Mas por que não o fizera? Certamente contava que Afrodite destruísse Kara e assim se livraria das duas. Agia exatamente como Ordália, que ocultava a verdade do Livro e dos Poderes, ansiando pela morte de sua rival. Ambos contribuíam para o fim dos que amavam.

—Radamés? Por que nos deixou?

—Não os deixei; fui banido para minha tumba por Afrodite. Veja por si mesma. Radamés segurou a mão de Kara e suas mentes se uniram. Ele e Kara estavam dentro de suas lembranças, andavam por elas assistindo aos acontecimentos. Estavam sobre um prédio e, juntos, viam Afrodite no corpo de Kara, ocupada, usando seus poderes de vampira. Os riscos apareciam no chão rapidamente. Não havia Lua; na verdade, nem estrelas. Era uma daquelas noites negras como o piche, em que somente as luzes artificiais afastam a escuridão. Em noites como aquela, dá para entender por que os homens temem os monstros. Claro, Paris não se intimidava com um céu assim, ela resistia elegantemente com suas luzes douradas, provando a todos que era a Cidade Luz. Entretanto, acima da presença da iluminação e de tudo que ligava o homem à realidade, persistia a escuridão onde os monstros existem e habitam livremente. Lá também estava escrito que, em noites do gênero, a magia negra teria mais força e poderia vencer a luz.

Faltavam três dias para o primeiro dia de lua nova e, nesse intervalo de tempo, não havia Lua, tornando o céu vazio, ou melhor, a Lua estava negra, com sua face mergulhada nas sombras, dentro de seus mistérios.

Era nessa atmosfera que a vampira trabalhava silenciosamente, traçando no chão um círculo e, nele, símbolos e inscrições na língua egípcia. Ela praticava magia, mas não uma magia comum. Concentrada, movia-se rapidamente pelo chão, murmurando uma espécie de encantamento. Pó e ervas eram usados com precisão para um fim ainda desconhecido. Finalizado o círculo, ela foi até a bolsa no chão que continha seus instrumentos e pegou um punhal e um pergaminho antigo. Fez um corte na mão e deixou que seu sangue salpicasse os símbolos. O corte cicatrizou ao mesmo tempo que o sangue sumia do chão. A vampira sorriu feliz, o encanto estava pronto. Afrodite recolheu os objetos e os guardou com cuidado, enrolou o pergaminho e, por fim, ergueu a mão e fez as inscrições sumirem. Estava no alto de *Notre Dame*, o ponto zero da cidade. Terreno sagrado, o espaço perfeito para o que planejava executar. Sem contar que era o lugar favorito da vampira em Paris. Isso dava àquele local bem mais poder. Na torre, olhou além da janela e se sentiu pronta. Tocou o casaco e foi para cima do círculo coberto pela lona. Ergueu as mãos e, quando as baixou, sussurrou um nome:

—Radamés.

Por um momento, tudo ficou bem quieto; até mesmo os pombos que nas torres da catedral viviam pareciam presos, entorpecidos. O ar tremeu em uma onda suave. A vampira de olhos extremamente negros viu a magia se manifestar e esperou, pronta para agir. Um minuto depois, Radamés apareceu de dentro das sombras como se estivesse lá o tempo todo. O manto cobrindo sua cabeça, os ombros fortes, os trajes de egípcio que só o deixavam mais exótico e belo. Ele sorriu e caminhou até Kara sem medo. Ela sorriu um tanto admirada; afinal, fazia muitos séculos que não se viam. Por um momento, ela pareceu ressentida, mas o sabor da vingança falava mais alto. Ela esperou que ele viesse até ela. Radamés a abraçou e se afastou um pouco para falar.

—O que minha rainha deseja? — perguntou o vampiro, baixando o manto e expondo sua face.

—Sua presença — sussurrou ela... e seus olhos pareciam os de um demônio. Radamés a olhou com preocupação e a segurou pelos ombros, tentando compreender o que acontecia com sua protegida. Dentro do mundo dos vampiros havia algumas verdades ocultas, e Kara era uma delas. Há séculos Radamés protegia aquela alma extremamente frágil e poderosa. Era um contraponto. Seu poder jamais a protegeu de seus algozes, e isso a levou a conhecer a morte diversas vezes. Mas, finalmente, era imortal e estava pronta para cumprir seu destino dentro dos Poderes. Todavia, o olhar que ela lançou sobre Radamés gelou seu coração. Pôde sentir sua presença dominando a da vampira, que parecia perdida. Kara estava muito longe.

—Quando o matei dentro do Templo da Esfinge, achei que não mais o veria. — sussurrou ela junto à sua face.

—Afrodite! — Radamés a reconheceu de imediato e estava pronto para detê-la, mas se viu contido.

—Sim, Radamés, sua ex-pupila e amante, a vampira que o superou. Eu, Afrodite, presa nesse corpo pequeno e inadequado!

—Ordeno que saia do corpo de Kara — disse ele erguendo a mão e tentando expulsá-la com seus poderes.

—Olhe para o chão antes de ousar me atacar, múmia maldita! Mais uma vez o surpreendo, não é mesmo? Você ainda não aprendeu que eu o superei?

—Espectro imundo, retire-se!

Radamés insistiu no duelo, mas viu o chão a seus pés tremer. A magia era forte, ele olhou para o solo e visualizou os símbolos aparecerem e sumirem, só então se percebeu dentro do círculo de banimento. Sabia que não tinha fuga, as inscrições eram as mesmas de sua tumba. Quando se tornou parte do Templo da Esfinge temeu que, em algum momento, a magia e seus poderes o dominassem. Ele corria esse risco, o da insanidade. Então escreveu um ritual de banimento e captura para sua alma. E ali estava ele sendo usado por Afrodite. Mas como o conseguira?

—Dúvidas? Eu as esclarecerei: tirei o ritual de Mercúrio. Acho que não notou, mas ele está morto. Invadi seu corpo e, depois de roubar seu segredinho, o fiz se entregar ao Sol. Foi tão dramático, ele chorou enquanto o sol o consumia —revelou Afrodite com perversidade, divertindo-se com a revolta de Radamés.

—Maldita cobra! Deveria tê-la matado quando a peguei nos braços de Detrich! — agora o antagonismo tornara-se pessoal.

—Sim, de fato, deveria ter me matado, mas preferiu me possuir e alimentar o Livro, sem saber que ele já estava sob meu domínio. Derek me visitava em sonho, me possuía — murmurou ela. — Você foi somente um tolo apaixonado, não se culpe. Sabe, eu vim finalizar o que comecei, mas dessa vez eu prometo, vai ser o seu fim! — Afrodite avançou e cravou a lâmina em seu peito.

Radamés a empurrou, descarregando sobre seu corpo uma onda de choque. A vampira caiu no chão, mas não ficou ferida, levantou-se em tempo de vê-lo puxar o punhal do peito. A ferida no peito não sangrou nem tampouco se fechou. A carne ferida pela lâmina ficou enegrecida, as veias escureciam e o estranho mal tomava seu peito e os ombros, enraizando-se sob sua carne de modo impiedoso. Ele não sangrava, mas podia ser ferido se fossem usados os objetos certos. E a vampira sabia muito bem quais usar.

–Tomei o corpo de sua queridinha e vou usá-lo para destruir Ariel, os Poderes que tanto ama – Afrodite falava e andava junto ao círculo, vendo Radamés sentir dores e finalmente vacilar e cair no chão sobre os símbolos e se queimar: onde tocavam sua pele, feriam-no.

–Ordeno que saia do corpo de Kara!

Radamés insistia, queria salvar Kara de seu controle. Tentava usar seus poderes e expulsar Afrodite a fim de evitar o pior, mas era impossível. A vampira riu de seus esforços e esperava por algo enquanto o belo corpo de Radamés era tomado por ferimentos.

–Logo o rei estará em minha cama, vou fazê-lo rastejar aos meus pés. Afinal ele ama este corpo, esta vampira sem ambição que vocês insistem em proteger e amar. Foi fácil tomar seu corpo e nem você nem Ordália vão conseguir me deter. Como pode ver, estou vencendo pela segunda vez. Resolvi que seria melhor reabrir seu ferimento. – Afrodite lembrou-o de sua morte física. Ela o matara com um punhal envenenado e, por prazer, repetiu o feito. – Mas, dessa vez, é definitivo. – Dizendo isso, a vampira começou a pronunciar um encantamento.

Afrodite estava imbuída da força da lua negra. Então o círculo brilhou esverdeado, era Seiva! Por isso Radamés se queimava, seu espectro estava sendo despedaçado. Mas ele não seria vencido tão facilmente. Num último esforço, ficou de pé e assustou Afrodite, que recuou e voltou a repetir o encantamento. Mas era tarde. Uma de aura de luz branca envolvia seu corpo. A seus pés, havia uma massa negra energia engolindo a luz. O ferimento o debilitava e fazia com que seu corpo se tornasse transparente. A escuridão crescia devorando a iluminação que criara à sua volta. Foi quando o primeiro ponto de luz se fez visível, e logo depois outros mais, até que de seu corpo ficaram pequenos sinais de luz que foram devorados pela escuridão enquanto o círculo se fechava. Quando, finalmente, isso aconteceu, nada restou além do chão limpo e da noite. A cidade voltou a falar, havia o som dos carros, de vozes ao longe, o vento... Ali, tudo havia acabado: Radamés fora destruído ou expulso do plano dos mortais. Afrodite acreditava ter destruído sua alma, e para ela isso bastava. Estava pronta para enfrentá-lo caso retornasse, sentia-se poderosa, e estar no corpo de Kara a fez mais forte diante dele. Os laços de sangue que os ligavam tornaram tudo mais fácil.

Radamés se afastou, e Kara se viu novamente dentro de sua tumba; na verdade, eles não saíram dali, o passeio ocorreu somente por meio de suas lembranças.

–Eu sinto muito – disse a vampira e cobriu o rosto, pesarosa.

—Não há mais lugar para lamentações, Kara. Resta-nos lutar — afirmou Radamés, segurando seus ombros. — É a campeã do rei, tenho muito orgulho da vampira que está se tornando. Não ouse mostrar-se frágil e humana em minha frente — ele disse olhando-a com firmeza, mas por fim a abraçou.

—Como voltarei para meu corpo? Preciso consertar as coisas. Ariel acredita que o amo, que desejo ser sua rainha.

—E você não quer? — perguntou Radamés, olhando a vampira com atenção.

—Dentro de meu coração vive Jan Kmam. Não conseguiria reinar ao lado de Ariel, por mais encantador que ele seja. Não nego, ele é maravilhoso, qualquer vampira aceitaria, mas eu preciso do amor de Jan, e Ariel, de uma rainha que o ame completamente.

—Era o que eu precisava saber — disse Radamés, misterioso, e sorriu.

—Ajude-me a voltar, eu não consigo permanecer em meu corpo. Afrodite me impede de entrar e, se consigo, ela me expulsa com um gesto. Como é possível? — reclamou Kara, confusa.

—O corpo é apenas um invólucro físico para nossa alma. É através dele que experimentamos o prazer, a alegria, a dor, a morte. A alma precisa dessa experiência física para evoluir e atingir outras esferas. Seu corpo tem outro hospedeiro e se adapta a ele facilmente. Você está cada vez mais distante dele agora, mas ainda há uma chance de retorno: o exorcismo.

—Mas eu permiti tal loucura — lamentou Kara, furiosa.

—Não, você deixou que ela seguisse com você do Jardim até seu plano. Afrodite o tomou, possuiu-o à força, aproveitando-se de um momento de fragilidade. O exorcismo vai expulsá-la, permitindo que sua alma volte para seu corpo. Quando voltar, ela perderá os poderes sobre ele.

—Desculpe-me, Radamés, mas não tenho boas referências sobre exorcismos. — disse Kara, sentindo-se tola por lembrar que a grande maioria dos exorcizados morria ou voltava a ser possuído.

—O exorcismo é um ritual muito antigo, Kara. Os gregos já o chamavam de exorkismós. Para os mortais, Afrodite é um demônio sedento de sangue e energia; no momento, ela está sugando a sua — revelou Radamés, observando seu rosto tenso.

—Quem o fará? Você? — perguntou a vampira, mais confiante.

—Não poderia, mesmo livre das cadeias que ainda me prendem em minha tumba. O ritual pede alguém de carne e sangue, e eu sou apenas um espectro — explicou, percebendo sua apreensão voltar.

—Então, quem poderia?

—Acalme seu coração. Existe uma pessoa entre nós capaz de realizar o ritual, e tenho certeza de que Marie não falhará. Assim que sair do Jardim, deve procurá-la e dizer-lhe a seguinte frase: “Traga Osíris à vida e dê em suas mãos o Djed”. Ela saberá o que fazer e como agir. Compreendeu?

—Sim, mas esperava um pergaminho ou algo do tipo — revelou Kara, tendo certeza de que apreendeu a frase.

—Nada de pergaminhos dessa vez — disse ele, sorrindo. — Agora, olhe para mim com atenção, Kara. Só existem dois modos de tirar Afrodite de seu corpo: um é o exorcismo; o outro é através da lâmina de Anúbis, mas acho que não será necessário recorrer a esse extremo. Agora vamos ver como faço para mandá-la de volta em segurança. Conseguiu chegar, mas não sei se sairá sem luta. — Radamés buscava alertar Kara.

—Não podia mais esperar, tive de vir. Jan foi atacado por Seth, Afrodite certamente desconfia que ele sabe da verdade. Preciso detê-la antes que mate mais algum vampiro.

—Mantenha-se lúcida e calma. Não importa o que aconteça, tente não enfrentá-la. Seu corpo enfraquece e diminui as chances de vencê-la. — Radamés advertiu. — Em outros dias, eu a levaria pessoalmente, mas ainda não tenho força suficiente para sair de meu cativeiro. Estou aqui me preparando para enfrentá-la como se deve. Mas vou deixá-la próxima da saída; contudo, vai precisar de seus poderes para atravessar o portal. Arriscou-se muito vindo ao meu encontro, mas eu contava com sua visita — disse ele, e piscou o olho para a vampira. — Pronta?

—Sim. Não demore, Radamés, nós precisamos de sua presença.

Kara o abraçou uma última vez e, por fim, beijou seus lábios suavemente. Radamés retribuiu e desapareceu num piscar de olhos. Kara se viu de volta ao Jardim, em torno dela havia um grupo de borboletas, parecia que elas fariam sua escolta com uma espécie de círculo de luz. A proteção era bem-vinda, já que estava cercada por espectros.

A sensação era desesperadora. Olhou os vultos e viu suas faces famintas, percebendo que eles queriam sugar sua energia; estendiam as mãos, mas, ao tocarem as borboletas, eram repelidos, queimados. Naquele plano, não havia sangue, não sangue verdadeiro, só energia. Sem perda de tempo, começou a andar em direção à saída. As borboletas a seguiam, mas, à medida que caminhava, elas iam sumindo, brilhavam como pequenas estrelas cadentes e se apagavam. Kara correu, porém, os espectros a seguiram. Quando parou, constatou que, a seu lado, só havia uma última borboleta, que sumiu, deixando-a sozinha. Aqueles seres

espectrais pareciam a estar esperando por isso, pois passaram a cercá-la e avançaram, detendo-a.

–Afastem-se!

Kara ordenou, e de suas mãos emitiu luz, a mesma que usou para se defender de Roberto e Alva. Eles recuaram, e ela se viu na saída do Jardim, mas, quando tentou atravessá-la, não conseguiu. A bruma se fechou e, por trás dela, Ordália apareceu e lhe sorriu vitoriosa.

–Acha que pode andar pela casa dos deuses sem que eu saiba? Criatura insignificante! O Jardim é para os que foram presenteados com nosso sangue, e você o recebeu sem merecimento.

Ordália atacou o espectro de Kara, que gritou de dor e foi ao chão ao receber uma descarga de luz.

–Aprenda a não ir onde não lhe é permitido.

Kara se levantou do chão e percebeu que os espectros recuavam com medo dela e de seus poderes naquele plano.

–Hoje me livro de você e logo depois de Afrodite. Espero que ela goste de ter a cabeça cortada duas vezes.

–Não faça isso, Ordália! Abra o portal!

–Por que acha que pode me dar ordens?

Ordália atacou novamente, mas dessa vez Kara a impediu, criando um escudo de energia diante dela, o que a deixou surpresa.

–Afrodite deita-se com o rei e logo vai matá-lo! Deixe-me sair, eu estou lutando pelos malditos Poderes que a mantêm viva e alimentada – gritou Kara, tentando trazer Ordália à razão.

–Luta por si mesma e por seu amante. Mas, não se preocupe. Eu vou fazer os Poderes enxergarem Afrodite muito em breve, e eles a deterão cortando sua cabeça. Pena que seja seu corpo. Adeus!

–Ordália! Ordália, abra o portal!

Kara esmurrou as paredes de bruma transparente, que agora pareciam feitas de vidro e tão sólidas quanto um muro de tijolos, mas era tarde: a vampira havia desaparecido. Ela os ouviu murmurando, aproximando-se. Virou-se e se viu cercada de espectros, eles só se detiveram diante da presença de Ordália. Não ia ser tão fácil, Kara pensou. Então, reunindo suas forças, ergueu as mãos para o alto e, enquanto as descia ao longo do corpo, fez aparecer à sua volta uma esfera de luz

que os mantinha afastados. Alguns deles a esmurravam, mas ela era forte e suportaria. Kara só não sabia até quando.

Capítulo 22 - O Fim das Ilusões: uma Rainha para dois Reis

Bruce recebeu Ariel Simon na porta e ficou com seu casaco e a bengala. O vampiro entrou e logo se acomodou na sala. Bruce sentiu o perfume doce da vampira em suas roupas e foi fácil perceber por que Ariel relutou em atender ao seu pedido. Deveriam estar juntos quando ligou. Felizmente, foi habilidoso e conseguiu inventar uma boa desculpa para afastá-lo de Afrodite.

Ariel foi servido de um cálice de sangue e andou pela sala observando a decoração, o vaso repleto de rosas. Apesar de vestir um paletó com colete clássico de Giorgio Armani, o rei foi despojado o suficiente para combiná-los com jeans e botas de cano curto. Tinha bom gosto e conhecia as melhores coleções. Estava sempre adquirindo peças exclusivas. Ariel sorriu ao perceber que, no floreiro havia rosas vermelhas, rosadas, brancas, amarelas. Bruce sempre gostou de diversidade e deixava isso bem claro em seus gostos. Apesar de ter tido vários amantes, também se dedicava às vampiras quando encontrava uma a seu gosto. O difícil era saber o que o agradava nas vampiras e até mesmo nos mortais. A última mortal que viu ao seu lado foi Olenka, uma russa de lábios carnudos e olhos cinzentos. Ela realmente tinha algo de muito especial e conseguiu manter Bruce a seu lado por vários anos. Depois dela, ele caiu nas garras de Samael e, finalmente, passou a dedicar sua vida ao amor que sentia por Jan Kmam. Mas havia Martan, e ele pareceu finalmente encontrar certa paz, mesmo ainda amando o favorito.

A melodia Uprising, da banda Muse, tocou na sala; era o celular de Ariel. Ele o tirou do bolso do casaco e atendeu à ligação: era Togo. Conversaram por alguns minutos e, quando Ariel desligou, apresentava o semblante tenso. Bruce não ouviu a conversa, preocupado com Jan Kmam, que estava atrasado.

Ariel havia deixado o cálice sobre a mesinha para atender ao celular. Então, pegou e sorveu o resto do sangue com o olhar bastante distante. As notícias não eram nada boas. Todavia, havia nelas um ponto positivo: Michael finalmente estava morto, e Ariel se sentia de uma vez por todas vingado. Ele ergueu a vista e viu Jan Kmam do lado de fora, flutuando junto à janela. Bruce a abriu, e Jan Kmam entrou, estava sujo de sangue e poeira, e o rei não ficou surpreso. Na verdade, queria agradecer o grande favor que ele lhe havia feito.

—Majestade. — Jan o cumprimentou, e logo depois o socou.

Ariel caiu no chão e tocou a boca sangrenta com um riso cínico na face. Bruce segurou Jan Kmam, que estava pronto a continuar batendo. Mas ele

empurrou suas mãos e colocou a espada próxima ao pescoço de Ariel.

—Posso imaginar o motivo — afirmou Ariel, acreditando que Jan descobrira sua traição.

—Existe mais de um Ariel, e você sabe muito bem! Como você pôde possuir Kara à força? Ela era indefesa, sequer sabia lidar com seus poderes, quanto mais se defender de um vampiro de dois mil anos!

—Jan, acalme-se. Quando ligou, disse que queria conversar com Ariel, e não lutar com ele em minha sala — pediu Bruce, e tentou evitar o pior.

A espada continuava apontada para o rei, que ficou de pé e olhou seu favorito sem ressentimentos. Ele sabia ser o culpado e teria de se retratar. Seu gesto impensado de desejo ainda pesava em sua mente, sentia-se envergonhado e culpado.

—Ariel possuiu Kara contra sua vontade e depois apagou suas lembranças. E nem sequer isso fez direito. Kara jamais esqueceu, ela mentiu, fingindo ter esquecido sua violência e minha traição certamente porque temia que lutássemos.

—Acho que ela me perdoou. Afinal, sabia que eu estava completamente transtornado. Foi a primeira vez que a vi desde... — o rei se calou tenso.

—Continue, Ariel. Revele que foi a primeira vez que a viu depois que Seth a matou. Sei que a teve como Rosa Maria. Chega de mentiras.

O rei olhou para Bruce e foi impossível negar, ele apenas enfrentou o seu olhar e se resignou. Jan Kmam estava pronto a defender Bruce caso o rei tentasse contra ele. Mas Ariel não faria algo desse tipo com seu confidente e amigo.

—Estou pronto para receber meu castigo por revelar a Jan Kmam parte de nosso segredo. Não pude me calar, ele precisava entender os pesadelos de Kara — disse Bruce, num gesto de coragem.

—É melhor que ele saiba. Talvez assim possa compreender por que Kara foi e é minha amante. Jan Kmam tem todo direito de me bater e saber que foi você, Bruce, quem a salvou de minhas garras — revelou Ariel, sem medo. — Kara manteve meu ato baixo em segredo, receando esse momento, mas eu jamais o temi. Estou pronto a me desculpar e reparar do melhor modo o ataque à sua pupila.

Jan Kmam olhou Bruce e se perguntou quantos segredos mais ele guardaria do rei. Bruce estava realmente entre os dois vampiros, guardava segredos de ambos e, para ajudá-los, por vezes se metia em grandes confusões. Contudo, não havia como culpá-lo. Kara deve ter lhe pedido sigilo e ele, fiel, o guardou temendo um confronto entre todos. Jan Kmam baixou a espada.

–Deve uma reparação a Kara; ela, sim, foi ofendida. Quando ela voltar, conversaremos, e ela decidirá o melhor.

–Voltar? O que houve, onde ela está? – perguntou Ariel preocupado.

–Há uma hora ela esteve na cama com você, agora deve estar confabulando com seus novos amigos. – Jan Kmam foi bastante ácido.

–O que aconteceu, Jan? Por que está nesse estado? – Bruce então reparou as roupas rasgadas e sujas de sangue.

–Estava matando traidores, mas estou bem, acalme seu coração. Poderia me conseguir roupas limpas? – perguntou Jan, entregando-lhe a espada.

–Claro, as de Martan podem lhe servir – disse Bruce, conciliador.

–Voltarei logo, Ariel. Tenho algo a revelar.

–Estarei esperando você, Jan Kmam – falou Ariel, compreendendo por que estava ali. Havia descoberto tudo e cobraria satisfações.

Quinze minutos depois, Jan Kmam apareceu na sala usando jeans e uma malha negra. Estava com o cabelo solto e, quando sentou e colocou a mão sobre o braço do sofá, o anel de safira brilhou. Bruce deixou uma garrafa com sangue para que eles se servissem. A conversa seria particular, mas Bruce já conhecia seu teor. Jan Kmam não tinha ideia de como Ariel iria reagir. Mas, pelo visto, estava bem seguro de o estar traindo com Kara, sem saber que dormia com sua pior inimiga. Eles se olharam por alguns minutos, havia um misto de seriedade e tensão em ambos.

–Quando Bruce me ligou, percebi que me escondia algo. Por quê? Temia que fugisse? Por que usou um intermediário? – quis saber o rei.

–Jamais imaginei que fugisse, apenas queria evitar que Kara soubesse que iríamos nos encontrar. Nos últimos meses, muitas coisas mudaram e queria evitar o pior. Hoje, tudo ficou esclarecido, posso finalmente falar.

Jan percebeu o olhar frio de Ariel. Ele jamais imaginaria o que realmente estava acontecendo.

–Notou alguma coisa diferente em Kara, além da ausência dos seus cachos? –perguntou Jan, imaginando que ele também sentia falta deles, pois sempre apreciou mulheres com os cabelos cacheados.

–Por que a pergunta? – Ariel, pelo visto, ia fazer jogo duro.

–Notou? – Jan tornou a indagar, armando-se de paciência... seria preciso.

–Sim, ela se tornou minha amante. Isso provocou uma grande mudança em minha vida – disse Ariel, olhando Jan Kmam nos olhos, pronto a se defender.

Afinal, acreditava que eles se bateriam novamente pela vampira.

—Infelizmente, há mais que isso, Ariel. Gostaria que conversássemos como amigos, e não como rei e favorito. É possível? A situação é muito delicada, e a vida de Kara está em jogo.

—Será um prazer. Não pretendo me atracar com você novamente. Sei que podemos resolver isso pacificamente pelo bem de Kara — ponderou num suspiro mais relaxado.

A atitude de Jan Kmam não lhe deu esperanças, apesar de ser um sinal de paz. Isso provavelmente justificaria não desejar que Kara soubesse do encontro entre eles. De qualquer modo, significava que resolveriam como amigos. Haveria esperança de conciliação, e não de luta entre eles. Ariel amava Kara, mas tinha por Jan um sentimento similar, eles tinham um passado em comum. Ambos conheciam as dores e alegrias um do outro. Até porque foi para ele que passou seu último suspiro de vida. Eram amigos, conviveu por anos com ele, sua lealdade era inquestionável. Jamais exigiu nada, mesmo tendo muitos direitos; na verdade, só se posicionava quando era para executar seus deveres como favorito. Por um momento, Ariel sentiu falta de Otávio. Ele o criara e, estranhamente, nos últimos anos, não estava conseguindo viver ao lado deles ou de quem quer que fosse.

—Resolveu aceitar que Kara será rainha ao meu lado? — perguntou Ariel, sem expressar nenhuma forma de contentamento ou vitória.

—Duvido muito que isso aconteça Ariel. Kara jamais ansiou por esse lugar. Deve saber que ela se tornou campeã para me tirar da Caixa. — Jan jogou a verdade que ele fingia não ver. — O que tenho a revelar é algo muito sério.

—Seth e Michael o atacaram há pouco, eu soube; Togo me avisou. Devo-lhe um favor real; aliás, dois. Michael havia se tornado um estorvo. Pelo que vejo, Seth está disposto a encontrar seu fim. Vou mandar que o cacem. Finalmente tenho motivos para mandar cortar sua cabeça! — deliberou Ariel.

—Isso só iria ocultar nossos inimigos. Peço-lhe que nada faça contra ele, pelo menos por enquanto. Temos um inimigo poderoso agindo nas sombras, ele precisa se revelar.

—Do que está falando? — Ariel se preocupou.

—Quando ocupei seu lugar, deu permissão a Otávio para que revelasse seu passado. Eu já o havia absorvido de suas lembranças. Sei quem os trouxe para a imortalidade, compreendo por que não gosta de falar em sua mestra, Afrodite.

—Seu nome para mim é como uma espécie de praga egípcia, repudio esta criatura com todas as forças de minha alma. Mas por que trazer tais lembranças de

volta?

–Está noite eu experimentei o desprazer de tê-la em minha presença.

–Que espécie de jogo é esse? – perguntou Ariel, ultrajado.

–Afrodite está andando livremente entre nós, destilando seu ódio e ansiando por sua cabeça. Ela quer o trono e está mais perto do que nunca.

–Perdeu a razão? – Ariel ficou de pé e andou pela sala, confuso.

–Afrodite tomou o corpo de Kara há um ano – revelou Jan, olhando-o muito seriamente.

–Entendo que tenha sido um choque para você saber que Kara é novamente minha amante. Mas daí a usar possessão como desculpa... Isso é ridículo – disse Ariel, tentando negar tal a revelação.

–Não é pessoal, Ariel. Eu sei que Kara o ama, ela me revelou meses atrás. Posso viver com isso, mas não posso admitir que seja enganado. Compreendo que não tenha notado as mudanças; afinal, não conhece Kara o suficiente – afirmou Jan, alfinetando Ariel.

–Convivi com Kara o bastante para conhecer seus medos e desejos. Não me subestime nem a relação que tivemos. Para nós dois, foi bem real. Fico feliz que ela tenha admitido e revelado seus sentimentos. As mudanças foram para melhor, abandonou a simplicidade, o lado guerreira, parou de se arriscar, e voltou a me desejar, a receber meus presentes e carinhos. – O rei admitiu seguro e até cruel com Jan Kmam.

–É, os sinais estavam todos diante de seus olhos, mas não viu nenhum.

Jan refletiu, percebendo que Afrodite não fez nenhum grande esforço para se esconder. Ela apenas mudou, e eles aceitaram, acreditando ser normal.

–Está noite, Kara voltou com muita dificuldade e me revelou como foi expulsa de seu corpo e que vem lutando contra Afrodite. Acredite-me, a vampira com a qual convivemos no último ano não é a nossa amante.

O ar incrédulo de Ariel Simon e sua resistência preocuparam Jan Kmam, pelo visto ele precisaria de provas ou ver com seus próprios olhos Afrodite em ação. Mas continuou insistindo, precisava convencê-lo.

–Kara me revelou ter despertado em sua cama e tentando fugir, pediu sua ajuda, mas você não conseguiu ver além de seu desejo. Afrodite a dominou e a expulsou novamente – acusou Jan, sem pena. – Vitor está morto, ela o matou na suíte onde vocês se encontram.

–Se Vitor estivesse morto, o Livro teria avisado aos Zeladores e eu saberia

–Ariel fazia conjecturas lógicas.

–A verdade está sendo guardada sob um manto de ilusão. Algo se avizinha e nós somos os alvos. A emboscada que sofri foi encomendada por Afrodite, ela mandou que me silenciassem. Temia que a revelasse – Jan falava e via o rei com os olhos distantes. – Consuelo revelou que Seth tem um aliado dentro do *château*, e não há dúvidas de que seja Afrodite. Eles estão reunindo desgarrados entre lobos e vampiros para atacar o *château*. Desirée se aliou a eles e está tramando contra a prole de Darden.

Jan insistia ao notar mudanças na face do rei. Aos poucos, ele se deixava convencer, mas era difícil para ele acreditar por que amava a vampira cegamente. Ariel vinha vivendo um sonho que, agora, havia se transformado no mais escuro dos pesadelos.

–Como pode acreditar em Consuelo? Ela é amante de Seth. Foi para a cama dele que ela correu quando ninguém a recolheu da sarjeta. Estão juntos desde que saiu da Caixa – Ariel insistia em não acreditar, e dessa vez com motivos.

–Sim, ela era, até essa noite quando decidiu salvar minha vida. As Sentinelas devem tê-la visto lançar sobre o vampiro uma parede de tijolos. A essa altura, ela deve ter ido para o Château pedir proteção a Togo.

–Sinto muito, mas acho que foi enganado. Consuelo não está no *château*. Eu ainda não pude assinar sua sentença de morte porque ela tem a proteção do Livro. Ela possui o sangue dos antigos, matá-la é ir contra eles – Ariel disse após uma ligação para Togo a fim de confirmar as palavras de seu favorito.

–Ela deve estar se escondendo de Seth – conjecturou Jan, preocupado com o fim da vampira.

–Por que simplesmente não aceita que Kara está comigo agora? – Ariel insistia sem querer ver a verdade. Parecia não ter ouvido uma palavra sequer.

–Afrodite o envolveu em mentiras, mas não posso crer que não conheça Kara o suficiente para notar o quanto ela mudou. Vem dormindo com sua mestra e não com nossa amante.

–Quem está no meu leito é Kara e eu a amo – revelou o rei, tentando enganar a si próprio.

–Então ajude Kara! Ela precisa voltar para seu corpo. Se ela continuar longe, sua alma se perderá. Radamés está ausente de nosso mundo como jamais esteve. Como pode ficar cego ao perigo? Não consegue perceber que estamos cercados de inimigos?

—Está sendo enganado por algum tipo de aparição. Tudo isso é uma brincadeira perversa.

Ariel, mesmo incrédulo, passou a buscar respostas para o enigma. Afinal, ele ainda era o rei dos vampiros. Conhecia seu mundo e o dos espectros, no Livro havia conhecimento sobre os dois e um pouco mais. Como rei, ele tinha acesso a muitos desses mistérios. Todavia, tentava compreender como Afrodite escapou do plano dos mortos e foi esconder-se no Jardim. Foi condenada, era para estar presa no mundo dos mortos. Afastar a alma de Kara seria fácil depois de possuí-la. Bastaria um momento de fraqueza e seu espectro estar mais forte. Conhecia magia, assim como Afrodite, e ela era capaz de muito e, no plano dos espectros, poderia bem mais se fosse realmente libertada do Jardim.

—Vi o desespero de Kara, ela não mentiu! Apenas cometeu um erro. Afrodite a iludiu com falsas promessas, e ela se deixou possuir, libertando-a em nosso mundo. A resistência de Ariel à verdade manifestava-se somente pelo fato de ele não aceitar que fora enganado, que vinha sendo envolvido por mentiras. E as palavras de Jan Kmam lhe deram a resposta que buscava. Ariel sentou-se na cadeira; sua expressão estava distante e fria. Mas, definitivamente, não se mostrava disposto a aceitar assim tão facilmente; ele precisava de provas. Desde o primeiro momento, Kara havia partilhado com ele lembranças de momentos dos quais somente eles tinham conhecimento.

—Kara estava bem consciente quando me buscou no *château* meses atrás e disse ser livre para escolher qual de nós dois possuir. Desde então, pediu-me que mantivesse segredo, mas sempre foi meu desejo revelar a verdade. Nós dois havíamos decidido que ela escolheria. Pois bem, Jan Kmam, ela escolheu.

—Eu o tenho como um irmão, um amigo. Sei que, acima de nossa amizade, estão seus poderes de rei, conheço sua força e sabedoria. Compreendo sua existência como vampiro, o peso que a coroa tem sobre a sua vida. Mas não posso crer que o amor que sente por Kara o torne um brinquete nas mãos de Afrodite.

—Basta!

—Afrodite não pode tanto, nem mesmo sobre você, Ariel.

—Decidi que será minha concubina, os papéis já estão sendo preparados. Aceite sua escolha e vivamos em paz. Kara é jovem em nosso mundo e seu corpo ainda tem os desejos que uma mortal teria. Posso entender que se sinta inferiorizado em não poder satisfazê-la plenamente. Afinal, somos diferentes.

O vampiro o olhou e não pôde crer no que ouvia. Ariel jogou baixo, mas dizer que apenas ele era capaz de possuir uma vampira como um homem mortal faria não o atingiu Jan. Ele teve várias amantes e de nenhuma delas ouviu

reclamação; pelo contrário, teve mesmo trabalho em se libertar de algumas, tamanha a paixão que provocava. Ariel estava completamente cego pelo encanto da vampira, ela o controlava totalmente, e a situação agora beirava o caos.

–Posso dar a ela o mesmo prazer que lhe oferece. Quando assumi seu lugar, recebi dos Poderes o dom de possuir uma vampira. Kara me teve como vampiro e como homem. Não a julgue por tais méritos; quando você faz isso, torna tudo desprezível – afirmou Jan, olhando-o nos olhos com ar vitorioso.

–Então temos dois reis? – perguntou Ariel, perigoso e cego diante das palavras de Jan Kmam.

–Está enganado, existe somente um rei. – Pois tenho certeza, que não foi esse detalhe que o tornou rei da espécie. Assumi seu lugar anos atrás, mas não o quero de volta. Você é o rei dos vampiros, mesmo estando completamente cego. – Jan pegou seu casaco e se preparou para sair, decepcionado com seu rei.

–O que vai fazer? Prender Kara?

–Isso não ajudaria nenhum de nós. Vou procurar Radamés para que me ajude a trazê-la de volta. Proibi Kara de fazê-lo, seria muito perigoso. – Só lhe peço um favor, não revele nossa conversa a Afrodite. Eu temo pelo corpo de Kara que ela ocupa.

–Espere, Jan Kmam. Preciso de provas e as buscarei. Até lá, terá meu silêncio. Amanhã, vá ao *château*, então decidiremos o que fazer.

Ariel viu Jan Kmam partir e foi para a janela. Depois, ficou observando a rua. Precisava tomar uma decisão antes de sair da casa de Bruce. Quando cruzasse a porta, teria de seguir em frente, e subitamente teve medo do futuro. Já não sabia conseguia se ver sem a presença da vampira em sua vida.

Capítulo 23 – A Última Chance

Adele estava no grupo de crianças francesas que buscavam chegar à Terra Santa. Uma empreitada que só as levou à morte e à escravidão. Hoje, tal acontecimento, a Cruzada das Crianças, parece fantasia, mito, mas ela existiu e foi ideia de um pastor francês chamado Estevão. Ele estava certo quanto ao fato de que somente os puros de coração e mente poderiam reconquistar a Terra Santa. Sua ideia, nada “santa”, conseguiu fazer centenas de adeptos em toda a Europa Ocidental. No verão de 1212, milhares de crianças, principalmente francesas e alemãs, deixaram suas casas para se juntar à cruzada. O que não sabiam é que nenhuma delas conseguiria atingir a Terra Santa. Quando chegaram a Marselha, famintas e sujas, deixando para trás as primeiras baixas causadas pela fome e pelo frio, encontraram transporte gratuito para a Palestina. Elas só não sabiam que estavam sendo enganadas. Adele estava entre essas crianças: tinha 14 anos, era órfã e servir a Deus parecia um bom destino. Em alto-mar, foram contidas e presas; as que resistiram foram mortas, as demais, avaliadas e vendidas como escravas. Foram colocadas em gaiolas: as mais feias, estupradas; as mais bonitas – e isso se aplicava também aos meninos – foram preservadas e separadas das demais. Adele possuía longos cabelos negros, pele muito branca, olhos negros, os lábios como duas amoras. Seria vendida a peso de ouro.

No mercado, muitos homens vieram olhá-la, a maioria falava a língua dos pagãos. Uma noite antes do leilão, o mercador de escravos que a detinha despertou-a e a fez caminhar até a sala. Acorrentada, sonolenta e com os cabelos soltos, foi observada por três compradores diferentes. Ela achou estranho, não era tola e, pelo que entendeu, fora vendida para os três! Como podia ser?

O primeiro deles se chamava Ahamed, e Adele o detestou; pois ele tocou seu cabelo longo, cheirou-o, ergueu seus lábios para ver seus dentes, como se ela fosse um cavalo. Ela tentou mordê-lo, empurrou-o feroz, ele a olhou com desejo e pareceu satisfeito com seu ânimo. O homem de quase 40 anos tinha olhos claros, a pele bronzeada, os cabelos já mostravam fios brancos. Era alto e forte como um jovem de 30. Cheirava a especiarias e fez a menina espirrar. Ele sorriu e tocou seu rosto com a ponta dos dedos, ela novamente quis mordê-lo e ele recuou, muito satisfeito. Pagou em ouro e saiu.

Logo depois, entrou o segundo. Adele o olhou, reconheceu suas roupas de francês e pediu ajuda, suplicante, mas foi repreendida pelo mercador, que a sacudiu com violência. Seu nome era Cortez. Não olhou seus dentes, apenas a cheirou e examinou sua garganta como se procurasse marcas. A menina sentiu medo e

tremeu com a proximidade, seus olhos eram translúcidos, percebeu os caninos longos. Sua pele era fina, podia ver as veias em sua face. Ele notou que a menina reconheceu a morte em seu olhar. Ela tentou recuar e ele a soltou, tocando seus cabelos com um riso diabólico na face.

Adele ainda tremia quando, 15 minutos depois, o terceiro e último interessado chegou. Veio vestido como um homem do deserto, a veste negra cheirava a lavanda e cravo. Adele o viu se sentar calmamente e esperar pelo mercador, recusando o vinho a ele oferecido. Falou em árabe, e o mercador compreendeu que ele tinha pressa. Novamente foi levada para a sala e posta diante do comprador. Ele não disse seu nome, e o mercador não perguntou. Havia algo nele muito semelhante ao do homem que a fez tremer de medo. Eram os olhos que, apesar de negros, transmitiam um estranho encanto. Sem que percebesse, estava a poucos passos dele. Em seguida, ele a chamou, e a menina, sem saber o que fazer, obedeceu-lhe. Ele descobriu o rosto e deixou a pele pálida exposta, mostrava-se para ela. Sorriu e a menina viu os mesmos caninos longos; e ele percebeu seu medo; e leu em sua mente que ela vira Cortez. Talvez houvesse chegado tarde, mas ela ainda estava ali, à venda. Tocou seus cabelos, o queixo, a pele macia, enquanto ela esperava, fascinada por seu olhar doce e negro. Mas, quando ela estendeu a mão para tocá-lo, ele a segurou delicadamente e a beijou. Adele notou o anel de prata que ele usava, e o tocou com a ponta do dedo.

—É um pássaro?

—Sim, a íbis, a representação do deus Thot na Terra — deixando-a disse examinar o anel pesado.

—Como se chama essa pequena gata curiosa? — perguntou ele, em sua língua, percebendo que ela puxou a mão da dele, sentindo sua frieza.

—Adele — murmurou e sequer pensou em pedir ajuda.

—Consuelo é bem melhor; afinal, parece uma espanhola — disse ele, tocando seu cabelo negro e sedoso. — Um garanhão árabe preso no corpo de uma menina — disse, olhando seus lábios carnudos. — Perfeita como a mim foi descrita.

O mercador apareceu; ele pagou e mandou que a levassem para o barco, pois estava de partida de Córdoba rumo a Marrocos. Era onde estava? Em Córdoba? A menina entendeu bem o nome da cidade e tentou chegar à janela, mas foi contida. O seu novo dono segurou a mão do mercador, que a puxava com rudeza.

— Não toque no que me pertence — ele disse, olhando o homem com frieza. O mercador a deixou se aproximar da janela e ver a cidade. O homem se aproximou, viu seus olhos brilharem felizes, ansiosos por liberdade. Finalmente, levou-a para junto do mercador e, antes de se retirar, olhou-a mais uma vez e saiu. Na manhã

seguinte, foi levada não para o barco, e sim para a casa de Ahamed, o comerciante de seda. O mercador de escravos a vendera para vários compradores e a entregou nas mãos do que pagou mais; logo depois, desapareceu.

Adele tentou fugir e gritou, esperneou, mas, ao levar um tapa de Ahamed, caiu no chão e foi arrastada à força para dentro de casa e trancada no quarto. Ele deu ordens e saiu da cidade. A vida mudou. Foi tratada com deferência, recebeu roupas e belos objetos, até mesmo joias; havia uma criada para banhá-la e vesti-la, alimentá-la, seus desejos eram atendidos, uma das mulheres da casa começou a ensiná-la a falar árabe. Seu francês era horrível, mas elas se entendiam. Tinha de aprender o novo idioma em um mês para que pudesse servir ao seu novo senhor, Ahamed. Durante aqueles dias, Adele comia, dormia, tomava sol e aprendia a falar a língua de seu “senhor”. Aos poucos, a saúde voltou e ela parecia uma maçã pronta para ser colhida. Foi quando Ahamed retornou. Estava no jardim brincando com os filhos das servas, quando ele apareceu no pátio. Desceu do cavalo e se aproximou, envolto numa túnica negra. Ele berrou algumas palavras em árabe para a criada e empurrou Adele sobre ela, que saiu às pressas, levando a jovem consigo. Foi quando ela percebeu que não tinha permissão para se expor, era somente para seus olhos, seu prazer.

Naquela mesma noite, foi vestida como uma princesa e levada à sua câmara. A princípio, ela gostou de suas carícias, dos afagos, mas depois ele se mostrou violento. Ela compreendia pouco e ele falava rápido demais. Menor e mais fraca, foi facilmente contida e possuída por um amante rude. Ele a ensinou a servi-lo, na cama e fora dela, logo o banhava, lavava seus pés, dormia no leito com ele e, com o tempo, aprendeu sua língua. Ela o odiava e tentou fugir várias vezes, mas era impossível afastar-se, e foi castigada. Ele usava um pequeno chicote, o mesmo que não ousava utilizar em seus cavalos – só em Adele, por puro prazer.

Por vezes, ele a tocava com carinho, segurava-a em seus braços, na cama, e murmurava palavras carinhosas em árabe aos seus ouvidos, cobrindo-a de beijos. Algumas vezes, deixava-a montar seus cavalos. Costumava vigiá-la no leito, enquanto dormia. Era a única pessoa que conhecia, que havia restado em sua vida. Por fim, ela o amava. Nenhum outro homem além de seus servos de confiança tinha permissão para vê-la sem o véu. Havia joias e roupas. Mas, estranhamente, quando o desejo o tomava, ele mudava, tornava-se cruel. Depois de dois anos vivendo com Ahamed, Adele adoeceu, vomitava muito e não conseguia ser tocada por ele.

Preocupado, – talvez com medo de perder a escrava que por mais tempo resistia a seus maus-tratos – mandou chamar um médico. O homem a examinou sobre o leito feito de véus e seda, tocou seu ventre, cheirou-a, ouviu seu coração,

observou seus olhos. Chamou Ahamed num canto e lhe falou sobre sua doença. Recebeu seu pagamento regimento e partiu. As criadas lhe trouxeram um cálice e a obrigaram a beber o remédio receitado pelo médico, e logo depois deixaram o quarto.

Ahamed estava distante, pensativo. Quando, finalmente, se aproximou da beira do leito, falou em francês, a língua proibida naquela casa.

– Em 40 anos de vida, jamais fecundei uma mulher – disse, tocando seu ventre e deixando seus anéis de ouro e joias arranharem a seda de sua veste. – Você é a primeira, Consuelo. – Foi a primeira vez que pronunciou o nome pelo qual ela insistia em ser chamada.

Estava com 17 anos. Nada sabia além do que Ahamed lhe infligia. Ele a beijou e, por fim, abraçou-a com força. Houve uma celebração, e ela passou de escrava a esposa, era tratada como a rainha na casa. As servas a vigiavam e protegiam, seu menor desejo era atendido. Sua relação com Ahamed mudou. Ele a visitava, beijava seus lábios, tocava seu ventre com carinho e partia sem satisfazê-la como amante. Consuelo se sentia carente e submersa em outro tipo de prisão, a solidão. Ouro, presente e carinho, mas ele havia se afastado. Claro, ela tentou seduzi-lo, levá-lo para o leito em uma de suas visitas, mas ele saiu sem nada dizer, rejeitando-a. Furiosa, tocou a barriga crescida e odiou a criança. Ela afastava Ahamed dela. Chorou e foi consolada pelas criadas. Os meses foram passando e havia dias de paz e dias de revolta. Ela descobriu que ele vinha se deitando com uma nova escrava. Enciumada, deixou de comer, destruiu o quarto e passou a gritar até Ahamed aparecer à sua porta. Cansada, arfante, sentindo o corpo pesado, Consuelo o viu olhá-la com adoração. Odiava aquele olhar! Como se fosse uma de suas éguas prenhas! Ele se aproximou, mas não lhe bateu como faria em outros dias, simplesmente a sentou no leito e a alimentou. Quando terminou, estava mais calma, corada. Despiu-a e contemplou sua barriga crescida, os seios cheios de leite. Tocou-lhe o ventre com a ponta dos dedos, sentindo seu filho se mexer. Beijou-a faminto e, cuidadoso, deu-lhe prazer e se afastou agitado. Mais um pouco e teria perdido a cabeça, possuindo-a por completo. Deixou o quarto e passou um mês inteiro sem visitá-la. Uma das criadas revelou que o mestre havia se exilado numa câmara na ala norte do palacete desde que ela entrara no oitavo mês de gravidez.

Um dia, Consuelo fugiu da vigilância das criadas e dos servos. Coberta com seu véu negro, seguiu pelas galerias até ouvir som de música. Chegou aos aposentos do marido e o encontrou sentado entre almofadas, fumando, entregue a seus prazeres. A música parou e a dançarina se jogou aos seus pés. Ele a envolveu e a ajeitou entre suas pernas.

Um grito feminino cortou o quarto. Ahamed estava sujo de sangue, e Consuelo, com sangue nas mãos. Havia matado a dançarina com uma faca.

–Por Alah! O que deseja, Consuelo? – berrou Ahamed tirando a faca de suas mãos.

–Quero você em meu leito. O que lhe fiz, por que não me deseja mais?

–Visito-a todas as noites, enquanto dorme – explicou, detendo-a em seus braços, pois ela tremia olhando o corpo da mulher morta.

–Quero você, por que me tortura desse modo? Era melhor quando me chicoteava...

–Não posso profanar o corpo da mulher que carrega meu filho – explicou, vendo suas lágrimas. – Falta pouco agora, minha querida. Só mais um mês. Suporte minha ausência como tento suportar a sua – murmurou, rouco de desejo. Afinal, estava quase em pleno ato com a dançarina, agora morta.

–Durma comigo, preciso do seu calor... Sinto-me muito sozinha – choramingou, abraçando-o com força.

–Não posso tê-la tão perto, perco a cabeça. Vá embora! – disse com brutalidade, enquanto sentia a pele macia junto da sua, seu cheiro enlouquecendo-o.

Tentando manter o controle, chamou seu criado e ordenou que a levasse embora. O homem não ousava tocá-la, só a guiava, no meio do corredor. Infeliz, furiosa, Consuelo caiu. Uma dor lancinante a jogou no chão. Ahamed correu e a ergueu nos braços, rumo ao quarto, enquanto sangrava. Perderia o bebê? O médico foi chamado e fez o parto, a criança nasceu viva, e Consuelo ficou entre a vida e a morte, mas, quando a febre cedeu, ela se recuperou. O menino foi chamado de Razi Omar. Ahamed mudou completamente, pareceu renascer com o menino. Subitamente, Consuelo era mãe, esposa e possuía uma família. Cinco anos haviam se passado, levava uma vida repleta de paz e amor.

Certa noite, após fazer amor com Ahamed, adormeceu e despertou em luta, alguém apertava sua garganta, cobria sua boca e a tirava do leito. Apagou antes que pudesse gritar e, quando despertou novamente, viu seu raptor por entre os véus do leito como uma sombra maligna.

–Poupei seu filho. Será uma criança muito bonita, pena que você não poderá vê-lo – disse, indo para perto da escotilha.

–Onde estou? O que fez com Ahamed? – falou em árabe.

–Basta desse idioma bárbaro. Fale francês, Consuelo. E, sim, seu marido está morto. Ele acordou quando entrei no quarto. Estamos a caminho de Paris –

avisou seco, frio.

Ela fitou seus trajes de seda e veludo e o odiou. Ele havia destruído sua vida, matado o homem que ela aprendera a amar. Tirado seu filho de sua vida...

—Não!

—Calada! Esqueça sua antiga vida e todo o resto. Eu sou seu verdadeiro dono. Eu a comprei a peso de ouro e fui enganado por aquele ladrão de camelos! Esperei cinco anos para ter o prazer pelo qual paguei — disse, fechando a mão sobre sua garganta. — Você é bonita demais para continuar “parindo”. Tenho um destino melhor para você. Será eternamente jovem, Consuelo.

Dizendo isso, apoderou-se de sua boca num beijo frio, estranho, enquanto suas mãos cobriam seus seios. Havia uma garrafa de vinho próxima, ela a pegou e o acertou com força. Cortez sacudiu os cacos de vidros e a encurralou junto à porta trancada, onde ela cessou sua fuga.

— Como adivinhou que estava com sede? — dizendo isso, mordeu-a enquanto ela gritava e se debatia.

Consuelo despertou de um salto. Olhou à sua volta e se viu num quarto luxuoso, repleto de objetos caros. Deixou o leito e reconheceu suas malas e objetos próximos ao closet. A porta estava trancada e não havia janelas. Usou os poucos poderes que desenvolveu e percebeu que estava no subsolo de um prédio. Podia sentir o peso da construção, sons não muito definidos, corações e movimento dos carros. Vozes e música. Tocou a cabeça, estava recuperada da pancada sofrida, havia sangue no colo e nas roupas; os cabelos estavam soltos, sujos de sangue.

Onde estaria? Seth provavelmente a vendera, mas para quem? Quem a compraria? Sua única chance era Jan Kmam. Sim, contaria com ele, afinal Jan a mandou procurar Togo. Ele sentiria sua falta, mas chegaria a tempo de salvá-la? Era impossível saber. Tentou tocar sua mente; todavia, não conseguia, não tinha conhecimento suficiente para fazê-lo, havia laços de sangue. Sua ignorância pesava grandiosamente sobre seus ombros em ocasiões como aquela. Não andava armada, não sabia lutar o suficiente. Só sabia ser perversa e bela como uma serpente. Mas até mesmo elas tinham seu veneno para se defender. E ela, o que possuía além do belo corpo e de suas mentiras? Nunca se sentiu tão insatisfeita como nos últimos meses, dentro dela vivia uma revolta grandiosa contra todos os que a usaram e abandonaram. Seu desejo de vingança crescia.

Subitamente, ela ouviu passos, não havia batimentos cardíacos, o que lhe dizia que quem se aproximava era um vampiro. Havia cheiro de sangue fresco e perfume masculino. A porta se abriu, e Consuelo decidiu que ficaria sentada no leito. Um vampiro trouxe um balde de prata com água morna, uma garrafa de

sangue e duas taças de cristal. Depositou-as sobre a mesinha e saiu sem dizer uma palavra que fosse.

Não lhe fez perguntas, ele era apenas um criado. Seu mestre, com certeza, logo apareceria. Consuelo saiu da cama, e a sensação do sangue seco sobre a pele a venceu. Tirou as roupas sujas e procurou o banheiro. Mergulhou na banheira cheia de água quente e relaxou. Vestiu um dos roupões de seda, penteou os cabelos, desembaraçando-os, e, por fim, escolheu um belo vestido negro de seda. Calçou os sapatos em estilo boneca de verniz e prendeu o cabelo. Quando terminou, parecia ter fugido dos anos 1930 com aquelas roupas e maquiagem. Olhou-se no espelho e sorriu. Adorava ser vampira, a juventude e a beleza eram seus maiores presentes. Às vezes, lembrava-se de Razi, seu filho, de Ahamed, mas não tinha mais lágrimas para lamentar seu passado como mortal. Tudo estava acabado e ela, bem viva. Sentou-se na poltrona próxima e esperou. Logo seu anfitrião apareceria, e ela estava pronta para negociar sua liberdade.

Ângelus recebeu um velho conhecido no escritório e ouviu suas queixas com muita atenção. Gary reclamava do desaparecimento de seu pupilo, Ryan, um jovem vampiro de apenas dez anos de imortalidade, veio ao clube e não mais voltou. Alguns conhecidos disseram tê-lo visto em companhia da campeã do rei e que, depois disso, havia desaparecido. Ângelus sabia muito bem onde estava seu pupilo. A campeã do rei o matara há duas noites, exauriu-o como somente uma vampira de dois mil anos faria. Ele o viu virar cinzas e nada pôde fazer, não havia corpo para que chamasse os Pacificadores, não podia detê-la sem provas, não podia revelar que observava seus clientes através de câmeras. Para piorar a situação, havia boatos de que ela tinha um caso secreto com o rei dos vampiros. Ela era filha de sangue de seu favorito. Ângelus gostava cada vez menos da situação. Sem alternativas, resolveu ligar para um velho amigo e chamá-lo para uma conversa. Deu uma boa desculpa a Gary e prometeu tentar localizar seu pupilo, era o que poderia fazer por ora. “Somente o rei poderia lhe revelar a verdade através dos Poderes”, pensou, vendo Gary partir.

Avisou a seus homens que não receberia mais ninguém além do rei. A campeã estava entretida e não iria embora antes das três da manhã; se tentasse, seria detida. Desceu para o subsolo, precisava ver sua convidada. Estava ansioso. Na noite anterior, quando Petrus trouxe Consuelo, ela estava desacordada e ferida, ele apenas a colocou sobre o leito e a deixou para que se recuperasse; o dia chegava. Olhou-se no espelho e seguiu em frente, pegou as chaves no bolso e abriu a porta. Encontrou-a sentada na poltrona, observando as unhas longas pintadas de vermelho-bordô. Ela estava lindíssima, havia se trocado e parecia somente um pouco pálida, precisava de mais sangue. Ângelus se aproximou e não viu medo em

sua face; ela parecia feita de mármore e confiança, bem diferente da menina assustada que fora vendida a três compradores diferentes em Córdoba. Estava diante da poltrona e percebeu que ela se mostrava bastante segura e não recuou; testou-a deliberadamente e se afastou.

—Você ainda tem sardas sobre o nariz, a morte não conseguiu roubá-las de você, Adele.

—Nós nos conhecemos? Como sabe meu nome...? — quis saber, inquieta.

—Foi há muito tempo, Adele, mas vejo que nunca me esqueceu, usa o nome que lhe dei. O nome verdadeiro de sua alma, Consuelo.

Consuelo se inclinou para a frente e, por fim, ficou de pé. Olhou o vampiro de alto a baixo e só então percebeu que realmente o conhecia. Os olhos negros, o modo doce como eles a fitavam. A beleza do sorriso... De imediato procurou o anel em sua mão, Ângelus a estendeu; sabia que ela o procuraria. Quando ainda mortal, olhou-o com muita curiosidade.

—Vejo que agora sabe quem sou — disse suavemente, andando pelo quarto.

—Faz 800 anos que nos vimos a primeira e a última vez. Por que Seth me passou para suas mãos como se fosse meu dono? Não sou mais uma escrava à venda. O encontro era inusitado e, subitamente, ela teve medo das intenções do vampiro. Jamais soube o que ele realmente queria quando a comprou. O mercador enganou muitos e, provavelmente, ele jamais o localizou para buscar informações ou recuperar seu ouro.

—Espero que não se aborreça, mas realmente a comprei pela segunda vez. Só que, desta feita, eu não paguei em ouro e prata. Meu nome é Ângelus, tenho três mil anos e, nos últimos 800, venho somente observando você a distância.

—Eu preciso ficar comovida? — perguntou a vampira, cínica; agia como de costume. Era sua única defesa.

—Jamais esperei que tivesse tal reação. Somos vampiros agora, você não é mais uma garotinha indefesa; pelo que sei, tem garras bem afiadas. Eu tive e tenho motivos para comprá-la por duas vezes.

—Gostaria de sabê-los — disse ela em árabe para provocá-lo.

—Agora, o mais importante é que descanse e pense a respeito da proposta que vim lhe fazer — respondeu Ângelus no mesmo idioma.

—Não gosto de quartos sem janela — disse ela, recostando-se na parede lisa.

—Foi o que imaginei. Em breve a situação pode ser resolvida. Todavia, como disse, vim fazer uma proposta — insistiu o vampiro, vendo Consuelo olhá-lo com

frieza e atrevimento. – Séculos atrás, pretendia ser seu mestre; este ainda é meu desejo. Quero que se torne minha pupila.

–Você demorou bem mais que a maioria. Mas terminou fazendo a mesma proposta que quase todos os vampiros fazem quando querem se tornar meus amantes. Acontece que, dessa vez, vai ser diferente. Já estou bem crescadinha para ter um mestre, não acha? – afirmou ela, cruzando os braços e olhando-o com deboche.

–Tem 800 anos e só consegue usar cinco poderes. É bela e forte, mas tem muito a aprender. Deve saber que é descendente do sangue dos antigos. Isso lhe diz alguma coisa?

–Não muito. Afinal, de nada valeu. Cortez sempre me tratou como sua escrava. Ele jamais me ensinou algo além de dor e ódio. Mas, como vê, sei me virar muito bem sozinha...

–Saiu de sua terceira condenação há um ano. Se não tem conhecimento, vou lhe esclarecer: seus crimes a levaram ao limite. O próximo colocará sua cabeça sob a lâmina do machado e sem chance de perdão.

–Isso é problema meu. De repente despertou e decidiu que precisava me salvar? Por que não diz a verdade, o que quer realmente?

–É, e veja onde você está, refém de outro vampiro. Alguém sabe de seu paradeiro?

–Sim, Jan Kmam, o favorito do rei. Rapto é crime diante dos Poderes! – Consuelo se queixou, perdendo a calma e a indiferença que mantinha como defesa.

–Pelo que sei, ele não a matou por um milagre. Outro de seus ex-amantes com o qual mantém uma relação de vingança e ódio. Não quero tornar sua escolha difícil, não vou torturá-la nem possuí-la contra sua vontade. – Ele parou ao ver seu ar de deboche. – Mas posso manter você aqui o tempo que achar necessário para que pense. Minha intenção é a melhor possível, quero ser seu mestre, de algum modo reparar minha ausência em sua vida...

–Não seja patético! Onde você esteve quando eu era chicoteada por Ahamed ou Cortez? Ou quando fui sentenciada? Não preciso de sua pena! – Consuelo estava realmente ofendida.

–Pena? Não, não é isso o que sinto a seu respeito. A comunidade vampírica, sim, a olha com pesar, receio, deboche e até repúdio.

–Por que não voltou para me buscar? – A pergunta foi feita em tom ressentido. O que deu a Ângelus a certeza que ela ansiava por sua volta. – Por que

somente agora veio bancar o anjo da guarda? – Consuelo estava magoada e aborrecida, pois o esperou, desejou que a salvasse.

–Quando fez cem anos e ganhou sua maioridade e, acredito, lucidez o bastante para saber o que era certo ou errado para um vampiro manter sua cabeça, eu a vigiei e esperei que evoluísse. Tinha condições para fazê-lo, mas não o fez. Você preferiu mendigar o amor de vários vampiros, virar criminosa, ser punida, humilhada... – Ângelus falava calmamente, expondo suas falhas.

–Saia! Não ouvirei sermões por levar minha vida como desejei. Não serei julgada!

–Eu não terminei.

Consuelo olhou o canto vazio e se espantou ao voltar a face e ver Ângelus junto ao seu corpo. Recuou e encontrou a parede às suas costas. Ele a fitava com seus olhos negros e nada neles lembrava a doçura de antes. Consuelo arregalou os olhos com sua demonstração de força e esperou que ele recuasse. O vampiro falava muito sério, viu seus caninos, os lábios macios e cruéis. Mesmo que lutasse, perderia; ele tinha três mil anos, poderia fritá-la com um olhar mais demorado.

–Deixei que continuasse e o que fez? Uniu-se sempre ao que havia de pior na espécie: Gustave, Graco, Savedra... Este foi o pior de todos – Ângelus falava com ciúmes. – Saiu de sua sentença e se juntou a Seth! Você se olhou no espelho ultimamente? Percebeu o quanto ele roubou de sua beleza e força quando se alimentava de seu sangue, sugando seu vigor e seus poderes? – Ângelus estava furioso. – Deixando-se usar como uma prostituta mortal por aquele parasita! – disse ele ofendido.

–Ele foi o único que me ajudou quando saí da Caixa. Não me lembro de tê-lo visto me esperando – afirmou Consuelo, sem perceber que o irritou novamente.

–Por que tem sempre que depender de um vampiro? Você se diz livre, mas está sempre buscando um amante para mantê-la, usá-la?

–Isso definitivamente não lhe diz respeito.

–Consuelo, pense bem na proposta que lhe fiz. E, acredite: serei apenas seu mestre, jamais seu amante. – Ângelus percebeu que ela semicerrou os olhos, surpresa e ofendida por ter sido rejeitada. – Vou ensiná-la a usar seus poderes, a lutar, a desenvolver-se como vampira. Colocá-la de volta em nosso meio e lhe dar algum respeito para que circule entre os vampiros sem ser morta, perseguida e humilhada. No fim, acredito que possa ficar diante do rei sem ser castigada, presa ou morta. Pense bem, é sua última chance.

–Eles jamais me aceitarão... – Revelou a contragosto, ferida por suas palavras que traziam tantas lembranças ruins.

–Isso é problema meu. Devo avisá-la antes que aceite. Se aceitar, estará firmando um compromisso comigo. Faremos os laços de sangue e, se não conseguir educá-la, eu a matarei ou a entregarei aos Poderes. Eles saberão o que fazer. Quero a resposta amanhã.

–Se eu não aceitar, o que acontece?

–Já lhe disse, lhe darei tempo para pensar. Comece com a seguinte questão. – afirmou Ângelus, olhando-a misterioso e com uma expressão cruel na face. – Quando chegou aqui, estava com a cabeça em pedaços. Devo perguntar o que fez a Seth para merecer tal tratamento? Ou por que ele aceitou minha proposta e a vendeu para mim? – Os olhos do vampiro brilhavam misteriosos.

–Ele não tem direitos sobre minha pessoa, nem você. Deve soltar-me.

–Posso abrir a porta e deixá-la partir. Claro, vai ter de enfrentar Seth. É isso que deseja? – Ângelus jogou cruelmente, sabendo que ela não tinha para onde ir.

–Por que está fazendo isso? – quis saber ela, olhando o vampiro com raiva.

–Realmente interessa a você saber?

–Sim – revelou Consuelo de imediato, fitando-o com ansiedade.

–Foi o que pensei.

Dizendo isso, Ângelus saiu do quarto e trancou a porta, deixando a vampira sozinha para que decidisse.

Capítulo 24 - Morte para a Verdade

Ariel partiu da casa de Bruce com a sensação de que havia deixado toda a sua alegria para trás. Pensou em voltar e procurá-la como se a houvesse perdido, como se fosse possível recuperá-la. O carro o esperava na lateral do prédio, o motorista, um Pacificador, abriu a porta assim que o viu se aproximar. Ariel se acomodou no banco traseiro da Mercedes S prateada e mentalmente lhe indicou a próxima parada. Lembrava-se do beijo apaixonado que trocou com Kara, das juras de amor, de como retribuiu e jurou que logo ela seria sua rainha.

Quando o carro estava em movimento, fez uma ligação, dando instruções aos Pacificadores. Ao desligar, recebeu uma chamada. Era Ângelus, ele atendeu à ligação e, ao ouvi-lo, percebeu que a verdade logo apareceria diante de seus olhos de forma triste e odiosa.

–Estarei com você dentro de uma hora, não a deixe sair, quero manter tudo em segredo – sua voz estava baixa e cheia de frieza.

–Certamente, Majestade – respondeu Ângelus, e desligou.

Ariel abriu um pequeno compartimento na Mercedes e, de seu interior, tirou uma moeda de ouro que colocou no bolso. O carro rodou mais cinco minutos e parou diante da casa de Corinto. O Pacificador que lá vivia disfarçado abriu a porta da garagem e a Mercedes estacionou. Ariel desceu e entrou pela porta lateral, passou pela sala vazia e subiu as escadas, rumo ao quarto onde Corintos geralmente ficava a maior parte do tempo. O adivinho estava sentado junto ao aquecedor e via TV. Mas, assim que sentiu a presença do rei, desligou-a e o olhou com interesse.

O rei se aproximou e, num gesto simbólico de quem procurava aconselhamento com o invisível, depositou em sua mão uma moeda de ouro. Corintos sorriu tristemente e viu o rei se sentar diante dele e esperar. Ele vinha sendo mantido em prisão domiciliar a mais de cinco séculos. Era um grande momento para o vidente, ele se sentia vingado; afinal, o seu algoz curvava-se diante de seu poder.

–Sempre respeitei sua autoridade, e jamais compreendi por que me sentenciou à prisão, e não à morte.

–A sentença de morte estava reservada à sua mestra. Ela o tocou, mesmo sabendo que era proibido; contudo, não posso sentenciá-lo à morte, o seu cavaleiro buscaria outro, e eu teria um mistério nas mãos. Mantendo-o vivo, sei bem onde vocês dois ficam e a quem estão servindo – revelou Ariel, calmamente.

–O que deseja? O maldito Livro está cego? Por que me procurou? – o vampiro se aborreceu, mesmo sabendo o que o rei desejava.

–O que desejo não interessa ao cavalo, só ao cavaleiro. Chame-o! – Ariel foi duro como sabia ser quando precisava.

–Então que seja, fale com ele. Espero que ele cure sua dor antes que ela o mate, majestade – Corintos falou e sua face tremeu.

O vidente chamava o espectro de Quirino e ele veio. O vampiro suspirou alto e estremeceu, seu corpo se retesou e Ariel pôde perceber as mudanças em sua face. O processo parecia doloroso, mas, no fim, houve calma e, quando ele fitou o rei, Ariel pôde perceber seu olhar astuto sobre sua face nada satisfeita.

–Majestade, quanta honra – disse Quirino suavemente.

–Está diante do rei dos vampiros, menos cinismo.

–Certamente – ele disse, fazendo uma medida, embora continuasse sentado em sua cadeira. E se serviu de um cálice de sangue.

–Você sabe o que vem acontecendo?

–Essa é a terceira vez que me consulta, e o motivo é sempre o mesmo: uma vampira. Claro, o pobre Corintos acha que é a primeira vez que vem atrás de seus conselhos. Mas, se quiser, posso fazê-lo esquecer como das outras vezes...

–Como dizem no Brasil, pouco me importa o que faz com o “cavalo”. Quero que me conte o que está acontecendo. Por que o pupilo de Frigia foi assassinado e o Livro não revelou isso? – Ariel estava sem nenhum humor e paciência, muito estava em jogo para aguentar melindres.

–Deveria perguntar ao Livro...

O tapa o pegou no meio do rosto e o fez virar a face, tamanha a força. Ariel estava realmente sem paciência. Quirino sentiu gosto de sangue nos lábios e o saboreou, olhando o rei com atrevimento. Quando ele habitava o corpo de Corinto, ficava cheio de poder e vaidade. Mas, se continuasse enfrentando Ariel daquele modo, encontraria seu fim.

–Não há muito que revelar desde que soube de sua morte e ressurreição. Tudo ficou bastante quieto, como se algo houvesse morrido, se perdido. Claro, há essa vampira de corpo jovem e alma decrépita vagando entre nós como um alerta de perigo – o vidente falou, tomando um longo gole de sangue e se deliciando com o sabor. Era sangue humano. – Desde que entrou em nosso mundo novamente, as coisas ficaram agitadas. As noites, e até mesmo os sonhos, mudaram. Ordália não admite, mas nós, dentro do Templo, sabemos quem ela é. Por que vossa majestade não saberia?

–Eu não quero ir tão longe – revelou Ariel, sincero e misterioso. E, insatisfeito, mentiu para o adivinho. – O passado dela eu desvendarei sozinho quando a tornar minha rainha.

–Vai tão longe com a nossa destruidora? – sorriu Quirino, debochado.

–Vocês precisavam ser detidos. Pergunto-me o que seria do mundo hoje se não houvessem sido vencidos por Maat e Alita. Agora me conte algo que eu já não saiba – revelou Ariel, sabedor daquela velha história.

– Então a conhece, viu seu passado quando a possuiu à força anos atrás? Vamos, não seja tímido! Nós sentimos sua fome e nos deliciamos com seu ato.

–Maldito! Não ouvirei por duas vezes minhas falhas. – Ariel o segurou pela garganta irritado e, por fim, soltou-o, temendo ferir Corinto, e não Quirino.

– Acalme-se, majestade, não mate o cavalo. – brincou cínico tossindo e tocando a garganta e por fim falou amável, saboreando o nome de sua inimiga – Alita – Sabia que o significado desse nome, é “a escolhida”? – falou com os olhos brilhando – Claro que sabe, assim como deve saber que o nome Kayla, significa pura, inocente e também “Coroa de Louros”. Mas ambas estão, mortas, amaldiçoada.

– Não ouse pronunciar o nome delas. – sussurrou o rei e o fez sentir dor.

O vampiro tocou a cabeça e arfou, e quando se viu livre do poder do rei falou:

–Ela o envenenou com sua doçura, nossa inimiga, a redenção em forma de amante. – O adivinho ria.

Ariel Simon, o rei, jamais revelou a quem quer que fosse o que viu quando, enlouquecido de desejo, sugou seu sangue a possuindo sem seu consentimento. Temeu por sua segurança, mas se lembrava com curiosidade das visões que teve. Ele mergulhou em sua alma e a viu, Alita, que posteriormente se transformou em Kayla, lutando furiosamente contra vampiros, homens e lobos, vestida como uma guerreira em um tempo tão distante que sequer conseguia definir qual seria. Mas sua face era a de Kara, tal como ela era hoje. Foi nesses dias que ela viu Náder, ainda mortal, hoje Jan Kmam, pela primeira vez. Quando ele foi tocado pelos Anciões, se tornou Johari, “a joia”. Ele era herdeiro do sangue de Ordália, “filho da casa dos Anciões”, assim chamados todos tocados com a imortalidade. E com eles dividia matanças e lutas, quando ainda possuíam carne e sangue, e dominavam os mortais à sua volta como se fossem deuses. Alita passou a combatê-los quando teve a casa invadida e toda a família morta pelos chamados “Deuses da Noite”. Furiosa, ela deixou sua aldeia e seguiu lutando com alguns homens, dentre eles

Bennu, que Ariel identificou como Radamés. Seus destinos estavam ligados, sempre estiveram.

Durante uma luta, a guerreira se viu em apuros, estava cercada por lobos, mas um vampiro a salvou: Náder – devedora por salvar sua vida – não o matou, e esse foi seu erro. O amor entre eles foi arrebatador, proibido e condenado. Bennu, sentindo-se traído, buscou os “Deuses da Noite” e os entregou. Ordália recebeu o traidor e, logo depois de ouvir sua revelação, entregou-o aos seus escravos para que o matassem. E como vingança, surpreendeu os amantes, e executou seu pupilo como traidor diante da guerreira. Mas era tarde, ele já havia dado seu sangue a Alita.

Transformada em vampira e tão poderosa quanto seus inimigos, ele os combateu mais ainda e, para vencê-los e vingar seu amante, invocou Maat, dando a própria vida como pagamento. A deusa os puniu, tirando-lhes os corpos e jogando-os dentro do Templo da Esfinge, até que Radamés aparecesse e os libertasse parcialmente. Desde então, a guerreira e o vampiro se buscam pela eternidade, uma vida após a outra, sem descanso. Ariel sabia que uma alma tão poderosa não podia ser conquistada, somente seduzida, convencida a ficar ao seu lado.

Ariel saiu de suas lembranças e se aproximou do adivinho para colocar sobre sua garganta um punhal pequeno e antigo.

–Fale! Quem habita o corpo de Kara?

–Está satisfeito? – perguntou Quirino, insistindo na tortura, sem se importar com a ameaça. Divertia-se com o sofrimento do rei.

–Estou sem paciência para seus enigmas. – O rei o puxou da poltrona e o jogou duramente ao chão.

–Perguntei se está satisfeito! Afinal, vem dormindo com as duas vampiras mais poderosas de nosso mundo. Diga-me, não se sente privilegiado?

Ariel o recolheu do chão e socou seu rosto, enquanto Quirino ria diabólico. Furioso, Ariel o soltou e se afastou, temendo matar o vampiro.

–Sim, majestade, essa é a dolorosa verdade, mas o vejo frustrado. Quantas mais desejava em sua cama? Possuiu o corpo de sua amada campeã, mas quem se satisfaz é sua antiga mestra, aquela que lhe deu a imortalidade.

Quirino falava friamente, como bem sabia ser; afinal, destilava somente desgraça em suas visões, era o arauto da desgraça e, por esse motivo, mantido prisioneiro.

–É nisso que acredita, semideus? Sou filho de algo bem mais puro e poderoso que a cobra egípcia. – Ariel cuspiu e sentou-se para vê-lo se erguer e

voltar à sua poltrona. Visivelmente cansado, procurou o cálice de sangue, buscando recuperar as forças.

–Por que veio? Você desconfiava... Vamos, faça um esforço... – disse Quirino, assim que se sentiu melhor.

–Como aconteceu? – Ele precisava ouvir novamente.

–Kara abriu as portas de sua alma para Afrodite. Talvez em suas idas e vindas, a tenha levado para o Jardim sem perceber. E o que era um vestido de festa se tornou habitual, uma moradia.

–Onde está a alma de minha campeã?

–A princípio, entre os dois mundos. Mas agora, bem mais longe, ela foi para o Jardim em busca de Radamés.

Ariel Simon olhou o adivinho com espanto. Se ela fosse, não conseguiria voltar, não sozinha. Kara corria perigo, afinal não era de todo espectro, de sorte que sua condição entre os dois planos seria notada, e ela sofreria ataques com toda certeza.

–Sua coragem é espantosa, mesmo sendo um espectro. Pena, Kara não vai sair de lá inteira. Sem seu corpo, tornou-se uma lâmpada luminosa dentro da escuridão. Será absorvida pelos vampiros que lá habitam, famintos por sangue e energia.

–Não, isso não pode acontecer!

–Já está acontecendo, a alma dela se perde lentamente. Não será um fim digno de sua bravura – Quirino não mentia, mas, a pedido de Ordália, ele tirava qualquer esperança do rei.

Ariel se preocupou, precisava encontrar Kara e depressa. Sabia que era um jogo de gato e rato, mas, antes de jogá-lo, precisava salvar a alma de Kara de imediato. Viu Quirino partir, e Corintos desmaiar exausto, ele o colocou no leito, se acomodou na poltrona e fechou os olhos: foi para o Jardim.

Capítulo 25 – Um por Todos e Todos por Um

Kara estava caída no chão, o escudo que criara à sua volta a enfraquecia lentamente. Podia ver as rachaduras crescendo em torno de si, assim como a multidão de espectros famintos que batiam na proteção erguida. Apostou tudo para encontrar Radamés e, agora, provavelmente morreria ali mesmo, sem conseguir voltar ao seu corpo, mesmo sabendo como vencer Afrodite. Pensou em Jan Kmam, enquanto via sua defesa ruir. O escudo se quebrou em vários pedaços, como se fossem feitos de vidro, e sumiam antes de tocar a grama.

Usou sua energia e os manteve afastados, mas, ao sentir o primeiro deles tocá-la, gritou, empurrando-o para longe; e assim fez com vários, até cair sem consciência no chão e ser coberta por eles. A luz de sua alma sumia, sendo sugada pelos espectros famintos.

Eles começaram a ser afastados e mantidos a distância, alguns fugiram. Por fim, o espectro de Kara ficou no chão – ela estava quase sumindo, quando Ariel a tocou. Suas mãos lhe atravessavam o corpo. Sem perda de tempo, ele colocou uma das mãos sobre seu coração e a outra sobre sua cabeça, descarregando em cima dela parte de sua energia. A vampira tomou corpo novamente e abriu os olhos. Um pouco mais e a teria perdido. Ergueu-a nos braços e buscou um recanto dentro do Jardim. Se saísse, a perderia de vista. Ela segurou seus ombros e levantou a cabeça lentamente, até cair dentro do olhar verde de Ariel. Ele sorria feliz e preocupado.

–Eles foram contidos, está em segurança – disse Ariel, tocando seu rosto com carinho.

–Eles me atacaram, tentei sair, mas Ordália fechou o portal... Como você soube?

–Aquela maldita vai me pagar bem caro! – Isso agora não importa, acalme-se, precisa recuperar as forças para que a ensine a sair do Jardim. Encontrou Radamés?

–Sim, ele está além do Jardim, preso em sua tumba. Ele foi banido por Afrodite, mas está reunindo forças para voltar – disse Kara, percebendo no olhar apaixonado do rei sua tristeza. – Eu sinto muito.

–Por que se desculpa? Por eu acreditar em uma ilusão, ou por continuar amando você? – perguntou o rei, ciente de que sua ilusão chagara ao fim.

–Por tudo. E, mesmo assim, acho que não é suficiente para apagar a dor que lhe causei. Jamais deveria ter me tornado sua amante anos atrás. Não foi uma união justa: eu o desejava e você me amava.

–Eu sempre a amarei – disse Ariel, e a beijou.

Kara tocou seu peito e não recuou; deixou que ele a tocasse. Quando Ariel se afastou, ela afagou seu rosto de modo carinhoso.

–Acabou quando abandonei o *château*. Naquela noite, eu deixei claro que amava Jan Kmam. O desejo me uniu a você, Ariel.

–Queria tanto que fosse verdade que acreditei nas mentiras de Afrodite. Quando Jan Kmam contou, eu me segurei em lembranças antigas de nós dois e quase rezei para que ele estivesse enganado. Mas não estava. – Dizendo isso, Ariel beijou a testa de Kara e a puxou pela mão.

–Aonde vamos? – perguntou ela desconfiada.

–Precisa sair do Jardim, seu espectro está perdendo energia aqui dentro.

Ariel a levou por outro caminho – na verdade, para debaixo do caramanchão de rosas vermelhas – e lhe mostrou uma saída.

–Eu estive aqui e não havia nenhuma passagem – murmurou Kara, aborrecida.

–Você criou o lugar para se esconder de Graco e Consuelo, mas eu o invadi, lembra-se? – disse Ariel, fazendo-a se lembrar de quando a forçou render-se a ele em troca da vida de Jan Kmam.

–Estava aqui o tempo todo.

–Sim, o Jardim é cheio de portais, basta saber vê-los; sua chave são as rosas: onde elas estiverem, há uma saída.

–Obrigada, Ariel – agradeceu Kara e, antes de partir, abraçou-o.

–Agora vá, perdeu muita energia. E não se preocupe, eu e Jan Kmam a traremos de volta em segurança. – Ariel soltou sua mão e a viu passar por entre as rosas e sumir.

Ariel Simon voltou ao seu corpo. Quando abriu os olhos, viu Togo e os Pacificadores à sua volta, guardando-o. O líder dos Pacificadores o olhava preocupado e tenso. Certamente quando os Pacificadores o viram em transe decidiram chamá-lo.

–Acalme seu coração, Togo. Estou muito bem – disse Ariel, tocando sua mão com força e olhando-o nos olhos.

–Vossa Majestade deve saber os riscos que correu – disse Togo, repreendendo o rei de modo respeitoso.

–Foi necessário. Quanto tempo antes do amanhecer? – perguntou Ariel, recebendo seu casaco das mãos do Pacificador. Sentia-se um tanto confuso; afinal, dera parte de sua energia para Kara. Estava faminto.

–Três horas – respondeu Togo, olhando a face pálida de seu rei.

Foi até a garrafa de sangue e a viu vazia – Corintos estava no leito. No carro, havia uma, mas sempre poderiam pegar alguém no caminho.

–Amanhã, quero Corintos fora de Paris. Quero-o na Romênia até segunda ordem. Venha comigo, Togo. Sua presença a meu lado foi providencial. Você conhece o Paradise?

–Não, majestade. Os serviços de Ângelus não são a mim necessários – respondeu Togo, com uma pontada de ciúme na voz.

–Bem, hoje vai conhecer. Será interessante, eu prometo.

Togo ficou realmente curioso, mas, conhecendo seu rei, preferiu nada dizer, só o seguiu preparado para agir segundo suas ordens. Ariel e ele caminharam na direção do carro na garagem e entraram. Togo o seguiu pelas ruas de Paris rumo ao Paradise.

Capítulo 26 – Ao Mestre com Carinho

Jan Kmam deixou a casa de Bruce debaixo de protestos. Ele insistia para que ficasse, temia seu encontro com Afrodite no apartamento. Contudo, Jan sabia que precisava dar à vampira segurança. Ele precisava agir com cautela e naturalidade; quanto mais enganada Afrodite estivesse, mais protegido o corpo de Kara estaria. Alimentou-se e dirigiu seus passos para casa. Estava no meio do caminho quando seu celular tocou, olhou a tela e ficou realmente surpreso. Atendeu à ligação e aceitou o encontro num café próximo ao apartamento.

Otávio estava sentado, esperando-o. Diante dele, uma dose de conhaque. Vestia-se de modo mais informal: blazer, calças bem cortadas, sapatos, cachecol de seda. Deveria estar aproveitando sua nova condição de solteiro. Quando viu Jan se aproximar, mostrou-lhe a cadeira e ele sentou. Por alguns minutos, apenas se encararam. Otávio estava distante, o que era normal depois de tudo que aconteceu. O seu ataque à campeã do rei não foi mantido em segredo, todos sabiam que a odiava, agora abertamente, e se mantinha distante do irmão, do rei e de seu antigo pupilo. Havia entre eles paz e uma distância respeitosa.

—É bom revê-lo, Otávio – disse Jan, assim que o garçom se retirou, deixando um cálice de vinho. — Soube que esteve fora, onde mesmo?

—África do Sul.

Otávio respondeu-lhe e adicionou sangue ao conhaque discretamente. Quando tentou fazer o mesmo no cálice de Jan Kmam, o vampiro cobriu o cálice com a mão, recusando delicadamente. Otávio percebeu que a conversa seria amistosa, porém fria. Ele já esperava por isso, motivo pelo qual não o abraçou, mesmo desejando muito; teve medo de ser repudiado, e isso não suportaria.

Assim que recebeu a ligação de Togo, acreditou que houvesse acontecido algo com Ariel. Mas, ao ouvir que ele estava vivo, quase voltou a Paris, mas a presença de Kara o impediu. Além do mais, Ariel não ligou; mandou Togo, e isso significava muito. Seu irmão deveria encontrar-se arrasado, Kara o deixaria e retornaria aos braços do antigo amante, deixando-o em definitivo. Desistiu da viagem e avisou Clio, a vampira com a qual dividia sua imortalidade naqueles dias. Estavam vivendo juntos, mas apenas fazendo companhia um ao outro, nada mais. Afinal, Clio ainda amava Jan Kmam. Depois de muita insistência da vampira, eles voltaram para Paris, onde estavam há quase seis meses, mas sem se aproximar. Por vários motivos, resolveram apenas observar; um deles era o fato de Kara estar possuída por Afrodite.

–A que devo a honra? – Jan não ia facilitar.

–Saudades de meu ex-pupilo. É o suficiente, não acha?

–Como está Clio? – perguntou Jan, jogando; afinal, Otávio não o havia chamado por acaso.

–Ainda o amando perdidamente. Seria um bom momento para uma reconsideração – sugeriu Otávio, olhando-o seriamente. – Ela mudou muito, não é mais a vampira problemática de séculos atrás.

–Achei que fossem amantes, agora que está sozinho.

–Clio é uma ótima companhia, mas não é meu tipo de vampira. Prefiro mortais e vampiras menos voluntariosas. Mas, no momento, estou sozinho, se quiser saber e contar a Asti – argumentou Otávio, como se a vampira se importasse ou sofresse por sua ausência.

–Asti não gosta de falar do passado, por melhor que ele tenha sido. Ela vive agora com Demétrius, mas isso você já sabe.

–Deveria tê-lo matado quando tive chance. Nós lutamos sem que ela soubesse; no fim, Demétrius venceu dizendo que ela me amaria muito mais se ele me matasse. – admitiu sem sentir vergonha.

–Demétrius agiu como um lorde. Compreendo agora por que Asti está realmente feliz. Já disse tudo, Otávio?

–Acalme-se, o mundo não gira somente em torno do umbigo de Kara – ironizou Otávio, percebendo o olhar frio de Kmam.

–Realmente não há motivo para alterações. O que me desagradava é vê-lo se comportar como uma sogra ciumenta – alfinetou Jan, sabendo que ele detestava a comparação.

Jan Kmam observou o ex-mestre com naturalidade. A noite havia sido bastante tensa, mas se armou de paciência para lidar com Otávio. Tinha por ele grande carinho e respeito. Otávio lhe dera a vida eterna; devia a ele um pouco de consideração, mesmo sabendo de seus erros e do modo como tratou sua amante e pupila. O que começou com antipatia e ciúme terminou virando ódio. Otávio jamais aceitou perdê-lo para Thaís e, depois, para Kara. Ele realmente agia como se Kara fosse sua nora. Algo ridículo e extremamente desagradável, afinal, eram vampiros. No princípio, acreditou que fosse implicância de Kara, mas, no fim, percebeu que, muitas vezes, ela foi vítima e, por amor a ele, tolerou sua implicância e até mesmo violência sem revidar. Situação que Jan não mais iria permitir.

O incidente no *château* fora a gota d'água, Jan não o procurou imediatamente porque Kara o impediu, prevendo um combate entre os dois. Ela queria paz para que vivessem sua imortalidade, agora que estavam novamente juntos. Sensível ao seu pedido, Jan esqueceu o assunto. Desse modo, ele foi encoberto assim como sua tentativa de matar Kara. Mas, agora, o assunto vinha à tona e seria discutido.

—Devo me armar? — perguntou Otávio, sorvendo um gole do vinho com deboche enquanto o olhava fixamente.

—Não seja cínico, você pediu esse encontro. Além do mais, a parte ofendida fui eu. Quando atacou Kara, me insultou e provocou.

—Você estava morto — disse Otávio, com naturalidade.

—Mas um motivo para preservá-la sendo herdeira de nosso sangue. Devo crer que esqueceu o que me ensinou? — perguntou Jan, incrédulo.

—Somos imortais e nosso ódio não mede barreiras — argumentou Otávio, usando uma velha desculpa.

—Devo usar a mesma desculpa e cobrar satisfações? Por que a odeia, o que ela fez para merecer seu repúdio? — Jan revidou à altura.

—Kara tem o dom de provocar sua desgraça. Isso não basta?

—Sou o favorito do rei, tenho mais de trezentos anos. Acredita realmente que minha amante é a culpada por todos os meus problemas, Otávio? Sinceramente? Você age como um mortal preconceituoso. Volte em seus passos e recupere sua lucidez.

—Não me julgue antes de conhecer a verdade. Fiquei sabendo de sua suposta morte com um mês de atraso. Fui ter com Ariel e a encontrei vivendo no *château*. Seu quarto ficava ao lado do rei. Kara parecia triste, mas não achei que sofresse o suficiente já que Ariel a tratava como sua amante.

—Foram esses os seus motivos para tentar matá-la? Não parou para pensar que Kara cumpria suas responsabilidades de campeã junto ao rei? — justificou Jan.

—Meus motivos foram bem outros. Não me surpreendeu que eles se tornassem amantes, sempre esperei que Ariel a possuísse, seu desejo por ela era antigo e ficou bastante óbvio quando fomos a São Luís. Era uma questão de tempo para que ela cedesse.

Otávio observava a face contida de Jan Kmam e percebeu que suas palavras não surtiram o efeito esperado, pelo menos ele não demonstrava. O vampiro não expressava nenhuma emoção, mantinha-se fleumático.

—Afrodite tomou o corpo de Kara, foi por isso que tentei matá-la — revelou Otávio, acreditando que surpreenderia o vampiro. — Vejo que já conhece a verdade.

—Sim, e me pergunto por que motivo não fez algo para nos avisar. Deve ter tido provas irrefutáveis para decidir que o melhor era matá-la — comentou Jan, frio e profundamente aborrecido, mas sem demonstrar sua frustração.

—Afrodite se mostrou completamente. Apesar de estar no corpo de sua amante, quase pude vê-la envolta em seda, joias e ódio. Estava prestes a mandá-la de volta para o inferno de onde saiu quando fui detido por Bruce, Ariel e toda a sua legião de fãs!

—Então tentou destruí-la, mesmo sabendo que agindo assim daria cabo do corpo de Kara — constatou Jan.

—Isso pouco importava diante da ameaça que Afrodite significa. Desculpe-me se toco seus sentimentos, mas não se engane: dentro do corpo de sua amante quem vive agora é nossa pior inimiga. A alma de Kara foi certamente destruída.

—Está enganado; Kara está viva, apesar de longe de seu corpo.

—Isso não é possível. Afrodite deve estar lhe enganando para se proteger e não ser morta pela segunda vez. — Otávio não seria fácil de convencer.

—Sei bem com quem estive, Otávio, e era Kara. Foi por esse motivo que me chamou? Para revelar que sabia que Afrodite havia possuído o corpo de Kara e você nada falou?

—E o que adiantaria?

—Seu silêncio colocou todos nós em perigo. Afrodite se tornou amante do rei, ela poderia tê-lo matado na cama mil vezes — argumentou Jan, mas Otávio não o achava preocupado.

—Afrodite jamais mataria Ariel no leito. Ela quer humilhá-lo, controlar o Livro, os Poderes. Matá-lo seria realmente piedoso, não acha? — Otávio rebateu, mas não convenceu Jan Kmam. — Tenho seguido Kara. Ela e Seth recrutam vampiros e lobos contra Ariel. Como pode ver, ela tem planos mais refinados para meu querido irmão. Recentemente, uniu-se a uma inimiga antiga dos Poderes, Desirée. Vim apenas lhe dizer que não desisti do meu intuito, muito em breve a cabeça de Kara vai rolar, apesar de a traidora ser outra.

—Não há necessidade de empreender tal cruzada. O rei está ciente de tais acontecimentos e nós vamos resolver o assunto sem que seja necessário matar Kara como tanto deseja.

—E como farão isso? Com um exorcismo? — Debochou Otávio com crueldade e viu Jan olhar para ele magoado, quase incrédulo. Por um momento, arrependeu-

se de tudo que disse. Amava Jan Kmam como a um filho, e sempre o perdia pelo mesmo motivo: Kara! Aquela alma insistente o seguia havia séculos, sem descanso, como um fantasma. Lembrava-se dela mesmo mortal, nos braços de Jan, quando seus cabelos eram loiros e tinha um filho seu no ventre. A dor de perder Valéria fora tamanha que tentou matar-se, ficando dentro da casa em chamas. E, quando tudo parecia resolvido, ela voltou como Thaís e, por muito pouco, não o lançou dentro da criminalidade. Jan, por muitas vezes, esteve perto de torná-la vampira, mesmo sabendo que pagaria com a vida. Ela o destruiu, jogou-o à beira da morte, fez com os deixasse por 125 anos. E, quando despertou, ela já o esperava pronta para roubá-lo novamente. Era demais até mesmo para um vampiro compreender.

—Se for preciso, não duvide: eu o farei. Só não vou permitir que a persiga e mate, sendo ela inocente. Se ousar fazê-lo me terá como inimigo e, da próxima vez que nos encontrarmos, terá de se defender.

Jan ficou de pé, pagou pelo vinho que não tocou e saiu do café. Otávio o seguiu por algum tempo e, quando Jan Kmam parou, cansado de tê-lo como sombra, o vampiro se aproximou.

—Eu perdi tudo. Primeiro foi você, depois Asti e, logo depois, até mesmo Ariel me mandou embora. Kara, sinceramente, parece ser a causadora de minha solidão...

—Está só porque resolveu bancar o tipo de vampiro que sempre criticou. Dizem que não mudamos quando nos tornamos imortais, mas isso é uma grande mentira. Nós mudamos e muito, pelo menos os que tentam. Você mudou, mas infelizmente foi para pior. Perdeu a capacidade de julgar com clareza. — Jan falava enquanto Otávio ouvia pensativo. — Inclusive de amar e respeitar aqueles que geramos. Kara e Asti são parte de nossas almas, do nosso sangue. Você traiu todos nós.

Dizendo isso, Jan Kmam partiu, porém Otávio não mais o seguiu, ficou parado e, por algum tempo, observou-o sumir pela rua. Não rebateu suas palavras, apenas as guardou consigo. Virou-se e seguiu seu caminho; precisava pensar.

Capítulo 27 – De olhos Bem Abertos

Togo e Ariel foram recebidos e acomodados no escritório de Ângelus. Em poucos minutos, ele apareceu e os cumprimentou; chegou mesmo a curvar-se diante do rei que estava sentado em uma das poltronas de couro. Seus homens fizeram o mesmo quando Ariel cruzou a porta. Contudo, quando todos saíram e deixaram os três a portas fechadas, o rei se levantou e abraçou o vampiro.

–Sabe que não gosto que se curvem à minha presença. O que deu em você, meu pequeno? Somos quase irmãos.

Ariel falou e o abraçou forte. Togo observava em silêncio a cena, afinal sabia a importância de Ângelus no mundo de Ariel. O vampiro era herdeiro do sangue de Radamés, sua herança sanguínea era mantida em segredo por motivo de segurança. Apesar de ser um pouco mais velho que Ariel e ter poderes bem próximos aos seus, mantinha-se longe de uma disputa pelo trono. Radamés o gerara por acidente e conservava sua existência em total sigilo, de modo que ele foi educado por Isadora como se fosse seu pupilo. Mas sempre soube quem o transformou e jurou para Radamés proteger seu meio-irmão de sangue e imortalidade, Ariel. O rei só descobriu sua existência 200 anos depois de subir ao trono. Desde então, tornaram-se grandes amigos, confidentes. Ângelus era um aliado único, e sua lealdade, inquestionável.

–Então, quais as novas?

Ariel tentava manter-se lúcido, a noite não estava sendo nada fácil. As conversas com Jan e depois com Corintos foram bastante pesadas. Salvar Kara dentro do Jardim foi possivelmente a parte prazerosa, mas, após vê-la partir, o rei fora acometido de grande tristeza que tentava ocultar, fingindo-se alegre.

–Comprei Consuelo das mãos de Seth. Ele a vendeu para mim em troca de vampiros, certamente para revoltar-se contra você.

Ariel Simon gargalhou, divertindo-se: imaginava a espécie de vampiro que Ângelus teria lhe passado. Togo semicerrou os olhos de modo curioso.

–Estou mantendo Consuelo em meu porão.

–Por acaso quer ser punido? Afinal, está diante do líder da Ordem dos Pacificadores, e a vampira é livre – ponderou Ariel brincalhão.

–Sim, de fato livre; contudo, ela já cumpriu pena por diversos crimes. O que, segundo as leis do Livro, me dá a chance de requerer sua guarda para evitar que cometa mais delitos e seja sentenciada à morte. Isso se aplica ao seu caso por ser

herdeira do sangue antigo. Peço permissão para ser seu mestre. – Ângelus havia se preparado para aquela reunião.

–Por que a quer? – indagou Ariel, que fingia não saber o motivo e, de certo modo, queria ouvi-lo de sua boca.

–Eu a amo – admitiu sem medo, mas jamais o faria diante de Consuelo, pois sabia que lhe daria poder.

–Isso é motivo mais do que suficiente para que lhe negue o pedido. Consuelo é como uma “doença contagiosa”, já presenciei vários vampiros caírem depois de se tornarem seus amantes ou protegidos. Consuelo é uma viúva negra, se quer saber.

–Saberei me manter distante de seu veneno, ela será tratada como minha pupila, e não como minha amante.

–Isso me surpreende. Vai suportar tal imposição, não tocá-la mesmo a desejando? – perguntou Ariel, malicioso e sorrindo.

–Sim. Como disse, eu a amo e quero evitar que seja executada. Só a terei como amante se ela me desejar e mudar realmente. – Ângelus foi sincero.

–Seria muito bom, visto que o Livro se recusa a puni-la como se deve. Seu ato a tirou de péssimas companhias. Estou aqui informalmente, mas não o julgaria – afirmou Togo, falando pela primeira vez.

–Tive vários motivos para tirá-la das mãos de Seth. Um deles, e o mais censurável e abjeto, é que Consuelo estava alimentando o vampiro. Não como amante, e sim como escrava de sangue. Ele agora é um pouco mais poderoso que antes.

–Ela permitiu tal abuso?

Ariel ficou realmente aborrecido e esmurrou o braço da poltrona. Agora o plano de Afrodite se tornara cada vez mais real diante de seus olhos.

–Sim, ela faz isso com todos.

–Vampira estúpida! Nunca vou compreender por que mantém sentimentos por alguém tão pérfido. Será isso um hábito ruim? – comentou Ariel, realmente indignado.

–Sim, ela é. Um dia lhe revelarei por quê. Por enquanto, basta saber que Radamés pediu que cuidasse dela, mas falhei séculos atrás. Talvez, se tivesse sido seu mestre, ela não teria sido um problema para os Poderes e, muito menos, para você.

—Faço questão. Tem minha permissão Ângelus, a partir de agora Consuelo está sob sua guarda. Para que eduque, castigue de acordo com a necessidade. Togo vai organizar os detalhes, precisa fazer os laços de sangue para controlá-la. Vou querer relatórios de seus progressos a cada mês, e, ao fim de um ano, quero-a na minha frente para jurar fidelidade junto ao Livro.

—Será necessário? — perguntou Ângelus, surpreso.

—Sim, faço questão. Consuelo tocou com brutalidade uma vampira que tenho em grande estima. Preciso ter certeza de que ela vai se redimir; afinal, ela já estava na lista de execuções, você não é o único com informantes.

Ariel percebeu o olhar de Ângelus para Togo. Eles nunca se deram muito bem, jamais discutiram; todavia, havia certa rivalidade e ciúmes. Talvez porque Ariel houvesse poupado Consuelo, passando por cima da lei para atender ao seu pedido.

—Assim será, majestade — concordou Ângelus.

—Boa sorte, vai precisar — disse Togo sem pena.

—Espero que consiga. Tenho uma última exigência: deixe-a fora das ruas, o clima vai ficar tenso. Se preciso for, tranque-a, pouco me importa. Agora, o que tem para me mostrar?

Quando Ângelus pediu que o visitasse ainda aquela noite e comentou que o assunto se referia à campeã, não foi difícil deduzir o que seria, não depois das revelações de Jan e Quirino, de ver a alma de Kara no Jardim sendo atacada, lutando pela vida. Ele, agora, parecia temer sua reação. Olhou Togo com desconforto e pediu mentalmente ao rei que ficassem a sós. Todavia, Ariel avisou que estava tudo sob controle e que já sabia o que estava por vir.

—Trouxe Togo, ele vai nos ajudar a decidir o melhor a ser feito. Ela ainda está no clube? — afirmou ele, afinal a sentiu quando chegou.

—Sim. Venham... — Ângelus os convidou a segui-lo.

Eles saíram do seu escritório luxuoso através de uma porta existente atrás das cortinas e caminharam pelo corredor. A sala apareceu logo depois. Ariel Simon já a conhecia, Togo ainda não, e este ficou bastante impressionado com a tela e os equipamentos de última geração ali usados para vigiar cada sala e ambiente do clube. Diante da mesa de controle, havia duas cadeiras. O painel era digital e monitorava todas as câmeras. Pelo que ele pôde perceber, havia 12 delas, sem contar as que controlavam o clube do lado de fora. Ângelus tinha a permissão do rei para agir, mas bem longe da vista dos Poderes. Togo não poderia julgar nem, muito menos, punir Ângelus. O vampiro aproximou-se do painel, pegou uma mídia

e a inseriu no DVD. Digitou uma senha no painel de controle e, pouco depois, a imagem do reservado apareceu em tela inteira.

O reservado era uma espécie de quarto isolado do resto do clube. Um lugar para os vampiros ficarem mais à vontade. Muitos levavam suas vítimas mortais e seus pupilos, amantes, para se divertirem.

Kara, ou melhor, Afrodite deveria estar adorando a liberdade que o corpo de sua campeã lhe oferecia. Estava vestida completamente de negro, a pele alva exposta na medida exata da renda do vestido. Ariel se lembrou da noite em que a vira com aquela roupa. Estava apressada e sequer fizeram amor; ficara apenas um pouco com ele e partira. Agora, sabia o motivo da pressa. Olhou os cabelos lisos e soltos, cobrindo o corpo do mortal como um véu de mistério e prazer.

Ela puxou sua camisa e deixou o peito liso e pálido exposto. Passou a beijá-lo, enquanto sua mão delicada se escondia dentro de seu jeans entreaberto. O jovem gemia e acariciava sua cintura. Afrodite se afastou e começou a desabotoar o vestido sob o olhar fascinado de Ryan e do mortal. A vampira ficou somente com seu conjunto de sutiã, calcinha e cinta-liga. Ela era linda mesmo, Ariel pensou, observando a renda negra sobre sua pele pálida, o corpo perfeito e firme, as curvas exatas.

O mortal tirou o jeans de frente para ela e estava mais do que pronto a possuí-la. A vampira riu de sua nudez; todavia, ele não entendeu seu gesto. Ela havia tirado o vestido simplesmente porque não queria sujá-lo de sangue. Afrodite o chamou com um gesto de mão, e ele lhe obedeceu prontamente. Trocaram beijos enquanto ele a apertava, beijando seus seios, tocando seus quadris. Ela olhava sua garganta, a pele convidativa e morna. Afrodite resistia, prolongava o momento e, quando ele tentou tirar seu sutiã, ela o empurrou sobre o sofá. Sentou em seu colo e o olhava nos seus olhos, encantando-o, paralisando-o.

Ryan estava sentado sorvendo um cálice de sangue e vinho e os observava, deliciando-se com a cena. Ariel o reconheceu de imediato, ela já havia tentando lhe servir um ano atrás e ele o dispensou, não gostara dele e, agora, bem menos.

Afrodite beijou o mortal e Ariel pôde ver seus lábios sujos de sangue. Em seus olhos havia uma expressão perigosa. Cansada de brincar com o mortal, avançou sobre seu pescoço e o mordeu com força no ombro. Ele se debateu e a vampira o conteve com um olhar. Ryan se preocupou com seu escravo de sangue e tentou afastá-la. Afrodite ergueu a face do corpo moribundo do mortal e o encarou como um animal furioso. Ryan apenas pensou em tocá-la e foi jogado longe; Afrodite usou o toque e voltou-se para o mortal, matando-o. Pouco depois, ficou de

pé e, ainda com a boca suja de sangue, foi ter com o vampiro, que recuava com medo.

–O que ela está falando? – quis saber Togo.

–Não temos áudio nos reservados. Nossa audição captaria a interferência dos microfones, saberiam que estão sendo vigiados. Geralmente faço leitura labial.

–Sim, basta ler seus lábios – afirmou Ariel, observando a tela.

Afrodite o recolheu do chão e o segurou no ar. Exigia a sua força e poderes o assustando. Segurou-o pela cabeça e pelo ombro, e dilacerou sua carne para beber de seu sangue com avidez. Sugou-o com força e, quando o soltou no chão, não havia mais volta para ele. Ryan secava, a pele imortal ficava enegrecida e, por fim, virou cinza diante do olhar indiferente da vampira. Afrodite passou por cima de seus restos e foi até o banheiro. Lavou-se e, quando retornou, vestiu-se sem pressa e se preparou para sair.

–Aquele era o pupilo de Gary, e acredito que o mortal, seu escravo de sangue. Isso foi há uma semana – explicou Ângelus quando a gravação terminou.

–Ela está lhe devendo quanto?

–Nada, paga em dinheiro vivo e vai embora, deixando um, dois, às vezes três mortais mortos. Hoje, ela veio acompanhada por Desirée.

–Ela ainda está no clube? – perguntou Togo, pronto para agir.

–Desirée não fica em lugar algum por mais de 30 minutos – afirmou Ariel, sem surpresa alguma.

–Deveria ter nos avisado – cobrou Togo, olhando o vampiro com aborrecimento.

–Devo lembrá-lo de que está aqui como “civil”? – afirmou Ângelus, e Ariel riu.

–Togo, eu conheço nossas prioridades, mas não posso corromper a integridade do clube. Trouxe-o aqui para que utilize as informações que Ângelus gentilmente nos oferece.

–Compreendo, majestade – Togo afirmou e nada mais cobrou.

–A campeã está sozinha agora, acredito que espera por uma visita – informou Ângelus.

Ariel Simon observava a vampira na tela e percebeu que ela se mostrava sem reservas para seus dois convidados da noite. Não fingia ser Kara; ali, era apenas Afrodite. O sorriso, os modos, a forma como matou o mortal eram os mesmos da vampira. Por um instante, quase a viu em Roma e em Jerusalém, na época em que

matava sem medo, livremente. Sentiu nojo e revolta, seus olhos se tornaram escuros, sombrios, e Togo percebeu que seu rei estava realmente infeliz.

–Há quanto tempo ela vem frequentando seu clube?

–Oito meses, talvez mais. Agora me explique: como uma vampira de pouco mais de sete anos pode exaurir um vampiro como se tivesse dois mil ou mais?

–Olhe além da campeã, da vampira. Veja em seus gestos, em seus olhos e descobrirá quem verdadeiramente ela é, Ângelus.

Ariel Simon avisou e sentou-se na cadeira para observar Ângelus fitar a tela em silêncio por uns poucos minutos. Sua expressão mudou e olhou para o rei com preocupação verdadeira. Havia desvendado o mistério.

–Não pode ser. Como é possível? – murmurou o vampiro, realmente surpreso.

–Ela tomou o corpo da campeã e vem agindo nas sombras, buscando aliados para me destruir. Como pode ver, até mesmo os mortos voltam para tentar tomar o trono – Ariel respondeu num suspiro cansado.

–Dependendo do conhecimento usado, a alma da campeã ainda pode estar vagando, tornou-se um errante e está seguindo todos com os quais mantinha laços enquanto vampira.

Ângelus era grande conhecedor de magia, havia aprendido com o melhor dos sacerdotes, Radamés. Ele a usava com sabedoria para lidar com seus negócios e inimigos.

–Sim, Kara está vagando, e sem noção do perigo que corria entrou no Jardim para procurar Radamés. Eles dois são bastante ligados, ela sentiu sua ausência em nosso plano e foi atrás dele.

–Não o sinto há bastante tempo.

–Talvez porque Afrodite o exilou dentro de sua tumba. Estamos sozinhos.

–Então ela usou a “Prática Maldita”. Expulsa o dono do corpo, jogando-o no plano dos espectros, e o vê definhando lentamente. Somente desse modo o corpo fica intacto, qualquer outro método teria deixado uma marca bem visível. Como descobriu a possessão?

–Kara aproveitou que Afrodite dormia, voltou para seu corpo e revelou tudo ao seu amante. – expôs Ariel sem constrangimento.

–Há algo de errado nisso. Se Afrodite deixa seu corpo, ela está indo a algum lugar. Mesmo dormindo, ela ficaria no corpo. Se o deixou, é porque foi agir como espectro, não precisava dele.

–O que pretende fazer, majestade? – quis saber Togo, pronto para agir.

–Por enquanto, vamos apenas fingir que não sabemos e descobrir seus planos – afirmou Ariel, bastante pensativo em relação ao rumo a seguir.

Togo não concordou, mas aceitou com preocupação genuína. Afinal, sabia o que aquilo representava. Não poderiam matar Kara, ela estava possuída, e Ariel a protegeria com a própria vida, mesmo que isso custasse a sua. Era preciso um plano alternativo para defender o rei e os Poderes. Kara não poderia ser prioridade, mesmo sendo amada pelo rei.

–Não prolongue a situação por demais ou não vai conseguir trazer o verdadeiro dono do corpo de volta. O tempo está contra todos agora, Afrodite está de posse de um conhecimento proibido e muito perigoso. Ela pode habitar qualquer corpo, trazer qualquer espectro e atacar qualquer um. A “Prática Maldita” pode ser usada amplamente. Não apenas com um corpo, mas com vários. Claro, ela precisaria de um lugar entre os dois mundos para usá-la, como o Jardim ou...

–O Templo – completou Ariel, ciente do que aconteceria se ela resolvesse dar corpos aos Anciões.

–Sim, lá ela poderia conseguir corpos para os Anciões e promover o que não conseguiu séculos atrás com o meio-vampiro filho do sangue de seu irmão, Otávio.

–Não acreditei que houvesse condições de ela se apoderar do conhecimento que Radamés possuía quando lacramos sua tumba – Ariel refletiu, lembrando que ele e Ângelus haviam protegido o local de descanso de seu criador.

–Tentarei descobrir que meios ela usou para se apoderar do encanto e tentar neutralizá-lo.

Se Afrodite desse corpo a pelo menos um deles, este certamente seria Derek, e ele perderia o poder sobre o Livro e não mais seria o rei. Em pouco tempo, ela libertaria todos e eles estariam livres no mundo dos mortais, e promoveriam o caos. Mas, para isso, era preciso que recebesse ajuda de dentro dos Poderes. Alguém entre os Anciões estava abrindo as portas do Templo para Afrodite, e não era Ordália; ela a odiava demais para ajudá-la a traí-lo. Desde que se tornou amante de Kara, Ariel conquistou o desagrado, o ciúme e a raiva de Ordália. Ela se fechou para ele e, mesmo alimentando o Livro, não a satisfazia como antes. Tentou visitá-la, oferecer-lhe prazer, mas ela não aceitou, exigiu que ele executasse Kara. Seu gesto desmedido e louco os afastou. Mas não a acreditava capaz de traí-lo, desejar seu fim – as vampiras ainda o amavam e respeitavam como rei. Ariel recebeu a visitas delas enquanto Ordália se negava a vê-lo. O rei conhecia seu inimigo, e ele era Derek. Thessália lhe avisou que tivesse cuidado.

Ariel Simon pediu para ficar sozinho. Ângelus e Togo se retiraram, foram para o escritório. O rei pegou seu celular e ligou para Jan Kmam. A conversa foi rápida, mas pacífica. Ele pediu ao seu favorito que fosse ao *château* ao anoitecer, havia muito a ser feito. Enquanto falava, viu duas mulheres entrarem no reservado e se juntarem a Afrodite; com elas, um rosto conhecido e odiado, Seth.

—A situação é bem pior do que se apresenta. Precisamos agir depressa se quisermos trazer Kara de volta. Hoje não deve esperá-la, ela vai ficar no clube Paradise, conhece?

—Sim, conheço — respondeu Jan, do outro lado da linha.

—Amanhã lhe darei mais explicações — afirmou Ariel. Depois fitou a tela com repulsa e desligou o celular.

Sozinho, ele observava a cena, contendo-se para não entrar naquela sala, matar Seth e prender Afrodite até que resolvesse deixar o corpo de Kara. O passado voltava à sua mente e era doloroso demais. Ouviu a voz de Rosa Maria jurando-lhe fidelidade. A gota d'água foi ver Seth beijar a vampira, ele acreditou que pudesse vê-los juntos, mas foi impossível. Uma lágrima de sangue rolou de sua face e caiu sobre a mesa. Ele vinha se contendo, mas a emoção o dominou cruelmente. Afrodite colocou de modo impiedoso Kara nas mãos de Seth, ele mais uma vez possuía “Rosa Maria”, e deveria estar em júbilo por isso. Ariel deixou a sala e se conteve no corredor antes de voltar ao escritório, não podia se deixar abalar, não agora que precisava lutar para salvar Kara. Cobriu o rosto com as duas mãos, buscando equilíbrio. Limpou a face e lembrou-se de sua imagem no Jardim, o modo como ela lutava por sua vida.

Quando chegou ao escritório, ele estava calmo e não se podia notar que havia perdido o controle há poucos minutos.

—Aja com naturalidade, Ângelus, e mantenha-me informado. É tudo que peço.

Assim Ariel se expressou, tocando o ombro do vampiro já de partida. Togo o acompanhou, e os dois deixaram o escritório e o clube sem ser vistos, rumo ao *château*. O rei estava exausto e, durante todo o caminho, nada falou; Togo, por sua vez, nada perguntou, podia ver a sua dor. Ele tinha conhecimento dos encontros dele com a campeã.

Afrodite serviu um cálice de vinho a Seth e esperou que ele bebesse antes de lhe fazer a pergunta que desejava.

—Jan Kmam ainda está vivo.

–Você me decepçiona, Seth. Como pôde falhar? – cobrou Afrodite, afastando-se dele aborrecida.

–Ele luta muito bem... Estive preso por cem anos, mas, acredite-me, ele não vai escapar novamente.

–Como assim escapar? – a vampira estava furiosa.

–Ele teve ajuda de Consuelo, ela jogou sobre mim uma parede de tijolos.

–Traidora, vagabunda! Já a matou? E Michael? – perguntou, afinal eles haviam planejado comemorar no clube.

–Jan Kmam o matou durante a luta.

Afrodite não podia acreditar no que ouvia e se sentiu realmente frustrada em seus planos. Não esperava que o favorito lhe desse tanto trabalho; agora, teria de suportá-lo por mais tempo.

–Entreguei Consuelo para Ângelus, ele tem negócios inacabados com ela, certamente vai matá-la. Em troca, consegui aliados, pelo menos 30 vampiros para lutar ao nosso lado quando entrarmos no *château*. – Seth tentava justificar seus erros.

–Melhor assim. Se escapar, peça para Desirée terminar o serviço.

Afrodite se conteve, pois não podia matá-lo como desejava – havia um destino melhor para ele e seu corpo. Era tudo que ela precisava saber por enquanto. Fitou as duas mulheres que ele trouxe e, com um gesto, fez com que ficassem mudas e imóveis no sofá. Pareciam bonecas sem vida.

Ficou diante de Seth, que a olhou desconfiado, até temeroso. Afrodite era uma vampira perigosa e vingativa, e ele havia falhado. Teve receio de sua reação e, apesar de seus poderes, ficou desconfiado. Aquela vampira havia vencido a morte e voltado do limbo para se vingar de seus inimigos. Possuía poderes diferentes dos seus e, para piorar, praticava magia, algo para ele completamente desconhecido. Tentou se levantar, mas foi empurrado de volta para o sofá.

–O que está fazendo?

–Trazendo o verdadeiro rei dos vampiros para me fazer companhia.

A vampira invadiu sua mente com rapidez e o paralisou. Um filete de sangue escorreu do seu nariz, e ela foi impiedosa, perguntando-se se o corpo de Seth suportaria a presença do vampiro que ela tentava materializar. Quando despertasse, em algumas horas, não se lembraria de nada, o que a protegeria. Seth estava paralisado como as duas mulheres no sofá espaçoso.

Afrodite pegou um pequeno frasco em sua bolsa e o fez beber o líquido viscoso e negro. Ele o sorveu e ela esperou. Era a hora da verdade: se Seth não suportasse a presença de Derek, teria de roubar o corpo do rei, e isso seria bem mais difícil. A reação ocorreu um segundo depois: seus olhos ficaram brancos e o corpo, hirto. Foi quando ela começou a falar em egípcio. O vampiro tremia, parecia ser dominado por algo ou alguém muito forte. Ela ergueu os braços e uma espécie de bola de energia se condensou entre elas. No momento em que as apontou para Seth, sua boca se abriu e a luz estranha entrou em seu corpo.

Quando, finalmente, o corpo relaxou, Afrodite esperou. Então, viu-o tomar consciência, curvou-se e ergueu os olhos para fixar o vampiro.

—Levante-se, minha rainha.

O corpo era o de Seth, mas quem estava diante de Afrodite era Derek. Ela conseguira trazê-lo para fora do Templo! Ali estava ele, usando o corpo de um vampiro para passear entre os mortais.

—Sim, majestade.

Derek tocou seu rosto, respirou fundo e gostou da sensação; afastou-se e andou pelo ambiente sentindo o corpo de seu hospedeiro. Adaptou-se rapidamente.

—Sinto-me muito bem. O corpo dele é forte e posso torná-lo meu em definitivo. Ele suportará o peso de minha existência. Claro, o farei mais poderoso quando absorver Ariel. E tornarei você minha rainha, será tão poderosa que até mesmo o Livro não ousará questioná-la. Sua pele é maravilhosa — afirmou, puxando-a para si com força e apreciando o contato da própria pele com a da vampira.

Afrodite sorriu satisfeita e aceitou seu beijo esfomeado, deixando-se envolver sem medo. Mas, quando ele sugou seus lábios, ela se afastou suavemente e lhe mostrou as duas mortais que havia lhe trazido. Após séculos vivendo dentro do Templo como um espectro, Derek deveria realmente estar sedento por sangue e prazeres. As duas mulheres seriam um bom começo.

Derek se aproximou, e Afrodite libertou-as do transe, de forma que elas se moveram como se nada houvesse acontecido. Mas Derek não era Seth, e sua fome era grandiosa demais para que esperasse, iludisse. Há séculos esperava por uma chance de sair do Templo e provar dos prazeres que um corpo podia lhe oferecer. Sentia-se excitado e vivo. O cheiro das mulheres quase o enlouqueceu, o som de seus corações batendo. Eram bonitas, e seus corpos o agradaram.

—Dispam-se — ordenou ele, queria vê-las nuas.

As mulheres o olharam com surpresa, pois acharam o tom um tanto autoritário; contudo, obedeceram à ordem, achando tudo muito excitante. Sorriam e o envolviam enquanto tiravam as roupas. Logo estavam apenas de sutiã e calcinha. Ele avançou sobre uma delas e puxou o sutiã e a calcinha com força.

—Mande que ficassem nuas.

Derek falou com firmeza para beijá-la e tocar seus seios. Os seus gestos eram um tanto rudes e, quando lhe mordeu o mamilo, fez com que gritasse e reagisse. Derek avançou com a boca ensanguentada e seus olhos estavam dilatados – era um animal sedento de sangue. A mulher o empurrou e arranhou, mas, antes que fugisse, ele a conteve com força e a mordeu novamente. A segunda garota gritou e tentou atacá-lo, mas foi empurrada no chão. Afrodite a conteve e a colocou diante de Derek. Ele segurava sua amiga pelos cabelos e avançou novamente sobre o seio farto, mordendo-o e sugando-lhe o sangue com prazer. A mulher gritava e chorava, presa nas mãos de Afrodite. Quando Derek terminou, Afrodite a jogou sobre ele, que a dominou com um olhar e a puxou pelo braço. Em seguida, jogou-a sobre o sofá onde sua amiga jazia sangrando, inconsciente. Mordeu-a na garganta, cobrindo sua boca para evitar que gritasse, e sugou-a com força. O vampiro se deliciou com o sangue, ajeitou-se sobre seu corpo e a penetrou, possuindo-a como homem e vampiro. Quando, finalmente, a matou, afastou-se dos corpos e, mais calmo, lançou a sua atenção para Afrodite. Ela estava nua sobre as almofadas, esperando Derek possuí-la. Alimentado, ele buscava provar de outras delícias.

Capítulo 28 – Às Vezes, Eles Voltam

Após a ligação de Ariel, Jan se fechou no apartamento e, ao deitar no leito, desejou que Kara, a verdadeira, estivesse a seu lado. Foi melhor Afrodite não voltar para casa. Seria quase impossível evitar um confronto, estava muito perto de perder o controle e prendê-la, mas temia ter de contê-la à força e ferir o corpo de Kara. Sentiu um estranho aperto no peito e buscou seu caixão, não iria conseguir dormir na cama sem sua presença e com a mente tão tumultuada. Quando fechou a tampa, teve pouco menos de três minutos de consciência e apagou.

Na noite seguinte, Jan Kmam despertou e foi direto para o banheiro, tomou uma ducha de água morna, vestiu-se e, antes de sair, tomou três cálices de sangue. Pegou a moto na garagem e, pouco depois, já estava na estrada para Chantilly; chegaria ao *château* Coucher du Soleil em uma hora. Jan dirigia com destreza e se livrava de carros e caminhões ganhando tempo. Quando chegou, os Pacificadores abriram o portão e o deixaram passar. Desceu e jogou o capacete e a chave para um dos criados na entrada. Encontrou Bruce no hall, parecia esperá-lo.

–Dormiu bem?

–Não muito.

–Se tivesse ficado em minha casa teria descansado melhor. Mas acho que ficou com medo que eu o atacasse – comentou Bruce, fazendo-se de ofendido para quebrar o ar tenso na face de Jan Kmam.

–De fato, velho amigo, mas não sei dormir bem longe dos braços de minha amada.

–Não faz ideia de como invejo Kara – afirmou Bruce, em seguida tocou o rosto de Jan num carinho suave e cheio de significado.

–Imagino, sim – disse Jan e piscou. – Onde está Ariel?

–Resolvendo alguns assuntos urgentes antes da reunião. Como você está?

–Pronto para cortar a cabeça de Seth. Afrodite e ele devem ter passado a noite juntos, pensando no próximo passo. Sem contar que estou sem notícias de Kara e atormentado pela ideia de que ela esteja matando e infringindo leis. Temo que a matem, acreditando que está traindo os Poderes – revelou Jan, tenso.

Bruce percebeu que ele não gostaria da decisão tomada por Ariel, mas ela era a única que verdadeiramente protegeria a vampira. Tocou seu ombro de modo carinhoso e comentou amável.

–Tente relaxar, vamos conseguir trazer nossa “rainha” de volta – disse, numa brincadeira deles sobre Kara. – E haverá outra oportunidade para que alcancemos Seth. Ele não vai desistir tão facilmente de cortar sua cabeça e a do rei. Ele não esqueceu o passado – comentou Bruce.

–É, ele deve estar preparando algo para nós dois, tenho certeza. Consuelo está no *château*?

–Não, Jan. Ela não veio para o *château*. Perguntei aos Pacificadores e até mesmo a Togo. Mas fique tranquilo, ele me informou que o rei tem notícias da vampira.

–Houve uma época em que Consuelo era bem diferente do que aparenta ser hoje, eu a conheci nesse período. Ontem, vi uma vampira que conheci há séculos. De qualquer modo, ela pareceu sincera em seu arrependimento. Espero que ela esteja bem. – argumentou Jan, andando ao lado de Bruce rumo às câmaras.

–De fato, ela era bem diferente. Mudar é algo difícil quando somos imortais, mas quem sabe ela consegue. Apenas lembre-se de que, quando Kara voltar, não vai gostar de saber que Consuelo chegou tão perto de você.

Depois do comentário, Bruce se perguntou qual seria a reação de Jan diante da reunião. Desceram juntos, seguiram pelo corredor, e de lá para uma das câmaras subterrâneas. O favorito acreditou que falaria a sós com Ariel, porém, quando entrou na sala, encontrou-a cheia e não gostou do que viu. Aproximou-se do rei e fez uma reverência rápida.

–Pensei que manteríamos o assunto em segredo, majestade – indagou Jan, sem disfarçar a surpresa e até o aborrecimento.

–Deve me desculpar. Quando conversamos, não acreditei em suas palavras. Precisei de provas e as tive. Agora, é sua vez, acredite. Estou fazendo o melhor por Kara. Afrodite tem em suas mãos um conhecimento bastante perigoso. Não posso tomar nenhuma decisão sem o olhar dos Poderes. A vida de minha campeã e de sua amante está em perigo, precisamos do apoio de todos para vencer Afrodite. Estamos entre amigos, todos aqui querem Kara de volta.

–Temos muitos aliados, tenho certeza de que nenhum deles a tocará com violência, sabendo de sua condição – completou Bruce junto aos dois que se olhavam pacificamente, mas com preocupação.

–Compreendo, majestade – concordou Jan Kmam, cumprimentando todos. Romano e Valdés se aproximaram dele e comentaram sobre a situação. Misha apareceu logo depois, com Thiago e Isadora. Jan deu alguns detalhes e expôs suas suspeitas. Virna se manteve distante, sorvendo um cálice de sangue. Pareciam

esperar mais alguém, a porta não foi fechada de imediato. Jan mantinha os olhos atentos em Ariel Simon. Ele sabia que o rei faria de tudo para protegê-la, mas desconfiava de seus meios; na verdade, temia-os. Viu-o ler o documento trazido por Togo, por fim carimbou-o com seu selo pessoal e assinou. Togo o enrolou e guardou dentro de um tubo de metal, que foi lacrado. Era daquele modo que transportavam mensagens entre vampiros e lobos. Um Pacificador esperava e, quando recebeu suas ordens, de posse da encomenda, partiu imediatamente. Era uma mensagem para o Senhor dos Lobos? Quando Marie chegou com Will e Juan, os Pacificadores fecharam a porta, e Togo convidou todos a se sentarem para que começassem a reunião.

—Como foram informados, temos uma situação bastante singular nas mãos. A campeã teve seu corpo roubado por uma antiga inimiga dos poderes, Afrodite. Não é preciso dar detalhes, a maioria teve o desprazer de conhecê-la para saber o que ela desejava e, certamente, deseja novamente.

—Não vejo Lorde Otávio na sala E foi o primeiro a afirmar que a campeã estava possuída por Afrodite. Ele não é bem-vindo? — Virna não ia perder a chance de lançar seu veneno.

—Seu comentário foi completamente inoportuno, Virna — disse Bruce antes que o rei respondesse.

—Lorde Otávio é sempre bem-vindo, Virna. De fato, ele foi o primeiro a afirmar que Kara estava possuída.

—Sim, ele tentou destruí-la; contudo, foi impedido e até mesmo ridicularizado. Se não houvesse sido detido, não enfrentaríamos a situação atual. Mais uma vez os Poderes vão ser postos em risco por causa dos atos dessa vampira — lembrou Virna, ácida. — Afinal, o Jardim não lhe seria proibido?

—Talvez ele seja para você, que não consegue alcançá-lo, Virna — disse Jan Kmam, realmente farto da perseguição da líder do Conselho.

—É a líder do Conselho, Virna. Pesa sobre seus ombros uma grande responsabilidade. Tal posição lhe foi confiada por Jan Kmam quando assumiu meu lugar. Devo crer que ele se enganou com a escolha?

—Majestade...

Virna começou tentando desculpar-se ou, quem sabe, defender seu argumento, mas era tarde. Ariel não estava com paciência para intrigas femininas. Os demais vampiros ouviam tudo em silêncio absoluto, percebendo que Virna havia passado dos limites, como de costume. A maioria lembrava que suas provocações levaram a um confronto entre Kara e ela, que terminou em tapas.

—Se Otávio houvesse conseguido, Kara teria morrido inocente. Afrodite estaria livre para atacar mais alguém. Mas acho que isso a agradaria. Se bem me lembro, você costumava chamar pelos corredores a campeã de “pérola do rei”, quando eu a tornei minha amante.

Ariel Simon falava abertamente e sem nenhum medo. Ali todos sabiam de sua relação e seu amor pela vampira quando da suposta morte de Jan Kmam. Ele era o rei e sabia dos falatórios, das suspeitas que sempre o rodeavam e como era quase impossível manter uma amante sem que isso, em algum momento, se tornasse público e alvo de comentários. Virna o irritou bastante com suas críticas e seus comentários, o modo gratuito como feriu Kara e provocou desentendimentos entre eles, graças às suas críticas. Kara sempre o impediu de tomar atitudes que somente aumentariam o falatório e só traria inimigos sobre eles. Contudo, hoje ele podia responder à altura. Jan Kmam observava a cena com seriedade e, apesar de não demonstrar, estava satisfeito com a atitude do seu rei. E olhou Virna com interesse.

—Peço desculpas...

—Eu lhe direi o momento exato para se desculpar, e ele ainda não chegou, Virna — Ariel foi duro na medida em que ela merecia. — O único com o direito de sentir-se ofendido aqui é meu favorito, Jan Kmam — disse Ariel, olhando Jan na ponta da mesa de reunião. — Há algo que deseje me dizer, Kmam?

Era por causa de vampiros como Virna que Jan Kmam queria manter o assunto em segredo. Temia pela vida de Kara, Afrodite dera o motivo para muitos a atacarem e não serem punidos.

—Não, majestade. Eu fui dado como morto, e minha pupila sempre foi capaz de tomar decisões. Tornar-se sua amante foi uma delas — completou Jan, observando a líder do Conselho com cuidado. Ela realmente parecia detestar Kara.

—Como vê, Virna, não existe motivo para que continue destilando veneno dentro e fora do *Château*. Comporte-se de acordo com sua posição, tente ser o que aparenta, uma vampira bela e elegante. De fato, não compreendo seus motivos para antipatizar com minha campeã. Sentia ciúmes dela comigo, é isso?

—Majestade, eu sinto...

—É muito bonita, mas não a prenderia. Lembro que, durante a quebra do Pacto, após atacar Kara, eu pensei em puni-la como bem merecia, mas Kara não me deixou fazê-lo — revelou Ariel, humilhando-a um pouco mais. — A campeã tem dois vampiros em sua vida, e Romano não é um deles. Você deveria se preocupar com Clio, ela está na cidade. Não é mesmo, Romano?

–Sim, majestade. Clio está em Paris há quase um ano, e é uma grande amiga. Romano respondeu ao rei com tranquilidade, como punição a Virna. Ele estava farto de seu ciúme doentio. E envergonhado por seu comportamento tolo. Virna engoliu o seu orgulho em seco e suportou a reprimenda do rei muda,

Ela provocara a situação e deveria ter percebido que o rei não estava de bom humor, optando por manter um assunto tão delicado como sua intimidade fora de pauta.

– Muito bem, agora que já deixamos as coisas mais claras. Onde estávamos? –perguntou Ariel realmente frio e voltando ao seu humor rotineiro. – Os que escaparam das garras de Afrodite sabem o que teremos que enfrentar.

O assunto foi exposto com mais detalhes e a maioria se preocupou com as implicações daquela crise. Infelizmente, o rei tinha a obrigação moral junto aos Poderes de informar que uma revolta interna se dava por meio daquele roubou de corpo. A prática utilizada por Afrodite ameaçava todos.

–Afrodite se uniu a Seth e tem recrutado aliados para tentar uma insurreição contra os Poderes. Ontem, Jan Kmam foi emboscado por lobisomens e vampiros a serviço de Seth. Michael, que o seguia, está morto, mas Seth ainda vive, ainda que por pouco tempo. – Ariel expunha os acontecimentos com frieza e nenhum temor.

–Dentre os seus aliados estão Desirée e, certamente, seu cachorrinho, Fabian.

O rei iria reencontrar inimigos antigos, e eles não estavam apenas buscando seu trono. Todos tinham motivos pessoais. Fabian era um bom exemplo disso: foi seu campeão e caiu em desgraça quando resolveu proteger sua amante, Verônica, uma ex-freira por quem o vampiro se apaixonara. Depois, roubou da segurança do convento e deu-lhe um poder, segundo ela, maior que o de Deus. Suas crenças e os dons da imortalidade arruinaram seu juízo, Verônica jamais deveria ter se tornado vampira. Matar para beber sangue foi um fardo para suas convicções religiosas. Quando Fabian percebeu que havia perdido completamente a razão, prendeu-a, mas Verônica fugiu, e seus crimes começaram a chamar a atenção dos mortais. Passou a viver nos cemitérios, metida em trapos, assombrando e matando. Ela foi sentenciada à morte e ele seria seu executor. Fabian não aceitou a tarefa, repudiando o rei e os Poderes.

Finalmente, quando os Pacificadores conseguiram capturá-la, há 200 anos, o Livro não quis julgá-la, não podia condenar uma louca. Então, coube ao rei designar juizes para uma votação: 12 vampiros decidiram seu fim. Verônica foi executada por seus crimes e Fabian passou a perseguir todos os que votaram contra ela, inclusive Jan Kmam.

–Como devem saber, Fabian ainda culpa e persegue os que julgaram Verônica. Ele prefere ignorar que a loucura em nossa espécie é contida com a morte por não ter cura. Quando ela enlouqueceu, restou aos Poderes limpar sua sujeira e conter sua fúria – argumentou Ariel, calmamente.

–Os Pacificadores têm novidades – disse Togo, e passou uma pasta para o rei. Ele havia recebido as informações de um dos Pacificadores.

–Marc, um dos líderes recrutado por Mênon, e sua irmã Francine se uniram a Seth. Nós já desconfiávamos, mas agora é oficial. E, com eles, todos os desgarrados que puderem recrutar – disse Ariel, olhando as fotos feitas pelos Pacificadores em sua vigilância.

–Algum sinal de incubadoras? – quis saber Misha preocupado; afinal, durante a quebra do Pacto, tiveram de destruir várias.

–Felizmente, não. Eles estão tomando outras posições – relatou Togo seguro.

–Esses dois ficaram vivos por pura sorte. Mênon salvou sua amante, Francine, quando ela caiu ferida. E Marc fugiu como um covarde, deixando seus co- mandados. – Valdés começou a falar.

–Os lobisomens sempre se protegem, não permitindo que o líder da Alcateia seja capturado ou atingido. Assim, podem voltar a atacar em outro momento com mais força. Foi por muito pouco que a cabeça de ambos não rolou durante a guerra do Egito – relatou Misha, aborrecido.

–Continuam agindo nas sombras. O Senhor dos Lobos tem procurado caçá-los, mas ainda não obteve sucesso total. Desirée, a foragida, vem atacando as Alcatéias e assassinado seus líderes – completou Ariel, fechando a pasta.

–Ela está desestabilizando seu poder, certamente pretende promover um ataque a Darden e a seus herdeiros, ele tem dois netos. A situação pode ficar complicada – disse Jan, conhecedor dos eventos que promoveram a quebra do Pacto.

–Então, há muito mais por trás desse roubo de corpo. Se realmente Desirée e Seth se uniram, eles têm algo maior em mente. Provavelmente pretendem dividir o território e o poder dos dois lados – Thiago pesou as informações e acabar de fazer conjectura mais certa.

–Exatamente. Soubemos há pouco tempo que o herdeiro do trono dos homens-lobos vai ser testado. A criança vai mudar pela primeira vez, o ritual é antigo e exigido pela Alcateia. Em sinal de respeito, enviarei Pacificadores para provar as alianças e prevenir o ritual de um possível ataque de vampiros. Afinal, Darden é odiado não apenas por lobisomens. – Ariel justificou a medida de segurança.

–Eles virão ao baile? – perguntou Virna, saindo de seu mutismo.

–Sim. Foram convidados, certamente Iago virá com sua companheira – respondeu Togo.

–Vai ser um evento e tanto – comentou Isadora, sorridente. A maioria concordou. – Vi Consuelo desfilando nos braços de Seth, o que significa que está novamente tramando contra todos nós. Medidas serão tomadas? – perguntou Isadora.

A maioria sabia que Consuelo vivia nas sombras, arquitetando a queda de qualquer um que cruzasse seu caminho. O que eles não poderiam imaginar é que a vampira havia mudado. Mas isso seria visto com muito mais desconfiança do que seu ódio declarado.

–Recentemente, Consuelo se afastou de Seth e foi adotada por um vampiro que cuidará de sua educação. Ela está sob a observação do Livro. Daqui a um ano, terá de jurar lealdade ao rei, então veremos o que acontece – afirmou Togo, respondendo à vampira.

–Enfim, pelo menos sabemos que daqui a um ano nos livraremos dela. Só me pergunto quem é o pobre coitado.

Isadora tinha o pensamento de todos na sala. Mas o histórico de Consuelo era mais do que suficiente para gerar tais comentários.

–Ângelus – revelou Ariel, vendo surpresa na face de Isadora.

–Um pouco mais de poder e Consuelo se tornaria uma segunda Afrodite. Espero que ele consiga. Afinal, seria um desperdício; apesar de ser um traste, é uma vampira muito bonita – comentou Thiago, sem medo de ser repreendido.

Isadora semicerrou os olhos enquanto ouvia o comentário de seu amante. Contudo, quando ouviu o riso do rei, ela compreendeu a provocação de Thiago e sorriu também.

–Voltando à questão sugerida por Lorde Thiago, Afrodite não atacou a campeã aleatoriamente; ela a escolheu de maneira intencional por estar perto do poder que tanto o favorito do rei e o próprio rei lhe ofereceriam.

Romano afirmou e fitou Ariel com tranquilidade. Apenas manifestou a conclusão a que muitos chegaram, mas não tiveram coragem de dizer, embora talvez em breve comentassem. Afrodite havia usado o corpo de Kara para seduzir o rei, fingindo ser sua campeã. Ele, apaixonado, havia cedido aos seus encantos e colocado todos em perigo. Ariel os observava em silêncio, pensava nas implicações. Ele sabia que logo sua vida íntima seria julgada, mas não se importava, não havia cometido nenhum crime, e os Poderes não estavam em

perigo. Tudo fora descoberto antes de maiores danos. Os mais inteligentes entenderiam; os demais ficariam apenas supondo.

–Quais as opções que temos para resolver a questão sem a execução imediata da vampira? – quis saber Romano, e percebeu o olhar de Jan Kmam sobre ele.

–O espectro de Kara veio até minha presença e apresentou uma solução. Ela trouxe um meio de derrotar Afrodite, e devolver-lhe o corpo sem a necessidade da execução – Marie se pronunciou assim que Ariel terminou de explicar a questão.

–Ela está bem, Marie? – perguntou Jan Kmam, preocupado.

–Por enquanto sim, mas seu espectro logo começará a desaparecer. Ao entrar no Jardim, Kara perdeu energia, foi atacada e, para manter seu espectro intacto, usou muito de sua força. – ela evitou falar de Radamés na presença de Virna.

–Kara se arriscou entrando no Jardim, mas o fez para deter Afrodite e encontrar um meio de voltar para seu corpo. – Ariel justificou as atitudes da vampira. – Quando soube, fiz o que pude para tirá-la em segurança; por muito pouco não foi destruída – revelou Ariel, olhando para Jan Kmam.

–Então precisamos agir imediatamente, a pequena pimenta não pode ser destruída por aquela cobra – soltou Valdés, realmente sensibilizado.

–Faremos todo o possível para trazer Kara de volta, Valdés. Acalme seu coração e lembre-se de que o mestre dela está na sala e é ciumento.

Os vampiros riram do comentário de Marie, que piscou para Jan Kmam. E o clima tenso se desfez. Valdés, próximo a Jan Kmam, fez uma mesura cavalheiresca e sentou novamente. Mas todos sabiam o quanto ele era fã da campeã desde que a viu lutar na arena.

–Agradeço sua disposição, Valdés. Conto com a ajuda de todos vocês para trazer Kara de volta e em segurança. Obrigado – agradeceu Jan, gentilmente.

–O que será feito para devolver-lhe o corpo? Afinal, Afrodite o ocupa há muito tempo. Sabemos, quando isso acontece, que é quase impossível trazer a consciência do hospedeiro de volta e expulsar o parasita, por assim dizer – conjecturou Thiago, curioso.

–Faremos um exorcismo – revelou Marie, e houve um murmúrio pela sala.

–É essa a melhor opção? Um exorcismo? – quis saber Jan Kmam, realmente preocupado.

Todos sabiam que o exorcismo era uma prática bastante perigosa, tanto para mortais como para imortais. Na maioria dos casos, o exorcizado e o exorcista podiam morrer durante o processo. Jan temeu por ambas.

–É a única que temos no momento. A segunda resultaria em implicações bem mais danosas ao corpo de Kara. Eu lhe prometo que ela sofrerá o menos possível. Com magia é bem mais fácil do que com um padre – argumentou Marie, mas ainda viu preocupação nos olhos de Jan Kmam e do rei.

–O exorcismo vai expulsar Afrodite do corpo da campeã; entretanto, precisamos levar em consideração que o espectro de Afrodite poderá atacar novamente. E não saberemos quem será seu próximo alvo. Se ela está usando a “Prática Maldita”, é necessário que seja morta assim que deixar o corpo da campeã.

Isadora e a maioria na sala conheciam aquele encanto. Oito séculos atrás, alguns vampiros usaram o feitiço e foram executados por roubo de corpos mortais e imortais. Desde então, a “Prática Maldita” era punida com execução imediata. O manuscrito que trazia tal conhecimento foi localizado com os vampiros capturados e destruído. Mais um dos problemas trazidos pelo roubo da tumba de Radamés. Muitos de seus conhecimentos ficaram expostos. Felizmente, os Poderes vinham contendo o vazamento de tais conhecimentos dentro do mundo vampírico e mortal. No entanto, ainda havia muito a ser recuperado. Alguns de seus tesouros estavam sob a proteção de um museu, ou de colecionadores, que desconheciam sua verdadeira utilidade.

–Afrodite não ficará livre. Haverá um corpo à sua espera e ele poderá ser executado segundo as leis do Livro.

–Explique, Marie – pediu Ariel, curioso; afinal iriam executar um mortal, e não um vampiro.

–Eu poderia usar um invólucro, mas seria perigoso; ela poderia fugir ou poderíamos perder o objeto usado para detê-la. Por isso, o corpo é mais interessante, visto que será destruído de forma definitiva.

–Gosto da ideia do corpo – considerou o rei, demonstrando aprovação.

–Vou escolher um mortal com a predisposição para ser possuído. Tenho até mesmo uma voluntária. Importam-se? Afinal, todos aqui se alimentam de sangue. Não acredito que achem minha atitude inadequada, não é mesmo?

–De modo algum, Marie. Faça o que for preciso para destruir Afrodite e trazer a campeã de volta – disse o rei, e semicerrou os olhos.

–Por que não uma vampira? – quis saber Misha, curioso.

Os demais vampiros na sala também pareceram interessados em descobrir o motivo. Magia era algo que fascinava os vampiros e Marie sabia muito bem disso,

mas evitava expor seus métodos mesmo entre amigos. A magia tinha seus mistérios e usos, e a maior fonte de sedução.

–Afrodite tem muitos conhecimentos de magia, e alguns deles estão fora de nosso alcance. Não sabemos que tipo de poderes desenvolveu ou possuiu. Um corpo imortal a favoreceria a usar seus dons. Um corpo mortal nos dará segurança de reduzir sua força e seus poderes a zero. Pelo menos em tese. Afrodite não conseguiria viver muito tempo dentro dele.

Vendo os vampiros um tanto confusos, ela explicou:

–Quando um mortal se transforma em vampiro, seu corpo muda e se prepara para a imortalidade. Nesse caso, o corpo só será possuído. Haveria uma degeneração natural dentro de uma semana no máximo. A morte mais provável seria um derrame cerebral, ou um ataque cardíaco, sem contar que o corpo teria algumas necessidades que não poderia suprir, como sangue. Mas haveria alguns prazeres nesse intervalo de tempo. – Dizendo isso, Marie ficou em silêncio e os deixou pensar.

–Então, os vampiros que usam a “Prática Maldita” e possuem um corpo mortal sabem que ele apodrecerá? – Valdés queria encontrar lógica para o roubo de um corpo.

–Sim, e isso torna o roubo tão abominável e punível somente com o machado. O vampiro que pratica tal crime não se recupera – afirmou Togo como o bom conhecedor de caráter que era.

–De qualquer modo, Afrodite será executada imediatamente – completou Ariel Simon, seguro, tentando encerrar a exposição daquele assunto referente à magia. Ali todos sabiam que era filho de sangue da vampira, mas desconheciam muitos dos detalhes.

–A Ordem dos Pacificadores vai prometer a Afrodite um julgamento breve e uma execução quase indolor. Fomos avisados de que ela matou dois dos nossos, Vitor e Ryan. E é certo que não hesitará em destruir qualquer um que fique em seu caminho – afirmou Togo.

–O Livro sentiu tal perturbação? – perguntou Virna, e percebeu que o rei a olhou atentamente. – Apesar de ser aparentemente uma pequena conspiração, o Livro não a denunciou?

–Não, o Livro se mantém distante da questão – respondeu Togo, tentando compreender onde a vampira queria chegar ao questioná-los a respeito.

–Então os Exterminadores não foram enviados para matar a vampira? Afinal, dois vampiros foram assassinados.

–Nenhum dos dois era inscrito no Livro, para que ele lamentasse sua morte ou alertasse os Exterminadores e tampouco os Pacificadores – o respondeu rei, cansado do jogo de Virna.

A maioria sabia que o Livro mantinha com o rei uma união de mente e sangue. Eram um só; enquanto isso existisse, ele seria o rei. Mas poucos sabiam sobre as criaturas que dele dependiam, ou onde estavam aprisionadas dentro do invisível. Virna, como líder do Conselho, recebia poucas informações.

–Compreendo. E como suas mortes serão compensadas?

–Com a destruição de Afrodite, seus nomes entrarão para o Livro como suas vítimas, trazendo-lhe mais crimes.

–É justo – afirmou Thiago, e olhou para Virna quase lhe dizendo para não ir além, mas ela foi.

–De qualquer modo, eles serão avisados? Soube que os Exterminadores nos vigiam mesmo que nada façamos.

–Na verdade, eles já foram avisados. Independentemente da existência do Conselho, existe um Poder que vigia todos os demais, o do rei – respondeu Ariel à vampira sem nenhum constrangimento; na verdade, se sua pergunta houvesse sido mais objetiva, ela também teria recebido sua resposta de imediato.

Os vampiros aprovaram as decisões do rei diante da situação e não houve divergências, só perguntas sobre como agir diante da vampira. Jan Kmam percebeu que Misha ainda tinha reservas quanto à escolha de um mortal para tal sacrifício, mas ele se calou e não fez mais questionamentos sobre o assunto.

–Quando se dará o exorcismo? – quis saber Jan, pronto a ajudar no que fosse necessário.

–Logo depois do baile – respondeu Ariel, avisando a todos.

–O baile será daqui a três dias, é muito tempo Marie – comentou Jan, tentando compreender o motivo da espera ao olhar alternadamente para o rei e para Marie.

–Preciso me preparar e organizar tudo que usarei no exorcismo. Isso levará três dias, menos do que isso seria colocar Kara em risco. Estou fazendo o mais rápido que posso, acredite-me – avisou a bruxa, entendendo seu receio. – Para que fique mais tranquilo, tomarei medidas a fim de que o espectro de Kara não se perca e fique protegido. Falaremos sobre os detalhes em breve.

–O corpo de Kara não pode ser atacado ou ferido. Afrodite deve acreditar que nada mudou e que estamos alheios à sua presença. Caso haja necessidade de

detê-la, será sem uso de violência ou de espadas. Compreendido? – O rei alertou os presentes.

Todos assentiram e se comprometeram a guardar segredo. Juan e Will nada falaram, permaneceram na sala apenas observando a reunião. Eles continuavam servindo ao rei, mas não gostavam de sentar-se à mesa como os outros, mesmo tendo lugares reservados. Juan olhava Jan Kmam com respeito. Ele era o único na sala, além de Marie, que via Vitor e Kara. Juan nada falou, mas Will percebeu seu olhar para o vazio. O espectro de Kara acenou para ele e continuou próximo a Jan Kmam.

–Afrodite esteve nos enganando por meses, acho que podemos fazer o mesmo por três dias – completou Ariel, observando os vampiros a sua frente.

–Kara agradece o apoio de todos – manifestou-se Marie, após fitar o espaço vazio atrás da cadeira na qual Jan Kmam estava sentado.

Atrás dessa cadeira foi onde a campeã do rei ficou durante a reunião, observando os vampiros e ouvindo suas decisões, inclusive a reprimenda do rei a Virna. Kara pôde perceber que ela estava bastante quieta, mas contava os minutos para sair da sala e esconder seu aborrecimento. Vitor andava pela sala observando todos e sentindo falta da presença de Frigia.

–Kara está na sala? – perguntou Valdés surpreso, olhando em volta.

–Sim, desde o começo da reunião – afirmou Marie, percebendo Valdés um tanto envergonhado.

Marie estava em casa quando sentiu a presença dos dois espectros. A princípio, acreditou que estava sendo atacada, mas, ao sentir a energia do ambiente, compreendeu que a visita era pacífica. Viu-os de imediato e ajudou Kara, que vinha apoiada em Vitor. Ela estava muito fraca, mas ainda foi capaz de lhe transmitir a mensagem de Radamés. Porém preferiu de imediato cuidar do espectro de Kara. Colocou-a num círculo de cristais e pediu que tentasse descansar para que eles a irradiassem e lhe trouxessem cura. Vitor estava bem, só com saudade de sua amada Frigia. Quando seguiram para o *château*, Kara estava mais forte. Assim que avisou o rei, ele mandou Will e Juan para que a escoltassem até Chantilly em segurança. Temeu pela vida de Marie, dela dependia o retorno de Kara e o fim de Afrodite.

–Diga-lhe que conta com o apoio da Casa dos Lordes – disse Romano, olhando Marie com segurança e tranquilidade.

–E do Conselho – disse Virna, para receber um aceno de gratidão do rei.

Togo e os outros juraram defendê-la, e a reunião chegou ao fim. Assim que todos saíram, Marie ficou sozinha com Jan Kmam e o rei. Precisava informá-los sobre o que aconteceria durante o exorcismo e o que seria necessário para sua realização.

–O que acontece se o exorcismo falhar? O que faremos? – perguntou Jan, tentando estar pronto para o que viria.

–As chances existem, mas farei com que se tornem mínimas, Jan – disse Marie, entendendo a preocupação de Jan Kmam. Se fosse Kara, estaria relutante também.

–Não vamos falhar – assegurou Ariel.

–Marie, confio nos seus poderes, sei do quanto é capaz, mas preciso ter outra opção caso aconteça algo. Afrodite é muito forte, tive provas disso quando Kara avisou da presença dela em nosso plano. O corpo de Kara teve uma espécie de convulsão um pouco antes de Afrodite voltar. Ela ficou debilitada e sangrou.

Marie parecia ouvir algo e Jan Kmam e Ariel esperaram atentos.

–O que viu foi resultado do ataque de Kara sobre o espectro de Afrodite. Elas se enfrentaram, mas, quando Afrodite é atacada, quem perece é o corpo de Kara. Ela pede que confie em meus poderes e fique longe de Afrodite – disse Marie, ouvindo a explicação da vampira bem perto dela.

–O que fará agora, Marie? – quis saber Ariel, observando que ela abrir sua bolsa de couro.

Marie explicou pacientemente a Jan Kmam e Ariel como se daria o exorcismo e colheu amostras de sangue e cabelos dos dois. Ela precisava enganar Afrodite, convencê-la a entrar no corpo mortal, acreditando que ele fosse imortal. Como havia provado do sangue de ambos, era necessário ligá-la ao corpo do mortal de algum modo.

–O que acontece com Kara enquanto isso? – perguntou Ariel, preocupado com o estado do espectro da vampira. Ela realmente estava ficando fraca.

–Kara concordou em se manter dentro de um círculo de energização até o dia do exorcismo para preservar suas forças. Ela vai necessitar de toda que tiver durante o ritual. Nós precisamos nos isolar agora, há algo que queiram dizer antes? – perguntou Marie olhando os dois vampiros diante dela.

Ariel Simon e Jan Kmam estavam preocupados, mas mantinham-se calmos em consideração à vampira, que possivelmente os observava do plano invisível.

–Poderia ceder seu corpo a Kara por alguns minutos? – Ariel perguntou, apelando para Marie.

–Seria desgastante para mim e para ela. Incorporar um espectro é uma tarefa exaustiva, principalmente para uma imortal.

–Não é necessário tal sacrifício – disse Jan Kmam seguro, e se aproximou de Marie. Tudo que mais desejava era poder ver Kara. Ele abraçou Marie e sussurrou junto ao seu ouvido:

–Diga-lhe que a amo muito e que não posso viver eternamente sem ela.

Marie tocou os ombros do vampiro sem medo e o abraçou forte, consolando sua saudade e sua tristeza. A bruxa viu Kara observá-los e sorrir tristemente; as lágrimas rolavam por sua face, tanta emoção não lhe fazia bem.

Ariel Simon compreendeu o gesto de seu favorito e nada falou. Ele esperou mudo e distante de tudo, sofria em silêncio sua exclusão. Havia perdido mais uma vez, mas seu coração transbordava de amor por aquela vampira e de ódio por Afrodite.

–Kara disse que o ama também e que agradece ao rei por tê-la tirado do Jardim com vida – disse Marie, num sussurro, percebendo o olhar do rei brilhar apaixonado.

Vitor abraçou Kara e a consolou. A vampira olhou seu amante uma última vez e partiu seguindo Marie, que já saía da sala rumo ao local onde se daria o exorcismo. Prometeu voltar e não errar em nome do amor.

–Afrodite vem frequentando o clube Paradise há algum tempo e extravasando seus hábitos. Matar mortais é comum dentro do clube, mas ela tem exagerado em suas festinhas. Na última semana, matou o pupilo de Gary, Ryan. Visitei o clube ontem incógnito e a vi ao lado de Seth. Ela é a aliada dentro do *château* que ele comentou.

–Ela ficou no clube Paradise?

–Antes de o Sol nascer veio refugiar-se em Chantilly. Tive uma ideia e acho que vai concordar com ela.

Pouco depois, Jan Kmam saiu da câmara subterrânea e, com Bruce, afastou-se de Chantilly, ele havia concordado com a manobra criada pelo rei.

Ariel Simon os viu partir. Pouco depois, Afrodite veio ter com ele em seus aposentos, onde a esperava pronto para agir.

–Deve ter cuidado, Jan Kmam saiu há pouco, veio procurá-la. Onde esteve a noite passada? Quando saiu dos meus braços, disse que voltaria para casa – jogou Ariel, agindo como se nada houvesse mudado.

–Fui andar e perdi a noção do tempo. Por fim, me alimentei e, quando percebi, o lugar mais próximo e seguro era Chantilly, antes que o sol me pegasse – revelou deitada na cama, observando Ariel próximo à janela.

Afrodite percebeu seu aborrecimento e foi até ele. Envolveu-o num abraço e, quando ele se virou para segurá-la, olhou dentro de seus olhos verdes, ousando sondar sua mente. O rei a beijou delicadamente enquanto a despia, agia movido pelo desejo. Beijou seu colo e a mordeu faminto, sugou seu sangue e a levou para o leito onde a despiu impaciente e a possuiu. Afrodite notou seu toque frio e possessivo.

–Ainda aborrecido? – perguntou ela, deitada sobre seu corpo nu.

–Pede-me demais, Kara. Quer que meu favorito não desconfie e, ao mesmo tempo, age como se quisesse que ele descobrisse tudo entre nós – disse Ariel, saindo do leito para vestir seu roupão.

–Terei mais cuidado – considerou ela, preocupada com a distância de Ariel.

Ele era seu alvo principal, não poderia perdê-lo.

–Não gosto de mentir para Jan Kmam. Devemos decidir essa questão antes que se torne pessoal. Conhece minhas intenções, arme-se de coragem e fale com Jan Kmam. Ele terá de entender que me pertence.

–O que ele lhe disse?

–Jan Kmam foi emboscado ontem à noite por Seth e Michael. A tentativa foi frustrada, Jan matou Michael, mas Seth continua vivo.

O rei revelou e observou a vampira, seu olhar frio lhe disse muito. Afrodite ouvia quase paralisada sem saber ao certo que emoções demonstrar. Kara jamais teria aquela reação. Finalmente, se moveu e se preparou para sair, fingindo preocupação.

–Ele está bem? – perguntou tardiamente.

–Sim, não é à toa que é meu favorito. Jan é mais forte e mortal do que aparenta. Para você, ele só tem doçura e afagos, mas, para seus inimigos, só morte e dor. Ele se preocupou, esses ataques nunca vêm sozinhos. Acredita que eles podem estar seguindo você, tentando capturá-la. Eu também não duvido, precisa ser cautelosa, minha querida – disse Ariel, aproximando-se e a abraçando amoroso.

–Vou para casa. Ele deve estar aflito e aborrecido. Nesses momentos, confesso que tenho medo de sua reação. Jan fica bastante violento. Da última vez que discutimos, ele me tomou quase à força – Afrodite mentiu e deu as costas para o rei, fingindo estar envergonhada, magoada.

–Jan a feriu? Fale! – Ariel entrava no seu jogo. – Se ele ousar tomá-la à força, vai ter que me enfrentar, Kara. Está entendendo? Não minta! Ele a machucou?

–Não quero que lutem... – sussurrou a vampira, pérfida, quase desejando o combate.

–Deve pensar em minha proposta. Não a quero como minha concubina; quero-a como minha rainha. Preciso que seja somente minha! – Ariel fazia seus olhos brilharem, enquanto a tocava com carinho, iludindo-a.

–Eu o amo tanto, Ariel! Viverei ao seu lado de qualquer modo. Jamais sonhei ser sua rainha, mas, se é esse o único modo... Tentarei explicar a Jan, mas vou precisar de seu apoio, tenho medo de que ele perca a razão e tente algo contra você... – Afrodite se calou, abraçando-o forte e soluçando. Estava óbvio que incitava o rei contra seu favorito.

–Estarei a seu lado e tenho certeza de que Jan Kmam saberá respeitar nossos desejos. Se ele não entender, farei com que entenda. – Dizendo isso, Ariel sorriu e a beijou, passando para ela um pequeno anel de ouro que tinha no dedo mínimo como sinal de seu interesse.

Afrodite o beijou longamente e terminou de se vestir. Logo depois, partiu do *château*, sem saber que o rei havia colocado duas sombras atrás dela: Will e Juan. Eles cuidariam do corpo de Kara e vigiariam Afrodite. Ariel pegou o celular e ligou para Jan Kmam.

–O jogo começou, seja convincente. Ela está usando um anel que lhe dei, é um bom motivo para questioná-la.

–Logo lhe darei notícias. Will e Juan?

–Já estão cuidando dela.

–Obrigado, Ariel.

–É sempre um prazer.

Capítulo 29 – Rosas Brancas Tintas de Sangue - O Fim

Quando Lucien chegou a Veneza, foi direto para o Palazzo que o rei ocupava na cidade. Ele tinha uma missão a cumprir, retratar a atual amante de Ariel, Rosa Maria. O assunto deveria ser mantido em segredo, nem mesmo Otávio, seu irmão, sabia da existência da vampira. Ninguém tinha conhecimento de sua existência, Ariel Simon a vinha mantendo escondida no Palazzo. Poucos vampiros tinham conhecimento de sua existência, dentre eles Bruce, Romano, Thiago e Michael, o resto era apenas boato e falatório porque Ariel desfilava sempre com lindas mortais e vampiras, mantendo a identidade de sua dama em segredo. Decerto temia ser alvo de algum ataque. Eram dias difíceis, e ele sofria atentados quase constantes – havia uma pequena revolta em andamento. Lucien teve certo receio de ir para Veneza, era um artista, e não um guerreiro. Mas, quando Asti o informou de que o rei exigiu sua presença, não esperou por um segundo. Ariel tinha pouca ou quase nenhuma paciência quando se tratava de seus desejos. Todavia, sabia que o rei o recompensaria. Foi instalado numa das melhores salas do Palazzo, o quarto, destinado a ele, ficava no terceiro andar e lhe oferecia bastante privacidade. Na primeira noite, quando despertou, encontrou um escravo de sangue a seu gosto. O rei pensava em tudo, e ele estava satisfeito.

Desceu as escadas e se deixou guiar pelo som do piano. Assim que entrou na sala de música, viu Bruce e uma linda vampira, que tocava. Deveria ser a Rosa que Ariel vinha cultivando em seu jardim secreto. Ela era realmente bela. Apesar de vampira, sua pele lembrava mármore rosa. Possuía olhos negros, expressivos como a boca delicada e extremamente convidativa. O rosto era pequeno como o de uma bonequinha de louça; na verdade, ela era quase uma boneca, não muito alta, com o corpo bastante delicado. A imortalidade caíra bem à sua complexão. Os cabelos negros a deixavam chamativa ao olhar e atraíam para o busto pequeno, mas exato. E também era talentosa, tocava muito bem; só não sabia se ela seria desinibida o suficiente para satisfazer o desejo de seu rei e posar nua. Bruce fez as devidas apresentações, e Lucien a olhava com atenção, medindo, estudando, trazendo suas linhas para dentro de sua mente, para seus dedos. Só depois falaria com o rei.

–Então? O que acha, minha querida?

–Não sei se ficarei à vontade... – respondeu Rosa, comentou, movendo-se pela sala um tanto impaciente. – Ajude-me Bruce, demova essa ideia da cabeça dele – pediu a vampira com meiguice.

–Você concordou, Rosa. Além disso, ficará magnífica. Por que tamanho pudor? Garanto que somente três pessoas verão essa tela: o rei, Lucien e você.

A vampira sorriu timidamente e tocou o rosto de Ariel, que esperava paciente por sua decisão. Ele desejava muito as telas, queria imortalizá-la mais uma vez, já que não pôde ser seu mestre, apenas seu amante.

—Rosa, sou como um médico, ou melhor, até porque tenho sensibilidade, mesmo sendo um vampiro cruel. Temos tempo e posso ambientá-la. Na verdade, farei quatro telas. Até lá você decide, o que acha? — disse Lucien, enquanto observava a timidez da vampira.

—Está perfeito. Não quero que isso seja um sacrifício, e sim um prazer — murmurou Ariel, junto ao seu rosto, afinal a vampira encontrava-se sentada em sua perna, estavam à vontade e entre amigos íntimos. — Estou confiando minha pérola a um joalheiro, e ele vai fazer uma linda joia de sua beleza. — Ariel mostrava-se inspirado.

Quando Bruce e Lucien se retiraram rumo ao ateliê, já discutiam a melhor luz — ambos eram artistas. Ariel sorriu e fechou a porta. Quando voltou, tinha algo nas mãos. Convidou Rosa a sentar-se na poltrona próxima e pediu que fechasse os olhos. A vampira o obedeceu e sentiu os dedos de seu amado retirarem o colar de pérolas que usava e substituí-lo por outro. Quando, finalmente, teve permissão para abrir os olhos, estava diante de um espelho de mão a ela oferecido pelo rei. Rosa sorriu e fitou sua imagem com espanto, sobre seu colo, preso delicadamente ao pescoço, estava um colar radiante, feito em perolas e diamantes, o desenho dos diamantes foram arranjados para se parecerem com rosas. Foi difícil conter o espanto, o colar era prateado e iluminava seu rosto, a pele, o colo delicado e convidativo. O vestido que usava era muito simples, o único atributo era ser de veludo, num tom vinho bastante profundo. O decote era quadrado e o corpete ajustava-se ao seu corpo, delineando a curva dos seios. As mangas davam a ela um ar atemporal, quase medieval. Uma mistura doce de vampira e bruxa — afinal, havia enfeitado um rei. O vestido que Ariel julgava simples demais, na presença da joia ganhou ares reais.

—O que acha? Gosta? — perguntou Ariel, ajoelhado diante da vampira.

—Meu querido, é magnífico. Como poderei usar tal joia? Ela é digna de uma rainha! — afirmou ela, sincera, deixando o espelho de lado para fitar seu amado.

—É o que logo será, minha rainha. Em dois meses, será minha concubina; quero que o use durante a cerimônia. E, dentro de um ano, farei com que seja coroada. Nesse dia, vou cobrir seu corpo de ouro e diamantes. Vestirá o mais belo traje e irá se sentar a meu lado para reinar no mundo dos vampiros. — Ariel falava e a envolvia nos braços para beijá-la.

—Tenho medo de que os Poderes não me aceitem e que o Livro me queime viva. Além disso, tenho tido pesadelos estranhos com aquela vampira.

Ordália vinha assombrando Rosa Maria, ela sentia ciúmes de sua relação com o rei. Como havia provado do sangue de Ariel, a vampira conseguia tocá-la de maneira impiedosa, trazendo seus piores medos à tona. Por duas vezes, Rosa acordou tentando apagar chamas imaginárias do corpo, ou aos gritos, vendo Seth persegui-la. Foi preciso que Ariel visitasse Ordália e a ameaçasse para que deixasse a mente de Rosa Maria em paz.

—Ordália não pode tocá-la, não há o que temer, Rosa. Estarei sempre a seu lado para protegê-la. Quando posar para Lucien, quero que use o colar e mais nada — murmurou Ariel, com os dedos nos botões pequeninos do vestido, enquanto a beijava apaixonado.

A vampira sorriu e o puxou para fora da sala, rumo ao quarto do rei. Lá o ajudou a desabotoar sua roupa. Amaram-se por horas. Quando finalmente Ariel a libertou, ela tirou o colar e o guardou dentro de uma caixa de madeira avermelhada. Depois, pressionou a tampa e fez aparecer um compartimento secreto de onde tirou uma fita vermelha. Rosa voltou para perto do rei com o pedaço de fita e uma tesoura.

—Quero um cacho seu.

—E para que seria? Lançar-me um feitiço? Acho que não vai adiantar, Rosa, já estou enfeitiçado — brincou Ariel, olhando seus olhos escuros.

—Por favor, meu querido — pediu ela, tocando seus cachos ruivos.

—Que sacrifícios não fazemos por amor. — Ele pegou a tesoura e, escolhendo um cacho em sua nuca, cortando-o. Sorriu e o entregou nas mãos da vampira, que o prendeu na fita de seda e o beijou feliz.

Imediatamente, no local onde o cabelo foi cortado, outro reapareceu. Rosa o guardou na caixa do colar e murmurou:

—Meus dois tesouros.

Rosa Maria comparecia ao ateliê de Lucien e posava para as telas. Na primeira delas, a vampira foi retratada usando um vestido de seda vermelha com os cabelos presos no alto da cabeça. Um lindo colar de rubis completava a imagem. Ariel aprovou a tela, e a fez posar para mais três quadros. A quarta e última foi mantida em segredo por Lucien até que estivesse terminada; afinal, a vampira havia concordado em posar nua, mas exigiu que o rei só a visse quando estivesse terminada. A tela retratava a vampira nua sobre almofadas de seda e veludo, tendo como adorno o lindo colar de diamantes. A pele rosada, os cabelos negros e o belo

corpo chamavam quem a contemplava com bastante insistência. A magia daquela tela estava no olhar doce e convidativo da vampira. Nada de afetado ou com o toque de um convite vulgar. O olhar que ela lançava era suave e sensual na medida certa. Os olhos negros encaravam e transmitiam mistério e intensidade. A tela era fascinante. Lucien usava seus dons de vampiro e fazia de suas pinturas peças inigualáveis. O rei foi convidado a entrar no ateliê sozinho e fitar as telas juntas. Ele ficou lá, isolado, por quase uma hora e, quando saiu, evidenciava satisfação. Imediatamente, as telas foram cobertas e levadas para uma câmara preparada com antecedência para recebê-las. Lá, somente ele as veria: elas foram feitas para seu deleite e o de mais ninguém.

Durante as reuniões, Rosa Maria se mantinha no seu quarto, mas Ariel gostava de tê-la junto a si na presença dos mais íntimos, entre eles Thiago, Romano, Bruce, Lucien e o mais novo entre eles, Michael. Ariel tinha simpatia pelo jovem vampiro, ele se mostrara corajoso e leal. Togo o mantinha sob observação, pois era muito jovem para estar diante de vampiros tão velhos, principalmente do rei. O que ninguém desconfiava é que ele se mantinha atento a tudo e a todos.

Nas noites seguintes, chamou uma das melhores costureiras para que Rosa Maria renovasse seu guarda-roupa. A vampira gostava de gastar e o fazia sabiamente com vestidos e sapatos. Quando a costureira entrou na sala, reconheceu Rosa de imediato, mas não deixou transparecer nada, fazendo seu trabalho em silêncio, de modo bastante profissional.

—Não vai falar comigo, Florence?

—Foi você que nos abandonou, Rosa.

—Eu não os abandonei, eu fui...

Rosa fitou sua irmã mais velha e teve vontade de lhe contar a verdade, mas teve medo. Ficou quieta e deixou que ela marcasse a barra do vestido que havia escolhido.

—Tenho mandado dinheiro, pago a enfermeira. Não posso me aproximar mais do que isso. Seria perigoso para todos vocês.

—Ela pergunta por você todos os dias.

Florence fez questão de lhe dizer, quase que para convencê-la a voltar. Para ela, Rosa Maria havia se tornado alguém pior que uma cortesã. A casa, o dinheiro que ela enviava regularmente, nada era suficiente para calar sua indignação. Rosa Maria foi para a frente de sua irmã, pegou a tesourinha e cortou o braço diante dela, que recuou aflita e buscou um lenço para cobrir o corte. Rosa a segurou e a

fez olhar o ferimento se fechar, depois sua face pálida e os seus caninos. Florence recuou, e a vampira podia ver o medo em sua face. Falou com ela em pensamento e, quando a viu sentar-se tonta e confusa, contou-lhe o que era e como vinha vivendo.

– Seu sócio no ateliê sou eu. Monsieur Valbert é um empregado que mandei, sabia que não aceitaria meu dinheiro. Então, orientei-o a tornar-se seu sócio, mas o dinheiro é meu. Lembra quando conversávamos sobre montar um ateliê juntas?

Os olhos de Rosa Maria brilharam melancólicos. Florence segurou sua mão fria e, por fim, a abraçou sem medo. A vampira a consolou e contou parte de sua história. Estavam na miséria quando Rosa Maria se tornou cortesã, era bonita e jovem, o caminho mais certo era usar seus dons e dotes. Elas eram portuguesas, mas sua mãe era espanhola, e foi com ela que aprendeu a dançar e cantar. Florence estava grávida de seu primeiro filho, o marido havia morrido de cólera. A mãe era inválida e estava quase cega. Ela e Florence costuravam para um ateliê e sobreviviam como podiam. Rosa conseguiu, como cortesã, comprar uma casa para elas e o bebê, além de manter a família. Ficava distante e as visitava em segredo, não queria comprometer o futuro de Florence e do pequeno Francisco. Mas, quando Seth apareceu e a roubou, elas ficaram meses sem notícias suas. Rosa Maria tinha vários motivos para fugir, mas o principal deles era levar dinheiro para que elas pudessem sobreviver. Seth sequer sonhava com a existência de sua família. Até aquele dia, jamais deixou Florence ver sua face de vampira. Mas estava cansada de ser julgada por sua irmã.

Florence partiu e Rosa Maria sentiu-se feliz, sequer percebeu Michael no fim do corredor. Bruce o surpreendeu e ele afirmou que estava de partida, já que tinha um compromisso com uma dama ainda aquela noite.

Bruce ainda viu Ariel entrar na sala e o seguiu para surpreendê-lo erguendo Rosa Maria nos braços, enquanto a beijava faminto. A vampira sorriu para o rei e eles perceberam Bruce. Ariel jogou sobre ele um travesseiro. Bruce fechou a porta, ouvindo a gargalhada de Rosa, e os deixou a sós para que se amassem como faziam com frequência pelas salas do Palazzo. Ariel vivia pleno de satisfação e felicidade, Togo e os outros vampiros percebiam seu estado e se alegravam com ele; afinal, a solidão o deixava mais duro e frio. Rosa deu a ele amor e paz.

Durante uma semana, Florence entrou e saiu do Palazzo. Nesse meio tempo, Rosa Maria deu-lhe algumas joias que não usava mais para que vendesse, caso precisasse de dinheiro. No último dia de provas do vestido, Florence estava pálida e, quando se aproximou da irmã, passou-lhe uma carta às mãos e desabou em pranto.

– Desculpe-me, ele está com Francisco e com nossa mãe... Ele vai matá-los.
– disse aos prantos.

–Do que fala, Florence? – perguntou Rosa aflita.

Rosa abriu o envelope preocupada e encontrou um recado de Seth. Ele havia capturado sua mãe e o sobrinho como reféns, e exigia que ela voltasse ainda naquela noite. Acalmou a irmã e mandou uma resposta ao recado, só então percebeu que Florence fora mordida. Furiosa, ela prometeu que os protegeria. A costureira se acalmou após um cálice de vinho e partiu sem que ninguém percebesse o que se passava. Rosa Maria fingiu o melhor que pôde, mas Bruce percebeu seu olhar pensativo, o modo que fitava o rei apaixonada e, ao mesmo tempo, triste. Ariel Simon deixou-a no leito e foi ter com Togo, tinha decisões importantes a tomar. Alguns vampiros apareceram e pediram audiência. Aquilo provavelmente o prenderia pelo resto da noite. Rosa escolheu um vestido simples de seda negra e fez uma pequena mala. Só levou o que mais amava: a caixa com o colar e três vestidos. Deixou todo o resto. A ordem era para deixar o rei naquela mesma noite, caso contrário ele mataria todos. Ocultou-se com uma capa e, despistando os Pacificadores, saiu do Palazzo do rei pelo telhado. Se tivesse sorte, ninguém notaria sua ausência. Escondida junto à capa, estava uma adaga.

Retornar ao Palazzo de Seth lhe custou muito. Assim que chegou, foi recebida por Petrus.

–Bem-vinda, irmãzinha, nós sentimos saudades.

Ribas e Petrus iam à frente como dois bufões, fazendo algazarra, segurando sua valise, enquanto a vampira seguia pelo corredor até a sala onde Seth costumava ficar. Eles abriram a porta e a vampira entrou. O vampiro parecia ter se vestido o melhor possível para o encontro. Próximo ao fogo, viu sua mãe e, um pouco adiante, Florence com o filho nos braços. A mulher estava apavorada e segurava o menino de nove anos com força, temendo que o tirassem dela novamente.

–Eu vim como prometido, solte Florence e seu filho.

–Claro. Ribas leve Madame Florence e o pequeno Francisco embora. Eles já me serviram.

–Rosa?

–Sim, mãe – respondeu Rosa Maria, aproximando-se da velha sentada junto ao fogo, coberta por uma manta.

–Onde estou, por que me tiraram de casa?

–Está tudo bem, foi só um problema na casa, mas eu vou levá-la de volta.

A vampira acalmou-a, tocando seu rosto e beijando sua testa. A mulher, de quase 70 anos, tremia e segurava as mãos da filha com força. Mostrava-se agitada e nervosa. Estava quase cega devido a problemas de saúde. Seth observava a cena com verdadeiro prazer. A aflição de Rosa Maria enchia-o de alegria; afinal, tinha a vampira em suas mãos novamente.

—A casa em que morava não é mais segura. A senhora vai ficar sob minha proteção. Rosa agora vai morar conosco, não é mesmo, Rosa?

—Ficarei a seu lado, mãe – respondeu a vampira, com a voz trêmula.

A vampira se continha, não queria que a mãe percebesse seu medo. Se estivesse sozinha, o atacaria, mas ele poderia contê-la e Petrus matar sua mãe em questão de segundos.

—Petrus, peça à criada para levar a senhora para o seu quarto.

Seth beijou a mão da velha senhora, que se acalmou e sorriu. Petrus ajudou a criada a levar a senhora, que se locomovia lentamente. Mas, ao chegar à escadaria, ele a tomou nos braços e a carregou para cima.

—Minha querida, por que jamais me contou que tinha uma mãe? Eu teria providenciado uma casa melhor, uma enfermeira de confiança que não vendesse sua paciente por tão pouco – disse Seth, revelando como teve acesso à velha senhora, enquanto fechava a porta da sala.

—Quero que a deixe livre, trouxe minhas coisas como pediu. Agora, deixe-a ir – insistiu Rosa, vendo o olhar frio do vampiro sobre ela.

—Não vai ser assim tão fácil. Ariel tirou minha tutela, quem é seu mestre agora?

—Togo, na verdade está sob a guarda dos Poderes – disse Michael, entrando na sala e surpreendendo Rosa. – Está pálida, Rosinha, o que foi?

—Traidor! – Rosa entendeu tudo e avançou sobre o vampiro, rasgando sua face com as unhas.

O vampiro segurou-a com força e, olhando para Seth, quase que lhe pedindo permissão, esbofeteou-a.

—Então aquele ser estranho de olhos puxados é seu mestre?

—Togo não passa de um bajulador! – disse Michael, debochado e tocando o rosto feito.

—Melhor ser bajulador que traidor. – A vampira cuspiu.

—Basta! – berrou Seth e ficou bem perto de Rosa. – Você me pertence, mesmo que Ariel acredite no contrário. Você vai ter que convencer o rei que

realmente voltou para minha tutela. Não vou enfrentar os Poderes porque você decidiu me trair e humilhar.

–Liberte minha mãe! – rugiu Rosa, agressiva.

–Jamais! Vampiros não têm parentes, sabe por quê? Para que eles não caiam em mãos erradas. Você é uma maldita vagabunda com uma mãe inválida e uma irmã saborosa. Sabia posso ficar com o garoto e, quando ele crescer, torná-lo um de nós? O que acha? Ficaria tudo em família.

–Desgraçado! Já me tem de volta, o que mais deseja?

–Quero que sofra! – Seth segurou a vampira pela garganta e a submeteu à força de sua mente. – Vai pagar muito caro por ferir meu coração. Sabia que eu perdi poderes?

–Eu tive que abrir o peito de Seth para tirar o espeto que você cravou nele – lembrou Michael, com nojo.

Seth segurava Rosa pela garganta e atacava sua mente. Quando a libertou, ela caiu no chão, sangrando pelo nariz. Ele a puxou pelos cabelos e lhe mostrou um chicote de montaria. A surra rasgou a seda do vestido e, enquanto ela tentava reagir, ele a chutava. No momento em que terminou de extravasar sua raiva, estava cansado e buscou o sofá para sentar-se. Petrus entrou na sala e riu ao ver o estado da vampira. Ela estava descabelada, com o vestido rasgado e cortes sobre a pele alva e delicada, além do rosto sujo de sangue.

–A vida finalmente volta à rotina. Senti saudades, Rosa. Amanhã, quero que dance para mim. Você tem uma missão a cumprir. Ferir o rei, quebrar seu coração, fazê-lo sangrar para que possa matá-lo – Seth enumerava, cheio de poder.

–Já tem o que quer, por que vai atacar o rei? – ela falou muito firme.

–Está enganada. Você é só parte do que eu realmente quero. Agora me conte como é viver com o rei. O que ele tem feito ultimamente? – perguntou Seth, demoníaco.

–Seu capacho já não lhe disse tudo? – perguntou ela, olhando para Michael, que estava sentado na cadeira próxima, bebendo um cálice de sangue.

–Há coisas que um rei só diz a uma cortesã – disse Michael, e saiu da sala. Rosa Maria se recusou a revelar a rotina do Palazzo; contudo, Seth a fez contar, sob força da chantagem e de seu chicote, detalhes sobre a troca de guarda, onde Ariel estaria nas próximas noites e com quem. Rosa puxou sua adaga e tentou lutar com Seth, chegou mesmo a tirar sangue de seu peito e sua garganta antes de ser contida e possuída à força. Depois de saber tudo de que precisava, arrastou-a para o porão onde dormia e a prendeu a ferros. A vampira conhecia bem aquele lugar; ali

viveu os piores dias de sua imortalidade. Nada havia mudado, teria sido melhor entregar-se ao sol quando teve chance. Ariel, Bruce, a vida junto ao rei, tudo agora era mera lembrança.

Ariel Simon, o rei dos vampiros, entrou no Palazzo de Seth com seus Pacificadores. A seu lado, Togo e Bruce. Havia som de música e festa. Rosa dançava sobre um tablado de madeira ao som de palmas e violas. Os músicos cantavam uma melodia flamenca dramática e vibrante. Havia uma rosa vermelha presa em seus cachos e ela dançava com os olhos quase fechados, sentindo o ritmo. Rosa movia a saia e os pés metidos nos sapatos fechados e de salto grosso, marcando o ritmo, enquanto a mão se movia com o som das violas. Ariel Simon ficou paralisado, olhava a vampira dançar e não acreditava no que via. Há dez noites, quando deu por sua falta, colocou os Pacificadores em alerta e varreu a cidade à sua procura, tendo que parar graças ao amanhecer. Não encontrava paz, foi preciso Togo e Bruce convencê-lo a recolher-se e alimentar-se. Viveu um inferno, acreditava que ela estivesse em poder de Seth, e não estava longe da verdade. Quando recebeu seu convite, percebeu que ele a mantinha prisioneira. Mas vê-la ali, dançando, foi uma experiência estranha. Movia o corpo exibindo as curvas, o cabelo a seguia como um véu de mistério. Jamais a vira dançar, e ali estava ela, dançando para Seth e seus convidados. Não sabia se a admirava ou punia – Ariel sentiu-se no inferno!

Quando a música chegou ao fim, Rosa concluiu a dança com um movimento elegante e fitou a plateia, quase saindo de um transe. Ela não sorriu, apenas curvou a cabeça levemente e se afastou. Ariel andou pela sala rumo ao tablado, aplaudindo-a. Rosa Maria tremeu involuntariamente; contudo, manteve o equilíbrio, precisava ser forte e terminar com o seu sofrimento, e o dele. O rei não soube identificar se era alegria ou medo o que via nos olhos dela, mas em seu olhar havia uma grande frieza. Diante dele, estava outra vampira, uma que jamais conhecera.

–Majestade, quanta honra! Por um minuto acreditei que não aceitaria meu convite. – Seth havia armado aquela situação para expor Rosa e o rei.

–Togo, limpe a sala.

Ariel ordenou olhando Rosa e fingindo indiferença, andando pelo ambiente altivo, poderoso. Bruce fez menção de se aproximar da vampira, mas Ariel o impediu com um olhar. Rosa Maria o olhou e entendeu, ficando imóvel enquanto os músicos e os vampiros saíam. Quando estavam a sós, Togo fechou a porta e esperou.

–Aproxime-se, Rosa – ordenou o rei e ela lhe obedeceu.

–Majestade. – Ela o cumprimentou, curvando-se.

–Está sob a proteção dos Poderes, Togo é seu mestre. O que a fez afastar-se sem aviso? – perguntou como rei, não como amante.

Ariel Simon viu um risco fino sobre seu ombro delicado, afinal o vestido a deixava com o colo à mostra. Ele fitou o olhar frio e distante da vampira, mas não a reconheceu. E ela sempre o olhava com grande carinho... Achou-a um tanto mais selvagem e livre, talvez fossem os cabelos. Eles estavam presos de modo que as mechas cacheadas caíssem sobre o colo pálido e convidativo. Ariel agora tinha certeza de que Seth prolongara seu sofrimento ao máximo.

–Decidi voltar a viver com meu mestre – ela disse o mais sinceramente que conseguiu, enfrentando-o com altivez.

–Saíam, quero ficar a sós com a vampira.

A voz do rei estava baixa e ninguém ousou contestá-lo. Imediatamente, todos saíram e ele ficou sozinho com Rosa Maria. Ela sabia que precisava agir com cautela, pois a vida dos que amava estava em perigo. Um passo em falso e Ribas os mataria no segundo andar. Tudo havia sido planejado para que ele conseguisse ferir o rei, fazê-lo crer que ela o havia enganado com Seth.

Rosa Maria estava lindíssima e esperava seus movimentos. Ariel a abraçou e beijou longamente enquanto a apertava nos braços, sentindo seu corpo frágil, a seda do vestido negro e vermelho que usava, os cachos que amava. Ela se manteve imóvel, os braços ao lado do corpo como uma boneca sem vida, sequer ousou retribuir sua carícia, e isso o despedaçou. Ela fingiu nojo para que não visse sua angústia.

–O que houve, Rosa? Ele a trouxe à força, não foi? O que está acontecendo? Fale! Vim levá-la de volta. Os Pacificadores vão executá-lo ainda está noite. Aqui você não fica mais um minuto – Ariel falava, segurando-a pelos ombros. Depois tentou levá-la consigo, mas ela resistiu.

A vampira puxou a mão e se afastou. Ariel estava atônito, mas ele a segurou pelo pulso e a fez enfrentar seu olhar frio e aborrecido. A vampira se comportava de modo estranho e rebelde, mas a que se devia tamanha transformação?

–Perdeu a razão? – perguntou o vampiro, segurando o rosto de Rosa, buscando sua lucidez.

–Nunca estive tão lúcida em toda minha vida – disse ela, empurrando as mãos do rei para evitar seu toque, ao mesmo tempo que o repudiava.

–Fale! Ele a está chantageando? É isso?

Ariel buscava motivos e estava tão certo que ela quase confessou. Mas não poderia. Antes que ele conseguisse salvá-los, Ribas mataria sua família.

—Ninguém está me chantageando, vim porque quis.

—Eu o puni por seus atos de violência contra você. O que acha que está fazendo voltando para sua cama?

—Estava farta de ser vigiada e tratada como uma boneca de louça que só servia para seu prazer.

—Onde está a vampira assustada que não queria sair do Palazzo sozinha? Nós vamos nos unir em uma semana. Acho que me deve uma explicação, Rosa — exigiu o rei, cobrando-lhe satisfações. Não iria aceitar tão facilmente sua mudança.

—Apesar de ser o rei dos vampiros, não é meu dono.

—Está enganada. Quando aceitou ser minha amante, passou a me pertencer. Você estava dormindo com o rei dos vampiros, não com um vampiro qualquer — esclarece Ariel, enquanto a segurava com força. Ele estava perdendo a paciência e quase o juízo.

—Será que não compreendeu? Jamais desejei ser sua concubina. Eu pertencço a Seth, ele é meu mestre. Ele me colocou em sua cama, mas felizmente tudo isso chegou ao fim e estou livre — disse ela de forma cruel e cínica, libertando-se do rei.

—O que disse?

—Seth não o perdoou por tirar seu título, mas fique tranquilo, eu não vou revelar a ele que Jan Kmam está vivo. Estou farta de servir de isca para tolos!

—Vou executar Seth e levá-la de volta até que esta loucura que a acometeu passe; você não é a vampira que conheço. Coloquei meio mundo atrás de seu paradeiro.

—Posso me cuidar sozinha, além disso, já não suportava mais aquela vidinha palaciana. Felizmente, Seth se cansou desse jogo tolo, e estou livre como sempre fui. Deixe-me em paz! Será que não entende, eu não o amo, jamais amei. Foi tudo armado para que sofresse. A vampira que amou jamais existiu, dormiu com uma fantasia. Rose Blanche era a vampira que desejava, e eu a dei a você!

—Vagabunda! — Ariel soltou sem conseguir se conter.

—Fui cortês e hoje sou vampira. Jamais gostei de me sentir presa a quem quer que fosse.

—Achei que estava em perigo, mas, pelo que vejo, está em casa. Devemos nos apresentar novamente, eu não conheço a mulher frívola e cruel que tenho diante de meus olhos. — Ariel a segurou e ela lutou.

Rosa Maria o empurrou com força e ele só não foi atirado longe porque se manteve firme no chão. A vampira o olhava furiosa, e enojada. O tapa que veio a seguir tirou sangue de seus lábios, mas foi merecido. Ela tocou o rosto quente e limpou o sangue da boca com a língua. Nada mais importava, ele havia acreditado e logo partiria.

—Você comprou uma ilusão!

O choque para Ariel foi enorme, mas ele reagiu como rei que era. Não demonstrou sua dor. A surpresa, no entanto, lhe era permitida; afinal, a mudança fora brusca demais.

—Sinto, senhora, se a incomodei com minha presença nos últimos meses. Estou revogando a proteção dos Poderes. A partir de hoje, volta a pertencer a seu mestre — argumentou, observando sua face imutável e distante.

—Não vai punir Seth?

—Por que motivo deveria? Ele me ofereceu sua amante para que dela desfrutasse, vejo nele até mesmo bondade.

—Não seria pena?

Ariel Simon voltou-se tão depressa que Rosa quase caiu no chão, ele a segurou pelo pescoço e apertou como se quisesse matá-la. Por fim, soltou-a e, quando falou, estava refeito:

—Não ouse cruzar novamente meu caminho ou a matarei. O que fez comigo não tem nome, senhora. Eu a amava.

—Muitos já me amaram e morreram. Sou realmente uma cortesã levando todos à ruína e à dor. Você não pode confiar em ninguém, é um rei e confiou em uma cortesã, confiou em Michael. E veja com quem ele se aliou: Seth. — debochou cruel, quase desejando que ele a matasse, nada mais importava agora que o perdia para sempre.

—Michael também está nisso?

—Ele e Seth acreditam que podem ser rei e favorito. Idiotas! Eles vão perder a cabeça e eu vou somente sorrir. — Rosa debochou frívola, mas queria apenas avisá-lo sobre Michael.

—Por um momento, achei que estivesse entre amigos e que você me apreciasse como amante. Agora, vejo que tudo não passou de uma ilusão patrocinada por meu ex-favorito. — o rei afirmou um tanto distante, olhando-a com os olhos escurecidos pela dor.

—Eu não posso reclamar. Você sempre foi um cavalheiro — confessou ela, lançando-lhe um olhar malicioso, mas seus olhos negros estavam tristes e cheios de mistério.

—Adeus, Rosa, não vejo motivos para permanecer.

—E eu tampouco para que insista. Apenas me esqueça, será melhor. Adeus, meu querido rei — murmurou ela, como sempre fazia para jurar-lhe amor.

Ariel Simon nada respondeu, apenas saiu da sala e se aproximou de Seth. Olhando-o cuidadosamente, deu ordens a Togo. Usava as leis para se proteger da dor e se manter lúcido. Não estava em seu território. Bruce esperou que ele voltasse com a vampira e que os Pacificadores prendessem Seth, mas isso não aconteceu.

—Isso lhe pertence, majestade. Não posso aceitar que minha pupila receba um presente de tal porte. Não quero que pensem que ainda dividimos a amante. Seth estendeu a caixa do colar diante do rei. E esperava que ele a recebesse.

—Encare como uma forma de pagamento. Afinal, Rosa Maria me serviu muito bem na cama e fora dela. Nada mais justo que receba por seus serviços, já que é você o proxeneta.

Dizendo isso, Ariel ajeitou sua capa e saiu do Palazzo como se nada acontecera. Seth engoliu seu ódio, ele esperava um escândalo, que o rei batesse em Rosa ou o espancasse, mas nada aconteceu. Os Pacificadores seguiram as ordens do rei e começaram a caçar Michael. Ele agora era um foragido, acusado de traição. Ariel continuou andando sozinho; a seu lado, só Bruce permaneceu. Togo partiu a seu pedido. Ele relatou tudo a Bruce e o viu desacreditar, mas, naquele momento, não conseguia pensar em mais nada a não ser em sua dor. Deixou o amigo e confidente sozinho, sumindo sem se despedir.

Durante um mês, Ariel se isolou dentro do Palazzo, mas antes dispensou todos: Romano, Thiago, Lucien — queria ficar sozinho. Disse o mesmo a Bruce, mas ele jamais foi embora. Os preparativos para a festa foram cancelados e o mundo vampírico jamais soube da existência da vampira. O rei dispensou até mesmo Togo, ele queria ficar só. O líder dos Pacificadores saiu, mas deixou o rei sob grande proteção e avisou que estaria por perto, temia que Ariel fosse empreender uma vingança contra Seth e sua ex-amante, colocando sua vida em perigo.

—Como pode ser tão cego?

—Por que não foi embora como os outros? Estou farto de vê-lo defender aquela vagabunda.

Ariel se pronunciou com amargura, andando pela câmara suja. Estava no porão, vivendo entregue à sua tristeza. Os quadros eram os únicos lugares onde Rosa Maria ainda existia em sua vida. Ele os cobrira, mas olhava como se pudesse vê-los enquanto bebia mais vinho que sangue. Parecia disposto a se embriagar. Os cabelos permaneciam bem amarrados, mas o laço de seda encontrava-se desfeito, a camisa estava suja de sangue. O colete, desabotoado. Havia livros e roupas pelo chão.

—Ninguém muda de tal forma de uma hora para outra, nem mesmo nós, vampiros. Deve haver um motivo. Pense — pediu Bruce, olhando Ariel fitar os quadros.

—O que você não compreende, é que, eles o usaram para trazer Rosa para minha cama. Tramaram tudo desde o princípio, a surra, os ferimentos — disse o vampiro, ácido. — Ele sabia que nos renderíamos a ela por parecer com Thaís. Sabia que a protegeríamos dele — Ariel falava aborrecido, continuando a beber.

Bruce percebeu e tomou-lhe a garrafa das mãos, dando-lhe um cálice com sangue. Era o único com tamanha liberdade diante de Ariel, o único que ele não mandava matar por contrariá-lo. O rei sorveu o líquido de um gole e pareceu ficar mais lúcido. Sentou na cadeira e lá ficou, mudo e melancólico.

—Você mesmo afirmou ter entrado em seus sonhos e comprovado suas lembranças. Isso não pode ser mentira.

—Seth plantou as imagens na mente dela. Sabe como isso é fácil para um vampiro — argumentou Bruce.

—Sim, é, mas ele não estava dentro do galpão quando Thaís morreu com Jan Kmam. Como ele poderia saber dos detalhes? Como ele poderia saber que Jan a matou por acidente?

Por um segundo, o rei parou e jogou-se sobre a poltrona próxima, mirando o fogo. Bruce queria fazê-lo pensar, entender que Rosa agiu de modo cruel tentando salvar a si mesma e talvez o rei. Havia muitos furos em sua mudança súbita. Além disso, conseguira com Togo um Pacificador para vigiar Rosa Maria e a casa de Seth em busca de respostas.

—Quando foi que ela mudou? Ela era sua amante, vocês estavam em harmonia. O que a fez mudar? Fugir? — Bruce estava ao lado do rei e segurava sua mão.

—Chega, Bruce! Não está vendo minha dor? Não suporto mais. Gostaria de esquecê-la, mas ela está comigo, sinto-a dentro de minhas veias — confessou, e uma

lágrima rolou por sua face. – Temi tanto meu favorito e esqueci-me de vigiar meus verdadeiros inimigos – disse e lançou o cálice a distância.

–Ariel...

–Quer me enlouquecer?

–Pare de sentir pena de si mesmo e me escute. Um dos Pacificadores viu Seth atacando a costureira que veio até o Palazzo. Ele não a matou, simplesmente a libertou com um bilhete nas mãos. Seth deve ter algo que prende Rosa a ele.

Bruce esclareceu suas suspeitas, Ariel as ouviu e percebeu o óbvio: Rosa fugira na mesma noite. O rei mandou chamar o Pacificador e o interrogou; quando estava satisfeito, mandou-o sair. Meia hora depois, banhado e lúcido, ele e Bruce estavam na rua. Tinham rumo certo: o Palazzo de Seth. Ao chegarem a uma rua próxima, camuflaram-se e, pouco depois, já estavam no telhado. Ariel entrou pelo porão com Bruce. O local estava escuro e cheio de ratos, mas eles conseguiam ver e ouvir bem. O rei se preparou e Bruce assentiu. Ele ia se deslocar pela casa, mas só com sua mente, e tentar descobrir o que acontecia na verdade. Pouco depois, seu corpo amoleceu e Bruce o amparou nos braços, e assim ficou esperando seu retorno.

Ariel andava pelos cômodos da casa e ouvia e sentia seus moradores. A primeira pessoa que viu foi Ribas e, logo depois, Petrus. Ambos estavam em um dos quartos, divertindo-se com um mortal. Logo à frente, Ariel sentiu a presença de uma mortal: uma mulher idosa estava no leito e não parecia muito bem. Rosa Maria estava a seu lado e segurava sua mão. Minutos depois, a costureira chegou, elas se abraçaram e choraram. Sentaram no leito e se despediram da velha senhora. Minutos depois, ela morreu.

Prantearam a mãe até a chegada de Seth, ele não estava nada satisfeito. Com a morte da velha, ele perdia poder sobre Rosa Maria. Mas ainda havia Florence. Ele tentou atacá-la, mas Rosa a defendeu, empurrando-o; colocou a irmã atrás de si e o acalmou.

– O que teme? Que eu vá embora? Fique tranquilo, eu vou ficar ao seu lado, mas se ousar tocar em Florence ou em Francisco, eu o mato antes de partir.

O vampiro gargalhou e saiu do quarto, ordenando que se livrasse do corpo da velha ainda aquela noite. Nervosa, Rosa Maria providenciou um caixão, logo dois mortais apareceram e Rosa os seguiu com Florence.

Quando Ariel voltou ao seu corpo, precisou de alguns minutos para se refazer, mas agora ele sabia o motivo pelo qual a vampira o havia deixado. Eles deixaram o local e tentaram achar Rosa Maria e sua irmã, mas foi em vão. Foi,

então, para o ateliê da costureira. O prédio de três andares exibia uma placa: “Atelier Florence”. Ariel tocou a companhia e foi atendido por um homem, certamente o vigia. Ele o levou para o segundo andar para falar com a governanta, uma mulher de meia-idade que não estava só; com ela havia um garoto de nove anos. Imediatamente, Ariel fez a governanta adormecer e ficou de guarda. Quando Florence chegou, estava visivelmente abalada e se surpreendeu ao ver o antigo amante de sua irmã.

–Não tenha medo, viemos ajudar – afirmou Ariel, segurando sua mão com delicadeza.

–Onde está Rosa Maria?

–Voltou para o Palazzo assim que deixamos o cemitério. Caso contrário, Seth me matará e a meu filho.

–Compreendo, mas isso agora acabou. Vou tirá-los de Veneza, para onde quer ir?

–Temos uma prima em Paris, posso ficar com ela.

–Que seja – afirmou Ariel, e já mandou Bruce conseguir as passagens, enquanto ele chamava Togo mentalmente.

Florence se parecia muito pouco com sua irmã, seus cabelos e olhos eram castanhos e bem claros, diferentes do negrume nos de Rosa Maria. Eram filhas de pais diferentes, obviamente. Ariel pediu que recolhesse seus pertences e se preparasse para a partida. A governanta despertou e a ajudou com malas e baús. Togo apareceu uma hora depois com a escolta e valores. Ariel colocou nas mãos de Florence uma pequena fortuna em ouro e notas. Ela o abraçou e pediu que salvasse Rosa Maria, falou de seu sofrimento e do que ela vinha passando desde que o deixara. Ariel apertou-lhe mãos com carinho e prometeu salvá-la. Florence o beijou no rosto e, antes de partir, entregou-lhe uma carta de Rosa Maria.

Ariel e Bruce voltaram ao Palazzo, mas o encontraram vazio. Seth e suas crias haviam saído. Mas não pareciam ter abandonado o local, apenas saído. O rei ficou impaciente, queria tirar Rosa de suas mãos o mais rápido possível. Uma Sentinela foi enviada para achar a vampira, enquanto eles voltavam para casa. Uma hora antes do amanhecer, o rei teve a confirmação de que Florence e seu filho partiram em segurança.

–Algo mais que possa fazer, majestade? – perguntou Togo, como de costume.

–Me perdoar por ter sido tão tolo – afirmou o rei, e o abraçou.

Togo segurou seu ombro em retribuição, ele era avesso a demonstrações de afeto. Mas, a de seu rei, ele aceitava sem reservas e tentava retribuir do melhor modo possível.

–Compreendo, Ariel. É quase dia, vamos nos recolher.

–Amanhã, ao anoitecer, tiro Rosa Maria das mãos de Seth. Hoje, nada mais posso fazer – afirmou Ariel, seguindo pelo corredor.

Ariel Simon despertou e, enquanto se vestia apressado, sentiu uma estranha tristeza apoderar-se de si. Algo não estava bem. Quando Togo entrou com Bruce logo atrás, percebeu o modo como o olhavam, a tristeza e a consternação.

A Sentinela que foi posta para vigiar a vampira voltara ao anoitecer para relatar seu fim. Rosa Maria não voltou ao Palazzo de Seth, então ele e seus herdeiros de sangue foram em seu encalço. A vampira foi ter com a irmã em seu ateliê, provavelmente colocá-la em segurança e tentar fugir. Quando chegou, encontrou a casa vazia. O vigia informou-a sobre a partida e, quando percebeu que sua irmã fora salva por Bruce e pelo rei, resolveu se esconder até a noite seguinte. Estava decidida a voltar para Ariel. Decidiu, então, se esconder na Ilha de Lido. Para tanto, roubou um barco e foi para a porta da Baía de Veneza e de lá só parou na ilha. Havia uma casa abandonada que usava como esconderijo. Estava bem perto da rua quando viu Ribas e Petrus. A vampira correu em desespero, faltava muito pouco para o Sol nascer, talvez duas horas no máximo, e ela precisava se esconder e depressa. Pensou na praia – havia as dunas onde poderia se ocultar na areia. Corria pelas ruas desertas quando foi contida. Seth a colocou dentro de uma espécie de saco grosseiro. Seguiram de barco e, quando ela foi jogada ao chão, sentiu o cheiro do mar, estavam na praia. O saco foi aberto, e Rosa puxada para fora. Podia ver a madrugada morrendo.

–Cansei de seus joguinhos. Hora de ferir o rei como se deve.

–Solte-me, maldito! O que mais deseja?

–Agora? O seu fim, e amanhã o do rei. Já me serviu o suficiente. Eu preparei uma pequena surpresa para ele.

–Não! Desgraçado, você me prometeu!

–Tolinha, eu jamais cumpro minhas promessas.

A vampira foi contida com violência e jogada sobre a areia da praia. O mar a tocou enquanto tentava rastejar e fugir. Seu vestido estava destruído, os cabelos haviam se soltado. Ribas e Petrus quebraram o mastro de um dos barcos de pescadores próximos e, com seus pedaços, fizeram uma cruz. Seth, que a segurava, achou os cravos e um martelo no piso de um dos barcos ancorados.

Eles riam enquanto ela lutava e pedia ajuda. Mas era muito tarde, foi amarrada à cruz, e Seth fez questão usar os cravos em suas mãos. A cada martelada, ela rugia de dor. Quando, finalmente, eles colocaram a cruz de pé, diante do mar, o dia estava bem perto de nascer. A vampira sangrava pelas mãos e sabia que não havia como fugir.

Assim que eles partiram, Rosa Maria olhou o mar e se lembrou da infância: brincava com sua irmã, juntava conchinhas... A onda batia no mastro e empurrava poucas conchas para perto de seus pés. Pensou em Ariel e em como o magoara, queria tanto ter dito a verdade... A claridade aumentou e pôde sentir o corpo fumaçar. Fechou os olhos e lembrou-se dos beijos de Ariel, do modo como foram felizes juntos. Um pescador apareceu e, ao ver a cena, se desesperou, tocou o rosto da vampira e a viu abrir os olhos, assustada.

– Calma, vou ajudá-la!

Mas era muito tarde para que ele pudesse salvá-la. O sol banhava o corpo de Rosa Maria e, antes que ele pudesse cortar a corda ou remover os cravos, o fogo tomou conta de seu corpo. Ela se tornou uma chama viva. O pescador se afastou e, por muito pouco, não saiu ferido. A vampira gritou o nome de Ariel e morreu para a imortalidade. Nada restou além das cinzas do mastro onde fora deixada para morrer.

Ariel Simon estava mudo, ele havia se afastado um pouco. Segurava um dos leques da vampira. Ela o havia deixado junto a um vaso de porcelana chinesa cheio de rosas brancas. Ao lado, um par de luvas ainda com o cheiro doce de seu perfume de rosas. Uma lágrima rolou na face pálida do rei. Bruce tentou se aproximar, mas ele o afastou com a mão.

– Prepare a sentença para Seth e suas crias... Fogo? – Ariel interrompeu-se, sentindo o cheiro da fumaça.

Um minuto depois, um dos Pacificadores apareceu alarmado. O Palazzo estava em chamas. Houve luta com três vampiros e logo as chamas apareceram. Ariel correu e sumiu rumo ao porão, o fogo engolia parte do primeiro andar e subia pelas escadas. O rei tinha destino certo: pretendia salvar as telas em que Rosa fora retratada. Tentou tocar no trinco, mas, ao vê-lo incandescente, chutou a porta. O fogo já havia destruído duas telas e as outras estavam prestes a sumir. Sem se preocupar com sua segurança, entrou no quarto e procurou um dos vasos de flores, virou a água sobre si e se aproximou das telas, cobrindo-as com uma manta. Tirou-as das molduras e as enrolou com a ajuda de Bruce, que o seguira tentando protegê-lo. Quando saíram do Palazzo, as chamas foram contidas, mas o estrago já

estava feito. Os dois últimos andares estavam intactos, só cheios de fumaça e cinzas. Aquilo era obra de Seth.

O chute na porta do Palazzo e a gritaria não incomodaram Seth, ele permaneceu sentado, alimentando-se de uma mortal. O rei o olhou com frieza e sentou na poltrona mais próxima. Os Pacificadores mataram os que se rebelaram e os mortais de imediato, não sobriam testemunhas. Michael ainda não havia sido capturado; no entanto, em breve seria.

—Senhores, fiquem à vontade — disse o rei, e os Pacificadores cercaram Seth. Alguns Pacificadores detinham o vampiro, que os olhava com um riso debochado no rosto. Mas, quando o chicote apareceu, o sorriso morreu e deu lugar a uma expressão de revolta e ódio maior ainda. Debatia-se enquanto lhe tiravam o casaco e o colete. Por fim, arrancaram-lhe a camisa e o amarraram numa das colunas de mármore.

—Quantas, majestade?

—Cem. O mesmo número de anos que ficará confinado dentro da Caixa, visto que ele matou o alguém que não lhe pertencia.

—Não pode fazer isso comigo. Você a devolveu para mim, eu era seu mestre, podia destruir o que criei.

—Quando devolvi a vampira à sua tutela, coloquei-o novamente sob as leis que nos regem. Se quisesse destruí-la, deveria dar aos Poderes bons motivos. Você a matou às escondidas e sem minha permissão. Isso é crime diante dos Poderes.

—Crime diante do amor que sentia por Rosa Maria! — riu Seth, vendo sua dor. — Você a roubou de seus dois favoritos. Nada mais justo que ela não ficasse com nenhum de nós.

—Sim! Você matou a vampira que eu amava, provavelmente a última que amarei enquanto viver, mas até para isso existe punição. — Ariel segurava seus cabelos e falava com as presas diante de seu rosto. Por fim, soltou-o.

—Minha sentença deveria ser a morte pelo machado. Por que está me chicoteando?

—Recentemente, perdi a vampira mais doce e bela que já tive o prazer de possuir e amar. Uma vez lhe perguntei como queria que o punisse. Ela me pediu que castigasse seus algozes como o mesmo castigo que sofreu injustamente — disse Ariel, olhando Seth preso à coluna com o olhar distante.

Os Pacificadores trouxeram a Caixa e, logo depois, começaram as execuções. Três vampiros foram decapitados, eram as crias mais novas de Seth. Petrus e Ribas foram sentenciados ao sepultamento sob a terra por 20 anos. Eles foram metidos

em caixas estreitas, levados para algum lugar e sepultados vivos. Seth permanecia amarrado na coluna, observando o fim de seu “reinado”, quando Ariel se pronunciou pela última vez sob o olhar preocupado de Bruce e Togo:

—Comecem.

O rei ouviu o estalar do chicote e o rugido de dor de Seth, mas não lhe trouxe nenhum sentimento de justiça. Rosa estava morta. Não havia retirado sua capa, apenas ajeitou a gola e partiu da casa. Não suportava mais olhar o vampiro. Matá-lo seria muito fácil, preferiu colocá-lo por cem anos longe de sua visão e sofrendo com a sede e a solidão, a mesma que lhe presenteou quando assassinou Rosa Maria.

Capítulo 30 – O Sacrifício de Sangue

Afrodite se olhou no espelho do elevador e imaginou o que teria de enfrentar. Conselhos, reprimendas do vampiro. No fim desistiu de pensar, não sabia o que encontraria. Ela desconfiava que Jan sabia de algo, mas não tinha tanta certeza. Graças à incompetência de Seth, teria de suportar o favorito um pouco mais.

Abriu a porta do apartamento e entrou timidamente, temia a reação do vampiro. Ele apareceu vindo da sala e sorriu ao vê-la. Afrodite correu para seus braços e o beijou. Jan retribuiu e a apertou junto a si, realmente sentindo saudade de sua amante. Afrodite nada percebeu, deixou-se envolver e, quando Jan falou, estavam em paz.

–Onde esteve, meu amor?

–Fui caminhar, me alimentei e perdi a noção do tempo em Notre Dame. Quando percebi, o dia estava quase nascendo, tive de me esconder, sinto muito.

–Está tudo bem, mas precisa ser mais cuidadosa. Sei que é a campeã do rei; todavia, temos de ser cautelosos, fui emboscado por Seth.

Jan Kmam viu a vampira fingir preocupação, enquanto ele contava somente o que ela precisava saber. Em certos momentos, viu a vampira pensativa. Provavelmente, acreditou que Seth o venceria e a livraria dele. Mas disfarçou bem a decepção. E até mesmo fingiu aborrecimento, preocupação, enquanto o beijava e o envolvia, amorosa. O vampiro fazia recomendações para suas próximas saídas. Ela concordou com tudo, pedindo que não se arriscasse. Arrastou-o para o quarto e se banharam com ele, sabia que Jan adorava aquilo. Ele fingiu o melhor que pôde, e a vampira pareceu satisfeita. Não era difícil tocar o corpo de Kara, só era difícil pensar que a traía com outra usando seu corpo. Logo, tudo voltou à paz de sempre. Após se trocar, Afrodite falou do baile, das fantasias que eles vestiriam. Quando tudo estava calmo, ela anunciou que ia sair para se alimentar e pegar sua fantasia na loja onde fez a encomenda. Jan concordou e fez mais recomendações antes que partisse. A vampira saiu e respirou aliviada ao lhe dar as costas. O amor que Jan tinha pela vampira a enojava e sufocava.

Sumiu pelas ruas já falando ao celular e acertando os últimos detalhes do encontro daquela noite. A isca, ela mesma jogaria. Procurou o número da Exterminadora na agenda e ligou. Não falou muito, só o suficiente para enlouquecer Frigia e fazer com que aparecesse na estação de metrô Cluny-La Sorbonne dentro de três horas.

Na noite seguinte a que Derek possuiu seu corpo, Seth despertou sentindo os efeitos. Ligou para Afrodite e ordenou que ela fosse até ele. O vampiro se olhou no espelho e não gostou do que viu, estava envelhecido, com alguns cabelos brancos. A vampira chegou ao apartamento e, assim que entrou, provocou alvoroço, afinal Francine e Marc não sabiam que ela era a aliada secreta que Seth fez questão de esconder.

Desirée fez as apresentações e eles baixaram as armas. Foi para o quarto ver Seth, ele realmente tinha envelhecido. Ela o acalmou e revelou que Derek se manifestara nele trazendo-lhe poderes, mas que seu corpo sentiu sua presença poderosa. A vampira soube encobrir bem suas reais intenções. Derek o visitou, mas voltaria para ficar, e seu corpo deveria estar pronto para recebê-lo em definitivo. No entanto, para isso, era preciso absorver o sangue de um dos antigos. Um vampiro ligado ao Livro. Afrodite não pensou duas vezes quando escolheu Frigia. Realmente, não haveria tempo para conseguir sangue do rei. O sangue da Exterminadora seria o suficiente para manter Derek em definitivo no corpo de Seth.

Frigia passou a segui-la pela cidade quando matou Vitor. Afrodite não entendia o motivo pelo qual jamais a atacou e sumiu do mesmo jeito que apareceu. O que não sabia é que Ordália proibiu os dois Exterminadores de tocá-la. Tinha planos para ela. De qualquer modo, ser seguida e vigiada como uma vampira recém-nascida deixou-a furiosa. Apesar disso, não a enfrentou; temia um combate direto e seria perigoso. Não podia arriscar seu corpo, e a posição que ele ocupava por algo tão tolo. De mais a mais, ela só desconfiava, não a vira matando seu querido amante.

Reunidos na sala, eles ouviram o plano da vampira e, por alguns minutos, houve silêncio. Eles estavam com medo de enfrentar Frigia, e com razão: o único vampiro que a enfrentara e sobrevivera fora Jan Kmam, mas ele era o favorito do rei. E o aspecto envelhecido de Seth não inspirou confiança.

—Sei que estão com medo de enfrentar a Exterminadora, mas vou contê-la sem que nenhum de nós saia ferido. Controlei o Livro, por que não conseguiria controlar sua serva?

—Sim, Afrodite, nós ouvimos sobre seus feitos dentro do mundo vampírico há séculos — revelou Marc, mais confiante. — Será interessante ver um dos carrascos do Livro encontrar seu fim.

—Depois de Seth sorver o sangue da Exterminadora, ficaremos em alerta. O Livro vai sentir sua morte e avisar o rei. Eles vão levantar a guarda, mas isso não será problema durante a tomada de poder.

Afrodite expôs como tomariam o *château* em detalhes, e Desirée finalmente se viu diante de um líder forte e competente. Seth estava bem mais preocupado com sua juventude e os cabelos brancos que lhe surgiram na cabeleira. Sequer sabia o que o esperava. Desirée e Afrodite tinham se encontrado algumas noites. Foi logo depois que ela visitou Corintos, a vampira a seguia e, quando Desirée empreendeu combate, Afrodite se revelou.

—Não consegue me reconhecer, Desirée? Ou deveria dizer Tasha?

—Como a campeã do rei pode conhecer meu nome mortal? — A espada estava sob a garganta de Kara.

—O corpo é jovem, mas a alma é muito antiga. Sou amante de Derek e ele me contou sua história. Acho que conhece os Anciões, não é mesmo?

—Desde que bebi do sangue de Laila, sim. É você mesmo, Afrodite? — Desirée conhecia os Anciões: quando matou Laila, a demônia, absorveu dela seus poderes e conhecimentos do mundo dos imortais.

—A alma, sim; o corpo eu roubei — revelou Afrodite, sorrindo venenosa.

Desirée transitou pelo mundo vampírico antes que o Pacto entre vampiros e lobos fosse assinado. Caçava revoltosos, provava ser melhor que um Pacificador, tinha algum respeito por Radamés, mas ambos entraram em conflito quando ele começou a falar de paz com Darden. Quando o Pacto foi assinado, ela partiu e soube, um século depois, da execução de Afrodite. Sempre a achara poderosa, mas fraca por se deixar dominar por Derek e Detrich. No entanto, a conversa entre as duas foi esclarecedora.

—Seth não tem força para controlar o Livro, o coração dele não suportará a união, Ordália o devoraria vivo — revelou Afrodite, dividindo suas certezas com a vampira.

—Soube em detalhes como quase perdeu a vida graças a um espeto de prata. Michael abriu seu peito, imagine o resto. Se quisermos vencer, será sem ele. Então, ainda pretende ser a rainha? — perguntou Desirée, risonha; afinal, lembrava-se de sua obsessão por ser rainha.

—As coisas mudam, mas o desejo continua o mesmo. Contudo, preciso de um rei. E ele será Derek.

—Jamais vai conseguir tirá-lo do Templo. Se o fizer, terá de trazer os outros ou enfrentar sua ira.

—Não necessariamente. Derek saberá contê-los e controlar o Livro. Ele será o verdadeiro rei dos vampiros. Mas, para isso, preciso que Derek o possua. Claro, ele não sabe que sua alma será consumida.

–Não se perderá muito. Ele deveria estar morto faz tempo, não fosse o senso de justiça do atual rei – comentou Desirée, debochando de Ariel e suas atitudes.

–Ariel sempre amou Radamés, jamais o conquistei plenamente. Ele ficou a meu lado porque não tinha outra opção, mas, quando a teve, me esfaqueou pelas costas. – Afrodite reclamou vingativa.

–Há muito a ser feito dentro e fora do mundo vampírico. Conte com meu apoio para fazê-lo. Sabe o que desejo: quebre o maldito Pacto com o novo rei, liberte os vampiros dessa falsa paz – afirmou Desirée, pronta a lutar por seu antigo sonho de liberdade e vingança.

–Nós duas teremos o que merecemos. Derek não teme os mortais nem tem por eles qualquer sentimento de respeito. Ele os fará se ajoelhar diante do seu trono – disse Afrodite, fechando seu acordo com Desirée.

A partir daquela noite, as duas começaram a preparar o caminho para a chegada de Derek e a destruição da Alcatéia. Seth sequer imaginava que aquela seria sua última noite de vida imortal.

O plano foi repassado e todos saíram; faltava pouco para que Frigia chegasse ao local do encontro. Desirée deslocou Fabian para vigiá-la, assim teriam sua localização exata. Afrodite pegou sua bolsa no apartamento e saiu ao lado de Seth. Enquanto seguiam até o metrô, ela enchia seus ouvidos com seus planos de conquista e poder, iludindo-o como um cordeiro que vai para o sacrifício.

Kara flutuava dentro do círculo de poder e, à sua volta, só havia luz. Estava dentro de uma das câmaras subterrâneas do *château*. Marie trabalhava incansável na porção e no encanto que usaria para exorcizar Afrodite. Marie não envelhecia; ao contrário, parecia mais jovem, talvez fossem as roupas negras que usava ou a maquiagem. Ela mantinha luto por seu amante, era raro vê-la usando outra cor desde que Mênon o assassinara. Apesar disso, mantinha um estilo moderno. O jeans negro e as botas combinavam com a camiseta de malha e o colete de couro. Havia tirado e jogado o casaco sobre uma das poltronas próximas. Usava um cristal esverdeado em forma de esfera. Parecia uma jovem motoqueira, os cabelos estavam presos na nuca por um broche. Era uma visão e tanto.

Vitor também estava protegido em um círculo de inscrições. Mas, para ele, não havia retorno. Ele apenas esperava que Kara voltasse a seu corpo para seguir seu caminho. A câmara era ampla e contava com uma mesa grande e com muitos objetos antigos. Havia um velho armário do qual Marie possuía a chave; dentro dele, um mundo de pequenos e grandes frascos e potes, contendo porções e ingredientes para o uso da magia.

– Este quarto foi organizado por minha mestra, Dalila – explicou Marie, vendo o olhar curioso dos dois espectros. – Ela sempre vinha ao *château*, e Ariel a presenteou com esse armário. Ele pertenceu a um mago que foi condenado por praticar magia negra. Os ingredientes são raros e muito preciosos.

Apesar de seu antigo dono usá-los para praticar magia negra, muitos deles servem para outras coisas.

–Compreendo. Onde sua mestra está? – perguntou Kara, interessada; afinal, já ouvira o nome da bruxa nos lábios do rei.

–Dalila? Ela é uma eterna nômade, gosta de se mover pelo mundo aprendendo, descobrindo novos encantos e porções. Acho que o maior período de tempo em que ficou num mesmo lugar foi quando me criava. Isso levou sete anos. Daí em diante, sempre viajávamos. Aprendi magia pelo mundo, plantando e colhendo as ervas diretamente de seu lugar de origem.

–Admiro-a muito. Talvez como bruxa eu fosse mais feliz – disse Kara, pensativa.

–O caminho já foi percorrido, Kara; nada mais pode ser mudado. Mas você tem poder suficiente para lidar com magia, já o fez quando usou o escudo dentro do Jardim e quando venceu os dois espectros dentro do casarão, como me narrou há pouco. Tudo que fez foi usar seu poder, sua força interior. Isso é magia pura. Mas por que se ressentido do caminho trilhado? – quis saber Marie, misturando alguns óleos e pequenos grãos, enquanto olhava o espectro da vampira flutuar no círculo de poder.

–Ariel Simon. Afrodite o enganou graças à minha falha. Não sei agora o quanto ele está sofrendo. – Kara foi sincera.

–Não o julgue tão frágil, ele saberá compreender e aceitar – argumentou Vitor, vendo a preocupação da vampira.

–O que você sente, Kara? – quis saber Marie, observando o espectro da vampira oscilar com a tristeza que sentia.

–Não quero ferir mais ninguém, principalmente o rei. Ele ainda me ama, talvez graças à presença de Rosa Maria em sua vida. Apesar disso, sinto que não conseguirei suportar ver sua dor, ou a de Jan Kmam. Prefiro me afastar dos dois.

–Meu conselho é que não tome nenhuma decisão apressada ou baseada nos seus sentimentos atuais. Não está em condições de fazê-lo com clareza, suas emoções e seus desejos estão distorcidos. O que sente pode levá-la a dar um passo errado. – Marie aconselhou e olhou a porta, alguém se aproximava.

Ariel Simon entrou e buscou Marie com o olhar. A primeira visão que teve foi Kara flutuando dentro do círculo de poder. Só conseguia vê-la graças ao círculo. Ele a olhou espantado, afinal era feita de luz: estava pálida e tão diáfana como um fantasma. Mas, mesmo assim, bela e atraente – era normal nessa condição os espectros exercerem mais atração sobre seres vivos e imortais.

Fitou Vitor no segundo círculo e lamentou sua morte prematura; sequer havia aproveitado sua imortalidade e fora ceifado. Infelizmente, nada poderia fazer por ele. Marie compreendeu que Ariel queria falar com Kara a sós e resolveu se retirar para a sala contígua. Vitor fechou os olhos e se deixou flutuar, entregue aos seus próprios pensamentos. Naquele estado, permanecia muito longe e conectado com Frigia.

–Não quero ser repetitivo, mas está muito bonita – disse o vampiro, aproximando-se do círculo de poder. Ficou bem perto da luz e estendeu os dedos. Vestia-se completamente de negro, o cabelo estava preso e, por um momento, Kara desejou tocar seu rosto; aproximou-se da luz e estendeu a mão. Ele sentiu a energia do campo que a protegia e afastou os dedos, temendo prejudicá-la.

–Vim pedir desculpas, pode me perdoar?

–Por quê, Ariel?

–Por não ter percebido a verdade, aquela vampira jamais poderia ser você. Lembrei-me tardiamente de seus acessos de culpa. No meu amor cego e egoísta, não percebi você pedindo ajuda, tentando fugir do jugo de Afrodite.

–Fomos todos enganados. Como você poderia imaginar?

–Quando Jan Kmam reapareceu, você deixou bem claro que o amava e que somente ele vivia em seu coração. Deveria ter questionado sua mudança com mais afinco – revelou, olhando-a nos olhos.

–Afrodite sabe ser convincente quando quer. Na verdade, sinto-me aliviada por Afrodite não ter feito nada de mal a você ou a Jan Kmam. Ela os teve vulnerável inúmeras vezes, eu permiti tal risco. Suponho que, ao retornar ao meu corpo, enfrentarei os Poderes.

–Não há culpa nem os Poderes a julgaram. Afrodite sairia do Jardim cedo ou tarde. Tomaria seu corpo com ou sem sua permissão, ela detém um conhecimento bastante perigoso e proibido. Ela a escolheu somente por você estar próxima de mim e Jan Kmam. Esqueça a culpa.

–Vai esquecer a dor que sente? – ela perguntou carinhosa. – Jamais desejei reabrir as cicatrizes...

—O amor que sinto por você jamais vai morrer. Ele às vezes fica adormecido, em silêncio profundo, mas sempre viverá dentro do meu coração. Quando vinha me visitar, tudo que desejava era que ficasse, que fôssemos amantes novamente. Posso conquistar qualquer vampira, mas a verdade é que não consegui conquistá-la. Você decidiu quando ficar ao meu lado e quando partir.

—Foi maravilhoso ser sua amante, Ariel — confessou Kara, fazendo seus olhos verdes brilharem satisfeitos. — Tenho muita sorte em ser amada por um rei. Todavia, sou incapaz de amá-lo como merece. Só posso pedir-lhe que me esqueça e apague o passado que viveu ao lado de Rosa Maria.

—Eu tentarei, Kara; para sua felicidade, eu tentarei — disse Ariel, com a voz presa na garganta, olhando-a com muito amor.

Subitamente, o rosto de Kara se encheu de alegria e seu espectro pareceu ficar muito mais nítido e forte. Jan Kmam havia acabado de entrar na sala. Ela sorriu ao vê-lo aproximar-se do campo de luz. O vampiro cumprimentou o rei que se afastou um pouco para que ele chegasse mais perto. Jan fitou a luz em volta do espectro de sua amada. Ariel podia ver o amor que os unia, a maneira como se iluminava diante dele.

—Você está bem? — perguntou Jan, tocando a luz em que Kara colocou a mão.

—Sim, estou muito bem. Marie tem me mantido protegida e viva.

—Ela me avisou que poderia vir vê-la — afirmou Jan, constatando o quanto Kara estava pálida e fantasmagórica.

—Sinto sua falta. — Kara confessou baixinho, fitando-o com amor.

—Eu também, mas logo ficaremos juntos novamente. — Jan estava otimista, não demonstrava insegurança diante dela. — O que acontece se sair do campo de luz?

—Desapareço diante de sua visão — revelou Kara, compreendendo que ele queria tocá-la.

—Trouxe-lhe algo. — Jan tirou do casaco um botão de rosa vermelha, que beijou e segurou diante da luz.

—Guarde-a para mim — pediu ela, olhando a rosa.

—Frigia!

Vitor voltou à consciência dentro do círculo de luz. Jan Kmam e o rei se voltaram em sua direção. O espectro de Vitor tentava atravessar a luz, mas foi empurrado para trás. Olhou em volta e buscou a bruxa, parecia não ver mais

ninguém, seu desespero era enorme. Marie certamente sentiu sua perturbação porque, um minuto depois, apareceu na câmara e viu sua agonia.

–O que houve, Vitor? – perguntou Kara, aflita com seu estado.

–Afrodite pretende matar Frigia. Ela vai levá-la para uma armadilha na estação de metrô Cluny-La Sorbonne. Seth e seus aliados pretendem matá-la... Solte-me, Marie – exigiu ele, esmurrando a luz que ainda o mantinha preso.

–Acalme-se, Vitor. Não poderá fazer muito, além de assistir. – Irei até Frigia – afirmou Jan, pronto para lutar.

Vitor compreendia as palavras de Jan, mas o desespero falava mais alto. Marie ergueu a mão para libertá-lo, mas se deteve aguardando o rei.

–Solte-o. Vou avisar os Pacificadores para que estejam mais próximos ao local. Não vai ser tão fácil quanto ela pensa – avisou Ariel, saindo da câmara já ao celular.

Marie soltou Vitor e ele sumiu diante de seus olhos. Kara tentou atravessar o círculo, mas não conseguiu. Marie não a soltou como esperava.

–Minha vez, Marie – argumentou Kara com a mão no campo.

–Não é seguro, Kara – disse Marie calmamente sem libertá-la.

–Marie está certa, não pode se colocar em risco – disse Jan, vendo-a tocar o campo de luz aborrecida.

–Preciso ajudar Vitor. Ele jamais me abandonou, não posso simplesmente deixar que veja a amante ser atacada e morta – alegou Kara, vendo a bruxa lhe dar as costas e Jan Kmam preparar-se para sair.

–O rei vai mandar ajuda. Frigia é uma Exterminadora, saberá se defender e contê-los. – Jan tentou ponderar, vendo sua agonia para seguir Vitor.

–Marie, me escute. Os Pacificadores não vão chegar a tempo. Vitor não tem poder para deter Afrodite, eu posso atacá-la – disse Kara.

–À custa de seu corpo? Perdeu o juízo? Não a liberte, Marie – ordenou Jan Kmam, olhando-a incrédulo.

–Kara, não vou enfrentar a ira de dois vampiros para que cometa suicídio – Marie argumentou, observando-a empurrar o campo de luz a sua volta.

–Maldição! Frigia vai atacar meu corpo. Além disso, será que vocês não entendem? Afrodite vai absorver Frigia, provavelmente para se conectar ao Livro ou conseguir algo parecido. Ela vai ficar mais forte.

Kara conjecturou e não estava longe da verdade, a única diferença é que o sacrifício seria feito para Derek e não Afrodite. Marie e Jan Kmam se olharam pensativos. Mas não a libertaram. A bruxa tentava descobrir o melhor a fazer; todavia, antes que decidisse, alguém mais forte deliberou por ela. Um ponto de luz branco apareceu dentro da sala e se tornou uma borboleta. A bruxa e o vampiro podiam vê-la voando em direção ao círculo de luz. Jan lembrou que, havia algum tempo, tinha visto várias na janela de seu apartamento. Kara sorriu satisfeita, era Radamés, ou melhor, parte de sua energia em forma da borboleta. Ela voou direto para a luz e a cruzou, desfazendo o campo de energia.

O espectro da vampira estava livre para ajudar Vitor e novamente invisível ao olhar de Jan Kmam, que se aproximou do local onde ela estava.

–Kara, não faça isso! Estou pedindo, fique. – pediu Jan, em desespero.

–Espere, Kara! Use isso contra eles, vai ajudar – disse Marie, e condensou com seus poderes uma esfera de luz que flutuou no ar e sumiu.

O que Jan Kmam não pôde ver é que a esfera havia sumido dentro das mãos da vampira e se tornado parte de seu corpo. Logo depois, ela sumiu, deixando um recado para o amante aborrecido.

–Kara disse que o ama e que voltará, mas não pode abandonar Vitor.

–Teimosa! – rugiu Jan, e saiu da câmara, rumo ao local do ataque.

Frigia foi para o encontro sem avisar Demétrius ou o Livro. Pela primeira vez em séculos, a vampira discordava de suas ordens. Ordália a chamou no Templo e, ao perceber que a Exterminadora ainda seguia a vampira, mesmo contra suas ordens, obrigou-a a ficar distante da campeã. Contudo, Frigia queria justiça, e a faria com o sangue e a cabeça da campeã. Vitor foi levado à exaustão, nada restara de seu corpo. A dor e a saudade do único companheiro que amou na imortalidade fizeram Frigia mudar. A frieza deu lugar ao ódio, ao desejo cego por vingança. Quando a vampira ligou, ela não pôde acreditar e, ao ouvir sua confissão, não pensou duas vezes e foi ter com ela no local marcado. Estava claro que seria uma armadilha, seja lá o que a campeã estivesse tramando, não iria fazê-lo sozinha.

Vitor precisava ser vingado, pouco importava o castigo que lhe seria aplicado. Naquela noite, a assassina de seu amante encontraria seu fim. Vestiu-se com esmero para o encontro. A vampira usava uma segunda pele negra, assim como o corselet de couro. A calça negra era colada ao corpo firme e esbelto. As

botas de salto a deixavam um pouco mais alta. Completou com o casaco e suas armas. Prendeu a cabeleira branca num rabo de cavalo e deslizou sobre os lábios carnudos o batom cor de carne. A vampira era uma visão para poucos.

Frigia andava pela estação deserta tendo Vitor a seu lado; ela não o via, seguia em alerta, esperando a vampira aparecer. Um dos trens passou e, ao parar, seis mortais desceram e seguiram em direção à saída. Quando eles sumiram pelas escadas, Fabian apareceu na entrada esquerda do túnel. Mas havia algo mais: Frigia se virou bem a tempo de ver Desirée surgindo pelo teto da estação. Estava sobre o mosaico colorido. Frigia puxou sua espada e esperou. Quando a campeã apareceu de braços dados com Seth, descendo as escadas, a vampira percebeu que fora atraída para uma armadilha.

–Acreditei que seria uma conversa particular – comentou Frigia, andando pela plataforma.

Ela estava cercada e diante de adversários à altura de seus dons. Fabian, Desirée, Kara e Seth. Eles realmente estavam dispostos a matá-la – vieram juntos. Vitor, a seu lado, pedia o impossível: que ela recuasse. Isso ela jamais faria.

–Trouxe alguns amigos, você se importa? – indagou Afrodite, olhando a vampira com deboche.

–De modo algum, vou adorar levar para o rei a cabeças dos traidores aqui presentes.

–Veio sozinha? Onde está sua sombra? – perguntou Desirée, referindo-se a Demétrius.

–O assunto é particular, mas, já que se intrometeram, podem ser os primeiros a morrer.

Frigia saltou para cair à frente de Fabian, cravando a espada em seu ventre. O golpe foi tão rápido que ele sequer viu a lâmina, só a sentiu dentro de suas entranhas. Do mesmo modo como ela cortou, puxou a espada para finalizar o ataque, cortando-lhe a cabeça, mas foi detida por Desirée. A vampira impediu o golpe horizontal com uma espécie de garra de metal, que cobria sua mão em forma de luva. Elas se confrontaram bem de perto, o que deu chance à vampira de furar Frigia na cintura com uma adaga curta. Desirée apenas ganhava tempo para o vampiro recuar e se recompor.

A Exterminadora usou o toque e empurrou Desirée contra a parede da estação com força, fazendo a construção afundar. A vampira tocou o colete de couro rasgado e lambeu seu próprio sangue. Desirée revidou o golpe, e Frigia

desviou, correndo pela parede. Quando tocou o chão novamente, já estava pronta para combater.

Seth assistia à luta protegendo Afrodite, que trabalhava desenhando no chão símbolos, ali jogando pós e ervas. Ela preparava o caminho para que Derek possuísse o corpo de Seth em definitivo. Ele drenaria a Exterminadora, mas, por enquanto, o vampiro não precisava saber disso.

Desirée se levantou do chão e pegou sua espada, girando a adaga na outra mão de modo ágil. Elas se enfrentavam com o olhar e moviam-se lentamente, como dois gatos prestes a se atracarem. Até que Frigia fez o primeiro movimento e arrancou sangue do peito de Desirée. A vampira gritou, e elas passaram a lutar. O som das lâminas ecoava pelo túnel e só desapareceu quando um trem passou e não parou.

As luzes piscaram. Afrodite tinha os braços levantados, seus cabelos fluavam levados pelo vento produzido por sua magia. Dos símbolos riscados no chão da plataforma saltavam faíscas verdes, como se queimassem o piso. Seth estremeceu e caiu de joelhos sobre os símbolos. Seu espectro se desprendia do corpo, deixando-o livre para Derek assumir. Nesse momento, Afrodite viu o espectro de Vitor e procurou a seu lado o de Kara, mas não o viu. Não importava, nenhum deles teria como parar o que se seguiria. Fabian, já refeito, passou a empreender luta contra a Exterminadora para que Desirée se afastasse, havia sangue em seu rosto e no braço. Frigia a fizera sangrar, uma boa tática quando se quer vencer um adversário forte.

– O rei vai adorar receber sua cabeça, Fabian. Vou providenciar que a receba ainda hoje – avisou Frigia, cruzando as espadas bem perto do seu pescoço.

O vampiro recuou, evitando o golpe que arrancaria seu braço, e nada falou, apenas continuou lutando. Desirée voltou a combater, foi quando Marc e Francine apareceram. Frigia não achou nada demais, mas, ao ver as armas em suas mãos, correu pelo túnel e se escondeu no corredor sob uma chuva de balas. Elas não iam matá-la, mas a fariam perder sangue, pois eram de grosso calibre. Ficou perto das escadas e viu parte da parede onde estava encostada ser arrancada pelas balas. Andou pela parede e se colocou no telhado para esperar a entrada dos lobos. Pendurada, ela puxou do cabo da adaga um fio de prata. Recebeu Marc com os dentes abertos e, quando caiu por cima dele, o fio já queimava sua garanta e ele gritava. Estava pronta para degolá-lo.

O fio cortou sua pele enquanto ele se debatia, Frigia só se afastou ao receber um tiro de Francine no ombro. Em vez de recuar, avançou, desviando-se dos outros disparos que a loba fazia e, por fim, tirou a arma de suas mãos e a acertou no rosto,

jogando-a no chão. Quebrou a arma ao meio e partiu sobre Francine, chicoteando-a com o fio de prata: o instrumento cortava suas roupas e atingia sua pele, fazendo-a fumaçar. A loba gritou, eles não eram páreo para Frigia.

Desirée e Fabian avançaram com Marc, pretendiam vencê-la pelo número. Vendo-se cercada e longe de sua espada, Frigia usou o toque e assobiou, ferindo os dois lobisomens. Já de posse de sua arma, parou de assobiar e avançou sobre seus adversários, pronta para acabar com eles imediatamente. Afinal, estava ali para matar a campeã e sequer a havia tocado.

Vitor a olhava admirado e, ao mesmo tempo, temeroso. O que mais desejava era ter um corpo para lutar a seu lado e vencer a corja de traidores que a atacava. Por outro lado, temia seu confronto com Kara – Frigia não sabia que Afrodite era quem a dominava. O tiro no braço cicatrizou rapidamente. Mas ela recebeu mais um disparo, dessa vez no peito, próximo ao coração, e sentiu-se enfraquecer. Vitor pôde ver sangue em seus lábios e como ela recuou buscando defender-se, mas não se deixou esmorecer. Puxou com o dedo uma das balas e viu o buraco fechar. Tirou do casaco pequenos dardos de prata, lançou sobre Marc e o viu cair rugindo de dor. Lançou duas facas e acertou Fabian no peito e Desirée na perna. A vampira puxou a faca da carne e continuou a lutar. Eram três contra um, e logo se tornaram quatro quando Francine resolveu enfrentá-la novamente.

Seth levantou sobre os símbolos e estava claro que agora era Derek que possuía seu corpo. Vitor viu o espectro de Seth exigir seu corpo de volta tanto para Afrodite como para Derek. Afrodite ria de seu desespero, mas Derek não tinha tanto humor: ele o segurou, enfiou a mão em seu peito e o rasgou ao meio. Vitor o viu gritar e, finalmente, desaparecer.

Frigia feriu Desirée na garganta. Fabian correu em seu socorro e teve o braço quase arrancado. O seu grito fez com que Marc e Francine avançassem de garras prontas. Frigia saltou e, quando caiu ganhando espaço para lutar com os dois lobisomens, foi perfurada pela lâmina de Afrodite, que estava ao lado de Seth.

–Eu sempre desejei provar de seu sangue, Exterminadora – disse Derek, em egípcio.

Frigia sangrava pela boca e empurrou Afrodite com o toque, tentando furar Seth com sua espada; contudo, foi contida. Ela olhou nos olhos do vampiro e sentiu a força de um adversário poderoso, vindo do Templo.

–Derek...?

–Sim, e hoje o sacrifício de sangue será seu. Espero que seu sangue seja tão gelado quanto seu nome – sussurrou, lambendo seu rosto.

Derek a segurava junto a si; todavia, a Exterminadora se debateu e tentou usar o toque sobre ele, mas nada aconteceu, seus poderes não eram suficientes para detê-lo. O vampiro mordeu-a no pescoço para ouvir seu grito.

Dentro do Templo, as vampiras sentiram sua dor, seu precioso sangue sendo drenado. Demétrius, que fazia sua ronda, começou a correr em sua direção, mas estava no lado oposto da cidade. Os Zeladores se posicionaram diante do Livro, que passava suas folhas até a página onde o nome de Frigia estava escrito e verteu Seiva. Ele sentia sua dor e sua agonia.

Vitor avançou sobre Derek no corpo de Seth e tentou empurrá-lo de todas as formas, sem nada conseguir. Seus poderes não o tocavam. Derek sugava com força, e Frigia se debatia, tentando soltar-se. Por fim, chamou pelo Livro.

–Que o segundo poder me faça justiça...! – Sua voz sumiu sob a força da fome do vampiro.

–Solte-a agora, sua coisa!

O espectro de Kara se materializou na estação, ela avançou sobre Derek, lançando sobre ele um golpe que o fez cair junto ao corpo de Frigia. Vitor sorriu ao vê-la e foi para seu lado.

–Desculpe a demora, meu amigo.

–Maldita! Afaste-se, Kara, ou a destruirei, eu juro! – Afrodite falou, protegendo Derek, e a Exterminadora continuava caída no chão.

–Tente, vagabunda! – O espectro de Kara soltou sobre ela uma descarga de energia que a jogou contra a parede sem piedade.

Derek afastou-se do corpo de Frigia. De sua boca escorria sangue, ele havia se banquetado e talvez fosse muito tarde. Ele tinha as mãos sobre o corpo da vampira como se fosse uma espécie de parasita. Os olhos estavam quase injetados.

–Afaste-se! Desgraçado! – Kara condensou a energia que Marie lhe dera e a lançou sobre o vampiro sem pena.

O corpo dele foi atingido e sofreu o impacto. Ele grunhiu e pareceu se contorcer sob a força do golpe. Marc e os outros olhavam para o vazio assustados, afinal, não havia nada lá, mas puderam ver o raio de luz que tanto atingiu Afrodite quanto Seth. Derek revidou e lançou sobre Kara um golpe bem parecido. Ela o conteve com um escudo, protegendo-se e preservando Vitor.

–Voltou para morrer, filha dos deuses? – perguntou Derek, surpreso com seu poder.

—Mate-a, Derek, ela já nos atrapalhou o suficiente. Despedace sua alma — ordenou Afrodite, percebendo o olhar de Desirée para o vazio. Ela pareceu ver a campeã, e talvez visse mesmo; era, em parte, demônio.

—Dessa vez, não terá Radamés para protegê-la — avisou Derek avançando.

—Se bem me lembro, quem pediu piedade foi você quando desejei absorvê-los — lembrou Kara. — Volte para o Templo, lá é o seu lugar, debaixo do salto de Ordália.

Kara gritou furiosa, lançando sobre ele mais uma bola de energia, bem maior e mais forte que a primeira. Quando o atingiu, jogou-o no ar para cair no túnel sobre os trilhos. Vitor se aproximou de Frigia; tudo que queria era tocá-la. A vampira abriu os olhos e pôde ver o amante morto.

—Vitor... — balbuciou, estendendo a mão em sua direção.

—Sim, sou eu, Frigia — respondeu ele.

—O que fazem parados? Peguem Frigia e tirem Seth dos trilhos — ordenou Afrodite, tomando a liderança. Ela agora comandava.

Marc e Francine tentaram avançar sobre o corpo de Frigia, mas Kara os impediu com pequenas descargas, fazendo-os recuar. Assustados, eles se afastaram. Desirée, que realmente podia ver o espectro de Kara, tentou se aproximar e Kara a golpeou com força. Ela viu a bola de energia atingir Desirée e lançá-la ao chão. Afrodite observou Fabian tirar Seth dos trilhos e avançou para confrontar o espectro de Kara. Ficou diante dela, a alguns passos de distância, e tentou usar de magia.

—Vou acabar com você, Kara. E garanto: dessa vez, você não vai voltar. Vou despachá-la direto para o mundo dos mortos!

—A única morta aqui é você, cobra egípcia! — Kara se preparou para devolver o golpe.

A vampira balbuciava em egípcio e movia as mãos, lançando no chão areia de um saquinho. Kara viu a areia se mover e, do nada, apareceram aranhas, muitas delas. Eram feitas de sombras e avançavam sobre ela.

Kara começou a jogar sobre elas feixes de luz, tentando destruí-las, mas elas eram muitas e o objetivo delas era alcançá-la. Quando uma delas a tocou, queimou-a; a campeã sentiu dor. Por fim, aproximou as mãos e fez uma longa descarga de luz, queimando-as.

Vitor tocou o rosto de Frigia e o sentiu, ela estendeu a mão em sua direção e ele a segurou. Só então percebeu que ela estava a seu lado. Havia morrido. O vampiro olhou seu corpo e o viu escurecendo, definhando; sua beleza sumira, era

apenas uma casca vazia. Derek a sugara até a morte, não havia volta. Vitor a abraçou e ela sorriu, beijando-o apaixonada.

–Minha querida, eu sinto tanto.

–Não sinta, estamos juntos – disse a vampira, tocando-lhe o rosto, tão translúcido quanto o seu.

–Ótimo, mais uma para despachar para o mundo dos mortos!

–Jamais nos tocará, Afrodite – disse Frigia, segurando a mão de Vitor, sumiu, levando-o consigo.

–Vitor...

Kara o viu erguer a mão num adeus mudo. Ele e Frigia desapareceram diante de seus olhos. Parecia feliz e seguro. A vampira a olhou como em agradecimento e eles sumiram.

–É, Kara, sobrou pra você.

Afrodite gargalhou e abriu uma espécie de fenda no vazio. Ele era escuro e parecia muito com o que se abriu para libertar a alma de Ariel quando Radamés o trouxe de volta ao seu corpo. Dentro dele, espectros flutuavam e suas faces eram de vampiros. Kara se sentiu sugada para dentro dele. Mas não iria ser assim tão fácil. Ela se manteve no mesmo lugar, como se estivesse fixa ao chão, e revidou. Estava pronta para lançar um golpe quando se sentiu dominada por uma força extremamente forte e furiosa. Ordália se materializou ao lado de Kara e se uniu ao espectro da vampira. Juntas, elas pareceram crescer e, com um aceno de mão, Ordália fechou o portal.

– Você foi longe demais, Afrodite, profanou o corpo de uma serva do Livro. E vai pagar com a vida por seu sacrilégio.

Ordália usou seus poderes e os do espectro de Kara, lançando sobre a vampira um golpe bastante forte. Afrodite gritou e se viu suspensa no ar, ia ser despedaçada! Desirée e os outros podiam ver agora o espectro atacando a vampira e recuaram com medo; afinal, suas espadas de nada serviam contra as duas juntas. Desirée ouviu movimento nas escadas, eram os Pacificadores. Marc recolheu Seth ainda desacordado e fugiram pelo túnel do metrô com os outros.

Jan Kmam apareceu na estação e viu o corpo de Kara flutuando no ar. Ariel Simon apareceu logo depois, seguido por Togo e Bruce. Eles pararam ao ver Ordália e Kara juntas lutando contra Afrodite.

–Pare! Vai destruir meu corpo! – gritou Kara, e tentou afastar o espectro de Ordália, que parecia cobrir o seu como um manto, comandando seus gestos.

—Sacrifique-se pelos Poderes, Kara, se Afrodite for morta por nossas mãos, jamais voltará. É a nossa única chance — disse Ordália, exigindo muito de Kara, que acreditou ser o melhor para todos.

—Não! Kara, não faça isso! Existe outro modo! — gritou Jan, e avançou sobre o espectro e tentou cortá-lo, mas só atravessou o ar e foi empurrado pela mão cruel de Ordália.

—Não o toque! — gritou Kara ao ver Ordália tentar ferir Jan Kmam, e, sem perceber, fez o espectro de Ordália tapar os ouvidos de dor.

—Ordália, afaste-se! Volte para o Templo. O que faz fora de seus limites? — O rei exigia respostas.

—O Livro foi ferido, nossa serva foi morta, absorvida por essa maldita criatura. Junte-se a mim, mate-a e honre os Poderes, agora — exigiu Ordália, feroz.

—Recue, Ordália. Está fora de seus limites e haverá punição. Não ouse me dar ordens, eu ainda sou seu rei — Ariel a colocou no seu devido lugar enquanto se aproximava.

—Pare, maldita! O que está fazendo?

Kara gritou ao ver seu corpo ser jogado contra as paredes e quase torcido pelos poderes de Ordália. Ela tentava afastá-la de si e quebrar o contato.

—Ordália, ordeno-lhe que pare! — exigiu o rei, prevendo um fim trágico para aquele ataque.

Mas ela não obedecia a mais ninguém, sua sede de vingança contra a amante de Derek não tinha fim.

—Você quer se livrar de nós duas ao mesmo tempo. Afaste-se!

—Covarde! A imortalidade é bem mais que a matéria. Olhe para si mesma, veja a força que possui mesmo como um mísero espectro. Alcance o clímax de sua alma, deixe-se consumir e se torne uma de nós.

Ordália soltou o corpo de Kara no chão com força e empurrava as mãos translúcidas como se o esmagasse. Ariel passou à sua frente e usou o toque contra o espectro, vendo-o recuar. Podia contê-la, era o rei. Togo temeu por Ariel. Afinal, ele lutava contra uma das Anciãs, o que seria dos Poderes?

—Pare, Ordália! Não me faça usar o Livro contra você.

—Você não ousaria...

Ariel a atacou novamente e percebeu que feria tanto uma quanto a outra. Mas era preciso contê-la, mesmo que fosse com dor. O espectro de Kara fechou os olhos

e usou toda a força que tinha para empurrá-la e conseguiu. Elas se separaram violentamente e cada uma caiu para um lado diferente.

–Você pode estar satisfeita em sua condição, mas Derek não, ele tomou o corpo de Seth e se uniu com Afrodite – murmurou Kara, fraca e livre de sua força, e viu seu corpo inconsciente no chão sangrando.

–Kara?

Jan Kmam foi o primeiro a aproximar-se e ver os vários ferimentos por seu corpo. Estava coberta de sangue e areia das paredes. Ele tremia ao tocá-la e constatar o estado em que seu corpo ficou. Não hesitou: cortou o pulso e deu-lhe de beber. A vampira sequer conseguia abrir os olhos ou os lábios; estava massacrada. Bruce se aproximou e a segurou para que Jan a fizesse sugar. Um minuto depois, ela sugava vagarosamente o sangue do seu mestre e, aos poucos, recuperou-se, abrindo os olhos. Jan a ergueu nos braços e a tirou de perto de Ordália.

–O que disse, verme? – perguntou a Anciã furiosa, tornando-se quase uma chama viva e rubra.

–Ele matou Frigia para fortalecer o corpo de seu hospedeiro. Ele a traiu novamente com Afrodite. Se quiser sacrificar alguém, sacrifique seu amante infiel, sua tola!

Ordália buscou o corpo de Kara, mas Ariel passou à sua frente, temendo que ela seguisse Jan Kmam e Bruce, que fugiram, levando o corpo da campeã. Ela olhou o corpo seco da Exterminadora e, por fim, percebeu as implicações, o real motivo do que acontecia à sua volta. Furiosa, ela gritou e desapareceu em meio a uma explosão de luz.

– Kara...? – perguntou Ariel, vendo seu espectro no chão. Ela estava bem fraca e quase transparente.

Kara viu as botinhas de Marie se aproximando, o olhar preocupado do rei que, apesar de penalizado, não conseguia tocá-la. Fitava o teto da estação e via borboletas feitas de luz, foi quando fechou os olhos e a consciência, mesmo naquele estado, sumiu. A bruxa pegou dentro de sua bolsa uma pequena urna de alabastro e, com um gesto e três palavras, recolheu o espectro da vampira.

Capítulo 31 – Do Lado de Fora

Derek despertou no corpo de Seth e não sentiu a força do Templo sobre si. Os laços tinham sido desfeitos, ele estava realmente livre e num corpo imortal. A sensação era maravilhosa, e Derek a aproveitaria ao máximo. Olhou à sua volta e se viu em um quarto bastante amplo, foi até a janela e observou as ruas do Pigalle, um dos bairros boêmios da cidade. Trocou a roupa suja de sangue e, quando estava pronto, Desirée entrou no quarto e se curvou. Ele entendeu seu gesto e sentou na poltrona próxima. A vampira lhe contou o que aconteceu depois que foi ferido, e ele a olhou preocupado.

“Maldita! Ordália tem muito poder, como ela pôde sair do Templo?” Derek se perguntou curioso; afinal, precisou da ajuda de Afrodite e da magia roubada de Radamés para tanto.

–Acho que Radamés a ajudou para que evitasse sua fuga. Mas o tiro saiu pela culatra. – A vampira fez a conjectura mais lógica.

–Não, ele estaria traindo Maat como eu a traí, e isso jamais faria, nem mesmo por sua protegida. Onde está Afrodite?

–O favorito do rei a salvou de Ordália e, pelo que pude ver, ela estava muito ferida. Deve estar se recuperando sob sua proteção.

–Devo ir ao Templo e conter Ordália. O plano continua o mesmo: eu matarei Ariel e serei o novo rei. Se Afrodite estiver viva, vai conseguir um modo de se comunicar. Onde estamos agora? –perguntou Derek no corpo de Seth.

–Na casa de Manolo, um aliado. Ele vive escondido nessa boate, aqui estaremos seguros se não chamarmos a atenção.

–Claro. Saia, eu vou até o Templo.

–Como irá ao Templo? Não é perigoso? – perguntou Desirée, temendo perdê-lo, visto que Afrodite não estava.

–Você é especial, conheço sua natureza dúbia e sua parte demônio, mas isso não lhe dá o direito de interrogar um deus. Saia! – Derek ordenou.

A vampira afastou-se um pouco aborrecida, não estava acostumada a receber ordens. Avisou os outros de que ele não queria ser incomodado e continuou esperando notícias de Afrodite para darem continuidade ao ataque.

Derek agora possuía um corpo e, para chegar até o Templo, teria de ser mentalmente. Ele se sentou em uma das poltronas e deixou sua mente ir até o Templo. Quando chegou, foi recepcionado por seus iguais e o clima não era de

alegria. Eles estavam no salão dos sarcófagos. Ordália ia para o centro do cone se unir ao Livro e fazê-lo se pronunciar a respeito de sua traição e seu abandono.

–Espere, Ordália. Você não pode me trair, não agora que busco a liberdade para nós, os verdadeiros senhores desse mundo.

–Você fala do passado. O mundo mudou e nosso lugar é dentro do Templo, protegidos.

–O tempo realmente passou e a tornou covarde, já a conheci mais aguerrida e buscando liberdade e sangue. Hoje, só busca o amor de um rei que jamais a amará – ele foi cruel.

–Busca nos iludir, Derek, sendo que foi você que nos abandonou e se aliou à vampira que séculos atrás nos fez perder nossos corpos. Hoje, somos apenas espectros.

Thessália se queixou e com razão. Depois que o plano de Afrodite falhou, os corpos dados a eles graças ao meio-vampiro Caio Graco arruinaram seus corpos originais adormecidos, estes viraram pó dentro de seus sarcófagos. Isso os sentenciou mais uma vez ao Templo e, dessa vez, sem mais poderem usar seus corpos.

–Você matou uma filha do sangue antigo, profanou o Livro. Quebrou o acordo de paz com Maat – disse Quirino, cobrando justiça para o sangue que fazia parte deles.

–Estou livre das mãos dos deuses, e logo vocês também estarão.

–Suas promessas nos farão sentenciar. Da última vez que se uniu a Afrodite, fomos punidos duramente. Hoje, somos apenas cinzas. – Marcus contra-argumentou.

–Não é a ausência de um corpo que nos impedirá de sair do Templo. Afrodite tem o conhecimento para conseguir corpos para todos nós. Preciso apenas tempo para que possa assumir os Poderes.

–Conhecimento roubado de Radamés, que ela assassinou e lançou recentemente dentro de sua tumba. – Zoraia o lembrou.

–Vai trair Ariel? – quis saber Aspásia, aflita com o rumo que ele dava ao mundo vampírico com sua fuga.

As vampiras ficaram surpresas e confusas. Menos Ordália; ela sabia o quanto ele odiava Ariel.

–Sim, Derek vai. Pretende matá-lo, beber seu sangue e assumir seu lugar. Destruir o pacto com Maat, nos expor diante dos humanos, buscando conquistar o

que não pode ser conquistado: os mortais.

–O mundo mortal é governado pelo caos. Nós viveríamos bem nele. Mas que imortal nos cederia seus corpos? – perguntou Ítalo, pensando bem na questão.

–Os Lordes podem – disse Quirino, seguro.

–Não ouse, Ítalo! O que perderemos agora se esse plano louco falhar? Seremos despedaçados – argumentou Nídia corajosa.

–Nada nos acontecerá. Derek está certo, nós podemos ocupar corpos imortais como os que tínhamos – afirmou Tavalus, pronto a se unir a Derek.

–A prostituta egípcia vence novamente! Radamés não foi destruído, ele voltará e nos julgará a todos. – Thessália se queixou, segurando Ordália que desejava avançar sobre Derek.

–O que fazem dando ouvidos a Derek? Ele nos traiu, nos deixou aqui para alimentarmos seu futuro reinado. – Ordália lutaria até o fim.

–Você se resignou como uma concubina, em vez de ser a rainha – afirmou Derek, sentindo que os vampiros o seguiriam e as vampiras fariam o mesmo, deixando Ordália sozinha.

–Não tem o direito de me insultar quando desceu tão baixo, sua traição a Maat terá punição. O Livro vai se pronunciar – disse Ordália, seguindo para o cone de luz.

–Não, não vai. Você não pode controlá-lo sozinha. – Derek lançou sobre ela uma descarga de energia.

Ordália foi atingida e caiu no chão, incrédula. Os vampiros os olhavam admirados; afinal, ele estava fora do Templo, seus poderes não deveriam sequer tocar Ordália e a eles.

–Como ousa atacar-me?

Derek jamais, em eras de tempo, ousara erguer a mão para atacá-la. Mas ali estava ele ferindo-a em nome de sua fuga e união com a egípcia. As vampiras a recolheram e se reuniram, confusas e temerosas; entre eles, sempre houve união, amor e sexo, desejo, jamais violência.

–Ordália, obedeça-me!

Ordália afastou as vampiras e seguiu para o cone, sendo novamente atacada. Derek foi impiedoso. O espectro da vampira sentiu dor e foi novamente ao chão com violência. Os vampiros se uniram a ele e as vampiras recuaram, percebendo que eles iriam apoiar seu líder e buscar corpos.

–Não me faça destruí-la, Ordália – avisou Derek, realmente disposto a fazê-lo, e até com certo prazer.

–Tente, Derek, é um direito que possui. Afinal, agora caminha junto aos mortais. Logo perceberá que a imortalidade dos corpos deles de nada vale quando sua vida imortal estiver em jogo – Ordália o ameaçava e previa seu futuro. – Quando seu corpo morrer e voltar a ser espectro, vai provar de minha ira dentro do Templo. Eu terei Maat do meu lado, e você será punido com a morte de sua alma imortal.

–Eu não voltarei, Ordália. Vou me tornar o rei e tirarei do esquecimento qualquer um de vocês, basta que me sejam leais. Tudo que peço agora é silêncio. O Livro me obedece a partir de agora. Você não pode controlá-lo sozinha, mas eu o farei. Ele reconhecerá seu único e legítimo rei.

–Traidor! – As vampiras estavam ao lado de Ordália, falavam juntas, provando sua união, mas, por temerem enfrentar os vampiros, teriam de obedecer.

–Não! Apenas cansei de viver de sobras, na sombra da vampira que dizia amar-me e agora suplica pelo amor de outro rei – cuspiu ofendido. – Somos reis e rainha, e o mundo mortal pode ser nosso novamente, e será, para que possamos reinar nos cinco continentes.

Ordália olhou Derek com desprezo por desejar voltar ao passado quando tinham os mortais como seus escravos e davam a imortalidade aos que amavam e desejavam, fazendo deles seus prediletos e favoritos. Nesses dias, viviam sua imortalidade em meio a guerras com os mortais, que tentavam destruí-los e libertar-se de sua fome de sangue. Dias negros que ela não mais desejava viver. Quando perdeu seu corpo imortal, decidiu que ser um espectro tinha suas vantagens. Da mesma opinião partilhavam as vampiras. Mas os vampiros ainda se deixavam influenciar por Derek e sonhavam em reaver seus reinos, um sonho perdido e antigo. No fim eles tiveram de se unir para lutar contra os mortais, e, mesmo os vencendo, a mortandade que provocaram ofendeu os deuses e eles foram punidos. Eles haviam esquecido o rio de sangue que os condenou ao Templo.

Infeliz e traída, Ordália sumiu do salão dos sarcófagos, e as vampiras a seguiram. Derek não se importou com sua dor, ele estava enlevado demais pelos prazeres que o corpo lhe oferecia para voltar atrás ou temer o que quer que fosse. Satisfeito com a resposta dos vampiros, confabulou com eles como deveriam agir e em que momento para vencer o rei. O plano era simples e parecia realmente eficaz. Os vampiros o apoiaram e lhe prometeram o silêncio de que necessitava, mas exigiram sair do Templo e que lhes fossem oferecidos corpos para que desfrutassem dos prazeres da imortalidade.

Derek deixou o Templo satisfeito, o Livro lhe obedeceria, os vampiros saberiam convencer suas companheiras e Ordália ficaria sozinha, e teria de ajudá-lo, desejando ou não, mesmo amando cegamente Ariel Simon.

Assim que voltou do Templo, Derek pediu sangue e foi servido por Petrus. O vampiro olhava o corpo de seu mestre e lamentava o fim de sua alma, mas não havia decidido o que fazer. Era procurado pelos Poderes, agora não lhe restava nada a não ser seguir o seu novo senhor. O vampiro deixou o sangue e estava prestes a sair quando Derek lhe falou.

– Seu antigo mestre foi um grande vampiro. Não lamente sua morte, apenas brinde o seu sacrifício em nome do seu novo rei. Saberei protegê-lo como ele o faria, não tema – declarou Derek. – Agora se aproxime, deixe-me provar de seu sangue como compromisso.

Petrus se aproximou e estendeu o braço para que o vampiro se servisse. Derek sorriu maligno e o olhou com interesse sua beleza, seu olhar, a juventude que exalava, seu cheiro quase doce. Ficou de pé e o envolveu num abraço poderoso e buscou sua garganta. O vampiro não lutou, apenas se deixou levar e não o deteve quando começou a despir suas roupas.

O vampiro saiu do quarto uma hora depois e não havia nenhuma expressão definida em sua face. Desirée notou e imaginou que houvesse provado do veneno de Derek. Aquele vampiro era muito perigoso. Perguntava a si mesma se Afrodite conseguiria controlá-lo. Sequer sabia se estava viva, mas possivelmente estaria se recuperando. Contudo, não tinha tempo para esperar que ela reaparecesse, precisava partir imediatamente, Tereza havia conseguido raptar o filho de Iago, devia chegar à Espanha e depressa.

Marc ficou com Francine e Manolo para cuidar de Derek até Afrodite voltar. Petrus olhou a loba com curiosidade e avisou-lhe que Derek queria vê-la. Francine subiu as escadas e, quando entrou, percebeu o leito descoberto. Buscou o vampiro com o olhar e o viu perto da janela, vestido apenas com um roupão de seda.

–Logo serei seu rei. O que tem para me oferecer?

–Será o rei dos vampiros, não dos lobos.

–Quando vivi entre os mortais, sua espécie servia a minha. Vocês guardavam nosso palácio à luz do dia e, durante a noite, nos ajudavam a caçar os mortais e trazê-los aos meus pés.

Francine tremeu ao ouvir seu relato; por um momento, temeu o fim daquele estranho pacto. Ela e Marc precisariam ter cautela ou seriam novamente subjugados pelos vampiros.

–Não seremos dominados ou escravos dos vampiros – disse Francine, segura e combativa.

–Quero que seu irmão lidere os meus lobos. Você é muito bonita – Derek a elogiou, tocando seu rosto.

–Marc será o líder da Alcatéia.

–Sim, e você será uma das minhas favoritas.

–Não quero ser morta por Afrodite – revelou a loba, olhando-o com interesse.

–Ela sabe que não será a única.

O vampiro disse, envolvendo-a, e a beijou faminto. A loba tentou afastá-lo, mas Derek não aceitou suas recusas. Na verdade, sorriu ao vê-la rosnar. Beijou no pescoço e começou a despir suas roupas. Francine se entregou ao vampiro e não se arrependeu; na verdade, tentou até fugir depois de uma hora sob a força de suas carícias e seu desejo, mas ele a manteve na cama por mais duas, até que se sentisse completamente satisfeito. A loba adormeceu e ele ficou desperto, apenas apreciando sua pele, o prazer de poder tocar seu corpo quente e vivo. Sorriu satisfeito, saiu do leito e foi para a janela, fitando o mundo com interesse. Quando deixou de andar entre os mortais, eles ainda não sabiam voar ou correr em suas máquinas velozes; eram primitivos e os idolatravam como deuses.

Hoje, não seria diferente. Eles ainda podiam ajoelhar-se diante dele e chamá-lo de divindade. Desejou sair e buscar mais sangue; todavia, precisava ainda se manter incógnito. Um sacrifício pequeno para vencer o falso rei que vinha suportando há séculos, Ariel Simon. Derek se considerava o verdadeiro rei dos vampiros, e deixaria isso bem claro quando matasse Ariel diante dos Poderes.

Capítulo 32 – Tudo a Seu Tempo

O corpo de Kara foi levado ao *château*, devido aos ferimentos. Jan Kmam e Ariel preferiram que a vampira fosse enterrada. Eles não podiam lhe dar mais sangue, temiam fazer Afrodite ainda mais forte; todavia, os ferimentos foram profundos e ela precisava estar bem para o exorcismo na noite seguinte. Jan Kmam a levou para as câmaras subterrâneas; primeiro a despiu e depois a colocou num dos caixões, coberta de areia. Lá, sua recuperação seria completa. Sua maior preocupação agora era a verdadeira Kara, ou melhor, seu espectro. Após lutar contra Seth e Ordália, foi recolhida por Marie e recolocada num círculo de energia, mas estava inconsciente; existia, mas não havia sinal de resposta. Apenas flutuou dentro do círculo de luz criado pela bruxa. Jan Kmam passou o resto da noite esperando que despertasse, mas nada aconteceu. Ficou se perguntando por que Radamés a teria levado a lutar por uma causa perdida. Afinal, Frigia estava morta, e ela bem perto disso.

Ariel Simon foi ter com o Livro. Os Zeladores e o próprio Livro sentiram a morte de Frigia. Verteu Seiva, mas não escreveu uma página, como era de se esperar, acusando ou designando uma sentença. O rei mandou que lhe ofertasse sangue, ele queria falar com os Anciões. Os Zeladores o prepararam, oferecendo-lhe sangue humano fresco, a oferenda foi aceita e o Livro passou suas páginas, mostrando estar desperto. Quando o rei questionou sobre a saída de Derek do Templo, o Livro voltou à página dos Poderes. Ele afirmava que nada havia mudado, tudo permanecia igual. Ariel percebeu com estranheza que o Livro não agiu normalmente. Após o ataque, ele exigiria a cabeça dos acusados, daria a sentença, mas ele nada fez. Estava óbvia a perturbação dentro do Templo. O rei se deu por satisfeito e mandou que, em agradecimento, lhe dessem mais sangue.

Saiu da câmara e chamou Togo, a situação estava prestes a sair do controle. Derek mantinha-se fora do Templo e certamente controlava o Livro do lado exterior. Ordália vinha evitando falar com ele; das últimas três vezes que tentou chamá-la, ela se recusou. Não possuiu a mortal que lhe servia o corpo para que desfrutasse dos prazeres, oferecida pelo rei às Anciãs. Só havia um modo de descobrir: mandou trazer a mortal novamente e se preparou para falar com Ordália. O quarto foi preparado a seu gosto, rosas rubras, luz de velas, incenso de mirra. A mortal chegou vestida numa linda veste de seda e pedras, igual à que a vampira usava no Templo. Nada falou, apenas parou diante de rei e recebeu o cálice de vinho e ervas. Sorveu o líquido e sentou na poltrona próxima para se deixar possuir

pela Anciã. Um minuto depois, ela se moveu e seu corpo tremeu ligeiramente. Ordália estava presente, fitou Ariel no quarto e ergueu o queixo altivo, já saindo da cadeira para ir até as rosas vermelhas. Aspirou o perfume delas e, por fim, falou sem rodeios:

—O que deseja? Achei que estivesse feliz.

A voz de Ordália soou bastante ácida e infeliz.

—Por que vocês me traíram? O que Derek prometeu dessa vez, minha cabeça? — perguntou Ariel, mantendo o tom amigável, não entraria no seu jogo de ressentimento e ódio, não era inteligente em se tratando de Ordália.

—Nós não o traímos, bem diferente de você que traiu a si mesmo. Afinal, havia jurado não mais amar, e veja só: seu coração está tomado pela sua campeã.

—Sim, Ordália. Por amor eu me traí, quebrei minha promessa e deixei que Kara entrasse em meu coração, na minha vida. Ela corre por minhas veias como fogo, penso nela todo instante, poderia morrer por ela. Isso é amor, algo que provei bem pouco quando mortal e menos ainda na imortalidade. Não me recrimine por desejar ser feliz. Eu não os traí, não tentei enganá-la, eu a visitei e lhe avisei que Kara era minha amante.

—Isso não serve de consolo.

—Por que não me disse que dormia com a inimiga dos Poderes? Graças à sua conduta Derek está livre, Frigia morta e os Poderes em perigo.

—Não me culpe. Você bem poderia ter notado se não estivesse cego de amor.

Não gosto de nenhuma das duas, mas elas são bem diferentes.

—Divertiu-se o suficiente? Era por isso que não vinha à minha presença? — quis saber Ariel, magoado com sua mentira.

—Seu crime foi se apaixonar por Kara, a única vampira capaz de ser rainha depois de mim!

—Você não tinha o direito de me esconder tamanho crime. — Ele argumentou firme, contendo-a pelo braço.

—Você mereceu ser traído, dormir com sua pior inimiga. Eu achei bastante justo. — deboxou — Agora, pensará duas vezes antes de se deixar possuir por uma qualquer.

—Sempre suportei seus ciúmes, sempre a satisfiz, mas existem limites, e meu coração está dentro deles. Não pode tê-lo como uma joia em suas mãos...

—Eu o amo!

A vampira berrou e se jogou em seus braços, apertando-o com força. Em sua face, havia lágrimas e raiva. Enquanto soluçava, Ariel a envolveu com carinho e sentiu sua amargura e sua dor.

–Fui traída duas vezes.

–Não a traí, minha bela. Fui pedir sua permissão, mesmo não precisando dela, e vocês se recusaram.

–Somos reféns da vontade de Derek. Ele traiu os Poderes e todo o resto. Por desejo, a egípcia, ele me tocou com violência, fez aqueles tolos sonharem com corpos e pretenderem sua coroa, sua morte – disse tensa, sentando com Ariel na beira da cama para onde a levou.

–Eu o senti na estação de metrô, sei que perdeu o controle do Livro.

–Então, por que me chamou? – perguntou Ordália, enquanto o rei fitava seu rosto molhado em lágrimas, os cabelos loiros e longos.

–Precisava saber que estava bem – ele confessou, verdadeiro. – Durante todos estes séculos, é minha amiga mais fiel e apaixonada.

Ordália tentou fingir aborrecimento e fugir, mas o rei a prendeu nos braços e a beijou, faminto.

–Amo tanto você! Sinto sua falta... – confessou num sussurro rouco de desejo.

–Eu sei, chamei-a três vezes e se recusou.

–Não suportava a ideia de dividi-lo com a campeã. Ela tem tudo, e o que tenho? – reclamou Ordália, tentando afastar-se do abraço do rei, fugir de seu olhar verde.

A vampira era poderosa e cruel, mas, diante de Ariel Simon, ela conseguia tremer como uma mortal faria. O amor que sentia por ele era forte e verdadeiro. Quando Radamés o prometeu ao trono, ela o achou belo e sabia que o apreciaria como rei e amante. Mas, com o passar do tempo, passou amá-lo profundamente, a ponto de se afastar de Derek. Mantinha com ele um relacionamento feito de respeito e sexo e nada mais. Os olhos verdes de Ariel, seus cabelos ruivos a enlouqueciam. No corpo da mortal, seu coração estava aos pulos, seu toque a embriagava. Desejava-o, mas resistia infeliz.

Ariel ajoelhou-se junto a Ordália, que havia se sentado por chorar sua raiva e revolta. Abraçou-a e ouviu suas reclamações.

–Séculos atrás, ela me roubou meu favorito, meu doce Johari. Tive de executá-lo, tamanha a sua traição. Hoje, ela rouba seu coração de mim...

–Esqueça o passado, Ordália.

–Por você deixei de pretender um corpo, me resignei à vida no Templo. Você é o meu rei.

–Sim, sou, mas haverá uma rainha. Radamés profetizou isso, está no pergaminho onde ele traçou minha trajetória como vampiro. A rainha dos vampiros existe e é Kara. Talvez não hoje, mas no futuro ela será minha rainha.

–Ela morrerá muito em breve.

–Não ouse, o que fez no Jardim foi cruel. Kara buscava vencer Afrodite e salvar Radamés, e você simplesmente a sentenciou à morte – Ariel falou muito sério, fazendo o carinho sumir.

–É uma profecia do Livro, não minha; não serei seu carrasco.

Ordália profetizou sem pena; afinal, ele precisava saber a verdade. Ariel a olhou desconfiado já que ela odiava Kara simplesmente por existir e, mais ainda, por aquela vampira viver no coração do vampiro que ela amava.

–Acredite-me. Está nas estrelas e no mapa que Radamés lhe entregou, apenas o olhe com atenção e verá a queda da rosa que sufoca a coroa – a vampira disse, vendo o olhar surpreso e ferido do vampiro. – Uma alma como a dela não iria durar muito entre vocês.

–Diz isso para que eu perca a esperança – afirmou Ariel, afastando-se.

–Digo-lhe a verdade para que se prepare, não o quero morto pela tristeza, muito menos pelas mãos de Derek e sua amante. – Ordália o segurou pela mão e o deteve junto a si no leito.

–Derek pode controlar o Livro?

–Provavelmente, sim; ele é tão rei quanto você. A lealdade do Livro ao sangue e aos Poderes dos dois reis será testada dentro em breve.

–Estará ao meu lado? – quis saber Ariel, olhando-a pronto para tudo.

–Sim. As Anciãs jamais o traíram, mas deve entender que não dependerá de nós se o Livro preferir Derek a você – A vampira o avisou.

– Eu compreendo.

O rei fez o comentário pensativo, olhando Ordália com agradecimento e carinho. Ela se aproximou e o beijou. Como amante, Ariel sabia o que fazer. Afastou a alça de sua veste e beijou seus seios, enquanto a despiu facilmente. Ordália retribuiu e o puxou para junto de si sobre o leito. E, em meio a carícias e sussurros, possuiu-a. Ordália se entregou completamente e deixou que ele comandasse. Não dirigiu o ato, como as vezes fazia, apenas deixou que Ariel a

tomasse. Suas mãos deslizavam por seus ombros fortes. Adorava a cor de sua pele, os pequenos sinais que conhecia tão bem. Balbuciava palavras num dialeto antigo tamanho o prazer que sentia, sob o poder de sua boca em seu sexo. E gemeu alto quando ele a fez estremecer. As unhas cravadas sobre sua pele.

Não dividiu o prazer que ele lhe proporcionava com as Anciãs, aquele momento lhe pertencia. O rei, percebendo sua intenção, também não ofertou ao Livro o seu gozo; ele pertencia a Ordália, ali era somente o rei e sua amante mais fiel em pleno ato. Ele sabia como tocá-la, seus gostos mais secretos. Sugou a carne alva de seu pescoço e movia-se com ela num ritmo lento e profundo. E quando a mordeu sabia que ela estava próximo a atingir mais uma onda de prazer. A mordida veio aguda e quando sugou o sangue da mortal, Ordália tremeu em seus braços e jurou-lhe amor alcançando o clímax. O rei a prendia junto ao peito e quando arqueou o corpo sobre o dela exibindo os músculos perfeitos do dorso másculo, gozou fortemente.

Ficou abraçada a ele e o acarinhou, tocando seu corpo com verdadeira adoração. Afagou seu rosto e o cobriu de beijos. Por fim, aconchegou-se a seu corpo e aproveitou aquelas poucas horas de amor e prazer ao lado de seu amado rei. Ariel retribuiu-lhe carinho, e lhe prometeu devolver o poder perdido e levar Derek de volta ao Templo.

—Ele será destruído quando voltar. Maat não vai perdoá-lo — ela refletiu segura e fria.

—Sei que será difícil recebê-lo de volta, mas, se não o fizer, o que será do equilíbrio dentro do Templo?

—Acredite-me, ele não me toca há quase um século, recebo o que o Livro oferta e ele se alimenta a distância. Deixei de amá-lo há vários séculos. Quanto ao Templo, estaremos nas mãos de Maat, ela vai decidir.

Ordália falou de modo resignado e frio, ela já havia passado a página e esperava os acontecimentos. O que realmente lhe importava estava ali ao alcance de suas mãos: os cachos de Ariel. A mortal estava fraca, precisava ir; gostava de seu corpo e não queria machucá-la, parecia com ela enquanto viva.

—Ordália?

—Sim, meu amado rei?

—Como ela vai morrer? — perguntou Ariel, segurando o pulso de Ordália e o beijou enquanto a fitava nos olhos. Buscava mais detalhes sobre o fim de sua campeã.

—Você vai matá-la.

Dizendo isso, Ordália deixou o corpo da mortal, que desmaiou nos braços de Ariel. Ele a ajeitou no leito e a cobriu, precisava descansar.

Minutos depois, foi para a biblioteca ter com Jan Kmam e Togo. Havia notícias, e nada boas, sobre a Alcatéia.

–Alguma pista?

–Nenhuma. A criança foi raptada do seu berço ontem ao anoitecer.

Togo, Ariel e Jan Kmam estavam reunidos ao redor da mesa. Era muito tarde para avisar os outros. A maioria já havia se recolhido em seus caixões, pelo menos os que ficaram no *château* – o baile era na noite seguinte. O jardim já estava decorado e o resto dos convidados chegaria até as cinco da tarde. Os convites foram distribuídos e havia convidados de longe na residência real. A situação havia se complicado e não havia motivo para dar prosseguimento ao baile.

–A loba que levou o menino chama-se Tereza, recentemente foi recolhida pela Alcatéia. Seu pai adotivo, Marcelus, foi morto por Desirée. – Togo relatava os eventos.

–Certamente, ela foi colocada lá para esse fim – sintetizou Jan Kmam.

–Era o único modo de entrar na fortaleza dos lobos. Quando Joyce voltou grávida para Alcatéia, Darden aumentou a segurança e, assim que seus netos nasceram, intensificou-a ainda mais. Como pode ver, Desirée planejou bem sua vingança – Ariel se preocupou com o amigo. – Avisou todos?

–Sim, majestade. O baile está oficialmente cancelado.

–Ótimo, assim teremos mais tempo para lidar com a situação. Envie minha carta a Darden e mande os Pacificadores da Espanha esquadriharem os arredores. Nessas horas, toda ajuda é bem-vinda.

–O plano de Afrodite e seus aliados está em andamento. Desirée certamente vai exigir a cabeça de Darden em troca do menino. O que ele fará ainda não sabemos. – Ariel tentava imaginar os próximos passos.

–Isso vai comprometer o Pacto novamente... – Jan soltou num suspiro cansado.

–Esse é o verdadeiro desejo de Desirée, destruí-lo. Ela jamais o aceitou; acredita que, se ele não existir, poderá se sentir melhor. Sua natureza ambígua

exige isso. E vai fazer de tudo para destruir Darden, a Alcatéia e até mesmo a Ouroboros.

–Eles também buscam o menino. Belizário segue em diligência para a Espanha – confirmou Togo buscando as informações em seu smartphone. Havia se rendido à tecnologia.

–E por que não o faria? O filho é dele! – disse Ariel, sabendo que contava com a descrição dos dois vampiros. – Amanhã à noite, limpe o *château*, mande todos embora, principalmente os de sangue mais antigo. Mande-os para Vegas, nosso hotel e cassino deve entretê-los e não levantar suspeitas.

–O que teme, Ariel? – perguntou Jan, vendo o semblante do rei tenso.

–Derek está do lado de fora. Um confronto será inevitável; precisamos proteger os mais antigos, como Vitorio, Briseida, Ruffos, Dimitri e Lee. Se algo me acontecer, eles podem batizar o próximo rei. Eles fazem parte de nossa elite. – Ariel começou a falar, pondo Togo em alerta. – Como meu favorito, você não precisa de nada disso, mas acho que abdicaria de tal responsabilidade, e os Poderes dessa vez aceitariam sua recusa, visto que já se sacrificou por mim anos atrás. Nesse caso, escolheremos outro candidato.

–Nada vai lhe acontecer, majestade – garantiu Togo, fitando Jan Kmam, que pensava o mesmo.

–Siga minhas ordens e esteja pronto para um confronto. Derek logo virá até nós. Antes do anoitecer, remova Afrodite da recuperação e a coloque na cela. – Ariel organizava os passos da noite seguinte com frieza.

–Não posso mais mantê-la livre. Marie vai preparar a cela para que ela não use seus poderes ou magia, fique tranquilo. O Sol não tarda; vamos nos recolher haja vista que amanhã teremos uma noite longa – completou, liberando Togo.

Quando o vampiro saiu, Jan Kmam ficou. Ariel pediu para lhe falar a sós.

–Li muitos dos manuscritos de Radamés e quero lhe passar um conhecimento. O corpo de um vampiro possuído pode ser recuperado de várias formas, uma delas é a morte súbita. O corpo pode ser levado à morte para que o espectro invasor se retire. Um espectro não tem uma segunda morte. Tal procedimento possibilita que a verdadeira alma retorne ao corpo.

–Por que está me revelando isso, majestade? – perguntou Jan Kmam, realmente preocupado.

–Se o exorcismo falhar, precisará ter outra opção.

–Não vou matar Kara. – Jan se recusou de imediato, achando a ideia de Ariel absurda.

–Escute-me com atenção! – Ariel o chamou à razão, esmurrando a mesa.

–Se Marie falhar, os Poderes vão exigir a cabeça de Afrodite e, infelizmente, ela está no corpo da vampira que amamos. Precisa estar pronto para agir, se alguém pode fazê-la voltar ao seu corpo é você. Tome-a nos braços, leve Kara à exaustão. Afrodite precisa acreditar que vai matá-la. Só assim abandonará seu corpo – Ariel precisava preparar Jan Kmam, disso dependeria a vida de Kara.

–O que sugere é impossível. Quando um vampiro começa a sugar outro, o limite é muito tênue. Posso matá-la sem perceber – lembrou Jan, achando sua ideia cada vez mais absurda.

–Não posso deixar que os Poderes a toquem, mas posso ganhar tempo, embora não muito. Quero que esteja pronto para agir, fuja com ela se for preciso e faça o que lhe ensinei. Afinal, terei de me portar como rei, não como amante. Pode compreender? Se alguém tem o direito e a coragem de matá-la, esse alguém é você. Saberá parar no momento certo. Cuide de Kara por nós dois dessa vez.

Jan Kmam cobriu o rosto com as mãos e suspirou pesado, estava confuso. O rei o preparava cuidadosamente para agir, e ele sabia que deveria estar pronto para tudo.

–Saberei agir no momento certo, Ariel – disse Jan, entendendo a atitude de seu rei. Tocou seu ombro, passando-lhe segurança para que ficasse tranquilo: em seu rosto havia um grande pesar.

–Ótimo – disse Ariel Simon mais calmo.

Os dois se levantaram da mesa e seguiram pelo corredor. O rei foi se recolher, parecia exausto. A noite não estava sendo fácil para ninguém. Mas era certo que ele escondia algo muito sério.

–Quero ficar com Kara.

O vampiro falou assim que Marie abriu a porta, estava pronta para ir dormir. Olhou o vampiro e sorriu, dando-lhe passagem. Jan entrou e percebeu o chão e as paredes repletas de símbolos. Pelo visto, tudo estava pronto, olhou as mãos da bruxa e percebeu-as manchadas pelos resquícios dos corantes usados. Segurou-a e beijou suas mãos com reverência.

–O que faz? Quer que Kara me mate? – brincou Marie, tocando seu rosto suavemente.

–Estou tentando agradecer-lhe seu esforço e sua dedicação a todos nós.

–Não me agradeça, afinal não consegui nada ainda – afirmou Maire, trancando a porta da câmara.

Marie tinha a aparência cansada; era imortal, mas capaz de sentir sede, fome, dor e sono. Ela havia desligado as luzes, a única luminosidade vinha do círculo de luz dentro do qual Kara flutuava inconsciente. Tinha a aparência de uma chama branca que aos poucos se apagava. Ela parecia imersa em água, os seus cachos flutuavam ao redor do corpo, deixando-a sinistra e bela. A expressão da face era calma, parecia dormir. Mas era evidente que seu espectro estava bastante frágil para esboçar qualquer reação. Talvez por isso, a inconsciência total. A bruxa o olhou e percebeu sua dor e seu amor por aquela vampira, e resolveu passar-lhe confiança.

—Deve descansar, vou precisar de sua força e presença amanhã.

—Estarei bem, só quero ficar perto dela – confessou Jan, muito baixo.

—Entendo, fique com o sofá, vou dormir na câmara ao lado. Se conseguir trazê-la de volta, seria muito bom.

—Vou tentar, prometo.

—Bom dia, Jan.

—Boa noite, Marie.

Jan Kmam lembrou com saudade que era daquele modo que ele e Kara se despediam quando iam dormir. Sozinho na sala, o vampiro se aproximou do círculo de luz e estendeu a mão, quase fazendo o desenho do rosto da vampira. Olhava-a com ternura e preocupação.

—Eu sinto muito. Deveria ter ficado a seu lado, mas tive medo de que morresse... – falava confuso. – Temi por seu corpo e me esqueci de cuidar de sua alma, meu amor. E você perdeu a consciência. Não consigo defendê-la, não é mesmo? Venho tentando há vários anos e sempre estou fracassando.

Ele refletia falando com o espectro, que flutuava indiferente às suas palavras e tristeza. Jan Kmam olhou o próprio pulso e desejou poder dar-lhe um pouco de seu sangue e força para trazê-la de volta, mas sabia ser isso impossível. Desejou tocar seu rosto e dizer-lhe tantas coisas... Sentou no sofá e assim ficou, olhando-a por longos minutos. Lembrou-se de sua gargalhada quase infantil, o modo como o olhava quando decidia seduzi-lo. Sua expressão de raiva ou de alegria. Sorriu ao lembrar-se de seu espanto quando lhe mostrou como quase voar ou ficar debaixo d'água quanto tempo quisesse.

O vampiro estava mergulhado em recordações. Viu-a em seu vestido negro dançando com ele pelo apartamento, aprendendo a lutar, mostrando-lhe como dançar e jogar capoeira. Podia quase vê-la penteando os cachos, o modo como o beijava, quase mordendo. Viu seu choro de dor e medo quando chegou ferida após

cair de um prédio. Uma lágrima despencou sobre sua mão, ele estava chorando a ausência de Kara em sua vida. Olhou sua aliança e a beijou, tentando manter a confiança de que ela voltaria. Deitou no sofá e ali ficou até, por fim, fechar os olhos e dormir pensando na amante.

Capítulo 33 – O Exorcismo

Marie havia trabalhado muito para que tudo ficasse pronto em tempo. A Lua deveria estar minguando, a câmara e todos prontos para o exorcismo. O resultado de três dias de preparação era assustador. Pelas paredes e pelo chão da câmara havia símbolos estranhos, feitos com plantas e corantes negros e vermelhos. O ambiente cheirava a ervas e resinas aromáticas. Marie tentou se comunicar com Radamés, mas sem êxito; ele também fazia um grande esforço para se libertar de sua tumba e voltar ao plano dos espectros. Os estragos feitos por Afrodite precisavam ser revertidos, e bem depressa. O que Marie não compreendia era o motivo pelo qual Radamés permitiu que Kara saísse do círculo de proteção e tentasse salvar Frigia; afinal, tudo dera errado: Frigia estava morta e o espectro de Kara bem perto de desaparecer por completo. Marie olhou-a flutuar e a admirou. Tinha o amor de tantos e não se sentia suficiente para nenhum deles.

Anne Rampling, a mortal que receberia o espectro de Afrodite, chegou naquela manhã escoltada por duas Sentinelas e foi instalada na câmara ao lado daquela em que Marie fez os preparativos para o ritual. Anne era uma mulher madura de 40 anos e rosto misterioso. Tinha cabelos negros e lisos, cortados na altura do queixo em estilo Chanel. Não era alta, e sua beleza estava nos olhos escuros, no modo gracioso como se vestia e movia. Marie a recebeu com carinho e admirou sua coragem por desejar participar daquela estranha experiência. Antes de ser apresentada ao rei e ao seu favorito, pediu para ver Kara.

Anne admirava os vampiros há muitos anos. De um modo inconsciente, acreditava em sua existência, mesmo não tendo provas. Mas isso foi até conhecer Marie, depois disso teve certeza. Elas se conheceram havia 20 anos em uma convenção sobre magia branca. Ficaram amigas e trocavam conhecimentos com frequência. Claro, quando Marie se afastou, temendo que ela percebesse que não envelhecia, Anne revelou que sabia seu segredo há bastante tempo, mas que ela não precisava temê-la: admirava e compreendia a existência do sobrenatural. Anne conheceu Egon Mckenna, companheiro de Marie, morto por Mênon. Ela ajudou Marie logo depois do ataque.

Marie estava se preparando para seguir com os espectros de Vitor e Kara quando ela apareceu e se ofereceu para o sacrifício. Ela havia tido uma visão e sabia que aquele era seu destino. Anne se deixaria possuir e morreria em paz, levando Afrodite consigo. Tinha força para isso, era uma bruxa poderosa, mas morria lentamente de um linfoma. Anne só apareceria na última hora, Marie temia um ataque. Se Derek realmente tivesse se apoderado do corpo de Seth, como Ariel

comentou, as coisas não estariam nada bem para o rei, e muito menos para Kara, que o atacou. Não havia confirmação da possessão, pois a única pessoa que o vira estava inconsciente.

–Como ela está? – perguntou Anne, andando pela câmara.

–Nenhuma alteração. O que vê, Anne?

Marie perguntou, enquanto a mortal olhava o espectro da vampira flutuando sem peso dentro do círculo de poder. Anne fitou a vampira com interesse, estendeu a mão e fechou os olhos. A mortal viu Kara lutando, dentro do Templo, com os Anciões; viu Radamés, mesmo não sabendo quem ele era. Recuou e quase foi ao chão, tamanha a força da visão.

–O que aconteceu Anne? Fale? – quis saber Marie, segurando a amiga.

–Ela está lutando por sua vida; entretanto, terá de lutar mais um pouco. Vi as criaturas das quais me fez revelações. Eles estão em luta dentro do Templo, um deles está em nosso plano. O rei dos vampiros está em perigo, sua coroa... Morte e luta... Um poderoso sacerdote, o mais antigo dos vampiros voltará – disse a mortal, predizendo parte de um futuro muito breve.

–Venha, não se desgaste mais.

–Eu estou bem. Eu só queria que ela pudesse me ouvir, Kara precisa saber de algo... Ela é tão forte, mas, ao mesmo tempo, tem medo de ir além, teme perder o controle e seu amado – disse Anne, e olhou Kara pela última vez de modo misterioso.

–O que houve, Anne?

–O futuro.

A bruxa fitou a amiga de modo apreensivo, ouviu seu relato com preocupação e espanto. Pensou se deveria revelar ao rei ou a Jan Kmam, mas preferiu chamar Bruce e deixá-lo pronto para agir. Eles dois poderiam não suportar a revelação e se abater; no momento, eles precisavam acreditar. O futuro de fato ainda não havia nascido e poderia ser alterado.

Quando a noite cobriu o *château*, Anne se vestiu com esmero e se preparou para o ritual que terminaria com sua execução. Mas não sentia medo, estava mais nervosa com a possibilidade de ver o rei. Marie a levou até a biblioteca e a apresentou ao rei e ao seu favorito como havia prometido.

–Essa é Anne, ela vai receber Afrodite e contê-la até a execução.

Anne olhou os vampiros com admiração e se curvou ligeiramente. Vestia um lindo vestido de veludo bordado.

–Não nos deve reverência, senhora – afirmou Jan Kmam, olhando-a com interesse.

Era bonita e madura, o coração era forte, mas estava óbvio que morria lentamente de uma doença, câncer. Seus olhos eram grandes e expressivos. Vestia-se completamente de negro e cheirava a ervas e a rosa.

–Admiro-os o suficiente para me curvar diante da imortalidade.

–Posso ver que não nos teme, nos admira e até ama. – Ariel estendeu a mão e ela aceitou.

–Seu gesto vai libertar nosso mundo de uma criatura muito perigosa e salvar a campeã do rei – comentou Jan, olhando-a com admiração.

–Kara logo voltará, só está adormecida, ainda há muito a ser vivido – disse Anne, e percebeu o olhar de Marie, a bruxa temia que ela falasse demais. Não era o momento para revelações, Jan Kmam e Ariel precisavam estar fortes para confrontar Afrodite.

–Você deseja que algo seja arranjado antes da execução? – perguntou Ariel, preocupando-se em lhe oferecer um fim digno de sua coragem.

–Marie tem consigo as instruções sobre meus bens, meus últimos desejos e como deve lidar com meu corpo. Agradeço sua preocupação, majestade.

–Estranho, mas a senhora me é muito familiar.

E Ariel tocou sua face com curiosidade. O anel de rubi brilhou, Anne fitou o olhar verde do rei e sorriu amável. O rei pareceu sondar sua mente delicadamente.

–Será rápido, eu lhe prometo.

–Tenho um pedido a fazer a vossa majestade.

Anne e o rei se afastaram para conversar em particular e a mortal explicou o que desejava. Ariel a ouvia, admirando o modo tranquilo como o olhava e aceitava sua presença. Sentiu-se diante de um imortal, ela seria uma vampira incrível. O poder da magia a rodeava, e não pareceu surpreso ao se sentir atraído por ela. Subitamente, perguntou a si mesmo se seu sacrifício seria justo. Por fim, aceitou sua solicitação.

–Está na hora, majestade – avisou Marie, pronta para começar. – Podem trazer Afrodite.

Afrodite abriu os olhos e tocou a cabeça; estava um pouco confusa, mas bem. Os ferimentos do corpo haviam sumido e não sentia mais dor. Estava nua sobre uma espécie de catre, coberta apenas por um lençol. Achou o ambiente estranho. Olhou à sua volta e se espantou. Uma cela! Onde estava? Fitou as peças de roupa no catre e vestiu-se apressadamente, nada mais que uma calça jeans e uma malha de tricô preta. Andou pelo quarto feito de pedra, sem janelas, e se aproximou da grade de ferro. O corredor seguia quatro metros à frente e terminava com uma porta. Tentou usar magia para destravar a porta, mas nada aconteceu. Foi então que olhou o chão e viu os símbolos, estava sendo contida com magia. O celular havia desaparecido, assim como suas armas. Fora descoberta certamente, voltou ao catre e sentou-se. Logo alguém apareceria e, 30 minutos depois, a porta foi destrancada e Jan Kmam e Ariel Simon entraram. Mantiveram-se longe das grades e em silêncio, esperando a reação da vampira. Afrodite os olhou e fingiu espanto e confusão.

—Por que estou presa? O que está acontecendo?

—É o que acontece com os criminosos, eles são presos — disse Ariel, em egípcio para provocar a vampira.

—Não sei do que está falando? Eu não fiz nada... — ela se calou subitamente, respondera no mesmo idioma e sem nenhuma dificuldade.

—Vejo que ainda fala muito bem egípcio, Afrodite. — O rei prosseguiu, olhando-a ativo.

—Jan, o que aconteceu, por que estou presa? — Afrodite apelou para o amante, percebendo que Ariel havia descoberto tudo.

—Ainda não adivinhou? Achei que fosse mais esperta; afinal, da última vez que desconfiou mandou Seth me matar. — Jan a surpreendeu, enquanto ela continuava fingindo.

—A farsa acabou, sabemos que roubou o corpo de Kara e vem agindo nas sombras, recrutando aliados, matando todos os que são contra suas ideias de poder — disse Ariel, surpreendendo-a.

—De onde tiraram tamanha loucura?! Eu sou Kara! Jan, por favor, ajude-me. — suplicou aflita. — Sou vítima do ciúme do rei — jogou.

—Matou Vitor, Frigia e libertou Derek do Templo, seus crimes só aumentam, o que me diz? Será que o machado ainda é o suficiente ou terei de mandar que a enterrem viva? — Ariel a ameaçava.

—Jan, salve-me, não acredite nele. — Ela suplicou quase em lágrimas.

—Não perca seu tempo com mais mentiras. Nós sabemos quem é e o que vem fazendo — completou Jan Kmam seguro.

–Malditos! Vão pagar caro por me prender.

Afrodite gritou, esticando o braço para alcançá-los fora da grade, mas sem sucesso. Tentou conjurar um encanto, mas foi confundida. Um campo invisível a impedia de chegar ao fim, era a interferência dos símbolos que a cercavam.

–Vejo que resolveu parar de interpretar, ótimo. Hoje, você volta para o limbo, que é o seu lugar! – disse Jan, vendo com pesar a vampira que amava presa àquele espírito cruel.

–Vocês não vão conseguir, não têm poder para tanto, estão sozinhos. Radamés foi destruído. Eu mesma cuidei dele. O corpo de Kara agora me pertence, só vou sair dele morta – ela garantiu feroz. – E, mesmo que consigam, de que adiantaria um corpo vazio, sem alma? Kara certamente não sobreviveu à presença de Ordália. Tentem pegá-la na próxima reencarnação – ela riu com crueldade.

–Kara ainda está viva e logo vai voltar para seu corpo. – A revelação de Ariel pegou Afrodite de surpresa. Já a considerava perdida para sempre. – Quanto a você, será executada logo depois. – disse Ariel, aproximando-se das grades sem medo. Estava pronto a fazê-la em pedaços, tamanha a sua ira.

–O que foi? Não gostou de me ter em sua cama novamente? Pelo que me lembro, não houve reclamação – disse ela, olhando o rei com malícia ao evocar os momentos que dividiram o leito.

–Jamais imaginei estar com você, Afrodite. Se isso houvesse me ocorrido, eu a teria evitado, pois, mesmo dentro do corpo da vampira que amo, para mim seria desprezível possuí-la.

Ariel Simon falou sem se importar com a presença de Jan Kmam; afinal, ele já sabia a verdade. Assim como o rei, Jan queria que Kara voltasse, e bem depressa.

–Então vá em frente, corte minha cabeça. É melhor a morte do que viver como Kara eternamente. O amor que lhe oferecem a sufoca, não me admira sua sede por liberdade. Dentro da mente dela existem tantos segredos, Jan Kmam... Gostaria de saber de alguns deles? – Ela os provocava abertamente.

–Conheço minha amante o suficiente para saber seus segredos, desejos e sentimentos. Não se engane achando que vai me contar alguma novidade.

–Ela ama Ariel. Kara viveu com ele momentos de intensa paixão e desejo. E na cama era bem mais solta que em sua presença. Será que isso quer dizer alguma coisa?

–Eu conheço a verdade, Afrodite, e posso viver com ela. Não perca seu tempo – disse Jan, muito seguro dos seus sentimentos.

—Kara os ama igualmente, só não admite por sentir-se mais ligada ao favorito que ao rei. Ela apenas preferiu o meio mais fácil, mas com isso se priva de ser rainha e de desfrutar do amor de ambos. Tão mortal! Chega a me dar nojo. Ficar com os dois seria mais lógico e prazeroso. — Afrodite jogava com os sentimentos de Kara.

—Kara tem caráter e honra, algo que você jamais teve ou terá! — Ariel afrontou-a friamente.

—Não seja estúpido. Tanto poder e beleza para se resignar, campeã, amante do favorito, quando poderia ser a rainha. Eu darei isso a ela como presente, e verei vocês dois sufocarem no próprio sangue.

—Você é a única que vai sufocar em sangue, Afrodite — avisou Ariel, seguro.

—Não vejo Otávio. Não o chamou para que repita o ato em seu lugar? Ou dessa vez terá coragem para segurar o machado você mesmo? — Afrodite estava agarrada às grades e o olhava furiosamente.

—Não foi uma questão de escolha. Estava sendo coroado quando sua cabeça foi cortada. Mas agora vou seguir o seu conselho.

—Isso não vai se repetir! Tenho tanto direito a ser rainha quanto você. Somos herdeiros do mesmo sangue — berrou, indignada.

—Jamais foi só uma questão de sangue. Os Poderes escolhem seus reis e você jamais foi cogitada, mesmo sendo herdeira do sangue de Radamés.

—Kara será escolhida, e nem Ordália poderá impedir isso. A força que vem do seu sangue e do favorito vai fazer da campeã a rainha dos vampiros. E felizmente ela não estará aqui para ver minha ascensão. — Ela anunciou, olhando Jan Kmam com ar vitorioso.

—Eu não teria tanta certeza disso — afirmou o rei, olhando Marie chegar com os Pacificadores.

Ela estava pronta para levar Afrodite para a câmara onde se daria o exorcismo. A vampira recuou assustada, pois sentiu a força da bruxa sobre ela. Afrodite foi para o fundo da cela. Tentava à exaustão conjurar seus poderes, mas nenhum deles lhe dava força para atacar seus inimigos.

—Fique longe, bruxa miserável! Você não vai conseguir me expulsar. Eu sou mais forte, sou filha do sangue do senhor da Ordem de Thot! — gritou Afrodite, e continuava tentando usar sua magia.

—Meio tarde para honrar seu nome quando o assassinou e mandou seu espectro para o exílio. De qualquer forma, aqui sua magia negra não vai funcionar. Peguem-na — pediu Marie, cansada de ver sua fuga.

Foi cercada e contida, enquanto gritava e se debatia furiosa. Jan Kmam a olhava, temendo que machucassem o corpo de sua amante. Mas eles foram bastante cuidadosos. Prenderam-na de modo que não se machucasse nem ferisse ninguém. Marie, ao vê-la contida, aproximou-se para fazê-la beber um cálice de ervas e sangue. Ela tentou evitar, mas os Pacificadores seguravam seu rosto. Marie fez sua boca se abrir com um gesto e, por fim, ela engoliu a mistura. Quando finalmente chegou ao fim, ela tossiu e gritou furiosa. Olhava Marie enlouquecida de ódio, praguejava maldições em egípcio, mas elas de nada serviam. Esperaram menos de dois minutos, e ela relaxou. A droga usada na mistura fez efeito. Afrodite perdeu a força, tornou-se uma boneca de pano. Jan Kmam a tomou dos braços do Pacificador e a levou para o local do exorcismo. Ela foi posta no chão em um círculo repleto de símbolos que se repetiam no teto da câmara.

A bruxa olhou o rei e seu favorito, e eles pareciam prontos, assim como Bruce. A seu pedido, três Pacificadores ficaram, talvez precisassem contê-la. Marie os instruiu e a porta foi fechada e selada com resina. Agora podiam começar. Anne estava sentada numa cadeira e esperava calmamente.

Marie acendeu a pira a seu lado e elevou as mãos para o alto, começando a proferir o encantamento de expulsão. O espectro de Kara flutuava no círculo de luz e o corpo ainda jazia entorpecido no chão contido pelos símbolos. As palavras faziam o fogo dentro da pira de ferro tremer. Afrodite ficou de pé sob a força das palavras de Marie e flutuou no ar como o espectro. Os olhos estavam revirados, o corpo não tinha controle sobre si. Tremeu e ficou hirto, pernas e braços junto ao corpo, Afrodite lutava para não sair.

—Acorde, Kara, volte para nós — Anne chamou o espectro à vida, ela ajudava Marie a completar o ritual.

O espectro de Kara abriu os olhos e surpreendeu os vampiros. Jan Kmam quase se moveu e Bruce o segurou, mais um pouco e ele se aproximaria.

—Não é tempo ainda — disse Bruce, mentalmente.

Kara os olhou e percebeu o que acontecia à sua volta, observou Marie conduzindo o ritual e, finalmente, viu seu corpo flutuando a poucos passos. Estendeu a mão, mas não conseguia ultrapassar os limites do círculo de luz.

Marie rodeou o círculo onde Afrodite estava e lançou sobre ela ervas e gotas de uma porção enquanto o corpo se contorcia no chão e balbuciava palavras desconexas em egípcio. A vampira lutava para permanecer no corpo roubado e com afinco. Mas Marie já esperava por isso, então jogou sobre ela um manto negro de veludo e a viu gritar enfurecida, a escuridão a confundiria. No entanto, ela continuou falando em egípcio e parecia invocar a presença de alguém.

–Ela chama por Derek. Prepare-se, Marie.

O rei compreendeu a invocação da vampira e tentou avisar Marie, mas ela agora estava em transe, lutando para libertar o corpo de Kara do espírito de Afrodite. Ela pedia a força dos vampiros do Templo para que a mantivessem naquele corpo. O vampiro tentou avisar Marie, mas não pôde tocar sua mente, ela estava fechada para as influências externas. Olhou Anne e lhe falou o que se passava, fitou o espectro de Kara e temeu por sua destruição. Nesse momento, a câmara se encheu de sussurros, eram os Anciões!

–Ordeno que voltem à sua prisão nesse mundo. Não me façam destruí-los – ordenou Ariel; afinal, ele tinha poder para contê-lo. E apontou o anel de rubi em direção a eles.

Os espectros se uniam e se separavam no ar enquanto Marie lutava com Afrodite, mas a bruxa estava ciente da presença dos espectros à sua volta. Eles vinham através de Afrodite, ela os convocara. Marie podia vê-los translúcidos, cercando o corpo de Kara e tentando impedir que conseguisse seu intento, ou seja, fazendo-a falhar. Marie descobriu o corpo de Afrodite e a viu riscar o chão com as unhas, buscava escrever alguma praga no chão com seu sangue.

– Osíris, tu que conheces a morte e a imortalidade, que tiveste teu corpo feito em pedaços e voltaste do limbo, levanta o Djed e, com tuas mãos, expulsa o mal. Traz a alma de tua filha de volta ao corpo ao qual pertence.

O corpo de Kara foi erguido do chão e sacudido violentamente, e Afrodite gritou sendo expulsa. O corpo se libertava de sua presença maligna, enquanto os Anciões observavam aborrecidos. O espectro de Kara ganhou força e brilhou. Eles podiam ver claramente o espectro Afrodite fora do corpo da vampira, enquanto o seu brilhava, pronto para retornar. Flutuavam e, quando a bruxa ergueu as mãos para conduzi-los, foi atacada pelos Anciões. Manteve-se firme e não se defendeu, precisava prosseguir. Marie tentava trazer Kara para seu corpo e colocar Afrodite presa no círculo de luz.

Anne ergueu a mão e delas uma luz branca saiu para atacar os Anciões, empurrando-os para longe de Marie. Eles sussurravam ameaças, mas Anne continuava a lutar sem medo de suas faces sinistras. Moviam-se pela câmara como um redemoinho, fazendo ventar e chispar raios. Anne os empurrou e os conteve por alguns minutos.

–Depressa, Marie, eles querem destruir Kara.

A mortal avisou e caiu de joelhos exausta. Lutar com aqueles seres era debilitante. Quando ela fraquejou e eles voltaram, fizeram o espectro de Kara de alvo.

—Não! — gritou, vendo que se aproximaram do círculo de luz, tentando desfazê-lo enquanto o espectro de Kara recuava de um lado para o outro, temendo ser tocada.

Jan Kmam avançou e tentou afastá-los, mas foi empurrado. O rei se aproximou e os repeliu com sua presença, apontando-lhes o anel de rubi. Jan Kmam via os raios e os relâmpagos cortando a câmara. Ariel e Jan Kmam ficaram diante do círculo, evitando que se aproximassem novamente.

—Anne, é agora! Venha!

Marie a chamou, estendendo a mão para Anne que, já de pé, a segurou firme. Estava na hora de fazer sua parte no ritual. Quando as duas falaram a última parte da cerimônia, o espectro de Kara brilhou intensamente e cruzou o ar rumo ao seu corpo, enquanto o de Afrodite dirigiu-se ao círculo onde ficaria presa. Todavia, algo aconteceu: o círculo de luz onde Afrodite ficaria presa se desfez, desapareceu do chão e do ar, e a câmara foi invadida pela escuridão.

Os vampiros viram uma explosão de luz e três corpos caírem. Quando o fogo na pira se levantou novamente, o corpo de Kara permanecia preso no círculo de inscrições, Anne estava no chão e havia sangue em seu nariz, Marie não se encontrava muito longe dela e se movia sentindo dor.

Os vampiros se aproximaram e as ajudaram. Jan tentou chegar perto do corpo de Kara, mas Marie o deteve.

—Não a toque. Algo deu errado.

Jan Kmam olhou o círculo apagado e sentiu o coração aos pulos. O espectro de Kara havia sumido. Ariel recolheu o corpo de Anne do chão e a colocou no sofá, limpou seu rosto e a viu despertar lentamente.

—Onde está Kara? Marie... Onde ela está?

A bruxa foi erguida por Jan Kmam que a segurava nos braços, olhando-a de modo preocupado. Marie estendeu a mão em direção ao corpo de Kara e teve certeza: Afrodite ainda repousava nele, a energia era a mesma e antes de as luzes se apagarem pôde ver seu espectro retornando ao corpo da vampira. Isso se confirmou quando ela ficou de pé e sorriu de forma maligna, limpando o rosto sujo de sangue, o esforço havia sido grande.

—Eu avisei, não vou sair! Derek não me abandonaria! — gritou, batendo na barreira invisível que a cercava.

—Maldita! Onde está Kara? — rugiu Jan Kmam, ficando no limite que os separava feito pelos símbolos

–Morta! Consumida! Derek a consumiu, acabou, o corpo agora me pertence. Ela não teve força para voltar, se desfez como poeira ao vento.

A vampira ria vitoriosa. Bruce se aproximou do amigo e o puxou, enquanto ele resistia. Jan Kmam andava pela câmara como um animal enjaulado. Olhou a mortal nos braços de Ariel, ele se preparava para tirá-la da sala rapidamente.

–Abram a porta! – O rei ordenou aos Pacificadores.

–Jan, venha comigo agora!

–Marie, encontre Kara – pediu Jan, segurando a bruxa pelos ombros.

–Eu não sei onde ela está...

–Jan, acompanhe-me – pediu o rei, já de saída. Os Pacificadores abriram a porta, quebrando o lacre feito em resina.

–Venha, Jan, vamos sair daqui, Marie vai encontrá-la, acalme-se! – disse Bruce, arrastando-o consigo para a saída.

Ele olhava para Afrodite e tinha ímpeto de apertar seu pescoço. Seguiu pelo corredor, vendo Ariel carregar a mortal semidesperta em seus braços. Foi quando a viu estender a mão em sua direção como se o chamasse. Os lábios balbuciaram seu nome e ela perdeu a consciência.

O quarto estava silencioso, o fogo aceso e a mortal estava entre as cobertas macias do leito que Kara ocupou, quando era amante do rei. Dormia suavemente.

Jan Kmam estava a seu lado e segurava sua mão quente e viva, Ariel andava inquieto, para lá e para cá, de braços cruzados, apenas esperando seu despertar. Bruce estava junto à janela aguardando em silêncio e pronto para agir quando fosse preciso. As palavras de Anne se fizeram realidade. O exorcismo falhara, e agora tudo caminhava para o fim.

Fitou a mortal no leito, o modo como os dois vampiros a olhavam e sentiu o coração doer. Por que teve de ser ele a guardar tal segredo? O peso era grande e não sabia se o suportaria calado por muito tempo. Fazia um grande esforço. Em qualquer outra ocasião, Jan Kmam já teria notado seu silêncio, sua dor, mas, preocupado como estava com Kara, ele nada percebeu.

Anne abriu os olhos escuros lentamente e moveu os dedos. Jan a fitava impaciente e atento, sentindo o movimento de seus dedos apertando os seus. Jan Kmam beijou sua mão e fitou seu rosto, esperando um gesto que fosse. Um sorriso iluminou a face da mortal e, logo depois, ela se jogou nos braços do vampiro, apertando-o junto a si com carinho, amor e saudade.

– Jan...

O vampiro retribuiu ao abraço com amor e paixão. Olhava a mortal e, sem resistir à saudade que sentia, beijou-a rapidamente. Kara retribuiu e não conteve as lágrimas, agarrando-se a ele. Ariel observava a cena de modo melancólico e, por fim, saiu do quarto. Seguiu pelo corredor e tinha rumo certo: a sala de reuniões. Precisava pensar depressa, os Poderes logo estariam reunidos e iriam exigir a cabeça de Afrodite. Ele foi o primeiro a perceber que Kara havia tomado o corpo da mortal. E Anne chamou Ariel e disse o que faria; logo depois, puxou Kara para seu corpo e assumiu seu lugar a fim de que Derek a destruísse. Sacrificou-se para salvá-la. Assim que a colocou no sofá e limpou seu rosto, ouviu seu murmúrio chamando por seu nome e o de Jan Kmam. Mas, para protegê-la, nada falou, preferiu tirá-la da câmara e evitar que Afrodite soubesse da verdade. Ela agora era alvo da ira de Derek e, num corpo mortal, teria poucas chances de sobreviver.

34 – O Herdeiro da Lua

Desirée conhecia a Espanha como a palma de sua mão, caçou e matou lobos por toda a Europa. As ruínas do castelo de Sigerico, cujo nome deu origem a Castrojeriz, localidade no Caminho de Santiago, tornaram-se conhecidas como ponto turístico para os mortais, mas, para Desirée, Fabian e seus aliados, era um esconderijo perfeito. Castrojeriz é uma cidade isolada no meio de uma imensa planície. Ela conhecia a entrada e a saída subterrânea das ruínas, e foi para lá que ela enviou Tereza e o filho de Iago. O menino chorou a princípio, mas, como havia se afeiçoado a Tereza, logo se acalmou. Quando Desirée chegou, observou-o dormindo no catre, enrolado com uma manta grossa.

Os corredores e as poucas câmaras que ainda restavam intactas abaixo das ruínas do castelo eram geladas, porém não havia como acender fogo sem chamar a atenção. Fabian notou sua indiferença em relação à criança e nada falou, provavelmente teriam de matá-lo com Darden.

Tereza não iria durar muito também. Ela falhou com Desirée, e alimentou o menino com carne, quando ele deveria comer somente salmão para manter seus pais longe. Não seria uma grande perda, Fabian a achava pouco confiável, além do mais chegou com o cheiro de Iago no corpo. Algo havia acontecido, mas ela não revelou. Fabian a olhava com suspeita enquanto brincava com um velho baralho cigano à luz de um candeeiro. Ele esperava apenas uma ordem de Desirée para matá-la.

–Mande um dos nossos levar esta carta até a Alcatéia.

Desirée passou a carta às mãos de Tereza e observou-a sumir pelo corredor sem fazer perguntas.

–Quando vai se livrar dela?

–Vou deixá-la para os homens-lobos, eles vão saber com tratar uma traidora.
– revelou Desirée, com frieza.

–Ela tem o cheiro de Iago no corpo.

–Sim, claro que tem. Como acha que conseguiu pegar o menino? O que importa é que o trouxe para nós.

–O que pretende fazer quando Darden chegar?

–Matá-lo, e, logo depois, o menino. Se tiver sorte, Iago e Joyce estão a caminho e assim elimino o resto do sangue de Darden. A Alcatéia vai entrar em colapso. Os herdeiros mais próximos vão lutar por poder e, claro, vingar Darden e

sua linhagem, e vão quebrar o Pacto – disse Desirée, ciente dos passos que a Alcatéia daria após a morte de Darden. – Se não chegarem a um consenso, a Ouroboros vai intervir, e algumas cabeças vão rolar. Assim, a Alcatéia será apenas uma lembrança. Se Afrodite conseguir seu intento, Ariel será o próximo. Derek será o novo rei e nós teremos nossa vingança.

A vampira estava certa: os dois mundos estavam em convulsão, e a resposta para o conflito eram as armas e o derramamento de sangue imortal de ambos os lados.

Joyce estava em Tradajos buscando pistas do filho ao lado de Misha e de cinco Pacificadores, não tinha certeza, mas talvez fosse a 40 quilômetros de Castrojeriz. Haviam saído da Alcatéia há três dias. Ela rastreava durante o dia, procurando indícios, falando com alguns peregrinos pela estrada, enquanto Misha e os Pacificadores dormiam. Ao anoitecer, eles se reuniam e continuavam as buscas. Misha levou Joyce pelas trilhas nos arredores das cidades, iam a pé, correndo em velocidade como seus poderes permitiam. O vampiro estava certo de que Desirée havia colocado seus espiões pelas cidades para que a avisassem caso vissem estranhos. Seguiam pelas planícies e rotas dos peregrinos. Alimentavam-se de sangue de animais, não poderiam matar na trilha e chamar a atenção dos mortais e dos vampiros. Joyce estava em Pamplona quando sentiu o menino. Ouviu seu choro e sentiu seu cheiro. Avisou a Misha e, ao fechar os olhos, quase viu Tereza seguir com seu filho pela estrada numa velha moto. Sua pista os levaria para Castrojeriz. Ela seguia apenas seus instintos de mãe e loba para localizar seu filho, o que para Misha era o bastante.

Joyce sentia-se culpada pelo rapto da criança. Se houvesse acreditado em Iago, Arturo não teria sido raptado. Contudo, ver Tereza nua nos braços do companheiro a chocou. Estava na planície acampada, esperando a noite chegar e, enquanto olhava o pôr do sol, lembrou-se com pesar da discussão.

Era madrugada quando despertou sobressaltada, ouviu vozes e movimento no quarto. Levantou-se, escutando passos do lado de fora. Preocupada com os filhos, saiu do leito e verificou as crianças. Felizmente, elas dormiam em paz e segurança. Saiu do quarto e seguiu pelo corredor, estava somente de camisola e roupão. O som agora vinha do primeiro andar, viu a cabeleira loira de Tereza e foi atrás. Mas, ao ouvir a voz de Iago, se deteve. Algo estava acontecendo... A jovem estava nua, a camisola no chão aos seus pés. Seu corpo rosado estava colado ao de

Iago que, ainda vestido, tinha as mãos em seus ombros. O beijo disse muito, e seu estado de excitação mais ainda.

–Pensei que os lobos não traíssem suas companheiras – disse Joyce, surpreendendo-os.

–Eu não a toquei...

Tereza se afastou e recolheu a roupa do chão para se vestir apressadamente e fugir pela porta lateral – estavam numa das salas da mansão.

–Espera realmente que eu acredite, Iago? Desde que ela chegou à Alcatéia, vem seguindo você, suplicando a sua atenção, e só agora entendo o motivo. Como ousa trazer sua amante para a Alcatéia?

Joyce estava furiosa e enciumada, seus olhos estavam dilatados e os caninos apontaram. Ele percebeu a raiva de sua esposa e se defendeu como pôde.

–Despertei em nosso quarto com ela nos observando na cama. Disse que precisava me falar. Eu a segui até aqui, ela tirou a roupa e me agarrou...

–Quer mesmo que acredite nisso?

Joyce deu-lhe as costas e tentou sair da sala, estava cega de raiva e ciúme, e não desejava ouvir suas explicações: a cena falava por si só. Afinal, ele estava somente com a calça do pijama e visivelmente excitado. Algumas lobas já haviam comentado que alguns dos machos buscam companhia fora da Alcatéia e geram bastardos, mas trazer a amante para debaixo do mesmo teto era demais. Ele a segurou pelo braço, mas a loba não gostou e reagiu rosnando. Iago a deteve nos braços e Joyce lutou feroz e o empurrou.

–Não me toque! Não existe explicação para o que vi. Acho que ela parece ser mais o seu tipo – debochou furiosa.

–Você vai me ouvir.

Iago rugiu, exercendo sua autoridade. Ele estava inocente e não ia deixar aquilo passar, amava Joyce e jamais ousou olhar para outra fêmea. Joyce viu seus olhos ficarem translúcidos e os caninos à mostra. O peito valoroso pareceu um muro. Ele estava diante da porta e, certamente, não lhe daria passagem sem lutar. A mão forte a segurava firme e ela desistiu de puxá-la, quando ele a apertou.

–Não perca seu tempo mentindo. Desde que ela chegou, você não tira os olhos dela. As lobas da Alcatéia notaram, fizeram comentários.

–São infundados, Tereza e eu não temos nada, e hoje ela não fica mais nessa casa – decretou Iago, ainda a segurando.

–É um bom modo de lidar com o assunto. Espero que se divirtam juntos, distantes da Alcatéia e bem longe de mim.

–Não arrume motivos para me evitar, eu sei lidar bem com sua frieza, Joyce.

–Está se vingando, é isso?

Joyce jogou com o passado perigosamente, mas não ia suportar ser traída quando havia sacrificado tanto por ele e pela Alcatéia. Iago a vigiava e a mantinha na sua cama, temendo que voltasse para Belizário.

–Eu não temo meu irmão ou o relacionamento que tiveram, temo muito mais perdê-la – confessou Iago.

–Então Darden lhe contou. – Joyce suspirou, cansada, e se afastou de Iago quando ele a soltou, provavelmente com seu pulso roxo.

–Sim, então você sabia? – perguntou Iago, magoadado.

–No começo, não. Só quando fiquei grávida de Arturo e ele me mandou embora com o seu filho – disse Joyce, e percebeu o quanto aquela conversa era perigosa.

–Bom saber que você conhece Belizário e que tipo de criatura ele é – afirmou Iago, tentando se defender.

–Sim. Uma criatura do tipo que não me traiu. Que passou por cima do amor que sentia por mim para trazê-lo da loucura, enviando-me de volta para seus braços. – Joyce jogou na cara de Iago, sem pena.

–Achei que houvesse voltado por me amar – comentou ele, bastante magoadado.

–Voltei por muitos motivos, um deles por acreditar que precisava de minha presença em sua vida... – sussurrou Joyce, triste.

–Eu a amo, sempre amarei, é a minha companheira, a mãe de meus filhos. Não ouse acreditar que a traição de modo tão baixo e sob o mesmo teto – murmurou Iago, aproximando-se da esposa.

–Apenas deixe-me sair... – Joyce se calou. – Arturo...

Iago e Joyce podiam sentir o medo do menino, e logo depois o de Alexia. Os dois correram para o quarto, ouvindo rosnados e luta. Nas escadas, sentiram o cheiro de sangue. O grito da babá se misturou ao de Alexia e Arturo. O coração de Joyce batia forte no peito e, quando entrou no quarto, estava pronta para matar quem quer que fosse. A porta permanecia trancada, mas Iago a derrubou com um só golpe. A babá jazia morta no chão, a garganta esfaqueada. A janela estava aberta, e Arturo havia sumido de sua cama enquanto Alexia chorava

desesperadamente no berço. Iago uivou, dando o alarme, e saltou pela janela para perseguir Tereza. Seu cheiro estava no quarto. Ela havia levado o menino! Ela provocou a cena para afastá-los do quarto e deixar as crianças desprotegidas. Veio para a Alcatéia somente com o intuito de roubar o herdeiro do Senhor dos Lobos. O que Iago não compreendia ao mesmo tempo que corria no encalço da loba é como ela podia aliar-se à vampira que matou seus pais.

Tereza não deixou rastros e, por mais que se esforçassem, não conseguiam farejar o menino. Ela estava usando algum artifício para retirar seu cheiro. Joyce achou no chão uma das fraldas de Alexia, suja com uma espécie de poção que eliminava odores. Tereza deveria tê-lo usado no menino para evitar que fosse farejada. Na mesma noite, o mundo vampírico foi avisado, afinal eles iriam para o Baile Real organizado por Ariel Simon em poucas horas. Durante todo o dia, as buscas prosseguiram, mas sem sucesso. A loba e Arturo pareciam ter sido engolidos pelo mundo.

O rei dos vampiros imediatamente mandou os Pacificadores e os preveniu sobre a visita de Lorde Misha. O vampiro era o único com chances reais de alcançar Desirée antes que ela fizesse algo ao menino. Mas Darden sabia que ela o manteria vivo, precisava dele para fazer uma troca. Ele recebeu Misha no salão de Licaonte extraoficialmente. Joyce pediu para estar presente e Darden consentiu, afinal Iago estava procurando o menino desde a noite do rapto.

—Sabe o que vim fazer, Darden. Dê-me sua permissão para andar em seu território.

Lorde Misha falava com Darden de igual para igual, algo que poucos vampiros podiam fazer em sua presença. Joyce o reconheceu de imediato, durante a quebra do Pacto dos Vampiros e mesmo quando foi salva das garras de Mênon, viu-o lutando junto com Kara. Deveria haver uma boa razão para agir de tal forma.

—Tem minha permissão, Misha, meu território está aberto para que o vasculhe. Espero que possa encontrar meu neto e matar Desirée.

—Vim matar Desirée, não buscar seu neto. Mas, em respeito à amizade que meu rei tem à sua pessoa, se encontrar a criança, a trarei de volta e a entregarei em seus braços — disse o vampiro, e percebeu a indignação de Joyce.

—Ele é neto da loba que amou, isso não faz diferença?

—Não muita, Darden.

—Sei que pode encontrá-la. Peço-lhe, ache meu neto. — Darden pediu sem qualquer vergonha, mas altivo.

Beliza, a mãe de Iago, era uma loba vinda do sangue dos primeiros homens-lobos. Sua família sempre esteve próxima ao trono pela linhagem. Edgar, seu pai e conselheiro de Darden, queria que ela e Darden reinassem juntos, mas Beliza preferia ser livre e viver ao lado de Misha. O amor era proibido dentro da Alcatéia. Afinal, o Pacto foi assinado, mas o ódio entre as duas espécies ficou, assim como a perseguição aos que ousavam envolver-se com vampiros. Com o tempo, houve a aceitação, não o fim do preconceito. A proibição jamais assustou o casal, perseguido ferozmente por Edgar, que lamentava não tê-lo morto quando dizimaram sua família.

Beliza foi obrigada a se unir ao Senhor dos Lobos; entretanto, a relação durou pouco: um mês depois a loba fugiu para ficar com Misha. Darden compreendia o desejo da loba e não a obrigou a voltar; ela não o amava.

O Senhor dos Lobos e o rei dos vampiros se encontraram oficialmente e falaram sobre a união entre as duas espécies. Ela era uma realidade da qual nenhum dos dois poderia fugir. Depois da conversa, declararam nos dois mundos que seria punido com a morte quem perseguisse tais uniões. Mas o preconceito não diminuiu e incidentes ainda aconteciam. Prova fora o assassinato de Alexia e Heitor. Eles foram usados como exemplo para provar o que Pacto significava em termos de liberdade para tais uniões. Darden não aceitou a união de Alexia e o embaixador do mundo dos vampiros, e hoje se arrependia, até porque perdeu sua amada filha. Se houvesse aceitado, ela estaria em segurança e viva.

Darden só não sabia que Beliza estava grávida dele. Misha a respeitou e não a tocou durante a gestação; pelo contrário, a protegeu, ficou a seu lado e a ajudou com o parto. Assim nasceu Iago, o herdeiro do Senhor dos Lobos, pelas mãos de um vampiro! Uma estranha brincadeira do destino. Mas os inimigos eram muitos, e eles continuavam se escondendo. Desirée os encontrou e matou Beliza, ia também matar o menino, não fosse a intervenção de Misha, que o salvou. Iago tinha somente oito anos e ficou bastante traumatizado ao ver a mãe ser morta. Ao vampiro só restou enterrar a amante e levar o menino de volta para a Alcatéia. Darden o recebeu e percebeu sua linhagem imediatamente.

—Sabe o que ela quer, Darden — afirmou Misha, olhando o lobo com frieza.

—Sim, minha cabeça. Ela lhe contou o motivo?

—O rei me contou, mas sinceramente não me interessa. Tenho meus próprios motivos para matar Desirée.

—O que ela fará com meu filho? — perguntou Joyce, sem medo, mas realmente nervosa.

–Nada por enquanto. Desirée vai mandar um emissário, mas não perca seu tempo torturando-o; ele não sabe onde o menino está, sequer deve tê-lo visto. Aconselho-os a aceitar suas exigências, isso me dará tempo para localizá-la. Algo me diz que ela está a noroeste da Espanha, talvez indo para Santiago de Compostela. A loba que roubou o menino deve ter seguido pelas trilhas de peregrinação. Desirée deve ter um bom esconderijo nas velhas construções.

–Deixe-me ir com você – pediu Joyce, pronta para lutar.

–Não tenho tempo para protegê-la. Se quiser vir, não terá tratamento especial.

–Posso me cuidar sozinha; pode não parecer, mas já lutei e segui a pista de alguns inimigos.

–Você deve conhecer o cheiro de seu filho. Assim levamos uma vantagem maior – disse Misha, consentindo.

–Não acho seguro, Joyce. Desirée é muito perigosa – Darden avisou, não gostando de sua decisão.

–Muito mais perigosa é uma mãe sem seu filho. Desculpe-me, Darden, mas eu preciso salvar Arturo.

Dizendo isso, Joyce saiu do salão, precisava preparar-se para seguir com Misha. Foi até seu armário e pegou as roupas que usava quando era livre e andou ao lado de Belizário. Estavam guardadas dentro de uma caixa, bem no fundo. Portava-se como uma caçadora naqueles dias e sentia orgulho disso. Belizário a ensinou a ser mais forte e ágil. Vestiu a calça de couro negro e percebeu que ainda lhe servia, só parecia melhor ajustada às suas curvas, a malha negra era nova e o colete à prova de balas de prata também – o último fora feito em tiras por um lobo. As botas estavam limpas e surradas, mas serviriam bem; apesar de rudes, eram bastante confortáveis para caminhadas e escaladas. Pegou suas armas e a espada; antes de partir, tomou Alexia nos braços. A nova babá, Elaine, se afastou e esperou.

A menina vestia um pijama branco e rosa, e era adorável, rosada como uma maçã e atenta com seus olhos escuros. Puxara ao pai nos traços do rosto, era uma criança linda. Ainda estava acordada, o que era normal em uma criança-loba.

– Você será uma loba incrível, Alexia. É uma Alpha, posso ver em seus olhos, no modo que segura minha mão – a menina segurava seus dedos de maneira firme. – E quero que cuide de seu pai, do seu avô e de Arturo, caso eu não volte. – Joyce murmurava enquanto a embalava nos braços.

A menina de um ano tocava seus ombros e fazia pequenos ruídos, babava um pouco, a primeira dentição a incomodava. Beijou-a na testa e a cheirou, abraçando-a com carinho. O brilho no olhar da menina a fez sorrir. A imortalidade estava com ela assim como o poder de transformação. A verdadeira herdeira do trono, uma menina, a pequena Alexia. Mas só o tempo mostraria a Alcateia quem seria a Dama dos Lobos.

—Eu preciso ir, minha pequena. Lembre-se: você é Alexia, a princesa da Alcatéia, e seu lugar é ao lado dos herdeiros da Lua, nunca se esqueça disso.

A menina, embalada pela mãe, cochilou; era tarde, precisava dormir. Joyce a colocou no berço e a beijou novamente, despedindo-se da filha. Minutos depois, já estava de saída com Misha e os Pacificadores. Darden não conseguiu impedi-la. No fundo, ele também queria sair e lutar, trazer seu neto de volta. Mas suas obrigações com a Alcatéia não lhe permitiam isso. Viu-os partir e torceu pelo melhor.

Misha observou o castelo e aspirou o ar. Ele agora tinha certeza da presença de Desirée nas ruínas. Precisavam se preparar para atacar, a noite estava apenas começando e havia tempo para lutar. O plano era simples, colocar o menino em segurança e matar Desirée. Há duas noites, Darden avisou-lhes que ela fez exigências e ele começara a cumpri-las, como combinado, somente para ganhar tempo. Depois de alguns minutos observando, os Pacificadores atacaram os vampiros que vigiavam os muros das ruínas. Eles agiram depressa: entraram pela parede sul, saltaram e, ao tocarem o chão silenciosamente, levavam consigo os guardas. O sangue denunciaria o ataque. Com o caminho limpo, Misha, Joyce e os outros três Pacificadores seguiram, entrando nas ruínas. Escondiam-se nas sombras, camuflando-se na escuridão. Joyce já sentia o cheiro de Arturo e ouvia seu coração batendo apressado, o menino estava com medo, e logo Joyce veria o motivo. Quando chegaram ao segundo piso, a loba já havia sentido Iago e o cheiro de seu sangue. Ele havia chegado primeiro e certamente fora capturado. Algo que Misha negou de imediato: ele viera sozinho e trocara sua vida pela do menino.

Iago estava amarrado no centro da câmara por correntes presas numa argola de ferro. À sua volta, vampiros e lobisomens se divertiam, vendo o herdeiro da Alcatéia ser surrado como um escravo para salvar seu filho. Seu corpo forte estava retesado e era açoitado por Desirée. Tinha o peito e as costas repletos de cortes feitos pelo látigo. Ele sangrava e, a cada novo golpe, enfraquecia um pouco mais. Seus olhos estavam dilatados, as garras seguravam as correntes. Fabian estava por perto e olhava a cena com pouco interesse, seus verdadeiros inimigos eram o rei e seu favorito. Mas os lobisomens ao seu lado gritavam e riam a cada nova

chicotada. Tereza, não muito distante, segurava o menino nos braços, e ele escondia o rosto em seu ombro.

Misha se comunicou com os Pacificadores mentalmente e pediu que avisassem aos lobos que viram um pouco ao norte. Precisavam se unir para vencer Desirée. Joyce tomou uma decisão e avisou a Misha, ele achou arriscado, mas não havia outro modo.

–Exijo que solte Iago e o menino.

Desirée olhou a loba e seu ex-pupilo bem pouco surpresa; afinal, já havia sentido sua presença e a de Misha há alguns minutos, mas nada fez, apenas esperou seus movimentos. Que chances teriam se estavam cercados por lobos e vampiros? Ela baixou o chicote e colocou sua adaga sobre a garganta de Iago.

–Vejam só, temos visitas! A mestiça veio certamente representar Darden, visto que ele não teve coragem de dar o próprio sangue por sua maldita linhagem. Então, me diga, veio vê-lo morrer ou tomar seu lugar?

–Vim pegar meu filho de volta e matar aquela cadela traidora – Joyce falou, apontando Tereza com sua espada.

Iago olhou-a aborrecido, não esperava que fosse se colocar em risco também. Desirée segurava seus cabelos com força e a adaga feriu sua carne.

–Esperei mais de Darden, mas vejo que sua linhagem tem mais coragem. Afinal, preferiram todos morrer juntos.

–Solte-os, Desirée. Lute como a guerreira que sempre foi. Não se esconda atrás de uma criança.

Misha falou, sentindo a hostilidade à sua volta, os lobisomens e vampiros só esperavam o comando de Desirée para atacá-los. Havia pelo menos 20 deles, um número bem elevado somente para dois.

–Ele não virá, não é mesmo? – disse Desirée, com os olhos vagos, mergulhada no passado.

–Você acreditou mesmo que ele viria? – perguntou Misha, olhando-a com cinismo.

–Sim, até porque o menino é seu neto. Mas, pelo que vejo, ele não mudou; prefere entregar seus herdeiros aos inimigos para proteger sua preciosa Alcateia – disse a vampira, e, aborrecida, passou a lamina sobre o ombro de Iago, ferindo-o.

–Basta! – gritou Joyce aflita.

–Vamos, não seja tímida. O que me oferece? Já que seu sogro se acovardou... – perguntou Desirée, indo em direção ao menino. Mas, antes que ela o alcançasse,

Joyce passou à sua frente:

—Nada, eu vim lutar.

—Não, Joyce! – gritou Iago, temendo por sua vida.

Desirée aceitou o combate e passou a atacar Joyce, que lutava com desenvoltura. Misha saltou e, com um golpe, cortou as correntes de Iago, libertando-o. Os vampiros e lobos recuaram e, quando ele uivou e rosnou alto, resolveram empreender combate. Misha usava duas espadas e os que o enfrentavam provavam de seu aço. Iago desferia patadas e golpes de espada nos que se aproximavam, arrancando cabeças. Eles estavam cercados, mas não se abateram, continuaram se defendendo e matando todos os que conseguiam alcançar. Joyce e Desirée ainda lutavam com ferocidade, a vampira havia aceitado seu desafio e parecia disposta a matá-la. Quando o alarme da invasão foi dado, Desirée percebeu que precisava agir depressa. Ela avançou sobre o menino, tirando-o dos braços de Tereza, que a seguiu pelo corredor.

A sala foi invadida pelos homens-lobos e pelo resto dos Pacificadores. A luta finalmente ficava equilibrada, e o ambiente virou um campo de batalha. Iago procurou Joyce, mas ela havia desaparecido pelo corredor atrás de Desirée e de seu filho.

—Desirée saiu rumo às masmorras, lá na direção sul existe um túnel que leva para fora das ruínas. Ela pretende fugir com o menino – disse Misha, vendo Fabian tentar se aproximar para impedi-los de seguir a vampira. Mas um homem-lobo passou à frente e o deteve. Ele agora lutava por sua vida.

Iago e Misha seguiram pelo corredor, mas, no caminho, encontraram resistência. Desirée e Tereza, a dois passos adiante, desceram as escadas que levavam aos antigos cárceres. O choro do menino a incomodava, e ela o passou às mãos de Tereza. Quando chegaram até a cela, que ele vinha ocupando desde que fora raptado, Tereza o colocou sobre o catre e saiu fechando a porta.

Joyce andou pela parede. Precisava chegar ao fim da galeria e alcançar o menino antes que Desirée lhe fizesse algo de mal. Com sua sede de vingança, esperava qualquer ato de sua parte. Joyce seguiu seus instintos e achou o menino. Abriu a porta e o viu recuar assustado no catre: não reconheceu a mãe vestida em suas roupas de guerreira, mas, assim que ela o chamou, correu para os seus braços.

—Que cena tocante!

Joyce colocou o filho no chão e recebeu a estocada no estômago. Não houve tempo para se defender. Desirée puxou a espada e a viu cair sangrando. Passou por cima dela e avançou para o menino.

—Meu filho tinha essa idade quando o tiraram de meus braços. Darden ainda tentou me devolvê-lo, mas eles nos caçaram e ele foi entregue à Ouroboros. Malditos!

A vampira falava olhando o menino com um misto de revolta e adoração. Sua mão forte estava no pescoço frágil de Arturo, que a olhava calmo.

—Não toque no meu filho!

Joyce cambaleava no chão e foi empurrada pela bota de Desirée quando se aproximou demais. Ela puxou uma arma e apontou para a loba.

—Eu entendo sua dor, vou matá-la primeiro, assim não vai sentir.

—Basta, mãe!

Belizário entrou com um raio na cela e levantou a mão da vampira, desviando o tiro. Ela estava de pé, recostada à parede, a mão cobrindo o ferimento que cicatrizava lentamente.

—Salve nosso filho... — pediu Joyce.

—O que disse? — Desirée olhou o filho e a loba, buscando uma explicação para o que havia escutado. — Vamos! Fale, ou o mato!

—Ele é seu neto. Não pode sentir? — revelou Belizário, seguro, vendo-a apontar a arma para a criança.

—Não ouse mentir para mim. Ele é filho de Iago. Por que os defende? Eles são seus inimigos. Ele é somente um maldito filhote — a vampira falou, pouco se importando com o choro do menino.

—Não... Ele é filho de Belizário e meu — Joyce admitiu, olhando-a com raiva. A vampira cheirou o menino e, por fim, lambeu suas lágrimas e ouviu seu coração. Olhou sua face pequenina e viu o sangue de seu filho correndo nas veias da criança. Ela estava chocada demais para falar. Depois de séculos, via parte de sua família viva através de Arturo. Ela soltou a arma e observou os olhos do menino e, por fim, o abraçou.

—Como não notei? — Seu olhar se tornou melancólico.

—Você só consegue ver sangue, ódio e vingança.

Belizário a acusou e se aproximou dela. Tocou a cabeça da criança e a tirou de seus braços. Mas não antes que ela beijasse o neto na testa. A vampira andou pela cela e, subitamente, ficou confusa, não poderia matar seu herdeiro. Ele era a garantia de que seu sangue e sua vingança continuariam. De repente, sentiu-se feliz e confusa, seu filho era pai e ela, avó... Mas ela não era mortal, o tempo passara, muitos haviam morrido.

–Saia daqui! – gritou Desirée, temendo pelo filho e pelo neto, mais um pouco o tomaria dele, julgava merecer uma segunda chance.

Joyce pegou o menino dos braços de seu verdadeiro pai, temendo a vampira, que parecia perder a razão. Belizário a deteve e a beijou diante de Desirée.

–Vá agora, meu amor, fuja depressa.

Joyce retribuiu seu beijo e partiu sem olhar para trás.

–Você a ama, por que não estão juntos? O que fez com sua vida?

– Mãe...?

–Você se sacrificou para mantê-lo no poder? Deu seu filho para que ele continue reinando!

–Mãe, nós fizemos o que achamos melhor...

–Maldito! Eu não sou sua mãe, eu só o gerei... E você se tornou um laçao que se rende à Ouroboros e à Alcatéia! – Desirée estava furiosa. – O que tem nas veias? Não pode ser meu sangue, ou já os teria matado.

–Ele será o Senhor dos Lobos. Não o quero vivendo a minha maldita vida, sendo um escravo da Cúpula, da Ouroboros. Ele será livre e vai reinar por você e por mim sobre aqueles que nos traíram.

–Você acha mesmo? E que direito nós teremos? Nenhum! Aos olhos de todos, somos aberrações. Nem vampiro, nem lobo; apenas mestiços.

–Nossa espécie há muito foi extinta.

–Espécie? Que espécie? Somos mestiços.

–Somos bem mais que isso. Nossa espécie existia além das fronteiras do mundo mortal. Somos os únicos que restaram mãe. – ele tentou fazê-la entender que ao buscar parte de sua origem encontrou sua espécie.

–Vá para o inferno com suas definições. A criança deveria ter sido entregue a mim. Não ao nosso inimigo – disse ela, realmente disposta a ter o menino de volta.

–Basta, Desirée. Acabou! A partir de hoje, será caçada pela Ouroboros e, se encontrada, será morta. Seu ato provocou o fim da proteção que possuía. Por séculos, eles fingiram que a caçavam, quando na verdade a protegiam, evitavam cruzar seu caminho – resumiu Belizário, enfrentando seu olhar duro.

–Acha que sua maldita sentença vai mudar minha rotina? Nunca! Eu vivo nas sombras, sendo caçada todos os dias e noites de minha existência. Minha mortalidade foi roubada e tudo que eles me deram em troca foi desprezo e

indiferença, fingindo que eu não existia. Tudo porque fui amaldiçoada ao dar à luz você – disse ela cruelmente. – Carreguei-o em minha barriga sabendo que um dia me trairia, que estaria sempre ao lado dos que me mataram. Tolo! Acha que não vou sobreviver?

–Apenas vá embora, nós limparemos sua sujeira uma última vez.

–É tempo de pôr um fim em minha vingança, mesmo que isso signifique minha morte.

Dizendo isso, a vampira saiu da câmara e sumiu pelo corredor. Belizário suspirou cansado e percebeu que teria de intervir e, talvez, colocar um ponto final naquele antigo confronto definitivamente. Falou com um dos Caçadores e mandou que eles entrassem nas ruínas, aquele conflito já havia ido longe demais.

Metros à frente, Joyce encontrou Misha, ele havia se separado de Iago para a procurar e caçar Desirée. O corte ainda sangrava um pouco, mas Joyce estava bem o suficiente para carregar seu filho e lutar.

–Onde está Iago?

–Ele seguiu rumo aos corredores subterrâneos, abaixo das masmorras. Venha, vou lhe mostrar como chegar lá. Siga pelo corredor até as escadas e vá em frente; daí em diante, encontrará uma sala ampla. As masmorras do subsolo nada mais são que buracos na rocha. De lá, o corredor é um só e vai levá-la para fora do castelo.

–Obrigada, Misha.

O vampiro recebeu seu abraço de agradecimento e tocou-lhe o ombro com carinho. Era uma loba valorosa e forte. Ele vigiou o corredor até que ela sumisse com o menino. Sozinho, tocou a mente de Desirée e sinalizou sua presença. Saiu pelo corredor e, no trajeto, lutou com lobos e vampiros. Matava sem piedade e deixava atrás de si um rastro de sangue e corpos.

–Desirée! Venha, eu estou pronto!

Misha gritou no corredor e sabia que ela ouviria; afinal, entre ambos, havia laços de sangue que jamais foram quebrados, mas eles não iriam impedi-lo de matar aquela que foi sua mestra, amante, amiga, e hoje era sua pior inimiga. Desirée ouviu o grito de Misha e sentiu a presença de Iago bem perto, já que não podia tocar seu neto, mataria o filho de Darden.

A vampira, mesmo desprezando os lobos, usava sua força para seus fins. Fabian ficou entre o pátio e o segundo piso, detendo os homens-lobos. Conseguiram fechar uma das portas e esperavam pelo avanço do inimigo enquanto

se refaziam. A porta passou a ser forçada por uma viga improvisada. Nos corredores, a luta prosseguiu: havia gritos e rugidos, tiros e flechas.

Iago corria pelos corredores buscando Joyce e seu filho. Então, no corredor próximo à masmorra, ouviu Arturo chamando pela mãe.

O menino estava escondido num canto, enquanto Joyce lutava contra quatro vampiros. A loba tinha as garras à mostra e lutava com determinação, mantendo-os longe do menino, mas estava cercada. Sua espada feria e cortava o ar e, quando atingiu um dos vampiros, sua cabeça rolou. Nesse momento, um uivo forte cortou os corredores. Era Iago! Ele saltou com dois lobos sobre os últimos vampiros e os fizeram em pedaços. Joyce correu para o filho e, quando Iago se aproximou, abraçou-os com força.

– Vocês estão bem? – perguntou ele, beijando o filho na testa.

– Sim. Por onde você entrou?

– Achei uma passagem secreta, um túnel nas escadas.

– Misha me ensinou uma saída por esse caminho, acho que estamos muito perto.

– Vamos, vou colocar vocês em segurança.

Seguiram pelo corredor na semiescuridão quando foram atacados. Vampiros e lobos, cinco deles. Joyce olhou à sua volta e procurou um lugar para colocar o menino em segurança. Arturo ficou escondido junto à parede e viu sua mãe continuar lutando. A saída não estava longe, ela podia sentir o cheiro da planície molhada pelo orvalho, o aroma da terra. As espadas se tocavam e, entre rugidos e gritos, Iago matou um dos vampiros e continuou lutando com seus homens.

Joyce defendia o filho e, quando percebeu que um deles queria alcançá-lo, esperou-o com a espada pronta, conseguindo tirar sangue de seu peito. Mas foi empurrada sobre uma das paredes, que cedeu e a derrubou. Ela caiu no chão frio e úmido de uma câmara pequena e escura. Iago pensou em ajudá-la, mas foi impedido pela chegada de mais dois vampiros. A espada estava longe, e Joyce agora usava as garras. Um lobo estava prestes a rasgar sua garganta quando se deu a transformação: o homem surgiu, Joyce aproveitou o espanto do antes lobo e se voltou para pegar a espada. O corte foi ligeiro e a sujou de sangue. Empurrou o corpo nu do homem, e viu seu filho tocando a perna do lobisomem agora morto.

Arturo correu para seus braços e soluçou. Ele havia herdado do pai alguns poderes, dentre eles o dom de fazer os lobisomens desvirarem à sua presença; no caso, ao seu toque. Foi muito rápido: em questão de segundos, o lobisomem

assumiu sua natureza de homem e perdeu os poderes. Seu dom era bem mais forte e não afetava os que estavam ao seu redor, só os que ele tocava com essa intenção.

Joyce viu Desirée chegar e temeu pela vida de Iago, ela estava com mais dois lobos. O homem-lobo que lutava ao lado de seu líder não se deixou intimidar e partiu para a briga.

–Feche a porta, Joyce, e não abra até que a chame! – gritou ele, tirando a roupa para se transformar por completo. – Agora!

Joyce obedeceu Iago e abraçou o filho temendo por seu marido. Nesse momento, sentiu a mente de Belizário buscando por ela. Então lhe mostrou o caminho a seguir e pediu ajuda para Iago. A loba cobria os ouvidos do menino para que não ouvisse os rugidos que o assustavam: por alguns longos minutos, o que se ouviu foram exatamente gritos e urros. Todavia, quando o silêncio veio, Joyce temeu pelo pior. Subitamente, ouviu um último ganido e o som de um corpo caindo. Pouco tempo depois, a porta se abriu e Joyce já tinha a espada nas mãos, pronta para se defender. Mas quem entrou cambaleante foi Iago. Teve forças somente para vestir sua calça, estava muito ferido, principalmente no peito, onde havia cortes profundos. Ele caiu no chão e a loba o arrastou para o catre no canto da cela.

–Iago, fale comigo. – Joyce chorava, vendo que ele estava muito machucado, as feridas estavam abertas e não fechavam.

–Mudei de ideia, vou matá-los e ficar com meu neto.

–Jamais!

Belizário passou à sua frente e a empurrou para fora. A vampira, que não esperava o golpe, caiu metros adiante. E viu mais uma vez seu filho defender os lobos. Furiosa, ela se levantou e observou a espada em suas mãos. Ele puxou a porta novamente e avançou. Lutavam em silêncio e o combate era mortal. Nada mais havia para ser dito, o líder da Ouroboros havia tomado uma decisão difícil e sem volta. E, quando Misha apareceu, Desirée sorriu satisfeita.

–Ótimo, assim me livro dos dois ao mesmo tempo.

Joyce podia ouvir o som das espadas e via a luta pelas brechas da madeira. Iago apertou seus dedos e falou num sussurro fraco.

–Joyce... Pegue nosso filho e saia daqui agora. – Ele tinha sangue nos lábios. – Os Caçadores chegaram, vi dois deles no corredor enquanto lutava. Peça ajuda, eles não se negarão.

Iago certamente não viu que Belizário os salvara mais uma vez.

–Joyce... – Iago a chamou, ele agonizava. – Prometa que vai cuidar de nosso menino e de Alexia... Papai precisa de ajuda, sozinho ele ficará fraco... – Ele tossia sangue.

–Não pense nisso, meu querido. Tudo vai ficar bem.

–Eu a amo tanto. Sempre amei...

–Eu sei, Iago.

Joyce viu Arturo tocar o ombro do pai e encostar a cabeça na sua como se compreendesse seu fim. A loba desejou poder dar parte de seu sangue e salvá-lo, mas não podia; era mestiça e bebia da Ânfora, seria o mesmo de lhe dar veneno. Iago não sobreviveria se o fizesse. Só havia uma escolha e Joyce a fez com a certeza de que fazia o melhor. Beijou seu filho e o abraçou numa despedida muda, tirou seu colar, o mesmo que Belizário havia lhe dado, e colocou no pescoço do menino. O coração de Iago batia cada vez mais lento, ele sequer conseguia ficar com os olhos abertos, a lassidão da perda de sangue o arrastava para a morte certa.

Belizário lutava do outro lado da porta para defendê-los. Joyce sorriu tristemente, já havia feito sua escolha. Deitou ao lado de Iago e segurou sua mão, por fim o abraçou e beijou seu rosto. A loba fechou os olhos sorrindo para seu filho e, em poucos segundos, parecia vibrar e brilhar. A luz pálida e branca crescia à sua volta e tocava Iago, envolvendo-o como uma cápsula de luz e força. Joyce via com alegria que ele se recuperava.

–Belizário, Arturo tem seus poderes, quero que o ajude quando chegar o momento. Ele vai precisar de você, meu amor. Ajude-o. Adeus – sussurrou Joyce, sabendo que somente ele ouviria.

–Joyce? O que vai fazer?

–Cuidar para que o futuro seja diferente. Adeus, Belizário.

–Joyce, espere!

O contato entre ambos se desfez e a loba sumiu de sua mente.

Quando Iago abriu os olhos, viu Arturo chamar a mãe e, segurando-lhe a mão, tentava acordá-la sem sucesso enquanto a luz sumia em volta deles. Iago tocou o peito e viu-se completamente limpo e sem cortes.

Misha e Belizário estavam feridos e sujos de sangue, cansados de enfrentar a vampira. Desirée era bastante forte e ágil, para feri-la era preciso se ferir também; conseguia lutar com ambos e se manter viva, mas não intacta. Havia sangue junto ao pescoço e no peito. A espada de Misha a traspassou, mas Desirée conseguiu empurrá-lo e se manter de pé, lutando. Havia cortado o filho no ombro e no rosto com as garras. Ela os empurrou e se preparou para matar e morrer. Ergueu a espada

e avançou, passando por entre os dois adversários e ferindo ambos. Mas não escapou do golpe de Misha. Ele a atingiu no meio das costas. A vampira caiu de joelhos e esperou por seu fim, não tinha mais como se defender.

–Acabe logo com isso, o que espera...? – perguntou ela, para Belizário, mas foi Misha quem respondeu.

–Não permitirei que ele a mate, essa luta sempre foi minha. Eu deveria ter destruído você quando matou Beliza. Mas fui fraco e a deixei viver para continuar sua maldita vingança. Hoje, compreendo que você não encontrará paz enquanto viver. Porque, no fundo, ainda é a jovem capturada e morta pela Ouroboros.

–Você sabia...? – perguntou, incrédula.

–Ariel me contou e, assim que eu soube, prometi a ele que a mataria.

–Então vá em frente, obedeça a seu rei – debochou ela, sentindo dor.

–Não, Desirée. Desde que a deixei, eu só obedeco ao meu coração.

Dizendo isso, ele a viu sorrir amarga e esperar pelo corte que veio num único golpe. Belizário olhou fixamente e viu a cabeça da vampira rolar. Ele a havia perdido há muito tempo, quando foi arrancado dos seus braços com quase cinco anos. Eram estranhos, ele a capturou um par de vezes e sempre era tratado com frieza e indiferença. Ela agia como um general, nada restara da mulher amável e doce que foi enquanto ele era seu filho. Misha deu-lhe paz e a ele mais uma culpa para carregar. Ela não iria descansar agora que sabia que o menino era seu neto. Sua vingança só se tornaria pior e mais cruel. Tudo se perdera, sua beleza, força; tudo imerso numa poça de sangue.

–Sinto muito, Belizário, mas foi preciso.

–Não há o que sentir, isso é tudo.

–Adeus – disse Misha, retirando-se.

Belizário deu as costas para o corpo morto de sua mãe e suspirou numa mistura de pesar e alívio. Entrou na câmara e ficou completamente paralisado. Ele estava sujo de sangue e ferido no braço, mas não se importava. Só conseguia ver o corpo de Joyce sem vida nos braços de seu meio-irmão.

–Joyce? Joyce... Acorde, por favor. – Iago a tomou nos braços e a sacudiu levemente. Ele abraçou seu corpo sem vida e chorou.

Joyce parecia dormir, mas o coração não batia mais, estava morta, havia consumido sua alma imortal em favor de Iago. Sua imortalidade fora passada para ele, fazendo seu corpo se curar completamente. Seu sacrifício era conhecido como “doação”, quando uma criatura imortal decide queimar sua força vital em favor de

outro. Belizário se aproximou e tocou seu rosto pálido com a ponta dos dedos. Iago chorava e suas lágrimas caíam sobre a face da loba.

–Ela se foi.

–Não!

O grito assustou o menino, que recuou confuso. Belizário o segurou pela mão, temeu que fugisse pelo corredor. Olhou-o e viu em sua face seus poderes, a imortalidade, a dualidade de sua natureza. Em volta de seu pescoço, estava o colar que dera a Joyce. Ela deveria ter colocado no menino antes de morrer. Tocou a face do filho e lhe falou mentalmente. Arturo se tranquilizou e foi para perto de seu pai. Iago ainda chorava, agarrado ao corpo da esposa.

–Ela se consumiu para salvá-lo – revelou Belizário, tentando trazê-lo de volta. – Pegue seu filho e vá embora.

–Não sem Joyce.

Iago a ergueu nos braços e tentou segurar a mão do filho desajeitadamente. Foi quando percebeu que não poderia sair levando os dois consigo. Belizário o viu depositar o corpo da esposa sobre o catre e hesitar.

–Vá embora! O que quer de nós?

–Deixe-me ao menos lamentar a morte da mulher que amei – disse Belizário, aborrecendo Iago.

–Não pode me pedir tanto. Joyce é minha esposa – disse Iago, no limite.

–Você escolhe, ou ela ou o menino. – Belizário jogou duro.

–Perdeu a razão, ele é meu filho, e Joyce, mesmo morta, ainda é minha mulher. – Iago não podia crer no que ouvia.

–É uma escolha justa, depois de tudo que eu e Joyce sacrificamos em nome de Darden, da Alcatéia e de sua vida.

–Eu nada lhe pedi – argumentou Iago, sem demonstrar nenhuma gratidão.

–Você não, mas nosso pai, sim. Joyce o salvou quando enlouqueceu, e agora deu sua imortalidade para que você vivesse. Ela já se sacrificou muito, não acha?

–Não me cobre, não tem esse direito – disse Iago, ressentido.

–Tenho bem mais direitos do que pode imaginar. Agora decida, eu não vou esperar muito mais.

–Com que direitos exige tal escolha?

–Com os meus direitos de pai. Arturo é meu filho, a sua herdeira se chama Alexia. Para onde acha que Joyce veio quando teve medo que não aceitassem

nosso filho? – perguntou Belizário, frio.

– Mentira – disse Iago, ao colocar o corpo de Joyce sobre o leito.

– É verdade. Ela fugiu com medo de que matasse o menino e ela mesma. Porque a criança que ela carregava no ventre era minha. Darden veio buscá-la e me prometeu que nada aconteceria, afinal ele precisava de um herdeiro. Joyce só não sabia que não corria risco algum. O menino é herdeiro da Lua, é neto de Darden. – Belizário revelava a verdade e via Iago segurar a mão de seu filho. – Sou parte lobo, parte vampiro. Agora, aja como o futuro Senhor dos Lobos, pegue seu herdeiro e volte para Alcatéia.

– Você vai tomar meu filho – disse Iago, assustado.

– Prometi a Joyce que você o criaria dentro da Alcatéia. Não costumo quebrar minhas promessas.

Iago olhou o rosto de sua esposa uma última vez e sabia que Belizário falava a verdade, precisava tirar Arturo dali e ajudar seus homens, pois a luta ainda não havia acabado. Ele beijou Joyce, despedindo-se, e entregou seu corpo para Belizário, que a recebeu com carinho nos braços.

– Acho que ela gostaria disso – Iago refletiu por fim.

– Sim, muito. Adeus, Iago – disse Belizário, cruzando a porta.

– Adeus, irmão.

– Iago, cuide bem de Arturo.

Belizário sumiu pelo corredor, levando consigo o corpo de Joyce. Não esperava que ela fizesse tal sacrifício em nome de Iago, mas compreendeu que sua escolha a libertou. Ele a levaria para suas terras em Florença e a enterraria próximo à árvore onde costumavam ficar quando viveram juntos. Ela poderia ser sua para sempre. Quando Belizário chegou do lado de fora, a Lua os iluminou e Joyce pareceu quase despertar. O líder da Ouroboros olhou o céu e as lágrimas escorreram por sua face enquanto andava pela planície. Ele se ajoelhou e a manteve junto de si por longos minutos.

– O que fez minha amada? Por que se sacrificou...? – murmurou Belizário, segurando sua mão fria – Eu a amo tanto, minha querida.

Um dos Caçadores se aproximou por fim e tocou seu ombro. Era o mesmo que salvara Kara, que a seguiu quando ela decidiu caçar Mênon. Ele era um dos melhores, e Belizário confiava a ele somente as missões mais especiais.

– Joyce salvou muitos com seu gesto, ela foi uma grande loba. – o Caçador ousou dizer às costas de seu líder.

–Obrigado por me lembrar que tudo que amei foi dado em sacrifício para manter todos nós – disse Belizário, e o Caçador não conseguiu definir se ele estava resignado ou revoltado. Mas não cabia a ele saber.

–Os revoltosos foram contidos, o herdeiro do Senhor dos Lobos partiu com seu filho. Fabian fugiu com alguns de seus aliados. Temos prisioneiros.

–Execute todos. Limpem o local e avisem aos dois reis.

Belizário ficou de pé com o corpo de Joyce nos braços. Quando o carro chegou, um dos homens desceu e abriu a porta para que ele entrasse no interior do veículo. O Caçador voltou seus passos para as ruínas e deu as ordens. Pouco tempo depois, não havia sinal de lobos ou vampiros no interior do castelo e, quando o dia nasceu, as ruínas do castelo de Sigerico, em Castrojeriz, voltaram a ser somente mais um ponto turístico no Caminho de Santiago.

Capítulo 35 – A Traidora

–O que aconteceu? Fale! – quis saber Manolo, ansioso.

–Desirée está morta. – Fabian anunciou, servindo-se de um cálice de sangue.

Fabian voltou a Paris, fugindo dos Caçadores, mas sabia que eles estavam em seu encalço, não ia durar muito sem Desirée para protegê-lo. Agora que ela havia morrido, os Caçadores o alcançariam logo. Foi quase por milagre que escapou em Castrojeriz. Lutava com um dos Caçadores quando despencou num velho poço. Quando os escombros caíram, fechando a abertura, ele se viu preso, mas, assim que a poeira baixou, ele viu a luz do Sol pelas frestas na rocha. Esperou até a noite cair e cavou sua saída do poço. Estava em Santiago quando sentiu os Pacificadores. Na fuga, matou um deles e se deparou com um dos Caçadores e, mais uma vez, fugiu. Desta feita porque manteve uma mortal como refém, o Caçador atirou e os viu cair do prédio. A mortal estava no hospital e ele havia sumido. Fabian sequer acreditou ao ver as luzes de Paris, buscou a casa de Manolo e lá encontrou Derek no comando, mas notou a ausência de Afrodite. Na verdade, tudo parecia ruir à volta deles. Sem Desirée e Afrodite, eles estavam enfraquecidos. Fabian observou Marc, Francine e Petrus, e entendeu que aquela insurreição não iria muito longe.

–Onde está Afrodite?

–Detida no *château*. Acreditamos que eles já sabem que ela roubou o corpo da campeã.

Francine argumentou friamente. Afinal, se Afrodite fosse destruída, ela ficaria ao lado de Derek; bem ou mal, ele tinha poderes, e juntos poderiam conquistar muito. Se não fosse hoje, seria num futuro bem próximo. Ela podia sentir seus poderes e sua força, ele não era um vampiro comum; para ela, Derek parecia um semideus. Pelo menos, possuía mais poderes que Mênon.

–Afrodite está presa no *château* e ainda viva no corpo da campeã do rei.

Derek anunciou a novidade aparecendo na sala; descia as escadas para se reunir aos outros. No geral, ficava nos seus aposentos para que eles o servissem, agia e se vestia como um rei. Naquela última semana, saiu todas as noites, procurando se ambientar com os mortais e seus hábitos. Mas, no geral, a coisa terminava mal. Ele não tinha paciência para jogos ou para fingir que era mortal. Matava-os ao menor sinal de fuga. Sugava-lhes o sangue e os descartava. Chegou a ser abordado por um policial e, cansado de sua autoridade, entrou em sua mente e o fez se suicidar com sua própria arma. Comprou roupas e se vestia completamente

de negro, gostava de anéis de ouro e pedras. Agia realmente como um semideus e, quando sua vontade não era atendida, fazia uso de seus poderes. Por noite, matava cinco ou seis mortais, era insaciável. Não aceitava conselhos, nem mesmo de seus aliados. Petrus tentou lhe dizer que se ocultasse e foi jogado contra a parede.

—Sou um rei, por que deveria me ocultar dos mortais? Eles sempre foram meus escravos, meu alimento. Já caminhei sobre corpos mortos, já me banhei em seu sangue fraco e mortal. Eu logo me mostrarei por completo.

Ele tinha planos, e eles não pareciam nada bons para os mortais. Pretendia libertar seus iguais e estabelecer seu reinado no mundo mortal. Sua ideia era se espalhar como uma praga, oferecer imortalidade a todos que a desejassem e fazer aliados pelo mundo; aqueles que não se tornassem imortais seriam seus escravos — porque, com certeza, eles iriam precisar comer.

—Então, estão acabados. Nada resta, Ariel vai executá-la como fez séculos atrás. Acabou — disse Fabian, e Manolo concordou temeroso.

—Nada acabou. — Derek se pronunciou, sentando no sofá e cruzando as pernas.

—O que vai fazer? Tomar o *château* sozinho? — debochou Fabian.

—Posso fazer você comer sua espada se quiser. Vou tomar o *château*, matar Ariel e assumir os Poderes.

—Não comigo a seu lado, minha lealdade era com Desirée, e ela está morta.

—Sua lealdade é para com aqueles que o fizeram vampiro. Seu sangue vem do meu, mesmo que não o tenha transformado em vampiro.

—Fique, Fabian. Temos uma chance de vencer.— disse Manolo preocupado com o rumo da discursão.

—Nós vamos vencer. Temos ao nosso lado um vampiro bem mais poderoso que o rei dos vampiros — completou Marc, e fez Derek olhá-lo com prazer.

—Vocês vão apenas perder suas cabeças. Ariel é poderoso demais; além disso, os Caçadores estão soltos e nós somos os alvos.

Manolo tentou falar mentalmente com Fabian e avisar-lhe que naquele corpo não mais vivia Seth, e sim uma criatura a eles desconhecida. Até porque poucos vampiros conheciam a existência das criaturas dentro do Templo, e Fabian não era uma delas. Desirée lhe contara muitas coisas, mas essa jamais lhe fora revelada. Mesmo quando o rei o fez seu favorito séculos atrás, seu poder não era como a de Jan Kmam, que tinha laços de sangue com o rei.

—Covarde! Não ouse manter segredos em minha presença!

Derek ficou furioso com o comportamento dos vampiros e os lançou contra a parede revirando móveis, objetos. Manolo caiu no chão e sentiu dor, o corpo estava ferido. Derek ficou de pé e se aproximou de Fabian, o ficou aos seus pés e sorriu vitorioso.

—Acha mesmo que preciso de você, ex-campeão? Eu dei permissão para que fosse aceito. Quando você lutou, nós, os Anciões, lutamos com você. Teve nossa bênção e força. Quando sua amante enlouqueceu porque não suportou a imortalidade com a qual lhe presenteou erroneamente, nós nos eximimos de matá-la por apreço à sua pessoa. Mas seu rei, seu antigo rei, fez questão de executá-la. Como agora ousa não se aliar a nós?

Derek rugiu sobre seu rosto, e Fabian tocou a garganta como se a sentisse fechar duramente. Tocava o pescoço e olhava Seth sem saber ao certo do que ele falava. Derek moveu os dedos e arrancou a cabeça de Fabian. O sangue sujou o chão e a poltrona próxima. Estava terminado. Francine olhou a cena com frieza e temeu mais ainda o novo amante.

—Petrus, livre-se dessa sujeira.

O vampiro obedeceu, e o silêncio na sala só foi quebrado com a entrada de Virna e mais cinco vampiros. Manolo puxou a espada, e tremia, e Marc e Francine estavam prontos para lutar, mas Derek não se moveu, apenas sorriu vitorioso.

—Seja bem-vinda, por um momento achei que não iria aceitar meu convite.

—Jamais recusaria seu convite. Afinal, o Livro aceitou que eu comandasse o Conselho. Disso eu jamais esquecerei.

Virna se curvou à sua frente e ele gostou bastante de seu gesto de submissão.

—Fale-me do rei — pediu Derek, convidando-a a se sentar.

—O rei mudou muito. Hoje, ele está submisso aos caprichos de sua campeã. Os Poderes parecem estar à sua disposição para que a faça feliz. — Virna havia conseguido um modo de se vingar do rei e de Kara.

Os ânimos se acalmaram e, agora, a sala estava cheia. Derek havia conseguido uma aliada de dentro dos Poderes. Até mesmo Manolo parecia menos apavorado. Ele agora tinha dois deles nas mãos, de sorte que poderiam desmoralizar Ariel e conseguir que os demais Poderes se rendessem. Mas as notícias trazidas pela líder do Conselho não eram nada boas para eles.

—Ariel Simon e seu favorito partiram para o Egito na noite anterior. Eles buscam um modo de destruir Afrodite e trazer sua campeã de volta.

Virna completou, ciente de que revelava um assunto confidencial. O rei havia se reunido com seus Lordes e decidido que eles tentariam uma última vez salvar

Kara e destruir Afrodite. Mas, para isso, era preciso buscar Radamés.

Derek ouviu as notícias e não gostou. Não era uma boa desculpa, devia haver algo mais. Subitamente, notou que Ordália andava muito quieta, e ela não poderia estar. Era óbvio! Ela o avisou e certamente o rei tramava alguma coisa. Teria de mudar seus planos. Ariel decerto tentaria enfrentá-lo, mandá-lo de volta ao Templo, o que seria um grande erro: dentro do Templo ele ficaria mais forte. Se o rei pretendia destruí-lo dentro de seu território, teria uma grande surpresa.

—Nós precisamos trazer aos Poderes a força que Ariel vem roubando deles. Para isso, precisamos destruí-lo, e conheço o lugar certo.

—O que faremos?

—Iremos surpreendê-lo, nada mais — disse Derek e lhes contou seus planos.

Virna colocou o Conselho à sua disposição. Conseguiu recursos e, antes de o dia nascer, Derek e seus aliados já tinham partido de Paris rumo ao Egito, e de lá para Gizé. Virna seguiu com os inimigos de seu rei, e durante a viagem de avião, lembrou-se de Romano. Após suas críticas ao rei e à sua campeã, ele terminou o relacionamento que vinham mantendo há alguns anos. Segundo ele, não podia mais suportar seu ciúme, suas críticas; não era mais possível continuar com ela quando odiava seu rei e aqueles que o rodeavam. Romano havia lhe dado as costas. Virna não lamentou, nem pediu que a perdoasse; não via motivos para humilhar-se. Acreditava que Ariel havia mudado e que os Poderes estavam em perigo graças ao amor que mantinha por sua campeã. Quando Derek tocou sua mente e a convidou a segui-lo, ela não pensou duas vezes. Sabia que havia tomado uma decisão sem retorno.

Capítulo 36 – A Lâmina de Anúbis

Kara olhou o deserto à sua volta e lembrou-se da guerra que travaram anos atrás bem perto de onde estavam acampados. A roupa negra e o véu que usava a protegiam do vento e do frio do deserto durante a noite. A tumba de Radamés não ficava longe e logo estariam dentro dela. Marie se preparava, temendo um ataque de Derek. Afrodite estava numa tenda ao lado da deles, sendo contida por magia e por cinco Pacificadores.

Desde que passou a habitar o corpo de Anne, Kara vinha sentindo suas dores, seus medos, sua fragilidade mortal. Ela havia escolhido não usar quimioterapia, o seu câncer era muito agressivo, já se espalhara pelo corpo. Sua única alternativa era viver seus últimos meses de vida o melhor que pudesse. Tomava remédios apenas para as dores que sentia, mas tudo se complicou quando o espectro de Kara tomou seu corpo: a contagem regressiva viu-se acelerada. Frágil e doente, seu corpo não suportaria sua alma imortal por muito tempo. A degeneração era iminente, embora, nos primeiros dois dias, nada tenha sentido. Tomou os remédios, Marie os conhecia bem e a ensinou como usá-los. Era estranho ser mortal novamente e, ainda por cima, estar com câncer. Uma piada bastante cruel. No terceiro dia, sentiu-se tonta, vomitou, não conseguia comer, desejava sangue. Marie fez um preparado milenar ensinado por Ariel, uma mistura de sangue, ervas e um vinho bastante antigo, que ele trouxera de seus tesouros para que a bruxa alimentasse Kara. A melhora foi visível, ela conseguiu sair do leito e, com os vampiros, tentar encontrar uma solução para o problema criado, mas, enquanto conversavam na sala de música, ela adormeceu.

Jan Kmam a tomou nos braços e a levou para o quarto; ele ficou a seu lado no leito até as últimas horas da noite, temendo que morresse, e só se recolheu quando Marie apareceu no quarto para cuidar dela.

Kara se sentia um estorvo, estava exausta, doente, infeliz, podia sentir suas células sendo vencidas pela doença, a morte estava próxima. Afinal, sua alma ainda era de uma vampira e ninguém melhor do que um vampiro conhecia a morte e seus sinais. Bruce não saía de seu lado: as palavras de Marie tornavam-se reais e ele temia pela vida de Kara. Carregava um terrível segredo. Podia perceber sua tristeza e agonia.

Ao entardecer, estava no jardim com Marie recolhendo ervas quando desmaiou. Despertou com um médico injetando-lhe medicação no soro. Ocupava o quarto no qual viveu nos primeiros meses como campeã do rei. Ali havia muitas

recordações. Ele sugeriu que Kara fosse para o hospital esperar pelo fim. Estava morrendo, e talvez precisasse de remédios para dor.

– Marie, você disse que havia outro modo de me trazer de volta, ajude-me – pediu Kara assim que ficaram a sós. – Eu não quero ser imortalizada num corpo que não me pertence; se for desse modo, prefiro morrer.

– Jan Kmam e Ariel estão tentando buscar uma saída nos velhos textos, longe do Livro; ele não é mais de confiança. Logo encontraremos uma saída...

– Fale, existe outro modo?

– Não é seguro, sua alma pode se perder em definitivo. Não posso carregar tamanha responsabilidade pela vida de um imortal – revelou Marie, temerosa.

– Estou morrendo, mas não vou sem lutar. Eu assumirei os riscos; se vou morrer, morrerei lutando – disse Kara, decidida a tentar.

– É muito perigoso, mas, se quer realmente saber, deve perguntar a Jan Kmam, e não a mim – disse Marie, e se retirou após apertar sua mão.

Quando Marie abriu a porta, Togo estava na entrada. Atrás dele, o rei, Jan e Bruce. Era uma visita oficial e, como tal, todos se comportaram. Jan Kmam ficou a seu lado e segurou sua mão. Aquele gesto levou Kara para o passado, quando teve de mentir sobre sua existência para dois policiais. Por um momento, tudo parecia tão estranho... Ia ao jardim cheio de rosas, mas não conseguia se sentir à vontade, o sol a assustava. Ficava poucos minutos e desejava entrar. Havia conseguido uma cadeira de rodas para que não se esforçasse demais; no primeiro dia, ela achou desnecessário, mas no segundo precisou usá-la.

Kara não se surpreendeu com a visita, ela sabia que uma hora ele apareceria com sua sentença, os Poderes não a perdoariam por seus erros, ainda mais sendo a campeã do rei. Ela ouviu as acusações e a sentença sem demonstrar nenhum medo, revolta ou lágrimas. A execução seria realizada dentro de duas noites. Ariel saiu do quarto com Togo e Bruce, deixando o casal a sós. Ele se revezava lendo textos antigos, buscando uma solução para a troca de corpos. Jan Kmam ficou um pouco mais, aproximou-se e beijou seus lábios suavemente.

– Eu sinto muito. – Jan estava revoltado, as palavras de Ariel se faziam reais.

– É a lei, Jan. Não temos como fugir dela, Ariel não podia mais deter os Poderes. Eu não tinha permissão para andar no Jardim, menos para vê-lo e tampouco para libertar uma inimiga dos Poderes. Tive sorte: eles vão se satisfazer executando Afrodite, assim as duas serão punidas. Eu perderei meu corpo e ela, a alma – Kara revelou calmamente.

– Vamos conseguir trazê-la de volta – disse Jan, tentando ser positivo.

–Se conseguir voltar, serei executada – lembrou Kara num murmúrio baixo e frio.

–Não permitirei, menos ainda Ariel. Você será absolvida pelo Livro.

–Então, por que você e Ariel não me permitem lutar por minha vida?

Kara perguntou, decidida a descobrir o segredo que ele vinha mantendo numa cumplicidade cruel. Ele ia tocar seu rosto, mas ela se virou e demonstrou aborrecimento.

–O que foi, Kara?

–Você, Ariel, Marie, Bruce e todo o resto estão confabulando às minhas costas, ocultando-me a verdade. Vai me condenar a esse corpo na imortalidade?

–Para mantê-la a meu lado, sim – disse Jan, sem hesitar, olhando-a com carinho, mas percebendo sua agitação.

–Não tem esse direito, quero meu corpo de volta – exigiu, e percebeu o quanto pareceu infantil.

–Estamos buscando uma saída... – Jan tentou explicar, compadecendo-se de sua situação.

–Meu tempo está se esgotando.

–Estamos debruçados sobre pergaminhos há três noites. Vim apenas vê-la e continuar buscando uma resposta...

–Existe uma saída, mas, por algum motivo, vocês não querem usá-la e também não me permitem escolher – disse Kara, encurralando Jan, cansada de seus joguinhos.

–Terá seu corpo de volta, mas de modo seguro.

–Não vou permitir que me faça vampira nesse corpo. Prefiro a morte. – Kara reagiu com raiva e revolta.

–Você não pode me pedir tanto, Kara. Você não vai morrer de câncer na minha frente sem que eu faça nada! Se não conseguirmos uma saída, eu a farei vampira.

–A escolha é minha, não sua!

–Não há nada que você possa fazer sobre isso... – Jan foi interrompido.

–Por que está mentindo, Jan? Você sabe como me trazer de volta. Por que ainda não me falou de tal opção? – Kara o confrontou, e ele se sentiu realmente acuado.

–Ferir seu corpo não é uma opção, não para mim ou para Ariel. – O vampiro explicou, segurando sua mão.

–E desde quando vocês dois têm o direito de decidir sobre minha existência? – questionou Kara, agitada.

–O que você não percebe é que, como mortal, está sob nosso poder, e as decisões não estão em suas mãos. Ariel tem tanto direito quanto eu de decidir sobre sua vida, ele é seu rei, e eu, seu mestre. Não nos exclua de sua vida; estranhamente nós estamos ligados, e o que nos resta de melhor está morrendo.

–Vou morrer se não me deixarem decidir. Não posso viver eternamente condenada a uma aparência que não é a minha... – disse Kara, tocando a face. – Posso estar nesse corpo frágil e mortal, mas minha alma é de uma vampira, e exijo ser tratada como tal. Se existe uma opção, eu quero saber, tenho direito a escolher.

Kara resistia, tentando não se entregar. A porta se abriu e Ariel entrou. Estava um pouco mais pálido que o normal. Fazia somente uma hora que havia saído de seu quarto. Não demonstrava, mas estava bastante preocupado. Quando chegou à sua câmara, teve uma visão com Radamés: o senhor da Ordem de Thot revelou que a única saída para Kara era a lâmina de Anúbis. A conversa foi tensa e Radamés sumiu.

–Boa noite, majestade, veio mentir também? – disse Kara, de forma cruel; queria descobrir o que eles lhe ocultavam.

–Sempre que me chama de majestade eu tremo de medo – Ariel brincou, tentando quebrar o clima tenso. – Vim me desculpar, não pude impedi-los de votar, o Conselho exigiu a execução de Afrodite. Tenho notícias.

–Achou uma saída? – perguntou Jan, esperançoso.

–Nenhuma além do que já conhecemos. Radamés me procurou numa visão. Ele ainda está exilado em sua tumba. Foi com grande esforço que chegou a tocar minha mente. Radamés afirmou que a lâmina de Anúbis trará Kara de volta ao seu corpo, que não esperemos mais. Nossos inimigos só se tornam mais fortes.

Jan Kmam o olhou com preocupação e começou a andar pelo quarto pensativo.

–Radamés tem em sua tumba uma faca muito antiga feita de pedra da Etiópia. Ela é capaz de matar um vampiro se cravada em seu coração – revelou Ariel, e viu Kara semicerrar os olhos.

–Se ela fosse usada em seu corpo, Afrodite sairia, temendo ser destruída, e você poderia voltar. O corpo da lâmina não a permitirá voltar. O que não sabemos é

se você sobreviveria a tal ferimento – revelou Jan Kmam a contragosto, evitando os detalhes mais dolorosos.

Kara ouviu a explicação de Jan Kmam e do rei, viu que ele não a aceitaria facilmente, pois a ideia lhe parecia abominável. Mas sua vida imortal estava em jogo. Os Poderes já haviam deliberado, o Conselho e o Livro votaram a favor de sua execução imediata, o que a poupou temporariamente foi o voto do rei, dos Lordes e da Ordem dos Pacificadores.

–Acredito em Radamés, é uma opção e vou usá-la.

–Você quase morreu graças a ele. – Jan o acusou, aborrecido.

–Se não buscasse salvar Frigia, Ordália certamente teria destruído meu corpo. Radamés sabia o que estava fazendo, ele jamais falhou e não seria agora que iria falhar. Vou resistir, meu corpo é forte e imortal. Não há o que ser pensado. Quero que você faça, Jan – ela pediu muito segura, mostrando coragem e nenhum medo.

–Kara, eu não vou matá-la. – Jan, que estava novamente próximo ao leito, tentou se afastar. Estava transtornado.

–Jan... – Kara o chamou e segurou sua mão, impedindo sua fuga. – Você é o único que pode. É meu mestre e, apesar de amar Ariel, não posso pedir isso a ele como rei e vampiro. A responsabilidade com minha vida imortal é sua.

–Não, minha responsabilidade sempre foi mantê-la viva e jamais consegui. Esse foi o motivo pelo qual a tornei imortal. Acreditei que nada a tocaria, que estaria a salvo. Mas nunca estive – murmurou, e a abraçou no leito fortemente.

–Mais valioso que a imortalidade é o amor que dividimos. Ele é imortal e sempre vai nos unir. Acredite em mim, vou conseguir. – Kara beijou Jan suavemente e o abraçou. Ao se soltar, decidiu: – Você dois vão estar a meu lado.

A vampira estendeu a mão para o rei, e ele a beijou reverente. Jan se afastou do leito e deixou que Ariel se aproximasse e abraçasse Kara com força, ofertando-lhe seu carinho sem medo de ser repreendido por Jan Kmam.

–Vamos conseguir, minha bela – sussurrou, e beijou seu rosto. – Temos de ir à tumba de Radamés, a lâmina deve estar entre seus tesouros. Sei que conhecem o caminho – brincou o rei, tendo em vista que tanto Kara quanto Jan Kmam já estiveram dentro dela com Radamés.

–O que fará com Derek? Ele agora está no corpo de Seth... – Kara quis saber o rumo dos acontecimentos.

–Ordália me procurou e contou toda a verdade. Agora, só me resta detê-lo e mandá-lo de volta para o Templo. Com a ajuda de Marie, vamos auxiliar Radamés

a sair do exílio. Ele me dirá o que deve ser feito, mas, se falharmos, vou para o Templo e lá o enfrentarei.

–Como vai atraí-lo? Ele certamente vai desconfiar de suas intenções – Jan perguntou, achando o plano arriscado.

–Vou convocar os conselheiros, permitir que o traidor que vive entre nós leve a notícia – disse Ariel sorrindo, pronto para sair do quarto. – Temos muito que fazer até amanhã. Vou precisar de sua ajuda, Jan. Você vem?

–Sim, claro. Logo estarei de volta minha querida. Vai ficar bem? – perguntou ele, beijando-a rapidamente.

–Vou, não se preocupe.

Ariel abriu a porta e viu Otávio no corredor, ele acabara de chegar. Ele puxou a porta assim que Jan saiu e impediu que Kara o visse, temia por sua saúde frágil. Ela e Otávio jamais se entenderam, era melhor evitar aborrecimentos.

–O que deseja, Lorde Otávio? – Ariel, prevendo suas intenções, agiu de modo frio, mostrando que estava pronto para reagir.

–Vim em paz. E uma das primeiras coisas que desejo fazer é me unir a vocês para destruir Afrodite, e não Kara. Asti me procurou e contou o que estamos enfrentando.

–Kara está muito frágil para se aborrecer, Otávio. – Jan Kmam falou baixo, temendo que ela ouvisse a conversa.

–Quero apenas ajudar. Nossa conversa me tocou, percebi muitas coisas. Ontem, quando minha antiga amante me procurou, percebi o quanto perdi e resolvi que não queria perder meu irmão e meu filho.

–Eu sabia que sua lucidez voltaria, Otávio – disse Ariel, e estendeu-lhe a mão, que ele aceitou. Os dois se abraçaram.

–Sinto muito pelas coisas que disse. Fui um tolo, julguei você e Kara muito mal. Deixei-me levar pelo ciúme e pela raiva.

–Sim, eu pude sentir e Kara também, mas tudo isso é passado – Ariel falou, tocando seu ombro. – Preciso da ajuda de meus Lordes e de meu favorito, da assistência de seu ex-mestre – dizendo isso, Ariel se afastou.

–Pode me perdoar, Jan? – perguntou Otávio, observando o vampiro e esperando seu julgamento. Afinal, enquanto Ariel o perdoava, seu ex-pupilo o fitava em silêncio absoluto.

–Sempre fora capaz de perdoar seu mau humor, suas crises e suas falhas. Era fácil, já que o amava e respeitava como um mestre. Mas o amor e o respeito

chegaram ao fim quando feriu Kara, quando resolveu não aceitar a presença dela em minha vida. Quando entrei na Caixa, pedi que cuidasse dela, não que a culpasse por algo que assumi ser minha responsabilidade desde o princípio.

Jan Kmam falava do passado com propriedade, e Otávio ouvia em silêncio; pois ele tinha culpa.

—Acreditei que a protegeria, até porque faria o mesmo por Asti ou por você. Seu comportamento, quando fui dado como morto, me encheu de revolta. Tentou matar a vampira que amo, a reencarnação de meu amor mais antigo. Não sei por que não o vejo como inimigo. Vou demorar a entender por que passou a vê-la como inimiga gratuitamente.

—Kara era a misteriosa amante que Ariel manteve em Veneza. Descobri acidentalmente um diário e cartas entre Ariel e Asti, revelando sobre sua “Rosa” — ele explicou. — Isso me consumiu. Temia que ela provocasse uma guerra entre vocês dois. Via Ariel observando-os às escondidas, sofrendo por amor. Para piorar, aquele maldito colar chegou e, por mais que Ariel me negasse, sabia que havia sido ele quem o havia enviado. Quando Asti me procurou e revelou toda verdade, compreendi que fora Seth, anunciando sua presença.

Otávio se explicava e Jan Kmam o ouvia, compreendendo muitas de suas reações.

—Desconfiava dela, vigiei-a, mas jamais a vi em uma atitude suspeita. Por fim, quando ela se tornou campeã, ficou claro para mim que ela apenas queria se aproximar do rei. Quando Afrodite se revelou, eu estava tão furioso com sua morte que só vi um modo de resolver o problema: tirando-lhe a vida. Acho que talvez isso não justifique meus atos. Mas é a verdade; vou compreender caso não me perdoe — disse ele, e estava pronto para partir.

—Espere. Não me deve desculpas, e sim a Kara. Se quer meu perdão, peça primeiro a ela.

Jan Kmam caminhou até a porta, abriu-a e esperou que ele entrasse. Kara cochilava no leito. Sua fragilidade era quase palpável. Jan tocou sua mão e a despertou com um beijo na testa. Quando abriu os olhos, não acreditou no que via: era Otávio. Ele estava a seu lado, sentado na cama. Por um segundo, ela temeu sua visita, não teria como se defender dele caso ele tentasse algo, mas Jan Kmam estava junto.

—Vejo que está com medo — disse o vampiro, calmamente.

—Por que não deveria? Da última vez que nos encontramos, você tentou me matar — afirmou Kara, puxando a mão.

–Fui provocado por uma inimiga antiga e que muito me feriu. Conhece minha história, sabe o quanto perdi nas mãos de Afrodite. Se ela não tivesse me denunciado, certamente hoje não estaria vivo. Teria morrido há muitos séculos, provavelmente velho, ao lado da mulher que amei, rodeado por meus filhos e netos.

–Eu sei o quanto ela o feriu e ao rei. Lamento muito tê-la soltado, não sabia de sua existência ou de seus crimes. – disse Kara, pronta para ouvir seus insultos e críticas. Nada mais importava, estava no limite.

–Não vim acusá-la; na verdade, vim me desculpar. Meu comportamento nos últimos anos me fez perder Asti, a confiança de meu irmão, a amizade e o amor de Jan Kmam.

Otávio começou a falar e revelou o motivo pelo qual passou a antipatizar com ela, e com seus atos. Kara tentou entender suas razões. Afinal, desde o primeiro momento, tentara ser amigável, mas ele se mostrava tão combativo e ciumento... Não lhe dava espaço para se aproximar.

–Ainda há tempo para corrigir seus erros – disse Kara, olhando com sinceridade. – Sempre me perguntei o motivo pelo qual me odiava tanto.

–Sentia ciúmes, medo e inveja. Temia perder a presença de Jan Kmam em minha vida. Hoje, posso compreender que só vivem bem juntos; além do mais, não posso vencê-la. O que enfrentaram para ficar juntos deveria ter me feito perceber o quanto se amam, mas estava cego.

–Não tenho motivos para odiá-lo, vamos esquecer o passado e começar novamente – Kara sugeriu, aceitando suas desculpas. Ela queria paz; afinal, não sabia se ia viver mais que duas noites. – Deve procurar Asti.

–Asti me procurou e eu compreendi que a perdi como amante, não como amiga. Tive tanto tempo e nada fiz para fazê-la feliz. Amei-a de modo egoísta e sombrio. Hoje, sei que não quero perder a amizade do único vampiro que amei como um filho. Jan Kmam representa muito em minha imortalidade.

–Todos mudam, fico feliz em saber que me aceita.

–Sim, basta desejar. Veja o caso de Consuelo, salvou Jan Kmam e se rendeu à tutela de um mestre. Ela se uniu a Ângelus há duas noites diante dos Poderes. Acho que ela agora vai encontrar a paz que sempre buscou. Fiquei feliz por ela, espero que consiga.

–Eu a vi defendê-lo, fiquei bastante surpresa. Espero que ela realmente tenha mudado. Acredite-me, buscava cortar a cabeça dela – revelou Kara, e fez Otávio sorrir.

–Obrigada, Kara, por me dar uma segunda chance – agradeceu Otávio, e beijou sua mão delicadamente.

–Eu sabia que Jan Kmam tinha um grande vampiro como mestre – disse Kara enquanto Jan sorria, feliz por aquele momento.

–Devia-lhe desculpas, Kara; não fiz mais que minha obrigação. – Otávio olhou para Jan Kmam e perguntou: – Estou perdoado?

–Quase, terá de nos prometer que não haverá mais lutas de poder entre vocês, nem crises de ciúmes – Jan exigiu dos dois.

–Feito.

Otávio e Jan Kmam se retiraram juntos do quarto. Kara esperou que eles saíssem e buscou o remédio apressada, sentia muita dor.

–Chegou a hora – disse Jan Kmam assim que a reunião terminou.

Kara sentiu a mão de seu amante sobre o ombro e saiu das lembranças nas quais estava mergulhada há alguns minutos. Ela não participou da reunião: fora impedida, pois, como mortal, não podia se reunir com os membros dos Poderes. Mas desconfiava que eles a excluíssem para que não ouvisse sobre sua morte. Não lutou, apenas aceitou e foi para fora olhar a noite e o deserto à sua volta. Subitamente, pensou que seria melhor que sua alma voltasse para o mundo dos espectros. Podia ficar no Jardim, buscar a companhia de Vitor e Frigia. Eles haviam sumido diante de seus olhos. Estariam bem e juntos?

Estavam prontos para partir, o grupo não era grande, mas foram necessários pelo menos dez cavalos. O rei seguia ao lado de Marie e Otávio, que insistiu em acompanhá-los, Bruce vinha com Kara e Jan Kmam, Romano estava ladeado por Will e Juan. Atrás deles, cinco Pacificadores traziam Afrodite narcotizada e amarrada, tentando evitar que fugisse ou usasse seus poderes no percurso. A noite estava bastante limpa, Ariel olhava as estrelas e se guiava. Kara também as conhecia e, quando as viu na posição certa, parou. As rochas da construção estavam cobertas por uma duna de areia. Desmontaram. Pareciam homens do deserto em suas roupas negras e seus turbantes. Mas, definitivamente, era a melhor indumentária para se usar naquela região. Passavam despercebidos e podiam se misturar facilmente, caso precisassem entrar na cidade.

Ariel andou pela areia e buscou a entrada da construção. Kara estava logo atrás dele. Acharam a abertura, e ele foi o primeiro a entrar. Em poucos minutos, já

havia acendido as tochas que trouxeram consigo e seguiam pelo interior da tumba. Metros à frente, encontraram os restos de Mercúrio. Ele servira Radamés por muitos séculos, não merecia o fim que teve. Kara estava cansada e suava. Jan entregou a tocha nas mãos de Bruce e tomou nos braços. Um pouco mais adiante, um pequeno salão se desvendou; Kara não se lembrava daquela sala. Ariel colocou a tocha no gancho junto à parede, e logo todos os outros repetiram seu gesto. A sala ficou iluminada e eles puderam ver algo realmente espantoso. Havia pelo menos dez baús e, em todos eles, objetos de ouro, prata, pergaminhos, tecidos, perfumes, ornamentos. Aquele era o tesouro de Radamés, toda a riqueza que ele acumulou em vida estava na sua tumba, como cabia a um sacerdote com seu status.

– Marie, ajude-me a achar a lâmina – pediu Ariel, convocando-a se aproximar. Marie abriu um dos baús e começou a buscar a lâmina apenas passando a mão pelas caixas abertas. Não tocou nenhuma delas. Jan Kmam colocou Kara no chão e andou pela tumba, observando as pinturas nas paredes, a beleza das cores, o brilho do ouro que não fora tocado pelo homem e estava ali, provando a passagem de um sacerdote único. Kara viu algo se mover na areia e recuou. Will e Juan perceberam e puxaram suas espadas. Marie se afastou do baú e ouviu um ruído; ergueu a mão e queimou a primeira serpente. O réptil voou em sua direção e ia picá-la. Kara gritou e correu, só não foi mordida porque Jan Kmam foi mais rápido e cortou a víbora em dois pedaços. Mais delas apareceram, e foi preciso que recuassem, cortando-as com espadas e fogo. Em segurança, viram Marie erguer a mão e queimar mais uma dentro da sala. Havia pelo menos mais 20 delas na sala.

–A lâmina não está nos seus tesouros – disse Ariel, depois de revirar todos os baús com Marie e Jan Kmam.

–Talvez em seu túmulo – sugeriu Jan.

–Não, eu mesmo deposei seu corpo no túmulo e nada havia. É hora de agirmos. Marie, é sua vez.

Eles seguiram pelo corredor e entraram na câmara onde o túmulo de Radamés repousava. O sarcófago era retangular, feito em pedra de basalto polido. Estava entreaberto, desde que o soldado Antoine o havia profanado. Ariel se aproximou e viu a múmia intacta. Felizmente, o violador do túmulo não teve tempo de tocá-la nem de roubar suas joias. Por um momento, ele o fitou melancólico, voltar à sua presença era como voltar para seu passado. Tudo havia mudado tanto... Olhou à sua volta e quase pôde ver a beleza da câmara quando ali o encerrou para que descansasse de sua jornada. Fechou a tampa do sarcófago e foi até as oferendas. Lá ele colocou novas bacias de ouro e depositou em cada uma a areia, a água, o óleo que acendeu simbolizando o fogo, e por fim, na última, o incenso. Tentava trazer ao lugar a perfeição e o respeito perdido.

Marie esperou que ele terminasse e começou o seu ritual. Na câmara, ela permitiu que apenas Ariel e Kara ficassem com ela. De algum modo, eles estavam mais ligados a Radamés, e isso poderia ajudar a libertá-lo. Os outros foram para a câmara vizinha e esperaram. Afrodite ainda estava apagada e isso dava certa tranquilidade a todos.

–Pode senti-lo, Ariel? – perguntou Marie, pronta para começar o ritual de invocação.

–Sim, desde que entrei – admitiu o rei, com alegria.

–Ele está bem perto, Marie – revelou Kara, feliz e mais esperançosa.

–Então, vamos começar.

Ela acendeu o incenso, o fogo e ergueu as mãos para o alto. Seus olhos mudaram e ela parecia ser envolvida por uma luz. Dentro da tumba, havia grande concentração de energia. Kara sentiu os dedos formigarem e esperou, atenta a qualquer sinal – disso dependia sua vida. Junto ao sarcófago, um ponto de luz se abriu e cresceu. Dele saíram borboletas feitas de luz, que passaram a flutuar pela câmara. Finalmente, elas se reuniram e Radamés se materializou.

–Ainda não tenho forças para voltar. Contava com a força do Livro, mas ele foi novamente corrompido por Derek e Afrodite. Enquanto os dois o controlarem, não terei ajuda de Ordália e das Anciãs.

– Falhei, grande sacerdote. Não fui capaz de trazer Kara de volta ao seu corpo. – disse Marie, curvando-se diante do espectro.

– Não foi sua culpa, Derek tem Kara agora como inimiga; mesmo que tentasse repetir o ato ele iria interferir novamente. Desculpem-me, tive de trazê-los aqui para revelar o verdadeiro paradeiro da lâmina. Temi que Derek pudesse destruí-la, ele ficou poderoso no corpo mortal de Seth. Aqui seus sentidos não podem nos alcançar. A lâmina que procuram está no Templo.

– O que devemos fazer, Radamés? – Ariel indagou, olhando o espectro de seu mestre.

– Kara deve ser levada ao Templo e ferida com a lâmina. Lá, Afrodite não terá forças para lutar contra você, Marie. Matem Derek, e que ele seja o primeiro a morrer; sem o corpo que habita, ele será novamente enclausurado dentro do Templo. Feito isso, poderei sair de meu exílio e ajudá-los a libertar Kara de Afrodite.

–Radamés?

–Sim, minha rainha. – O espectro respondeu carinhosamente, fazendo-a sorrir com tristeza.

–Tive um estranho pesadelo e temo que ele se realize. É possível?

Kara se pronunciou, estava angustiada, e agora bem mais do que antes, mas sabia que somente ele lhe diria a verdade. E suas palavras só vieram a confirmar que era possível.

– O futuro é uma sequência de acontecimentos que se somam e determinam um fim. Seus passos a levam para a realização de tal visão, mas nada impede que o resultado final seja alterado. Acredite no amor que a une a Jan Kmam e no símbolo desse amor, ele será seu refúgio e morada. Apressem-se, nosso tempo se esgota.

Dizendo isso, Radamés desapareceu, mas eles agora sabiam o que fazer. Marie deixou o caminho aberto para que Radamés pudesse sair sem barreiras quando estivesse forte o suficiente. Ariel sabia que parte das inscrições deveria ser alterada e ajudou a bruxa. Quando terminou, eles saíram da câmara, Kara seguiu pelo corredor, sendo acompanhada por Ariel e Marie.

Precisavam rumar para o Templo. Os Pacificadores recolheram os restos de Mercúrio e o colocaram em um sarcófago vazio na câmara vizinha à de Radamés, a pedido do rei. Ele merecia tal honra. Havia uma esperança, mas não sem luta. Ariel revelou quem era o traidor e não surpreendeu Romano, se ele estivesse certo a respeito de Virna, ela havia avisado Derek, e ele já os esperava dentro do Templo. O rei estava pronto para enfrentá-lo; na verdade, ansiava por isso. Aquela luta já havia sido adiada por muito tempo. Quando Ariel e Otávio os impediram de sair do Templo, séculos atrás, e seus corpos foram destruídos, Derek certamente jurou vingar-se, e ali estava ele mais uma vez, tentando fugir de sua prisão para ocupar um lugar que não lhe pertencia. Olhou o irmão e percebeu que estariam juntos novamente, lutando pela proteção dos poderes de sua coroa.

Estavam montando quando Afrodite despertou e gritou, ela começou a se contorcer, parecia ter uma espécie de ataque. Kara, que estava perto do cavalo onde ela havia sido colocada, aproximou-se, temendo por seu corpo. A vampira caíra no chão e se debatia diante de todos. As cordas que a prendiam se incendiaram e ela ficou livre!

–Kara, afaste-se dela! – avisou Marie, vendo os símbolos que a detinham se apagar.

No deserto próximo ao Templo, ela certamente ficava mais forte, visto que dominava o Livro. Foi muito rápido: Afrodite segurou Kara pelo pescoço e a tomou de refém. Os vampiros correram em sua direção, mas, ao vê-la apertar a garganta de Kara, recuaram. Detiveram-se, temendo que ela matasse a mortal e destruísse o espectro de Kara que tentava se libertar, mas não conseguia. Jan tocou sua mente e pediu que ela não lutasse.

–Não vai ser tão fácil, Ariel. Hoje, Derek vai assumir seu lugar e eu terei minha vingança.

–Solte a mortal agora! – ordenou Jan Kmam, de espada em punho, pronto a se aproximar e contê-la.

–Eu sei bem quem ela é, favorito do rei. – Afrodite debochava deles. – Não me ache tão estúpida, eu vi quando a mortal entregou sua alma no lugar da de Kara. Foi tocante – disse cínica, recuando e arrastando Kara consigo.

Juan e Will esperavam apenas um comando de Ariel para atacar, mas ele não veio, o rei temia que Afrodite quebrasse o pescoço de Kara. Juan, preocupado com Kara, usou seus poderes. Moveu-se o suficiente para que a vampira não o visse e, quando ficou às suas costas, colocou a espada debaixo do seu pescoço. Os vampiros esperaram em suspense, afinal nenhuma das duas poderia se ferir mortalmente agora. Afrodite gargalhou e, com uma única palavra em egípcio, jogou-o longe. O vampiro foi arremessado duramente sobre a areia do deserto.

–O Livro está comigo e minha força é a dele. Vocês não têm chance alguma, vieram somente morrer. E você, Ariel, agora não passa de um vampiro com anel de um rei. – Afrodite cuspiu sua raiva e vitória com prazer.

Jan Kmam a olhava angustiado e pensou em cair sobre a vampira, mas havia muito em jogo. Conteve-se e esperou por seus movimentos.

–Deixe-a em paz, não percebe que ela está morrendo? – disse Ariel, tentando negociar a vida de Kara.

–Sim, ela já cheira a cadáver, mas nada vai me tirar o prazer de vê-la ser feita em pedaços por Derek. Ele a quer muito. Espero vê-los no Templo em tempo de ver Kara morrer.

–Jan... – gemeu Kara, aflita.

Afrodite murmurou em egípcio e chutou a areia, enquanto segurava o pescoço da mortal. A areia flutuou no ar e fez uma espiral ao redor dela e de Kara. Os vampiros tentaram avançar, mas foram empurrados para longe com a força do vento. Quando a areia baixou, as duas haviam desaparecido.

Derek entrou no Templo assim que a noite caiu, não estava sozinho: com ele estavam Manolo, Petrus e os aliados que Virna conseguiu dentro do Conselho. Isso não incomodou os Anciões, mas, ao sentirem a presença de Francine e Marc, eles se manifestaram.

–Como ousa profanar o Templo trazendo seus cães? – disse Ordália, indignada. – Em tempo algum um lobo cruzou os degraus do Templo.

—Ordália tem razão, eles não podem permanecer dentro do Templo — Quirino queixou-se, ao mesmo tempo que sentia os dois lobisomens.

—Os tempos mudaram e eu faço as regras. Eles são aliados e vão ficar. O Livro aceitou um Pacto entre as duas espécies. Por que agora se recusa a aceitar a presença dos lobos?

—É simples. Eles estão dentro da fonte do mundo dos vampiros. Pelo que me lembre, Darden jamais permitiu que um vampiro entrasse na câmara onde fica a Ânfora de sangue da qual os lobisomens bebem — disse Tavalus aborrecido.

—Eles são meus guardas e vão ficar. Ariel Simon, o último rei dos vampiros gerado por contaminação, caminha em direção à morte — Derek falou seus planos, e os Anciões ficaram em silêncio. — Vou precisar da ajuda de vocês para vencê-lo.

Os Anciões ficaram em silêncio e se comunicaram entre si. Não estavam concordando com Derek. Ele notou a hesitação dos vampiros e o modo frio como Ordália o olhava.

—O que temem agora? — quis saber Derek, comunicando-se com eles mentalmente; não queria que seus aliados notassem suas dúvidas.

Estavam em um dos salões do Templo, ele teve a lucidez de não levá-los para o local onde os sarcófagos repousavam junto ao cone de luz.

—Fora do Templo, sua luta teria chances de êxito. Dentro do Templo, ela está fadada ao julgamento dos deuses e o oponente mais justo vencerá — lembrou Marcus.

—Está afirmando que não tenho direito ao trono?

Derek não gostou de ser confrontado; ele, dentre os Anciões foi o primeiro a nascer, e lhe foi dado o direito de reinar sobre os demais. Todavia, até mesmo isso tinha um limite.

—Sim, nosso tempo veio e se foi com nossos crimes. Fomos julgados e sentenciados a viver sob as estrelas — Aspásia falou e teve o acolhimento dos outros.

—O que estão tentando fazer? Me abandonar? — Derek não podia crer no que ouvia.

—Não, jamais o abandonaríamos se sua luta fosse justa. Vimos, através do cone de luz, seus atos no mundo mortal nas últimas noites, e eles são iguais aos que nos trouxeram para o exílio no Templo — disse Ítalo, com muita segurança.

Só então Derek percebeu que eles haviam se vestido como séculos atrás para lutar. Suas armaduras brilhavam, assim como suas armas.

–Vão lutar contra seu irmão? Estão me traindo!

–Não, apenas descobrimos seus planos com a egípcia. Você não tem nenhum desejo de nos tirar de dentro do Templo – disse Thessália, confrontando-o com armas.

–Quer reinar sozinho no mundo dos mortais e contar com nosso apoio para manter os Poderes sob sua vontade – afirmou Tavalus, muito lúcido.

Ordália havia exposto seus atos e palavras aos demais Anciões, e a verdade apareceu dolorosa para os vampiros que se aliaram a Derek, mais uma vez acreditando em suas promessas. Em resposta, eles haviam se aliado a Ordália.

–Foi você, maldita!

Derek fitou Ordália e percebeu seu ar vitorioso diante dele e dos Anciões que agora estavam ao seu lado, buscando se defender de seus atos impensados e traiçoeiros.

–Busca nos enfraquecer, nos destruir. Se o equilíbrio dentro do Templo for ferido, nós pereceremos. Mate-os agora e equilibre os Poderes, oferecendo-os ao Livro. Volte para seu lugar de Ancião, Derek – pediu Thessália.

Nesse momento, Afrodite apareceu por um dos corredores arrastando Kara pelo braço. Quando ficou diante de Derek, jogou-a a seus pés. O vampiro a olhou pouco interessado e continuou a discutir com seus iguais.

–Como ousa se apresentar diante de nós? – Ordália a questionou, pronta a atacar.

–Vejam! A amante dele trouxe uma mortal para completar a profanação! – afirmou Thessália, fitando Afrodite.

–Estou ao lado do rei dos vampiros, por que motivo não viria? Seremos rei e rainha. Eu dei a ele o corpo que habita – disse Afrodite, vitoriosa.

–Você não passa de uma ladra de corpos. O que ocupa agora pertence à campeã do rei. – Nídia a expôs sem medo.

Kara ficou de pé e se viu cercada por Marc e Francine. Eles a seguraram e a afastaram de Derek e Afrodite. Atrás deles, Virna e seus aliados apenas esperavam.

–Se a sacrificarmos, vocês continuarão vivos. O que acham? Devemos sacrificá-la ao Livro para provar nossa boa vontade? – Afrodite os questionou.

–Acha que somos como cães que você seduz com migalhas? – Quirino se pronunciou, abrindo espaço para fitar Afrodite.

–Não; na verdade, acho-os bem pior. Ordália é a concubina do rei e vocês são seus escravos. Mas, já que parecem dispostos a continuar ao lado dele, devem

sucumbir à vontade do novo rei – disse Afrodite, erguendo a mão, atacando Ordália com magia.

–Nós cuidaremos da campeã quando chegar a hora, ela é a causadora de todo o mal que nos toca nesse momento. Agora é a sua vez, cobra! Malditas vocês duas que ousam nos tocar! – Ordália acusou, olhando ambas com ira.

–Odeio quando me chamam assim – afirmou Afrodite, pouco ligando para Ordália e suas acusações.

–Expulsem os invasores! – gritou Ordália, incitando os Anciões a lutarem.

Os Anciões empreenderam combate contra os vampiros trazidos por Virna, e até mesmo ela teve de lutar por sua vida. Afrodite os repelia com magia. Derek não a deteve; na verdade, juntou-se a ela e ordenou o ataque sobre os Anciões. Lutavam com espectros e tentavam cortar o próprio ar. Derek enfrentava Tavalus e Marcus, enquanto os outros atacavam seus aliados com sede de sangue. Derek não desistiria facilmente do trono, ainda mais agora que Afrodite demonstrava tanto poder. Estar no corpo da campeã do rei dava a ela direito ao trono e força dentro do Templo, sua herança sanguínea a colocava perto dos Poderes. Afinal, Kara controlara e dominara os Anciões anos atrás. Não os absorveu graças a Radamés, que pediu por eles. Afrodite usava seus poderes e direitos para o mal e precisava ser detida.

Ordália, de espada em punho, atacou a vampira que conteve seu ataque usando também uma espada jogada a ela por Derek. Ordália vestia seu traje de guerreira e iria lutar até a morte para deter Afrodite.

Se o equilíbrio não fosse restabelecido, o Livro não seria capaz de manter seus espectros dentro do Templo. Kara viu com horror as consequências de seu ato. O Templo profanado por lobisomens, os Anciões lutando entre si. Podia sentir a energia em convulsão. Cobriu o rosto e chamou Radamés, mesmo sabendo o quanto era difícil que ele a ouvisse no corpo da mortal.

– O que fiz? – Kara lamentou por fim.

– Sempre foi o instrumento da mudança, minha rainha. Agora, precisamos trabalhar juntos para colocar as coisas em ordem e preparar o caminho para a rainha dos vampiros. – Radamés havia se materializado diante dela.

– O que devo fazer?

– Trazer luz à escuridão. Venha comigo depressa, o Livro está quase livre do poder de Afrodite. – Radamés a chamava em direção ao salão dos sarcófagos.

Kara se esgueirou e, quando chegou ao corredor, correu em direção ao salão. Ela chegou a tempo de ver o cone de luz falhar e a escuridão tomar conta do

recinto.

No mundo mortal, o Livro passou a emitir partículas de luz e, por fim, raios sobre suas páginas. Ariel Simon e todos os vampiros inscritos no Livro sentiram sua revolta com dor. Ele desceu do cavalo cambaleante e tinha os olhos dilatados, os caninos à mostra. Olhou o Templo a distância e pôde ver a luminosidade envolvendo-o, mas nada que os olhos mortais pudessem ver. O cone de luz aberto lançava sua luz no espaço.

–Majestade, olhe! – Marie apontou, compreendendo o que aquilo significava.

–Sim, o Livro retornará ao Templo. Temos de nós apressar.

No *château*, os Zeladores viram com espanto a reação do Livro e avisaram a Togo. Ele havia ficado para defender o *château* e o Livro. Com ele, Demétrius, Asti, Isadora e Thiago. Não havia como contê-lo; em poucos minutos, retornaria ao Templo. Togo tentou ligar para o rei, mas não havia sinal. Pretendia avisá-lo, mas acreditou que ele pudesse sentir o distúrbio.

Os cavalos se assustaram e fugiram pelas dunas, eles podiam sentir a energia no ar, a confusão próxima.

–Deixem os cavalos, seguiremos a pé. A entrada não está longe – Ariel ordenou ao ver os vampiros tentando deter os animais.

Ele conhecia uma entrada para o Templo, ela ficou numa velha construção a alguns metros de distância. Radamés e ele a usavam com frequência quando iam ver os Anciões. Afinal, a Esfinge atualmente era ponto turístico, estava constantemente vigiada e protegida de vandalismo e turistas. No túnel, eles seguiram por poucos minutos. Quando as paredes de pedra apareceram, Ariel informou-se de que já estavam no interior do Templo. Eles se armaram e seguiram em frente guiados pelas tochas. Na saída, viram a câmara crescer e dar-lhes mais espaço. Os vampiros podiam ouvir som de luta e o rugido dos lobisomens. Ariel parou subitamente e chamou a atenção dos demais, iluminaram sua face e viram seu nariz sangrando. Ele limpou o sangue, enquanto os vampiros o olhavam com preocupação, o desequilíbrio dos Poderes o tocava mais duramente. Ele se refez e correu pelo túnel.

–O que está havendo? – Romano também podia sentir a perturbação, afinal ele era o líder dos Lordes.

–Os Anciões estão em luta – disse Ariel e rumou para onde vinha o som de luta.

Jan Kmam, Bruce e Otávio seguiam a seu lado; Will e Juan vinham logo atrás; na retaguarda, Romano com os Pacificadores.

O Livro voltou para dentro do Templo após quase quatro mil anos existindo no mundo mortal. Kara viu Radamés olhá-lo e esperar que tocasse o solo, quando isso acontecesse, ele sabia que teriam pouco tempo para agir. Seguindo as instruções de Radamés, Kara se aproximou do Livro; sua força crepitante a repelia, mas, para restaurar os Poderes, ela avançava sem medo e com determinação. Podia sentir sua energia a tocando.

–Procure a inscrição, Kara – gritou Radamés, enquanto ela penetrava no cone de luz.

O cone de luz era feito de energia pura e, com o Livro dentro do Templo, ela duplicava. Ela ouviu o grito de Radamés; a distância, o vento sacudia-lhe o corpo mortal, mas ela se segurava nos sarcófagos. Finalmente, quando alcançou o carro de madeira onde o Livro estava posto, pôde recuperar o fôlego.

Foi quando percebeu que tocava suas páginas. Uma luz intensa a cobria, sentia-se forte e viva, foi então que o Livro se comunicou com ela. Ele era vivo e belo, seduzia a campeã do rei e a chamava para possuí-lo. Kara foi inundada por visões. O Livro a reconhecia e a aceitou, dando-lhe visões. A mortal podia ouvir seus sussurros, as lendas, via todos os vampiros, seus crimes e mortes, os amores, o futuro... Ela segurou a cabeça e gritou, tamanha a força das visões.

–Resista, Kara, ou não vai conseguir. Use a força de sua alma!

–Eu sou Kara, a filha dos Poderes, a campeã do rei, e ordeno que me obedeça – disse Kara em egípcio, imbuída de grande poder. – Antes de você, eu já vivi, fui senhora daquele que o criou. Liberte-se dos profanadores, quebre os laços que o escravizam ao desejo dos usurpadores, renda-se à justiça, obedeça a seu rei Ariel Simon. Chame a justiça dos deuses.

Kara conseguiu dominá-lo e flutuava defronte a ele, feita de luz e poder. Radamés sorriu satisfeito. Ele havia conseguido dominar o Livro. Ele estava livre e Radamés também de seu exílio. Ela tocou o carro e pisou no chão, buscando as inscrições que Radamés citou. Sentiu-as na viga de madeira, na parte frontal do carro. Ele a guiava, pois não podia tocar o Livro, Afrodite o impedia.

–E, para os inimigos dos Poderes, a lâmina fria de Anúbis, para que eles encontrem o descanso eterno. Liberte-a para que a justiça volte ao Templo da Esfinge.

A lâmina soltou-se do carro e flutuou sobre o Livro. O cabo era feito em forma de Ankh e a lâmina composta de prata, ouro e cobre. Estava apontada para

seu corpo, mas, quando a vampira estendeu a mão, ela girou e veio para suas mãos pelo cabo. Kara segurou-a e o Livro esperou suas ordens.

–Volte para o mundo dos mortais e nunca mais se deixe corromper. Você deve esperar a rainha dos vampiros ao lado do rei.

Kara sorriu e saiu do cone de luz vitoriosa, segura de que conseguiria voltar ao seu corpo. Foi quando Afrodite apareceu à sua frente, traspassou-a com sua espada e tomou-lhe a adaga.

–Maldita idiota! Como ousa tocar no Livro, ele é meu!

Radamés passou-lhe à frente e a empurrou, usando seus poderes, de modo a proteger Kara da ira de Afrodite. Ele a atacou novamente, mas dessa vez ela estava preparada e revidou seu golpe, atingindo-o com violência.

Kara estava caída no chão sangrando, ela tocou o ventre ferido e sentiu o sangue ensopar-lhe seus dedos. Ela viu Jan Kmam e o resto dos vampiros entrarem no salão dos sarcófagos.

–Kara!

Juan lançou uma adaga sobre Afrodite e a viu desviar-se e insistir no golpe, ela pretendia cortar a cabeça de Kara. Mas foi detida por Jan, que correu para proteger a amante e empurrou Afrodite, evitando o ataque. Foi quando Marc apareceu pelo corredor e saltou sobre o vampiro. Jan o deteve com sua espada e se viu livre graças a Juan, que se atracou com a fera. Will viu quando o lobisomem o mordeu e ele passou o fio de prata por seu pescoço, puxando com toda força. A cabeça do lobisomem rolou.

Derek apareceu pelo corredor em fuga, sendo seguido por Virna e pelo resto de seus aliados. Eles eram empurrados para fora pelos Anciões. O rei viu Kara no chão e Jan com ela nos braços, sangrando. Atônito, desviou a atenção, dando o primeiro passo na direção dos dois. Preocupado com Kara, Ariel se desprotegeu. Nesse exato momento, Bruce o empurrou com força e recebeu o golpe a ele destinado. A estocada o fez exibir os caninos e arranhar a face de Virna com as unhas. Ele empurrou a vampira traidora e esperou Derek pronto para lutar. Bruce recuou, refazendo-se ao lado de Romano.

O vampiro sorria e sentia-se bastante seguro, mas Ariel não iria facilitar. O rei mostrou sua fúria e destreza com a espada, empurrando-o num balé ágil e violento. Derek teve de se desdobrar para segui-lo e usar tudo que sabia a fim de se manter vivo. Subitamente, a vida ociosa que levava no Templo se mostrou prejudicial a ele, que tanto almejava ser rei. A força do sangue falava mais alto, e Ariel estava vencendo.

Marie viu Bruce se recuperar e se juntar a ela e a Otávio para vencer os revoltosos. Lutavam juntos e unidos, formando uma pirâmide de poder. Marie usava sua magia para repelir e queimar os vampiros, enquanto Bruce e Otávio lutavam a fio de espada e adagas. Um dos Pacificadores ficou ao lado de Jan Kmam, ele mantinha o favorito do rei e sua amante a salvo.

Will se aproximou de Juan e o viu agonizar, morria infectado pela mordida do lobisomem que matou. Ele sentia muita dor e tremia, tendo a carne consumida pela maldição do lobo. Will deu-lhe a poção e o puxou para um canto a fim de que se recuperasse. Romano gritou o nome de Virna e curvou-se antes de atacá-la, ela riu e passou a lutar com seu ex-amante.

—Kara... — Jan a chamou, vendo-a morrer em seus braços.

O corpo mortal sofria com a hemorragia, o corte era muito profundo e a levaria à morte. O favorito do rei a olhou e puxou suas vestes, pretendia imortalizá-la.

—Não! Não! Eu não quero! — Kara tentou fugir debilmente de seus braços e o esmurrou revoltada.

—Faça, Jan Kmam. Não a deixe morrer — ordenou Ariel, sentindo o fim da vampira.

Derek deslizou a espada pelo ar e cortou a camisa do rei, tirando-lhe um filete de sangue. Ariel sorriu... num gesto ágil e elegante, espetou-o no ombro e, com sua adaga, riscou sua garganta. Afrodite se preocupou e continuou lutando com Marie, a bruxa queria tomar a lâmina de seu poder. Derek deveria ser morto com ela.

—Deixe-me em paz... Vocês não têm o direito... — Kara resistia, empurrando Jan, que buscava sua garganta, mas por fim desistiu, envergonhado com seu ato.

—Tudo bem, não a tocarei, acalme-se meu amor — disse Jan, recuando. Não teve força ao ver suas lágrimas de indignação.

Kara o abraçou e o viu soluçar. Ela tocou seu rosto e o beijou delicadamente.

—Estou bem... Apenas lute, pegue a lâmina e mate Afrodite. Não a deixe ficar com meu corpo... — suplicou Kara, segurando sua mão com força fitando seu olhar triste.

—Você pode aguentar, seja forte...

—Estou morrendo, sinto muito — disse Kara, sentindo Jan abraçá-la junto a si — Foi melhor assim, não vê? Estou sempre voltando e morrendo em seus braços. Talvez esse seja nosso destino, mas dessa vez nos amamos tanto, eu lhe juro, valeu por todas as vidas... — Ela murmurava em dores e bem fraca.

Kara viu a corrente do relicário e atocou, sorriu emocionada, já chorando. Jan a deixou tocá-lo e beijou sua testa suada. Ela tremia e agonizava em seus braços como séculos atrás, como em São Luís, quando a fez imortal.

–Sempre estarei aqui, perto de seu coração. Eu vou voltar, eu sei que vou mais uma vez e será para você, eu prometo. Eu o amo... – Kara chorava e tocava seu rosto, olhando seus olhos tão azuis.

–Volte para mim, Kara, eu estarei esperando. Meu coração sempre será seu... – Jan Kmam a beijou nos lábios, sentiu sua retribuição e, por fim, seu esmorecimento.

–Bom dia, Jan...

Kara morreu em seus braços, segurando o relicário com força e sujando-o com seu sangue. Ele a apertou junto de si e soluçou de dor. Por um momento, sentiu o relicário quase queimar a pele. Fechou os olhos e percebeu que iria perder a razão. Não podia perdê-la mais uma vez...

–Kara? Kara!

Ariel Simon viu Jan Kmam sacudindo o corpo sem vida da amante. Bruce correu em seu auxílio e tocou seu ombro, mas ele o empurrou, e a apertou junto ao peito. A visão de Anne tornava-se real. Marie os olhou e assentiu para Bruce. O vampiro soluçou e tocou seu rosto. Por fim, viu seus dedos sujos de sangue ainda segurando o relicário. Beijou sua mão e colocou no chão, fitou sua face e se sentiu tonto. A tristeza era tanta que ficou desnorteado. Jamais imaginou que pudesse perdê-la novamente. Ela era imortal... Sua dor era tão grande que sequer conseguia expressá-la. Secou as lágrimas com as costas das mãos e se afastou do corpo, segurando sua espada. Tinha alvo certo: Afrodite. Olhou-a de um jeito que fez Bruce ter medo de que ele perdesse a razão, mas havia muito ódio nele. Fitou o corpo de sua amante possuído por Afrodite e gritou. Foi um rugido de ódio. Afrodite sentiu sua dor e teve medo. Jan Kmam usou seus poderes e voou sobre a vampira, que lutava com Marie e Otávio. Ela os empurrava, temendo os golpes de espada do irmão do rei e a magia de Marie, que a bombardeava de bolas de energia. Jan Kmam saltou e caiu sobre Afrodite, que perdeu sua espada enquanto eles rolavam no chão como dois animais. Ordália percebeu o que acontecia ainda lutando contra Francine, a loba, que estava transformada, dando-lhe muito trabalho. Foi quando Ordália chamou suas iguais e todas se transformaram em uma só. Era assustador ver suas muitas faces e braços. Estava mais forte e junto com suas iguais, fizeram a loba em pedaços.

Não restavam muitos vampiros, somente dois e Virna que estava cercada; Romano não tinha intenções de lhe poupar a vida. Quando os dois Pacificadores

que sobreviveram mataram os últimos vampiros, ela ficou só, e Romano os afastou. Aquela luta era dele e de mais ninguém.

Marie evitou que um dos aliados da vampira tocasse o favorito do rei buscando proteger Afrodite. Marie queimou o aliado e Otávio cortou sua cabeça. Nesse meio tempo, Afrodite furou Jan com sua espada e, quando buscou a lâmina de Anúbis, ele a mordeu no ombro, evitando que o ferisse com a arma sagrada. Estavam atracados no chão. Afrodite gritou de dor, e Derek se desconcentrou, tentando ajudá-la. Ariel aproveitou-se do descuido e o cortou no peito, empalando-o com sua espada real. Derek não pôde acreditar e cravou-lhe a adaga no ombro. Ariel suportou e, quando o empurrou, tirou a adaga fincada em sua carne.

O favorito do rei apertou a vampira pelo pescoço com uma das mãos e lhe roubou a lâmina de Anúbis com a outra; estava sobre seu corpo, usando seu peso para mantê-la no chão. Sentindo-se sufocar, ela usou de magia para tirá-lo de cima de seu corpo.

– Ariel! – Jan lançou a lâmina para o rei.

Ele a pegou no ar e cravou no peito de Derek. Os Anciões, que agora os observavam, viram o corpo imortal que ele usurpou sofrer debaixo dos poderes da lâmina de Anúbis. Quando o rei puxou a arma, o vampiro tocou o peito e buscou o ar. Morria, sua pele enegrecia, o sangue imortal secava em suas veias. Quando caiu no chão, era o retrato de uma múmia. Derek deixou o corpo de Seth e, agora, estava novamente dentro do Templo.

Mais uma cabeça rolou, e dessa vez foi a de Virna. Romano se afastou de seu corpo e se aproximou de seu rei completamente distante. Mas estava óbvio que sentia e muito, só não demonstraria; matara a vampira que amava porque ela o havia traído e a seu rei.

Afrodite estava sozinha, cercada por seus piores inimigos. Ela mantinha a espada em punho e ainda tinha forças para usar sua magia em quem se aproximasse, fitou o espectro de Derek próximo a ela e percebeu que os Anciões esperavam os movimentos do rei. Neste momento Radamés se materializou diante deles e se aproximou de Ariel. Simultaneamente, os vampiros se curvaram, sentindo sua energia tocar seus corpos. Ele estava pleno de força novamente e agora podia outra vez andar pelos dois mundos. Vestia-se com um manto negro bordado em ouro e exibia sua espada e sua adaga.

–Estou livre graças ao esforço de todos vocês que lutaram pelos Poderes e venceram. Agora, o Livro precisa voltar ao mundo mortal. Ele está novamente sob seu poder, majestade. Mas devemos isso a Kara, ela deu sua vida para libertá-lo do poder de Derek, Afrodite e até mesmo dos Anciões. Hoje, você escolherá o que

fará a eles, majestade. Tem o direito como rei de sacrificá-los ou mantê-los dentro do Templo.

—Somos seus servos — afirmaram os Anciões, curvando-se diante do rei. Jan Kmam os observou com os demais vampiros e percebeu que eles pareciam prontos a recomeçar. Afinal, eles traíram seu rei. Derek era o único disposto a continuar lutando contra todos em sua revolta e sede de poder.

—Mas, antes, devemos algo à sua campeã: libertem seu corpo e, lembrem-se: lutem contra Afrodite, não contra Kara.

Radamés acabava de dar permissão para que usassem a lâmina contra Afrodite.

—Séculos atrás fui contida, amarrada e decapitada. Hoje, lutarei com dois vampiros, o rei e seu favorito, e isso me parece muito injusto. Que justiça é essa que me matou sem chance de defesa?

—A mesma justiça que usou para matar vampiros e corromper o Livro aos seus caprichos. — argumentou Ariel, pronto para lutar.

—Eles morreram defendendo sua causa, seu trono, quando ele sempre me pertenceu. Radamés me deu seu sangue muito antes de torná-lo seu escravo. Eu deveria ter sido proclamada rainha, e não você.

—Você foi rainha e veja como agiu: dominou o Livro, reinou no lugar de Derek, desfez os Poderes e perseguiu os que buscavam as leis do Livro. Só a herança de sangue não basta Afrodite, jamais bastou — Radamés afirmou, relembrando seu passado de erros.

—Eu não vou tolerar...

—Chega! Você já falou demais, nos usou demais. Agora é hora de enfrentar as consequências — interrompeu Jan, avançando sobre Afrodite, cansado de ouvir a vampira.

—Sempre quis ser rainha, agora lute como tal! Afinal, está no corpo da campeã, acho que é capaz de não quebrar as unhas — completou Ariel sem pena.

Os vampiros abriram o círculo e os três ficaram dentro para lutar. Sabiam o quanto aquilo seria doloroso para ambos: visualmente, combateriam a vampira que amavam e que há poucos minutos morrera nos braços de seu criador. Afrodite não se intimidou, estava pronta para matar e morrer. Movia-se olhando os dois vampiros e se curvou numa medida cínica, desferindo o primeiro golpe em Ariel, que o recebeu com força e agilidade.

As espadas se cruzavam e o espaço entre eles era limitado, mas o suficiente para ferir e ser ferido. Ela arrancou sangue do rei e do favorito; durante alguns

minutos, pareceu que venceria o combate. Jan Kmam lutava e, por um momento, lembrou-se de quando ensinava Kara a lutar, e percebeu que Afrodite usava isso, suas lembranças. Ela só não sabia que ele conhecia suas falhas, de sorte que, assim que Jan a pegou com a guarda alta demais, feriu-a no peito, tirando-lhe sangue. Ela recuou e Ariel a espetou na coxa. A vampira gritou. Eles hesitavam, como se temessem ferir seu corpo ou matá-la. Eram apaixonados por ela, a visão de seu corpo ferido lhes causava horror.

–Ela não é Kara, mate-a! – gritou Ordália, exigindo o fim da inimiga.

–Eu poderia ter ficado com os dois se fosse duas vampiras. Mas posso providenciar isso.

Em seguida, Afrodite duplicou-se diante dos olhos de todos. Uma segunda vampira afastou-se do corpo da primeira e era exatamente igual a ela. Havia duas delas agora e ambas buscaram combate. Jan e Ariel lutavam de costas um para o outro, enfrentando as vampiras sendo uma criação de pura magia.

Marie observou o feitiço e tentou descobrir qual era a verdadeira. Não demorou muito para perceber que ela estava diante do rei. Afinal, tudo aquilo fora feito para que ele sofresse e caísse aos seus pés e aos de Derek. Afrodite não perderia o prazer de matá-lo pessoalmente. O favorito fora somente um joguete em suas mãos.

Num descuido, Jan Kmam foi ferido no ombro, mas não recuou; simplesmente avançou sobre a vampira, pronto a cortar-lhe a cabeça, mas sentiu algo repuxar seu peito. Um sussurro...

– Não me mate... Liberte meu corpo – era a voz de Kara.

Confuso, ele deteve seus golpes com movimentos vigorosos e empurrou Afrodite; por muito pouco, ela não foi ao chão, porém gritou, havia sangue sobre o ombro. Jan a fitava nos olhos que pareciam hipnotizá-lo. Destemido, atacou-a novamente, e dessa vez não errou. Puxou sobre si, evitando sua espada, e a perfurou no ventre. Ela gritou novamente e o arrepiou inteiro, desabando em seus braços num abraço mortal.

–Sinto muito, minha querida, eu não queria machucá-la... – murmurou Jan junto ao ouvido da vampira.

Ariel viu a vampira recuar quando sua cópia foi ferida. Ele soltou a espada e avançou sobre Afrodite com a adaga em punho. Marie viu a vampira sumir dos braços de Jan Kmam – era apenas uma imagem falsa, uma cópia; a verdadeira estava diante de Ariel e, quando ele cravou a adaga em seu peito, atingiu-lhe o coração.

–Não!

Bruce gritou, temendo a visão de Anne, que se realizava por inteiro naquele momento. O coração de Kara fraquejou, o corpo da vampira morria. Radamés e Marie avançaram juntos e empurraram Jan e Ariel ainda com a adaga em punho. Marie deteve o corpo da vampira no chão e juntos conjuraram a última parte do exorcismo, expulsando o espectro de Afrodite antes que o corpo de Kara morresse.

Jan Kmam esperava e, quando o corpo parou de estremecer e descansou no chão, ele se aproximou. Afrodite finalmente saía do corpo da campeã para não mais voltar. Ariel tocou o rosto da vampira e se afastou, deixando-a com Jan Kmam. Ariel Simon viu o espectro de Afrodite buscar uma fuga, mas não conseguiu; ela e Derek estavam cercados, e o Templo não permitiria que escapassem, não agora que se encontravam novamente sob o poder do Livro. Ele entregou a lâmina a Marie, estava pronto para deliberar. Afrodite os fitava com ódio, um ódio tão grande quanto o que Jan Kmam e o rei sentiam por terem perdido Kara.

O rei caminhou altivo ao lado de Radamés para perto do Livro. Havia grande tristeza dentro de sua alma. O que mais desejava era se aproximar do corpo de Kara e se despedir, mas estava ali novamente apenas sendo o rei, e não o vampiro. A vampira que amava morrera mais uma vez dentro de sua imortalidade, e ele continuaria vivo, sofrendo sua ausência. Ele tocou o Livro e passou suas páginas, sabia o que buscava. Deslizava a mão sobre as folhas e escrevia suas determinações com o Livro somente com a força de sua mente. Quando ele se afastou, Radamés proferiu suas determinações.

–A campeã do rei foi inocentada de seus crimes para com os Poderes, nada mais pesa contra ela, seu sacrifício falou mais alto que seus erros.

–Que tocante! Protegendo sua maldita campeã! – Afrodite rugiu indignada, ela e Derek estavam junto à parede encurralados.

–Os Anciões serão mantidos no Templo, com exceção de Derek, que deve ser punido por seus iguais. A sentença é a morte.

–Que assim seja – afirmou Ordália, pronta para executá-la.

–Às Anciões é dado o direito de executar o espectro de Afrodite, antiga herdeira do sangue do senhor da Ordem de Thot. Ela não será absorvida, será destruída para que nada reste nem nesse plano nem em próximas vidas. – Radamés a sentenciou e viu Ordália semicerrar os olhos, satisfeita.

–Não pode me destruir! O que será do Templo, do equilíbrio que mantemos?
– Derek tentava se defender.

—Mesmo que ele ruísse sobre minha cabeça, você seria executado — disse o rei, encarando-o. — Mil vidas você tivesse, mil vidas tiraria de você para que pagasse por sua traição.

—Maat vai me proteger — disse Derek, olhando ao seu redor, como se buscasse ajuda ou a deusa. Ela não apareceria, ele seria culpado.

—Não se iluda, Derek. Ela faria bem pior. Mas o direito de vingança aqui pertence aos Anciões, e não aos deuses. Você traiu seus iguais — disse Radamés, vendo os Anciões se reunirem à sua volta.

—Esperamos seu comando, majestade — disse Ordália, enquanto os Anciões cercavam Afrodite e Derek.

Os vampiros de carne e sangue se afastaram, temendo a ira daqueles seres feitos de matéria etérea e tanto ódio. Olhavam-nos com respeito e medo.

—Afastem-se! Eu sou seu rei, seu líder... Faça alguma coisa, Afrodite! Onde estão seus poderes?

—Fui sentenciada pelo Livro, ele me abandonou, eu os perdi — disse Afrodite, temendo os Anciões cada vez mais próximos.

—Você sempre buscou caminhar com os deuses, só esqueceu o quanto cruel eles podem ser. Jamais entendeu que deveria servir, e não ser servida — disse Ordália, erguendo sua espada.

—Piedade! Eu imploro.

—A mesma que deu a Frigia? — perguntou Thessália, segurando-a.

—Lute, Afrodite! — ordenou Derek, vendo-se contido pelos Anciões.

—Não posso impedi-los... Ariel, tenha piedade!

—Executem — Ariel falou, pondo um fim nas súplicas.

Os Anciões gritavam e cobriram ambos com seus corpos e mãos, rasgando-os, cortando-os, ferindo-os, destruindo seus espectros, até que eles parassem de gritar. Um último grito varreu o Templo e era de Afrodite. Quando eles se afastaram, os espectros de Derek e Afrodite haviam desaparecido como se fossem feitos de cinzas. Nada restara, eles se agruparam e continuaram esperando até que Ordália se pronunciou.

—Rei dos vampiros, sua sentença foi executada. Somos novamente dignos de vossa confiança e vosso respeito junto aos Poderes?

—Sim, rainha Ordália.

O Templo pareceu tremular e Maat apareceu vinda do nada. Os vampiros se curvaram, temendo enfrentá-la. A deusa caminhava suavemente. Estava calçada com sandálias de tiras, enfeitada com contas de ouro. O tecido de sua veste era fino e brilhava como se fosse feito das escamas de um peixe bastante luminoso. A pena em seus cabelos era um adorno e um instrumento de justiça e punição. Caminhou junto aos corpos com indiferença e, ao passar perto de Kara nos braços de Jan Kmam, que não ousou fitá-la, ela tocou a cabeça de Kara e Jan a olhou com admiração e respeito.

—Eu a conheço. Ela já me jurou fidelidade, deu-me sua própria vida por amor. Para vingar seu amante morto pelos Anciões, deuses com sede de sangue mortal. Foi uma grande guerreira — disse a deusa, e em seguida fitou Ordália, conhecendo seus crimes.

—Sua alma se foi? — murmurou Jan.

—Sim, se foi, mas sempre o rodeará como um manto de amor.

A deusa se afastou e se aproximou de Radamés, vendo-o curvar-se à sua presença.

— O Livro que criaste está puro novamente, mas o equilíbrio ainda não existe. Ordália está sozinha e não poderá controlar o Livro. Teu rei precisa ter controle sobre os Poderes.

—O que devemos fazer, Maat? — perguntou Radamés, observando-a olhar o rei com atenção e carinho.

—Um dentre vós deve assumir o lugar do Ancião destruído. A exigência fez os vampiros se entreolharem e esperarem.

—Assumirei o lugar de Derek — Jan Kmam se pronunciou, ainda segurando Kara nos braços.

—Belo, forte, puro, sangue dos antigos. Seria perfeito, mas Ordália precisa de alguém com o coração com menos dor e tristeza. Além disso, você tem muito que viver em sua imortalidade. — Maat não o aceitou e com grandes motivos.

—Aceitaria um Lorde? — perguntou Romano, pronto a se sacrificar.

—Vejo que o rei está cercado de grandes e valorosos vampiros. Mas o que Ordália e o Templo precisam é de um vampiro com o sangue vindo de Radamés. Aproxime-se, Lorde Otávio, o lugar lhe pertence — disse Maat, fitando o vampiro. Otávio se aproximou sem medo e segurou a mão da deusa, que estava estendida. Podia sentir sua aura de poder envolvendo-o.

—É o mais indicado; todavia, terá de vir porque assim o deseja. Não posso forçá-lo a fazer parte do equilíbrio.

–O Templo não pode exigir tanto – afirmou o rei.

–Ariel, meu irmão, está tudo bem. Não vou morrer, vou servir aos Poderes, estarei bem. – Otávio resumiu e parecia realmente à vontade com a escolha feita.

–Não há volta, Otávio. Uma vez dentro do Templo, abdicará até mesmo de seu corpo. Alimentar-se-á do Livro e viverá dentro dele com os Anciões. O mundo dos mortais lhe será proibido para sempre. – Radamés o avisou.

–Eu sei. Uma vez dentro do Templo, serei parte dele para sempre. Não há mais nada para mim no mundo mortal. Vivi tudo que me foi possível e me sinto seguro da minha decisão. Não há temor nem arrependimento. Desejo apenas me despedir de todos.

Otávio abraçou o irmão por longos minutos e, por fim, beijou seu rosto.

–Finalmente conseguiu um modo de me vigiar e proteger, não é mesmo? – comentou Ariel, pois Otávio seria muito poderoso.

–Alguém precisa cuidar de você. Eu farei isso, acredite-me – completou Otávio. Jan Kmam abraçou o antigo criador e beijou seu rosto com muito carinho.

–Sentiremos sua falta, olhe por nós – pediu Jan.

– Sempre.

O vampiro se despediu de todos e, quando se sentiu pronto, segurou novamente a mão da deusa e a seguiu até o cone de luz. Depois, ergueu a mão num último adeus e entrou no receptáculo. Juntos, foram tomados pela luz, que se tornou tão intensa a ponto de quase cegar. Aos poucos, ela voltou ao normal e, quando Otávio reapareceu, estava sozinho. Ele agora não possuía mais corpo, era um espectro como os Anciões. Em sua testa, um fio de ouro como adorno, as vestes eram preparadas em linho, couro e pedras. O corpo forte e másculo estava valorizado pelo saiote e um manto que lhe cobria o peito nu. Ordália se aproximou e se curvou diante dele. Olhou-o com admiração e parecia seduzida por Otávio. Ela estendeu a mão e ficaram próximos aos outros Anciões.

Os vampiros o olharam com admiração e perceberam que era Otávio, mas ele parecia estranhamente mais forte e bonito que antes. Agora, ele era um dos Anciões e, como tal, tinha poderes e deveres diante do rei. O Livro retornara ao mundo mortal, e o Templo estava novamente em equilíbrio.

Capítulo 37 – O Fim

O Templo da Esfinge estava mergulhado em silêncio; havia lágrimas, mas elas não ousavam ser derramadas. A esperança se mantinha forte dentro do coração dos vencedores. Fazia algum tempo que os Anciões haviam se retirado do salão. Eles olhavam a cena sem nenhuma expressão definida, sem nada dizer. A única que pareceu sentir algo foi Ordália. Antes de sair, ela olhou a vampira com pesar disfarçado e seguiu Otávio. Nada mais restava a ser dito ou feito.

Horas atrás, o salão principal do Templo havia sido palco de uma disputa de poder antiga, que ceifou a vida de vários vampiros e destruiu um pouco mais do sangue antigo. A luta ali travada em nome do poder deixou marcas profundas que nem mesmo mil anos poderiam apagar da mente dos vencedores. Dentro do coração dos que sobreviveram, existia a certeza da vitória, mas não havia alegria pelo fim da contenda. Tudo que restou foi a tristeza e uma estranha ausência, como se houvessem perdido um pedaço de si mesmos.

No chão, lanças e espadas, sangue e corpos decapitados, sinais de uma luta feroz. A tênue luz que os iluminava vinha do cone no centro da câmara. Os sarcófagos estavam intocados. Estar ali era como penetrar no mais antigo de si mesmo, na origem do sangue imortal que corria nas veias do rei dos vampiros, de seu favorito e da campeã.

Não muito longe do cone de luz, Jan Kmam jazia sentado no chão. Ele segurava Kara nos braços. Aconchegada a ele, a vampira tinha os olhos fechados, a mão sobre o peito; a seu lado, sua espada. O vampiro acariciava seus cabelos negros com carinho. Os olhos azuis fitavam a face plácida com melancolia, ele admirava os lábios carnudos onde tantas vezes afogou seu desejo. Neles a delicadeza das pétalas de uma rosa, o sabor doce da própria ambrosia. Tendo-a sob essa observação minuciosa, confirmou que ela possuía muito mais de deusa que de vampira.

O rei dos vampiros não estava longe, a luz suave o tocava no fim do círculo de Lua e o deixava tão spectral quanto Jan ou Kara no chão. Ele apenas fitava a adoração do vampiro, em vigília silenciosa. Segurava sua espada ao lado do corpo e somente aguardava que algo mudasse, vasculhava sua mente em busca de uma resposta que pudesse mudar o que havia feito em nome do amor.

O Livro estava mudo, a resposta que buscava estava além do seu conhecimento. O corpo da vampira estava inerte há várias horas, mas nenhum dos dois vampiros disse uma palavra ou fez um gesto que fosse para abandoná-la ou

acreditá-la morta. Jan Kmam e Ariel não davam mostras de pretender deixar o Templo ou abandonar seu corpo.

Sobre o corselet da vampira e na camisa branca, a mancha de sangue havia secado. O corte da adaga sobre seu peito não mais sangrava. O coração havia parado de bater, ela não dava mostras de consciência, realmente parecia dormir. Havia sobre os lábios um tom rosado...

Jan Kmam levantou do chão como se quisesse tomar uma atitude, fazer algo. A vampira estava em seus braços, ele olhou o modo como sua cabeça despencou para trás, os braços sem força. Fitou Ariel a distância, como se o chamasse. O rei compreendeu e passou à frente para mostrar-lhe o caminho a seguir além do salão.

Eles buscavam a câmara que Radamés habitou enquanto ali viveu. À medida que caminhavam pelo corredor, perceberam o olhar dos Anciões sobre si. Ficaram à porta de suas câmaras para olhar aquela marcha silenciosa. O rei parou diante da entrada e afastou a velha cortina para que Jan entrasse.

Ariel Simon entrou logo depois dele e fitou o local com certa melancolia. Tudo jazia abandonado, os objetos intocados há séculos. Reconhecia os pergaminhos, as vestes e os mantos que Radamés usava quando ali habitava. Havia, no teto, uma pintura meticulosa, um mapa astrológico com símbolos e estrelas, linhas. Abaixo dele, a plataforma onde o vampiro repousava. Ariel puxou o manto roto que cobria a pedra lisa e limpa, e Jan se aproximou da plataforma, depositando ali o corpo de Kara. Cuidadoso, ele a ajeitou suas pernas, as roupas, colocando-a numa posição cômoda. O rei, tentando participar, trouxe o apoio de cabeça feito em linho que Radamés usava para dormir. Logo a vampira parecia repousar com as mãos sobre o corpo, os cabelos emoldurando a face pálida e bela.

Kara era a imagem de um estranho conto de fadas, uma princesa em trajes de guerreira, de tez alva e cabelos negros, lábios rosados – sim, continuavam rosados como se houvesse acabado de sorver sangue. Ela estava mergulhada num sono do qual não voltaria. Sua alma estava perdida para sempre. Jan sabia que nada poderia ser feito, mas esperava por um milagre. Ali, deitada e plácida, parecia esperar o beijo do príncipe encantado para despertar das trevas onde sua alma fora lançada. Era uma princesa em seu derradeiro lugar de repouso, que contava com dois reis para despertá-la.

Jan Kmam ergueu a vista e olhou Radamés. Ele parecia tão poderoso e belo, cheirava à vida, como se viesse do Sol, de tão luminoso. O manto branco bordado em prata, a túnica curta. O vampiro se sentiu sujo e faminto diante de sua amante. Parecia despertar de sua dor. Bruce estava dormindo, era dia além do Templo.

—O que deseja, que saia do Templo e a leve comigo? Basta dizer, afinal essa é sua câmara, não é mesmo? — Jan o questionou, aborrecido.

—Não vivo mais no Templo. É muito solitário quando não se tem uma companhia. Os Anciões têm uns aos outros, e são felizes. Mas, para mim, sempre foi muito solitário.

—Quer que sinta pena de você? — perguntou Jan, mordaz.

Radamés não levaria em consideração suas palavras. Conhecia sua dor, estava ali para ajudá-lo. Ele não podia se deixar ficar mais uma noite dentro do Templo. Se ficasse, ele mudaria e seria impossível sair, mesmo não tendo ficado cinco noites. Os Anciões não o perturbariam; na verdade, o deixariam ficar o tempo que desejasse. O único problema é que ele morreria, perderia sua imortalidade dentro de mais três noites. O corpo de Kara permanecia na mesma posição e do mesmo modo, não havia decomposição de nenhum tipo, não dentro do Templo. Talvez, se seu corpo estivesse do lado de fora, ela já houvesse demonstrado algum sinal de falência física. Mas ali estava linda e morta, como uma escultura de mármore.

O rei teve de voltar ao mundo mortal, e foi a contragosto, Radamés o convenceu de que precisava se mostrar vitorioso e exibir o Livro. O *château* havia sido atacado; contudo, os revoltosos foram mortos. Manolo e Petrus e mais um grupo de vampiros e lobisomens, contando com a vitória de Derek e Afrodite dentro do Templo, ousaram invadir o *château*. E, por algumas horas, eles conseguiram lutar. Mas, quando os vampiros liderados por Ângelus chegaram, eles foram dizimados. A maioria dos vampiros ficou bastante surpresa ao ver Consuelo lutar ao lado de Ângelus em defesa do rei. A invasão foi contida e os que ficaram vivos, executados assim que o rei chegou.

O mundo vampírico voltava lentamente ao normal, o *château* ainda estava em alerta, recuperando-se de alguns estragos, mas tudo ficaria bem, menos o vazio no coração do rei. Uma noite depois, ele voltou ao Templo e tentou convencer Jan Kmam a deixar Kara, mas ele pareceu não ouvir suas palavras. Apenas continuou sentado ao lado da amante, esperando por um milagre.

Bruce permaneceu deitado no túmulo ao lado e tentava, certamente, tirá-lo do Templo, mesmo se arriscando a ficar preso com ele.

—Ninguém sente nada por mim há muito tempo, exceto Kara. Provavelmente, ela era a única. Quando estive preso na Caixa, ficamos amigos. Ela tem um dos sorrisos mais doces que já ouvi. Jamais consegui resistir à sua gargalhada...

—E veja como retribuiu: ela defendeu Frigia, os Poderes e seu maldito Livro. E você não foi capaz de salvá-la!

Jan estava rancoroso e sua energia era realmente perigosa. Seus olhos se encontravam dilatados, os caninos à mostra. Não parecia ter buscado alimento. Estava bastante pálido.

—Kara sempre soube do seu destino; ela tentava negar, mas sempre soube. Jamais duvidei da sua capacidade, da herança de seu sangue. Durante o exorcismo, ela descobriu muito sobre seu passado, apesar de sentir medo de perder você, favorito.

—O tempo é o melhor professor nessas horas. Nada que um mestre diga vai mudar o que um jovem vampiro sente quando realmente começa a mudar: seus poderes e sua força — argumentou Jan, seguro.

—Ela temia o futuro sem você. Tornou-se a campeã do rei, venceu uma guerra e conquistou o respeito até mesmo de seus inimigos, mas, mesmo assim, duvidava de si mesma. E sabe por quê? Porque você não estava a seu lado.

—Sempre tentei estar ao lado dela para protegê-la, mas invariavelmente falhei — disse Jan, amargurado.

—Kara sempre precisou um pouco mais que amor. Você criou uma das vampiras mais poderosas de nosso tempo e sequer soube respeitá-la, vê-la como igual — disse Radamés, sem pena.

—Fui além das minhas forças para protegê-la — argumentou Jan, sentindo-se bem pior do que já estava.

—Sim, fez. Arrastou-a para o Jardim tentando protegê-la e a expôs a Afrodite. Logo depois a abandonou, influenciado por Ordália e doente de ciúmes do rei.

—O que veio fazer aqui? Me julgar? — questionou Jan, tentando se defender das acusações de Radamés. — Kara arriscara sua vida como campeã.

—Eu os avisei sobre o Jardim, mas você e Ariel a disputavam, não conseguiam ver um palmo adiante do nariz. Vocês a expuseram e sequer pensaram nas consequências.

—Não é verdade! Eu tentava protegê-la do rei. Hoje, sei que foi um grande erro. Ela sempre foi capaz de fazê-lo sozinha. Além do mais, ela escolheu ser amante dele. Pare de me acusar — afirmou Jan Kmam, mais lúcido.

—Você dois erraram, e Ariel já ouviu o que era preciso. Agora é sua vez, favorito — revelou Radamés, sem pena.

—Não é verdade. Fui para o Jardim porque não suportava mais sua tristeza — gritou Jan, incomodado com as palavras de Radamés. — Mas, se veio me punir, faça-o de uma vez. A morte é melhor do que viver sem Kara — disse Jan, exasperado.

—Não sou seu carrasco. Vim dar a Kara um funeral decente. Chega de lamentar, precisa sair do Templo e seguir em frente.

—Quando a immortalizei não lhe neguei nenhuma gota de meu sangue. Não me acuse sem conhecer a verdade. Ela estava feliz... Sei que Kara só aceitou trazer Afrodite para nosso plano porque ela jurou me trazer de volta. — Jan confessou sua dor.

—Preso numa gaiola como um pássaro raro? Sem poder ser a vampira que morreu para se tornar?

—Tentei ser um bom mestre... — Jan disse, sofrendo. — Eu via seus poderes crescendo a cada noite, podia sentir seu medo. Era tão mortal ainda, seu coração a denunciava cruelmente. Mesmo no seu primeiro ano de vida imortal, ela podia ler mentes, saltar, quase voar. Era tão forte, seduzia somente com um sorriso... E essa maldita aura de poder atraía outros vampiros. Eu os afastei e matei...

—Eu sei quantos matou para que não se aproximassem dela.

—Então, por que nunca fui punido? — perguntou Jan Kmam, realmente curioso.

—Ela precisava ser protegida. Você a defendeu bem dos que buscavam somente usá-la como arma contra o rei e até mesmo você. Seu erro foi acreditar que poderia prendê-la. Kara só queria amor e liberdade, nada mais. Mesmo quando era mortal, ela ansiava por isso. Contudo, você apareceu e lhe mostrou como voar e, quando ela aprendeu, você quis cortar suas asas.

—Por que está me torturando quando perdi um pedaço de mim mesmo? — Jan inquiriu ferido.

—O que faria se soubesse que ela poderia voltar, mas morreria se ficasse ao seu lado?

—Eu a deixaria viver sem minha presença. — respondeu Jan, sem hesitar.

—Kara já cumpriu sua missão junto aos Poderes.

—Somos amaldiçoados? Responda-me? — Vendo o olhar misterioso de Radamés, ele insistiu, postando-se diante dele. — O que fizemos de errado? Por que não conseguimos ficar juntos?

—Nada muito sério, só condenaram os reis vampiros ao Templo pela eternidade. Contudo, você precisa conhecer o passado para aceitar o presente e compreender o futuro.

Radamés falou com um riso gaiato na face e tocou a cabeça de Jan Kmam para fazê-lo ver o passado e encontrar suas respostas. O vampiro sentiu o corpo

ficar hirto e seus olhos foram tomados por visões. Ele se segurou na plataforma de pedra e se viu ao lado dos Anciões quando dominavam o mundo e as tribos primitivas. Ele era um de seus favoritos, filho do sangue de Ordália, mas, ao ver a guerreira mortal, ele se apaixonou. Os dois mundos se tocaram, mas não podiam viver juntos: apesar de ele poder andar à luz do dia, bebia sangue e era o inimigo. Assistiu à própria morte e viu a guerreira jurar vingança. Uma vingança que custou sua vida. Eles se amaldiçoaram por amor. O modo como se amaram por todas as vidas. Mesmo antes de serem Valéria e Jan Kmam. Desde então, se buscavam, sem jamais conseguir, ficar juntos. Radamés recuou, libertando Jan Kmam das visões com a certeza de que eles pagaram um preço muito alto.

O vampiro segurou sua mão e chorou por eles, por um amor infeliz, que parecia fadado a nunca se realizar plenamente.

—Kara está sempre voltando e esperando completar o que não pode ser completado, a vida. Viver é fazer o seu melhor, sabendo que a morte virá, não importando se é imortal ou não. Cada dia e noite valem eternamente para o hoje, não para o amanhã.

—Estou vivo há mais de 400 anos, por que ela não tem o mesmo direito?

—Ela precisava tocar os Poderes, mudá-los, tornar o rei mais forte, ensiná-los a amá-la com liberdade. A única coisa que a fazia voltar e partir era o amor que sentia por você. Nada mais.

—O que devo fazer? — perguntou Jan, compreendendo as palavras de Radamés.

—Deixe-a partir com dignidade. Dê a ela a paz que sempre buscou em seus braços e jamais encontrou. — Radamés tocou a mão de Jan Kmam sobre a da vampira e percebeu o quanto ele sofria. — Eu sabia que compreenderia. Agora, deixe-a partir e siga sua vida imortal como ela gostaria que você fizesse, sem medo ou pesar.

Capítulo 38 – O Despertar da Vampira

Bruce acordou, a noite havia chegado. Ele viu Jan Kmam de pé, ao lado do corpo de Kara. A câmara cheirava a incenso e a ervas. Radamés havia acendido mais uma pira e parecia fazer o funeral da vampira. Jan Kmam estava vestido completamente de negro. O traje de tuaregue caía-lhe bem; o favorito estava limpo e parecia até mesmo ter se alimentado. Estava lúcido e muito plácido. Parecia pronto para partir. Radamés fez inscrições sobre a plataforma onde o corpo de Kara jazia adormecido, coberto com um manto.

Falava em egípcio, num tom muito baixo, e parecia conjurar um encantamento. Quando terminou, permitiu que se aproximasse para se despedir. O vampiro descobriu-a, tirou o relicário do pescoço e o colocou em volta do pescoço da amante. Beijou-a nos lábios, na testa, e se afastou reverente.

Só então viu o rei. Ariel Simon estava à porta, observando em silêncio os preparativos. Jan o olhou pacificamente e, com um gesto, convidou-o a entrar para que se despedissem. Ele havia trazido rosas vermelhas e brancas.

–Achei que ela iria gostar... – disse Ariel, e depositou o vaso com as rosas próximo à plataforma onde ela estava.

–Sim, muito. Eram suas preferidas.

Bruce se aproximou de ambos e os abraçou. Radamés a cobriu com manto e lançou um último punhado de ervas na pira. Era possível entrever sua face plácida e bela.

–Adeus, minha bela guerreira. Seja livre... – Jan murmurou e saiu da câmara. Ariel Simon lançou um último olhar para o corpo da vampira e também saiu seguido por Bruce e Radamés. Caminhavam pelo corredor lentamente, Jan Kmam estava mudo.

Dentro da câmara, o ar se moveu, a fumaça parecia viva e envolveu o corpo da vampira. O relicário sobre sua pele começou a tremer. O lugar se encheu de sussurros e, quando a joia se abriu, um pequeno ponto de luz brilhou e flutuou livre no ar. Uma borboleta feita de luz branca pairava sobre seu rosto, e logo mais uma apareceu vinda do relicário, como se ele fosse a porta de uma outra dimensão. O corpo da vampira ficou coberto por milhares delas e a luz crescia. Quando todas estavam livres, pousaram sobre ele.

A luz cresceu dentro da câmara e tudo em volta tremeu. Os sussurros aumentaram – estava claro que algo acontecia. Os vampiros voltaram do corredor e

viram a luz envolvendo o corpo, fazendo-o flutuar solto no espaço. Uma luz que os envolveu grandiosa, fazendo-os cobrir os olhos, para depois sumir.

Jan Kmam pôde ouvir um gemido baixo e, por fim, Kara buscando ar nos pulmões. Ela tossia, estava sentada sobre a plataforma e apoiada nos braços. Ariel sorriu emocionado e se aproximou com Bruce. Tocaram seu rosto e Bruce sorriu ao ver seus cachos pendendo sobre sua face. Kara estava de volta. O corte sobre o peito havia sumido como os outros ferimentos.

Ariel Simon viu o relicário pendendo em seu pescoço e percebeu que atrás dele havia em relevo o desenho de uma borboleta. Então foi ali que sua alma se escondera. Quando a mortal morreu, Kara buscou abrigo dentro do símbolo do amor que a unia a Jan Kmam. O rei percebeu que o vampiro não havia se aproximado. Estava dentro da câmara e a olhava muito feliz, mas se continha.

Tudo que Jan mais desejava era ir até a vampira, tomá-la em seus braços e beijá-la. Mas as palavras de Radamés estavam em sua cabeça.

“–O que faria se soubesse que ela poderia voltar, mas morreria se ficasse ao seu lado?”

“–Eu a deixaria viver sem minha presença”.

O vampiro entendeu o pedido de Radamés e não mudaria o que havia falado. Ele não tinha certeza, mas acreditou ser possível, e o milagre que tanto esperou aconteceu. Kara merecia viver. Ela era imortal e precisava sentir isso como um dom, não como uma sentença.

Kara foi abraçada por Ariel e depois por Bruce, mas estava bastante confusa e agiu de impulso.

–Afastem-se!

A vampira puxou a espada e recuou, tentando se defender. Os vampiros retrocederam, ela olhou o vampiro alto e de olhos azuis à porta da câmara e o achou familiar, mas não lembrava seu nome. Fitou as rosas e reconheceu Radamés, e depois Bruce; olhou o vampiro de cabelos ruivos e o temeu.

–O que está havendo?

–Acalme-se, Kara, vai ficar tudo bem – afirmou Ariel, temendo por sua vida e lucidez.

–Quem é você? – questionou Kara, olhando o rei com indiferença.

–Sou Ariel Simon, o rei dos vampiros – disse ele, e tentou tocá-la.

–Fique longe – avisou ela, apontando-lhe a espada.

–Kara, está tudo bem. Por que não desce da plataforma e saímos do Templo?

—Bruce... — disse Kara, lembrando-se do vampiro.

—Sim, eu mesmo. Agora baixe as armas, a guerra já acabou.

—Tudo vai ficar bem, Kara. Você está de volta e livre — disse Radamés, e fitou Jan Kmam esperando sua reação.

A vampira baixou a espada e aceitou o convite para descer da plataforma. O rei a olhou com tristeza e preocupação, e percebeu que ela não buscou seu criador. Sequer falou seu nome, parecia tê-lo esquecido. Jan Kmam vendo-a bem e próxima a Bruce, partiu; não havia mais nada que pudesse fazer ali. Ele saiu pelo corredor e não parou.

—Quem era aquele vampiro? Por que me olhava com tanta tristeza?

—Ele é o favorito do rei, você não se lembra dele? — disse Radamés, observando suas reações.

—Não.

Pôde ouvir Bruce chamando-o, mas não parou, simplesmente continuou correndo para o mais longe que poderia. Quando chegou ao salão dos sarcófagos, tomou o rumo dos túneis. Continuou andando no escuro. Podia sentir o cheiro da noite, o vento frio do deserto. Quando suas botas tocaram a areia, ele parou. Fitou o Templo por alguns minutos, secou suas lágrimas, cobrindo o rosto com a faixa do turbante, e partiu sem rumo certo.

Capítulo 39 – A Rainha dos Vampiros

Quatro Anos Depois

Darden, o senhor dos lobos, cruzou os corredores rumo à sala onde seria recebido pelo rei dos vampiros. Seu passo era firme e seguido por sua bengala. Não que atualmente precisasse dela para se apoiar. O hábito a mantinha entre seus dedos. Por protocolo foi acompanhado por dois de seus homens, mas a visita era social e nada formal. Ele e Ariel sempre mantiveram laços de amizade. Independentemente de serem de espécies diferentes, no passado, a vida fez seus caminhos se cruzarem. Quando o Pacto foi desfeito lutaram separadamente para refazê-lo. Nos últimos anos Darden parecia ter rejuvenescido. Os boatos eram que havia bebido da Ânfora. Era seu direito. Foi uma escolha difícil, mas acertada. Iago, seu filho e herdeiro tinha força e poder, porém, a liderança ainda residia nas mãos de seu pai.

Sempre fora bonito, trazer no sangue a maldição da lua, o que lhe concedia magnetismo, lapidava traços. A última vez que Togo o vira ele parecia decrepito, doente. As características do lobo estavam ressaltadas, a natureza selvagem parecia saltar aos olhos como se fosse mais fera que homem. Dava passos largos em direção à morte. Transformar-se-ia em lobo pela última vez e morreria como tal. Algo mudou, mas o quê? Perguntou-se Togo, líder da Ordem dos Pacificadores, a sua frente e o conduzindo aos aposentos onde o rei o receberia.

O homem lobo cruzando aquele corredor era tão belo quanto seu filho Iago. Seu poder certamente atravessaria mais mil anos. Os cabelos negros e longos estavam soltos sobre os ombros, e os olhos castanhos claros pareciam absorver a luz do ambiente. Como de costume trajava negro. O terno era de alfaiataria e o corte perfeito ressaltava o corpo cheio de músculos bem definidos. O casaco era pesado e elegante. Na mão direita o anel em ouro branco exibia seu título de nobreza. Aqueles que cruzavam com ele, mesmo não sendo de sua espécie curvavam-se diante de sua majestade. Definitivamente, uma questão de etiqueta com a espécie mais próxima a sua. Quando o Senhor dos Lobos anunciou a visita ao rei dos vampiros, Togo fez tudo para que ela ocorresse bem depressa. Ariel precisava de mudanças positivas. Darden foi recebido no *château* com toda a deferência que sua posição merecia. Acompanhantes e guardas foram deixados para trás e os dois senhores ficaram a sós na biblioteca. O rei o

abraçou carinhosamente e recebeu a mesma acolhida. Sorriam mutuamente, estavam felizes, e por que não? Havia Paz finalmente. Apesar de todo o protocolo a visita era informal e particular. Dois reis conversando.

– Soube que havia retornado a Paris então resolvi visitá-lo.

Darden iniciou a conversa assim que se acomodou em uma das confortáveis poltronas.

O rei bebia vinho e sangue, Darden saboreava uma dose de conhaque. Ariel e ele tinham na adega algumas raridades. E em encontros como aquele era obrigatório que abrissem algo especial.

– Precisava me afastar um pouco do *château*, alguns assuntos me levaram para Romênia. Aproveitei para ficar um pouco mais de tempo.

– Encontrou com o Conde? – o senhor dos lobos perguntou um tanto risonho e curioso.

– Sim, fui bem recebido como de costume. – o rei sorriu. – Sabe, apesar da fama, ele é um bom anfitrião, e ainda vive em um castelo. Como deve saber ele foi perdoado séculos atrás por causar tanto estardalhaço. – Ariel fez uma pausa. – Afinal, não foi o único a provocar histeria, falatório e livros impressos sobre nossa espécie.

O próximo assunto deixou o rei tenso e Darden entendeu o motivo, Corintos. O vidente que tocado pela imortalidade passou a ver o passado e o futuro dos imortais.

– Corintos finalmente deixou a veste imortal. Você foi avisado oficialmente assim como a *Ouroboros*.

Darden assentiu e viu o rei prosseguir.

– O exílio dele chegou ao fim.

– Como ocorreu?

– Um ano atrás entrou em sono profundo. Não como qualquer outro vampiro que se refaz. Ele abandonou o corpo, que não se manteve e apodreceu como qualquer outra casca humana. O sangue imortal de Miranda, sua mestra, não o manteve.

– Jamais intendi o que moveu Miranda. – disse pensativo. – Tocar um iluminado, torná-lo imortal. Mantê-lo como oráculo pessoal. Pior levá-lo diante da *Ouroboros*. Sabe, já se passaram muitos séculos, mas ainda sinto o peso das malditas previsões dele. – confessou Darden pensativo.

– Eram os tempos de Detrich e tudo era permitido, não esqueça disso. – o rei o lembrou. – Seus restos foram queimados e suas cinzas lançadas ao vento. Eu mesmo me ocupei da tarefa. E agora que ele não é mais uma porta de entrada para os Anciões em nosso mundo, posso lhe revelar algumas verdades. – falou Ariel fazendo Darden o olhar interessado.

– É, hoje parece uma noite para revelações. – falou o lobo de modo misterioso.

– Corintos nunca gostou de prever o futuro. Era sua maldição. Viver eternamente com tal dom era a morte. Mas quando Miranda apareceu e lhe ofereceu silenciar seu dom, ele aceitou. Claro, ela mentiu. O poder em seu sangue imortal, só potencializou seu dom. O espírito que lhe soprava as mensagens era Quirino, um dos Anciões. Ele o usava para profetizar o destino de muitos.

– O oráculo da desgraça e da intriga, como você costumava dizer, Ariel. – comentou olhando nos olhos.

– Corintos enquanto mortal jamais foi perigoso, quando imortal nem tanto. Todavia, profetizar o fim dos Poderes, da *Ouroboros* foi o que fez dele um problema.

– Foram dias bem mais sombrios do que estávamos acostumados, Ariel.

– Sim, muito. Lamento por tudo que perdeu. – disse com consideração ao amigo. – No exílio ele perdeu a utilidade para Quirino, Miranda foi executada. E a lei permanece. É proibido tocar adivinhos, médiuns, bruxas.

– É um alívio saber que não temos mais suas visões. Aquele lá nos deu muito trabalho. – semicerrou os olhos e sorveu mais um gole de conhaque.

– Uma vítima. Miranda, aquela cretina, só o amaldiçoou uma segunda vez ao dar-lhe o dom da imortalidade. Estamos livres de suas malditas visões. – disse o rei servindo-se de mais um gole do vinho batizado.

– Foram os anciões. – afirmou Darden com segurança.

– Nenhum deles se manifestou, mas acredito que a iniciativa tenha partido deles em libertá-lo do corpo imortal.

– Foi algo muito conveniente, não acha?

– Sim, foi. Não podia executá-lo, só lidar com o fardo. Mas do que desconfia, caro amigo? – disse Ariel entendendo para onde as palavras de Darden os levavam.

– De tudo, os Anciões são muito perigosos. Mesmo vivendo em regime fechado. – o lobo sorriu pensativo. – Por que só agora, tanto séculos depois?

– Me fiz essa mesma pergunta. Mas não obtive nenhuma resposta.

Um minuto de silêncio os envolveu, nenhum dos dois ousou fazer nenhum comentário. Mas a suspeita pairava em suas mentes. Afinal, nada

que vinha dos Poderes, ou da *Ouroboros* era completamente confiável. As implicações estavam sempre inclusas.

– E como você está? Soube que sua campeã foi emancipada. E voltou para seu mestre depois de três anos vivendo na corte. – quis saber mudando completamente o assunto. Enquanto lançava um olhar atento para o amigo.

A pergunta tocou o rei, que suspirou de modo cansado. Ele sorveu o sangue de seu cálice e quando falou demonstrou toda sua “alegria”.

– Estou bem. E sim, ela se foi. E eu como de costume, continuo vivo e sozinho. – reclamou suavemente. Ariel não queria revolver o passado. Mas ele insistentemente batia a sua porta. – Você é que é feliz, sempre pode escolher. – olhou o amigo. – Vejo que bebeste da Ânfora novamente.

O senhor dos Lobos respirou fundo e deslizou os dedos pelo cálice de cristal onde o líquido da cor de âmbar repousava. Estava pensativo.

– Nem sempre podemos escolher. – lançou um olhar triste ao amigo. – Tu carregas um fardo pesado, mas também tenho o meu. – começou em tom de confissão. – Meu filho não está pronto para assumir os deveres da Alcateia. Para ser sincero não sei quando estará. A morte estava perto demais. Acredite-me, não foi uma decisão fácil. Estava pronto para partir.

O rei dos vampiros olhou o rosto sério e pensativo do amigo e compreendeu o peso da decisão que fora tomada. Para muitos o gesto certamente pareceu egoísta, já que estava no poder a tantos séculos. No fim, foi uma decisão pela sobrevivência de todos. Ambos lutavam dia e noite para manter suas cabeças, sua espécie unida, protegida, longe dos olhos dos mortais. Contendo revoltas, rivalidades, infestações. Eram guardiões imortais com mais deveres que direitos.

– Bom saber que continuarei contando com sua presença e amizade. Sua morte me causaria muita dor. – confessou o rei.

– Assim como a sua me causou. – o lembrou.

– Nunca morremos verdadeiramente, não é mesmo? – A verdade Darden é que o mundo ainda precisa de nossa liderança. Mas ajudá-lo tem um preço. Sua família o ajuda a atravessar esses dias. Eu infelizmente estou só. – foi uma revelação mais distraída que lamentosa.

– Soube de Otávio.

– Ele está bem, mas sinto falta dele aqui, ao alcance de um abraço. – pensou alto. E sacudindo a tristeza falou – Mas o que posso fazer para ajudá-lo?

– Infelizmente, nada. Nem mesmo eu sei o que possa fazer por Iago. Pai dedicado, filho amoroso e fiel. Mas no seu peito existe um grande

vazio. Algo que o faz manter-se ao meu lado como meu fiel conselheiro, mas nunca o senhor dos lobos.

– Sobre Iago, o momento chegará, como chegou para nós. Lembra-te quando era apenas um lobo, sem o peso das responsabilidades? Só com a lua a te governar? Tendo qualquer loba que desejasse?

– Isso foi a quase cinco mil anos. – disse o lobo, que sorriu e se serviu de mais uma dose de conhaque. E começou a falar de sua adolescência, a floresta onde viveu e caçou.

Ariel ouvia com os olhos semicerrados e sorrindo das aventuras e segredos que o amigo lhe revelava. Do lado de fora da porta, na antecâmara, seus acompanhantes jaziam em silencio e ouviam as gargalhadas com curiosidade e admiração contida.

– Vamos Ariel, tua vez. Ainda sou seu amigo e posso ouvi-lo.

O senhor dos lobos falou e tocou a mão do rei em sinal de camaradagem. Ariel se deixou vencer pensativo.

– Estou tentando reaprender a conviver com minha solidão. Acreditei que soubesse. Mas depois de quatro anos amando uma vampira que jamais me amará completamente. É difícil ficar só novamente. – foi uma conjectura pesarosa.

– Compreendo sua dor. Perder Joyce marcou Iago profundamente. Artur e Alexia se tornaram sua alegria e força. – revelou Darden falando dos netos.

– Sinto muito pela dor dele, Joyce era uma grande guerreira, fez muito para que o Pacto se mantivesse. – comentou Ariel.

– O que o entristece?

– Kara, a amo profundamente. – Ariel contou a Darden o suficiente para que ele compreendesse o problema, e o motivo de sua melancolia. E ao fim o viu o olhar com uma expressão misteriosa. – Não quero fazê-los sofrer quando a tomar como rainha daqui a alguns anos.

– Ela não será sua rainha, Ariel. – afirmou Darden e o fitou com muita segurança.

– Kara será rainha, seus poderes, sua força, ela não pode fugir disso. – ele afirmou com segurança, afinal a vampira agora era sua prometida.

– Não pode haver duas rainhas. – insistiu Darden e o fitou nos olhos.

– Do que está falando? – a curiosidade, e a desconfiança falaram mais alto que o entusiasmo.

– Vim aqui nos libertar, Ariel. – ele estava cuidadoso. – Acredite-me, foi difícil guardar este segredo. Mas eu havia prometido a Radamés que o

faria, e o fiz. – parou e completou. – Por várias vezes desejei revelar a verdade, mas se quebrasse meu voto seria amaldiçoado.

– Quer me enlouquecer, Darden? Fale de uma vez. – Ariel exigiu com a intimidade que lhes era permitida.

– Fui o guardião de sua rainha por alguns anos.

– Como? – Ariel arregalou os olhos e esperou por mais.

– Você tem uma rainha, Ariel. – ele o viu se erguer e depois sentar na poltrona. – Radamés sabia que deveria preparar o caminho para o próximo rei. Antes mesmo de Detrich se corromper. Você foi criado e educado por ele para ser o rei que é.

As suas palavras remetiam Ariel Simon a lugares que sua memória não percorria a muitos anos. Sua infância, o encontro com seu mestre.

– Então quando o Livro se corrompeu Radamés sabia o que precisava fazer. Era necessário que tivesse uma rainha. Isso acabaria com a rivalidade entre os Anciões. Do mesmo modo que ele o criou e ensinou, Radamés recolheu sob sua proteção uma jovem, que segundo ele estava destinada a ser sua rainha.

– Na noite que ele pediu que me despedisse da minha mortalidade, afirmou que teria uma companhia a minha altura. – comentou Ariel num murmúrio. – Isso foi a dois mil anos. – Ela está viva? Quem é ela?

– Acalme seu coração, lhe direi tudo que precisa saber. – fez uma pausa e continuou. – Quando Radamés se preparava para torná-lo rei foi ferido mortalmente. Infelizmente você teve Afrodite como criadora. Mas seu destino era ser rei – disse Darden o olhando com admiração – Ele estava certo, não conseguiria proteger vocês dois. Foi quando ele a colocou sob minha custódia. Com os Lobos ela estaria protegida. Fiz isso por quase um século. Afrodite me seguiu e logo depois a casa onde Isobel vivia foi atacada. Nesses dias, como sabe, ainda tinha Afrodite como amante.

– É esse seu nome? Isobel? – Ariel Simon agora andava pela sala ouvindo o relato de Darden com muito interesse.

– Sim. Depois do ataque a acreditei morta. Somente algum tempo depois a descobri viva. Tentei levá-la até você, mas ela não quis. Afirmou que você reinava muito bem sem ela, que Radamés estava morto e seus planos de torná-la sua rainha também. – Darden percebeu o olhar ensimesmado do rei.

– O que aconteceu depois?

– Ela partiu. Mandeí que a procurassem, mas ela sabe se esconder muito bem quando quer. É bastante poderosa, acho que tanto quanto você.

– Como ela é, Darden?

– Mais ou menos dessa altura.

O senhor dos Lobos ergueu a mão dando-lhe uma noção. Tentou com as duas mãos mostrar largura. Pelos desenhos no ar era esbelta. Parecia bobagem, mas o rei o olhava com atenção tentando preencher as lacunas que faltavam em sua pobre descrição.

– O que mais? Qual a cor de seus cabelos? – quis saber ansioso.

– Louro escuro, e é bastante bonita. E pelo que pude notar Radamés é o seu criador. Havia nela a força do sangue dele. – revelou convicto. – Quando Isobel fugiu, mandei os meus homens recolherem tudo que havia restado do incêndio. – dito isso alguém bateu a porta. – Tenho algo a lhe dar. – avisou Darden.

A porta foi aberta e o criado particular de Ariel Simon apareceu trazendo uma pequena arca nas mãos. As passou as mãos do senhor dos lobos e se retirou.

– Guardei tais relíquias no meu cofre desde então. Sabia que algum dia Radamés me libertaria da promessa. Acredito que tais objetos possam ajudá-lo.

Ariel recebeu a arca e a abriu com delicadeza. A primeira coisa que viu foi um pergaminho, um pedaço de seda azul. Fitas muito antigas, objetos de uma dama. Ele desenrolou o pergaminho e Ariel se viu diante de uma jovem mulher. O olhava diretamente, a pele suave foi retratada pelo artista de forma magistral. Os cabelos louros escuro estavam soltos emoldurando o rosto, mas haviam duas pequenas presilhas os prendendo de cada lado. As mesmas estavam dentro da caixa com o resto de seus pertences. Duas libélulas de ouro. Vestia-se como uma senhora de Alexandria. A face era desenhada com perfeição, traços finos. Lábios delicados e carnudos, nariz afilado. O vestido emoldurava os ombros e colo, a mão pequena jazia próximo ao rosto do lado direito. No olhar cor de mel havia segurança e o brilho apaixonado por algo, ou alguém.

– É ela? – quis saber o rei num murmúrio.

– Sim. Esta é Isobel.

O rei pareceu manter a respiração suspensa, não que precisasse dela. Mas estava em algum tipo de suspensão. Sentiu a estranha sensação de já tê-la visto antes, de conhecer seu rosto... Impossível. Com muito cuidado enrolou o pergaminho, foi quando notou a assinatura do artista, *Theo*.

Guardou a imagem da jovem mulher e manteve entre os dedos um dos broches.

– Radamés queria realmente equilibrar os Poderes. Somente assim o Livro e o Templo ficariam protegidos. Muitos problemas teriam sido evitados. – Ariel suspirou pensativo.

– Ele quer que a encontre e torne seus planos uma realidade. – disse o senhor dos lobos sem nenhuma dúvida. – Ele não teria me pedido para revelar tal segredo sem que essa fosse sua intenção.

Fosse essa ou não a intenção de Radamés, Ariel iria buscar a vampira mesmo que fosse proibido. Era visível que ele precisava de um novo desafio. O segredo revelado salvaria a sanidade do rei. Já era tempo dele ter companhia. Ele precisava de uma fêmea capaz de mantê-lo feliz e lúcido. Se bem que o amor também é algo muito perigoso quando se tem tanto poder.

– Depois de tantos anos de solidão... O que fiz para merecer tal castigo? – a voz de Ariel estava presa na garganta. Os olhos fixos no amigo.

– Acredito que nada, velho amigo. Esse afastamento não foi uma punição. Ela poderia ter se aproximado exigido seus direitos.

– Tantos anos de solidão... – repetiu o rei – Preciso encontrá-la, mas como jamais a senti? Posso tê-la visto e não reconhecido. Afinal, ela parece me conhecer, saber como governo.

Tais informações eram de conhecimento de todos do mundo vampiro. Ele andava agora pela sala, braços cruzados sobre o peito forte. Por fim tocou os cabelos ruivos e levemente despenteados e voltou a poltrona. Daden tinha razão, por que ela não o buscou, afinal, teria um lugar garantido ao seu lado.

– Sim, ela teve a escolha e não me buscou. – comentou muito baixo. – Talvez não tenha gostado do que viu.

– Está inseguro? Logo você, anjo vermelho? – o senhor dos lobos o chamou por seu apelido mais libertino. Já risonho.

– O que andaram lhe revelando. – quis saber o rei mudando de ânimo.

– Sei de tudo que acontece no meu território. Sua temporada na Espanha em 1542, não passou despercebida. Não foi lá que ganhou tal apelido?

– Elas precisavam de um pouco de diversão, eu de sangue e prazer. Mas não tenho culpa se me confundiram com uma criatura alada. De anjo

nada tenho, além dos cachos. – comentou sorrindo malicioso.

Suas aventuras vividas entre as paredes de um convento eram notórias. E tais lembranças o animaram e distraíram da forte revelação que recebeu.

– Como jamais a senti? – falou voltando ao assunto. – Ela pode ter estado na corte... – ele fazia mil conjecturas. – Não, eu a teria sentido, notado a herança de sangue. E com um rosto assim teria sido difícil se esconder.

– Vai ter de descobrir isso sozinho, mas tenho algo que pode lhe ajudar – Darden tirou do casaco um pequeno frasco, nele uma amostra de sangue – Radamés me deu essa amostra quando passei a ser o tutor de Isobel. Com isso poderia localizá-la, ou pelo menos tentar. Como lhe disse ela é bastante poderosa.

– Somos iguais, acho que ela não vai conseguir fugir de mim.

Ariel Simon disse e sorriu para Darden de modo confiante como se preparasse para uma caçada.

– Bem, ela o tem feito nos últimos séculos. Não a subestime. Se tem uma coisa que aquela criaturinha não é, é tola. Ela sobreviveu a Afrodite, tem o sangue de Radamés, pode fazer qualquer coisa. – o aviso era válido. – Apenas me prometa que terá cuidado nessa busca. – pediu olhando o amigo seriamente.

– Tem minha palavra. – Ariel Simon disse e sorriu para Darden.

Eles conversaram por mais algum tempo, Darden falou de Isobel, seus gostos, o quanto era inteligente. E uma hora antes do dia nascer o Senhor dos Lobos partiu.

Uma hora depois o rei foi para sua câmara e antes do dia nascer provou da amostra. O sabor do sangue o tomou completamente, era forte e doce, novo, diferente de tudo que já havia provado, mas estranhamente parecido com o sangue de sua campeã, talvez por isso ela estivesse tão perto do trono. Envolvido pelo sabor, Ariel a sentiu correr por suas veias e chegar ao coração. Podia ver seus cabelos, o olhar, até mesmo pode sentir seu cheiro, ouviu sua voz numa gargalhada doce... Ele agora sabia como a procurar. Não sabia ao certo o que lhe diria, mas estava disposto a conhecê-la, descobrir porque jamais ousou exigir seu lugar ao seu lado como rainha. O rei buscou o leito e ficou por longos minutos tentando decifrar aquele

novo mistério, mas antes de fechar seus olhos seu último pensamento ainda foi para Kara, sua campeã.

Capítulo 40 – De volta ao Começo

São Luís, hoje

Jan Kmam trabalhava em silêncio, preparava vasos para plantar duas novas mudas de rosas. As mãos estavam sujas, mas ele não se importava, o anel de safira, e o de favorito do rei estavam ocultos pelo adubo que usava para misturar com a terra escura e úmida. Cuidar de suas rosas era o melhor momento de seu dia, ou melhor, noite. Quando as mudas estavam acomodadas abriu espaço para os vasos dentro da estufa que construiu no átrio do casarão.

Seis meses atrás estava em Paris, preparando-se para partir, destino? Rússia, Misha o convidou. Não podia ficar na cidade. Temia encontrar-se com Kara, ou o rei, ou pior os dois juntos. No último ano havia se isolado em Veneza com Alma, e por mais estranho que tenha lhe parecido, ao lado da vampira encontrou alguma paz. Ela o fazia sorrir, o amava profundamente e não exigia nada. Alma fora boa companhia, e o ano que com ela viveu em Veneza foi cheio de carinho e amor. Ainda estariam juntos, caso ela não o houvesse deixado. Mas o passado fica no passado. Sozinho novamente, resolveu deixar Veneza e voltar a Paris apenas para encerrar alguns negócios e partir para qualquer outro lugar do mundo.

Quando Misha lhe sugeriu a Rússia achou a ideia interessante. Mantinha contato apenas com ele, Romano e Valdés. Apesar das tentativas de Bruce em lhe falar, não respondia. Ele havia colocado Kara, e ele, em uma situação muito difícil diante de Radamés. Melhor que não se falassem por algum tempo. Apesar de suas boas intenções, seus atos causaram muita dor.

Fazia as malas quando recebeu a visita de um advogado, ele vinha da parte de Gustave. Trazia consigo seu testamento. Ficou realmente surpreso, e mais ainda ao perceber que ele preparou tudo antes de ir lutar anos atrás, havia fabricado dois herdeiros para que ele e Kara herdassem o casarão. De algum modo, ele imaginava que perderia. Por algum tempo Jan se questionou sobre os verdadeiros motivos que o levaram a agir de tal modo. Afinal, ele só transbordava ódio, sua atitude era no mínimo estranha. Aceitou sua parte na herança e junto com a escritura do casarão recebeu uma carta com as explicações.

Ao ler o conteúdo da carta Jan compreendeu nas palavras de seu ex-pupilo o ciúme, a inveja, seus medos. De certo modo culpou-se por tê-lo abandonado, mas tinha certeza, que havia feito tudo que fora possível para educá-lo. Apesar do fracasso de suas tentativas sabia que algo havia ficado dentro de sua alma, e ali naquela carta estava a confirmação. Infelizmente seu orgulho o levou a morte.

Dobrou a carta e tentou entender seu gesto, mas jamais o perdoaria por matar Thaís. Aceitou a casa, afinal, ela sempre foi sua, e voltou para São Luís. O casarão precisava de uma reforma, de um dono, isso o ocuparia. A Rússia teria de esperar para outro momento. Contratou uma empresa para cuidar dos reparos da casa, mas não mudou nada que Kara fez quando a reformou. A deixou-a exatamente como era, como desejou que fosse para viver ao lado de Thaís, ou de Kara. Mas ali estava ele, sozinho, há um ano vivendo de lembranças. Havia prometido a si mesmo que ela teria uma nova oportunidade, e assim seria.

Valdés e Misha o visitaram três meses depois que a casa ficou pronta, e isso o animou bastante, soube notícias de todos, até mesmo de Kara, que viajava pelo mundo em companhia de Bruce. Claro, eram as mentiras criadas para proteger Kara, que agora vivia na Rússia ao lado de Misha e Isadora. Ele notou nos olhos do favorito a mesma melancolia que via nos olhos de Kara. No fim, ela estava sozinha, longe do rei e de seu mestre e antigo amante. E como sempre caçando os vampiros que quebravam as leis.

Os amigos notaram seu conformismo, mas não acharam justo que vivessem separados. Tentaram convencê-lo a procurar a vampira e fazê-la lembrar. Mas Jan se recusou, afirmando que tudo estava como deveria ser. Não ousaram questionar seus motivos, ou por que se mantinha afastado da corte, do rei, já que era seu favorito. O que eles não sabiam é que ele havia escolhido mantê-la viva. As palavras de Radamés o acompanharam pelos últimos quatro anos, tempo exato que vivia sem Kara. Elas o manteriam longe e ela em segurança por muitos séculos. Talvez para sempre.

Lavou as mãos sujas de terra e observou a estufa com carinho, havia vasos com rosas em todos os lugares, espalhados por lindas prateleiras e pendurados; próximo a cada um deles, colocara uma poltrona, um divã, algum espaço para receber uma visita. Fez a estufa exatamente como a criara no Jardim, onde sua alma ficou, enquanto o corpo jazia preso, adormecido na caixa. Desligou a luz e fechou a porta, atravessando o átrio vazio com o olhar distante.

A casa estava cheia de lembranças, e ele cruzava com elas com naturalidade. Sempre que passava pelo átrio, quase podia vê-la com seu vestido negro, dançando sozinha com uma rosa nas mãos. Lembranças doces como seu perfume, o aroma de seus cabelos, sua risada. Abriu a porta da sala de música e, quando entrou, sentiu um perfume novo no ar. Olhou em volta e viu o vaso com água limpa trazido pelo criado. Mas o cheiro era levemente conhecido, embora tivesse uma nota, ou duas, mais cítricas que o de Kara. Devia ser sua mente lhe pregando peças; afinal, pensava na amante a todo minuto. Mantinha-a perto de seus pensamentos para não sofrer com a saudade. Muitas vezes conversava com ela em pensamento.

Começou a arrumar as rosas e, quando terminou, colocou-as sobre a mesinha. Ficou por alguns minutos admirando-as, lembrando-se de quantas espalhou pela cama de Kara anos antes de ela ser vampira, e sorriu. Tocou um dos botões e apreciou a delicadeza de suas pétalas. Era como sentir o seu rosto, o corpo delicado, o aroma... Sentou-se ao piano e dedilhou as teclas, buscando uma melodia e, quando ela apareceu, era *Chopin, Andante Spianato and Grande Polonaise Brillante Op.22*. Tocou de olhos fechados, perdido nas lembranças de uma vida que não tinha mais. Quando a melodia chegou ao fim, uma lágrima deslizou por sua face e caiu sobre sua mão. Afastou-se do piano, contendo um soluço, limpou o rosto e saiu para o átrio, depois se acomodou no banco e ficou observando o anjo feito em mármore rosa. Ele era uma réplica de Thaís com asas. Aquela casa era um museu e ele, o único zelador. Jan cobriu o rosto e ficou assim por longos minutos. Por fim, deitou-se no banco e fitou o céu, as estrelas... e fechou os olhos. Pareceu cochilar e, quando despertou, sentiu a carícia das pétalas de uma rosa em seu rosto. O vampiro abriu os olhos e se ergueu.

—Eu vim lhe devolver isso.

Jan Kmam ouviu a voz de Kara e, por um momento, acreditou ter uma visão. Olhou-a diante dele e esperou imóvel. A surpresa era grande, pois não a sentira nem ouvira seu coração. Até porque, entre eles, ainda haviam laços de sangue.

—Você está realmente surpreso, sequer consegue falar. — comentou a vampira, olhando seu espanto de modo risonho.

—Não a senti chegar...

—Por que deveria?

—Existem laços de sangue entre nós. — respondeu automaticamente. Afinal, por mais que negasse, ele os podia sentir. No entanto, de algum modo, ela obstruía a comunicação. Bem, não era a primeira vez que ela o afastava.

—Bloqueio minha presença com mais exatidão que outros vampiros. — ela sabia o quanto ele detestava não sentir sua presença. Mas ela agora podia desaparecer se assim desejasse, e o melhor, sem sentir dor. — Por isso, não me sentiu. Cheguei há duas horas e estava observando você. Tenho tentado me habituar à ideia, mas é um pouco difícil acreditar que seja meu criador.

—Por que acha difícil que eu seja seu criador?

Jan Kmam não gostou de saber que estava sendo vigiado, muito menos do modo que ela falou. Subitamente, sentiu-se inadequado. Ela estava completamente à vontade em sua presença, não se considerava realmente presa a ele. Olhava-o de igual para igual. Não havia nenhum sinal da amante que deveria correr para seus

braços, e o beijar, rendendo-se aos seus desejos. Ariel avisou-lhe que ela não se lembrava de nada e não estava fingindo; todavia, somente agora percebeu o quanto Kara estava diferente. Fitou suas mãos e viu o relicário estendido em sua direção. Afinal, não pode estar a sua presença em nenhum momento desde que despertou no Templo da Esfinge. A observava de longe lutando, andando pela rua. Havia amadurecido.

—Desculpe-me, é que me parece tão antiquado. Acreditei que meu criador fosse mais moderno. Olhei a decoração da casa, e os objetos, me lembra um museu. Você nem tem TV! — comentou, risonha e solta.

Não havia comprado uma TV porque lhe traziam muitas recordações. Afinal, ela adorava ver filmes e séries junto com ele. Notar a ausência de uma TV era algo tipicamente seu. É, aquela era Kara.

—Eu sou velho, compreendo o que aconteceu com sua memória, mas você gostava da decoração, de objetos antigos quando vivíamos juntos... — ele se calou.

—Sim, percebi por minhas roupas e meus objetos, o apartamento em que vivíamos em Paris. Mas mudei um pouco, todavia fiquei com a aliança. — disse e mostrou a mão delicada e notou o olhar do vampiro, afinal usava seu anel, e mais um com pequenos rubis. — A propósito, pegue, por favor — disse Kara, estendendo-lhe o relicário.

—Eu lhe dei o relicário, é seu. Por que veio me devolver? — perguntou o vampiro, mantendo-se o mais distante possível dela, temia perder o controle e a tomar nos seus braços.

Kara estava linda como de costume, levemente descontraída. Vestia calça preta colada as curvas, uma bata de algodão branca bordada com pequenas flores e botinhas negras de tirinhas finas. Parecia uma linda mortal numa noite de verão; os cabelos estavam soltos e usava até mesmo uma bolsa a tiracolo. Por baixo da bata, ele viu um *corselet* azul, protegendo e deixando seus seios empinados. O rosto estava calmo e, sobre os lábios, havia uma camada de brilho labial de sabor morango. O perfume que sentiu na sala de música era o dela, com certeza, rosas e um toque mais cítrico e forte. Ele pôde ouvir seu coração e reconheceu seu cheiro. E percebeu a vampira desviar a vista; afinal, a devorava com os olhos.

Kara sentiu a carícia desejosa de Jan Kmam assim que se revelou. Na verdade, acreditou que ele fosse tomá-la nos braços e beijá-la. Mas ele se conteve, na verdade recuou.

—Não, este objeto não me pertence. — ela disse, convicta.

Algo tocou. Era um celular. Kara se aproximou, entregou o relicário nas mãos do vampiro e procurou o celular de última geração na bolsa para atender.

—Me dá um minuto. — pediu, sorrindo amável e atendeu o aparelho. — Estou ótima, não banque meu pai. Nós estamos conversando. — comentou Kara, e olhou Jan Kmam. — Ele não quer aceitar, mas... Claro, Bruce, tudo bem. Eu ligo pra você depois.

A vampira desligou o celular e fitou o vampiro, seus olhares se encontraram, e ao contrário do que ele esperava manteve o olhar preso no dele até que ele desviasse a vista.

—Ele disse que o visitará depois, está conhecendo a cidade, veio comigo. Não precisava, mas ele insistiu, anda se sentindo meu pai ultimamente.

—Compreendo, tome.

—Não vou receber algo que não me pertence. Ele é seu! — A vampira insistia em não receber o relicário.

—Você já viu o que tem dentro dele? — perguntou Jan Kmam.

Tentava ganhar tempo para se acostumar à sua presença perturbadora e nova, mas não estava sendo fácil. Kara agora estava sentada com ele no banco. Falando, deixando seu perfume no ar, enlouquecendo-o com sua voz doce e atrevida.

—Pinturas, ambas da mesma mulher, em tempos diferentes. E, sim, a mulher retratada sou eu, em vidas passadas. Todavia, o objeto não me pertence, é seu.

Kara falou apoiando o braço no encosto do banco para olhar seus lindos olhos azuis. Era admiração disfarçada e desejo, a mão no queixo, os cabelos cacheados pendendo ao lado do rosto. Bonito demais, seus olhos a atraíam e tocavam de modo tão íntimo. Na verdade, se lembrava do modo triste como ele a olhou da porta da câmara no Templo da Esfinge quando despertou, a forma como partiu sem nada dizer. Apesar de na época não se lembrar quem ele era. Quando leu seus diários sentiu-se incomodada, eram muito ligados. O amor que tinha por ele era enorme, a sufocava, a prendia a ele. A fazia suportar suas regas e até suas mentiras protetoras. Seus olhos azuis estavam em seus sonhos, podia sentir o toque de suas mãos, a força de seu desejo. A relação havia sido conturbada, mas cheia de amor. Ouvia o chamado de seu coração, o sentia no seu. Isso sempre a incomodou, mesmo que não revelasse a ninguém. E quando sua memória voltou, ela se sentiu traída e ferida por seu abandono, um pouco mais do que antes.

Tantas coisas haviam acontecido naqueles quatro anos. Bruce estava certo, precisava conhecer novamente seu criador, agora que eles haviam mudado tanto. Pois depois que se tornou a prometida do rei, tentou afastá-lo de seus pensamentos,

conseguia quando estava lutando, se divertindo com outros de sua espécie na Rússia, ou conversando com Kayla... Não, ela a fazia lembrar de Johari e consequentemente de Jan Kmam.

O Jan Kmam de quatro anos atrás não mais existia, talvez pudesse aprender algo novo com ele e ensiná-lo a aceitar sua natureza. No entanto, temia o desfecho daquela aproximação. Conseguiria lidar com seu lado possessivo e controlador? Ela não estava pronta para perder sua liberdade por amor, pois havia mudado muito. O rei a deixou livre para escolher, pois a tinha de certo modo presa por uma promessa maior. No fundo ambos sabiam que ela o buscaria, era uma questão de tempo, bem, ali estava ela a sua porta. Mas Radamés e Kayla tinham sua participação naquela reaproximação. Ele a procurou e a avisou que logo Jan Kmam seria colocado diante de uma tarefa, e teria de fazer uma escolha difícil que poderia colocar sua vida em perigo. Era a hora de proteger e vigiar. Kara sentiu um aperto no coração. Pensou com muito cuidado e por fim resolveu conversar com Ariel.

– Preciso de sua permissão para ver Jan Kmam. – disse depois de alguns minutos de atualização e amabilidades.

– Vai voltar para ele? – quis saber Ariel cauteloso.

– Não sei. Afinal, ele deixou Paris, se isolou. Não acredito que ele me receba, mas preciso ficar ao lado dele, algumas coisas estão mudando. Kayla me avisou de perigosos eventos que estão se aproximando. Temo que algo aconteça a ele. – deixou escapar suas angustias.

– Não quero que se coloque em risco. Jan Kmam também não vai aceitar que o faça. – a avisou com a voz mais pesada. – Ele e eu somos capazes de lidar com nossos inimigos sem colocar aquela que amamos em perigo. – falou apaixonado.

– Terei cuidado, afinal, sou sua prometida, não é mesmo? – brincou quase desistindo de ir para São Luís. Estava com medo de voltar e ser rejeitada.

– De fato. Soube dos vampiros que caçou. Os procurávamos a quase cem anos.

– O mérito não é somente meu, Kayla me ajudou.

O rei agora sabia da presença de Kayla, e achava muito natural. Enquanto a ouvia falar, tentava decidir se deveria revelar ou não sobre Isobel, fazia uma semana que Darden o havia visitado. Ele tentava entender o que acontecia, o sabor do sangue da vampira ainda estava em seu paladar e sentidos. Por fim, resolveu que o melhor era manter o assunto em sigilo. Como sua prometida, Kara aprendeu a vigiar sua própria sombra temendo seus inimigos. Não queria fazê-la relaxar e se arriscar, ou acreditar que algum deles a pouparia apenas porque voltara para seu

antigo amante e mestre. Além disso, nada estava certo, e se não encontrasse tal vampira? Seu coração pertencia a Kara. Mas precisava tentar, pois ferir Kara e Jan Kmam era um de seus maiores medos.

– Tem minha permissão. – fez uma pausa e voltou a falar. – O que sinto por você é eterno. E quero que saiba que ficarei muito feliz se vocês se reconciliarem. O tempo é o senhor de todas as respostas. Você sempre será minha rainha, hoje ou daqui a noventa anos.

– Eu compreendo, Ariel.

– Eu a amo, e sei o quanto ele a ama também.

O rei estava lhe dando permissão para voltar. Bem, ele a mandou voltar para seu antigo amante várias vezes, antes dela se tornar sua prometida. Temia magoá-la, fazê-lo odiá-lo, a queria, mas que fosse feliz e o amando. A liberdade a faria escolher com sabedoria.

– Não sei o que vai acontecer... Mas quero tentar. – falou insegura.

– Faça o que seu coração lhe pede. Mas se lembre, o tempo está sempre a nosso favor, e ao mesmo tempo contra nós.

– Amo você Ruivento. – murmurou chamando-o pelo apelido carinhoso que lhe deu.

– Sei que sim, e também a amo minha doce rainha. – dito isso ele desligou o telefone sorrindo apaixonado.

A vampira voltou de suas lembranças e percebeu que estava há alguns minutos somente olhando Jan Kmam. Ele notou o brilho de desejo. Seu coração pulou, mas ele o conteve, não queria alimentar falsas esperanças. Afinal, poderia ser apenas uma ilusão de seu coração saudoso, apaixonado.

– Como sabe que é meu? – insistiu Jan.

– Bruce confirmou, lembro-me de tê-lo visto usando tal joia. Por favor, aceite-o de volta. – disse Kara, e tocou sua mão sobre a joia.

– Então veio aqui somente me devolver o relicário?

O vampiro insistiu em perguntar sobre a joia, percebendo que a irritava com suas indagações. Contudo, não podia baixar a guarda. O que ela fazia ali? Queria, por certo, enlouquecê-lo? Ele estava no seu limite de tristeza e saudade. Há dois dias não conseguia dormir sem sonhar com ela. Começou a acreditar que voltar para São Luís havia sido um erro. Porque, em todos os recantos, via e ouvia a

vampira que tanto amava. Agora, compreendia o motivo: ela estava na cidade e, mesmo bloqueando sua presença, ele foi capaz de senti-la. Bingo!

–Você faz muitas perguntas, sabia? Mas tenho a resposta para essa também. Guardei-o comigo durante todo esse tempo. Foi para dentro dele que minha alma foi quando eu morri – disse ela, olhando o objeto com melancolia. – Deixei uma marca nele, veja.

Jan Kmam viu a borboleta riscada no relicário e a tocou com admiração e carinho, compreendendo o que havia acontecido quando ela morreu em seus braços.

–Não vim somente devolver o relicário, Radamés me pediu que o devolvesse a você e lhe mandou um recado.

O vampiro ficou de pé e andou nervosamente pelo átrio, enquanto a vampira o olhava com um ar jocoso na face. Bem, ele merecia ser torturado por tê-la deixado.

–O que foi? Está com medo, ou algo assim? – perguntou o torturando um pouco mais.

–Por favor, o recado. – pediu, agitado levando as mãos à cabeça, aos cabelos.

–Tudo bem. – disse Kara, percebendo sua angústia. – “Pássaros raros não devem viver em gaiolas douradas”. É um recado estranho, mas ele disse que você compreenderia. Compreendeu? – Kara o olhava e ele ainda mantinha o relicário nas mãos.

–Sim, compreendi.

Jan Kmam avançou e puxou a vampira de encontro ao seu peito e a beijou. Kara não tentou se esquivar, apenas se deixou envolver pelos braços fortes do vampiro. As mãos em seu peito. Sonhava com ele todas as noites, via-o sorrindo, dançando ao seu lado, fazendo amor com ela. Nas cidades por onde andou, conheceu outros vampiros, viveu algumas aventuras, mas nenhum deles conseguia fazê-la sentir a mesma emoção que conhecia quando estava em seus braços, mesmo em sonho. Seu beijo doce e profundo, cheio de significado... Bem, havia o rei. Eles dois estavam em pé de igualdade e isso agora ela sabia com exatidão.

Ela buscou suas mãos e pegou o relicário e o passou por seu pescoço como um modo de se afastar de seus lábios por alguns minutos. Temia entregar-se, fazê-lo notar o quanto mexia com seus sentidos. Com a vista baixa ela tentou recuperar o folego, enquanto o perfume dele a intoxicava. O rosto dele estava colado ao dela, seu nariz a provocando.

Jan a olhou e tocou seus cachos; depois os beijou, e a apertou com força, sentindo seu corpo junto ao dele, até ouvi-la gemer sob a pressão do abraço saudoso. Aspirou seu perfume e fechou os olhos. O coração dele estava batendo acelerado.

—Devagar... — pediu Kara, afastando-o um pouco com as mãos sobre seu peito forte.

—Sinto muito, machuquei você?

—Me machucar? Não, Não... É que nós não somos amantes — disse ela, esquivando-se delicadamente, mas mantendo o olhar seguro. — Deve saber que muitas das minhas lembranças se perderam. Talvez jamais as recupere; contudo, sei que teve grande importância em minha imortalidade, e que é meu criador. Mas tudo que tenho são os sonhos onde nos vejo juntos. Preciso lembrar e decidir se quero ficar ou partir em definitivo.

—Compreendo e lhe darei o tempo de que precisar. Mas para quê veio, além do recado? — Jan não demonstrava, mas sofria duramente segurando o relicário junto ao peito.

—Bruce me disse que você é o único que pode fazer minha memória voltar. É verdade? — perguntou Kara, olhando-o com curiosidade e ganhando tempo.

—Sim, acho que posso. — disse num suspiro cansado. — Agora que Radamés me libertou do castigo.

— Castigo?

— Não é nada importante. — mentiu, afinal, como lhe dizer que fez um acordo? Trazê-la de volta, mas ficar longe dela para sempre. — Por onde quer que eu comece? — perguntou ele, muito feliz e mudando de assunto.

O sorriso era perfeito, os olhos azuis luminosos a fitavam como se nenhum dia, ou noite houvesse se passado. Mas haviam quatro anos de solidão e saudade.

—Por lugar nenhum. Ainda não decidi se vou ficar e lembrar. — disse ela friamente. — Quero que entenda que não sou mais sua pupila. O rei me emancipou, sou “adulta” agora.

A vampira demonstrava calma, mas sentia aborrecimento em lembrar, que para trazê-la de volta do mundo dos mortos, ele mudou o rumo de suas vidas. Em seu amor desmedido acreditou que somente ele pagaria o preço. Não imaginou que ao lembrar do amor que dividiam ela sofreria, se sentiria traída, abandonada.

Jan Kmam semicerrou os olhos e tentou não sentir raiva de Ariel, mas foi quase impossível; afinal, ele deveria tê-lo avisado... Foi então que ele lembrou que eles não estavam se falando. Resignou-se e olhou-a, pensativo.

–Se ficar, quero tê-lo como amigo. Nada mais; na verdade, havia decidido que Martan me ensinaria, mas ele ainda procura sua criadora. – Ela falava sabendo que o magoava. – Então resolvi vir.

–Sinta-se livre para ficar ou partir. Seja qual for sua escolha, estou pronto para aceitá-la. Revê-la já foi muito bom. – disse Jan, com o maxilar contraído, o coração em pedaços. Não sabia o que era pior, tê-la perto ou a distância.

–Posso me hospedar por esse dia?

–Sim, certamente. Venha, vou lhe mostrar a casa, e você poderá escolher um quarto. Nós temos muitos. Mas acho que vai gostar do sótão, eu o decorei.

–Apesar de tudo, é uma casa bonita. – ela elogiou enquanto ele a conduzia para dentro.

–Consegue se lembrar dela? – quis saber ele, fechando a porta da sala de música por onde entraram.

–Não muito, apenas alguns detalhes. – comentou, fria e amável.

–Você a restaurou completamente anos atrás, quando ainda era mortal. – Jan explicava, observando suas reações sem achar um traço de reconhecimento da parte dela.

–Estranho, só consigo me ver vampira. Gostaria de guardar minha moto, você tem garagem? – perguntou a vampira, mudando de assunto.

Kara havia se transformado tão completamente que Jan Kmam começou a se perguntar se ainda a conhecia. Nada restava de seus modos mortais, nem mesmo seu coração batia; ele estava como o de qualquer outro vampiro, morto. Ela havia se tornado uma vampira por completo. O olhar, os modos, mas ele notou que ela ainda empurrava o cabelo para trás da orelha, num gesto distraído e doce. Kara notou seu olhar curioso, admirado e disfarçou.

–Devo me desculpar, beijei-a ainda pouco. Como disse, não somos mais amantes. Acreditei que lembraria se a beijasse.

–Não foi tão ruim – afirmou Kara, olhando o quarto. Eles subiram e ela estava no sótão. – Gostei, e então quais são as regras?

–Hum? – perguntou Jan, confuso. Pois a olhava de modo distraído sem ouvir o que ela dizia.

–As regras do seu território. Todos têm.

–Não traga comida para casa, não tenho forno no porão para destruir os restos... Decidiu ficar? – perguntou ele brincalhão, e fingiu não sentir a alegria dominá-lo.

–Vamos tentar. – disse Kara, um pouco mais animada.

–No porão está a cripta onde durmo. – revelou Jan, orgulhoso.

–Os quartos têm proteção? – Kara o interrogava, sondando-o sem disfarçar.

–Todas as janelas têm persianas de chumbo. – revelou Jan, mostrando seu cuidado com a casa. Pretendia viver ali por bastante tempo. – Mandei que as instalassem, afinal, você não gosta de lugares fechados... – ele se calou.

–Ótimo, eu gosto de dormir em camas. Caixões me sufocam. Não tem banheira? – perguntou ela, olhando o banheiro amplo e simples.

Jan Kmam percebeu que pelo menos alguns de seus gostos e medos ainda eram os mesmos. Ela jamais gostou realmente de caixões, muito menos do escuro.

–Só no meu quarto. – disse Jan, observando sua frustração.

–Você me empresta? – perguntou Kara, sem constrangimento.

–A casa também é sua – revelou Jan, e a observou ficar descalça.

–Não se engane, aqui sou visita.

Dizendo isso, Kara tirou a bata sem se preocupar com sua presença e andou em sua direção. Jan estava na porta do quarto, não entrou. Ele não conseguia tirar os olhos do seu colo, dos seios sob o *corselet*. Sua vontade era tomá-la nos braços e beijá-la, entre outras coisas, e seu olhar turquesa não disfarçava isso. Kara parou na porta, tocou o portal e o viu entreabrir os lábios, o modo como estava ansioso e cheio de desejo. Ela fechou a porta sem nada dizer, deixando-o no corredor sozinho.

–Durma bem. – Jan conseguir dizer do lado de fora e saiu do corredor, da casa.

O vampiro buscou a rua e só parou quando pôde gritar. Havia uma estranha em sua casa, e ela era uma cópia fiel de sua amante, só que fria e cruel.

A vampira realmente resolveu ficar. Na noite seguinte, saiu e, quando voltou, trouxe sua bagagem. E avisou a Bruce que ficaria. Jan o procurou, queria falar com ele e buscar algumas respostas, mas Bruce o evitava.

As primeiras noites foram difíceis para Jan Kmam, era maravilhoso tê-la de volta; contudo, ela entrava e saía, e só quando desejava buscava sua presença para conversar ou jogar xadrez. Mas, geralmente, o tratava com distância e frieza. Ele se sentia diante de uma estranha e tudo que desejava era reconquistá-la. Às vezes, ele parecia entediá-la, pois Kara se levantava e se isolava, ou saía com Bruce. Cinco dias depois de sua chegada, Jan Kmam resolveu pegar uma das salas e fazer uma sala de TV.

A vampira, ao ver o novo aposento, ficou realmente alegre, e o beijou no rosto em agradecimento, provocando-o um pouco mais. Ela ficava horas deitada nos sofás confortáveis vendo filmes, ou jogando videogame. Aquele hábito ela adquiriu com Ariel, não havia dúvidas. Com ele ela sempre lia e terminava dormindo com a cabeça sobre seu peito. Duas ou três vezes ouviu-a no celular falando com o rei. Sorria e conversava com grande intimidade. Não ousou questioná-la. Afinal, ele não era mais seu amante, só um remédio para a memória.

Três noites depois, encontrou-a na sala de exercícios, que também era onde treinava. Kara estava com um conjunto negro de camiseta e calças de malha, treinando seu kung fu. Era fácil ver que usava o estilo tigre. O cabelo estava preso num rabo de cavalo, e ela parecia bastante concentrada. Jan a observou em cima do tablado e lembrou quando tinha preguiça de aprender a lutar.

– Vamos nos divertir um pouco? – perguntou Kara, assim que finalizou os movimentos.

– *Por que não?* – pensou ele.

O vampiro tirou as botas e ficou somente de camiseta e jeans azul. Kara o cumprimentou e desferiu o primeiro golpe. Jan revidou e logo lutavam de igual para igual. Moviam-se com agilidade e força. Kara impôs um ritmo bastante violento à luta, e Jan não gostou, não queria machucá-la. Durante três minutos, ninguém desistiu ou deu mostra de falhas. Num dado momento, Kara conseguiu uma brecha e atingiu o rosto do vampiro. O golpe tirou sangue dos lábios de Jan Kmam.

–Desculpe-me. Não foi minha intenção. – disse ela, e se aproximou para lamber o sangue de seus lábios, o olhando nos olhos.

–Tudo bem...

Jan Kmam recuou e deu-lhe as costas, limpando o sangue do rosto. Era difícil lidar com uma vampira fria e, ao mesmo tempo, tão provocante. Quando se voltou, percebeu que ela se divertia, provocando-o. Havia um brilho misterioso em seus olhos negros. Resolveu testá-la também; afinal, ela o devorava com os olhos. Kara observou sua forma física invejável, o jeans azul, as pernas fortes. Avançou numa sucessão de golpes e o jogou no chão sem dó. Olhou-o com aborrecimento o prendendo no tablado.

–Se não lutar, vou machucar você. – disse e o soltou.

–Eu não vou machucá-la...

–Por que está agindo como se eu fosse de cristal? Deveria agir como o vampiro que todos dizem ser. – Kara cobrou, fitando seu rosto tranquilo.

–O que dizem de mim, Kara? Que sou somente a cura para sua amnésia? – Jan debochou irritado e ficando de pé.

–Que é um bom professor, o favorito do rei. Mas, pelo que vejo, só sabe bancar o “mestre protetor”. – disse Kara sem conseguir conter o tom ácido.

Jan se perguntou até onde ela havia esquecido o passado e por que o estava provocando.

–O que realmente esqueceu, Kara? – perguntou no auge de seu aborrecimento e desconfiança. Nos últimos dias ela vinha testando sua paciência e ele apenas se contendo quando queria colocar sobre o ombro e a levar para cama.

–Acho que o suficiente. Pelo que vejo, não há nada que possa me ensinar. – retrucou Kara, sem responder à sua pergunta.

–Espere. – falou fitando seus olhos escuros – Vamos lutar.

–Ótimo. – disse a vampira, pronta para lutar de verdade.

Kara voltou ao tablado e se curvou diante de Jan Kmam sem deixar de fitar seus olhos um só instante. Ela queria provar alguma coisa a si mesma e a ele também. Atacou-o com agilidade e raiva, jogando-o no chão mais duas vezes. E andou a sua volta o fitando em guarda. Notou sua surpresa e resolveu lutar para valer e a impediu de derrubá-lo novamente. Foi sua vez de jogá-la no solo e dominar seus movimentos.

–Satisfeita? – perguntou Jan, prendendo-a num golpe forte pelo braço.

–Ainda não acabou – comentou sorrindo e reverteu o golpe e ficou por cima de seu corpo.

Jan Kmam usou a perna e a derrubou e pulou sobre ela. A vampira tentou empurrá-lo e se viu presa. Parou de se debater pois era inútil o gesto e olhou dentro de seus olhos. O corpo sobre o dela, a pressionava e ela pode sentir sua excitação contida. Um minuto depois ele diminuiu a pressão e a soltou, mas estendeu a mão para a ajudar a ficar de pé.

–Fico feliz que tenha decidido lutar.

– Noto um estilo novo, mais agressivo, pesado. – comentou sem conseguir se conter, afinal tinha o corpo dolorido.

– Treinei com os Caçadores, primeiro com Gael, e depois com Keid, um dos mais antigos da Ouroboros. Ele esteve na Rússia no último ano.

– Esteve na Rússia? – quis saber semicerrando os olhos um tanto surpreso.

– No último ano sim.

A vampira confirmou sem perceber que fazia Jan Kmam compreender o motivo do convite de Misha.

– Amanhã, usaremos espadas, que tal? – ela avisou sorrindo e saindo do tablado já mudando de assunto.

– Você pelo que vejo teve bons professores. Mas não seria proibido a nossa espécie andar com Caçadores?

– É. – confirmou de modo tranquilo. – Mas eu sou um caso especial.

– Disso eu não tenho dúvida. – falou observando a vampira deixar a sala.

Após dois meses da chegada da vampira, Jan Kmam e Kara saíram juntos pela cidade de moto. Corriam em grande velocidade, e o trajeto os levou à ponte do Rio São Francisco. Por algum tempo, ficaram apenas conversando junto à murada. A vampira percebeu que ele tentava fazê-la lembrar. Andou pela calçada sentindo o cheiro do rio com os olhos distantes. Quando sugeriu que partissem, ele pegou o caminho do teatro, passaram na porta e Kara nada falou, apenas seguiu em frente. Ele estava realmente disposto a trazer sua memória de volta.

A próxima parada foi a praça próxima à casa onde ela morou quando mortal. Jan percebeu que, enquanto ela andava entre as árvores e ouvia sua voz contando parte do que viveram, Kara estava quieta; provavelmente mergulhada no passado. Sem nenhum aviso, ela pegou a moto e voltou para o casarão sem nada dizer.

Na noite seguinte ao passar pelo átrio, a vampira notou o jardim iluminado e a estufa com as luzes ligadas. Curiosa resolveu olhar melhor o lugar que vinha solenemente evitando.

–Nós dançamos aqui. – afirmou Jan, aparecendo a seu lado.

–Na noite do baile. – disse Kara, suavemente, mas parecia bastante agitada.

Ele podia ver pelo seu olhar escuro, os lábios rubros graças ao batom matte que usava estavam levemente comprimidos. Na verdade, um convite constante ao beijo.

–Venha, quero lhe mostrar a estufa. – Jan convidou, e ela o seguiu sem nada dizer ou aceitar sua mão estendida.

A vampira entrou na estufa e olhou as rosas, o divã, o tapete no chão. O modo que tudo estava arranjado. Só faltava a gaiola com o pássaro, por algum motivo ele não a colocara. Ela tocou uma das rosas e decidiu sair. Jan a deteve.

–O que foi? Fiz algo de errado?

–Eu li os diários e percebi que você era um mestre bastante dominador em seu amor. Percebi a tristeza, a dor que sentia. Não me lembro dela e não quero

vivê-la novamente – revelou Kara, e Jan soltou seu pulso, envergonhado.

–Sim, eu cometi muitos erros. Traí você, neguei-lhe a verdade, exigi que deixasse de ser a campeã do rei. Fui estúpido e possessivo. Desconfiei de você mesmo quando me jurou fidelidade e amor. Fiz com que sofresse, errasse e quase perdesse a vida imortal. – Ele se confessava.

–Você me bateu, me traiu, mentiu para mim. Fez tantas coisas... Isso não é amor. Nossa relação não é perfeita, achei que fosse diferente do rei... Mas parecem iguais nas mentiras e nos segredos. – Ela resumiu frustrada, mas distante.

–Vejo que suas lembranças voltaram. – Ele comentou sem saber se estava feliz ou triste.

–Sim. E com elas as nossas diferenças e os seus erros. Você me privou de muitas coisas. Chegou ao cúmulo de não me dizer que existiam lobisomens. – Kara argumentou segura, e o viu fechar os olhos, arrependido.

–Kara, eu mudei. Tive de aprender com sua ausência que, para fazê-la feliz, precisava tratá-la como a vampira que é, adulta e forte, capaz de viver sem minha presença, sem minha proteção. – Jan argumentou, calmamente, expondo suas mudanças na esperança de que ela pudesse acreditar.

As lembranças ruins a haviam tomado, e Kara só pensava em deixá-lo com suas mentiras e seus segredos. Os anos em Paris estavam bem vivos em sua mente. O modo como ele se recusou a deixá-la vir a São Luís, como escondeu dela quem foi Rosa Maria, ou manter Alma como amante, pois a verdade é que ela não era sua escrava de sangue. Não estava ali por acaso, veio porque quis, pois, tinha esperança de reconstruir a relação com ele, mas para isso precisava ter certeza que ele havia mudado. Ou Melhor, precisava ter certeza de seus sentimentos.

–A estufa é linda, mas mostra o quanto você gosta de controlar as coisas à sua volta. Melhor seria se elas estivessem no jardim, crescendo livremente. Acho que já notou que o rei também gosta de rosas, mas as dele crescem livremente, e não numa estufa. – dizendo isso, Kara o deixou e foi para seu quarto.

Depois da discussão, eles passaram quase uma semana somente se cumprimentando ao anoitecer. A vampira o evitava sem disfarçar o aborrecimento. Após duas semanas de distância, Kara encontrou um caminho de pétalas de rosas pela casa que a levou ao átrio. A estufa havia sumido. No seu lugar, o jardim aparecia pleno, cheio de rosas e flores crescendo livremente ao sabor da brisa da noite e do sol durante o dia. Ela sorriu e se aproximou delas para cheirá-las e sentir a carícia úmida de suas pétalas orvalhadas.

–Kara, eu estou tentando, mas preciso que você me ajude a corrigir meus erros. – começou a falar sincero. – Entenda, nunca tive um pupilo. Acho que falhei com Gustave, e com você também. Só posso pedir que me perdoe.

–Jamais me disse por que gostava de rosas. Conte-me sobre elas. – pediu Kara, olhando-o com carinho.

–Qual delas? As que dou a você, ou a que tem tatuada sobre o seio esquerdo? – perguntou Jan, semicerrando os olhos, confuso: ela se lembraria ou não?

–As que me dá, Jan Kmam. – respondeu, suavemente.

–Quando era apenas uma criança, fiz uma traquinagem e minha mãe me colocou de castigo no jardim de nossa casa. Lembro-me de ficar sentado em uma cadeira próxima às rosas que ela cultivava por quase uma hora. Ali, sentado, sem nada para fazer, olhei as rosas que me rodeavam e percebi o quanto eram belas e perfeitas. Desde então, passei a cultivá-las em minha vida, à minha volta. Elas me faziam recordar minha mortalidade. Cultivá-las sempre me traziam boas lembranças. Quando você entrou na minha vida, não havia criatura que me lembrasse mais uma rosa que você. Às vezes, me dava sua cor viva e rubra, a maciez de suas pétalas, o seu doce perfume. Em outras, a carícia cortante de seus espinhos, que, apesar de me ferirem e envenenarem, eu buscava cada vez mais seduzido. – Jan tocou o rosto de Kara. – Me dê mais uma chance, Kara; me ensine a amá-la.

–Acho que você será um bom aluno, Jan Kmam. – murmurou Kara, feliz, e tocou o rosto dele, abraçando-o fortemente.

–Diga-me, você se lembra de nosso amor? – quis saber ele, num sussurro junto ao seu ouvido.

–O suficiente para voltar e fazê-lo renascer em nossas vidas.

–Não sabe o que passei sem você, eu a amo tanto. Antes de sua chegada, eu pensava em partir, a casa me sufocava, e você estava em minha mente, em meus sonhos, acreditei estar enlouquecendo e foi quando você apareceu. – ele falava e a apertava junto a si, segurava seu rosto nas mãos fortes.

–Como você nos meus. – confessou Kara, por fim.

Estar perto dele despertava nela um sentimento antigo e forte que conhecia, e temeu por muito tempo. Kara o envolveu e buscou seus lábios de maneira apaixonada. Havia uma nova emoção dominando os dois, sabiam que estavam recebendo uma nova chance para serem felizes, e não a perderiam. Nem o tempo nem a magia, nem mesmo a morte seriam capazes de afastá-los.

Kara subia as escadas e puxava Jan pela mão. Eles sorriam e trocavam beijos. Quando chegaram ao quarto principal, ela tocou a porta e sorriu ao ver as rosas entalhadas. Assim que entraram, olharam à volta surpresos. A vampira sorriu e pegou o bilhete sobre a fronha e o entregou a Jan Kmam.

– Arrumei o quarto para vocês, espero que gostem. Bruce.

–O que achou? – perguntou Kara, olhando a decoração que Bruce havia feito às escondidas.

O vampiro cobrira a cama com pétalas de rosa, fechara as cortinas. As luzes eram somente das pequenas velas vermelhas que ele espalhou pelo quarto, havia incenso, até mesmo um balde com uma garrafa de sangue para o casal. Tudo lembrava paixão e romance.

–Está perfeito... – murmurou Jan, junto aos lábios da vampira.

Kara abraçou o amante, tocou seu rosto, as mãos deslizaram por seus cabelos loiros. Beijou seu pescoço e cheirou seus cabelos sentindo o seu perfume. As roupas caíam, a medida que se despiam libertando seus corpos para que se amassem. Jan a afastou um pouco e, olhando no fundo de seus olhos, beijou-a com sofreguidão segurando seu rosto.

–*Je t'aime* – murmurou Jan, apaixonado e ávido.

–*Je t'aime trop, mon cher.* – sussurrou Kara junto ao seu ouvido.

Foi um beijo longo, profundo. Ela retribuiu envolvendo seu corpo nu numa tentativa de aplacar a saudade que sua ausência provocou. Seus cabelos enchiam suas mãos, enquanto seu coração parecia prestes a explodir. As mãos delicadas contornavam seus ombros largos, apertando-o junto a si, ao mesmo tempo que buscava beijar-lhe o peito, o pescoço. Redescobria seu corpo com os dedos, a boca. A paixão de seus beijos o deixou com os olhos dilatados, os caninos visíveis. As mãos desceram de seus ombros pelas costas largas, por fim alcançando a cintura. Jan gemeu e a trouxe para seu colo. Beijou os seios, o colo, o pescoço e por fim sua boca. Os lábios tocavam os dela com carinho e amor, e quando a língua buscou a dela, a sentiu amolecer em seus braços. Tirou-lhe o folego, e quando se separou dela fitou seus olhos escuros e murmurou.

– Nunca mais vou deixá-la partir.

– Jan...

Kara pronunciou seu nome e ele a deitou sobre a cama e a tomou num movimento decidido. Não suportava mais ficar longe de seu corpo. Queria sabê-la real e sua. Ela arquejou e segurou seus ombros e fechou os olhos de puro prazer. Movia-se junto com ele, sentindo sua boca cobrir a rosa tatuada num beijo

mordido. Inclinou a cabeça para trás e gemeu alto de prazer. Ele cobriu seu corpo no leito e segurou sua coxa, o quadril, mergulhava em seu corpo faminto. E quando o gozo explodiu ele gemeu alto seu nome. Caiu sobre seu corpo e se apoiou sobre os braços fortes e encostou a testa na sua e fechou os olhos, arfante murmurou:

– Acho que nunca mais vou deixar você sair dessa cama. – começou ele muito sério. – Vou te prender aqui com correntes se for necessário, para que não fuja ou saia do meu lado. Pois agora que te tenho de volta, não sei se sobreviverei, caso resolva me deixar. – disse agoniado de amor, olhos nos dela.

Kara segurou seu rosto e o beijou docemente nos lábios ainda arfante e respondeu percebendo o amor que ele sentia no olhar azul.

– Jamais te deixei, mesmo longe você vivia em meu coração, preso a minha alma. Tenha-me como sua e não pense no tempo. Ele é nosso maior amigo e inimigo. E quanto a ficar nessa cama. – disse sorrindo de modo sensual. – Somos imortais, lembra Jan?

– Te amo tanto que chega a doer. – confessou sôfrego. – Jamais a deixarei novamente, jamais. – murmurou rouco de paixão, desejo. – As palavras são pobres para expressar nosso amor.

Dizendo isso a beijou e ela o enlaçou amante e logo amavam-se outra vez e quando o gozo se avizinhou Kara ofereceu a garganta para que ele a tomasse completamente. Notou sua hesitação. Mas diante de seu pedido ele beijou e lambeu a carne pálida e a mordeu, a prendeu e quando sugou foi tomado por um gozo profundo. A vampira sentiu-se plena, o coração acelerado, cedendo a fome do amante. Quando ele afastou a boca sangrenta de sua carne a beijou. Ela provou de seu sangue e buscou seu ombro e garganta e quando o mordeu sentiu sua entrega. As mãos dele a seguravam, acariciavam, enquanto sorvia de sua veia. Estavam novamente ligados e seus corpos não pareciam desejar descanso ou afastamento. Colados, entrelaçados fizeram amor por quase três horas. Até que Kara o deteve e desejou um banho e um cálice de sangue. Obediente ele a tomou nos braços e a levou ao banheiro. A sentou sobre a bancada da pia e encheu a banheira com água morna, enquanto ela o olhava. Quando se aproximou para levá-la para a água, ela enlaçou as pernas em sua cintura. Dentro da água em seu colo ela se moveu sobre ele e segurou-se na banheira. E o montou. Jan Kmam a segurou pela cintura e se deixou levar pela amante que parecia querer deixar claro, que ele lhe pertencia. Na agonia do ato, ela pois as duas mãos sobre seu peito e jogou a cabeça para trás de modo selvagem. A vampira estava livre e absoluta. Balbuciava palavras amorosas, suaves em uma língua antiga e quando atingiu o êxtase o beijou e mordeu nos lábios. Kayla exigia seu preço, mas Jan Kmam não adivinhava o que acontecia, só

conseguia sorrir de prazer, extasiado por ver sua amante livre de seus medos e reservas.

Saciada, deixou-se cair sobre o peito do amante. Ele lhe ofereceu um cálice de sangue e ela o sorveu, enquanto sorria marota. Estava relaxada e plena de poder. E Kayla também, ela havia lhe pedido aquele momento e ela permitiu. Afinal, sabia o quanto ela o amava. A campeã, e a guerreira eram a mesma alma. Como era possível? Kayla se sacrificou para vencer e teve a alma presa em seu corpo, que se tornou o vaso sagrado da Ouroboros. O seu sacrifício a impediria de encontrar com seu amado em outras vidas. Maa't aceitou seu sacrifício, mas não condenou sua alma a solidão. Ela precisava evoluir, e por isso a deusa dividiu sua alma. Para que ela pudesse encontrar seu amado em outras vidas. Na Ouroboros estava a essência, que os alimentava do sangue poderoso, primordial. No corpo de Kara a alma que muitas vidas havia vivido.

O casal saiu do banho buscaram o leito e lá ficaram mais algum tempo trocando beijos, juras de amor e carícias dignas de sua natureza; matando a saudade, o desejo represado pelo tempo que ficaram longe um do outro. Quando a manhã se anunciou, Jan e Kara olhavam o céu da janela do casarão, ouviam os bem-te-vis anunciando a chegada do sol. Estavam abraçados, apreciando a aurora enquanto podiam. O ar estava frio e doce, e seus olhos imortais só viam um futuro melhor.

Kara fechou a janela e, no leito, usou o controle remoto para fechar as persianas de chumbo. Abraçaram-se e, por alguns segundos, ainda ficaram despertos, aconchegados.

—Será que agora viveremos eternamente em paz? — perguntou Jan, num sussurro.

—Não temos como saber. O certo é que vamos tentar, não é mesmo?

—Sim, com muita força. — brincou Jan, e beijou sua testa.

Dormiram abraçados e só acordaram na noite seguinte. Algumas noites depois, eles convidaram Bruce para o “jantar”. O vampiro percebeu o brilho que só o amor pode dar ao olhar nos olhos de Kara e Jan Kmam. Logo falavam dos amigos e por onde andavam, Asti estava em Bruxelas com Demétrius, eles buscavam a nova exterminadora a pedido do Livro.

Depois de duas horas de riso e conversa, Bruce notou que eles não o ouviam falar, apenas se olhavam e sorriam. Foi quando ele decidiu partir, afirmando que não iria *tenir la chandelle*, para o casal. Jan Kmam sorriu e fechou a porta após a saída do convidado. Ao se virar, encontrou a vampira olhando-o com malícia e

desejo. E, antes que ele a conseguisse segurar, Kara correu rumo ao quarto num convite declarado.

Capítulo 41 – Além do Jardim

Jan Kmam e Kara caminhavam pela cidade, redescobrimdo-a. Visitaram alguns pontos conhecidos de ambos, dançaram reggae numa festa de escadaria e seguiram até o bairro de Praia Grande. Era junho novamente e a capital maranhense estava em festa com os feriados juninos. Nos arredores da região, ficaram algum tempo nos bares abertos nos casarões dos séculos XVIII e XIX, que constituíam sedes dos primeiros comércios da região. Eles abasteciam São Luís e o interior do Maranhão. Mas também eram pontos de recepção de escravos para as fazendas de algodão. Habitar os grandes sobrados daquele espaço de opulência e riqueza era sinônimo de poder. Hoje, a Praia Grande faz parte do Centro Histórico da cidade.

Afastaram-se dos bares e resolveram se distanciar dos mortais. Preferiram subir nos telhados e observar a Lua, ela estava cheia e iluminava o céu e as ladeiras. Eram quase duas horas da manhã. Estavam se beijando junto a um dos postes de luz quando ouviram o som de cavalos. Jan achou estranho e Kara apenas esperou, pois já imaginava o que seria. O ruído não diminuiu; na verdade, cresceu na ponta da ladeira e parecia vir na direção deles. A névoa tomou o aclave e, quando os cavalos negros apareceram, Kara teve certeza do que via: era a carruagem de Donana Jansen, a rica comerciante que ganhou fama por ser extremamente cruel com seus escravos, sendo cognominada de a “Rainha do Maranhão”. A encontrou enquanto andava pela cidade como um espectro e fizeram amizade.

Jan Kmam olhou deslumbrado a parelha de cavalos negros com os olhos e cascos feitos de brasa. A vampira sorriu fascinada e fitou a carruagem se aproximar sem medo. O cocheiro era um esqueleto vestido em um rico casaco de veludo bordado, e ostentava uma peruca sobre seu crânio descarnado. A carruagem negra e lustrosa parou diante deles, envoltos em neblina, numa atmosfera sombria.

A porta da carruagem se abriu e três figuras ficaram visíveis dentro de seu interior: duas mulheres e um homem. Jan Kmam se ateve em observar as duas mulheres e o homem. Uma delas, a mais velha, aparentava ter quase 50 anos, mas era bela e sedutora em seu vestido austero de tafetá negro, lembrava uma senhora do período colonial. Ela movia um leque de renda roxa e pedras e, ao ver os olhos azuis do vampiro, sorriu seduzida.

A mais jovem tinha cabelos compridos e cacheados bem parecidos com os de sua amante. O rosto era pequeno, olhos expressivos, boca carnuda e pintada em tom bordô profundo, que deixava os lábios aveludados. A pela era clara, magra e

delicada. Vestia-se completamente de negro, calças justas, a blusa de seda de mangas compridas a deixava sofisticada. Brincava distraidamente com o colar em volta do pescoço onde pendia uma ametista em forma de uma gota d'água. Na mão delicada, havia um anel de prata com um pentagrama. Jan reparou em suas pernas bem torneadas, as botas de salto alto.

O homem tinha pele morena muito clara, olhos negros, muito expressivos. Usava bigode e cavanhaque bem aparados, o cabelo preto e curto era liso. Vestia um terno completo negro de seda sem brilho, na gravata vermelha um grampo de ouro adornado com uma pedra roxa. Nos dedos anéis de prata desenhados com símbolos de poder. Sua bengala negra de cabo de prata exibia uma caveira com olhos de rubis.

–Donana, a que devemos a honra? – perguntou Kara, tratando-a com o respeito merecido.

–Fico feliz que tenham voltado, as ladeiras ficaram bastante sem graça sem esse par de olhos azuis, e sem seu charme, menina. – A mulher elogiou Jan e Kara com um sorriso no rosto.

–Madame... – Jan tomou sua mão e a beijou num gesto cavalheiresco, enchendo-a de prazer.

–Encantada – respondeu Donana sorrindo para Jan Kmam – Kara quero lhe apresentar uma velha amiga, filha da ilha, é claro, Nazareth.

Kara observou a jovem mulher e sorriu amigável, apesar de mortal aquela criatura tinha muito de sobrenatural, bem como suas companhias.

– Acho que já a conheço Nazareth. – comentou a vampira observando o colar que pendia no seu colo.

– Me chame de Naza, por favor, mas por que não entram? – sugeriu Nazareth, vendo o casal parado na calçada – Nós estamos indo para a praia aproveitar a noite de lua cheia e encontrar a companheira de Velvet, Maria, ela nos espera.

– Velvet, você já conhece, não é mesmo Kara? – Donana perguntou afável.

–Sim, claro. – disse Kara estendendo a mão para tocar a de Velvet.

Graças a ele conseguiu andar ilesa pelo mundo dos espíritos, quando morreu no Templo da Esfinge e voltar para seu corpo.

– Seja bemvinda filha. – falou com sua voz aveludada e exibindo um sorriso encantador. – Ande homem, o que está esperando? – convidou Velvet incitando Jan Kmam a entrar.

Jan Kmam entrou e sentou ao lado de Kara, ficando de frente aquele estranho trio.

– Temos algo a propor. – Donana começou e olhou para Nazareth de modo cúmplice.

A porta do coche se fechou e imediatamente a carruagem se colocou em movimento.

– E o que seria? – perguntou Jan curioso, enquanto segurava a mão de Kara.

– Que tal se encontrássemos uma rainha para Ariel? – sugeriu a jovem Nazareth sob o olhar de aprovação de Donana e Velvet.

– Serie perfeito. – comentou Kara encantada com a ideia.

– Sim, Ariel merece provar do amor verdadeiro e imortal. – disse Velvet olhando o casal de vampiros a sua frente. – Ele vai precisar de ajuda, mas tenho certeza que vocês dois podem fazer isso possível.

– Concordo plenamente. – disse Jan Kmam e comentou – Gosto do modo como pensa menina.

O vampiro disse e piscou para Nazareth, que sorriu e viu Kara gargalhar da brincadeira de seu amante.

– Que tal um pouco de vinho e sangue? – sugeriu Nazareth mostrando cálices de cristal e duas garrafas.

– Perfeito. – todos responderam.

A carruagem seguia pelas ruas ao som do chicote, e o galope dos cavalos ecoou pelas ladeiras da cidade. Por onde passava, deixava um rastro de fogo sob os cascos dos cavalos e um mistério no ar.

Continua em... Crônicas de Alma e Sangue, A Rainha Prometida

Um Trecho das Crônicas de Alma e Sangue, A Rainha Prometida

A Estranha

O pergaminho com a imagem da futura rainha estava agora protegido por uma linda moldura e repousava sobre um cavalete nos aposentos do rei. Ele a mantinha próximo a sua mesa de trabalho. Era como se seus olhos estivessem sempre sobre ele. Como se o vigiasse. Aquela criaturinha pálida e frágil pairava sobre eles. Mesmo quando o rei a ocultava sobre um manto de veludo, afinal, ele só dividia sua imagem com Togo e mais ninguém. Ela já parecia governar parte de seu mundo.

Togo o vinha mantendo lúcido e protegido e sob controle. Os segredos que ele conhecia sobre o passado da rainha foram enterrados no fundo de sua mente. Os primeiros meses daquele ano foram os mais difíceis. O rei saía todas as noites buscando encontrar a vampira, que seria sua rainha. Segundo ele, ela estava em Paris. No entanto, voltava frustrado, aborrecido, cheio de dúvidas por não conseguir encontrá-la.

Resolvido a ocupá-lo tomou algumas medidas. E para sua surpresa funcionou, mais um sinal das mudanças. Escolheu entre as muitas vampiras que se ofereciam para servi-lo e as introduzia em seus aposentos. E ele as recebeu. Ele quase sempre as rejeitava preferindo a solidão. Aceitá-las, aquilo sim, era novo.

As escolhidas sabiam que não deviam pretender mais do que aquela noite. Mas tinha quase de arrancá-las do quarto na noite seguinte. Ariel sabia satisfazê-las plenamente, e a si mesmo. Aqueles encontros o nutriam, acalmavam.

Ele mantinha contato com Kara sempre que podia, mas nada revelou sobre sua busca. Temia perder tudo. Libertar Kara de seu compromisso seria loucura. Durante algum tempo a ideia de continuar buscando tal vampira lhe pareceu aceitável, mas o fracasso começava a pesar. A acreditava fugindo dele. Por que insistir? Kara era sua prometida agora, bastava chamá-la e juntos fazerem os votos e teria sua rainha. No entanto, encontrar Isobel, libertaria Kara e Jan Kmam. Era o momento de ser generoso.

Togo compreendeu que como sempre, ele agiu com o coração justo que possuía. O contrato dava a Kara liberdade, até que o rei a chamasse. Mas o quanto isso afetava a lucidez de Ariel? Ele não fazia ideia. Ariel jamais se renderia, ele iria lutar por aquela pequena chance de ser feliz até seu último suspiro de vida. Depois de dois mil anos tudo perde o sentido.

Duas noites atrás algo mudou. Sentiu o sangue da vampira clamar por ele. Mas por que somente agora? Estivera ela adormecida? E só agora estava desperta? Era uma hipótese. O coração da vampira batia e o de Ariel respondia, e juntos, num único ritmo eles se ligaram. A esperança voltou a tocar o coração do rei.

Os dedos de Ariel estavam entrelaçados nos cabelos loiros de Isobel. Longos e sedosos escorregavam por sua palma. Ela estava de costas para ele, mas sabia ser ela a sua presença. A tocou no ombro e virou. O rosto, os olhos, era ela. Não sorria, mas estava mais receptiva a ele e deixou que segurasse sua mão. Aproximou-se dela e tocou sua face delicada. Ela pousou sua mão sobre a dele de modo carinhoso. Ariel piscou, sentiu uma pontada de dor. Só então fitou sua mão e viu as veias negras. Algo tomava seu corpo. Voltou a vista para a vampira e a viu coberta por véus negros...

Ariel despertou de um salto, sufocado, sentia o corpo pesado, dolorido.

OuvIU um soluço. Alguém chorava, fitou o leito e viu as duas vampiras que horas atrás possuiu. Elas agora dormiam exaustas. Afastou seus corpos e saiu do leito. Vestiu seu roupão de seda. O piso frio de mármore não o incomodava. Foi para a janela e fitou a noite ainda estabelecida. Sentiu o cheiro da chuva, que se aproximava trazida pelo vento, das rosas espalhadas nos canteiros aos seus pés. Podia ouvir os insetos, os pequenos roedores. Adorava aquele jardim, era uma fonte de prazer e bem-estar para ele. O cultivava a séculos. Havia algo na terra, nas diversas espécies de plantas ali crescendo e morrendo continuamente, que alimentavam sua alma com algo de muito precioso, amor.

Quando as primeiras gotas caíram sobre o jardim do *château Coucher du Soleil* ele sorriu. A brisa fria tocou seu rosto, molhou sua pele, a seda do roupão. As mãos fortes estavam apoiadas sobre o parapeito de mármore rosa. Fitava a chuva cortando a escuridão quando ouviu novamente o soluço, podia sentir o sabor das lágrimas. Tocou o rosto e sentiu a face úmida. Chuva...? O que estava acontecendo com ele? Fitou a lágrima cristalina nos dedos. E por fim algo na carne do pulso exposto chamou sua atenção. Percebeu algo novo, suas veias estavam escuras.

Algo estava muito errado. Examinava os braços quando viu a varanda se desfazer no ar. No lugar materializava-se uma parede de ladrilhos azuis e brancos. Viu o box de vidro, a banheira cheia de água morna, junto a pia uma jovem mulher.

A sacada, o *château* desapareceu, ele agora estava dentro de um banheiro. E via uma jovem mulher fitar o espelho. Vestia apenas um roupão branco atalhado, estava descalça. A julgar por suas pernas bem torneadas, não era muito alta. O rosto pequeno e úmido pelas lágrimas estava refletido no espelho. Ariel notou de imediato as linhas clássicas, o desenho harmonioso da boca levemente carnuda. As maçãs do rosto eram suaves, mas seus olhos.... Eram cor de âmbar. Uma mulher rara! Isso conferiam-lhe o toque exótico, felino.

O vampiro moveu-se pelo quarto, precisava vê-la melhor. Eram os olhos, eles davam a ela aquela magia delicada. Ela soluçou novamente e os longos cabelos castanhos cobriram o rosto, ela os afastou impaciente. Ia ficar com o rosto inchado de tanto chorar. Foi quando ele sentiu. Algo maculava a juventude, a beleza, a saúde. O pranto a venceu, era sacodida por soluços e se segurava na pia.

Ao vê-la se deixar cair no chão do banheiro a fitou intrigado. Por que ouviu seu choro, enquanto dormia, por que estava ali?

Seu corpo tremia sob a força dos soluços. Agarrou os joelhos e se encolheu. Ele se aproximou, se abaixou e ficou bem a sua frente e a observou chorar, percebendo a doença que lhe devorava a juventude. Um câncer. Era possível perceber que tentava recuperar o autocontrole, secando o rosto com as costas das mãos, pareceu-lhe frágil e solitária, quase infantil. O cabelo caía sobre o rosto, ela o afastou. Mas o gesto a fez perceber algo, entre os dedos haviam fios agora. Deslizou a mão sobre a cabeleira e outro chumaço veio entre seus dedos.

O silêncio foi absoluto, revelador. Seu organismo estava respondendo ao tratamento de radiação. Um segundo se passou antes que ela se erguesse do chão, Ariel se assustou e caiu de bunda no chão. Ela revirou as gavetas do pequeno móvel sob a pia. Quando achou, parou, fitou o rosto inchado e triste no espelho, a tesoura. Porém quando a ergueu pronta a cortar a mecha que segurava na mão esquerda foi impedida.

– Não faça isso.

A voz de Ariel a fez parar e olhar para o lado. Seus olhares se encontraram. Ela o ouviu e viu! Como era possível?

Sua reação foi de medo, recuou trêmula e segurou a tesoura agora como arma de defesa. No olhar muita tristeza, dor, medo, certamente, mas nenhum traço de rendição. Ela lutaria até o fim se fosse preciso.

O coração de Ariel se contraiu. Sabia que seu corpo estava no *château*, diante da janela aberta e indefeso. Mas por algum motivo sua consciência havia se transportado para dentro da vida daquela desconhecida. Não sabia ao certo como, nem o porquê. O que importava agora era não deixar que ela destruísse a cabeleira castanha e sedosa. Ela o estudou e dentro de suas conclusões supôs que fosse um fantasma, pois virou o rosto de modo decidido, como se ele não fosse nada e cortou o primeiro pedaço da longa madeixa.

– Pare! – ordenou altivo.

– Quem pensa que é para me dar ordens? Fantasma idiota, saia! Vá embora! – ela rugiu se dirigindo a ele. – Onde morreu afinal? Num motel? – disse fitando o roupão de seda negro que era a única roupa que ele usava.

Ariel Simon se empertigou e arrumou o roupão de seda sobre o corpo. E quando falou foi como o rei que era.

– Eu mandei parar. – ordenou e avançou sobre ela. – Cortá-los não vai mudar seu fim. Só vai roubar um pouco mais de quem é.

A revelação a deteve por um átimo de segundo, o rosto magoado pela verdade. Ele se arrependeu por ter dito aquilo. Mas não estava acostumado ao convívio com mortais, que temem a morte, e a evitam, ou seus aspectos mais reais e dolorosos. Ele vivia rodeado por outros imortais como ele mesmo. Fazia muitos anos que não se dava ao trabalho de falar com um mortal. Possuía doadoras de sangue, ou matava pelas ruas sem se preocupar. A frieza lhe era familiar, normal. Os mortais têm uma tendência a serem mais indulgentes. Ela como a grande maioria deveria preferir as “mentiras piedosas”.

– Já mandei parar, criaturinha teimosa. – ele disse ao vê-la ergue a tesoura por mais uma vez.

O tom imperioso, majestoso, a irritou muito mais do que ele poderia supor. Aborrecido demais para se conter Ariel se colocou a sua frente, seus olhares se encontraram novamente. Fitou o rosto úmido pelas lágrimas. As lágrimas que o acordaram, que eram tão salgadas, amargas, que o fizeram sentir sua dor. Por um instante acreditou que fosse atravessá-la como um fantasma, afinal, não estava em seus sonhos. Tinha poderes para viajar com sua mente, entrar em seus sonhos, falar-lhe mentalmente, a influenciar. Mas

para isso era necessária uma ligação de sangue. Não a conhecia. Lembraria dela se a houvesse tocado, aqueles olhos eram inesquecíveis. Se houvesse provado de seu sangue poderia apenas se mostrar, falar, mas nunca a tocar.

– Solta-me – rugiu tentando se livrar da pressão da mão do estranho.

Com um gemido mais de raiva, que de dor, a jovem mulher soltou a tesoura dentro da pia, ele a obrigou a isso com um apertão mais forte.

– Não vou te machucar. Acalme-se, pequena, quero apenas saber quem é você e por que estou aqui.

– Pouco me importa quem é você, vá embora! Não foi convidado, não é bem-vindo – disse firme com sua voz doce e irritada. – Como conseguiu entrar? A casa é protegida.

O vampiro deteve seus empurrões e a prendeu dentro do círculo de seus braços. Ela lutava, debatia-se e o insultava, furiosa. Mas a sua resistência de nada valia. Subitamente fraquejou e Ariel a amparou. Arfante, fraca, deixou a cabeça tombar em seu ombro. Sua saúde lhe faltou num momento que precisava lutar. Um minuto depois confusa ergueu a vista e seus olhos fitaram os de Ariel. Seus olhos verdes eram como um lago profundo. Algo neles a acalmaram e ao mesmo tempo a fizeram lembrar de alguém... Observou os cílios ruivos, a pele pálida, que estranhamente ainda resguardava algumas sardas. Os lábios eram cheios. O rosto uma composição perfeita de linhas que desenhavam queixo, maçãs do rosto, testa larga e harmoniosa. Os cabelos cacheados caíam sobre os ombros, sobre as orelhas em desalinho. Mas por que arrumá-los? Estavam perfeitos. Sua observação não estava passando em brancas nuvens.

O rei deixou a jovem fitá-lo, afinal, aquilo a acalmou, pareceu na verdade quase hipnotizá-la. Uma ave encantada pela serpente. Sequer sabia que também era avaliada, ele viu a cor de suas pupilas suavizasse. E ficaram muito parecidas com a cor das madeixas, que ela tentava destruir. A boca pequena, apesar dos lábios estarem pálidos, pareciam macios e convidativos... Era linda demais e apesar dos remédios, ela cheirava muito bem. Um aroma peculiar, algo doce e suave. Não conseguiu identificar se era fruta ou flor.

Mantinha as mãos dela presas atrás de seu corpo delicado, mas afrouxou o cerco, aproveitando-se daquele momento de calma. Quis empurrar uma mecha de seu cabelo que escorregava pela testa e sorriu levemente ao vê-la deslizar a língua sobre os lábios secos. Com as mãos livres ela segurou-se nos seus ombros temendo cair. Foi instintivo.

Ariel reagiu de imediato ao seu toque. Bem ali, na linha da cintura. Sem que pudesse se conter as pontas dos seus caninos apareceram entre os lábios, não foi grande coisa, pois ele tentou se deter. Tarde demais. Ela viu e sentiu o suficiente para despertar daquele transe quase hipnótico. O encanto se desfez do mesmo modo que apareceu.

– É você... – disse como se o reconhecesse. – É um vampiro! Não me toca maldito sangue suga! – rugiu ruborizada.

Ariel recuou com um gemido, virando o rosto. Os cachos cobrindo um lado da face ferida. Ela o socou, ou o que? Tocou o rosto e sentiu dor, nos dedos havia sangue, seu sangue. Aquela pequena megera o havia ferido com as unhas!

– Como ousa? Sua gata selvagem! – rugiu furioso com os dedos sujos de sangue.

– Como ousa você! Invadiu minha casa nu e... E me tocar desse jeito! Seu.... Perverso! Tarado! – respondeu ela sem lhe dar o respeito merecido.

– Perverso? – repetiu incrédulo rindo dela.

Por um momento se perguntou se não havia sido tocada daquele modo por outro homem. A resposta parecia ser não. A julgar pela face rubra, a forma que o agrediu. No entanto, era bonita demais para não ter sido notada. Aqueles olhos, e os cabelos que caíam por suas costas num véu castanho dourado.

Vermelha como um tomate, arfante, afinal, estava com o corpo colado ao dele pode sentir sua excitação Elis lutou contra a vergonha que sentia. Ofendida, mas ativa ela manteve o olhar firme. Vampiros não tem...isso. Ou tem? – resumiu em seu pensamento lógico. Afinal, ele era, ou não um morto vivo, um vampiro? O rei... O que ele fazia ali? Sequer sabia que fora uma resposta natural a sua presença e movimentos, beleza. Estiveram perto demais, ele poderia tê-la atacado, sugado seu sangue! Ele teria sentido o aroma de seu sangue? – pensou agitada, confusa. O coração disparou, o corpo todo reagiu a ele.

– Sim, perverso. – insistiu aborrecida, ruborizada. – Como entrou? Diga!

– Vou te ensinar algumas coisas, pequena malcriada.

Rápido como um raio ele a tomou novamente nos braços ignorando seus gritos e chutes. Ela tentou queimá-lo, mas todo que conseguia era tocar seu ombro. Ariel segurou seu rosto, e ia invadir sua mente e descobrir

porque estava em seu mundo. Bem, ele ia fazer isso, mas ao tê-la junto a si esqueceu completamente desse detalhe. Só conseguia sentir o calor que vinha dela, o perfume de seus cabelos, aqueles olhos fascinantes, a boca pequena e carnuda... Curvou a cabeça ia beijá-la, assim a tocaria de um modo ou de outro. E aquela estranha conexão precisava ser explicada e depressa... Com um rugido de dor Ariel a soltou e caiu ao chão.

A Autora

Nazareth Fonseca

É escritora de literatura fantástica e romances de terror. Sua série Alma e Sangue conquistou milhares de leitores. Mora em Natal, Rio Grande do Norte. E apesar de nunca ter publicado seu primeiro livro, hoje já possui vários outros publicados. Ama gatos, ler, ver séries e filmes de terror para relaxar.

Livros da Autora

Série Alma e Sangue

Alma e Sangue despertar do Vampiro

Alma e Sangue O Império dos Vampiros

Alma e Sangue O Pacto dos Vampiros

Alma e Sangue A Rainha do Vampiro

Contos de Alma e Sangue

Crônicas de Alma e Sangue a Rainha Prometida, Vol.I

Segredos de Alma e Sangue, A Aprendiz

Segredos de Alma e Sangue, A Guerreira

Série Filha da Magia

Filha da Magia, Predestinada, Vol.I

Redes Sociais

Redes Sociais:

Twitter: <https://twitter.com/Nazareth>

Facebook: <https://www.facebook.com/nazareth.fonseca>

Facebook: <https://www.facebook.com/almaesangue6/>

Email: almaesangue@gmail.com